



Colheita de algodão (gravura de Rud Canstatt).

.....

BRASIL:  
TERRA E GENTE  
(1871)



*Mesa Diretora*  
Biênio 2001/2002

Senador Ramez Tebet  
*Presidente*

Senador Edison Lobão  
*1º Vice-Presidente*

Senador Antonio Carlos Valadares  
*2º Vice-Presidente*

Senador Carlos Wilson  
*1º Secretário*

Senador Antero Paes de Barros  
*2º Secretário*

Senador Ronaldo Cunha Lima  
*3º Secretário*

Senador Mozarildo Cavalcanti  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador Alberto Silva  
Senadora Marluce Pinto

Senadora Maria do Carmo Alves  
Senador Nilo Teixeira Campos

*Conselho Editorial*

Senador Lúcio Alcântara  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente*

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros*

BRASIL:  
TERRA E GENTE  
(1871)

*Oscar Canstatt*

Tradução e Notas de  
Eduardo de Lima e Castro



*Brasília – 2002*

# O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

## COLEÇÃO O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

*O Rio de Janeiro como é (1824 – 1826)* – C. Schlichthorst  
*Sua Majestade o Presidente do Brasil* – Ernest Hambloch  
*Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil* – Daniel P. Kidder  
*Viagem ao Brasil* – Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz  
*Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* – Richard Burton  
*Brasil: Amazonas–Xingu* – Príncipe Adalberto da Prússia  
*Dez Anos no Brasil* – Carl Seidler  
*Viagem na América Meridional* – Ch.-M. de La Condamine  
*Brasil: Terra e Gente (1871)* – Oscar Canstatt  
*Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817* – Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied  
*Segunda Viagem a São Paulo e Quarta História da Província de São Paulo* – de Augusto de Saint-Hilaire

Projeto Gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2002  
Congresso Nacional  
Praça dos Três Poderes/s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF  
CEDIT@cegraf.sena.gov.br  
<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

.....

Canstatt, Oscar, 1842-1912.  
Brasil : terra e gente, 1871 / Oscar Canstatt ; tradução e notas de  
Eduardo de Lima e Castro. – Brasília : Senado Federal, Conselho  
Editorial, 2002.  
448 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)

1. Brasil, geografia. 2. Brasil, descrição. 3. Brasil, história. 4.  
Índio, Brasil. 5. Usos e costumes, Brasil. 6. Alemães no Brasil. I.  
Título. II. Série.

CDD 918.1

.....

*Ao benemérito patrocinador da*  
GEOGRAFIA e ETNOGRAFIA,  
Herren FRIEDRICH von HELLWALD,  
*dedica como sincero preito de admiração*

O AUTOR

.....

## *Sumário*

### PREFÁCIO DO TRADUTOR

*pág. 15*

### APRESENTAÇÃO

*pág. 19*

### PREFÁCIO

*pág. 23*

### CAPÍTULO I

Introdução, Superfície, Ilhas, Topografia geral, Condições geognósticas, Rios, Cachoeiras de Paulo Afonso, Lagos, Climas e Estações, Salubridade

*pág. 27*

### CAPÍTULO II

Flora. Excursão na floresta virgem. Frutas silvestres e utilidade das diversas árvores

*pág. 45*

### CAPÍTULO III

Fauna. Símios. Quirópteros. Feras. Marsupiais e roedores. Tatus e tamanduás, Veados, Tapir, Cetáceos, Fauna alada, Avestruz, Tartarugas e sua utilidade, Crocodilos. Lagartos, Serpentes, Batráquios. Peixes. Insetos

*pág. 71*

### CAPÍTULO IV

População, Índios, Encontro com Botocudos. Visita aos Coroados, Guatós, Caripuñas, Muras, Miranhas, Ticunas, Passés, Macuxis, Índios Iauás. Preparo do curare. Terenos, Laianos

*pág. 97*

## CAPÍTULO V

Agricultura.. Cultura da mandioca. Outros produtos agrícolas.  
Cultura do feijão e legumes. Flores. Plantas comerciais.  
Cultura do café. Cultura do algodão. Cultura da cana-de-açúcar.  
Cultura do tabaco. Produção de cacau. Produção de chá. Chá do  
Paraguai (mate). Utilidade do caucho. Plantas medicinais.  
Pecuária. Criação de eqüinos e muares. Cavalo-carreiro. Mau negócio.  
Manhas de burro. Criação de carneiros, cabras e suínos.  
Avicultura. Cachorro. Abelhas e sericultura. Caça. Caçada no Rio Grande.  
Montaria. Pesca  
*pág. 117*

## CAPÍTULO VI

Minerais. Produção de ouro. Produção de diamantes.  
Lavras diamantíferas. Outras pedras preciosas. Produção de ferro.  
Outros metais. Carvão de pedra. Águas minerais. Indústria.  
Fabricação de açúcar. Destilação de aguardente. Cervejaria.  
Preparo do tabaco. Indústria têxtil de algodão. Fabricação de  
máquinas. Outras indústrias. Artes mecânicas  
*pág. 149*

## CAPÍTULO VII

Comércio. Navegação. Viagem num vapor alemão.  
Outras linhas marítimas e fluviais. Estradas, Tropeiros.  
O uso de veículos. Estradas de ferro. Alfândegas. Bancos.  
Correio, Telégrafo. Moedas. Pesos e medidas.  
Tribunais do comércio  
*pág. 167*

## CAPÍTULO VIII

Colônias brasileiras e sua origem. Introdução de escravos.  
Elementos duvidosos entre os imigrantes alemães. Situação da Igreja.  
Hospitais e instituições de beneficência. Ensino. Caráter do povo  
*pág. 195*



## CAPÍTULO IX

Descoberta e posse pelos portugueses em 1497. Primeira colonização da terra pelos portugueses em 1531. Fundação da Bahia em 1549. Primeiro desembarque dos franceses em 1552. Ataque dos Aimorés. Expulsão dos franceses pelos portugueses. Segundo desembarque dos franceses em 1570. As missões dos jesuítas. Perseguição dos índios em 1571. Terceira tentativa de desembarque dos franceses. Expedição inglesa de pirataria ao Brasil. Descoberta das minas de ouro e prata por Álvares Correia. Caçadores espanhóis de ouro e sua luta com os índios em 1600. Quarto desembarque francês. A Holanda e a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais armam-se contra o Brasil. Lutas dos brasileiros contra os holandeses. O Almirante Pater apodera-se da frota espanhola da prata em 1626. Cerco de Pernambuco e sua guarnição portuguesa pelos holandeses. Batalha naval de Pernambuco entre holandeses e espanhóis pela posse da segunda frota da prata. Perda de Olinda. Sublevação das tropas espanholas e traição de Calabar. Derrota dos holandeses em 1633. Os holandeses apoderam-se do norte do Brasil. Rendição de Pernambuco. Porto Calvo cai. Vitória de Maurício de Nassau sobre os espanhóis. Fuga dos habitantes de Pernambuco para a Bahia. Maurício de Nassau é por fim derrotado. Descoberta do rio Amazonas em 1637. Aniquilamento da frota espanhola em 1640. Portugal liberta-se do jugo espanhol. 1640, Maurício de Nassau é chamado à Holanda. Conspiração de Vieira contra os holandeses e seu êxito. Auxílio de Portugal. Batalha de Guararapes. 1648, tomada de Pernambuco pelos brasileiros. 1654, fundação de Palmares. Destruição de Palmares. 1696, fundação de povoações em Goiás e Minas Gerais. Tratado entre Portugal e a Inglaterra e ataque da França. Tomada do Rio de Janeiro pelos franceses. Conclusão da paz e retirada dos franceses. 1711, paz de Utrecht. 1713. Os paulistas fundam povoações. Ministério de Pombal. 1750, lutas com os índios e conflitos sobre fronteiras com os colonos espanhóis

*pág. 219*

## CAPÍTULO X

Queda de Pombal e reinado da Rainha D. Maria. 1777, D. João VI. 1792, mudança da Corte portuguesa para o Brasil. 1807, nova organização da administração do país e proclamação do reino em 1815. Revolução em Pernambuco. 1817, revolução no Pará e na Bahia.

1821, revolta das tropas no Rio de Janeiro e promessa de uma Constituição. 1821, mudança de Ministério. Manifesto da Junta do Porto. 1821, o Rei D. João volta para Portugal. 1821, regência do Príncipe Real D. Pedro. Atitude hostil das Cortes portuguesas contra o Brasil. D. Pedro resiste à ordem das Cortes para regressar a Portugal. Retirada das tropas portuguesas do Rio. 1822, novo Ministério sob a presidência de Andrada e Silva. Movimento separatista em Minas Gerais. O Comandante Madeira recebe ordem de regressar a Portugal. Idéia de uma união pessoal entre o Brasil e Portugal. Declaração de Independência no Ipiranga. 7 de setembro de 1822. Proclamação do Imperador e coroação de D. Pedro I. Entendimento com Portugal, Conspiração dos irmãos Andrada. Juramento da nova Constituição de 1824. Separação da Banda Oriental e luta pela sucessão em Portugal. Agitação nas Câmaras em 1829. Diogo Antônio Feijó. Aleivosias contra o Imperador. Viagem a Minas Gerais. Mudança parcial do Ministério. Conspiração dos irmãos Lima. Abdicação de D. Pedro I. Proclamação de D. Pedro II. Organização da Regência. Dissensão partidária entre as famílias Andrada e Lima. Regência de Diogo Feijó. O Regente Lima. Agitação no Império e queda de Lima. Declaração da maioria de D. Pedro II. Guerra civil na Província do Rio Grande do Sul. 1843-1844, Guerra do Brasil com o Paraguai, Morte de López. Dinastia.  
A Constituição do Brasil. Administração provincial

*pág. 241*

## CAPÍTULO XI

Viagem pelo Brasil. Chegada a Pernambuco. Volta para bordo. Bahia. Cadeirinhas. Passeio Público. Carro fúnebre. Passeio pela cidade. Peculiaridades dos negros. Restaurantes. Carregadores. Excursão pela cidade. O Tanque. A primeira pousada em terra brasileira. As senhoras brasileiras. O caju. A indústria na Bahia. A Estrada de Ferro de S. Francisco. Quitandeiras. Visita à ilha de Itaparica. Uma floresta de mangues. Os caranguejos. Regresso à Bahia. Lojas de curiosidades naturais

*pág. 267*

## CAPÍTULO XII

Partida para o Rio de Janeiro. A baía do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro. Detalhes do desembarque. *Exchange Hotel*. O interior da cidade.

O Passeio Público. Ruas e praças. Edifícios públicos. A procissão do Corpo de Deus. O Jardim Botânico. Abastecimento de água. Iluminação a gás carbônico. A vida nas ruas e o mercado. Carregadores. As casas de campo dos comerciantes. Arquitetura das casas particulares. Música horrível. Militares brasileiros. O clima do Rio de Janeiro. São Domingos. Uma família alemã. O tráfego de carros e bondes. Os estrangeiros no Rio. Os portugueses. A educação das crianças no Brasil. A imprensa no Rio e a vida intelectual.

*Pág. 293*

### CAPÍTULO XIII

Partida para Petrópolis. Almoçando ostras. Viagem da Estrada de Ferro Mauá. Atravessando a serra em diligência. Petrópolis. A personalidade de D. Pedro II. Bandeira e ordens brasileiras. Viagem para Ouro Preto. Equipamento para a viagem. Um mascate alsaciano. João, o peão. Conversa durante a viagem. Uma venda. São José do Sumidouro. Cachorro danado. Ribeirão. No rio Paraíba. A ponte sobre o rio Paraíba. Chuva e trovoada. Fazenda Cafezal. Os arreios de um cavalo de sela. Paraibuna e Juiz de Fora. Chapéu de uvas. A serra da Mantiqueira. Tratamento dos cavalos no Brasil. Barbacena. Atravessando o rio Taipas. Onde se encontra um carro de bois. Queluz. Um dentista americano. Ouro Preto

*pág. 317*

### CAPÍTULO XIV

Separação do até então companheiro de viagem. Itabira. Um fazendeiro. Uma passagem da vida do fazendeiro. Viagem para Tamanduá. Tamanduá borrasca. Acampamento noturno na floresta. Um bando de macacos. Dois desertores. No rio Pará. A cachoeira da Passagem. Um missionário alemão. Pirilampos. Caldas. O peão do Padre Jerônimo. Penha. A Província de São Paulo. As colônias da Província de São Paulo. Jundiá. A Estrada de Ferro para Santos. São Paulo. Santos

*pág. 355*

### CAPÍTULO XV

Navegando pela costa. Desterro. As prisões brasileiras. Os alemães de Desterro. Viagem por mar para o Rio Grande. Barra do Rio Grande.

No porto do Rio Grande. A vida no porto. Teatro. Navegando na Lagoa dos Patos. Porto Alegre. A Casa dos Imigrantes. Sociedade Beneficente Alemã. Consulados e edifícios públicos. A Várzea. O Clube Alemão. Caridade. Escolas. Fontes públicas. A indústria de Porto Alegre. Estrada de Ferro  
*pág. 385*

## CAPÍTULO XVI

Viajando para São Leopoldo. São Leopoldo. História das colônias alemãs. Escolas. A juventude de São Leopoldo. Partida para as Picadas. Um banho involuntário. Hamburger-Berg. A Picada Baum. Situação dos colonos alemães. A guerra dos “Muckers”. A Mata do Chá. A cachoeira do rio Cadeia. Um pequeno romance. A Picada do Café. Um domingo nas colônias alemãs. Um mestre-escola das colônias. A queima do roçado. Da Picada do Café a Nova Petrópolis. Romaria na Picada Nova. Regresso a São Leopoldo. Situação geral das colônias  
*pág. 403*

## CAPÍTULO XVII

Viagem no Jacuí, São Jerônimo e Triunfo. Rio Pardo. A cavalo para Santa Cruz. De Santa Cruz para Monte Alverne. Um mal-entendido. A jovem Alemanha na floresta virgem. Monte Alverne. Perdido. Situação da produção. Situação da igreja e das escolas em Santa Cruz. A Caverna dos Morcegos perto de Santa Cruz. O Butucaraí. Uma capela deserta. Condições dos serviços médicos, policiais e outros. Fecho  
*pág. 427*

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

*pág. 443*

.....

*Prefácio do tradutor*

**B**rasil: *Terra e Gente* (1871), de Oscar Canstatt, publicado em 1877, como tantos outros livros de que é rica a literatura teuto-brasiliense desde a narrativa da viagem de Hans Staden em 1549, constitui preciosa fonte de informações para o estudo da nossa história e da nossa evolução político-econômica-social, num período muito interessante em que, terminada a guerra com o Paraguai, que naturalmente absorvia todas as atenções, o país se voltara para seu desenvolvimento econômico e maiores possibilidades da exploração de suas riquezas naturais.

No seu prefácio, o autor, que viera para o Brasil em 1868 e cujos serviços foram aproveitados pela Comissão Imperial de Agricultura, frisa que seu livro não tem pretensões a puramente científico, tendo sido, ao contrário, mais penosa, diante da extensão do material em apreço, sua tarefa de apresentar a terra e a gente do Brasil sob sua verdadeira luz.

Quanto à primeira parte, vamos dizer a corográfica, executou fielmente seu programa, muito tendo contribuído para enriquecer sua litera-

*tura geográfica, visitando e percorrendo, com admirável persistência, apesar das dificuldades e desconforto das viagens pelo interior de então, descrevendo detalhada e fielmente as respectivas topografias, nossa riquíssima flora e variada fauna, a vida nas fazendas e os costumes das populações do interior, vivendo afastadas da civilização que, por assim dizer, por esse tempo se limitava à orla dourada, relativamente estreita, ao longo do litoral.*

*O Brasil tinha então, oficialmente, 10.700.187 habitantes e sua densidade não chegava, assim, a um habitante por quilômetro quadrado, o que entravava o aproveitamento econômico de grande parte de nossas feracíssimas terras.*

*Não lhe passou também despercebida a parte etnográfica, para o que visitou as diversas tribos de índios botocudos e coroados, algumas inteiramente selvagens e outras semicivilizadas, habitando ainda o interior das províncias que percorrera, descrevendo-lhes as características étnicas e os costumes.*

*Mas sua obra não se limitou a este terreno, aliás de grande interesse para os estudiosos das coisas brasileiras, permitindo-nos avaliar o que tem sido a marcha da civilização entre nós e uma comparação, que nos honra, entre o que éramos há menos de um século e o que hoje somos.*

*Não se limitando, porém, ao terreno concreto, tendo vivido também por algum tempo nas nossas grandes cidades como Rio de Janeiro e Bahia, sobretudo na primeira, em contato com a nossa sociedade, analisa o caráter e costumes de nossa gente, não sendo de estranhar seus reparos a alguns destes, pois que, muito naturalmente, diferiam dos em voga nos centros europeus de onde era originário, numa época em que, pelas dificuldades e lentidão, as comunicações e intercâmbio entre países separados pela vastidão do oceano não eram fáceis como hoje, quando o progresso aboliu as distâncias no tempo e no espaço, tornando o mundo todo um mundo só.*

*Suas observações e apreciações nesse sentido são, muitas vezes, depreciativas e ofensivas à nossa nacionalidade, como, entre outras, a que faz ao referir-se à nossa população de brancos, negros, índios e mestiços: “No seu todo, são os brancos que constituem a estirpe dominante no*

*Império, uma raça morena, pequena, feia, semelhante aos portugueses, de quem em grande parte descendem. Entre as mulheres só se encontram poucos rostos bonitos e entre os homens nota-se a ausência das formas nobres e vigorosas doutras nações austrais.”*

*Por estranho que se nos afigure, parece que o autor ignorava a aura de glória com que a História circunda a raça forte e varonil, que pelo seu vigor, coragem, inteligência e larga visão desvendou, sulcando a vastidão de ignotos e tenebrosos mares, um novo mundo para a humanidade. Conceitos estes, ou, antes, preconceitos, muito conformes com o espírito germânico de superioridade de raça, inato nos alemães, que, quando joeirados, podem, em muitos casos, no que têm de real valor, enquadrar-se beneficentemente no estudo de nossa evolução político-social.*

*Valiosos também, na obra em apreço, os dados estatísticos sobre nossa produção, indústria, comércio e navegação, elementos preciosos para o estudo de nossa evolução econômica.*

*Ardoroso partidário da colonização alemã, de que se tornou pauladino – aliás já antes introduzida nas nossas províncias do Sul com os melhores resultados, não só pela eficiência de sua atividade e métodos como pelo exemplo que oferecia às nossas populações rústicas, e onde constituiu o alicerce de prósperas cidades como São Leopoldo, Curitiba, Blumenau, etc. –, visitou demoradamente todas as colônias germânicas aqui existentes, dando delas abundantes detalhes, tendo mesmo sido diretor de algumas.*

*Por tudo o que aqui fica, a tradução de Brasil: Terra e Gente (1871) se impunha para tornar acessível a todos os brasileiros este elo de inestimável valor da cadeia de literatura teuto-brasileira a que já me referi, tão útil ao estudo comparativo entre uma “atualidade” que já passou e a que estamos atravessando, e que, infelizmente, se vem caracterizando por uma dissolução de costumes, uma degenerescência dos rígidos e tradicionais valores morais de então, que os meus oitenta anos permitem atestar.*

RIO, 21-2-54.

EDUARDO DE LIMA CASTRO

.....

## Apresentação

**O**s viajantes, os cientistas e os diplomatas estrangeiros que tomaram contato com o Brasil, depois da independência, ou às vésperas do acontecimento político, deram-nos farto documentário acerca do que seríamos, segundo as observações que fizeram, muitas delas exatas, outras como consequência dos modelos das terras de onde vinham e, portanto, insatisfatórias ou erradas, mas nem por isso merecendo nossa censura crua ou nosso desprezo. Porque, mesmo negando-nos, criticando-nos, incomprendendo-nos, refletiam um pouco do ambiente universal acerca de um povo que se construía, vencendo naturezas e ainda sem experiência para a vida soberana e para os grandes momentos da cultura e da civilização em vigor noutras partes da Terra. A contribuição desses estrangeiros é preciosa e está reclamando um estudo global acerca do que disseram, do que escreveram e de como nos interpretaram.

Os ingleses, entre todos esses alienígenas, foram os mais diligentes. O contato deles com o Brasil principiara no século XVIII, quando Portugal, abrindo exceção em sua política da porta fechada, autorizou-os



*a esse contato, que souberam aproveitar para lançar os fundamentos de um interesse mercantil que cresceu no século XIX, quando passaram a contar com os mercados da Ibero-América, de que fazíamos parte, como descendentes da colonização portuguesa, mercados que substituíram excelentemente aqueles das treze colônias que, deles se libertando, se haviam constituído em nação independente, os Estados Unidos da América do Norte. Sobre a presença deles em termos de curiosidade e de indagação científica, Melo Leitão deu-nos monografia substancial, intitulada Os ingleses no Brasil, faz alguns anos, e mais recentemente Alan Manchester, no específico da ação econômica, material acerca da Proeminência inglesa no Brasil, de recente edição em língua portuguesa.*

*No tocante aos alemães, só a partir da Missão de Spix e Martius começara, se não a curiosidade, a presença mais ativa, com os soldados chegados para operações militares e colonos levados à Bahia e depois ao Sul, onde fundariam colônias e iniciariam a conquista da terra com êxito integral.*

*O autor deste livro sobre o Brasil: a terra e a gente – 1871, de que agora sai esta segunda edição, deve figurar entre aqueles que nos viam ver a examinar, participando de nossos anseios de progresso.*

*Sem pretensões intelectuais, procurou entender o Império, na sua natureza física e no comportamento de sua sociedade. Para isso procurou conhecer o passado para melhor compreender o que éramos e qual o destino que lhe parecia estar a nós reservado. Encontrara uma literatura, em língua alemã, como o que escrevera Wappäus sobre a nossa geografia, bastante realista. Foi exato? Foi prudente nas considerações? Acreditava no Brasil e nos brasileiros? Vindo de uma nação forte, que ia experimentar o gosto imperial da expansão e começava a preocupar-se com a formação de outro mundo sob sua soberania, em outros continentes, teria condições para libertar-se de seus princípios, de suas concepções, entre elas a da superioridade racial européia, para interpretar um país mestiço, com certas instituições um tanto modeladas pelos ingleses, e onde os ingleses exerciam um poder quase ilimitado no tocante à aventura econômico-financeira, país que*

*acabara de vencer uma guerra cansativa, que lhe exaurira recursos humanos e materiais e lhe criara as contestações mais violentas no restante do continente sul-americano? O que encontrava como sucesso dos alemães, no Sul, valeria para levá-lo a abrir um crédito positivo ao Brasil?*

*Oscar Canstatt chegara ao Brasil para servir ao estado, como técnico no campo da agronomia, servindo na Comissão Imperial de Agri-mensura. Não conheceu o Extremo Norte nem o Centro-Oeste. Visitou Salvador, Recife e Rio de Janeiro e interior de São Paulo e Minas Gerais e, por fim, o sul do Império. Teve oportunidade, portanto, de um contato direto com os brasileiros que vinham de formação étnico-cultural em que entravam portugueses, indígenas e negros africanos. O stock mestiço estava à vista e não lhe pareceu merecendo louvores. Não acreditou nele como força capaz de uma empresa de grande porte. Os tipos físicos não lhe falaram ao coração e ao espírito – pareceram feios, sem as “formas nobres e vigorosas doutras nações austrais”. Entrava aqui seu complexo racista, a pesar em sua apreciação imediatista.*

*O que se deve procurar, e se encontra, seguramente, no livro, é um retrato do Brasil em muitos dos aspectos mais íntimos de seu povo, na simplicidade de sua conduta, nos seus modos de viver e de conviver, nos pronunciamentos fáceis, ligeiros, sem pretensões, que brotavam de sua imaginação simplista. Um Brasil com povo sem recalques, sem empáfia, que trabalhava com certo ímpeto, procurava resolver seus problemas e tinha direito ao respeito e à compreensão dos outros povos.*

*Neste livro propunha, a leitores alemães, que precisariam informar-se do que éramos, em face das correntes imigratórias que nos buscavam e em termos de cuja aceitação e integração no novo espaço físico de quando em quando éramos motivo para sensacionalismos negativos, que era preciso contestar a bem da verdade, propunha um Brasil que estava crescendo e onde a participação alemã valia magnificamente na empresa criadora, capaz de dignificar a espécie humana.*

.....

## *Prefácio*

*D*esde o ano de 1871, quando foi publicada com tão extraordinária aceitação a obra sobre Geografia e Estatística do Império do Brasil, pelo Dr. J. E. Wappäus, excetuando-se os relatórios oficiais do governo brasileiro por ocasião das exposições universais de Viena e Filadélfia, não foi publicada, que eu saiba, nenhuma obra alemã extensa sobre o Brasil, capaz de esclarecer a opinião ainda muito nebulosa predominante na Alemanha sobre esse importante país. As obras mais antigas, que ao lado da de Wappäus poderiam proporcionar conhecimentos mais exatos sobre o Brasil, estão ainda a preços tão elevados que tornam sua aquisição limitada a poucos, e nem mesmo as maiores bibliotecas públicas as possuem. O interesse que vêm despertando ultimamente em todos os círculos, não só a geografia como a etnografia dos diversos países e povos, como a questão da imigração, sem dúvida merecedora da maior atenção, e o comércio que cada vez mais se expande, fez-me acreditar desejável publicar uma obra mais popular e menos custosa que suprisse essa falta.

*Baseado nas minhas próprias observações de muitos anos nas regiões tropicais, e com o auxílio da vasta literatura sobre o Brasil, tentei por isso tratar um quadro do Império tomando como norma libertar-me da influência de quaisquer outros interesses ou informações, e descrevendo-o o mais fielmente possível.*

*Dada a extraordinária vastidão desse país, é claro que não podia informar sobre tudo, baseado só nas minhas próprias observações, porquanto das vinte províncias só pude visitar seis, e, dentre estas, algumas só me pude demorar pouco tempo. Tive portanto de consultar muitas vezes os trabalhos de outros exploradores e viajantes. Em muitos destes casos, para não interromper o seguimento do assunto, desisti de dar explicitamente a fonte de referência citada, pelo que me parece dever citar aqui nominalmente os autores a cujas obras recorri. Foram eles, principalmente: Agassiz, o Arquiduque Maximiliano da Áustria, O. Dorffel, Spix e Martius, von Eschwege, Da Cunha, Morais, Honorato Costa, Petermann, R. Hensel, von Tschudi, De Sousa, Pöppig, Maximiliano, Príncipe de Neuwied, J. E. Pohl, M. Rugendas, Burgmeister, R. Avé-Lallemand, I. Platzmann, C. von Koseritz, F. Mouchez, J. C. Häusser e G. Clarez, J. Armitage, H. Handelmann, O. Varghagen, A. von Humboldt, Blumenau, Kleudchen, Hörmayer, Neumann, Niemeyer, Muhlhall, Gervinus, A. John, W. Schultz, H. Lang, Dr. Kupfer, Mardoy, Keller-Leutzibger, Coelho, Wappaüs, e diversos outros autores alemães, ingleses, franceses e portugueses. Além destes prestaram-me serviços especiais os relatórios oficiais por ocasião das exposições de Viena e Filadélfia, a que, porém, como se sabe, só se deve recorrer com cautela.*

*Para tornar o livro mais inteligível, os editores vieram com obsequiosa boa vontade ao encontro dos meus desejos, prontificando-se a ilustrá-lo com uma série de gravuras copiadas de originais e fotografias, as primeiras de autoria de meu irmão, Dr. Rud. Canstatt, as quais, espero, tornarão mais claras as partes do texto a que se referem.*

*Aproveito a oportunidade para frisar que este livro não tem pretensões a puramente científico, e que seu assunto não é tratado de*

*modo exaustivo nesse sentido; foi, ao contrário, difícil, diante da tarefa que me impus e da quantidade do material, salientar só aquilo que era indispensável para apresentar a terra e a gente do Brasil sob sua verdadeira luz. Aos círculos científicos, e aos leitores que acaso tenham um conhecimento direto do país, peço que não sejam demasiado rigorosos na sua crítica. Acharão que passei superficialmente sobre muitas coisas, que muitas mesmo quase não foram abordadas. A estas pertence, entre outras, referência mais ampla ao desenvolvimento político do Brasil nos últimos seis anos, de que me abstive porque esses fatos, para serem devidamente julgados, precisariam distanciar-se mais do presente. Outros, de pouca importância, ao contrário, com um tratamento mais detalhado, tomaram demais do já minguado espaço do livro. Meu desejo é que esta obra seja considerada modesta contribuição para a literatura geográfica.*

*Finalmente, resta-me o dever de consignar aqui meus agradecimentos aos que, facilitando-me de boa vontade a literatura concernente, me prestaram valioso auxílio. Devo gratidão especial à sempre bondosa obsequiosidade das Bibliotecas de Estrasburgo e Göttingen.*

*Cassel, Outubro de 1876.*

O AUTOR

.....

## *Capítulo I*

### CONDIÇÕES LOCAIS

**D**eve-se antes de tudo aos portugueses, que com a sua primazia como navegadores e com o seu comércio tinham alcançado extraordinário surto de prosperidade, a descoberta do Brasil. Desde que o Rei Fernando de Portugal, interessando-se particularmente por ambos esses fatores, introduzira em 1483, na marinha portuguesa, o astrolábio aperfeiçoado pelo alemão Martin Behaim, que facilitava a orientação em alto mar, a atividade redobrou nos portos portugueses; o número de navios crescera e os estaleiros e mercados nas cidades da costa ofereciam magnífico quadro de atividade comercial. Os navios regressavam ricamente carregados com tesouros de um mundo desconhecido, e o sucesso que animava seus líderes a novas aventuras inflamava num círculo cada vez mais vasto a sede de glórias e a ambição de ganho. Mais do que o propósito deliberado de fazer novas descobertas, que seduzia numerosos aventureiros, levando-os a empreender longínquos cruzeiros, favoreciam muitas vezes esses felizes acasos os ventos e as correntes. Desta maneira foi que Pedro Álvares Cabral, na semana de Páscoa, a 22 de abril de 1500, descobriu a Terra de Santa Cruz, hoje Brasil. Deve-se observar, de

passagem, que já antes, no ano de 1497, a costa sul-americana fora casualmente descoberta por um certo Américo Vespúcio. Mas como o interesse de Portugal nessa época estava concentrado exclusivamente no comércio com o Oriente e a rica Índia, ambos assegurando-lhe mais copiosos e mais fáceis proventos do que as impenetráveis florestas do Brasil, contentou-se com assegurar por meio de marcos, ordinariamente de pedra, e documentos escritos, o direito de posse das novas descobertas. Só no reinado de D. João III, e depois da perda de numerosas possessões na Índia, se pensou na colonização da nova terra, o que será tratado mais detalhadamente adiante, na parte histórica. Contudo, de acordo com o nosso desígnio, para familiarizar quanto possível o leitor com a terra e a gente do Brasil, afigura-se importante descrever desde logo os característicos locais e geográficos peculiares à região brasileira, até onde permitir o espaço de que se dispõe. Só então se poderá fazer um juízo claro sobre os acontecimentos históricos que marcharam de mãos dadas com as peculiaridades da terra, e sobre o desenvolvimento do Brasil.

O Brasil de hoje abrange uma superfície de 172.000 milhas quadradas, segundo o quadro estatístico do Dr. Hübner, 151.973 milhas quadradas, segundo A. von Humboldt, ou 7.952.344 quilômetros quadrados. Os dados são muito diferentes e oscilam entre 172.000 e 173.000 milhas quadradas. Não é ainda possível dar com absoluta segurança um número definitivo, porquanto as medições desse país colossal ainda não estão inteiramente terminadas. A última comissão nomeada, incumbida da elaboração de um mapa geral do Brasil, deu à área, compreendendo a região confinando com a Guiana, Colômbia e a Confederação Argentina, cujas demarcações ainda precisam ser confirmadas por tratados especiais, como sendo de 8.337.218 quilômetros quadrados; contudo, o que é absolutamente exato é que sua superfície excede a de toda a Europa e ultrapassa cerca de quatorze vezes o tamanho da França.

Limita-se a SO, O e NO com o oceano Atlântico, ao norte com as Guianas francesa, britânica e com a Venezuela. Ao oeste-sudoeste com a Nova Granada, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai e República Argentina, e ao sul com a República do Uruguai. Estas fronteiras também não foram ainda em grande parte definitivamente demarcadas.

O Brasil é pobre de ilhas que possam ser consideradas prolongamento do continente. O único verdadeiro arquipélago, Santa Bárbara, ou Abrolhos (isto é, abra os olhos), foi sempre unicamente encarado como um perigo para os navegantes, opinião que só minuciosos estudos recentes puderam corrigir. Este arquipélago fica a 30 milhas marítimas da costa e compõe-se de cinco pequenas ilhas e numerosos escolhos agrupados, formados por uma pedra alvacenta, que se esfarela facilmente no ar, mas que endurece consideravelmente quando submersa. A ausência de água potável torna-as inabitáveis por seres humanos. Só num ou noutro lugar estão cobertas de algumas plantas agrestes ou cactos, e numa solidão imperturbada aninham bandos de pássaros na maior harmonia com lagartos e ratos dum tamanho extraordinário. As imediações das ilhas constituem ricos pesqueiros, que atraem os habitantes da costa e pescadores de baleia, particularmente estes últimos, em certas épocas do ano. A maior e mais ao norte destas ilhas, chamada Santa Bárbara, tem num dos seus cabeços um farol, cuja luz alcança grande distância e é um guia fiel dos navegantes. A vida, porém, seria ali impossível para os três ou quatro faroleiros, se não se lhes enviassem pontualmente do continente, todos os meses, os víveres de que carecem. As chuvas constantes permitem a coleta em cisternas da água necessária. Um arbusto, o seribá, único da sua espécie em todo o arquipélago, deu o nome a uma das pequenas ilhas. A bacia formada pelas ilhas e pelos arrecifes serve freqüentemente de acolhedor fundeadouro a veleiros de passagem, que nele esperam amainem as tempestades. Um grande banco de coral a oeste das ilhas constitui, ao contrário, ponto perigoso, que todos os navios evitam cuidadosamente.

Mais importante que o dos Abrolhos, porém muito mais afastado, é o arquipélago de Fernando de Noronha, que se compõe de uma ilha maior, diversas pequenas e recifes. A uma distância de 30 milhas marítimas avista-se o característico pico da Ilha, que chamam Pirâmide, que se eleva a 300 pés acima do nível do mar. A ilha está coberta de matas espessas e, possuindo bastante água potável, tem as condições necessárias à colonização; mas limitada, porque há quase absoluta falta de chuvas e o solo pedregoso é refratário à cultura. Fernando de Noronha serve de presídio para criminosos, e estes, juntamente com os 200 homens da sua guarnição, formam atualmente toda a população das ilhas.



A pesca e alguma pecuária constituem sua ocupação. Para defesa contra piratas foram construídos em 1738 diversos fortes sobre penhascos solitários que se erguem no mar, cujas pitorescas ruínas ainda se distinguem por entre o verde das palmeiras, jacarandás e cássias. A chamada ilha dos Ratos, semelhante àquela, é igualmente habitada por sentenciados, e faz parte de um grupo ainda menor de ilhas que fica mais ao norte. Considera-se também como pertencente ao Brasil a ilha descoberta por Tristão da Cunha, em 1506, no dia da Assunção, motivo pelo qual foi chamada da Assunção, ou da Trindade, e de que os ingleses se apoderaram em 1700. Uma experiência feita por eles, em 1781, para colonizá-la, falhou, como também tentativa igual feita pelos portugueses que voltaram a sua posse, sem dúvida devido ao esgotamento de todas as fontes de água potável. Atualmente a ilha da Trindade só é habitada por gatos e cabras, que se tornaram bravios.

Finalmente, é grande o número de pequenas ilhas nas enseadas, bacias e vizinhança da terra. São dignas de menção entre as que ficam mais perto da costa: Marajó, Mexiana e Caviana, na embocadura do Amazonas; Maranhão, com a capital da província de igual nome; Itamaracá na província de Pernambuco; Itaparica e Tinharé na província da Bahia; do Governador, na enseada de Niterói; Ilha Grande, perto do Rio de Janeiro; São Sebastião e São Vicente, na província de São Paulo; e Santa Catarina, na província do mesmo nome.

Infelizmente se encontram ainda pelo menos 100.000 milhas quadradas da imensa superfície do Brasil no primitivo estado selvagem, terras devolutas, sem dono. Da parte restante, 12 a 15 por cento são rios, lagos, pântanos, etc., devendo ser contados como totalmente incultiváveis; e mesmo o restante, conquanto já partilhado entre os habitantes e na sua posse, só está aproveitado para construção ou cultura na baixa proporção de dois a três por cento.

O Brasil é em parte montanhoso, e em parte plano. A primeira parte, também chamada Andes Brasileiros, ocupa cerca de 50.000 milhas quadradas. Do lado brasileiro distinguem-se como as cadeias de montanhas mais importantes uma central, a do Espinhaço, ou Mantiqueira; a oriental, Marítima, ou do Mar; a ocidental, ou das Vertentes, e a do norte, com as montanhas Paracaíma e Tumucumaque. A serra do Mar, chamada também dos Órgãos, corre ao longo da costa desde a embocadura do

rio da Prata até ao vale do São Francisco. No norte, onde se afasta mais da costa, recebe o nome de serra do Espinhaço, serra das Agulhas. Aí alcança suas maiores alturas, sob os nomes de montanha dos Órgãos, pico dos Órgãos e morro do Papagaio, com 7.300 e 7.000 pés. Os cumes mais altos na parte norte (na serra de Vila Rica), o Itacolomi e o Itambé, alcançam só a altura de 5.700 e 5.250 pés. A serra de Itatiaia é considerada como sendo o cume mais elevado, com uma altura de 2.994 metros ou, segundo outros, 3.140 metros acima do nível do mar. As serras do Mar e do Espinhaço, com a cadeia transversal, chamada serra Negra, são até agora as únicas cadeias de montanhas brasileiras bem conhecidas. Menos conhecidas são as centrais. A serra que nas nascentes do São Francisco, então sob o nome de serra da Canastra, inclina-se para o norte até a cadeia transversal dos Pirineus, constitui a divisora de águas para os três principais sistemas hidrográficos do Brasil, o entroncamento de todo o seu sistema orográfico.

As montanhas distinguem-se pelas suas formas altamente originais, e apresentam-se sempre segundo sua formação, ora em longas cadeias semelhantes a atáides, ora em altos picos em forma de agulhas, que excitaram vivamente a imaginação dos navegantes e dos naturais. No interior do país, onde ao lado do granito aparecem também rochas xistosas, as montanhas são denticuladas e como subindo para o céu, embora suas alturas não sejam muito grandes; ao passo que as montanhas da costa, as dos arredores do Rio de Janeiro, por exemplo, assemelham-se mais a altos zimbórios. A baía do Rio de Janeiro, um dos mais belos portos do mundo, deve exatamente às formas curiosas das montanhas que a circundam sua incomparável beleza. No fundo do canal orlado de portentosas massas rochosas que guiará o navio talvez depois de uma viagem tempestuosa para um porto seguro, divisa-se a chamada Gávea, com 1.000 metros de altura, cujo largo cimo, estreitando-se mais um pouco para baixo, apresenta de fato, visto do mar, alguma semelhança com um cesto de gávea. A leste eleva-se outra montanha igualmente maravilhosa, o Corcovado, portentoso monstro corcunda, e do lado esquerdo, junto da entrada da barra, enorme bloco de granito, com a forma exata de um Pão de Açúcar inclinado, e que por isto tem este nome. Como toda cidade tem um sinal característico seu, próprio, não se podendo pensar, por exemplo, em Nápoles sem o Vesúvio, assim também

o Pão de Açúcar é um complemento inseparável do quadro do Rio de Janeiro. Todas as montanhas mencionadas deram aos antigos navegadores em seu conjunto a impressão de um gigante em repouso, cuja cabeça, que até se assemelha ao perfil dos Bourbons, poderia ser representada pela Gávea, e os pés, pelo Pão de Açúcar. Quando o rei de Portugal, em 1807, fugindo à arrogância de Napoleão, procurou refúgio no Brasil, então ainda possessão da coroa portuguesa, o retrato desse gigante, como o gênio do país, foi-lhe apresentado em sinal de boas-vindas, com a inscrição: "O Gigante levanta-se".

Mais ao longe aparecem nessa parte do Brasil aquelas montanhas cujas formas insólitas prendem a vista, e que formam a chamada serra dos Órgãos, por seus picos, em forma de pirâmides, parecerem, a uma imaginação fantasiosa, tubos de órgão.

Contrastando com esse maravilhoso cenário da baía do Rio de Janeiro, a costa sul do Brasil desenrola-se como um desolador deserto de areia; os vastos tratos perto do Rio Grande, particularmente, trazem-nos à mente o quadro do Saara.

A ofuscante areia amarelo-alvacentas, que cobre aquela extensão de costa, é tão profunda, que o seu aproveitamento seria impossível. Qualquer tentativa de domínio desse elemento arenoso seria perigosa até mesmo para os habitantes das poucas povoações, que só se fundaram lá por causa da pesca e do comércio. Há mesmo lugares onde a areia movediça engoliria sem possibilidade de salvação os seres humanos e animais que se aventurassem nas suas proximidades.

Descrever os característicos geognósticos do Brasil em conjunto de maneira a poder-se fazer uma idéia clara das condições gerais de região tão vasta seria muito difícil, se não impossível. O governo já tem por diversas vezes pensado numa exploração metódica do país, a exemplo do que há muito se fez noutras partes, mas nunca levou seriamente essa idéia avante. Naturalistas estrangeiros mesmo, que desde muitos anos têm percorrido o rico e interessante país, não tiveram, em suas expedições científicas, qualquer auxílio dos brasileiros; foram-lhes até criadas as maiores dificuldades, como aconteceu, por exemplo, com Alexandre von Humboldt, ainda no princípio deste século.

As três rochas predominantes no Brasil são o gnaiss, o granito e o basalto. Sobre o gnaiss encontram-se em algumas zonas do Brasil

aquelas formações, que, pela sua riqueza em ouro e em diamantes, têm desde sua descoberta atraído milhares de aventureiros. Esse metal e pedras preciosas são encontrados, mais freqüentemente ainda do que nessas camadas, nos terrenos de aluvião, nas montanhas, nas camadas profundas de areia, argila e margueiras nas províncias de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso. Foi também na província de Minas Gerais que em 1800 se encontrou o célebre diamante que foi engastado na coroa de Portugal como o seu mais valioso adorno. Além de diamantes forneciam as províncias do sul do Brasil outras pedras preciosas em quantidade, as magníficas ágatas e opalas, que eram transformadas nas famosas oficinas de brunidores de ágatas de Oberstein, na província do Reno, em jóias, bibelôs e outros objetos. Há pedras de grande beleza entre elas, pesando muitos quilates, em cuja venda os comerciantes muitas vezes têm lucro de alguns milhares de táleres\* de uma só vez.

Além das principais pedras acima mencionadas, o pórfiro e o sienito são muito comuns, e no interior, onde se encontram, em longas cadeias, rochedos com essas pedras, encontram-se igualmente pedras-liós contendo ferro, como também pedra calcária e espessas camadas de argila para olaria. Nas numerosas cavernas que parecem resultantes de tremendas inundações, encontram-se, numa grande extensão, numerosos exemplares de ossos fósseis de mamíferos. Recentemente foram também encontradas muitas jazidas de carvão de pedra e sal. Vulcões, que são tão comuns no Japão, por exemplo, não existem absolutamente em toda a imensa região do Brasil.

A abundância de água é porém extraordinariamente grande, porquanto além da extensa faixa de costa e além do portentoso Amazonas, a maior bacia hidrográfica da Terra, o Brasil possui ainda numerosos rios de grande importância. O majestoso rio da Prata só toca território brasileiro num curto trecho. Como vias fluviais, porém, os rios do Brasil, devido às suas muitas cachoeiras e rápidos, atualmente ainda apresentam grandes obstáculos. Por meio de longos e tortuosos trajetos e depois de se reunirem a outros rios, todas as águas brasileiras buscam um alvo comum, o oceano Atlântico, na costa oriental do país.

\* Táler = moeda alemã de prata equivalente a 3 marcos. (N. T.)

O Amazonas, que acabou de ser mencionado, a maior bacia fluvial da Terra, abrange uma superfície de 130.000 milhas quadradas alemãs, só uma sexta parte menor, portanto, do que toda a Europa. A maior parte do Amazonas (3.828 quilômetros) corre no Brasil. Seu comprimento total está calculado em 2.066 milhas marítimas; sua largura, porém, na embocadura, é nada menos que 180 milhas marítimas. É o Amazonas também o rio mais profundo da Terra. Nalguns pontos a sonda, conforme asseguram exploradores dignos de crédito, não encontrou fundo nem mesmo a 600 e 800 pés. Contudo, pode haver algum exagero nisso. Em todo caso, é certo que excede tudo o que a fantasia puder engendrar nesse sentido.

O Amazonas tem, como o Nilo, suas enchentes anuais, seu transbordo fertilizante e seu recuo. Esse crescimento depende menos do derretimento das neves nas montanhas (porque as montanhas do Brasil não ficam grande parte do ano cobertas de neve, como a cordilheira dos Andes) do que das chuvas periódicas na região dos seus numerosos afluentes. Nalguns lugares o rio sobe, em certas épocas do ano, de 40 a 50 pés acima do seu nível normal. Na embocadura o crescimento e a baixa das águas sofre também a influência das marés. O ímpeto da preamar, que no Amazonas chamam pororoca, eleva freqüentemente a água em poucos minutos a uma altura extraordinária e entra muitas vezes com tão grande impetuosidade, que não raro carrega grandes trechos de terra, arranca pela raiz as árvores mais resistentes, causando, enfim, enormes estragos. A prodigiosa impetuosidade com que se despeja no oceano e a velocidade de sua correnteza são tais, que ainda muito tempo depois de ter perdido de vista suas margens o navegante no mar pode beber sua água sem mistura.

São inúmeras as ilhas espalhadas pelo mar de água doce que é o Amazonas, cobertas de uma vegetação espessa peculiar e de imbaúbas de tronco branco. Pode-se fazer uma idéia da imensidade desse rio, se pensarmos que muitas dessas ilhas têm muitas milhas de comprimento e são relativamente largas. Uma delas (Marajó) tem nada menos que 960 léguas quadradas de superfície, sendo, portanto, maior do que a Suíça.

As margens do Amazonas são baixas e tirariam todo o encanto da paisagem, não fosse a maravilhosa vegetação da floresta virgem que as orla. Penetrar nos seus afluentes mais próximos, que em tamanho

não são inferiores aos nossos Reno e Danúbio, seria ir muito longe. Alguns são famosos devido às grandes cachoeiras que formam, como, por exemplo, o rio Negro e o rio Grande.

Quanto à origem do nome, rio das Amazonas, conta-se que este lhe foi dado pelo navegador Orellana, que em 1542 percorreu todo o seu curso, e, na embocadura dum dos seus afluentes, o Trombetas, foi assaltado por índios a cuja frente lutavam mulheres como fúrias, incitando os homens a atos de bravura.

Dentro do Brasil existem 18 rios de primeira classe, que deram suas águas no rio gigante. À direita ficam: Xingu, Tapajós, Madeira, Purus, Coari, Tefé, Juruá, Jutai, Javari; à esquerda, Jari, Paru, Trombetas, Jamundá, Uatamã, Urubu, Negro, Japurá, Içá.

Abaixo e fora da região do Amazonas há poucos rios notáveis desaguando no oceano. Acima de todos está o São Francisco, que é tanto mais importante para o país, por pertencer-lhe toda a região que rega. Infelizmente nem todo o seu curso é navegável, sendo interrompido pela célebre cachoeira de Paulo Afonso.

A água corre primeiro com vertiginosa velocidade entre duas colossais paredes de granito sobre um fundo fortemente inclinado, como uma torrente desencadeada da montanha, e precipita-se subitamente em três cachoeiras sucessivas, num total de 80 a 84 metros de altura, com um estrondo como o rimbombar do trovão. Além destas três quedas distinguem-se na catarata mais quatro outras que, precipitando-se por fragosos corredores, vão juntar-se às outras. Dum efeito maravilhoso são, entre elas, as cachoeiras de Angiquinho e dos Dois Amores.

Tão alta é a queda da grande massa de água fervendo e rodopiando impetuosa que toda ela, num turbilhão de espuma, vapor e espessas nuvens, se precipita num caos tremendo, numa voragem, no abismo. É todo o São Francisco um curso de água navegável para barcos de grande calado por 200 milhas alemãs até ali, que se derrama por uma brecha na rocha. Vista de longe, a cachoeira do Niagara pode talvez superar a de Paulo Afonso, mas vista de perto esta última leva vantagem, porquanto a riqueza de formas e as cambiantes de luz nas nuvens de vapor que se elevam no espaço estreito em que se comprimem as massas de água formam um conjunto tão grandioso que nenhuma comparação pode dar uma idéia, mesmo aproximadamente. O vapor de água que se

eleva num portentoso pilar pode ser visto, iluminado pelo sol, a quatro léguas de distância, enquanto ao pé do mesmo as rajadas de vento bramindo impedem a aproximação do espectador, surpreso diante da luta dos elementos, tirando-lhe a respiração.

Como uma maravilha da natureza devemos mencionar aqui a caverna situada por baixo da catarata, a chamada Furna dos Morcegos. Sua entrada, a que se chega descendo por íngremes penhascos, tem seis metros de altura e 1,50 de largura. A caverna tem espaço bastante para 2.000 pessoas, tem 48 metros de comprimento e 88 de altura.

Comparados com o São Francisco, os demais rios que deságuam na costa oriental do Brasil são inferiores em curso e em importância. Resta ainda mencionar o Itapicuru, o Paraguaçu, o rio das Contas, o rio Pardo, o Mucuri, tão perigoso para os colonos devido a suas exalações, e muitos outros de maior ou menor curso.

Mais para o sul o sistema fluvial do Brasil é menos desenvolvido. Só na província do Rio Grande do Sul se encontram novamente rios de real importância, como, por exemplo, o São Francisco do Sul, o Jacuí e outros; estes, porém, não correm para o oceano, e sim para as grandes lagunas que orlam a maior parte da província. A porção de rios que correm para o rio da Prata é, sem dúvida, considerável, mas eles são, em escala ainda mais elevada, vedados à navegação, devido aos rápidos e quedas-d'água. Muitos têm sido os corajosos aventureiros e naturalistas que têm tentado explorar, com risco da própria vida, essas vias naturais de comunicação do país, que atravessam inóspitas florestas virgens, tendo tido, porém, sempre, que se convencerem de que a coragem e o espírito de iniciativa humanos são impotentes diante dos insuperáveis obstáculos postos pela natureza. Ainda em 1865 o governo aparelhou uma expedição exploradora, sob a direção de dois engenheiros alemães de nome Keller, que com seis barcos, dos quais cinco grandes com cinco toneladas de capacidade, teve por missão explorar rigorosamente alguns dos mais importantes afluentes do grande rio Paraná, no interesse da navegação e da ciência. Já no ano de 1845 tinha sido enviada para essa mesma região uma expedição com os mesmos fins. Os membros de ambas, porém, regressaram sem outro resultado além da confirmação de que os rios do oeste só numa escala muito limitada se prestariam à navegação. Sete quedas de água (as Sete Quedas, ou Guaira) obstruem,

só num lugar, o curso do Paraná. Estas pertencem, segundo a obra recentemente publicada, *O Império do Brasil na Exposição Universal de Filadélfia em 1876*, ao número das mais importantes que se conhecem, e poderiam, quando não pela altura das paredes de rocha, mas considerando o volume de água que se precipita por uma estreita garganta de 70 metros, num ângulo de 50° sobre uma superfície inclinada a 17 metros de profundidade, não reccar a comparação com as cataratas do Niagara.

Como observa Azara, que visitou esta região em fins do século passado, a vaporização das cachoeiras se eleva em colunas visíveis a muitas milhas de distância, formando, à luz do sol, inúmeros arco-íris. A 33 quilômetros de distância ainda se ouve o estrondear da água. Para julgar da magnificência dessa maravilha da natureza, recorre-se às medições feitas pelo engenheiro Hunt, que verificou ser de uma distância de 100 quilômetros a 1.500 metros a largura do leito do rio, de 12 metros a média da profundidade na maior altura das águas, de um metro por segundo a velocidade da correnteza, do que resulta ser de 18.000 metros cúbicos o volume de água despejado por segundo. Além destas há as famosas cataratas de Sipotuba, no caudaloso rio do mesmo nome, um afluente do Paraguai, que, como nos diz Antônio de Sousa e Azevedo, que o visitou em meados do século passado, se precipitam perpendicularmente duma altura de 132 metros.

Foram muito interessantes os resultados das citadas expedições no que se refere à descoberta dos vestígios perdidos da cultura que até o meado do século dezessete tinha sido tentada aí pelos missionários, entre os índios.

O rio Paraguai tem a mesma importância, no sul, que o Amazonas, no norte, na cultura das terras, com suas enchentes periódicas.

Representam papel importante para a navegação, ao lado dos rios, as numerosas lagoas ou lagunas, das quais a maior, a lagoa dos Patos, na província do Rio Grande do Sul, tem 130 milhas marítimas de comprimento e 40 de largura (segundo cálculos mais recentes 303,6 quilômetros de comprimento e 66 quilômetros de largura). Esta lagoa, que, aliás, não oferece menos perigo que o oceano, está ligada a este por um canal natural. Merece também menção a lagoa Mirim, na mesma província do Rio Grande, com 171,6 quilômetros de comprimento e 46,2 quilômetros de largura. Além destas há as lagoas de Maricá, Araruama e



Feia, na província do Rio de Janeiro, e as de Sequia e Manguaba, na província de Alagoas.

Na ilha do Bananal, ou de Santa Ana, na província de Goiás, e na Guiana Brasileira existem também algumas lagoas consideráveis, que têm pelo menos importância igual às existentes no vale do Amazonas.

A costa do Brasil tem 42 portos, ocupando entre eles o primeiro lugar, devido ao seu tamanho e segurança, o do Rio de Janeiro, cujo contorno mede mais de 198 quilômetros. Os outros portos mais importantes, do Norte para o Sul, são os do Pará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Maceió, Aracaju, Bahia, Ilhéus, Santa Cruz, Porto Seguro, Vitória, Santos, Paranaguá, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Pode-se bem imaginar que a evaporação dessa formidável massa de água, como a flora tropical do vasto território brasileiro, não pode deixar de ter grande influência sobre o clima que, além disso, abrange diversas latitudes. O característico geral do mesmo é ser muito quente. A neve e o gelo são também raros na parte mais fria e mais ao sul, e nunca se prolongam por tempo bastante para influírem muito no aspecto exterior da flora. Ali, naturalmente, onde o Equador corta o país, o calor é tropical; as províncias do Norte são por isso em geral mais quentes que as que ficam mais perto do Pólo Sul. Na costa a brisa do mar ameniza um pouco o calor. Os meses mais quentes são os de janeiro e fevereiro, o mais fresco, o de julho, quando a média da temperatura regula entre 17 e 18 graus Reaumur. O clima tem todas as características dum clima quente marítimo; é, contudo, digno de nota que a passagem do verão para o inverno se faz muito mais rapidamente do que o inverso.

A grande uniformidade da temperatura e o fraco arrefecimento durante as noites, particularmente no Rio de Janeiro, onde por outro lado a influência do mar beneficia os habitantes, faz o calor parecer mais opressivo e entibante do que de fato é. Segundo minha própria experiência, é altamente singular que a resistência à enervante influência climática dos europeus, no começo de sua permanência nessas regiões, é muito maior que depois de certa demora nelas. Uma feição muito desagradável do clima brasileiro é a grande umidade do ar, que sem dúvida é de grande vantagem para o crescimento das plantas, muito concorrendo para a exuberância e o pleno desenvolvimento da flora tropical, e tanto

mais prejudicial à saúde humana e à conservação dos objetos. Os metais são afetados com incrível rapidez pela umidade; papéis, livros e artigos de couro ficam em pouco tempo cobertos de mofo. O comércio em artigos de couro e semelhantes torna-se uma das mais difíceis tarefas. Fomos muitas vezes testemunha de como um vendedor de luvas de pelica as tirava uma a uma do envoltório de algodão, para mostrá-las ao comprador, tornando a guardar com os mesmos cuidados, ao abrigo do ar, as não escolhidas.

Diferenciam-se em geral, no Brasil, só duas estações, a estação seca e a das chuvas. As chuvas caem geralmente sob a forma de súbitos aguaceiros diluvianos que vão perdendo aos poucos a impetuosidade, para manterem-se constantes por semanas e até meses. Em 1811 uma dessas chuvas no Rio de Janeiro durou 100 dias e não foram pequenos os danos que as inundações causaram à cidade. Durante as frequentes trovoadas surgem às vezes violentas ventanias (tufões), cuja capacidade de destruição foi mostrada em 12 de janeiro de 1817: durou só vinte minutos, mas foi tão violenta que 220 pessoas nos navios ancorados no porto encontraram a morte. Verdadeiros furacões como os das Antilhas, chamados ciclones, são muito raros abaixo do Equador, contudo ainda se recorda com horror um que a 19 de março de 1817 assolou a Bahia. As ondas do mar elevando-se a altura de montanhas ameaçaram destruir a cidade. Por felicidade, porém, quando a parte baixa da cidade já inundada corria esse risco, a violência dos elementos destruidores quebrou-se nas íngremes encostas da cidade alta.

São famosos no Sul do Brasil os impetuosos ventos do sudeste e do sudoeste, os chamados pampeiros, que não raro duram alguns dias e são tidos como terríveis inimigos dos navegantes.

As bacias dos grandes rios, com suas imensas massas de água, e as densas florestas virgens que as cercam, apresentam singulares peculiaridades climáticas que, porém, só são mais perceptíveis nos seus efeitos sobre a fauna e a flora.

O melhor clima para os estrangeiros é o das províncias do Sul do Brasil, Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul e uma parte de Mato Grosso. As prolongadas estiagens, durante as quais os campos muitas vezes parecem tostados e as árvores e matas que neles crescem ficam sem folhas e como mortas, são a causa principal do interior do

Brasil, em geral, sobretudo os campos, que lá tomam o lugar das savanas norte-americanas, apresentarem um aspecto desolador. Em algumas províncias, a seca se manifesta periodicamente pela completa ou parcial ausência do período das chuvas, como costuma suceder todos os anos, com grande rigor, no Maranhão, a ponto da terra abrir profundas fendas, a vegetação se extinguir inteiramente, os animais morrerem de fome e sede e a população ser forçada a emigrar.\*

Rios e riachos secam; quase que nem uma poça de água pútrida indica ainda o lugar onde antes corria um rio caudaloso. Se, no entanto, começa o período retardado das chuvas, os vastos campos tostados transformam-se em intermináveis lençóis de água, regatos e rios reaparecem caudalosos e tudo reverdece e floresce em exuberante esplendor.

A ocorrência das estações nos diversos meses, as condições do tempo e a conseqüente temperatura em cada uma são diferentes, variando com a posição geográfica das diversas províncias.

O Brasil, no que se refere às suas condições de salubridade, não pode ser julgado desfavoravelmente. É certo que aparece aqui e ali a tão temida febre amarela, particularmente em lugares em que a evaporação de grandes massas de água e o calor tropical favorecem essa moléstia; naturalmente os europeus recém-chegados e os estrangeiros em geral têm de pagar, com a aquisição de diversas moléstias, seu pouco caso em evitar o calor escaldante, os resfriamentos e o abuso de frutas e comidas a que não estão habituados. Por muito tempo, entretanto, antes duma fragata inglesa da Irlanda ter trazido o cólera das Índias Ocidentais, o Brasil gozava de boa reputação, no que concerne à salubridade, principalmente toda a região abaixo da Bahia, ao contrário de outros países ultramarinos, como Índia, Chile e Peru. Por outro lado, uma doença peculiar à terra é uma espécie de gafeira, que ataca de preferência os negros, como também a monstruosa inchação dos pés, conhecida por elefantíase.

\* O Autor deve provavelmente querer referir-se ao Ceará, onde os fenômenos que cita são periódicos, e não ao Maranhão que é um dos lugares onde mais chove, na Terra. Henrique Buff, professor de Física, cita Mahabulshwar, depois Guadalupe e em seguida o Maranhão, onde a precipitação pluviométrica é avaliada em 259.9 polegadas parisienses. (N. T.)

A chamada malária, ou febre intermitente, manifesta-se com mais intensidade depois das inundações e da baixa das águas dos rios. Todas as moléstias existentes na Europa são encontradas também no Brasil. A variola, dizem, é responsável pelo grande despovoamento da região do Amazonas, tendo outrora ocasionado grande mortandade sobretudo entre os índios. Muitas vezes as causas da manifestação de uma moléstia podem ser afastadas, querendo se dar ao trabalho de investigá-las; no entanto, sem a menor preocupação com os efeitos e consequências do calor enervante, não é raro que mesmo nas ruas da capital o processo da remoção de animais mortos se opere só pela ação do sol e do ar. Muitas vezes bebe-se água impura, de preferência, a dar-se ao trabalho de procurar melhor. A absorção de peixe e carne secos, mal salgados, muitas vezes com mau cheiro, como também de manteiga estragada – uma substância rançosa, sebosa, importada sob o nome de manteiga inglesa –, em lugar da qual se poderia ter a melhor manteiga com a importação criteriosa de gado *vacum*, concorre para provocar epidemias e moléstias de toda espécie.

Em muitos lugares, nas matas se manifesta o que os colonos alemães chamam “mal da terra”, ou *clorose tropical*, que entretanto só se manifesta entre os habitantes das florestas e parece ir desaparecendo com o seu progressivo desbastamento. As pessoas atacadas desta moléstia devoram, com verdadeira fome canina, tudo o que encontram e podem triturar com os dentes; a terra e o barro incitam seu apetite.

É provável a influência do clima brasileiro sobre a pele do rosto dos brancos, que engrossa pouco a pouco, de maneira a não deixar mais transparecer o rubor do sangue. Com exceção dos lábios, os rostos apresentam por isso uma cor pálida, amarelo-pardacenta, e mesmo os imigrantes europeus perdem, depois de longa permanência no país, a cor louça das faces, reveladora duma circulação sadia. É também singular a observação de que os cabelos da cabeça dos europeus, mesmo quando não tenham apresentado antes a menor tendência para isso, depois de longa permanência sob o céu brasileiro começam a encrespar-se, ramificam-se, e por fim se lascam nas pontas.



*Paisagem do Brasil*



.....

## *Capítulo II*

### A FLORA

**A** flora do Brasil é extraordinariamente rica; já são conhecidas nada menos de 20.000 espécies de plantas naturais do país, e, além destas, existe também grande número de outras espécies exóticas, que aumenta diariamente, introduzidas nos últimos tempos. Os importantes contrastes, porém, que devido ao clima ou à natureza do solo se fazem também sentir aqui, obrigam, antes de tudo, a distinguir-se duas divisões da flora: a das florestas virgens e a dos campos. Cientificamente seria preciso estabelecer ainda muitas subdivisões; não cabe, porém, aqui, desenvolver um sistema botânico, e sim dar aos europeus uma idéia tão clara quanto possível da prodigiosa natureza de uma parte do mundo cuja flora é rica e inexcedível e nos fica gravada na memória como um maravilhoso quadro de ilimitada força criadora.

Como é natural, as florestas e os campos nas proximidades do Equador têm aspecto diferente dos do sul e da costa do Brasil, da mesma forma que nas proximidades das regiões dos grandes rios a flora é diferente da do sertão. As florestas virgens, que no seu selvagismo primitivo ainda não profanado pela mão do homem se apresentam ao intruso sur-

preso, chamam-se, no Brasil, “mata virgem”. Um frescor confortante ba-feja o peregrino e empolga-o o encanto duma flora feérica; uma eterna ânsia de crescer eleva as árvores a alturas majestosas, e não contente com esses gigantes e antiquíssimos monumentos, a natureza tira ainda de cada tronco seiva bastante para dar vida a novas formas vegetais.

Em lugar daquele modesto, pouco variado atavio das florestas européias, desdobra-se aqui uma inefável variedade de formas de troncos, folhas e flores. Cada um desses colossos vegetais que buscam o céu difere do vizinho pela singularidade de suas formas, e aos pés de cada gigante cresce um emaranhado de arbustos verdejantes e moitas floridas, tudo entretecido numa fartura de cores, flores e folhas variegadas. Árvores e troncos estão guarnecidos duma imensa rede cujas malhas colossais são formadas pelo entrelaçamento de trepadeiras multiformes que pendem desde o seu ápice, que não só cobrem a floresta como parecem enredar também a alma do contemplador num inesperado encanto.

Espessos capinzais cobrem as terras alagadiças com tal viço e em tal abundância, que formam uma parede verde impenetrável, tornando o avanço impossível, quando não se abre caminho com um instrumento cortante. Dentre as múltiplas espécies de árvores, as palmeiras acenam com suas formas elegantes sobressaindo no labirinto verde e completando a impressão de exotismo da região. Algumas das árvores mais fortes parecem estar em atitude hostil recíproca e empenhadas em luta pela existência. É uma luta silenciosa, a que se fere entre elas; não obstante, aqui e ali já tombaram inúmeras vítimas. Muitos cadáveres de árvores colossais jazem desarraigados por terra, mas sobre seus corpos caídos desenvolvem-se novas vidas. Alguns desses troncos arrastaram outros na queda, sem eles próprios alcançarem a terra por terem sido detidos pela viçosa vegetação antes de tocá-la; e esta por sua vez arrasta outros companheiros mais fracos derribando-os: um quadro simbólico da vida humana, na qual tantas vezes o destino de um alcança outros arrastando-os para a ruína. Com isso formam-se do modo mais natural exemplares arquitetônicos. Audaciosos arcos sucedem-se a grotescos restos de árvores, elevando-se como torres altaneiras, e alguns gigantes caídos da floresta formam pontes ligando as margens floridas dum riacho que corre espumando sobre um leito rochoso. Noutros lugares são rochas



nuas e ermas que surgem na sombra das ramagens, aumentando a multiplicidade de aspectos da floresta virgem.

Por mais gigantescas e estranhas, porém, que sejam as formas que povoam a floresta virgem, e por muito maravilhosas que sejam por si, sua repetição constante não é de molde a manter o deslumbramento sem diminuição, numa permanência mais demorada. A vista confortante do céu azul, a abundância de luz e vida, que ele derrama sobre as coisas e cai sobre a própria alma, faz falta penosamente aqui, e sua falta não se deixa substituir pela maravilha mais prodigiosa da natureza. Prefere-se, como confessaram outros viajantes, as faias, carvalhos e florestas de pinheiros, europeus, depois de algum tempo, à floresta virgem. Porque até mesmo o frescor relativamente reconfortante, que nos parece rodear no começo da trabalhosa penetração, cede lugar, ao penetrar-se mais profundamente, a uma atmosfera abafadiça, pois a grande massa de plantas impede completamente a circulação do ar. O cheiro de podridão que emana das plantas e animais em decomposição impregna muitas vezes a atmosfera tão desagradavelmente, que supera o aroma de todas as flores.

Entre todos os gêneros de plantas, que povoam a floresta virgem, distinguem-se, como por toda parte nas florestas tropicais, devido à peculiaridade de suas formas, particularmente os membros da família das Bombáceas, as Sumaúmas, uma espécie de Malvácea que chama a atenção devido ao seu monstruoso tronco e galhos e ao viço de sua fronde. São numerosas as espécies de Palmeiras, entre elas deve-se salientar a tão bela quanto útil palmeira Buriti (*Maurítia flexuosa*) que, com as suas folhas em forma de leque, elevando-se freqüentemente a mais de 100 pés no ar, em muitos lugares crescem tão juntas, que seus troncos verdes, lisos, alinhados um ao lado do outro, parecem paliçadas dum enorme forte. Contrastam com esses troncos gigantescos a Juçara (*Euterpe edulis*) e a Açaí (*Euterpe oleracea*), muitas vezes crescendo junto a elas, que pertencem ao número das palmeiras mais delicadas, e sobretudo a nobre Anajá (*Maximiliana regia*), assim chamada pelo célebre viajante von Martius, em homenagem ao Rei Maximiliano da Baviera. Filha delicada da floresta, ergue-se altiva e esguia com sua folhagem leve e tênue com incomparável elegância sobre o tapete verde-escuro das plantas rasteiras que a rodeiam. Seus ramos frágeis, que a mais ligeira brisa agita, têm tanta beleza em si, que o homem absorto na sua contemplação esquece todos os perigos com que a floresta virgem cerca suas maravilhas.



*Buriti, a árvore da vida*

A brilhante fronde das Hipocastanáceas e Avincêneas; os prodigiosos chacos escarlates das *Schouboeas*; a maravilhosa escala das Begônias cor-de-rosa e amarelo-dourado; as flores violeta-aveludadas da Erisma; as enormes folhas da *Carolina princeps*, cujos galhos muito extensos quase não podem sustentar os frutos pentagonais, do tamanho duma cabeça, cheios de sementes como amêndoas; os lindos cachos das Dalbérrias e Andirás – tudo faz realçar o quadro maravilhoso duma floresta tropical. Contudo, nem só as palmeiras e as flores prendem a atenção dos viajantes, as inúmeras representantes da família dos fetos, com as suas vastas copas e suas muitas vezes tão singular folhagem, exaltam a admiração. Em amigável associação crescem aqui o Castanheiro (*Bertholletia excelsior*), com a Seringueira (*Siphonia elastica*) e a verde-escuro e brilhante Salsaparrilha (*Smlax papyracea*) distinguindo-se dos pouco vistos grupos do mais silvestre cacauero.

A rede de plantas trepadeiras (cipós) a que já nos referimos, que trepam e se enrolam, vista mais de perto compõe-se de imensa variedade de plantas pertencentes aos mais diversos grupos, que certamente, só devido a lhes ter sido negado espaço, parece terem sido forçadas a trepar em busca de alimento, ar e luz. Até mesmo uma palmeira se tornou trepadeira e enrosca seu tronco espinhoso e elástico semelhante a um cabo na árvore ao seu lado, até alturas incríveis. As folhas dessa palmeira, Jacitara (*Desmoncus macroacanthos* e *orthacantos*), que são peniformes, como é comum nesta família, saem a grandes intervalos do tronco; as pontas de cada folha têm numerosos espinhos compridos e curvos, com os quais se agarra à vítima indefesa. Os cipós e as lianas, desde o mais delicado sarmento até ao cabo da grossura dum braço, enroscam-se como serpentes em incompreensíveis entrelaçamentos, estrangulando por fim, num abraço laocoôntico, as árvores gigantescas que até então lhes deram alimento e vida.

Lá onde um rio navegável, como o baixo Amazonas, atravessa a floresta, às vezes só com muita dificuldade o barco consegue ser empurrado através do emaranhado cipoal, que se estende duma a outra margem, por onde trepa, em impenetráveis entrançados, muitas vezes até a altura de 20 pés. O esplendor da floresta, quando vista desses rios, é particularmente grandioso. Então se destacam mais – distintamente no denso caos os vultos gigantescos de árvores colossais, e quase todas

as plantas, os arbustos, como as que trepam e se enroscam, se põem aqui em maior evidência, brilham mais e suas cores têm mais vida do que vistas de qualquer outra parte. A abundante floração das Banistérias cor-de-ouro pende em ricas grinaldas de alturas inacessíveis e Convolvuláceas azuis, brancas e amarelas formam pontes aéreas nas tranqüilas enseadas do rio. O tapete de flores que cobre a parte mais elevada da margem é tecido de pétalas de lírios, rabaças de flores amarelas, de variegadas Aningas e Aráceas. Salienta-se uma Cucurbitácea (*Elaterium cartaginense*), que com um viço incrível cobre e abafa todas as outras plantas. Nos terrenos mais altos, a floresta torna-se mais baixa, com as copas das árvores uniformes, mais brilhantes e particularmente ricas em parasitas. Nesta região aparecem palmeiras originais, entre elas a Papiúva com as raízes fora da terra, seu tronco barrigudo no meio e que por isso os índios aproveitam para fazer canoas. Estão aqui representadas palmeiras de Leque, palmeira Rotin, formas delicadas e maciças de todos os gêneros de palmeiras; todos os tons possíveis de verde estão aqui representados, desde o mais claro dos verdes dos Vimieiros (*Salix humboldtiana*), tão espalhados na América do Sul, até o suculento verde-escuro das Lauríneas, que com a sua fronde brilhante dão uma impressão de exuberância e de viço. Muito mais para o sul vêm juntar-se a todas as formas bizarras descritas ainda a dos Cactos e Polipódios, nos quais a natureza parece ter-se esgotado em criações zombeteiras e ao mesmo tempo humorísticas. Impressionam a vista de modo não menos interessante e estranho os impenetráveis Bamburrais, que aqui e ali se elevam a alturas estupendas nas baixadas ao longo dos rios. A rijeza e a resistência de suas células não permitem nem um avanço, nem a sua espessa vegetação, a visão para além deles. Uma árvore igualmente característica das florestas brasileiras é a *Anda brasiliensis*, que desde muito baixa estende as hastes cobertas de folhagem densa que se junta formando frondosa abóbada. No despertar da vida vegetal, depois da estação chuvosa, destacam-se também pela cor rósea de suas folhas, e mais tarde pelos seus grandes cachos de flores brancas, as Sapucaias (*ALecythis olaria parviflora*), o maravilhoso ornato das florestas. Merece ser mencionada a Barriguda (*Pourretia tuberculata*) do alto Mucuri, árvore cujo tronco se eleva até 70 pés, sem que dele saia um só galho, mas que incha perto da raiz tomando a forma esquisita dum barril, com uma consistência leve e mole semelhante à da

cortiça, o resto tomando também consistência semelhante. Não é sem efeito que figuram no quadro entre outras árvores altas da floresta as floríferas Cesalpíneas, como também os leves Loureiros, as altas Maris e os Cedros esguios de que se fazem as caixas para açúcar, as Ormosianas de folhas plumiformes, o Pau-d'Alho com o seu cheiro ativo de alho, e milhares de árvores e arbustos sem nome.\*

Em alguns lugares a floresta conta, entre centenas de plantas e árvores úteis, também o nobre Coqueiro, cujos frutos originais têm múltiplas aplicações e se tornaram produto comercial importante.

Uma forma peculiar à floresta brasileira, que deve ser mencionada, é a chamada Capoeira, que renasce no solo das florestas derribadas. Nos lugares onde existiam antes árvores altaneiras surgem novas plantas características e espesso matagal. Destaca-se particularmente entre elas uma árvore de considerável circunferência cujo tronco não é formado por fibras lenhosas, e sim por uma substância porosa, mole, semelhante ao nosso miolo de sabugueiro. Os colonos alemães deram-lhe por isso o nome significativo de “Kasebaum” (Árvore-queijo), e os brasileiros chamam-na Maria-mole.

As florestas, todavia, como nos aparecem diante dos olhos nas descrições acima, não são encontradas com igual esplendor e extensão no resto do interior do Brasil. Como as principais condições para sua exuberância são o terreno úmido e as chuvas periódicas e abundantes, as florestas do interior ficam limitadas aos vales dos rios e às terras baixas. Quanto mais elas distam destas, tanto mais perdem os característicos da vegetação tropical e tornam ao mesmo tempo possível a transição gradual para as campinas ou campos do sertão. Os brasileiros diferenciam muitas espécies destes últimos, que designam de acordo com a natureza do solo. Chamam Campos Gerais as infindas planícies ondulantes cobertas de gramíneas; Tabuleiros, os que são caracterizados pela secura e aridez; Chapadas, ou Chãs, Sertões, ou Descampados, e Agrestes, ou

\* O catálogo da Exposição Universal de Filadélfia em 1876 enumera as plantas úteis do Brasil sob as seguintes rubricas: Plantas fibrosas 20, Oleaginosas 27, Gomosas e Resinosas 24, Colorantes, cerca de 20, Aromáticas 19, Plantas com frutos comestíveis ou empregados em usos domésticos, cerca de um par de centenas de diversas espécies, cuja classificação botânica ocupa ao todo 18 páginas impressas. O número de raízes úteis e plantas medicinais não se pudera ainda, até então, relacionar.

Mimosos, que se distinguem pela maior continuidade e igualdade do relvado, como pelo frescor do seu verde. Estes últimos constituem principalmente as pastagens para os numerosos rebanhos de gado vacum, que neles procuram seu sustento em plena liberdade. As diversas espécies de gramíneas estão aí representadas, e são mais ou menos estimadas conforme sua utilidade como forragem. Em alguns lugares atingem uma altura tal, que homens a cavalo desaparecem entre elas. Não raro a uniformidade desses campos é interrompida por uma árvore isolada, grupos de árvores ou arbustos, às vezes mesmo por pequenos bosques, onde o viajante solitário, depois de penosa jornada a cavalo, encontra o almejado abrigo contra os abrasadores raios do sol, e que convidam ao descanso o tropeiro, para si e para suas mulas cansadas sob as pesadas cargas de produtos da cultura européia que assim levam aos mais distantes mercados. Se esses matagais se aglomeram sobre grandes superfícies, os brasileiros os chamam então Caatingas. Essas caatingas nunca alcançam a altura e o vigor das florestas. Contudo, são comuns nesses matagais diversas espécies de palmeiras que com suas frondosas copas arredondadas imprimem à paisagem o selo do sul. Dignas de menção entre elas, a espinhosa Piaçaba e a igualmente bela e muito útil Carnaubeira (*Corypha cerifera*). Dentre a vegetação baixa destacam-se ainda as palmeiras Ariri e Alicuri, de cujas hastes os habitantes dos campos solitários, por ocasião das fomes, sabem preparar um alimento seco, porém pouco nutritivo.

As florestas na região superior do rio Paraguai, que devido à grande quantidade de Ipecacuanha se tornaram de grande importância para a Província de Mato Grosso, apresentam aspecto peculiar; as margens dos seus afluentes também são cobertas de bamburrais tão densos como não se encontram em quaisquer outras partes, e os agudos espinhos da pequena palmeira Tucumã dificultam a penetração nessas florestas. Em alguns lugares encontra-se grande quantidade de Tabocas gigantesas (*Gyneirum saccharoides*) cujos entrenós superiores têm cerca de dois a três metros de comprimento e servem de haste para as setas dos índios ao longo de quase todos os rios da América do Sul. Em quase todos esses rios as enchentes anuais deixam nas suas margens lama e resíduos, que não concorrem para seu embelezamento, mas que favorecem o desenvolvimento de muitas plantas parasitas. Associadas a estas vêem-se muitas plantas aquáticas, que cobrem as rochas e os bancos de

areia lavados pelas águas, duma floração rósea, de maneira que o rio às vezes parece correr sobre um leito de rosas.

Nas províncias do Sul figura em primeiro plano na sua paisagem uma árvore que deve certamente ser chamada a mais nobre representante de todas as Coníferas a cuja família pertence o Pinheiro (*Araucaria brasiliensis*). Com essa árvore aparece simultaneamente a Congonha (*Ilex paraguayensis*). É raro aparecerem essas plantas para além de 24° de latitude. Da Congonha ter-se-á oportunidade de falar mais detalhadamente, por ser uma planta de grande importância na economia do país.

Nas encostas pedregosas e escarpadas das montanhas o conjunto da vegetação arbórea e de outra natureza é necessariamente outro, diferente das planícies e em lugar das formas gigantescas, que se encontram nas partes baixas, só se vêem árvores e arbustos enfezados e de aspecto insignificante, fazendo lembrar a flora dos Alpes.



*No ano 1542 o navegador Orellana, ao percorrer o gran derio, en con trou uma tribo de mulheres guerreiras que lutaram furiosamente e expulsaram os invasores. O grande rio tomou então o nome de las e por Ama zo nas fi cou co nhe ci do*



Tendo-se tentado pintar no que fica acima um quadro geral das florestas brasileiras sob as mais diversas condições locais, poderá o leitor compreender a narração que se segue das minhas próprias experiências percorrendo em todos os sentidos as florestas das províncias do Sul e avaliar as dificuldades que terá de enfrentar o viajante ou explorador que por qualquer motivo tenha de penetrar no seu interior.

Fazia ainda poucas semanas que eu desembarcara na costa do Brasil e mal acabava de me refazer um pouco da fadiga duma travessia que não foi isenta de tempestade e enjôo, quando se me ofereceu a oportunidade de pôr os meus conhecimentos a serviço da Comissão Imperial de Agrimensura, longe de qualquer habitação humana, fazendo-os valer da melhor forma. A tarefa que tinha pela frente era proceder a medições numa vasta extensão de território quase inteiramente coberto de florestas virgens e, por meio de levantamento de mapas mais exatos, tornar possível seu aproveitamento. Em companhia de mais três engenheiros, um brasileiro e dois alemães, deixei para esse fim a hospitaleira cidade portuária, contente por ver tão depressa satisfeito o meu mais ardente desejo, o de penetrar na floresta virgem, e, bem montados, partimos conversando alegremente para o nosso destino. Muitas vezes fui tentado, ao contemplar os trechos de mata que encontrávamos no caminho, a considerar aquelas árvores entrelaçadas de lianas a desejada floresta virgem, mas logo me disseram que aquelas eram só capoeiras, o que aumentava minha impaciência.

Só quando o sol já se inclinava para o horizonte surgiram diante de nós as escuras massas das gigantescas árvores da floresta virgem, tendo por fundo as longínquas cadeias de montanhas. Em parte alguma se divisava uma entrada nesse grandioso e denso labirinto de árvores, formando densa e impenetrável muralha. Inesperadamente uma vereda quase invisível virou para a floresta, só se alargando um pouco depois de entrar nela, e mostrando aos poucos ser um caminho de muares, já muito trilhado, que nela penetrava profundamente. Quanto mais penetrávamos na sua sombra tanto mais belo e encantador se revelava o sublime quadro da natureza, que me trazia à memória os arrepios causados pelas descrições cooperianas que eu outrora lia com tanta ânsia. Cada minuto prendia mais, cada instante oferecia algo novo para mim, e esperava sôfrega a cada volta do caminho as novas visões que iam surgir.

Um bando de bulhentos papagaios, que nossa aproximação assustara, voou alto por cima de nossas cabeças para outra parte da floresta, e muito ao longe repercutia o desagradável berreiro dos macacos uivadores.

Meus companheiros chamavam minha atenção para as árvores mais dignas de nota, entre outras para o tronco colossal da palmeira *Miriti*, tão empregada para barcos, asnas e outras obras de madeira, e cujo suco doce, que escorre do talo dos frutos quando os cortamos, proporciona uma bebida refrigerante aos habitantes dessa zona. Quanto mais nos aprofundávamos no reino misterioso daquela natureza estranha, tanto mais ínvio se tornava o caminho, de resto inteiramente falho segundo a concepção européia. Como que cavados pela relha dum arado, largos sulcos rasgavam a terra barrenta, e em muitos lugares essas baixas no caminho formavam charcos, que se alargavam até formarem verdadeiros atoleiros, ou lagoas. Só correndo perigo é que podíamos conduzir nossos cavalos por meio desses obstáculos, sem podermos, porém, evitar que a cada passo do animal a lama espadanasse, sujando-nos até o rosto. Quando, como acontecia às vezes, meu cavalo, pisando num buraco mais profundo, se atolava até à sela, meus companheiros riam e consolavam-me, afirmando-me que aquilo não era nada comparado com os trabalhos que ainda nos esperavam.

Se minha atenção não fosse constantemente desviada pelos incessantes perigos do caminho, como também pelos açoites de galhos cobertos de espinhos e ramagens das plantas em volta, poderia eu ter gozado tranquilamente o espetáculo que se oferecia à nossa expedição, equipada ao modo da terra. Chapéu de abas largas abrigava-me ao atravessar os campos dos raios abrasadores do sol, um poncho azul e branco de tecido leve de lã, com barras variegadas, cujos lados caíam flutuando de ambos os lados, grandes botas de montar com enormes esporas chilenas completavam minha indumentária, estando o cavalo também tão pitoresca quanto apropriadamente ajaezado ao modo do país, e carregado com a bagagem acomodada em vastas bolsas na sela. Para enfrentar os perigos e obstáculos da viagem, tínhamo-nos provido de revólver em bolsa de couro, e compridas facas, semelhantes a punhais, substituíam as nossas facas-de-mato alemãs. Tínhamos já trotado por muitas horas, o dia se estava acabando, a fome e a sede começavam a se fazer sentir,

quando a escuridão da floresta clareou um pouco e, continuando pelo nosso caminho, avistamos algumas cabanas de barro. Eram as primeiras habitações de colonos alemães que ali, longe da pátria, vinham tentar a sorte.

O tropel dos nossos cavalos sobre a tosca ponte de toros tinha atraído para as portas das cabanas bandos de crianças, que espreitavam espantadas nossa aproximação.

– Chegamos – disse o mais velho dos nossos companheiros, conhecedor do caminho. – Agora, cada um procure arranjar-se como puder, para nossa estada neste ermo. Na casa dos colonos deve haver um quarto para nossa pousada, conforme me disseram na cidade, se esta é a casa de Peter Menz.

– Olá, meninos – gritou para os garotos –, é aqui a casa de Peter Menz?

Os meninos, ao invés de responderem, correram para dentro de casa, e poucos instantes depois apareceu no umbral a figura corpulenta do dono da casa.

– Ah, ah! – exclamou bem humorado quando nos viu. – São certamente os senhores da Comissão de Agrimensores. Meu compadre de São Leopoldo já me escreveu prevenindo-me de que iam chegar. Podem entrar, meu empregado Jacó vai tirar as selas dos cavalos e levá-los para o potreiro; lá poderão dar-lhes um pouco de milho. Para a dormida temos tudo arranjado aqui dentro, como esperariam encontrar na melhor hospedaria da Alemanha. Os trabalhadores de que não há de precisar já estão falados; é só avisá-los de que os senhores chegaram.

– Isso é consolador – disse eu, apeando-me e tratando de levar eu mesmo minha bagagem para dentro da casa, como os outros estavam fazendo.

O interior da casa desguarnecida, dum só piso, não era, sem dúvida, tão suntuoso quanto o hospedeiro anunciara, e a refeição de pão de milho e detestável vinho português não estava nada conforme com o meu paladar, mas a fadiga da viagem não me deixou sentir muito isso no momento, e mal me estirei no colchão de palha de milho adormeci profundamente.

Quando acordei, pela manhã, meus olhos caíram sobre um desordenado amontoado de coisas, que juntamente com as nossas dignas personalidades tinham, com surpresa minha, sido levadas durante a noite para um quarto de poucos metros quadrados. Por felicidade o campo foi-me dentro em pouco deixado livre, porquanto meus companheiros deviam começar seus trabalhos mais para o interior da colônia.

Depois de ter posto meus instrumentos em ordem e de me ter agregado a seis robustos peões, postos à minha disposição no dia seguinte, dos quais alguns eram alemães, partimos para a floresta virgem providos de tocinho, feijão preto e cachaça.

Reinava perfeita tranqüilidade no vale cercado de florestas, e o sol, que apesar da hora matinal já queimava havia muito, fez com que percorrêssemos depressa o caminho de cerca de uma hora por meio de campos e plantações. Nesse trajeto tivemos de atravessar muitos arroios e como, por falta de pontes, tínhamos que atravessá-los a vau, deram-me uma boa oportunidade de pôr à prova a impermeabilidade de minhas botas de couro de anta. Esses arroios e riachos, que a floresta só em curtos trechos deixa serem tocados pelos raios do sol, estavam frígidos, e eram duma limpidez admirável. Eu ia beber no riacho que acabávamos de atravessar, quando um pequeno brasileiro de cabelos negros, um dos meus peões, me deteve, prevenindo-me, o que foi confirmado pelos demais, de que beber a água de muitos desses riachos era prejudicial à saúde. Violentas diarréias e outras moléstias manifestam-se frequentemente, depois de sua absorção, e só aos poucos conseguiram os colonos certificar-se dos bons e maus efeitos das diversas fontes e arroios. Assim prevenido, tive de desistir de beber.

Depois de ter atravessado o último riacho, tivemos de subir uma encosta bastante íngreme antes de chegarmos até um grupo de árvores de campeche, no local onde eu tinha de proceder à medição por meio da floresta. Meus homens desembainharam as facas que traziam, metidas em bainhas de couro, pendentes do cinto, e com essas facas compridas como um sabre abriram uma picada através de extenso tabual.

Dessa planta – *Tabua*, que, com 10 a 12 pés de altura, se parece com o nosso junco – existem diversas espécies, que têm alguma importância para os colonos por lhes permitirem julgar a qualidade e condições do terreno conforme seu desenvolvimento.

Tinha eu acabado de indicar ao meu pessoal, depois de ter disposto meus instrumentos, a direção em que devíamos avançar, quando um dos peões, com um par de vigorosos golpes numa liana de aparência esquisita que pendia de uma árvore, seccionou-a oferecendo-me uma das extremidades e dizendo-me para metê-la na boca e matar, com o suco que escorria abundantemente, minha sede, ainda não saciada.

Era uma Crucianela, ou cipó-de-água, que de fato contém um suco refrigerante, e durante meus vários trabalhos nas florestas virgens, depois, muitas vezes recorri a ela em lugar da água traiçoeira dos arroios, como bebida.

Enquanto meus peões, com vigorosos golpes de seus facões, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, avançavam no emaranhado de plantas, e depois de termos deixado o tabual para trás, tive vagar para observar calmamente e de perto a maravilhosa vegetação que me cercava. Havia as folhas colossais das Taiobas, do outro lado as estípulas acúleas duma espécie de Aloés rasteiro, o verde-claro de fetos de formas estranhas e as maravilhosas flores duma Orquídea crescendo num tronco colossal. Uma planta parasita, com flores de um encarnado vivo, pendia, como uma lâmpada, sobre as cabeças de meus peões que iam abrindo caminho embaixo, e cipós de todas as grossuras e formas enrolavam-se como serpentes nos troncos rugosos, ora escuros ora verde-claros luzente, de árvores gigantescas, seculares e sem nome. A mim me acontecia o mesmo que a outros viajantes. No começo, e enquanto minha energia espiritual de expansão estava excitada por tudo quanto via, conservava-me alerta e inclinado, como noviço, a escutar com interesse as lições da experiência do meu pessoal, e mesmo a animar as conversas com perguntas. Mas aos poucos, à proporção que avançávamos, senti involuntária e quase inconscientemente a influência que a grandiosa solidão da floresta e sua majestade exerciam sobre mim. Senti-me subjugado; uma admiração assombrada misturava-se com um sagrado chuveiro de sensações que aquele ainda não profanado repositório da Criação derramava sobre mim. A língua, porém, ficou igualmente presa e eu senti também a misteriosa influência da floresta virgem sobre minha alma, como esta se manifesta até mesmo sobre os índios, habituados às florestas.

Surpreendeu-me a relativa ausência de criaturas vivas, não obstante o reino animal, como me tinham dito, não ser menos variado, sob estes céus, que o vegetal. Com a continuação da exploração, porém, e depois de ter estado meses nas grotas e florestas dos contrafortes da Serra, aprendi a admirar também a riqueza da natureza nesse sentido. Sobre o solo úmido, sob as abóbadas verdes formadas pelas folhas gigantes das Aróideas e Citamíneas, sob os espessos tufo de Begônias, sob as touceiras de delicadas Gramíneas, vivem os estranhamente retorcidos caracóis, a fabulosa salamandra, brincam os irrequietos lagartos de olhos vivos, espreitam as preguiçosas serpentes, e enroscam-se gordos tatus; por cima das plantas baixas corre o veloz veado, seguido pela onça faminta e abre caminho a anafada anta barulhenta. Por entre as mimosas e sob o teto acolhedor das palmeiras voa o colibri, chamado beija-flor pelos brasileiros, indo e vindo de flor em flor, e enormes borboletas flutuam no ar em vôos silenciosos e sonhadores. No cimo dos elevados cedros o tucano grita e amola o bico, e entre as ramagens duma mata de Araucárias, onde amadurecem frutos preciosos, vivem em alegre sociedade bandos de macacos de longas caudas; saltando dum galho para outro, delicados e ágeis esquilos fogem assustados com a gritaria dos bandos de papagaios verde-esmeralda. Mas ao explorador não é possível, logo ao entrar na floresta, apreciar esta multiplicidade de formas de vida; o que se move por trás das ameias verdes da floresta ele apenas ouve. O que se passa por trás do verdor e do cipoal impenetráveis só lhe é dado observar em raros casos esporádicos; só nas margens de algum rio ou na clarabóia aberta pela queda de uma árvore poderá ter a sorte de vislumbrar os habitantes desses misteriosos labirintos.

Tendo avançado mais, chegamos a um local aberto, onde as árvores esguias se elevavam mais livremente e a vista podia alcançar mais longe. Aqui me foi pela primeira vez possível acompanhar até ao cimo da árvore o emaranhado das lianas. Uma espécie de Bauínia, que os brasileiros chamam “Escada-de-macaco”, porque lhes serve para subir até seus alegres mirantes, chamou particularmente minha atenção.

Não obstante levar comigo minha espingarda, para satisfazer meu prurido de caçador, não encontrei, nas minhas primeiras horas na floresta virgem, em que atirar. Só para a tarde, quando fizemos alto na margem de um rio caudaloso para preparar nossa frugal refeição, uma

sombra passando pelos nossos pés me fez olhar para cima e vi um grande pássaro preto com o peito encarnado, mais ou menos do tamanho dum corvo.

– Esse é um pássaro curioso – disse o peão perto de mim, apontando para cima –, nós o chamamos “Sexta-Feira da Paixão”.

– Que relação tem ele com esse dia? – perguntei.

– Esse pássaro – foi a resposta –, o senhor pode crer ou não, é invulnerável na Sexta-Feira da Paixão. Um dos nossos caçadores da colônia já pôs isso a prova e convenceu-se da verdade.

O homem pareceu ficar ofendido com o meu sorriso de incredulidade, pelo que lhe assegurei que não poria em dúvida sua palavra por mais tempo.

Nesse ínterim os homens, depois de muito trabalho, tinham conseguido acender uma fogueira e, tendo posto na panela que trouxéramos o feijão preto, uma espécie peculiar do Brasil, e o toicinho, pusemo-la ao fogo para cozinhar.

Com mais cuidado do que o meu pessoal, fiz um exame minucioso do lugar onde pensava repousar, estendi o poncho sobre a relva viçosa, olhando desconfiado em volta, receoso de que houvesse algum réptil venoso nas vizinhanças. Eu não tinha ainda visto nenhum desses nocivos animais, mas o europeu tornado receoso devido às inúmeras histórias que ouve não pode dominar o medo desses répteis que os nativos olham com indiferença. O homem acostuma-se a tudo, e assim também à provável vizinhança das serpentes na floresta; aliás, muitas das histórias sobre elas são exageradas. Não se pode negar que há aqui muitas serpentes, mas um caso fatal de que tenham sido causa pertence ao número dos raros.

Mal me tinha ajeitado no meu poncho e posto no descanso o cão ainda armado de minha espingarda, ouvi um assobio curioso e ruídos na copa da árvore mais próxima, que os peões imediatamente me disseram ser de um bando de macacos. Levantei-me depressa e corri para o ponto de onde vinham os sons. De fato, a uns cinqüenta passos de distância do nosso acampamento vi trepando e saltando por entre os galhos oscilantes, perseguindo-se e brigando por causa dos frutos, um bando de macacos pretos em atitudes sumamente cômicas, que olhavam

muito espantados para nós e, quando me aventurei perto demais de onde estavam, armaram-se de pedaços secos de galhos e de cascas para obrigarem-me a recuar. Por alguns momentos não me importei com a pouco cortês recepção, até que, por fim, um dos seus mísseis me atingiu em cheio no rosto, causando-me viva dor e, antes que eu pudesse tirar das mãos de um dos meus homens a espingarda que me trazia, impelido pelo seu instinto de caçador, disparou-a ele contra um dos nossos antepassados pretos; os outros fugiram, mal ouviram a detonação. Ouviram-se então gritos pungentes e, fraco demais para se manter no galho, o macaco atingido caiu a nossos pés. Só então vi que trazia um macaquinho às costas, que gemendo de medo se agarrava ao pescoço da mãe moribunda. Saltamos sobre ela e tiramo-lhes o pequeno órfão; a macaca ferida de morte tinha um ar tão pungente, que quase lamentei o tiro se a posse do lindo animalzinho não me tivesse feito depressa esquecer o doloroso olhar da mãe. Devo notar aqui que a luta com a morte em algumas espécies de macacos e seus gemidos e gestos são tão semelhantes aos humanos, tão comoventes, que o europeu que os testemunhou uma vez raramente se decide a mandar-lhes novamente uma bala mortífera. Nosso pequeno prisioneiro pertencia à raça dos macacos Assobiadores, também chamados capuchinhos, e foi por muito tempo meu amável companheiro, durante minha permanência nessas regiões, até que, num acidente infeliz, o pequeno amigo encontrou a morte em consequência de envenenamento.

O preparo da nossa refeição, que afinal tomou a forma, numa panela fumegante, de um caldo cor-de-chocolate de aspecto duvidoso, levou mais tempo do que eu calculara, e o calor do meio-dia, que já antes estava insuportável, aumentara tanto durante aquela pausa de duas horas, que tive vontade de tomar um banho refrescante na água clara das bacias formadas pelas rochas num arroio que por ali passava. Antes, porém, de examinar melhor o local, avistei na margem, entre os ramos de uma árvore coberta duma bela floração que os colonos, por suas folhas podem ser transformadas em alimento, chamam “Backbläter” \*, enroscando-se silenciosamente entre a folhagem uma cobra-de-água de quatro a cinco pés de comprimento. Diante disso passou-me inteiramente o desejo de tomar banho. Todavia os peões asseguraram-me que essa es-

\* Não tem equivalente no vernáculo. A tradução literal é: folha para assar. (N. T.)



pécie de serpente pertence ao número das não venenosas, e para me convencerem um deles segurou habilmente o réptil pela cabeça, para então matá-lo. Maravilhoso foi o que me afirmaram nessa ocasião, isto é, que o corpo das serpentes depois de mortas não deixa de mexer-se enquanto o sol não se põe. Mais tarde certifiquei-me, em parte, da verdade dessa asserção.

Quando recomeçamos a marcha e eu, para me entreter, tomei parte ativa com o facão no avanço pelo emaranhado das lianas, sem prestar atenção onde desferia meus rijos golpes, meus trabalhadores gritaram de repente alarmados, e eu mesmo vi imediatamente o motivo do alarme. Um enxame de vespas, tão denso que formava uma nuvem opaca, avançava contra nós, obrigando-nos a correr. A determinação e a fúria daqueles animaizinhos, cujo ninho, certamente por inadvertência, nossos golpes tinham atingido, era tal que nossos pés não nos levavam depressa bastante para longe deles. Uns cinco ou seis voavam sem cessar a meu lado, até que, agitando vigorosamente meu chapéu de feltro, consegui matá-los. Contudo, ainda me ficaram nas mãos e no rosto os sinais de sua represália. Segundo me contaram, o encontro com um enxame dessas vespas é muitas vezes mais perigoso que com uma fera. Pessoas que, caminhando pela floresta virgem, encontraram-se fortuitamente com um desses enxames consta até terem morrido em consequência das terríveis ferroadas.

Não nos custou pequeno esforço sair dos esconderijos onde nos tínhamos refugiado. Reunimo-nos novamente, e vi, quando finalmente nos encontramos, para meu consolo, que todos tinham tido como eu o seu quinhão da aventura. Não ousávamos, porém, de forma alguma continuar no mesmo rumo, agora ocupado pelas vespas. Tive, por isso, de me conformar com o inevitável e, com o auxílio dos instrumentos, contornar o ponto perigoso, fazendo um pequeno desvio.

O fim do dia se aproximava e pensei em procurar o lugar onde tínhamos resolvido pernoitar. Era ele uma plantação solitária, que pelos meus cálculos devia ficar a cerca de boa meia hora para o lado da nossa picada. Depois de termos marcado, por meio de diversos sinais, o lugar onde na manhã seguinte teríamos de recomeçar nosso trabalho, arrumamos os instrumentos, e ora agachando-nos sob os ramos açoitados pelo vento, ora trepando pelas encostas pedregosas dum vale cercado

de rochas e depois atravessando, aliviados, novamente, o capinzal fácil de afastar, trilhamos o penoso caminho de volta.

Cada vez se tornava mais difícil orientarmo-nos no meio onde nos encontrávamos; os enormes troncos secos dos gigantes da floresta cada vez pareciam mais fantásticos acima de nossas cabeças. Começamos a ouvir as notas cadenciadas dum ferreiro, um pássaro branco com as interseções das asas azuis, do tamanho dum pombo, cujo grito anuncia a aproximação da noite. No horizonte já brilhavam algumas estrelas, e um frescor macio amenizava o ar. A noite começava a cair; a noite na grande, vasta floresta virgem. Tínhamos tentado sem cessar abrir caminho com os nossos facões, mas a desejada claridade não se queria mostrar. Eu parara, tentando, com o auxílio de um fósforo, consultar minha bússola, quando me sobressaltei ouvindo o grito de dor de um dos meus homens que iam na frente.

– Que há? – perguntei sobressaltado; e responderam-me: – O João está caído, sangrando.

– É possível? Como foi isso? – gritei, acendendo uma pequena vela de cera que trazia comigo, por prevenção.

Um dos peões contou então que avançavam na floresta um pouco alvoroçados por ter caído a noite, sem se terem apercebido de que João tinha-se demorado diante dum obstáculo mais difícil, e aconteceu que o homem que vinha atrás dele com o facão erguido para golpear o mato ferira-lhe as costas. Por felicidade eu levava comigo uma pequena caixa com ataduras, esponja e esparadrapo, com o que pude estancar o sangue que corria da ferida. O ferimento era só na carne, mas o pobre rapaz devia estar sentindo muita dor, porque demorou muito tempo antes que pudesse levantar-se e acompanhar-nos, amparado por um companheiro. Advertidos por este acidente procuramos com redobrados cuidados uma saída, o que só conseguimos depois de indizíveis dificuldades e já muito tarde da noite.

A pousada foi num velho barracão de madeira abandonado, que teria servido para guardar as espigas de milho colhidas na plantação. Nenhum leito macio esperava nossos corpos fatigados. E tendo derramado tanto suor durante o dia sob o calor abrasador, éramos tanto mais sensíveis ao frescor da atmosfera úmida da baixada onde ficava a plantação. Contudo, depressa caí num sono profundo e benéfico.

Plantações como esta que encontrei aqui são pequenas áreas que os colonos arroteiam muitas vezes, longe de suas vivendas, nas profundezas das florestas virgens por meio de derrubadas, para experimentar a fertilidade da terra. Na maioria dos casos as abandonam em pouco tempo, a despeito de todo o trabalho empregado na nova terra adquirida, e o viçoso mato, arbustos e árvores, depressa apagam esses passageiros vestígios da atividade humana.

No dia seguinte nossa caravana se pôs novamente em movimento, e assim, de dia para dia, fui conhecendo a floresta virgem com os seus maravilhosos aspectos, a que ainda me ligariam muitos insólitos acontecimentos. Adquiri também, com a demorada permanência nas florestas, certos conhecimentos, que os novatos só depois de amargas experiências adquirem. Aprendi a conhecer as inúmeras árvores, Grapiá, Pinhoã, Canela, Louro, Catiguá, Timbaúba, Cabreúva, e muitas outras mais, diferenciá-las pela sua aparência, e a conhecer suas utilidades; sabia desembaraçar-me nas situações mais difíceis, desafiar os perigos que a floresta virgem oferece com as suas torrentes caudalosas, precipícios e súbita presença de paredes de rochas detentoras, seus habitantes hostis multiformes, e, contudo, sucedia-me nesta viagem quase diariamente algo novo e incomum. Seria enfadonho para o leitor se eu quisesse narrar circunstanciadamente as aventuras que vivi; quantas vezes descemos de vertiginosas alturas a grandes profundidades pelo cabos vivos das lianas, como subimos pelo leito de caudalosos riachos até ao cume de montes, de onde aos meus olhos maravilhados se revelava uma turbilhonante cachoeira cuja beleza até então a tranqüila floresta vedava; de que prazer me encheu o tiro certo que me proporcionou a pele mosqueada duma onça como troféu de caça! Tudo isto a fantasia dos leitores poderá completar. Por agora seja-me só permitido acrescentar que nenhuma dessas coisas aparentemente tão perigosas me levou a evitar a floresta virgem.

Um ano tinha-se depressa passado e eu já me habituara à idéia de demorar-me ainda mais tempo nas florestas solitárias no exercício de minha profissão, quando as mais pequenas criaturas desse mundo exótico, os insetos, quase imperceptíveis aos nossos olhos, que são em geral tidos como a maior praga das regiões tropicais, me tinham aos poucos posto nesse penoso estado que já tem obrigado muitos viajantes a tomarem o

caminho de volta. Dentre eles foi um animalzinho, uma espécie de trombeteiro que os brasileiros chamam Micuim, e que vive na relva fresca, que me atormentou até ao desespero. Assim que pousavam em cima da pele, apareciam pequenos pontos vermelhos quase invisíveis e depois enterravam nela seu comprido ferrão ao morrer, deixando uma irritação venenosa, causadora durante semanas duma comichão tão desagradável que eu era obrigado a coçar-me ininterrupta e violentamente. A isso seguia-se uma inflamação que só cessava quando o pequeno corpo estranho era expelido. Esse estado, que se manifestou em mim com uma violência incomum e a que resisti por muito tempo, atacou-me por fim os pés, que incharam de maneira a não me poder calçar, obrigando-me a abandonar minha vida nas florestas por muito tempo, para tratar-me na cidade, à distância de muitos dias de viagem.

Mais tarde ainda me demorei a miúdo nas florestas das províncias do sul do Brasil, e com mais demorada permanência na América do Sul vim a conhecer também as florestas do norte desse país. Pude assim certificar-me de que o número de famílias, gêneros e espécie de plantas é grande demais para mencionar detalhadamente, a não ser num tratado de botânica, a utilidade e propriedade de cada uma em descrição de viagens. Contudo, este capítulo não pode ser encerrado sem referências a alguns vegetais dignos de reparo.

Destaca-se pelo seu tamanho e desenvolvimento a Gameleira, com seu tronco anfractuoso perpendicular e suas raízes angulosas estendendo-se por grandes distâncias por cima da terra, o gigantesco Angico com sua madeira tão rija, de grande utilidade, e suas folhinhas macias peniformes que murcham depois do sol posto, e a planta maligna das florestas do Rio Grande do Sul, a Mata-Olhos, cujo suco leitoso corre abundantemente da casca quando ferida e ameaça de cegueira os olhos humanos quando os atinge. Nas zonas mais baixas da região do Amazonas, principalmente, cresce a palmeira Babunha (*Gulielma speciosa*), que se encontra também em outras regiões da América do Sul, até a 3.000 e 4.000 pés de altitude. Os frutos amarelos-ouro, em forma de pêra, desta árvore, quando cozidos ou assados sabem a nossas verdadeiras castanhas, e são um manjar querido dos índios, que por isso tratam-na com especiais cuidados. Mais importante ainda nessa região é a palmeira Açai (*Euterpe oleoracea*). Os frutos, em forma de ameixas, desta palmeira, servem para

preparar um prato largamente conhecido e muito apreciado no Amazonas e no Pará, que as moças índias preparam durante todo o ano, para seu uso e para vender.

A utilidade da palmeira Piaçaba (*Atalea fubufera*) é conhecida por toda parte, até mesmo na Europa, onde, sobretudo nos últimos tempos, o uso das vassouras e escovas feitas das suas fibras tem-se propagado largamente. No Brasil essas fibras substituem em parte em muitas aplicações o nosso cânhamo. Uma bela palmeira do Amazonas, a Buçu (*Manicaria saccifera*), serve para a construção das cabanas dos índios, bastando uma só de suas folhas para fazer a porta.

Entre as demais árvores do Brasil não pode ficar esquecida a Seringueira (*Siphonia elastica*), que fornece o caucho. Este consiste no suco leitoso da árvore endurecido ao ar, que antes mesmo de se tornar um dos mais lucrativos produtos de exportação do Brasil já era empregado pelos índios em canudos de cachimbo e outros objetos. À Salsaparrilha e à Ipecacuanha, duas plantas medicinais importantes, já nos referimos antes. A Baunilha é também planta silvestre das matas do norte do Brasil; contudo, é pouco colhida e mal preparada. Muitas outras árvores e plantas fornecem produtos medicinais e drogas conhecidas, com os quais os nativos fazem um comércio muito lucrativo. Uma espécie de palmeira, a Carnaúba (*Copernicia cerifera*), produz, só para lembrar essa maravilha da natureza, nas suas folhas uma cera de que se fazem velas e que é largamente empregada para outros fins, de maneira que sua exportação monta anualmente a 300.000kg e até mesmo a um milhão.

Como se pode deduzir do que acima fica dito, a riqueza das florestas e dos campos em frutos silvestres e comestíveis é muito grande. A banana, por exemplo, é uma verdadeira bênção para os habitantes do país. Quiseram sustentar que essa planta foi primeiro introduzida do Velho Mundo na América do Sul, mas os diversos modos como ocorre e a variedade de nomes pelos quais, mesmo os índios, nos primeiros tempos, a chamavam, provam que ela é nativa. Historicamente, pelo menos, não se pode traçar o roteiro de sua introdução. A planta compõe-se de altas hastes arbóreas cujas largas folhas, semelhantes a palmas, abrigam os grandes cachos de frutos aglomerados. Estes têm a forma dum pepino e sabor semelhante ao da nossa pêra. Devido à sua excelên-

cia e utilidade, são sempre plantadas bananeiras nas proximidades das habitações, nos jardins e quintais, como as igualmente úteis laranjeiras.

Muitas espécies de Sapucaias, entre elas a Sapucaia-Mirim, com cujas saborosas nozes de casca dura os índios fazem cuias como as das cabaças; a bela e delicada Bacuri, com seus frutos polposos e aromáticos; a Sorveira, são todas dons apreciáveis da natureza.

Um prato muito saboroso chamado Jenipapo, famoso no leste do Brasil, é preparado com os frutos verde-pardos do Jenipapeiro (*Genipa brasiliensis*). Árvore muito disseminada, muito cultivada, mas nada bonita, é também o Cajueiro, com os seus esquisitos frutos duplos. O perianto se intumesce ao amadurecer, tomando a forma duma pêra, e traz na extremidade uma espécie de castanha com a forma dum rim, que se come assada e cujo sabor é semelhante ao da aveia. A intumescência em forma de pêra do perianto, porém, que se deixa espremer como uma esponja, contém em grande quantidade um suco sumamente refrescante, de sabor acidulado muito agradável, que os brasileiros, especialmente no calor, bebem com prazer e que passa por ser muito saudável.

Além dessas dão frutos, saborosos, o Umbuzeiro, a Cajazeira, o Mamoeiro e a Imbaúba mansa, cujos frutos se assemelham à nossa uva e são muito procurados tanto pelos índios como pelos colonos. O Maracujá (*Passiflora maniflora*), muitas Mirtáceas e Psídios pertencem igualmente ao número de plantas que fornecem aos habitantes alimentos sadios e condimentos. A Castanheira brasileira (*Bertholetia excelsa*), bela e grande árvore, cujos frutos são introduzidos no comércio sob o nome de castanha-do-pará, é certamente bastante conhecida. Devemos mencionar também ainda aqui o Cacaueiro, que ocorre, em diversas espécies, junto com a Salsaparrilha, e representa um papel importante no comércio brasileiro.

Muitas partes de diversas Convolvuláceas e outras plantas que crescem nas florestas são aproveitadas e transformadas em coisas úteis; e muitíssimo interessante neste sentido é a quantidade de produtos aproveitáveis que se encontram na flora brasileira. Nas sementes de gigantesas Bombáceas encontra-se algodão de todas as cores, outras plantas fornecem matéria-prima para a fabricação dos mais belos chapéus, e outras, ainda, fibras para cordoaria. Da semente da Barriguda tira-se uma fibra semelhante à seda, fácil de ser trabalhada.

São importantes pela sua casca o Tauari e o Jatobá. O primeiro dá aos índios o material para a confecção duma espécie de camisa comprida; o segundo é empregado na construção de barcos.

As florestas brasileiras são muito ricas em madeiras preciosas, tanto para tinturaria como para construção e marcenaria, que na Alemanha seriam compradas a peso de ouro, se fosse fácil obtê-las. Todos conhecem certamente o Pau-vermelho do Brasil, ou Pau-de-pernambuco, que no começo foi artigo raro no comércio, mas hoje chega em massa até nós como lastro de navios. É a *Cesalpina echinata brasiliensis*. É também grande a quantidade de outra madeira para tinturaria, a Tatajuba (*Brunsonetia tinctoria*), que é exportada pelo Brasil. Ambas estas espécies, aliás, têm diminuído muito devido à derrubada, inconsiderada, em todos os lugares de venda. O emprego das madeiras nas construções navais e mobílias é, como é natural, extraordinariamente grande, e seria difícil citar qualquer delas como a mais valiosa. Pela sua estrutura e bonita cor, o Jacarandá, ou Pau-viola, há muito conhecido na Alemanha, é excelente para trabalhos de marcenaria (o valor da exportação só dessa madeira, em 1872, foi de 2.100.000 marcos; de 1869 a 1874 montou, porém, a 2.364.750 marcos). Da mesma maneira a madeira do Cajueiro-do-mato, ou Camará, do Pau-rainha, da Moirapiranga, da Moirapinima, uma leguminosa, e sobretudo o Cedro.

Para carpintaria e construção emprega-se o Pau-mulato, semelhante a uma Mirtácea, e as diversas espécies de Louros. Resta mencionar uma das árvores mais úteis das florestas virgens brasileiras, a gigantesca Maçaranduba (*Mimusops elata*), que dá excelente madeira de construção; fornece ao mesmo tempo rica seiva leitosa semelhante ao leite de vaca, que se supõe ser bebida nutritiva e que no Pará se usa adicionada ao café e ao chá, motivo pelo qual esta árvore é também chamada *árbol del leche*, na vizinha Venezuela.

Causa ao europeu estranha impressão quando vê em terras brasileiras os móveis e trastes os mais simples de uso comum fabricados com as madeiras mais custosas, na sua concepção, e o exotismo do novo ambiente por toda parte para onde volta os olhos; Jacarandá e Cedro representam lá o pinho geralmente usado entre nós. Todavia, esses móveis raramente correspondem ao material empregado ou são cuidadosamente trabalhados. São usados indiferentemente os preciosos pro-

ditos da natureza, que o povo do Brasil, não tendo ainda alcançado alto grau de cultura, não aprecia devidamente. E hão de passar talvez ainda séculos, antes que esses tesouros sejam verdadeiramente apreciados e empregados de acordo com o seu real valor.\*



*Pau-Brasil*

---

\* O catálogo da Exposição Universal de Filadélfia enumera as madeiras empregadas na arquitetura, na construção civil e naval, na marcenaria e pela engenharia militar: entre as Apocíneas, 4 espécies diferentes, entre as Autocarpas, 5, entre as Leguminosas, 45, entre as Terebintáceas, 5, as Lauríneas, mais de 9, entre as Meliáceas, 3, muitas Proteáceas, entre as Miristicáceas, Rubiáceas e Bignoniáceas, 10, entre as Rutáceas, 4, entre as Eritroxíleas, 2, entre as Mirtáceas, 10, entre as Gutíferas, 2, diversas Malpighniáceas, 7 Sapotáceas, 2 Coníferas e certamente mais de 120 famílias de plantas.



.....

## Capítulo III

### A FAUNA

**N**as viagens através das florestas já havia encontrado alguns representantes da muito rica fauna brasileira, que no entanto só representavam pequena fração dela. Os campos, como as florestas virgens, os rios, os lagos e o ar são povoados por numerosas criaturas de toda espécie. Os símios, sobretudo, de que existem lá 50 espécies conhecidas, são característicos do Brasil. Particularmente no Norte, perto do Equador, há grande quantidade de macacos. Os mais espalhados são os macacos uivadores (*Mycetes*), que vivem em grandes bandos no fundo das florestas e pela manhã muito cedo fazem ouvir horríveis uivos. Um dos membros do bando fulvo puxa o coro e os outros respondem a esse inarmônico intróito com uivos iguais. Ao lado dos macacos uivadores há também alguns *Áteles*, que de algum modo representam o Oranotango. Estes são freqüentemente domesticados e vivem nas cabanas dos índios. Uma espécie de Coatá (*Áteles paniscus*) comum no Amazonas é o favorito dos índios, devido ao seu tamanho e ar cômico. Caracteriza estes animais rara quietude e bom humor, juntos a alto grau de astúcia. Suas caras, muito parecidas com as humanas, que contorcem nas mais

cômicas caretas, foram a causa de lhe darem em geral o nome de “moleques”, usado para os meninos filhos dos negros. O macaco lanzudo (*Lagothrix*), o macaco-prego (*Cebus*), o macaco-capuchinho, com o seu grito trinado como de flauta, motivo pelo qual os franceses o chamam *Singe pleureur*, os macacos de cauda preênsil, o sagüi preto, ou guariba, são muito comuns.

Uma espécie singular é a dos macacos notívagos, assim chamados pelos seus hábitos noturnos. Vivem quietos e esquivos em pequenos bandos, dormem de dia ocultos pela espessa folhagem, apertados uns contra os outros, e saem à noite para comer. Sua aparência faz lembrar os gatos e as martas. Inofensivos como esta espécie são também os saimiris e os Macacos-saltadores (*Chrysothrix* e *Callithrix*), de que são conhecidas cerca de 10 espécies no Brasil.

Os menores são uns macaquinhos graciosos, que os brasileiros chamam Sagüis, de que há 14 espécies. Esses animaizinhos, extremamente delicados, que parecem intermediários entre o macaco e o esquilo, deixam-se domesticar muito facilmente, e devido a sua vivacidade e mimosa aparência são freqüentemente encontrados nas casas. Acostumam-se por tal forma com os seus donos que, sentindo aproximar-se algum perigo, ou o frio da noite, procuram a proteção e o calor no seu corpo. Muitos são pequeníssimos, pouco maiores do que um ratinho; raramente, porém, seu corpo atinge mais de nove polegadas de comprimento. Algumas espécies têm cara, pescoço e nuca emoldurados por pêlos compridos, como juba, dispostos em forma de gola, motivo por que são também chamados “macaquinho-leão”. Entre os mais delicados macaquinhos (*Hapalídeos*) está o Mico do Amazonas. São numerosos os macacos desta família, habitando as florestas virgens da zona tórrida, mas é excessivamente difícil, quase impossível, levar viva para a Europa uma dessas criaturinhas, tão habituadas estão às altas temperaturas. Têm sido freqüentes as tentativas para levar um desses encantadores animaizinhos como lembrança do Brasil para a longínqua Europa, mas, a despeito dos cuidados, em regra sua delicada constituição não resiste por muito tempo a influência de céus mais rudes. Sendo os micos, na Bahia, por exemplo, tão comuns como animais favoritos de velhos e moços, de ricos e pobres, não se consegue mantê-los vivos em lugares apenas alguns graus mais ao sul.

Os macacos são, em geral, tímidos e raramente se deixam ver, só os seus gritos em regra revelam sua presença. E como é divertido vê-los e observá-los nos seus galhos, sabem-no todos quantos já viram muitos macacos reunidos nos jardins zoológicos ou numa *ménagerie*. Não resistem, porém, a uma tentação: são ladrões astuciosos e roubam na vizinhança das habitações tudo o que lhes parece bom para comer. Em compensação, de vez em quando os brasileiros tiram-lhes a pele para assá-los e comê-los. Vi muitas vezes meus homens matarem macacos e assarem-nos no espeto. Os brasileiros não podiam compreender por que eu não partilhava dessa refeição, assegurando-me que esse assado era muito saboroso. Contudo, eu não podia superar o preconceito contra a carne de macaco, tanto mais por ter o animal esfolado no espeto grande semelhança com o corpo humano. A pele, como é sabido, encontra também aplicação entre nós.

A abundância de macacos no Brasil fez com que dessem ao país, particularmente entre os colonos, por troça, o nome de “País dos Macacos”, como outrora, devido à abundância de papagaios, foi chamado “Terra dos Papagaios”.

Verdadeira praga em muitas zonas, especialmente para a criação de gado, são os morcegos sugadores de sangue que caem em cima dos animais adormecidos e atormentam-nos até matá-los. Todos conhecem a fábula dos vampiros, que aqui se torna realidade, embora as histórias de que criaturas humanas tenham sido atacadas pelo morcego vampiro (*Phlylostoma spectrum*) não tenham sido confirmadas por todos os viajantes. O maior de todos os morcegos brasileiros é o *Phlylostama hastatum*, conhecido também pelo nome popular de guandirá, ou andirá. Esse grupo de mamíferos tem também grande utilidade, porquanto destroem anualmente grande número de insetos nocivos.

As feras no Brasil são menos para temer que noutros países quentes. No seu número figuram em primeiro lugar diversas espécies de felinos, entre os quais a onça (*Felis onça*) ou jaguar e o cugardo. A onça é um animal forte que às vezes ataca o gado; os homens, só quando as irritam, e os de cor de preferência aos brancos. Muito menos ousado ainda é o cugardo, de cujo ataque o homem nada tem que temer.

Da família dos Canídeos encontram-se muitas espécies, entre as quais a bela raposa-chacal, que habita as vastas campinas. Além dela

são dignos de menção entre os mamíferos brasileiros a lontra e duas espécies de *Galictis* semelhantes a martas.

Criatura nada agradável é a Maritacaca, que exala fedor tão insuportável, que anuncia sua presença a grande distância. Roupas, quer de pano, quer de couro, que entram em contato com ela, não podem mais ser usadas, devido ao intolerável mau cheiro de que ficam impregnadas.

Um dos carnívoros mais comuns é o Quati (*Nasua rufa*).

Grande quantidade de marsupiais e roedores de diversas espécies povoam as florestas e campos e chamam a atenção do estrangeiro pelas suas formas características. Mas todos os velhos conhecidos da Europa parece encontrarem-se também aqui, como os vivos esquilos, que alheados aos perigos da floresta virgem saltam e correm, descendo e subindo pelos troncos e galhos das grandes árvores.

São inúmeros os ratos e camundongos, que em quantidade verdadeiramente assustadora passeiam pelas habitações, até mesmo nos quartos e corredores, tornando a permanência no país das palmeiras e das laranjeiras sumamente desagradável. Conforme suas diversas especialidades e campos de ação, há ratazanas e camundongos, rato-ouriço, rato-de-celeiro, rato-d'água, rato-do-mato, ratos migrantes e outros mais. Muitos destes animais podem ser considerados como imigrantes fartos da Europa; a maior parte, porém, pode ser considerada nativa.

São característicos um grupo de porcos-espinhos e de roedores subungulados, entre os quais se destaca a paca. Esta é um animal estúpido que, pouco providente, é facilmente encontrada pelos caçadores e abatida em grande número, por causa de sua carne saborosa. A anta, ou tapir, o maior dos roedores, com três a quatro pés de comprimento, e os preás também são caçados. Menos apreciada é a lebre brasileira, lá chamada coelho, que se encontra em relativa abundância na floresta e nos campos, mas cuja carne não se pode comparar, em sabor, com a da lebre alemã.

Os animais mais esquisitos das florestas sul-americanas são a preguiça, o tatu e o tamanduá. A preguiça parece ter sido feita unicamente para a vida nas árvores, de onde às vezes não desce durante longos períodos, e quando isso acontece é só para beber, porque só se alimenta de folhas. Da lentidão dos seus movimentos, que, aliás, muito se exagera, tira esse animal seu nome. Os índios chamam-no Aí, nome tirado tam-

bém do seu grito agudo. O caçador na floresta raramente enxerga a preguiça, porque ela se conserva a maior parte do tempo imóvel no galho escolhido – dificilmente podendo ser distinguida da sua casca. Vive também quase sempre só, quando muito acompanhada do filho que carrega às costas e que só sai dessa posição depois de adulto. São, por natureza, criaturas inofensivas, que não fazem mal a ninguém.

O viajante encontra muito mais amiúde o tatu, mas só à hora do crepúsculo, porque raramente deixam a toca, sob a terra, durante o dia. São agilíssimos cavadores de terra, e muitas vezes me aconteceu que o animal, tendo sido avistado a poucos passos de distância, antes de poder alcançá-lo, já se tinha metido debaixo da terra. A despeito de seu pequeno tamanho, desenvolve uma força tal que quase não se pode arrancá-lo da toca. Em geral a carne do tatu, de que há cerca de seis espécies no Brasil, é tida como saborosa, e da sua couraça se fazem muitas coisas úteis. Servi-me muitas vezes dessa carne, quando não havia outra coisa, mas achei-lhe sempre um gosto de terra, um gosto peculiar à carne do texugo, e também cheiro um pouco desagradável, embora ele não se alimente senão de insetos, formigas, larvas de besouros, etc. Por muito tempo diverti-me domesticando esses animais e conservando-os no meu quarto; mas o barulho que faziam durante a noite e o cheiro ativo que exalavam essas, aliás, mansas criaturas fez com que depressa as afastasse de mim.

Um mamífero relativamente grande do Brasil é o tamanduá, que se encontra amiúde nas florestas e nos campos e, como é sabido, se nutre de formigas, que apanha com a comprida língua. Sua bonita pele preta e branca e a soberba cauda frocada, que lhe serve de apoio quando trepa, dá-lhe uma aparência peculiar.

As espécies de veados e corças que existem no Brasil são semelhantes na aparência e nos hábitos às européias, somente as galhas dos primeiros são menos desenvolvidas; sua carne também é muito inferior à da dos europeus.

Dentre todos os animais da floresta os índios e mesmo os colonos caçam de preferência as muitas espécies de porcos selvagens, que, aliás, também são semelhantes ao javali europeu, embora se notem entre elas muitas diferenças, sobretudo numa glândula almiscarada que têm nas costas. Andam em grandes bandos de 50 a 60 e são mortos pelos

índios com flechas e também por meio de alçapões cavados no chão. Causam grandes estragos nas plantações dos colonos, que dificilmente se podem defender desses danos. Muitas tribos de índios têm também preconceito e aversão a essa carne de porco.

O maior mamífero do Brasil é indubitavelmente o tapir, ou anta, que é mais ou menos do tamanho dum vitelo e se assemelha muito ao porco comum. Vive relativamente só no fundo das florestas, sem contudo pertencer às raridades nelas encontradas. Como o veado, tem o tapir seus hábitos regulares, e percorre, por exemplo, com a maior regularidade, o mesmo caminho para o local onde vai beber. Por isto não é difícil caçá-lo, quando se consegue atravessar sua rija pele com uma bala. Devido às qualidades especiais do seu couro, também por sua carne, é o tapir muito procurado. Os caçadores, porém, falham muitas vezes, porque raramente lhes ocorre usar balas em vez de chumbo. Apanhada quando pequena, a anta deixa-se domesticar tão facilmente que muitas vezes ocupa o lugar do porco, entre os índios.

Entre os mamíferos brasileiros deve-se incluir ainda o manatim, ou peixe-boi, que habita os grandes rios perto da costa, como a baleia, esse monstro aquático que atinge às vezes 20 pés de comprimento e pesa de 70 a 80 quintais\*. É útil por causa do azeite, de que se pode extrair dum exemplar muitas vezes até 500 galões\*\* e é arpoado como a baleia. Sua carne não tem mau gosto mas é muito gordurosa. Com o manatim encontram-se às vezes, particularmente na enseada do Amazonas, consideráveis bandos de golfinhos.

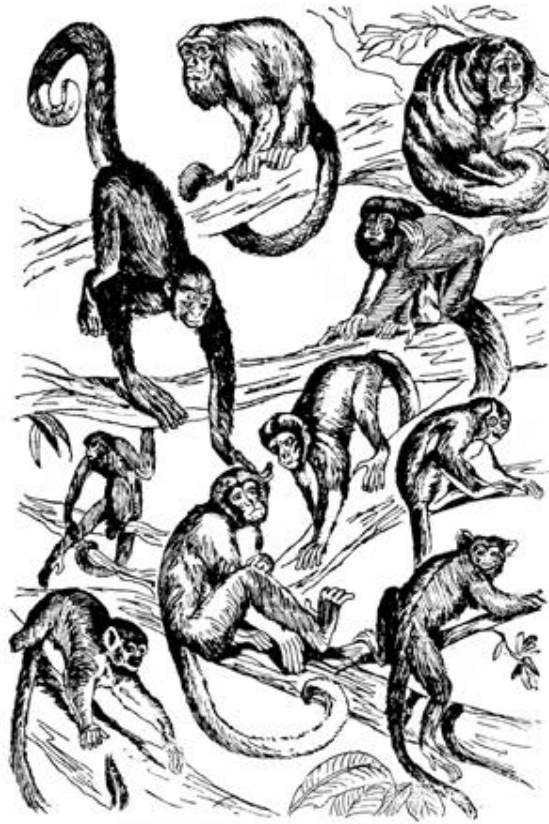
As baleias e cachalotes têm, ao contrário, diminuído muito nas costas brasileiras.

A variedade de aves no Brasil é prodigiosa, e apresenta tantas originalidades como certamente em nenhuma outra parte do mundo. Há os originais tucanos, e os lindos colibris, já mencionados, que adejam em todas as direções fazendo cintilar sua linda plumagem e sugando, em pleno vôo, o néctar das flores com a comprida língua musculosa; os tão simples anuns-pretos, os Cucos brasileiros, que, menos poeticamente, procuram alimento trepados no dorso dos bois, nos inúmeros insetos que os atormentam. O fleugmático jacamar, designado pelos habitantes

\* O quintal alemão tinha 100 a 120 arráteis, e o arrátel, 0,459 kg. (N. T.)

\*\* O galão tem 4,5 litros. (N. T.)

*OS MACACOS INFESTAM AS MATAS*



*Existem lá mais de 50 espécies conhecidas*

pelo nome de João-tolo, os alegres xexéus, o laborioso pica-pau, os manaquins de cores vivas, os tangarás de plumagem luzente, e muitos outros animam o arvoredo e as florestas. Pássaros que são o ornamento de coleções de História Natural, voam aqui em grande número e encantam com a beleza e riqueza de sua plumagem. Sendo porém tão lindo o seu exterior, sabem muito pouco encantar com seu canto. Na maioria são gritos ásperos e estridentes que se ouve, dos cantores da floresta, não obstante 133 dessas espécies de pássaros serem tidos como canoros. O grito do pavão e o martelar do ferreiro são peculiares, mas não são absolutamente harmônicos. Na arte do canto sobressai entre todos o sabiá, que no entanto poderia no máximo entrar em competição com o melro. Os tentilhões e as carriças parece que perderam o talento musical no Brasil e desceram para o grau de cantores-ambulantes, cujo canto não agrada nem mesmo aos brasileiros, que nesse sentido não estão mal acostumados.

Os pássaros no Brasil entendem mais de construção de ninhos que de música; sabem fazer seus ninhos de todas as formas e com todos os materiais; ora são cabanas de barro entre os galhos duma árvore; ora delicados leitos formados de algodão e seda vegetal sob um teto de folhas, ou dão-lhes a forma de estranhas habitações compridas em forma de bolsas.

Aves de arribação não há no Brasil, devido ao seu clima relativamente uniforme.

Na ordem das aves de rapina, que se tornam úteis pela extinção de inúmeros insetos, anfíbios e cadáveres em decomposição, conhecem-se 33 espécies. Corujas, abutres, entre estes o urubu de cabeça vermelha semelhante à do peru e um outro que com grande sem-cerimônia se banqueteia nas ruas e praças públicas nos cadáveres de animais nelas atirados. Algumas espécies de falcões, entre as quais as mais comuns são o caracará, que os índios têm em conta de agourento devido ao seu grito tristonho, o corajoso Urubutinga, que apanha a presa no vôo, são os rapinantes plumitivos mais comuns. Aparecem também águias e alguns açores e falcões reais.

Entre os trepadores, os papagaios têm o primeiro lugar; diferenciam-se mais uns dos outros pelo seu tamanho que pela pluma-



gem, em que predomina a cor verde, e entre as aves das florestas do Brasil são tão numerosos quanto os macacos entre os mamíferos. Voam em grandes bandos gralhando e perturbando numa gritaria desordenada o sagrado silêncio da floresta. Devido a sua docilidade e facilidade de aprender a imitar a voz humana, são domesticados para entretenimento, tendo-se verificado que os menores aprendem com mais facilidade que os grandes. Tem-se afirmado muitas vezes que esses animais alcançam idade mais avançada que quaisquer outros. Muitos brasileiros me afirmaram mesmo que há papagaios com mais de 100 anos. Os papagaios-anões brasileiros (*Psittacula passerina*) são a espécie menor e mais comum de papagaios. Estes pássaros do mundo tropical são os primeiros a atrair a atenção dos europeus; chegam a ser oferecidos a venda em grandes quantidades, por negros especuladores, aos passageiros dos vapores, para os levarem como recordação para a pátria distante.

São também dignos de menção o gavião, o noitibó, o flecha-peixe, o serrador, o guincho, as interessantes cotingas e outros, dos quais muitos ostentam variegada e brilhante plumagem.

Enumerar todas as aves que se destacam pelo brilho e colorido de sua plumagem, seus hábitos e outras peculiaridades neste país das maravilhas da natureza seria fatigante. Contudo, não podemos concluir a lista sem mencionar os *Eufonides*, de brilhante plumagem, semelhantes ao pisco, os cardeais, com a sua poupa encarnada cor de sangue, a mimosa e alegre patativa, o canário cor-de-ouro e o maravilhoso galo-da-serra cor de fogo. Nenhum país no mundo tem igual variedade de pássaros de cores tão brilhantes; em parte alguma a natureza pintou com cores tão festivas a roupagem plúmea dos alados habitantes, como no Brasil. Enganar-se-ia, porém, quem supusesse que todos os pássaros ostentam as mesmas opulentas roupagens. Há também muitos vestidos com modéstia, e até mesmo com roupagens singelas; neste número estão as muitas espécies de pombas e de galináceos.

Uma ave muito interessante é o avestruz nativo (nandu, ema ou emu). É consideravelmente menor que o avestruz africano, mas

muito semelhante a ele em tudo mais. Habita principalmente a região dos campos, onde vive em pequenos bandos, alimentando-se de insetos, frutas e pequenos anfíbios. Como é muito caçado pelos brasileiros, por causa de suas plumas, está se retirando gradualmente para as regiões desabitadas. Essa caça é feita dum modo muito original, por meio de uma corda comprida tendo nas pontas bolas de chumbo bastante pesadas. A habilidade consiste em o caçador, a cavalo, procurar cortar o caminho ao avestruz, que costuma dar voltas súbitas, esperar o momento em que o perseguido toma uma nova direção, e atirar-lhe a corda com as bolas em volta das pernas. O que há de extraordinário em tudo isso é que a ave raramente ou nunca procura utilizar-se de sua capacidade de voar e só se utiliza das asas para auxiliar a carreira ou para dirigi-la.

Freqüentemente, os pequenos avestruzes que são por acaso apanhados são conservados nas chácaras, para adorno. Eu mesmo possuí um por muito tempo, durante minha permanência numa cidade do sul do Brasil, e como a sua peculiaridade dominante, sem que revelasse qualquer qualidade ou talento, era só um apetite devorador, esse atributo material deve ser inerente a toda a família dos avestruzes. No seu passeio quotidiano pelo quintal, o pescoço comprido não deixava passar nada que lhe atraísse a vista; até mesmo pregos, trapos, roupa secando na corda passavam para o seu na verdade insaciável “estomago de avestruz”. O uso do enorme ovo de avestruz como alimento é comum, mas ele não é tido como muito salutar.

Grande classe dos pássaros brasileiros é, finalmente, a dos aquáticos, dos quais algumas espécies povoam, em grandes massas, os lagos e os rios. O mais conhecido é o quero-quero, que com o seu grito importuno muitas vezes assusta o cavalo e aborrece o viajante solitário, impelindo-o a persegui-lo.

Os bandos de pássaros que habitam os pântanos e alagados são constituídos principalmente por narcejas, ostraceiros, galinhas-d’água, saracuras, com seu canto peculiar, picaparas, ou mergulhões, grandes mergulhadores, as belas jaçanãs, xaxá, inhumas, numerosas

espécies de patos que deram o nome à grande lagoa do Rio Grande, Lagoa dos Patos, e os pernaltas de pernas encarnadas, uma espécie de grous e de cegonhas.

Como complementos particularmente belos e animadores da paisagem, há que mencionar os numerosos flamingos, pertencentes a esta mesma família.

Menos simpático que o mundo animal acima descrito é o mundo dos anfíbios, embora nem todos mereçam antipatia. Algumas espécies de tartarugas são até muito úteis; entre outras a jurará-açu, ou tartaruga grande, a maior da sua espécie, que na falta de carne de gado constitui o alimento comum das populações ribeirinhas do Amazonas.

Com o considerável comprimento de quatro pés, têm estas tartarugas cerca de dois pés de largura e produzem 10 libras de carne muito saborosa. Durante a vazante e todo o tempo em que as águas estão baixas, os índios tratam de apanhar o maior número possível deste gado para corte e cevá-lo em cercados com folhas e frutas até o momento de ser abatido. Os habitantes da província sabem preparar muitas iguarias, algumas bem saborosas, com a carne da tartaruga, que, porém, depois de algum tempo, os europeus facilmente enjoam.

É sabido que as tartarugas se reproduzem por meio de ovos; a época de postura é em outubro e novembro e dura cerca de 20 dias. Desses ovos se faz a chamada manteiga de tartaruga, cujo enorme consumo dá uma idéia do grande número de ovos que são apanhados anualmente nas coroas de areia, sob o controle do governo. Ao tempo em que os naturalistas Spix e Martius visitaram o Brasil, o número de potes de manteiga, preparada anualmente nas ilhas do rio Amazonas, foi além de 800, e de 15.000 em toda a Província do Amazonas. Para cada pote, com uma capacidade de 25 garrafas, são precisos 1.600 ovos, do que resulta ser de 240.000 o número de tartarugas fêmeas (cada uma põe uma média de 100 ovos) cujos ovos são anualmente utilizados no fabrico de manteiga. Mas se pode fazer também uma idéia

do número extraordinário de tartarugas existentes nos rios do Brasil, considerando que seus ovos não são só apetecidos pelo homem, e que todos os animais imagináveis, aves de rapina, serpentes e crocodilos também os procuram avidamente. As tartarugas são até mesmo perseguidas pelos jaguares. Acresce que a indústria do aproveitamento da manteiga já vem sendo praticada há muitos séculos entre os índios e continua a ser ainda hoje, sem nenhum controle, por tribos errantes, sem que o número dos animais tenha diminuído muito. Como, porém, a aparentemente inesgotável exploração tem que ter um fim, ultimamente se tem manifestado o receio, entre os brasileiros, de que a continuação sem controle do roubo dos ovos possa levar à extinção desta espécie.

A jurará-açu é a mais comum e útil das espécies de tartarugas na região. Edíveis são entretanto todas, mas os cascos de nem todas são aproveitáveis.

Os crocodilos são sinistros habitantes dos rios que, como jacarés, ou caimões, se tornam perigosos para os homens quando se banham ou atravessam rios a nado.

Quando um caimão ferra uma presa, mergulha imediatamente com ela para devorá-la. A necessidade e a experiência tornaram-se mestras dos homens e deram-lhes os meios de enfrentar o perigo aparentemente inelutável. Os nativos sabem como se livrar do inimigo, agarrando-lhe a cabeça e enterrando-lhe os dedos nos olhos ou procurando de qualquer forma feri-los. Isto faz com que o jacaré largue a sua presa, o que muitas vezes significa a salvação do ameaçado, embora nem sempre sem dano. Rasgando-lhes a parte de baixo do corpo, também os índios conseguem às vezes livrar-se do monstro. Porcos, cachorros e galinhas são as presas preferidas do caimão e não estão por isto seguros à noite nos quintais das habitações, nas proximidades dos rios. A voracidade do crocodilo excede o máximo que se possa imaginar, e seu apetite não rejeita nem mesmo pedras e grandes pedaços de pau, quando lhe falta a alimentação habitual, o peixe. Os índios aproveitam esta peculiaridade para matá-los, apresentando-lhes um pedaço de pau e, quando lhe

## AVES



- 1) *Acauã (Herpetotheres cachimnans).*
- 2) *Caraxoé (Turdus fumigatos).*
- 3) *Cauré (Falco Albigulares).*
- 4) *Anu-preto (Crotopf ani).*
- 5) *Urubu-rei (Sarcoramphus pampa).*
- 6) *Gavião-real (Harpia harpyja).*
- 7) *Irapuru (Leucolepia madulatrix).*
- 8) *Jacu (Penelope jacquaçu).*
- 9) *Galinha-de-angola (Picota).*
- 10) *Unicórnio (Anhima cornuta).*
- 11) *Mutum (Crax migra).*

ferram os dentes, esmagam-lhes a cabeça com maças. Índios excepcionalmente corajosos saltam-lhes em cima, conforme me disseram, mettendo-lhes nas fauces a madeira mole da imbaúba à maneira de brida enquanto outros índios atacam o monstro pela frente e pelos flancos. Quando se pensa que o crocodilo com que empenham esse combate tem, às vezes, a gigantesca dimensão de 10, 15 e até 20 pés, fica-se pasmado diante da louca coragem desses silvícolas.

Os maiores exemplares de crocodilos, os chamados jacaré-guaçu, encontram-se na ilha de Marajó, no Pará, onde nas proximidades das feitorias, nas margens do Amazonas, em certas épocas se salga o peixe, cujos resíduos eles devoram com especial prazer, muitas vezes sendo disputados por bandos até de 60. Quando os índios conseguem matar um desses animais, fazem todo o possível para aproveitar ao máximo a presa. Em primeiro lugar vem a gordura, que serve para iluminação e para calafetar canoas, e entre alguns índios para untar o corpo. O cheiro desagradável de almíscar, que a gordura exala depois de guardada por muito tempo, parece ser muito do gosto dos silvícolas, a quem também por isso não repugna comer a carne do crocodilo, assada, quando fresca, ou depois de seca. Os negros comem também a carne do chamado jacaré-de-óculos, que vive de preferência no leste brasileiro, quando conseguem matar um desses ferozes animais. Às espécies menores pertencem o jacaretinga e outros mais.

No Brasil encontram-se todas as variedades possíveis de lagartos, que, vistosamente coloridos ou da mais modesta aparência, correm ligeiro por cima dos muros, pelas paredes das casas, nas árvores e arbustos, olhando os homens de relance com os olhos vivos, para desaparecerem em algum esconderijo. Por muito inofensivos que sejam esses animais, ninguém gosta de encontrar-se com alguns de seus grandes exemplares, como por exemplo o iguana verde, em incursões solitárias, e menos ainda de assustá-los. O rei da criação, tão cuidadoso com o seu estômago, incluiu esta veação no seu cardápio no Brasil, e proclama que a carne do tejuçu é semelhante à da galinha.

Não se deve, ao tratar da fauna brasileira, deixar de dizer ao leitor algo sobre as serpentes, e muitos se devem ter admirado de nada ainda ser dito a respeito. Mas como sempre escondidas elas escolhem

seu lugar atrás, é justo que neste capítulo cedam o passo a outros animais que dão mais na vista. O número desses tão temidos répteis é, sem dúvida, muito grande, mas por felicidade só poucas espécies são realmente venenosas e perigosas. Todavia, não pode ser agradável o encontro com uma ou outra serpente gigantesca, mesmo quando não tenha dentes venenosos. Uma serpente, porém, como a “boa constrictor”, que é encontrada com relativa freqüência em todas as partes mais quentes do Brasil, e que nas zonas habitadas atinge de 20 a 30 pés de comprimento e a grossura duma coxa de homem, mesmo sem ter dentes venenosos pode matar um homem enroscando-se nele, embora isto seja posto em dúvida pelos nativos. Estes aproximam-se delas sem o menor receio e matam-nas a cacetadas ou a tiro. Os animais que elas espreitam de lugar seguro e enlaçam sem que eles pressintam correm mais perigo que os homens.

Ao lado da “boa constrictor” figuram outras serpentes gigantes, como a jibóia (desta deriva o nome das grossas lianas que se assemelham a ela), a sucuriú e a cobra-d’água. Esta última dizem que não raro come um cavalo inteiro ou um boi que encontre em seu passeio pela margem do rio.

Em nenhuma parte do mundo vêem-se serpentes com tão bonitas cores como alguns dos ofídios brasileiros. Entre eles destaca-se a linda cobra-coral, encarnada, preta e amarela, que é muito venenosa. O brilho de suas cores desaparece de modo singular, depois dela morta. As mais temidas entre as cobras venenosas são a jararaca, a surucucu e a cascavel, assim conhecida pelo ruído causado pelas pequenas cápsulas secas que tem encaixadas umas nas outras na extremidade da cauda. O veneno de algumas serpentes é tão violento que a morte do ferido se dá poucas horas depois de picado, se a ferida não for rasgada no local, sugada e cauterizada. O único meio, além deste, a que se recorre muitas vezes contra a picada das serpentes é o amoníaco, com o qual se lava imediatamente a ferida quase imperceptível e de que se bebem algumas gotas, misturadas em água. Nas minhas excursões pela floresta levava em regra um frasco de espírito de amoníaco, com o que uma vez prestei real serviço a um dos meus homens. Embrenhara-se descuidado na floresta, quando de súbito uma surucucu escura, pardo-esverdeada, saltou-lhe em cima, picando o rapaz no pulso. O ferido voltou como um

*Crendices*



1. Pé-de-pato; 2. Curupira; 3. Mboitatá; 4. Caapora; 5. Iara; 6. Budá;  
7. Boiúna; 8. Jurupari



relâmpago e contou-nos o sucedido. Deixamos imediatamente o local onde estávamos e dirigimo-nos para um riacho próximo, onde a ferida, depois de bem lavada, foi esfregada por mim com amoníaco. O uso interno do medicamento foi ainda reforçado pelo paciente com uma grande dose de aguardente de cana. O incidente não teve mais consequências e o rapaz assegurou-me depois que nunca pensara escapar com vida. Devia certamente agradecer sua salvação à pronta aplicação do amoníaco.

Aos encontros com as serpentes estão ligadas muitas fábulas e histórias incríveis de caçadores, que, porém, as mais das vezes, se baseiam em ficção. Uma criatura semelhante à serpente, que aparece nos formigueiros, deve ser, e até certo ponto é, animal caracteristicamente brasileiro, a anfisbena, que tornou-se, particularmente no Amazonas, objeto de muitas fábulas dos índios e a semelhança da ponta da cauda com a cabeça deu lugar, mesmo entre os civilizados, à crença de que o animal tem duas cabeças.

O principal alimento das serpentes é a rã, e ainda outros anfíbios que vivem nas águas, pântanos e nas florestas sempre úmidas, em quantidade suficiente. Entre eles há certamente animais repugnantes, dentre os quais alguns, não obstante isso, ou pelo menos seus embriões, além dos crocodilos, serpentes, aves aquáticas, são considerados acepipes pelos índios. Infelizmente não posso dizer por experiência própria qual o gosto dessas iguarias, porquanto não me decidi a prová-las, como igualmente a carne de macaco.

As rãs brasileiras das matas têm a singular mania não só de subirem uma pequena escada, como suas congêneres alemãs, como de subirem ao cimo das mais altas árvores e de lá tomarem a parte que lhes cabe na duvidosa harmonia do concerto da floresta virgem, com os mais estranhos tons. Um gênio musical, entre os ranídeos brasileiros, é o sapo-ferreiro, cuja voz soa como o martelar de um conjunto de funileiros, mas a orquestra tem além deles ainda outros talentos musicais entre os batráquios. Tem o sapo-de-estalo, cujo coaxar assemelha-se ao estalo dum pedaço de pau quebrando-se, o sapo-boi, cuja voz assemelha-se à forte pancada num timbale, e o cataguá, que imita exatamente o choro de criança. Outros ranídeos que vivem no Brasil denunciam sua presença por sons esquisitos, que se assemelham a dilacerantes lamentos e fazem

pensar no conto do príncipe encantado transformado em rã. Quando se ouvem, em viagem, na calada duma noite de verão, esses sons que parecem lamentos humanos, quase não se pode evitar a impressão melancólica que causam. Como a natureza, no Brasil, se compraz em engendrar, em todos os domínios, formas originais e extravagantes, criou também nesta classe de animais toda sorte de formas monstruosas, em cuja descrição não nos podemos demorar mais.

O principal alimento da população é o peixe, que abunda em todas as águas. Estes são, por isso, de grande importância para ela, pois há espécies altamente venenosas e suprem, até certo ponto, a falta de grandes mamíferos na América do Sul. Ao contrário das aves, porém, os peixes nos rios empreendem grandes migrações, em tão grandes multidões, que com seu movimento coletivo produzem um ruído sinistro, ouvido a muitas milhas de distância e que no silêncio da noite enche os homens de medo. Os índios, que desde tempos imemoriais os perseguem, pela sua carne, aproveitam-se dessa oportunidade para apanharem-nos em massa, matá-los e secá-los ou salgá-los. Empregam para isso uma planta venenosa, com que primeiro os atordoam. Castelnau, que viajou pelo Brasil, diz que o número de peixes apanhados numa dessas pescarias a que assistiu foi de 72.000, e seu peso de 50.000 libras; o número, porém, dos que morreram e se perderam foi três vezes maior que o dos apanhados. A variedade de peixes causa aqui maior admiração que em todas as outras classes de animais. O naturalista Agassiz diz ter encontrado, só no rio Amazonas, 2.000 espécies diferentes. O peixe mais importante no Brasil é, sem dúvida alguma, o pirarucu (*Sitis gígás*), que é abundante sobretudo no Amazonas e constitui quase exclusivamente o alimento de grande parte da população das províncias do norte do Brasil. Atinge o considerável tamanho de 2,5 braças e o peso de 150 quilos, e em utilidade é apenas inferior ao bacalhau do Norte.

Peixe singular é a piranha (*Serrasalmo piranha* ou *Pygocentrus piraya*), o carnívoro mais temido do Brasil. Apesar de ser muito pequeno – pois não mede mais de 10 a 12 polegadas –, todos os viajantes e exploradores concordam em que nada iguala este monstro das águas em terribilidade. No interior do Brasil, onde os habitantes de todas as raças estão habituados aos maiores perigos que sua vida corre nas florestas virgens, onde a caça à onça e a luta com o crocodilo são trivialidade, o

encontro com uma jibóia ou uma cascavel, uma ocorrência diária, e o hábito já lhes ensinou a prestarem pouca atenção a estes perigos, falando-se em piranhas vê-se logo o horror estampado nos semblantes, porque de fato a piranha é o peixe mais temido nessas regiões solitárias. Raramente os rios cheios detêm os passos do caçador, mas mesmo o mais animoso não ousa alcançar a outra margem à distância de poucas braças, se vê uma piranha na água. Antes que alcançasse o meio do rio, seu corpo, atacado por milhares desses terríveis animais, seria um esqueleto, como se tivesse sido preparado num museu anatômico. A avidez das piranhas foi de fato aproveitada outrora pelos índios do Orenoco para prepararem os cadáveres dos seus mortos, cujos esqueletos guardavam, pendurando-os para isso por uma noite dentro do rio. Já se viram caçadores corajosos nessas situações preferirem a morte pela fome a exporem-se a um perigo contra o qual nada podem, nem a força nem a coragem. Mesmo de bois, tapires e outros animais grandes que entraram em águas infestadas de piranhas, seus dentes, como navalhas, não deixaram depois de poucos minutos mais que os esqueletos. Elas atacam tudo o que tem vida e encontram ao seu alcance; até mesmo onças e crocodilos são vítimas freqüentemente. Só a lontra protegida pela sua espessa pelagem pode escapar às piranhas. Para felicidade dos habitantes dessas regiões esses peixes perigosos só gostam das águas paradas, e quem lhes conhece os hábitos lhes pode facilmente escapar. Não obstante o perigo que oferecem as águas habitadas por piranhas, os nativos não hesitam em pescá-las para alimento, aproveitando a cega avidez com que se atiram a toda isca que tenha a aparência de carne.

Tão perigoso quanto as piranhas é outro pequeno peixe, o candiru. Este tem o hábito de introduzir-se com grande violência e rapidez em qualquer abertura ou orifício exterior do corpo humano, causando com isso os casos mais dolorosos e perigosos.

O banho nas águas brasileiras tem, por isso, seu lado sombrio, quando alguém, apesar de tudo, ainda se anima a banhar-se nelas; e muitas vezes durante minha permanência no Brasil, em dias de grande calor, desejei um banho refrescante no Elba, Reno ou Danúbio.

Enguias elétricas, golfinhos, peixes de espécies estranhas, solhas, bagres fazem todos parte de milhares de outros habitantes dos rios e lagos do Brasil. Muitos dentre eles se destacam pelas suas formas

originais, outros pelos seus hábitos estranhos, e muitos são considerados acepipes mais ou menos apreciados neste país que, com justiça, pode ser considerado a despensa inesgotável duma natureza pródiga.

Espectáculo interessante é o que oferecem em consequência os mercados de peixes das grandes cidades, como Bahia e Rio de Janeiro, onde em grandes recintos e sobre grandes mesas estão expostas, em gamelas, por negros e mulatos na maioria, todas as espécies imagináveis de peixes de água doce e do mar, mariscos e crustáceos edíveis. Aí se vê a carne alva e rija do dourado, além do esquisito barbeiro, do apreciado robalo, e mais adiante a sororoca, não menos apreciada como acepipe. Um negro grita com muita gesticulação oferecendo a pouco convidativa maria-mole; numa outra mesa um pescador mal-humorado parte com mão destra uma espécie de cação sucurei, que na Bahia é o principal alimento dos escravos e da gente pobre. Só com dificuldade, porém, é que se pode andar por entre aquela multidão de vendedores aos gritos, compradores e ociosos que se acotovelam em redor das muitas mesas. O ar lá dentro está impregnado de um cheiro ofensivo ao olfato, que exalam os peixes, alguns já em princípio de decomposição. Não obstante, nenhum estrangeiro deixa de admirar em qualquer dos mercados de peixe as maravilhas das águas do Sul. Duma vez demorei-me quatro semanas numa cidade marítima brasileira e o meu amável hospedeiro, sabendo quanto gosto de peixe, deu-se ao prazer de servir-me, em 14 jantares, todos os dias uma nova espécie, assegurando-me quando me despedi que eu ainda estava longe de ter provado de todos os peixes considerados finos.

O mundo dos insetos, no Brasil, tem como seus mais belos representantes os besouros e as borboletas, de há muito um dos principais ornamentos das coleções européias. Os soberbos besouros de élitros verde-dourados, os elatros luminosos, que aparecem como meteoros ao crepúsculo na floresta, o vagante pirilampo, o raro lanterneiro\*, as maravilhosas borboletas que excedem toda descrição, os gigantescos lepidópteros cauda-de-andorinha, as nóctuas mariposas que temem a luz do dia; dentre todas elas o leitor deve conhecer talvez um ou outro exemplar, o que o habilitará a fazer uma idéia das demais desses bandos variegados que voam enxameando em volta das plantas e das flores. O leitor, porém,

\* Grande pirilampo da Índia. (N. T.)

não poderá fazer uma idéia da infinidade de outros insetos existentes, nocivos e importunos. Por isso me devo demorar mais nestes. Os fortes, como os fracos, os previdentes, como os imprevidentes, todos são atacados dia e noite da maneira mais irreverente por esses demônios sedentos de sangue, muitas vezes quando menos esperam, e atormentados, até ao desespero. A eles deve o Brasil, principalmente, que o estrangeiro, desprezando todas as maravilhas da natureza, deixe estas paragens paradisíacas pelo Norte, considerado padrao, preferindo-o a todo o encanto dos trópicos. Pulgas, percevejos, piolhos, mosquitos, miríadas de moscas, as chamadas baratas, ácaros, todos pertencem ainda às mais inocentes espécies e sua presença não tem nada de inquietante, dado que alguns dos seus iguais estão em casa entre nós, mas o que nos afeta de modo altamente desagradável é a importunação dos mal-afamados mosquitos, a pertinência dos carrapatos, a natureza expectante da repelente centopéia, o lento rastejar da aranha-caranguejeira, as atitudes hostis do escorpião, a temível proximidade da perigosa tunga, ou bicho-de-pé, para não falar em todos os outros atormentadores.

Nas casas abundam as chamadas baratas (*Blatta orientallis*), que com a sua quase inevitável afoiteza levam uma pessoa ao desespero. Não é mais que um exemplar um pouco maior que a barata européia, que, contudo, faz no Brasil, mais freqüentemente, uso das asas, e que, extremamente voraz, não poupa nada em casa: comestíveis, couro, papéis e o que mais se oferecer. Voam na cara das pessoas, correm-lhes pelo corpo quando dormem e, como muitos viajantes asseveram, experimentam os dentes nos seus dedos e ponta do nariz. Eu pessoalmente considero isso uma difamação desses animaizinhos nada niquentos, porquanto dormi por muito tempo num quarto onde as baratas todas as noites se davam *rendez-vous* a centenas, realizando reuniões populares que eu habitualmente perturbava rudemente com um grande moscadeiro. Assim que a luz se apagava eu percebia claramente como novos bandos saíam de todos os esconderijos, mas nem uma só vez durante a noite me roeram o nariz, como justa vingança. Um manjar especial para elas era a farinha de trigo, mas no todo, como já ficou dito, não têm má boca.

As plantações são muitas vezes atacadas pelos acrídios que, reunidos em grande número, excedem nessas regiões o horror da conhecida praga egípcia, como aconteceu recentemente.

Os percevejos são representados por diversas espécies e não se diferenciam de seus congêneres europeus, a não ser pelas ferroadas mais dolorosas e maior avidez de sangue.

Altamente interessante é a vida e atividade das inúmeras espécies de formigas brasileiras, das quais algumas são tão nocivas e vorazes que destroem tudo o que não seja vidro ou metal. As térmitas, mais do que todas as outras, merecem atenção especial. Como as européias, vivem juntas em grandes colônias e constroem com terra, resíduos dos objetos que destroem e o auxílio de uma secreção própria semelhante à cola, grandes habitações em forma de pirâmides, que muitas vezes, reunidas em grande número, oferecem um espetáculo original. Diferenciam-se dos formigueiros conhecidos da Europa pela sua solidez, seu tamanho, e por não se perceber exteriormente a vida de seus habitantes. Inúmeras galerias cruzam-se no interior da pirâmide da altura de um homem, constituindo comunicações com o ponto central, mais alargado, em forma de cavidade. Esses animaizinhos mantêm, conforme certas regras, um estado perfeito, no qual todas as classes parecem estar representadas. Como a maior parte das térmitas, estão sujeitas a diversas transformações; dentre elas a que dá vida às chamadas operárias é, certamente, aquela em que se mostram mais destruidoras. Os neutros, entre as térmitas, os chamados soldados, que têm de defender a entrada dos formigueiros, em forma de fortes, são mordedores temíveis. À noite o povo térmita parte em regra em bandos para as expedições de pilhagem, e aí do mortal que então se encontre com elas. Todo viajante tem algo que contar sobre voracidade e rapacidade desses animáculos irreverentes. Os companheiros de viagem do Dr. Pohl perderam por causa deles toda sua roupa branca; a um comerciante comeram, na Alfândega do Rio de Janeiro, 50 caixas de tecidos da Índia; Humboldt diz, tratando de sua voracidade, que no Brasil livros e manuscritos raramente se podem conservar por mais de 50 anos; Martius foi atacado por elas numa casa, e asseverou que seus cadáveres, depois de terem sido elas atacadas com água fervendo, encheram diversos cestos. Eu mesmo estava um dia sentado muito tranqüilamente na casa dum colono, regalando-me com uma tigela de coalhada, quando uma expedição guerreira de térmitas me pôs impiedosamente na rua.

Os índios, a quem agradam tantas iguarias que outros paladares não aceitariam, costumam comer térmitas, não só torradas como também cruas.

Há ainda outras formigas destruidoras e devastadoras que, apesar disso, prestam serviço de incontestável utilidade, como a limpeza dos cadáveres e destruição de outros insetos. Também constroem grandes formigueiros coniformes, de onde saem em massa para empreenderem suas migrações e viagens. Por toda parte e em todas as províncias, como sobre todos os objetos, vivem esses pequenos animais, dos quais algumas espécies, embora não sendo venenosas, causam dores ardentes na pele com as suas mordeduras, devido a um líquido cáustico injetado com elas. Seus imensos exércitos acampam no centro mesmo das grandes cidades e atacam ferozmente seus habitantes. Sua perfeita organização estatal é digna de admiração e tem aspectos semelhantes aos das formigas européias; sendo digno de nota que, como estas, usam certos pulgões como vacas de leite, ordenhando-os por causa de sua secreção.

A mais daninha de todas as formigas brasileiras é a saúva, a formiga das plantações. Desfolha às vezes árvores inteiras, de maneira que chegam a ficar parecendo vassouras, e carregam as folhas para seus depósitos subterrâneos de provisões, geralmente muito vastos. Dão preferência aos cafeeiros e laranjeiras, de maneira que os proprietários de cafezais odeiam-nas mais que a qualquer outro animal. Como verdadeiras filhas do país, são grandes apreciadoras da mandioca, que constitui um dos principais alimentos dos brasileiros. Se encontram numa casa um saco de farinha de mandioca, não é nada para elas fazê-lo desaparecer numa noite sem deixar vestígio. São também tão mordedoras e tão irresistíveis nos seus ataques que camundongos e ratos fogem delas. Sua dentada é muito dolorosa e causa irritações penosas. No entanto os índios gabam-lhes o sabor e preferem-nas, como comida, às térmitas; até mesmo os europeus comem-nas, às vezes.

Criaturas intoleráveis, entre outras, são as pequenas formigas pretas e as grandes pardo-escuro (tapitiningas) que visitam as casas em formidáveis multidões e cuja avidez visa particularmente o açúcar. Mesmo quando não há o menor sinal delas, aparecem subitamente assim que vêem um pouco. Aos poucos todos se acostumam a elas e comem-nas

juntamente com o café e as comidas açucaradas, sem lhes prestarem a menor atenção.

A tocandeira, uma formiga maior, que vive no Amazonas, e cuja mordida produz uma espécie de urticária, e febre, é tão maligna que força a evacuação de casas, aldeias e zonas inteiras.

Só sobre as formigas e sua natureza se poderiam escrever livros, tantas são as espécies e tão singulares seus hábitos. Da mesma forma que se mostram tão hostis contra os homens e certos animais, movem também guerras cruentas entre si. As espécies grandes são inimigas naturais das menores, e assim como entre as nações a ambição de posse de terras mais produtivas pode levar à guerra, no caso, restos de algum animal morto ou outra qualquer coisa desejável podem se tornar o pomo da discórdia.

Ao lado das formigas, podem-se alinhar como insetos importunos as muitas vespas, cujos ninhos de formas estranhas chamam a atenção nas florestas. Muitas famílias de abelhas também são nativas do Brasil, tirando da imensa variedade de flores do campo e das florestas a matéria-prima para o mel. Ultimamente a apicultura tem merecido maior atenção, e nas províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo seus produtos já constam no número de artigos de comércio importante e lucrativo.

Os já repetidamente mencionados mosquitos constituem uma praga no país; deles, três espécies se distinguem como tormento dos homens e igualmente do gado: o maruim, o pium e a carapanã. Abundam mais perto das águas que nas zonas secas e altas. E mais do que em outra qualquer parte, no rio Amazonas, onde os homens às vezes não sabem como se livrar dos seus ataques. Em alguns lugares os enxames são como nuvem espessa, e a mais vigorosa defesa não pode impedir que em poucos instantes se fique literalmente coberto de picadas ardentes. Não se tem nem um momento de sossego durante a noite e quando se escapa das picadas o enervante zumbido poucos minutos de sono permite. O muito afamado recurso do mosquiteiro envolvendo o leito é altamente insuficiente, e é fácil de compreender que, numa região onde os mosquitos enxameiam em nuvens, como no Amazonas, em pouco tempo os homens e os animais percam forças e emagreçam. Podem também obrigar a população a deixar uma zona e estragarem no mais alto grau o gozo duma natureza maravilhosamente bela. O ataque desses pequenos



demônios pode também levar o mais calmo dos homens à impaciência e ao desespero; não permitem nem que se olhe em sossego para uma árvore, que se faça calmamente uma refeição, goze o repouso necessário, e muito menos se faça qualquer coisa com as mãos, sem que seja preciso empregá-las constantemente munidas de ramos de árvores, numa constante porém ineficiente defesa. O único consolo para os brasileiros é a asserção de Humboldt de que a praga dos mosquitos no Orenoco é muito pior.

O país é também ricamente aquinhoadado em moscas de todas as espécies, pulgas e piolhos. Estes últimos não devem ter sido tão numerosos antes da chegada dos europeus como hoje, quando uma pessoa pode dizer-se com sorte se não tiver nunca, em parte alguma do Brasil, entrado em contato com eles. Grande culpa disso pode caber à falta de asseio da maioria das classes, e o horror do leitor aumentará quando eu disser que o nojo por este inseto é tão pouco, que as classes mais baixas, particularmente os negros, consideram-no uma guloseima. Sua caça é feita o mais inocentemente, mesmo nas classes mais altas; vê-se gente de cor, à clara luz do dia nas ruas da capital, catando a cabeça dos seus, sem que estes se deixem perturbar na sua ocupação.

Uma peculiaridade do país e altamente perigosa é a tunga, ou bicho-de-pé (*Pulex penetrans*), cuja fêmea se enterra nos dedos dos pés, particularmente debaixo da unha, e aí põe grande número de ovos, que podem produzir postemas perigosas, a gangrena e muitas vezes a morte de homens e animais. Vive principalmente na areia e também na poeira e nas cinzas, e é tão pequena que facilmente entra pela costura da sola do sapato. Só muito cuidado e prevenção podem proteger o homem contra esse bichinho. Sentindo-se que uma pulga se aninhou no pé, deve-se chamar um negro, que são os mais entendidos nessas operações, e ele extrairá o animalzinho com uma agulha ou uma faca; o melhor meio de desinfetar depois a ferida é com cinza de tabaco ou sumo de limão, que afastam todo perigo. As pessoas que não se apercebem logo cedo da presença da tunga pagam muitas vezes seu descuido com a perda de alguns dedos dos pés.

Na terra, sob a casca das árvores, na madeira podre como também nas habitações humanas, encontra-se freqüentemente a centopéia, cuja picada pode trazer inflamação. O mesmo pode acontecer com

inúmeras espécies de aranhas grandes, entre as quais a mais comum é a caranguejeira. Não ataca o homem diretamente, gosta porém de procurar sua cama e só o roçar de seus pêlos na pele causa forte inflamação. Presumivelmente nutre-se de pequenos pássaros e seus ovos, o que lhe deu o nome.\*

O escorpião brasileiro é menos perigoso e venenoso que o italiano, o africano e o asiático.

Pior que os animais que acabamos de mencionar é a praga das muitas espécies de carraças e ácaros. O mais conhecido é o carrapato, uma das grandes espécies (*Ixotes americanus*) a que já nos referimos antes. Vivem de preferência no mato e nas florestas, onde ficam presos aos milhares em folhas e hastes e ao mais leve roçar prendem-se às roupas dos passantes. Sua picada ou dentada é tão dolorosa, que todo domínio sobre si mesmo se torna nulo e todos os demais terrores que por acaso se receiem ou admiráveis maravilhas da natureza passam para segundo plano. O arquiduque Maximiliano, que percorria a floresta virgem provido de todos os meios que lhe assegurassem a comodidade, não foi devido ao encontro com os índios, ao ataque das feras, nem também por causa das dificuldades às viagens nas florestas, e sim única e exclusivamente por causa dos carrapatos que teve de voltar. Como a pequena espécie de carrapatos, os micuins, me atormentaram, obrigando-me a igual decisão, já ficou consignado mais atrás.

Antes de encerrarmos o capítulo sobre a fauna brasileira, é preciso observar que muitas espécies de caranguejos, camarões, crustáceos, moluscos e ostras aumentam a variedade do reino animal brasileiro em todas as latitudes.

---

\* O nome da aranha-caranguejeira em alemão é *Vogelspinne* (Aviculária). Literalmente: comedora de pássaros. (N. T.)

.....

## *Capítulo IV*

### POPULAÇÃO

**D**epois de se ter traçado em linhas gerais o perfil do país e descrito mais ou menos detalhadamente sua fauna e sua flora, vem, como ocorreu quando da criação do mundo, em último lugar o homem, como o mais proeminente dos seus habitantes, o qual, embora na aparência não difira muito, difere no entanto do europeu na cor e sobretudo na linguagem, nos usos e costumes. Não obstante a imensidade do país, a população é extremamente escassa e não está em nenhuma proporção com outras nações.

Pelo censo de 30 de dezembro de 1871 tinha o Império do Brasil, numa superficie de 12.672.743km<sup>2</sup>, só uma população de 10.186.327 almas (Hübner dá 11.780.000). Segundo os resultados dos trabalhos da comissão de estatística do ano passado, recentemente publicados pelo Conselheiro F. Correia, em agosto de 1876 o Brasil tem 9.930.479 habitantes, entre eles 1.510.300 escravos (acatólicos: 16.313; estrangeiros: 179.337 homens e 64.144 mulheres; de 1.911.454 crianças em idade escolar só 317.745 freqüentavam as escolas). O relatório do governo na Exposição Universal de 1876 dá no entanto a cifra total de 10.700.187 almas, prevenindo porém não estar concluída a contagem, a qual se espera que atinja a cifra de 12.000.000. Neste número estão in-

cluídos 1.000.000 de índios e 1.476.567 escravos. É preciso ainda notar que em consequência da Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, até agora, cerca de 6.000 escravos foram libertados com o auxílio de recursos do Estado e donativos voluntários.

Por ser interessante, vai a seguir uma tabela da distribuição da população pelas províncias, conforme aqueles dados oficiais.

Nomes das Províncias ou Municípios da Capital	População		
	Livres	<i>Branços, Negros e Mestiços</i> Escravos	Total
Amazonas .....	56.631	979	57.610
Pará * .....	232.622	27.199	259.821
Maranhão * .....	284.101	74.939	359.040
Piauí .....	178.427	23.795	202.222
Ceará .....	689.773	31.913	721.686
Rio Grande do Norte .....	220.959	13.020	233.979
Paraíba * .....	341.643	20.914	362.557
Pernambuco .....	752.511	89.028	841.539
Alagoas .....	312.268	35.741	348.009
Sergipe * .....	139.812	21.495	161.307
Bahia * .....	1.120.846	162.295	1.283.141
Espírito Santo .....	59.478	22.659	82.137
Rio de Janeiro * .....	456.850	270.726	727.576
Município do Rio .....	226.033	48.939	274.972
São Paulo .....	680.742	156.612	837.354
Paraná .....	116.162	10.560	126.722
Santa Catarina .....	144.818	14.984	159.802
São Pedro do Rio Grande do Sul .....	364.002	66.876	430.878
Minas Gerais * .....	1.612.449	366.574	2.009.023
Goiás .....	149.743	10.652	160.395
Mato Grosso .....	53.750	6.667	60.417
Subtotal .....	8.223.620	1.476.567	9.700.187
Índios selvagens .....	1.000.000	–	1.000.000
<b>Total .....</b>	<b>9.223.620</b>	<b>1.476.567</b>	<b>10.700.187</b>

NOTA: Nas províncias as sílabas por um asterisco a conta gemina não ficou cluída.

Em média quase não chega a um habitante por quilômetro quadrado e essa população é constituída por índios, negros e brancos. Os índios e os negros constituem mesmo parte importante do número de habitantes. Se a estimativa do Padre Dâmazo, em que Martius se baseou, estiver algo elevada, ainda assim pode-se afirmar que no Brasil cerca de um milhão de silvícolas têm seu domicílio permanente. A densidade da população, mesmo considerando outras condições na América do Sul, é muito baixa e muito escassa, de maneira que um desenvolvimento proveitoso da vida econômica até agora teria que ser muito limitado. Muitas regiões do país, não obstante sua feracidade, estão ainda inteiramente desertas, nunca tendo sido pisadas por pés humanos, a não ser pelas hordas de índios de passagem. Há, porém, também, zonas no Brasil, cuja cultura se desenvolveu tão favoravelmente devido principalmente à maioria alemã da população, que podem constituir exceções. Como em muitas outras coisas, vêm-se aqui os mais vivos contrastes, para cujo desaparecimento pouco se faz.

Oferecer dados mais seguros sobre a distribuição da população quase não é possível, porque todas as contagens e estimativas até aqui têm sido feitas muito superficialmente. O número dos brancos, como provavelmente o dos escravos, é apenas aproximado, porque a maioria daqueles não é do sangue puro, e ainda porque o conceito de sangue puro não é muito rigoroso no Brasil, onde em geral não há um preconceito muito severo de raça, e todos os descendentes de brancos, que não revelam distintamente na cor a mistura do sangue negro ou de índio, costumam ser considerados brancos.

No seu todo são os brancos que constituem a estirpe dominante no Império, uma raça morena, pequena, feia, semelhante à dos portugueses, de que em grande parte descendem. Entre as mulheres só se encontram poucas caras bonitas e entre os homens nota-se a ausência das formas nobres e vigorosas de outras nações austrais. Uma parte da população branca que não se deve desprezar é constituída pelos imigrantes europeus, entre os quais se encontram franceses, ingleses, italianos e sobretudo alemães, que dão vida ao comércio e à indústria. Norte-americanos e chineses também se misturam com os brasileiros, e todos esses elementos não montam a menos de meio milhão. É digno de reparo só serem os brancos quase que unicamente encontrados nas

grandes cidades, enquanto no interior do país parece ser maior o domínio dos mestiços e dos índios. Que os negros sejam tão numerosos no Brasil, explica-se por terem os portugueses, desde a descoberta e também depois, trazido para cá negros de suas feitorias noutras partes do mundo, como escravos, e ainda há poucas décadas muitos capitães de navios faziam comércio lucrativo com negros, nas costas brasileiras. Só a intervenção enérgica, porém não desinteressada, da Inglaterra, pode pôr termo a esse comércio humano, enquanto simultaneamente o governo brasileiro procurava acabar com a escravidão no país. Como no tempo da introdução tivessem sido transplantados negros de todas as partes da África, encontram-se no Brasil as mais diversas raças negras. Uma das mais fortes e mais bonitas é a dos minas, que se mantém relativamente sem mistura e conserva seus costumes e seu idioma intatos. Enquanto durou a importação de escravos, os negros-minas alcançavam em regra os melhores preços, e os cultivadores do café e cana-de-açúcar faziam o possível para recrutarem seus trabalhadores dentre eles.

De resto, a impressão causada pela presença do grande número de negros, sobre o europeu recém-chegado ao Brasil, não é agradável, e só dificilmente ele se habitua à sua convivência. Muitos exemplares e raças são realmente duma fealdade incrível, outros ficam supinamente cômicos com as roupas européias da moda, e são eles, sobretudo, que nas cidades e demais povoações dão ao país o cunho exótico. Ademais, os sons de seus dialetos enchendo e ferindo os ouvidos com suas notas peculiares parecem mais de animais que de homens.

Os índios domesticados têm-se na verdade misturado muito com as outras raças e por isto cedido também muito dos seus característicos primitivos. Contudo, encontram-se silvícolas em muitos lugares do interior, em número considerável, de sangue puro, na posse indiscutível dessas longínquas paragens. Isso, porém, não significa que esses índios se mantêm sempre hostis aos brancos; muito ao contrário, no Amazonas encontram-se muitos índios ou descendentes diretos de índios no meio das populações brancas, como pescadores, caçadores, carregadores, soldados e empregados em todos os ofícios. Os chamados índios mansos são mais freqüentemente encontrados nos locais das antigas missões, isto é, onde pouco depois da descoberta desta parte do mundo as ordens religiosas se

estabeleceram e tomaram a si a catequese dos selvagens. Guerras sangrentas entre os portugueses, holandeses e franceses que se batiam pela posse da terra, nas quais os índios tomavam parte batendo-se ora por um lado ora por outro; o trabalho escravo compulsório e o afastamento de seus protetores espirituais fizeram com que se fossem afastando gradualmente dos domínios dos brancos, voltando para o longínquo interior. A natureza reservada do índio ofereceu desde o começo grandes dificuldades à tarefa da catequese dos missionários, e foi por isso também que todas as tentativas de civilização do índio só produziram pequenos resultados.

Com a mistura dos brancos, negros e índios surgiu uma série de mestiçagens, a que se deram todos os nomes possíveis. Há mulatos, mestiços, crioulos e curibocas. Os brasileiros chamam em geral cafuzos os mestiços de cor mais escura, sobretudo os descendentes de índios. Sua feição mais estranha é a prodigiosa cabeleira que se ergue por cima da testa como enorme parede, dando à cabeça um aspecto disforme. Os cabelos são crespos nas pontas e tão emaranhados uns nos outros que não se pode pensar em limpá-los por meio de um pente.

Os índios verdadeiramente selvagens e ainda independentes subdividem-se em numerosas nações, tribos e hordas, de que devem existir mais de 250, e embora na aparência não difiram muito uns dos outros, apresentam entretanto grande diferença no dialeto, como nos usos e costumes. Corpo curto e entroncado, cara larga com a testa chata, olhos ligeiramente oblíquos, zigomas salientes, nariz achatado e mandíbula inferior muito desenvolvida, são características raciais mais ou menos comuns a todos os índios. A língua é rude e extremamente simples; pelo menos lhe falta todo o apuro gramatical. Nenhum explorador pôde ainda estabelecer a conexão entre as centenas de dialetos diferentes, embora se tenha tentado agrupar os índios brasileiros em diversas classes de acordo com a afinidade dos dialetos. Pensou-se também serem os índios o que restava dum povo cuja cultura retrogradara, hipótese a que faltam ainda bases. Os primeiros índios com os quais os europeus, por ocasião da descoberta, tiveram contato foram os tupinambás, na costa leste do Brasil, e como estes reiteradamente se fizeram intérpretes e aliados dos recém-chegados nas lutas contra os demais que hostilizavam os europeus, os portugueses não tardaram a familiarizar-se com a sua língua. Revelou-se esta, ao

mesmo tempo, meio de se entenderem com outras tribos, e essa revelação fez com que os jesuítas mais tarde tentassem aperfeiçoá-la, dentro do possível, e introduzi-la como língua geral entre os selvagens. Esperavam, com essa comunidade de língua, ligar por meio de um laço espiritual os nativos de várias línguas, e com isso, ao mesmo tempo, obter a possibilidade de aproximar mais deles uma cultura mais elevada. Ainda hoje a língua tupi, conhecida como língua geral, é, ao lado do português, aquela em que os índios se entendem com outras raças, e tanto mais comum é o seu uso. Na parte espanhola da América do Sul os missionários jesuítas servem-se do mesmo modo do guarani para se entenderem com as diversas tribos, com o que fica provado que o guarani é uma língua afim do tupi, e ao mesmo tempo um dialeto mais puro do mesmo. Considera-se causa da confusão de línguas entre as tribos índias, bem como a semelhança, em parte, dos seus dialetos, as migrações das hordas e conseqüentes mudanças de domicílios por outros, e quanto tempo decorreu entre essas migrações, não se pode dizer com certeza. Em todo caso, podem ter influenciado o completo desaparecimento de algumas tribos mencionadas em descrições de viagens anteriores.

Do maior povo indígena, os tupinambás diferenciam-se ainda hoje, conforme a zona que habitam, tupinambás do sul, do norte, do leste, do oeste e centrais, que por sua vez se subdividem em numerosas hordas menores. Entre eles há só poucas nações tupi de maior importância e merecedoras de menção especial. Pertencem a estas, por exemplo, os munducurus, que vivem nas margens do Tapajós. Distinguem-se pela estatura atlética, cor clara, fortes tatuagens artísticas, porém também pela rude barbaria junto à relativamente elevada capacidade artística. Não obstante sua natureza belicosa, mantêm ativas relações comerciais com os brancos, que consistem em permutar com eles certas plantas medicinais, fibra de algodão e os bonitos ornatos de penas que confeccionam com muita arte, por sal, pimenta e cutelaria. Todos os tupis se distinguem dos outros índios por se ocuparem também, muito embora seu pendor seja para o nomadismo, com a cultura de plantas para a alimentação. Revelam grande habilidade em tudo o que se refere à navegação. Desde tempos imemoriais aventuram-se nos seus barcos artisticamente trabalhados, construídos de troncos de árvores, não só nos rios do interior como até no mar.



*TIPOS RACIAIS EXISTENTES NO BRASIL*



*Branco*



*Indígena*



*Negro*



*Mulata*



*Mameluco*



*Cafuso*

A tripulação de seus barcos, que eram escavados por meio de fogo e machados de pedra, e que tinham um fogão de pedra e barro, e na popa um lugar seguro para as provisões, compunha-se às vezes de 40 e 50 homens, mas hoje não constroem mais essas embarcações. As de que se servem agora consistem antes em pequenas canoas estreitas, ou barcos um pouco maiores, também cavados num tronco de árvore. É admirável a destreza com que os tupis e também os demais índios dessa região sabem manter o equilíbrio desses barcos tão simples e dirigi-los. É singular que não se tenham lembrado de pôr bancos nas suas canoas; o mais que fazem é sentarem-se no fundo delas em viagens mais demoradas, movendo-se ao ritmo de seus remos em forma de pá. Se um de seus frágeis batéis emborcar, isso não tem a menor importância, porque são exímios nadadores, não parecendo, quando na água, estar menos à vontade do que em terra. Devido ao seu melhor conhecimento da costa e dos rios, e à sua familiaridade com o elemento, os brancos os empregam de bom grado como pilotos e mareantes.

Peculiaridade comum a todos os tupis é viverem juntos em malocas e não dormirem, nas suas grandes cabanas abertas, nem no chão nem em jiraus, como os outros índios, e sim em redes.

Suas armas consistem numa comprida moca de madeira pesada de palmeira, ou num machado de combate de pau-vermelho, e enormes arcos de palmeira ou outras madeiras, cujas cordas são de tucum ou de algodão torcido, atirando setas compridas que, conforme o fim a que se destinam, têm as pontas lisas ou farpadas. Não são, porém, envenenadas, porque nenhum tupi conhece o veneno que outros índios põem nas pontas de suas flechas e dardos.

As tribos tupis são mais perigosas que quaisquer outras, por não fazerem prisioneiros, matando e comendo os inimigos sem distinção de sexo. A verdade desta afirmação parece não estar provada, e é provável que se lhe impute esse horror para justificar a caçada humana e guerra de extermínio movida contra eles.

Muito interessante é o modo como enterram seus mortos. Sentam-nos, curvados, com as coxas bem encostadas no abdômen, as mãos debaixo das faces ou cruzadas sobre o peito, livres ou metidos em vasos de barro. Não conhecem túmulos nem também enterram seus mortos em cemitérios, como é costume de outros índios.

Indubitavelmente parentes próximos dos tupis, entre cujas tribos também vivem, são, entre outras, numerosas hordas de índios, como os tapuias, caiapós, xerentes, xicribás, jaicós, etc., reunidos sob o nome de Jês, a nação dos chamados canoeiros e bororós. Os canoeiros, isto é, índios com canoas, são desde tempos imemoriais o terror dos viajantes comerciais, e todas as tentativas para entrar em relações pacíficas com eles malogram diante de sua selvageria e rapacidade. Os índios são por natureza astuciosos e pérfidos, mas estes são, nesse sentido, mais para temer do que todos os outros. Pequenas expedições de viajantes ou fazendas com pequeno pessoal são as mais expostas aos ataques dos canoeiros. Sua avidez de carne leva-os a roubar todo o gado que encontram, e a pilhagem e assassinato coroam sempre seus encontros com os brancos. Sobre seu território e covis nada se sabe de positivo, porquanto aparecem e desaparecem subitamente sem deixarem rasto.

Os demais índios que fazem parte das hordas dos jês pertencem ao número dos mais esbeltos e belos do Brasil, que revelam muito talento e habilidade para trabalhos mecânicos. Como com todos os índios daquela região, têm-se feito, vezes bastantes, tentativas para domesticá-los, mas muito raramente com algum resultado. Sobretudo nunca se conseguiu fixá-los num domicílio. Estes silvícolas preferem vagar, caçando ou apanhando os silenciosos habitantes dos rios e dos lagos. Quando, porém, não são felizes na caça ou na pesca, contentam-se com os frutos das florestas, cuja infinita variedade constitui rica e variada messe. Alimento querido dos jês é o fruto do açazeiro, com cujos caroços polposos sabem preparar uma bebida que embriaga. Outros frutos oleaginosos, como as grandes nozes do coqueiro, constituem, às vezes, por algum tempo, seu único alimento.

Seu modo de caçar os animais em fuga é bárbaro e só possível onde não há nenhuma lei protetora das florestas. No tempo seco, sobre-

tudo, quando o sol tropical torra com seus raios abrasadores os campos e o mato baixo, ateiam-lhe fogo, e emboscam a caça em lugar onde o elemento destruidor não os pode atingir. Aí é fácil abater a caça que em desabalada fuga corre para a única vereda salvadora. Atiradores peritos desdenham matar a presa por outra forma que não seja com arco e flecha; até mesmo peixes só matam assim.

Ambos os sexos são nadadores corajosos e destros, mesmo nos rios mais profundos e mais caudalosos, mas na navegação são muito inferiores aos tupis. Têm só pequenas pirogas e servem-se de preferência de jangadas feitas de madeira leve ou do talo das folhas da palmeira Buriti, que amarram de modo engenhoso com cipós.

Antigamente as guerras dos colonos com os jês, dentre os quais a horda dos xavantes se destacava pela sua crueldade, eram constantes; contudo, nos últimos tempos, à semelhança dos índios da América do Norte antes da explosão das últimas hostilidades, concluíram uma paz formal com o governo brasileiro. Como os brasileiros receassem a perfídia dos índios no seu primeiro encontro com eles, ficou estabelecido no acordo de paz que todos os índios deviam depor as armas, ante um brasileiro, costume que até hoje se tem mantido naquelas paragens. Ao contrário do que se dá com as tribos tupis, não comem carne humana. Além disso, diferem também deles em alguns usos e costumes, não dormindo em redes, e sim no chão.

Outro grupo de índios, este, porém, menor, é formado pelos carajás, que são pequenos e feios, mas muito hábeis no fabrico de vasos de barro, bonitos, enfeites de penas e redes artísticas.

Um grupo que aparentemente está no último degrau, entre os selvagens brasileiros, é o dos goitacases, que, compreendidos no termo bugres (geralmente empregado para designar os índios mais atrasados), vivem em grande número nas províncias do Sul.

Na mesma região habitada pelos goitacases vivem os tão famosos dantes conhecidos por aimorés, em tempos mais modernos por botocudos, que são considerados com a tribo principal de um grande grupo étnico e lingüístico dos crens. Os índios desta tribo usam, como

uma espécie de distintivo nacional, uma rodela tosca de madeira no lábio inferior, como também nos lóbulos das orelhas, e uma faixa de cabelo em volta da cabeça. Desse horrível ornamento tiraram naturalmente o nome de botocudos, de batoque, em português. As tentativas para entabular relações pacíficas com essa horda bravia, que engloba até tribos canibais, tinham em regra que falhar, por parecer impossível vencer a crueldade e sede de sangue dos botocudos. Por isso essa raça implacável de selvagens foi considerada fora da lei e declarou-se verdadeira guerra de extermínio contra eles. Devido às crueldades que a ela se seguiram de ambos os lados, as paixões se exaltaram por tal forma, entre os brancos, que não hesitaram em promover a extinção dos botocudos por meio da pérfida disseminação do vírus da varíola entre eles. Os botocudos estão num grau de cultura extremamente baixo e suas cabanas não são mais que abrigos deficientes; algumas folhas de palmeira enterradas em círculo no chão, com as pontas amarradas em cima, no modo mais primitivo das cabanas de folhas, serviam-lhes antes de habitação. Recentemente aperfeiçoaram um pouco mais sua construção, porque devido ao contato com os brasileiros adquiriram machados. Não prestam também muita atenção à cultura da terra, contentando-se com o que esta lhes dá espontaneamente. Palmito, mel e raízes silvestres é tudo o de que precisam para alimentar-se; no máximo plantam um pouco de milho, feijão e abóbora.

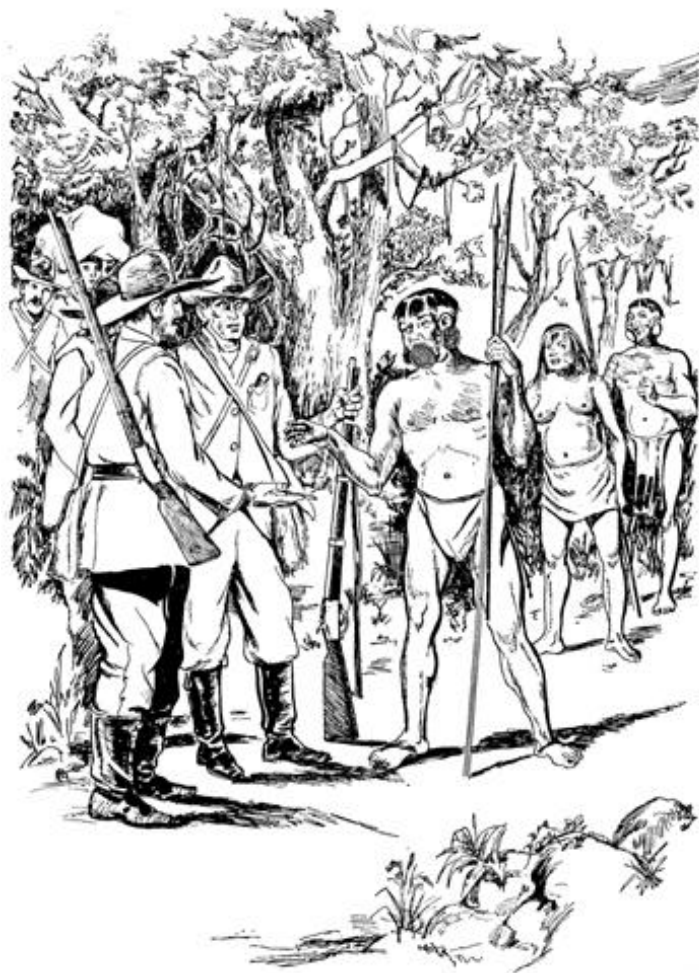
Não menos simples que suas habitações e alimentação são as suas armas. Uma clava, flechas e arco, feitos das hastes dum arbusto semelhante ao trovisco, constituem toda sua equipagem bélica. Os arcos são de tamanho e alcance enormes, de maneira que são sempre perigosos para o oponente, embora as flechas não sejam envenenadas.

Acontecem freqüentemente, quando se empreende uma viagem ao interior do Brasil, encontros com botocudos, que vivem constantemente vagando. Aconteceu-me isso uma vez, quando, longe de qualquer habitação humana, viajava no oeste do Rio Grande, estudando o traçado para um caminho ligando duas colônias, na região do Uruguai.

Numa região selvagem, onde de todos os lados se elevavam, acima do verde viçoso das palmeiras e dos pinheiros melancólicos, rochas

cobertas de musgo, seguia eu com três companheiros havia já muitas horas as curvas serpeantes dum riacho brilhante como prata, quando o silêncio da tarde já avançada foi quebrado por um ruído que só podia ser de vozes humanas, e, antes de podermos dizer uns aos outros o que pensávamos, surgiu a uma distância de cem passos um grupo de três índios inteiramente nus, nos quais, antes mesmo do meu vaqueano (guia), que ia a uns dois passos adiante, se aproximar de mim, reconheci os muito falados botocudos.

O que me feriu imediatamente a vista foi o horrível aspecto que davam àqueles homens, no mais bem conformados, enormes rodelas de madeira metidas nos lóbulos das orelhas e no lábio inferior, esta última, como notei quando nos aproximamos mais, deixando escorrer uma baba nojenta pela boca, que não deixava fechar bem. O tosquiado do cabelo em forma de tonsura e a horrível pintura das caras não concorriam também para melhorar seu aspecto. Muito embora fossem só três e não tivéssemos motivo para temê-los, achamos mais conveniente esforçarmo-nos por conquistar sua amizade. A conselho dos companheiros tirei da mochila nas costas do brasileiro dois bonitos canivetes luzentes dos que levávamos para esse fim e mostrei-os à índia pintada de roxo. Nos primeiros momentos os silvícolas não sabiam o que deviam fazer, e olhavam ora para nós, ora para as suas armas, de modo nada difícil de interpretar, até que, por fim, considerando provavelmente que não poderiam enfrentar a diferença numérica, resolveram aproximar-se. Um deles, que poderia ser o chefe da família, deu, como que a medo, alguns passos em nossa direção, enquanto a mulher ao seu lado ficou timidamente um pouco para trás. Por felicidade o nosso vaqueano sabia algumas palavras da língua guarani, e por meio delas procurou fazer com que aceitassem os presentes. Eu não podia desviar os olhos da horrível fealdade dos selvagens, aliás os primeiros da sua tribo que via, e tão profundamente se gravou na minha memória seu retrato, que ainda hoje os posso ver diante dos olhos. Antes que me apercebesse, o índio tirara-me os canivetes da mão estendida, desaparecendo com a rapidez do relâmpago, com os companheiros, nas sombras da floresta.



*A conselho dos meus companheiros tirei da mochila  
dois bonitos canivetes e mostrei-os...*

Encontrei-me mais freqüentemente com os índios chamados mansos, que por instigação do governo se fixaram em diversos lugares. São estes chamados aldeamentos, cuja superintendência geral, em regra, é dada a um diretor nomeado pelo governo, conservando porém as diversas tribos seus chefes ou caciques. No Uruguai encontrei uma dessas colônias de índios, chamados coroados, que antes eram antropófagos, até que os missionários, no ano de 1800, tentaram, pela primeira vez com sucesso, aproximá-los dos brancos.

O aldeamento era constituído por grande número de pequenas cabanas espalhadas por vasta área. Como o cacique, que o governo brasileiro em atenção à sua posição na sua tribo nomeara capitão da Guarda Nacional, tinha-me convidado para visitá-lo na sua casa, não hesitei em apresentar-me em casa do chefe desses coroados. O hospitaleiro selvagem que, diga-se de passagem, era horrivelmente feio e provido duma queixada horrorosa, veio já de longe todo risonho ao meu encontro, e, naturalmente para festejar a minha visita, vestia um casaco surrado de uniforme que lhe dava, com o restante do corpo nu, um aspecto excessivamente cômico. As cabanas dos índios que visitei em companhia do capitão eram, certamente, o que se pode imaginar de mais miserável. Numa delas foi-me impossível entrar em pé, e tive que me resolver a entrar de gatas se queria vê-la por dentro. Entretanto esse trabalho não foi recompensado, porque em lugar de coisas dignas de serem vistas, pela sua originalidade, encontrei lá dentro só duas esteiras no chão, e um par de cestos, servindo de guarda-comidas, constituindo todo o mobiliário. O material de que eram construídas as cabanas era ramos de arvores, capim e cipós de todas as espécies. No espaço em volta viam-se multidões de homens, mulheres e crianças em promiscuidade com cachorros, porcos, macacos, galinhas e papagaios. No meio dessa variegada confusão ardia uma fogueira, em cima da qual fervia, numa grande panela, um misterioso ragu de aparência nada apetitosa, muito embora na nossa opinião a hora não pudesse ser nem de almoço nem de jantar ou de ceia. Essas criaturas são, porém, tão felizes, que têm apetite a qualquer hora e prazer em satisfazê-lo. Nosso hábito de refeições a horas regulares é considerado por eles um estranho capricho dos brancos, porque ao contrário de nós consomem suas provisões de boca até suas maxilas destruírem os últimos restos, logo que entram na sua posse.



Meu amigo selvagem convidou-me a sentar-me no meio daquela multidão de silvícolas e ofereceu-me, hospitaleiro, o chá do Paraguai, sempre pronto. Depois de ter eu visto bastante daquela medonha assembléia, fui informado de que, como homenagem especial, ia haver uma dança diante da cabana. Agitaram-se 25 a 30 pares como possessos ao monótono chocalhar duma cabaça com grãos de milho dentro. Por muito tempo fiquei vendo o raro espetáculo com real curiosidade e divertindo-me com as caretas com que os selvagens, que pareciam demônios, acompanhavam suas cabriolas. A cor terrosa amarelo-pardacenta, a testa estreita, os compridos cabelos preto-azulados muito esticados, os zigomas salientes, a pobreza de cílios na pálpebra inferior e o olhar temeroso, pérfido, dos olhos pequenos um pouco oblíquos, davam, a cada um, um aspecto horrível.

Quando comecei a faltar-me e o cacique, depois de ter bebido muita aguardente de cana, jazia bêbedo por terra, fiz como se quisesse procurar meu cavalo que pastava ali perto, montei e parti, sem me despedir.

Os índios mais bonitos do Brasil são os guatós, que constituem um grupo só por si. Na aparência não são muito diferentes das raças caucasianas e os homens têm mesmo bastante barba. As mulheres usam cabelos compridos e soltos caídos às costas, os homens, porém, juntam-nos atando-os num topete, e cobrem às vezes a cabeça com um chapéu de palha. A não ser uma minúscula tanga pendente dos rins, andam completamente nus; enfeitam-se, porém, com uma pequena cavilha no lábio inferior, pequenos molhos de penas nas orelhas, colares de dentes de crocodilo e outras coisas. Os guatós passam a maior parte da vida nos seus barcos ou pirogas, em que embarcam quando começa a enchente com mulher e filhos e que não deixam por muitas semanas. Moram isolados, cada um com a família, e sentem-se tão atraídos pela água, que procuram as inóspitas baixadas e pântanos para construírem suas cabanas. O arranjo interior destas é o mais simples possível, não passando de algumas peles, que lhes proporciona sua ocupação favorita, a caça. Seus apetrechos de caça são as setas e o arco, de tamanho extraordinário, cujo fácil manejo é uma prova de sua força física e destreza. Sua perícia de arqueiros atinge grau tão elevado, que com suas flechas de 2,5 metros de comprimento matam qualquer pássaro por mais rápido que

seja seu vôo; manejam também com grande destreza suas lanças de quatro metros de comprimento. As diversas partes das flechas são seguras umas às outras com cola de peixe, e providas de pontas de osso. As cordas dos arcos são feitas de tripa de macaco uivador torcidas, ou de fibras de tucum. Para a caça dos pássaros servem-se só do arco e da flecha, mas é com a lança que o guató ataca corajosamente a onça que espreita.

Raramente moram juntas mais de uma família, na qual não há mais de um homem. O número das mulheres, ao contrário, vai de três a 12, e assim que um menino fica rapaz, separa-se dos pais, para fundar seu próprio lar.

Em épocas determinadas, e só duas vezes por ano, os homens se reúnem geralmente por dois dias, em lugares que gozam de certa veneração religiosa, para deliberar sobre assuntos que interessam à tribo. Seu relativamente alto desenvolvimento mental, que constitui notável contraste com o modo de viver, levou os brancos que com eles se encontravam a se interessarem, desde o princípio, por essas tribos. Sua língua soa também tão doce e harmoniosa, especialmente na boca das mulheres, que não são feias mas tristes e concentradas, que se tem vontade de conhecê-la mais a fundo.

Pode-se perguntar se é a influência do comércio com os civilizados, ou um sinal de maior capacidade intelectual dos guatós conhecerem estes, constituindo uma exceção entre os selvagens, que só sabem contar até cinco, um sistema mais desenvolvido de contar. Crêem também num deus e que depois da morte a alma dos que se conduzem bem na Terra é eterna, enquanto a dos maus é destruída. Esta intuição religiosa pode ser a razão pela qual apesar de toda sua natureza belicosa se mostram sempre pacíficos para com os europeus. A brandura de seus costumes e sua curiosidade infantil fazem lembrar os indígenas das Índias Ocidentais, como foram descritos pelos seus descobridores. Suas canoas velozes costumam aproximar-se freqüentemente, no rio Paraguai, dos barcos dos viajantes, para oferecerem pilotos ou remadores ou fazerem toda sorte de perguntas ou pedidos, no que muitas vezes se servem do português arrevesado que muitos deles falam, língua em que freqüentemente se sabem expressar com muita sutileza. Um guató a quem numa dessas ocasiões o Major Rohan recusou um presente que solicitava com

muito empenho fustigou-o com estas palavras: “Eu peço porque sou pobre, mas vejo que tu ainda és mais pobre do que eu.”

Entre os numerosos grupos de índios brasileiros há também algumas hordas que se formaram da mistura de diversas raças que, todavia, em regra estão num nível muito inferior. Entre eles podem-se incluir os caripunãs, muras e miranhas, quase todos habitando as margens do Madeira e destacando-se pela sua selvageria. Dos caripunas, ou homens-d’água, que matam a caça com flechas envenenadas, diz-se que não só comem a carne humana como a defumam, para a conservar. Os miranhas, ou “os que andam dum lado para o outro”, os “errantes”, são uma tribo temida mesmo pelos demais índios, que parece não pensar senão em guerra, pilhagem, assassinatos e caça ao homem. Vivem também em luta constante com os colonos, e no tempo da escravatura eram presos e escravizados pelos brancos. Isso aumentava, naturalmente, seu ódio àqueles. A despeito de sua rudeza, são muito hábeis na confecção de peças de roupa, redes, enfeites de penas e coisas assim.

São ainda dignos de menção os ticunas, além dos passés e macuxis. Os ticunas passam por serem peritos no preparo do urari, ou curare, veneno para as flechas, que usam também como objeto de permuta no tráfico com outras tribos. Os colonos consideram-nos uma tribo pacífica e às vezes até os tomam a seu serviço, empregando-os na pesca do pirarucu, na apanha do cacau, salsaparrilha e outros produtos. Os passés, no Amazonas, também são úteis e hábeis, e vão-se misturando aos poucos com os brancos. Os macuxis são os mais numerosos dos três grupos de índios e assemelham-se, na sua natureza, aos guatós. Conhecem também o modo de preparar o curare, com o que granjearam certa fama.

No alto Amazonas vivem os índios iauás, também muito hábeis no fabrico de flechas. Mas o veneno que preparam não é considerado tão ativo como o dos macuxis. O destes obtém, por isso, melhor preço. O viajante inglês Paulo Marcoy, que viveu algum tempo entre esta tribo, deixou com os missionários lá estabelecidos um iauá para tentar obter informações sobre a manipulação do veneno. O selvagem deu-lhe até um boião da pomada venenosa, mas não quis dar detalhes sobre seus componentes e modo de preparar, nem mesmo quando lhe foi oferecido um relativamente valioso presente, uma navalha de ponta e mola. Outro, porém, não pôde resistir à tentação duma luzente faca de mesa.

Murmurou algumas coisas sobre o suco dum arbusto e dum cipó, mas não quis dar detalhes. Depois de muito negociar, sem que o selvagem quisesse dizer mais, ofereceram-lhe três belas facas para comunicar o resto do se gre do, e esse en go do fez com que o ín dio, que es ta va a com pa nha do de um ou tro, va ci las se no seu pri mi ti vo pro pó si to. Pro me te ram ar ran jar um ga lho do mis te ri o so ar bus to e um pe da ço do cipó. As flo res e os frutos, que Marcoy também queria ver, afirmaram os dois não ser pos sí vel ob ter na que la es ta ção do ano.



*A ne gra era para tudo: do eito ao leite*

Durante três dias os dois não tornaram a aparecer, até que por fim voltaram, trazendo um ramo fino, cheio de folhas oblongas e um cacho de fru tos. Do ca cho pen di am ba gas du ras, le nho sas, de as pec to

preto aveludado, em cujo interior, amarelo-ocre, havia quatro caroços. Além disso trouxeram um pequeno pedaço de cipó de casca branca, parecida com a da bétula.

Tratava-se agora de saber mais sobre o processo da fabricação. Os dois aborígenes não quiseram, porém, expô-lo aos olhos dos europeus, se não lhes dessem quatro anzóis. Só depois de os receberem começaram o trabalho. O mais velho tomou uma panela nova, de barro, que encheu de água, enquanto o outro acumulava lenha em redor dela e ateava-lhe fogo com uma isca de formigueiro; esta consiste numa substância pegajosa com que certa espécie de formigas cobre as hastes dos arbustos, que seca rapidamente ao ar e cuja contextura esponjosa se inflama facilmente. Antes da água ferver, o índio jogou-lhe dentro pequenos pedaços do ramo que tinha trazido; o líquido tomou imediatamente um colorido amarelo e depois a cor de ferrugem. Duas horas depois o índio tirou as folhas e talos de dentro do decote, raspando ao mesmo tempo o cipó para dentro e atiçando o fogo. Agitou cuidadosamente a espuma espessa que vinha à tona da mistura, tirou três embrulhos dum recipiente e despejou o conteúdo na panela, dizendo que eram espinhas moídas dum peixe, glândulas e dentes de serpentes venenosas, e formigas-de-fogo secas. O cozimento ficou novamente por duas horas ao fogo, até ficar grosso, em ponto de xarope; então o iauá tirou-o do fogo, pôs dois pauzinhos em cruz na boca da panela, estendeu-lhe uma grande folha em cima e cobriu-a com terra.

No outro dia quebraram a panela e Marcoy viu uma bola dura, preta, que parecia ser muito pesada. Era o tão falado curare. Quem quiser envenenar lança ou flecha com ele basta aproximá-lo do fogo; ficará então mole e cobrirá facilmente a ponta da arma que se enterrar nela.

Depois de termos descrito mais ou menos as principais tribos de índios do Brasil, resta ainda observar que além delas, sobretudo na fronteira ocidental do Império na direção do Paraguai, vivem numerosas outras tribos menores que possuem muitas peculiaridades, mas que pertencem mais aos vizinhos que ao Brasil e por isso não podem ser mais minuciosamente descritas aqui. Basta dizer que entre essas tribos encontram-se hordas muito selvagens de cavaleiros, que percorrem em expedições de pilhagem os vastos pampas da região do rio Paraguai. Os mais

tratáveis dentre eles são ainda os guanás, cujas mulheres fiam o algodão, tecem-no, sabem tingi-lo e outras coisas mais. As hordas dos terenos e laianos, na Província de Mato Grosso, passam por facilmente domesticáveis, já havendo muitos aldeamentos deles perto de Miranda.

O trato com os índios do Brasil não é de forma alguma agradável, e, embora se tenha de considerá-los criaturas com os mesmos direitos que nós, acontece com eles quase o mesmo que com os negros, dos quais, em todos os sentidos, nos sentimos separados por profundo abismo. Por outro lado, os índios e os negros, mesmo os habituados aos seus usos e costumes, nunca poderão libertar-se duma certa desconfiança a respeito dos brancos. Está-se para com os índios, como para com outras tantas criaturas, que se domestica e que aparentemente parecem dedicadas, mas que ocasionalmente ameaçam, ou prefeririam voltar à completa liberdade, se pudessem escolher.

.....

## *Capítulo V*

### A AGRICULTURA

O

desenvolvimento do Brasil, para dizer a verdade, não tem obtido grandes progressos; constitui, porém, um dos traços mais importantes no conjunto destes quadros. É fácil compreender que, em meio dessa extraordinária variedade de circunstâncias, conforme foi exposto, a produção, a elas condicionada, apresente grandes contrastes, conforme a situação do lugar. A região das florestas virgens é mais fértil que a vasta região das campinas. Nos vales dos rios oferecem-se aos habitantes ocupações diferentes das próprias das zonas de montanhas; a proximidade do Equador favorece o desenvolvimento das plantas e a capacidade de produção da natureza em alta escala, do mesmo modo que no Sul, mais frio, e na costa a vida é naturalmente movimentada, há comércio mais animado do que no interior.

É da agricultura que se ocupa a maior parte da população. É, porém, praticada por processos ineficientes e inadequados. Sendo tão imensa a extensão do país e as propriedades não se medindo por jeiras ou acres, e sim por milhas quadradas, e sendo as melhores colheitas as obtidas em terrenos recém-roçados, esquecem toda a economia aconse-

lhada pelo bom senso e realizam, arroteando constantemente novos trechos das florestas, uma verdadeira cultura exaustiva. Apesar disso ocorrem no Brasil, e muito amiúde, anos de más colheitas extensivas a grandes áreas, do que já por mais duma vez resultou numa espécie de fome. Nesses casos tinham provavelmente deixado de cuidar mais da cultura dos produtos alimentícios mais necessários que da grande massa de produtos chamados coloniais, destinados ao comércio, como o café, o açúcar, o algodão e o tabaco. A cultura destes produtos, que constituem principalmente a riqueza do Brasil, é feita por escravos em grandes plantações, e em pequena escala só em alguns poucos lugares, particularmente nas colônias alemãs.

Entre os produtos alimentícios cultivados no Brasil está uma raiz, a mandioca, que se parece com um grande rábano de Erfurt, de duas espécies diferentes (*Manihot aipi* e *Manihot utilissima*) cultivadas em todas as províncias. A primeira cozinha-se e come-se como as nossas batatas, tendo o sabor duma boa cenoura; a outra é muito venenosa quando crua, e é, depois de ralada e extraído o ácido prússico que contém, torrada e comida como farinha, que tem o aspecto da nossa farinha de aveia. Para extrair o suco venenoso da mandioca, rala-se esta e espreme-se a massa resultante por meio de diversos aparelhos. Os índios, com quem os brancos aprenderam a preparar e a comer a mandioca, distinguem duas espécies de farinha, conforme os métodos de secagem. A menos seca sabe a amêndoas moídas, a mais seca, a farinha de aveia. A farinha, no Brasil, substitui completamente o pão, sem o qual se deve passar quase inteiramente, e é consumida pura, sem nenhum preparo, ou junta com qualquer substância, como carne, feijão, toucinho, etc., em todas as refeições. Para o estrangeiro é algo estranho ver na mesa alguém moldar com a ponta da faca ou fazer pequenas bolas de farinha molhada, que mete na boca. Menos tentador ainda é misturar a farinha em grande quantidade com a comida, e tendo-me demorado no Brasil por muitos anos, como, aliás, milhares de outros europeus, não pude jamais adaptar-me a esse gosto. Um negociante meu amigo, ao contrário, habituara-se por tal forma a comer farinha, que, tendo voltado para a Alemanha, mandava vir todos os anos algumas sacas, do Brasil.

Segundo as estatísticas oficiais, a exportação de farinha de mandioca no período de 1860 a 1861 montou a 3.296.963 litros, no valor



de 210.000 marcos; de 1871 a 1872, a 7.087.620 litros, no valor de 660.000 marcos; de 1869 a 1874 alcançou 8.453.453 k, no valor de 1.597.500 marcos.

Além das duas espécies de mandioca mencionadas, há ainda muitas outras variedades, das quais os índios manaus diferenciam nada menos de 35, dando-lhes nomes diferentes, e essa variedade ainda é acrescida pelos diversos métodos de tratar e preparar as raízes. Originalmente a planta é provavelmente nativa das Antilhas, e alguns, como Humboldt, querem que já seja originária da região do rio Madalena. No comércio se apresenta também um produto fabricado com essa planta, que é conhecido pelo nome de farinha americana de sagu (farinha de tapioca), conhecida também como araruta\*. Penso ter de voltar ainda a tratar do assunto.

Nas províncias do Sul cultiva-se de preferência o sorgo, ou milho, em grande escala, sendo consumido por homens e animais. Ao lado do milho cultivam também o feijão-preto (*Phaseolus derasus*), que juntamente com a carne-seca, farinha ou milho constituem, na maior parte do Brasil, a dieta diária da população.

Além disso a agricultura se ocupa com a cultura do amendoim, ou mendobi (*Arachis hypogea*), a chamada batata-doce (*Convolvulus batatas*), o inhame (*Dioscorea alata*), a taioba (*Colocasia succulenta*) e o mangarito (*Caladium sagittae folium*). Além delas encontram-se plantas com saborosos tubérculos semelhantes a batatas. Algumas províncias cultivam também o arroz, outras voltaram-se com sucesso para a cultura de cereais e batatas europeus.

As fruteiras, as hortas e os jardins recebem tratamento de madrastra, embora não haja falta de boas frutas, flores e legumes, que com alguns cuidados prosperariam, como tudo o mais. Em parte a culpa é da falta de mão-de-obra, mas em grande parte também da preguiça dos brasileiros. Só o que se pode obter com pouco trabalho, como a fruta-de-conde (*Anona cherimolia*), o abacate (*Persea gratissima*), a goiaba (*Psidium guajava*), de que se prepara uma boa marmelada, o abio (*Chirysophyllum cainito*), o ananás, a manga (*Mangifera indica*), e muitas outras,

\* Engano do autor: a farinha de araruta é extraída do rizoma de diversas plantas da família das amôneas, e o nome deriva do inglês, *Arrow-root*, (raiz de flecha). (N. T.)

gozam de maior atenção e cuidados. A manga passa por ser a melhor fruta dos trópicos; não menos precioso dom da natureza é o fruto da árvore-do-pão, de que se encontram muitas nas proximidades das cidades e a que as viagens de Cook e Forster deram justa celebridade. A manga e a fruta-pão são originárias da Índia. Entre as árvores frutíferas vindas de outras partes da Terra está o coqueiro, cujas nozes algum dia vieram para as costas brasileiras e aqui se devem ter aclimatado.

Laranjas, figos, pêsegos, melões, damascos, romãs e em menor quantidade videiras, marmeleiros e castanheiros têm sido transplantados para o Brasil e vingam em parte muito bem, dependendo da escolha de local que lhes convenha. As nossas maçãs, pêras, ameixas e cerejas parece que não se dão bem no clima brasileiro.

Os legumes poderiam produzir muito mais se lhes dispensassem mais cuidados, mas em regra são só os colonos alemães que os plantam, também ao lado de todos os outros produtos da terra do Sul, as couves, abóboras, alfaces, cenouras, rábanos, aspargos, couve-flor, etc., até onde o clima permite. O que disso vem para os mercados das grandes cidades é oferecido a preços tão altos, que ficam mais caros que as frutas do sul na Europa.

A riqueza da terra em flores é extraordinariamente grande, contudo só excepcionalmente em jardins particulares é que são cultivadas, e onde isso se dá cuidam mais da cultura das flores importadas da Europa, tão raras lá, como as sécias, cravos, balsaminas, rosas, amores-perfeitos, miosótis, do que das maravilhosas flores nativas.

Os mais importantes de todos os produtos, e que são objeto do grosso comércio, são o café, o açúcar, o algodão, o tabaco, o cacau e o chá.

O cafeeiro deve ter sido introduzido no país no começo do século dezesseis; sua cultura, porém, foi logo depois proibida pelo governo, sob pena de morte, porque os portugueses, então únicos senhores da terra, queriam restringir em absoluto o comércio do café a suas colônias asiáticas. Só mais tarde transplantaram novamente cafeeiros das colônias francesas das Antilhas para o Brasil e os capuchinhos italianos do Rio de Janeiro, a quem o governador Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela (1760), confiara algumas plantas, possibilitando a expansão e cultura desse produto que hoje constitui o mais importante objeto de

comércio para o Brasil. Os bons capuchinhos certamente nunca sonharam com a influência que o insignificante fruto dessa planta viria a ter no futuro.

A cultura do café no país aumentou tanto, sobretudo por poder ser feita com mão-de-obra muito mais barata que a muito cara do açúcar, que deixou inteiramente para trás a de outros produtos comerciáveis. A primeira exportação de café data do ano de 1806; atualmente, porém, o país já supre dois quintos das necessidades de café de toda a Terra – que se calcula ser de dez milhões de quintais anuais. As províncias do centro produzem a maior quantidade, que, devido à mais cuidada cultura e preparo, é pouco inferior ao café do Oriente e das Índias Ocidentais. Só onde se dispõe de solo de floresta recentemente arroteado é que o café é cultivado em maior escala e conseqüentemente as colheitas são mais abundantes. Estas são muito diferentes em rendimento e nem sempre saem como se deseja. A cultura do café em outros países difere da do Brasil em que aqui apanham na árvore as bagas vermelhas contendo os grãos de café e põem-nas a secar. Essa secagem requer grandes cuidados, porque o café perde em qualidade, se as bagas entram em contato com a terra. Nas grandes plantações a secagem se faz sobre grandes terraços de pedra, construídos para esse fim; em outros lugares empregam esteiras e finalmente o processo de secagem das bagas e descascamento dos grãos é também feito por máquinas. Depois da secagem as bagas são descascadas por meio de cilindros, lavadas e novamente postas a secar, depois do que os grãos são novamente passados num pilão onde um ventilador os limpa do folhelho que ainda os cobre. Assim limpo é mais uma vez posto a secar e depois ensacado. O valor do produto depende da execução regular de todos estes trabalhos. Tal como entre nós, nas regiões vinícolas, se acertam as situações depois da vindima e o humor da população é claramente influenciado pelo seu resultado, assim também se dá no Brasil com a colheita do café, que tem grande influência na vida pública. No ano de 1872 a exportação de café montou a 243.584.360 kg, no valor de 141 milhões de marcos, e de 1872 a 1874 o montante (duvidoso) da sua exportação andou por 188.079.068 kg, no valor de 253.540.250 marcos.

Outra planta importante, sob o ponto de vista comercial, que não merece menos atenção que o cafeeiro, é o algodoeiro. Este é nativo

do Brasil e era cultivado pelos índios, antes dos brancos pisarem o solo sul-americano. O algodoeiro (*Gossypium*) dá-se melhor nas províncias do norte, mas também se dá muito bem nas outras partes do Império. Como esta planta não requer terras tão fortes como o cafeeiro, sua cultura encontra menos dificuldades. Sendo bem tratado e havendo circunstâncias favoráveis, o algodoeiro pode dar duas a três colheitas por ano, e uma só planta, até duas libras e meia de algodão limpo. Aqui também é a separação do algodão do seu capulho o que dá mais trabalho. Depois, porém, que foram postas em uso máquinas americanas, não só para o descaroçamento como para a embalagem, a manipulação do algodão tornou-se muito fácil. Este produto é também exportado em grande escala pelo Brasil, e muitas vezes se podem ver nos portos verdadeiras flotilhas ancoradas para as quais durante semanas negros ofegantes carregam como formigas enormes fardos de algodão, até que os navios deixam o Brasil abarrotados dos tesouros que a natureza tão largamente lhe prodigalizou. A exportação de algodão se elevou nos anos de 1869 a 1874 a 54.435.836 kg, no valor de 74.279.250 marcos.

À cana-de-açúcar, que é cultivada em muitas províncias, foi dantes dispensada maior atenção do que atualmente, quando quase todos se dedicaram de preferência à cultura do café e do algodão. Diversas circunstâncias concorreram para o decréscimo da cultura da cana-de-açúcar. Devem ter concorrido para isso a descoberta da extração do açúcar da beterraba na Europa e o encarecimento do trabalho escravo, que nas plantações de cana-de-açúcar não tinha podido ser ainda substituído pelo do homem livre. A cana-de-açúcar também não é nativa, tendo sido introduzida muito antes (1520), das ilhas Canárias. Uma espécie que se supõe ser a melhor foi levada em 1792 de sua terra natal, Taiti, para Île de France, de lá para Caiena e as Antilhas francesas, de onde foi levada pela primeira vez para o Brasil.

Enganar-se-ia quem pensasse que no país onde se fabrica tanto açúcar se consome também o melhor. Com a bela e alva forma do chamado Pão de Açúcar do açúcar europeu, não é lá encontrado, com exceção talvez de algum importado da Europa. Como até agora o Brasil não tenha uma refinação de açúcar, consome-se lá, exclusivamente, o feio açúcar bruto, igual ao que se encontra, na Europa, no comércio, como

açúcar amarelo, ou mascavado. Entre 1869 e 1874 foram exportados 153.285.533 kg de açúcar, no valor de 54.238.500 marcos.

As províncias do Sul produzem também muito tabaco, que encontra compradores mas que não é de primeira sorte. A exportação de tabaco nos anos de 1869 a 1874 foi de 14.975.404 kg, no valor de 14.715.000 marcos.

O cacau é, como esta última planta, também nativo, embora esteja longe de se cultivarem tantos cacauzeiros como se poderia esperar, dadas as condições propícias do solo. O preparo do cacau para o comércio é muito mais fácil que o do café, porquanto os frutos são colhidos maduros, abertos, e os caroços postos a secar ao sol. O cacauzeiro dá duas colheitas anuais e estas costumam ser, dependendo das boas condições dos frutos, muito proveitosas. O cacauzeiro também se encontra no estado selvagem e os índios apanham os frutos, para empregá-los nas trocas com os brancos. Foram exportados pelo comércio, de 1871 a 1812, 3.181.473 kg, no valor de 3.000.000 de marcos; de 1869 a 1874, 4.578.143 kg, no valor de 4.938.750 marcos.

O Brasil tem-se interessado muito pela introdução da planta do chá. Já no começo deste século o governo entrou em negociações com a China e fez vir de lá algumas mudas de chá e algumas centenas de chineses para sua cultura. Esta tentativa, porém, não foi bem-sucedida, porquanto não se conseguiu o completo desenvolvimento das plantas, especialmente devido à má escolha das espécies plantadas, e também porque os filhos, de rabicho do Celeste Império, foram atacados de saudades da pátria. Só depois de décadas e de terem sido escolhidos lugares apropriados foi que a cultura do chá passou a ter alguma significação para o país. O chá que se toma atualmente no Brasil é sem dúvida exclusivamente produzido no país, mas, como se dá com quase todas as plantas introduzidas, mostra visível degenerescência, como aconteceu com a cana-de-açúcar e com o café, por exemplo, de maneira que o governo se viu muitas vezes obrigado a substituir ambas estas plantas por exemplares de seus países de origem.

Não podendo ser confundido com o chá procedente da China e por isto conhecido por esse nome, de origem chinesa, o chá do Paraguai (erva-mate) é o produto natural mais importante do comércio regional. Esta planta, porém, só medra no sul do Brasil. No entanto o chá

do Paraguai faz parte das principais necessidades de grande parte das populações sul-americanas e seu uso não se limita só ao Brasil; está, antes, muito espalhado por toda esta parte do mundo. Quando tratei das florestas virgens, já foi dita a árvore de que é tirado, a congonha, como a chamam os brasileiros. Os jesuítas foram os primeiros a cultivar essa árvore tão útil, nas suas missões no Paraguai, até que no ano de 1823 o célebre naturalista Bompland, amigo e companheiro de viagem de Alexandre von Humboldt, devotou quase toda a vida à cultura da congonha. A experiência tem mostrado que as folhas da árvore silvestre são tão boas para a alimentação quanto as dos renovos, mas em geral se constatou que os renovos cultivados dão chá melhor. É também singular que as congonghas cultivadas nos ervais atingem maior tamanho que no estado selvático. Para o preparo do chá empregam-se só as folhas e os talos tenros, e como é na época da maturação dos frutos que as folhas estão mais suculentas, essa é a época da colheita, que se realiza entre janeiro e março e às vezes se prolonga até junho e julho. Essa operação é muito simples. Os rebentos e talos novos são cortados, secados a fogo lento e novamente torrados numa espécie de andaime por cima do fogo. Esta operação requer cuidado para que as folhas não fiquem secas demais, queimem-se e percam o sabor agradável. No fogo também não se deve empregar madeira úmida ou resinosa, porque o fumo estragaria o mate. Até aí o preparo é feito na floresta, por pessoal especializado. Depois desse primeiro preparo as folhas são ensacadas e transportadas, no dorso de mulas, para os moinhos (moinhos de erva-mate). É nesses moinhos que o mate é completamente pulverizado. Para o transporte acondicionam-no cosendo-o em grandes couros de boi, para protegê-lo da umidade do ar e conservar seu aroma agradável. Vai tão comprimido nesses sacos de couro, que estes ficam duros como pedra.

Toma-se o mate em pequenas cabaças, ou cuias, tendo um orifício do lado de cima. Põe-se dentro uma mancheia de mate com uma colher de açúcar, enche-se de água fervente, deixa-se corar e chupa-se por um tubo de prata fechado com um crivo embaixo (bomba). Seu sabor sem açúcar é muito amargo e a princípio raramente agrada ao europeu, mas devido às suas qualidades saudáveis, correspondentes ao clima, o estrangeiro se habitua facilmente ao uso dessa bebida, comum na região. O mate está ainda mais generalizado nos países da região do

Prata que no Brasil. De lá recebeu uma vez o rei da Prússia como presente do famoso ditador López do Paraguai grande quantidade de fardos de mate, com o qual os soldados do exército prussiano se regalaram por algum tempo, a título de experiência.

A exportação de chá do Paraguai nos anos de 1860 e 1861 montou a 6.803.056 kg no valor de 2.700.000 marcos; de 1871 a 1872 a 9.507.086 kg, no valor de quatro milhões e meio de marcos; de 1869 a 1874, a 15.717.503 kg, no valor de 7.449.750 marcos.

Como, ao se tratar do chá do Paraguai, novamente se entra na floresta virgem, vem a propósito voltar também a outros dos seus produtos que são objeto de comércio. O pau-brasil, que era exportado em tão grande escala, é agora apenas e sem nenhum reparo, como já ficou dito, exportado como lastro de navios. É, ao contrário, interessante o aumento da produção do caucho. Muito embora a seringueira de que é extraído se encontre na floresta virgem, particularmente nas províncias do Norte, sua produção se restringe à relativamente pequena zona da Província do Pará. Na maioria são gente pobre e índios mansos que se ocupam disso, e são chamados, de acordo com a profissão, seringueiros. O produto do seu trabalho negociam com comerciantes que durante o período da produção do caucho se encontram entre eles, com um sortimento completo de artigos que constituem objeto de troca. Isto sucede geralmente de julho até janeiro, época em que as águas estão mais baixas; no entanto, conforme as circunstâncias, esse encontro pode ter também lugar nos outros meses, quando as grandes cheias não impedem o acesso aos seringais. O modo de obter o caucho, que se aprendeu com os índios, é o seguinte: a árvore recebe em muitos lugares golpes verticais, que muitas vezes se conservam abertos por meio de cunhas de madeira, por baixo dos quais se fixam vasos de barro para receberem a seiva. Não tarda a escorrer um líquido leitoso das feridas, cuja quantidade depois de três a quatro horas regula cerca de quatro colheres de sopa; para obterem mais seiva, enrolam, apertando, pedaços de cipó abaixo dos golpes, dificultando sua circulação. Este processo, fazendo com que a seiva escorra num certo ponto para o vaso adrede colocado, tem infelizmente como consequência a rápida morte da árvore. Toda a seiva é depois reunida num vaso maior e procede-se então a lhe dar defumação, para que não se estrague com a demora. Para este fim faz-se uma fogueira com as



*O algodão era produto de exportação*



sementes de certas palmeiras que produzem muito fumo, e por cima dela emborca-se um vaso sem fundo à guisa de chaminé; então o seringueiro derrama o látex sobre sua fôrma, ou, quando quer fazer um sapato de borracha, sobre a fôrma de sapato, presa na ponta de um pau, rodando lentamente com ela assim recoberta dentro da fumaça, até que o látex seque. Isso se repete tantas vezes quantas sejam necessárias para a capa chegar à espessura desejada. A defumação altera muito pouco a cor originalmente branca do caucho, que pela ação do ar adquire tonalidade escura. As fôrmas são feitas de barro ou de madeira coberta de barro, para que a massa se despregue mais facilmente, e em regra têm a forma duma garrafa. Mas o caucho aparece também no mercado em forma de pequenas tábuas. Para se fazer um par de sapatos são precisas de 30 a 40 capas; para as solas, um pouco mais; contudo, quase não se leva 25 minutos para fazê-los. Enquanto o caucho está ainda mole, gravam-se nos sapatos com uma agulha rombuda, ou com um pedaço de arame, toda sorte de figuras. Uma semana depois os sapatos podem ser tirados da fôrma.

Trabalhadores diligentes podem produzir num dia 16 libras de caucho; isso, porém, acontece raramente e eles ficam contentes quando, com a sua preguiça, trazem diariamente três a quatro libras.

Recentemente um alemão descobriu que o látex da seringueira pode, sem prejuízo de sua utilidade, conservar-se fluido por mais tempo, adicionando-se-lhe alúmen ou amoníaco. Com isso pode-se talvez chegar a exportar o látex fluido para ser preparado na Europa. A produção de caucho, no Brasil, representa grande renda para o Estado, o que levou ultimamente a pensar em regulamentar a exploração, porque o modo como é feita pelos seringueiros ameaça extinguir por completo as seringueiras nas florestas, de vez que só depois de três anos é que se podem fazer novos cortes na mesma árvore, sem perigo, o que lhes escapa inteiramente a consideração. A exportação de caucho nos anos de 1860 e 1861 montou a 2.412.612 kg, no valor de 5.400.000 marcos; em 1871 e 1872 montou a 4.798.921 kg, no valor de 15 milhões de marcos; de 1869 a 1874, a 5.582.799 kg, no valor de 23.220.000 marcos.

Os negociantes de drogas procedem com a mesma incúria no que respeita a salsaparrilha (*Smilax paparyceae*) das florestas virgens do Amazonas. O arbusto que dá a verdadeira salsaparrilha já se tornou tão raro que os que a apanham têm de avançar até as cabeceiras do Amazonas e levar a metade do ano passando as maiores necessidades nas florestas, para encontrá-los em quantidade suficiente.

A apanha da ipecacuanha (*Poaya*), remédio tão importante quanto a salsaparrilha, só em 1824 passou a ser formalmente uma indústria, sobretudo no alto Paraguai. A colheita da ipecacuanha, como a produção do caucho, depende do estado das águas, pois os que a fazem não se podem aproximar dos lugares mais altos, onde crescem as plantas, senão em canoas, e a secagem das raízes se faz com muita dificuldade na estação chuvosa. Tendo como guias dois homens experientes (práticos), grande número de trabalhadores (poaieiros) percorrem numa comprida canoa os incontáveis e confusos canais das florestas, e, saindo deles para entrarem nos pântanos, cada poaieiro procura abrir caminho através do mato cerrado, para chegar onde estão certos de encontrarem abundância da ambicionada raiz. Poaieiros hábeis arrancam diariamente 12 a 30 libras de raízes que, depois de secas, ficam reduzidas de cinco a 12 libras e meia. À noite os poaieiros se reúnem no acampamento comum e entregam a colheita ao guia, ou inspetor, da pequena expedição, que a pesa e põe a secar em couros de bois estendidos. Arrancar as raízes é, sem dúvida, trabalho fácil, mas o ataque de milhões de insetos que pululam nessas regiões torna a tarefa infinitamente difícil, e às vezes esses bandos hostis fazem com que o poaieiro desista de explorar até o fim muitos lugares de maior abundância. As raízes de ipecacuanha há muito se teriam esgotado também, se não renascessem do mais pequeno pedaço que fica na terra. A ipecacuanha, como o chá do Paraguai, vem também em dorso de muares e em sacos de couro, para o Rio de Janeiro, de onde é exportada nos navios.

Outra riqueza produzida pelas florestas brasileiras, que só recentemente apareceu no comércio, mas que é quase inteiramente consumida no país, é o guaraná, o fruto da *Paulinia sorbilis*, abundante nas margens do Amazonas. O caroço do fruto dessa planta é do feitio dum grão

de café, e cada baga contém dois. Os caroços, triturados dentro d'água, são fervidos até formarem uma massa sólida que torram depois um pouco, com o que toma a aparência de chocolate. Para usá-lo raspa-se um pouco do pó, que, misturado com água e açúcar, faz uma bebida agradável e refrigerante, e por suas qualidades salutareas faz concorrência ao café em grande parte da América do Sul. Deve-se seu conhecimento aos índios maués, que gostam também de desenhar plantas e animais nas barras de guaraná, semelhantes às de chocolate.

Ao lado da cultura do solo que foi mencionada no começo deste capítulo, há outro ramo da economia rural, a pecuária, muito atrasado no Brasil. Só tem alguma importância no sul do país, particularmente na Província do Rio Grande do Sul, e em algumas partes de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. A pecuária constitui a principal ocupação da população dos campos, contudo não é exercida em grande escala, como na zona do rio da Prata, porque nos campos brasileiros faltam as pastagens salgadas. Só onde, em lugar delas, é distribuído regularmente sal ao gado é que o cuidadoso tratamento é compensado pelo belo e proveitoso desenvolvimento dos rebanhos. A Província do Rio Grande do Sul é famosa pela extraordinária extensão em que é praticada a pecuária, onde é realizada ao modo dos argentinos, seus vizinhos, e constitui uma das principais fontes de receita da população.

A indústria de laticínios, o fabrico de manteiga e queijo, só se conhece em casos excepcionais. Só nas colônias alemãs é que se dá um pouco de valor à criação de gado leiteiro. O mesmo se aplica às Províncias de Minas Gerais e Goiás, onde se fabrica relativamente mais manteiga e queijo. No restante do país, contentam-se com a já mencionada manteiga inglesa rançosa, que está abaixo de qualquer crítica.

A pecuária tem principalmente em vista a carne e os couros, sendo que a primeira não é consumida fresca e sim destinada ao preparo do chamado charque, ou carne-seca. A matança, como nos países do Prata, é realizada em grande escala nas charqueadas. Nesses matadouros originais reina, entra ano e sai ano, atividade ininterrupta, que se restringe a matar os numerosos rebanhos que descem da serra, isto é, da região montanhosa, esfolar, limpar a carne da gordura e depois cortá-la em

mantas finas e pô-las a secar, em varas, ao sol. A carne assim seca constitui, nos lugares onde só raramente há carne fresca à venda, um dos principais alimentos dos brasileiros, e é, além disso, comida apreciada por eles em toda parte. As maiores charqueadas encontram-se perto da pequena cidade de Pelotas, na Província do Rio Grande do Sul, onde são abatidas 20.000 a 30.000 cabeças de gado vacum anualmente e 5.000 éguas para charquear. O aproveitamento dos demais despojos é pouco lucrativo, e muito embora uma parte do sebo, crinas e chifres seja utilizada nas fábricas de sabão e velas, curtumes e oficinas de seleiros, parte não menor fica perdida. A exportação de couros, no Brasil, montou, nos anos de 1869 a 1874, a 27.932.442 kg, no valor de 28.550.250 marcos. As crinas de cavalo e a lã animal constituem também objeto de comércio. Segundo dados oficiais, de 1869 a 1874 foram exportados 1.469.015 kg de ambos, no valor de 2.227.500 marcos.

Como o gado vive em liberdade, exposto ao tempo nas imensas pastagens, e só em casos excepcionais lhe são dadas rações, não tem ele tão bela aparência, testemunho de trato cuidadoso, quanto o alemão. As vacas e os bois são quase todos pequenos, feios, e distinguem-se pelas dimensões dos chifres, que atingem até dois metros, de ponta a ponta.

A criação de cavalos e muares é de menor importância e só se faz em maior escala nas províncias do Sul, onde, além da utilidade como animais de carga, são também muito apreciados pelo seu couro.

Da mesma forma que o gado vacum, os cavalos são muito feios. São pequenos, fracos e magros, mas às vezes aparecem entre eles animais mais bonitos, que se distinguem pelo temperamento árdego e, ao mesmo tempo, a natureza dócil. São, com tudo isso, muito ligeiros, e suportam incríveis fadigas, sem aparentemente se cansarem. Como é uma peculiaridade da vida brasileira todo homem livre utilizar-se do cavalo mesmo para vencer as mais pequenas distâncias, é natural que dêem mais valor aos bons animais. E, dentro pela minha noção, não são nada caros, porquanto, já por 25 táleres se pode comprar um bonito cavalo; mas cavalos de boas raças custam milhares. O apresto do cavaleiro custa mais caro que o cavalo.

Raramente se encontram entre os eqüinos nacionais raças de cavalos sem mistura. Da criação de bons cavalos, isto é, de sua manutenção em imensas pastagens cercadas, ocupam-se particularmente os grandes proprietários do interior do Brasil. Entre eles há estancieiros (criadores de gado) que possuem numa área de talvez 10 milhas quadradas rebanhos de gado de 70.000 a 80.000 cabeças.

É muito interessante a maneira como os brasileiros amansam os poldros, habituados à liberdade, para a sela e o trabalho. Os animais destinados a isso são tangidos para um pátio, e lá o amansador, geralmente um mulato ou negro particularmente corajoso, faz sua escolha entre os potros. Armado de enormes esporas e de um chicote, agarra-se a um dos postes que ladeiam a porteira do pátio. No momento em que esta se abre e os animais se precipitam para a saída, o domador cai em cima do dorso do potro escolhido, que parte dando terríveis corcovos, em desabalada carreira pela vasta campina. Entretanto, o cavaleiro procura meter-lhe na boca uma brida que leva de prontidão e a corrida desordenada não termina senão quando o animal, extenuado, sem mais ânimo, submete-se tremendo ao desusado domínio. Aprende então o passo, o trote, o galope e outros modos de andar, e habitua-se gradualmente, com mais ou menos docilidade, a obedecer à vontade do cavaleiro. Cavalos selvagens são também apanhados a laço, uma corda feita de tiras de couro cru entrançadas, com um nó corrediço na ponta, que os brasileiros do campo sabem manejar com tal destreza que o laço, circulando alto por cima da cabeça, raramente erra o alvo. Usam também, como foi dito, quando tratamos da caça ao avestruz, ou ema, uma corda tendo nas pontas duas bolas de chumbo, que, atiradas de certa maneira, enrolam-se nas pernas dos animais, fazendo-os cair.

De acordo com o costume da terra, é formalmente proibido montar numa égua, e por isto procuram utilizá-las doutra forma, abaten-do-as.

Os cavaleiros mais apaixonados são os do Rio Grande do Sul, onde, em conseqüência, há grande predileção pelos divertimentos eqüestres. Entre os mais apreciados estão as corridas de cavalos, que, pelo modo como são realizadas, diferem muito das corridas européias comuns.



*Engenho de açúcar*

Os cavalos são montados em pêlo e só por pequena distância, em linha reta, procurando cada um dos cavaleiros, atrapalhando e interceptando o caminho dos outros, alcançar em primeiro lugar a meta. Os espectadores apostam somas consideráveis na vitória de um ou de outro cavalo. No campo, essas chamadas corridas de carreiro, nos domingos e dias santificados, são um ponto de reunião que comparece, a cavalo, metade da povoação. Até os mais pobres participam do divertimento, fazendo apostas, embora se limitem a moedas de cobre. Por um bom cavalo-carreiro é pago, por um amante de cavalos ligeiros, o dobro do preço de um cavalo comum para servi-lo, mas é preciso tomar muito cuidado para não ser logrado, como acontece por toda parte nesta espécie de negócio. A mim mesmo um brasileiro já pregou uma dessas peças. Eu viajava a cavalo, com um patrício, por uma campina monótona; já tínhamos contado reciprocamente todas as anedotas e casos de que nos lembrávamos, para encurtar o tempo, até que, por fim, os assuntos se esgotaram e continuamos a trotar ao lado um do outro nos nossos cavalos já um pouco cansados. Por acaso olhei para trás e avistei ao longe, no horizonte, um cavaleiro que vinha na mesma direção que nós.

– Vamos esperar um pouco – disse ao meu companheiro. – Vem ali um brasileiro, que poderá encarregar-se da conversa.

Embora meu amigo, no fundo, não estivesse de acordo com a idéia, porque receava fazer fiasco numa conversa no seu português um tanto falho, deixou-se convencer porque o horrível trote de sua montada já lhe tinha produzido, nos músculos do assento, havia algumas horas, o mesmo efeito que um passeio numa carroça de camponês em caminho pedregoso.

Enquanto aguardávamos a aproximação do cavaleiro, que vinha a galope, nossa conversa congelou novamente apesar dos ardentes raios do sol, e à vista do animal que se esforçava valentemente para vencer a distância, meu amigo observou que aquele devia ser um magnífico cavalo-carreiro.

– É possível – concordei. – Podemos perguntar ao cavaleiro.

No entanto o cavaleiro nos alcançava; era o protótipo do campeiro, que, com a cara trigueira emoldurada de cabelos pretos e a pitoresca indumentária, em cima do seu melado bufando alegre ao ver

os nossos animais, se destacava nitidamente no fundo polido da planície sem árvores.

– O senhor tem aí um bom cavalo – disse eu ao desconhecido, pondo-nos novamente em marcha. – Parece ter mais fogo do que os nossos velhos rocins.

– É verdade – respondeu o brasileiro. Comprei-o na Serra, ainda não há muito.

– Já o montou em alguma carreira? – perguntei-lhe.

– Certamente! É o melhor corredor de Porto Guimarães.

– Eu acabei de chamar nossos cavalos velhos rocins, mas o meu Malagar aqui também sabe o que é brilhar numa carreira.

– Assim? – respondeu o brasileiro. – Podemos então apostar uma carreirinha. Está vendo aquele pé de cacto acolá? Pode servir-nos de meta. O senhor – acrescentou dirigindo-se ao meu companheiro – pode servir de juiz. Está feito?

– Não sou um corredor de carreiras, mas deve-se aprender a fazer tudo – respondi. – E por Deus que vou apostar cinco mil-réis.

Meu amigo dirigiu o cavalo para a meta combinada e quando chegou lá esporeamos os cavalos a um sinal seu, partindo a toda brida. Por duas vezes o brasileiro se atravessou na minha frente, e foi preciso habilidade para chegar à meta com a pele sã. Como o meu oponente, não só devido a esse ardil como à ligeireza do seu cavalo, me deixou para trás e passou pela meta como uma flecha, os cinco mil-réis foram indiscutivelmente perdidos.

E pensei:

“Preciso tirar algum proveito disso. O cavalo que o homem monta é evidentemente superior ao meu, para o qual nem as esporas nem o chicote valeram. Vou ver se ele quer vendê-lo.”

Quando paguei, junto ao pé de cacto, a aposta, e depois do meu companheiro ter rido de mim com razão, perguntei incidentalmente ao vencedor se seu cavalo estava à venda.

– Por que não? – respondeu-me. – Não tenho vontade de vendê-lo, é claro, mas se me der o seu e mais uma onça (22 táleres), pode levá-lo.



Dito e feito. Trocamos os arreios e antes de decorridos cinco minutos eu cavalgava o corredor de Porto Guimarães. Depois de ter-lhe pago a onça, declarou-nos de repente que tinha de tomar a esquerda, desejando-nos boa viagem. Instantes depois desaparecia de nossa vista.

Congratulei-me pelo ótimo negócio que acabava de fazer, mas não tinha ainda decorrido uma hora, quando comecei a notar que fora vergonhosamente enganado. Se o meu antigo cavalo era ronheiro, este era o protótipo da preguiça, e mais ainda, tinha uma verdadeira coleção de manhas, de maneira que fiquei muito contente quando mais tarde pude desfazer-me dele, com um prejuízo de cerca de duas onças, recebendo em troca um modesto burro. Mas ficou sendo um enigma para mim a palavra mágica com que o ardiloso brasileiro conseguira do sendeiro na nossa corrida improvisada aquela carreira vitoriosa.

A par dos cavalos criam-se também muares que, como animais de carga, alcançam preços muito mais elevados que os cavalos comuns. Os muares brasileiros, porém, não são tão grandes e fortes quanto os dos vizinhos países espanhóis, todavia têm formas perfeitas e prestam nas zonas montanhosas, por sua grande resistência, inestimáveis serviços. Os muares são particularmente empregados nas vilas e grandes cidades para puxarem carros de duas rodas, carruagens e carros fúnebres. Os burros são muito mais raros porque, devido à sua má índole, requerem muito mais paciência e atenção por parte do dono.

A mim me aconselharam muitas vezes a empregar um burro nas minhas fatigantes viagens científicas e outras excursões, mas uma vez em que segui o conselho saí-me tão mal, que jurei nunca mais confiar nesses animais. O burro tem o costume de, quando lhe dá na veneta, deitar-se e espojar-se, sem se incomodar com o cavaleiro que tem em cima. Este costume, que nada tem de agradável para quem o cavalga, é para o burro brasileiro uma necessidade, a de livrar-se dos muitos insetos que o atormentam.

Foi na terceira ou quarta vez que montei um burro, que comprara havia pouco por me ter sido muito elogiado seu passo macio. Quando atravessava um riacho, felizmente raso, antes de poder pensar no pior, ele se ajoelhou e, a seguir, com um prazer diabólico espojou-se comigo e as bagagens na água refrescante. Que eu nessa brincadeira não tivesse bebido mais água do que podia suportar, que não tivesse apanhado um defluxo que durasse todo um mês, e que, finalmente, só depois de trocar minha roupa pela de um brasileiro, na primeira casa que encontrei, tivesse recuperado meu bom humor, não favoreceu a fama do burro.

A criação de ovinos no Brasil ainda está num grau muito baixo e todos os esforços do governo para incentivar este ramo da economia rural têm sido até agora vãos. Os carneiros importados da Europa degeneraram muito depressa e sua carne adquiriu mesmo um sabor desagradável. E o fato é mais estranho por ter tido a criação de carneiros, nos vizinhos estados do Prata, rápido desenvolvimento. Cabras encontram-se mais freqüentemente; porcos são criados por toda parte, mas, embora o que outros viajantes possam dizer em contrário, são muito inferiores aos europeus.

A introdução de galináceos de todas as espécies da Índia tem sido muito bem-sucedida. Entre os galináceos destacam-se duas espécies desconhecidas na Europa; são as galinhas indianas de pernas muito altas, em geral pretas, que se encontram nas cabanas dos índios, mesmo nas regiões mais remotas; e uma espécie de galinhas anãs de pernas curtas e calçudas; animais bonitos e graciosos.

Como na Inglaterra, também são muito populares as brigas de galo, que em geral se realizam nos domingos com a eventual animada participação da gente da vizinhança, e as apostas pró e contra, entre os espectadores, elevando-se muito. Os negros são grandes entusiastas das brigas de galo, e são férteis em recursos para inflamar os combatentes.

No Brasil não existem raças puras de cachorros, e mesmo as que são às vezes introduzidas pelos europeus depressa degeneram e seus descendentes adquirem em pouco tempo, pelo cruzamento com a feia raça pelada local, uma aparência nada agradável.

Já se fizeram também no Brasil diversas experiências com abelhas e com o bômbix da seda, para aumentar a riqueza natural do país e aproveitar as boas condições climáticas, mas até aqui sem resultados dignos de menção.

Antes de ser encerrado o capítulo sobre economia rural, florestal e pecuária, devo dizer também algo mais detalhado sobre a caça e a pesca. Podia deixar de me referir aos animais que se podem caçar, por já ter dito o bastante quando tratei da fauna. O que deve ocupar a fantasia do leitor são os animais ferozes, como o cugardo, ou leão americano, o jaguar, que lá se chama onça, o crocodilo e outros semelhantes.

Caçam-se certamente animais ferozes, particularmente a onça-pintada, por causa de sua bonita pele, mas a verdadeira caça é feita mais aos animais que, além da pele, têm outras utilidades. Mas os animais



*Cacau*

ferozes são os mais ariscos e os mais temidos, vivendo por isso em lugares de difícil acesso. Os nativos enfrentam a onça quando a acuam, enrolando o pesado poncho de lá, que usam no tempo de chuva e no inverno, no braço esquerdo, pondo o joelho direito em terra e empunhando a faca de caça na mão direita estendida. Com o poncho aparam os golpes das patas da frente do animal, enquanto com a faca, de prontidão na mão direita, rasgam-lhe a barriga no momento em que se atira sobre eles. Os leitores compreenderão ser preciso o maior destemor e presença de espírito para se expor assim de tão perto à sanha sanguinária do atacante. Este modo de caçar é praticado quase que exclusivamente pelos índios, que como silvícolas desde muito cedo vivem expostos a todos os perigos, tendo assim oportunidade de desenvolverem ao máximo grau a coragem e a força. Mas há também colonos alemães que, conhecendo bem a floresta virgem e seus perigos, enfrentam desse mesmo modo o ataque desses ferozes animais. Contaram-me mesmo, entre outros, o caso de um menino de onze anos que, nas florestas da colônia de São Leopoldo, matou com sua faca uma onça de tamanho respeitável.

A caça das antas, porcos do mato, macacos uivadores, veados e outros quadrúpedes é menos perigosa. Sendo em geral pequenos os riscos, grandes são, todavia, as fadigas que o caçador tem de enfrentar. Considerando a riqueza e variedade de animais e as facilidades da caça, cuja liberdade nenhuma lei restringe, no Brasil esta é uma diversão mais cara que na Alemanha, onde só perdizes e lebres inocentes povoam as florestas e os campos.

Já estava havia anos no Brasil e, apesar de ser apaixonado caçador, não tinha ainda tido oportunidade, a não ser fatigantes excursões de caça no mais denso da floresta virgem, de participar de uma grande caçada que se parecesse, de longe, com a recordação que tinha ainda viva das caçadas na Alemanha, e que tivesse o mesmo encanto que elas. Conheci casualmente abastado comerciante alemão do Rio Grande do Sul, a quem me queixei da falta que isso me fazia e que, também caçador apaixonado, compreendeu minhas saudades dos prazeres venatórios, e convidou-me muito amavelmente a visitá-lo na cidade do Rio Grande, onde certamente se ofereceria oportunidade de aplacar minhas saudades de caçador.

Em agosto desse mesmo ano meu destino me levou àquela cidade, onde Herr K., meu novo amigo, me recebeu de braços abertos, quando eu inesperadamente lhe apareci, recordando-lhe com a minha presença aquele convite.

A cidade do Rio Grande, na saída da lagoa dos Patos, que eu já conhecia, tem pouco que ver em matéria de edificações, e suas cercanias planas e descampadas causam uma impressão sumamente desagradável, sobretudo quando se pisa ali, pela primeira vez, o solo brasileiro. Tanto mais agradavelmente me impressionou, por isso, o hospitaleiro acolhimento do meu hospedeiro, que logo no dia seguinte estava pronto para tratarmos dos detalhes dos planos da caçada. A fazenda de Herr K. fica a muitas milhas de distância, nos campos perto da costa e devia proporcionar-nos tudo o que procurávamos.

No domingo seguinte uma carruagem tirada por cinco cavalos e um criado montado esperavam-nos na porta da casa, para levar-nos, juntamente com outro amante da caça, ao nosso destino campestre. Além de nossas espingardas e demais apetrechos de caça, a carruagem levava abundantes provisões de boca, entre as quais também diversas garrafas de champanha, de maneira que estávamos garantidos contra a fome e a sede.

Tendo atravessado a trote largo a cidade e as fortificações quase enterradas na areia, não tardamos a deixar à nossa direita as margens rasas do largo rio que tem o mesmo nome da cidade, rio Grande, um canal natural que liga a lagoa dos Patos à lagoa Mirim. A paisagem não era bonita; em volta de nós não se via senão a areia branca ofuscante, e não era preciso muita imaginação para supor que estávamos passeando numa grande bandeja de areia de secar\*. Em lugar de árvores, duas filas de postes telegráficos, como para quebrar a monotonia da paisagem, estendiam-se para a esquerda e para a direita, seus fios se perdendo na distância, e eram o único testemunho de que outros seres humanos tinham estado ali antes de nós. Aproximávamo-nos alternadamente mais do litoral e rodávamos de novo vertiginosamente pelo meio da língua de terra que separa as grandes lagoas do sul do Brasil do oceano Atlântico; de estrada não havia, em qualquer ponto, o menor indício, e o cocheiro,

\* *Streusand*, no original, literalmente, areia para espalhar, ou areia para secar a tinta quando não havia ainda o mata-borrão. (N. T.)

um mulato nada feio, parecia escolher o caminho à vontade. Nas margens da lagoa havia grande quantidade de peixes e crustáceos mortos deixados pela enchente, em volta dos quais bandos de aves de rapina se juntavam ávidas. Só elas davam vida à planície solitária.

Depois de rodarmos uma meia hora, surgiu por fim diante de nós longa faixa de floresta de árvores raquíticas, que pelo menos oferecia uma variante aos nossos olhos. Depois de outra meia hora o solo começou a cobrir-se de uma gramínea que, quanto mais avançávamos, mais viçosa se tornava, para por fim estender-se como imensa campina que, como por toda parte nesta região, estava semeada de pântanos, lagoas e charcos.

Fizemos alto numa pequena elevação do terreno, para almoçar e para conseguir uma montaria com um brasileiro residente na vizinhança. Não o encontramos, porém, em casa; já tinha saído para a caça, com os filhos e sua matilha. Continuando a rodar, notei que os pássaros se tornavam mais numerosos e os travessos quero-queros, ou gaivotas, das mais diversas espécies, evoluíam em grandes bandos em volta da nossa carruagem. Em redor viam-se rebanhos de gado vacum e cavalos pastando, que levantavam as cabeças por um instante do pasto, olhando admirados a nossa vertiginosa carreira.

De repente surgiu do outro lado de um pântano um grupo de cavaleiros, no qual, ao se aproximar, *Herr K.* reconheceu seu vizinho Porfirio e seus amigos, que voltavam muito carregados de sua caçada. Atendendo a nosso chamado os brasileiros vieram até nós e, depois de termos partilhado com eles uma garrafa de champanha, presentearam-nos com a metade de um veado que tinham caçado, de modo que podíamos acampar para a noite já providos de um bom assado. Porfirio era o protótipo do brasileiro de raça pura, homem grande e forte, cabelos e barba cor de azeviche e olhos escuros, vivos. De botas altas, com as conhecidas esporas chilenas e o poncho azul escuro forrado de encarnado atirado pitorescamente sobre os ombros, montava um cavalo feio, mas fogofo. Seus filhos, de oito e 12 anos, que o acompanhavam a cavalo, devendo ter sido os mais ousados na montaria, ao lado de oito galgos provavelmente recentemente importados da Inglaterra, cada um mais bonito do que o outro, completavam o quadro verdadeiramente pitoresco da volta da caça.

Depois de rodarmos por três ou quatro horas, chegamos à solitária estância de K., que, escondida por trás de colinas ondulantes, só vimos depois de estar muito perto dela. Chegamos inesperadamente, mas o capataz parecia já estar acostumado a isso por parte do amo. O movimento no pátio de nossa chegada era tão grande quanto o sossego que devia reinar nele antes. Apesar de ter, no entretanto, escurecido, tivemos, para ser agradáveis ao nosso hospedeiro, de ver ainda tudo, pois *Herr K.* orgulhava-se do que tinha tirado do nada naquele deserto, como por artes de mágica. E, de fato, a casa, pequena e simples, com galhas de veados por cima da porta, à sombra de grandes e belas árvores, com um pequeno e bem tratado jardim, era uma linda morada de verão, cujo aspecto familiar fazia lembrar a pátria longínqua. Não faltavam estábulos e galpões, e as inúmeras laranjeiras que cercavam o pátio eram, na verdade, o único indício de que se estava numa zona do Sul.

Nesse ínterim a mulher do capataz, dinamarquesa nata, tinha preparado excelente ceia, que nos soube muito bem, depois da qual fomos dormir, preparando-nos para as fadigas da caçada do dia seguinte.

Pela manhã selaram os cavalos e partimos em companhia de três criados e de dois negros livres que moravam perto. Uma hora, mais ou menos, depois, fizemos alto e apeamo-nos. Nós, os que tínhamos espingardas, peamos nossos cavalos, e os cinco companheiros prosseguiram a cavalo, para mais adiante levantarem a caça que porventura estivesse escondida entre o capim do campo. Alguns pequenos montes de areia serviram-nos de esconderijo e separamo-nos ocultando-nos por trás deles, esperando o que pudesse vir.

Por muito tempo tudo pareceu como morto em redor de nós, os batedores também tinham desaparecido no horizonte; só muito ao longe se ouvia o ruído da arrebentação, na praia. De repente notei no monte de areia mais distante dois pequenos pontos, que aumentavam de minuto para minuto. Não tardou muito e os pontos aumentaram de número e relampejaram repetidamente. Aproximavam-se com incrível rapidez e reconheci os cavaleiros que tínhamos mandado na frente; mas não podia atinar por que incitavam seus cavalos àquela vertiginosa carreira. Súbito, passou algo vivo, rápido como uma fâisca elétrica, e reco-

nheci nossa matilha em perseguição. Deviam ter levantado a caça. “Que será?”, pensei eu. Minha excitação e esperança cresciam de segundo em segundo. “Quem”, dizia eu comigo mesmo, “será o felizardo que lhe poderá atirar?” Ajoelhei-me e fiquei imóvel esperando a caça e eis que um magnífico veado se precipita como uma bala saída de uma pistola, na direção da minha “espera”. Súbito, porém, dobrou para um lado e ia passar pelos nossos montes de areia a uma distância de 75 a 80 passos. Tomando rapidamente uma decisão, levei a espingarda ao ombro, apontei e apertei o gatilho. Mas, no Brasil, se todos os dias são de caça, nem todos são dias de matar caça. Tac, fizeram os dois cães, e ambas as espoletas negaram fogo!

Ninguém estranhará que eu tenha ficado furioso, mas que adiantava isso? O veado deixara-nos seus cumprimentos e o trabalho de procurá-lo.

Os cavaleiros voltaram também a galope, mas era tarde demais para iniciar nova batida. No caminho de volta tentamos ainda a sorte rastreando caça com o auxílio dos cachorros, que nesse ínterim tinham voltado. Mal tínhamos percorrido 500 passos, saltou um veado do seu esconderijo diante do cavalo de *Herr K*. Começou então uma corrida louca. Cada um de nós afrouxou as rédeas de sua montada e todos se precipitaram como se a felicidade e a salvação de cada um dependessem dessa corrida. Os cavalos, como se soubessem do que se tratava, pulavam cômoros e fossos, de maneira que quase nada podíamos ouvir nem ver. Depois de cerca de cinco minutos o veado, aterrado, começou a se cansar e quis esconder-se no juncal de um pequeno pântano, mas já tinha sido notada sua intenção. Dois cachorros tinham-no agarrado pelas patas traseiras e arrastaram-no para fora do juncal, onde depressa o abateram. Com isso terminou, por essa vez, a montaria, e voltamos satisfeitos com a pequena presa, aumentada com alguns patos bravos (marrecas), que ainda matamos nos pântanos, para o teto hospitaleiro da estância de *K*.

No dia seguinte estive com sorte, e os oito dias que passamos na fazenda isolada, que foram inteiramente dedicados aos prazeres da caça, familiarizaram-me mais com a vida dos caçadores brasileiros que muitas semanas de permanência no fundo da floresta virgem.



Entre os mais interessantes episódios de caça durante minha estada naquela região, está uma montaria às emas, a que assisti uma vez, com muitos dos meus compatriotas, sob a direção de um brasileiro de tez curtida pelas intempéries, e seus amigos.

O cenário da caçada foi igualmente o Sul do Brasil e ela havia sido combinada meses antes. Nosso grupo se compunha de cerca de vinte cavaleiros que, todos muito bem montados, galoparam de ânimo alegre pela campina, numa maravilhosa manhã de setembro, de primavera brasileira, para o lugar combinado do encontro. A alegre variedade das cores dos cavalos e suas crinas flutuando ao vento matinal, as vestes ondeantes dos aguerridos cavaleiros e o exótico apresto de toda aquela companhia já eram para mim um espetáculo altamente interessante embora fosse só o prelúdio do verdadeiro divertimento esperado.

Nas proximidades de uma pequena colônia, que se erguia como um oásis no meio da charneca verde-amarela diante de nós, a nós se juntou de acordo com o combinado um segundo grupo de caçadores, com os quais poucos minutos depois iniciamos a caçada. Para isso os caçadores colocaram-se numa fila, muito extensa devido aos grandes intervalos entre eles, na qual brasileiros que tinham laços e sabiam usá-los foram divididos entre os demais cavaleiros, aos quais cabia mais o papel de batedores. Ainda não tínhamos avançado 200 passos, quando ecoou de repente na ala direita da longa fila um unísono “alô!”. Tinham avistado um grupo de quatro ou cinco emas, que de asas abertas fugiam céleres pela campina. Assim que se avistou a caça procurada, se desfez toda a ordem nas nossas fileiras, e cavaleiros e cachorros partiram em desabalada carreira, de todos os lados, atrás das aves. Como tangidos por demônios, os cavalos precipitaram-se sem respeitar obstáculos, saltando moitas, fossos e cômoros, e mesmo assim não satisfaziam a avidez de velocidade dos cavaleiros, que não cessavam de incitar com os chicotes e esporas os animais ofegantes a correrem mais. As emas, porém, guiadas pela vontade de um guia invisível, separaram-se durante a fuga, para dividirem a força dos seus perseguidores. Cada um dos animais em fuga procurava, correndo em ziguezague, escapar ao inimigo. No meio da desenfreada caçada os brasileiros desataram os laços da sela, levantando-os e fazendo com eles largos círculos por cima de suas cabeças mesmo antes da vítima visada parecer estar a seu alcance. Uma

ema nova, que vinha fazendo os maiores esforços para ganhar maior distância dos nossos velozes cavalos, foi a primeira a cair em nosso poder. O laço de um mulato do nosso séquito enrolara-se-lhe no pescoço e fizera-a cair, arrastando o animal exausto. O homem saltou ligeiro da sela para se apoderar da presa, e arrancar-lhe as penas, o que constituiu o único desígnio da caça.

Alguns dos demais caçadores tinham-se afastado tanto que os perdêramos inteiramente de vista, enquanto outros, tão felizes quanto nós, apanharam uma ema maior.

Quando havia já muito tempo que nos tínhamos aproximado do fogo, nutrido com estrume seco de gado, para o almoço, os companheiros voltaram da sua infelizmente inútil perseguição, e depois de curto descanso iniciamos, conversando animadamente sobre a caçada que nos tinha parecido tão interessante, o caminho de volta para a pequena colônia próxima.

Sobre a caça do porco bravo, do tapir e de outros animais, como é feita no Brasil, e a que eu mesmo freqüentemente assisti, não será mais preciso tratar, porquanto pelo acima descrito o leitor já pode fazer uma idéia do modo de caçar dos brasileiros.

A pesca merece um pouco mais de atenção. Dela se ocupam sobretudo os índios e as classes mais baixas, notando-se que os primeiros se distinguem pela sua extraordinária destreza em flechar, arpoar e pescar de anzol, como também em apanhar os multiformes habitantes das águas por meio de redes, covos e mesmo plantas venenosas, como já foi descrito.

Um dos métodos de pesca mais comuns entre os índios é o dos chamados jiraus. Consistem estes em grandes trançadas, muito apertadas, feitas em geral por todas as povoações de índios em certas épocas do ano, que são postas logo abaixo das quedas-d'água, ou rápidos, para tapagem dos rios. Os peixes, que não encontram a menor passagem no entrançado, e não querem também voltar, tornando a subir a cachoeira, caem em grandes quantidades nas mãos dos índios. Os destros silvícolas vigiam cuidadosamente os estreitos canais laterais, armados de lança e machado, matando os peixes que tentam fugir. Como, por este sistema, quando retiram de repente os jiraus, matam mais peixes do que os necessários no momento, secam grande parte deles, que assim será conser-

vada por mais tempo. Põem os peixes menores a secar ao sol, enfiados num cordão, e os grandes partem em pedaços e secam ao fogo. Depois de serem devidamente estripados, de lhes tirarem a cabeça, cortam-nos em postas, põem-nos num jirau de caniços, preso em estacas a uns dois pés acima da terra. Um fogo lento de brasas, posto por baixo, em pouco tempo seca e defuma toda a provisão. Os primeiros navegadores que chegaram à América já encontraram este modo de secar o peixe, com o nome de “moquém”, isto é, assar a fogo aberto. Tratando-se só de secar peixes pequenos ao sol, chamam isso murubu-moquém. Pedaços muito grandes de peixes e outras provisões precisam ser secados duas ou três vezes por esse processo, que é usado para quase todos os peixes edíveis. O aspecto do peixe seco sem sal, enegrecido pela fuligem, que é um alimento sem sabor, indigesto e insalubre, não é nada apetitoso. Só quando certos peixes grandes são preparados, por determinadas formas, para o comércio, é que apresentam aspecto mais atraente. As grandes folhas em que são envolvidos concorrem, sobretudo, para tornar mais agradável o aspecto desse produto comercial.

O preparo indígena dos peixes foi também adotado pelo restante da população do Brasil, e pouco melhorou com o espremer um pouco o azeite antes da secagem e salpicar sal em cima dos montes de peixe, infelizmente em quantidade insuficiente. Da salga deficiente do peixe seco que se come decorrem provavelmente muitas moléstias do aparelho digestivo que são comuns, particularmente, entre os habitantes da região do Amazonas.

Em alguns lugares preparam uma espécie de farinha alimentícia (piracuí), para o que tiram as espinhas do peixe assado, pilam o peixe num almofariz e põem a massa a secar, em vaso de barro.

Da pesca no mar, que se faz ao longo de toda a costa brasileira, a mais importante é a de diversas espécies de baleia, nas províncias do Norte. Em grandes barcos que levam dois ou mais, pequenos, a reboque, nos quais vão os arpoadores, percorrem os baleeiros brasileiros as zonas por elas mais visitadas, para pescá-las. Assim que avistam uma baleia, os arpoadores perseguem-na nos pequenos barcos, que cortam velozes as ondas, cravam-lhe com mão segura a fisga mortal no corpo e puxam pela corda amarrada, levando-a para o grande veleiro, que, depois da tripulação tê-la amarrado de maneira a ficar bem segura, toma cautelosa-

mente o rumo de volta através dos arrecifes que orlam a costa. A época da pesca da baleia, que, aliás, já se reduziu muito, comparada com o que era dantes, é feita entre os meses de maio e setembro, em que anualmente são pescadas de seiscentas a setecentas. Em terra procedem, imediatamente depois de cada captura, ao trabalho de espostejar e extrair o azeite da gordura nas fábricas de óleo, na costa. Esse azeite serve para iluminação e é também objeto de comércio em grande escala.

Como, em comparação com as outras partes das costas americanas, a zona brasileira das baleias é a que produz a mais rica presa, aparecem, sem respeitar as prerrogativas brasileiras, muito freqüentemente, no ponto onde mais abundam, as ilhas dos Abrolhos, baleeiros norte-americanos, com os quais são comuns os atritos.

Atestam a riqueza do mar em pescado os já mencionados mercados de peixe nos principais portos de mar brasileiros, diariamente supridos de peixe fresco em quantidade por pescadores das aldeias da costa. Quando sobre as águas azuis do oceano alguém se aproxima da costa brasileira, e a terra, vista do convés do vapor, se destaca no horizonte quase uma faixa nebulosa, aparecem já, dançando sobre as ondas, as famosas jangadas dos ousados pescadores. Essas pequenas balsas, cujos paus são ligados entre si por cipós, quase não podem ser vistas entre duas ondas que se elevam, senão quando uma brisa fresca, enfundando a vela latina, as impele com a velocidade de uma flecha. Nessas jangadas, que são governadas por meio de um leme muito primitivo, há dois pequenos bancos baixos, para dois ou três pescadores que a ocupam; levam eles uma panela, um pouco de farinha, um barril com água, outro menor com sal, para salgar o peixe. Com tão fracos recursos esses corajosos navegantes não só se aventuram muito longe no mar encapelado, descuidados das tempestades que os ameaçam, como até retardam a volta por semanas, parecendo mais estar em casa, sobre o líquido elemento, do que quando estão em terra firme.

Por muito pouco desenvolvido que pareça o país cuja descrição empreendi, por muito poucos que sejam ainda os meios auxiliares de que dispõe, o incansável espírito invencível do homem, como se vê, tenta desde séculos arrancar, em parte com os meios rudimentares de que dispõe, os tesouros que a natureza armazenou, seja nas profundezas do mar, seja nas florestas virgens.



*O algodoeiro (Gossypium) era cultivada pelos índios, antes dos brancos  
pi sa rem o solo sul-americano*

.....

## *Capítulo VI*

### OUTROS PRODUTOS DO SOLO E INDÚSTRIA

O

uro e diamantes estiveram desde tanto tempo tão estreitamente ligados à imagem do Brasil, que se fica inclinado, involuntariamente, a crer que a lavra desses valiosos produtos minerais supera em importância a exploração de todos os outros tesouros da natureza. É verdade que a mineração de ouro e diamantes em muitas partes desse imenso país foi outrora a principal ocupação de seus habitantes, e ainda hoje se exporta considerável quantidade de ouro e pedras preciosas para outros países, contudo não se pode mais falar em grande mineração de metais preciosos e outros.

Os que, levados unicamente pela ambição dessas riquezas, se deixarem tentar pela imigração para o Império, enganar-se-ão amargamente e terão de procurar, lá, outra ocupação mais rendosa. Há séculos certamente, e sobretudo depois da terrível Guerra dos Trinta Anos que assolou a Alemanha, a coisa era outra, e não era raro aventureiros corajosos regressarem à pátria carregados de tesouros das regiões auríferas do Brasil. Os habitantes das colônias portuguesas, sobretudo os chamados paulistas (habitantes da Província de São Paulo), organizaram

por esse tempo verdadeiras caravanas sob o nome de bandeiras, que exploraram as selvas no interior à procura de tesouros. Seus líderes, a quem chamavam sertanistas, distinguiam-se pelo destemor e arrojo. Um dos mais corajosos rompeu, nos fins do século dezesseis, desde a costa oriental da América até a fronteira do Peru, e viu lá uma nação cujas mulheres se apresentavam ricamente ornadas com jóias de ouro puro. Isso levou ao descobrimento de inúmeros tesouros na atual Província de Minas Gerais, que despertou a ambição dos demais sertanistas e teve como conseqüência uma peregrinação em massa para as novas terras das riquezas. O ouro encontrava-se ainda lá em grandes quantidades, e em muitos lugares estava à vista, não exigindo o trabalho de arrancá-lo das entranhas da terra. A grande afluência de faiscadores obrigou a construção de habitações, que se foram aglomerando até formarem aldeias e depois cidades. Quanto maior, porém, se tornava a afluência de homens, tanto mais numerosas eram as contendias e a desunião entre os sedentos de ouro, as más paixões, até que o governo interveio e diminuiu os proventos dos aventureiros, determinando que um quinto de todo o ouro encontrado fosse para o Tesouro Real. Novas descobertas de jazidas na atual Província de Goiás animaram os caçadores de ouro a prosseguirem no seu afã. A abundância em Goiás era tão grande, que um dos primeiros montões de areia explorados continha uma libra de pepitas. A produção alcançou o auge no começo do século dezoito. Pode-se fazer uma idéia da riqueza das minas de ouro de então, sabendo-se que o quinto do Tesouro Real nos primeiros anos oscilou entre nove e 12 milhões de libras. A primeira flotilha que partiu da região do ouro para Portugal levou a bordo um tesouro de mais de 22.000 libras que, porém, em conseqüência dum ataque de selvagens no rio Paraguai, foi presa destes. Mas desperdiçaram-no depressa no comércio de trocas com os europeus, contra artigos de pouco valor. Cerca de um ano depois tiraram os portugueses 25.000.000 de libras de ouro dessa mesma região, e a maior quantidade tinha sido levada por aventureiros.

O ouro, no Brasil, jaz sobretudo de mistura com a areia em determinados rios, e tem de ser obtido pela chamada lavra, ou lavagem. A exploração de ouro nas minas produziu sem dúvida abundantes quantidades, mas como não se operou economicamente, e faltavam maiores recursos, como também a mão-de-obra necessária, entrou em decadência.

Grande parte da população preferiu dedicar-se à cultura da terra, menos trabalhosa e que prometia proventos mais seguros que a mineração.

Hoje a exploração das minas de ouro acha-se quase inteiramente nas mãos de companhias inglesas, que devido ao encarecimento e à falta de mão-de-obra não estão fazendo um negócio brilhante. É interessante um cálculo do naturalista von Eschwege, segundo o qual, desde os primeiros tempos da exploração, no ano de 1600, até ao ano de 1820, foi encontrado no Brasil ouro no valor de 649 1/2 milhões de táleres. Quanto ao atual estado da exploração, soubemos que a exportação nos anos de 1869 a 1874 foi de 732.254 gramas, no valor de 1.664.325 marcos.

Da riqueza do Brasil em diamantes só se teve conhecimento muito depois do da presença de ouro. Foi só no ano de 1729 que um português encontrou a primeira pedra dessa espécie, e levou-a a um joalheiro da capital da província, que reconheceu imediatamente seu grande valor. Segundo outros, levaram algumas pedras brilhantes ao primeiro magistrado da Vila do Príncipe, que delas se serviu por muito tempo como fichas de jogo. Algumas delas foram depois ter às mãos dos ministros residentes em Lisboa, que as mandaram para Amsterdã, para serem ali examinadas. Os holandeses mal reconheceram a preciosidade das pedras, fecharam um contrato com os portugueses, pelo qual, contra uma pequena indenização anual, todas as pedras preciosas encontradas nas principais zonas diamantíferas lhes ficariam pertencendo. Só muito depois foi que os brasileiros reconheceram quanto tinham sido lesados com esse contrato. Por muitos anos tiveram de ver como os tesouros que a natureza lhes prodigalizara passavam, por este modo, para as mãos de seus rivais. Mais tarde, depois da expiração do contrato (1772), quando entraram novamente na posse dos seus direitos, os diamantes na Europa já tinham perdido muito do antigo valor. Dizia-se que desde o começo da descoberta dos diamantes no primeiro distrito diamantífero do Brasil, com apenas 12 milhas portuguesas de área, cerca de 1.000 onças de diamantes tinham atravessado o mar. Só em 1844 foram descobertas novas e ricas jazidas de diamantes na Província da Bahia, cuja produção inundou novamente o mercado com considerável quantidade de pedras, o que ocasionou a desvalorização geral das custosas gemas.



Os diamantes agora não são mais encontrados nas suas primitivas jazidas; devem ser procurados, como o ouro, nas areias dos rios e riachos. As zonas onde são encontrados são ainda hoje a Província de Minas Gerais, ao longo da serra do Espinhaço, na parte de cima dessa montanha, até ao limite norte da província, bem como nas montanhas que ficam a sudoeste das cabeceiras do São Francisco, nas planícies da Província da Bahia, nas montanhas que limitam ao sul o vale do São Francisco, em Sincorá e Chapada; e igualmente nas Províncias de Goiás, Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. Nestas últimas, porém, só se encontram pedras de pequeno valor e só ocasionalmente em depósitos de itacolomito, nas montanhas. A lavagem das areias diamantíferas, nas chamadas lavras, o que quer dizer garimpos (minas), é muito semelhante à lavagem do ouro; requer, porém, grande capital, que parece tanto mais inseguro nesse empreendimento por ser o comércio de diamantes feito por poucas firmas de pequeno capital, e estarem eles sujeitos a grandes oscilações de preços. Existem lavras do rio e lavras do campo (minas de rio e minas do campo). Para abertura duma lavra no leito de um rio onde se supõe existirem diamantes, é preciso primeiro que o leito fique seco ou que o rio seja represado por algum tempo. Feito isto, é preciso tirar a primeira camada, o chamado cascalho bravo, bem como a segunda, de pedras em decomposição, sob a qual aparece então a camada indicativa da presença de diamantes, a de cascalho virgem semelhante a enxurro. Muitas vezes basta só cavar alguns pés de profundidade para encontrar a camada indicativa de diamantes; muitas vezes, também, só a 20 ou 25 pés de profundidade é que se encontra o cascalho virgem. As pedras soltas, de cima, são retiradas em gamelas pelos trabalhadores, e despejadas em montões que durante a estação das chuvas ficam menores e lavados. Algumas espécies de pedras, quando aparecem, fazem logo concluir pela presença de diamantes, de modo semelhante ao que acontece com o ouro. Chamam-lhes formação mineral, e são muito diferentes, conforme o local onde se encontram. Muito frequentemente, aliás, aparece ouro com os diamantes, em muitos lugares também platina ou cobre puro. Como os seixos nos leitos dos nossos rios, o cascalho é também mais ou menos arredondado, nos rios onde há diamantes; estes, porém, devido à sua dureza, perdem menos de sua forma

original. Essas tão preciosas pedras encontram-se também dentro de pedaços arredondados de pedra ferruginosa avermelhada.

As lavras do campo, ao contrário do que se acaba de descrever, ficam longe dos rios, nas chãs elevadas; as condições em que são encontrados os diamantes são as mesmas do primeiro caso. Mas nas lavras do campo chamam gorgulho a camada indicativa da presença dos diamantes, e as pedras que ficam por cima dela parecem-se mais com fragmentos de rochas, tendo, em vez das formas arredondadas dos seixos dos rios, forma angulosa tosca.

Os faiscaidores, entre os quais se compreendem os caçadores de diamantes mais pobres, fazem, conforme certo sistema, covas compridas e mantêm-se, e a suas famílias, com a miserável produção da lavagem da camada de gorgulho. Uma autorização dada pelo governo é o bastante para legalizar essa indústria. Certa classe de aventureiros faíscam ouro e diamantes secretamente (garimpeiros). Constituíram em regra, unidos à pior gente, os primeiros fundadores de colônias de caçadores de diamantes.

A lavra e a descoberta dos diamantes, em si, não dão grande trabalho, depois de se atingir o cascalho. Os negros que se ocupam desse serviço ficam dentro da água e, curvados, lavam cuidadosamente em gamelas pequena quantidade de cascalho que cabe a cada um, com um movimento peculiar do vaso, deixando escorrer a lama sem valor e caindo cuidadosamente o saibro e a areia que ficam. Cada diamante encontrado é novamente lavado e posto num vaso especial, que está aos pés do capataz, sentado num lugar mais elevado.

Não é nada fácil reconhecer um diamante no meio do saibro e só os olhos exercitados dos negros que se ocupam da lavagem distinguem imediatamente a valiosa pedrinha, por muito pequena que seja, dos pequenos pedaços brilhantes e cintilantes de quartzo. A parte da terra separada por nada se ter nela encontrado no princípio é ainda examinada mais uma vez, e muitas vezes contém as mais belas pedras, que no seu envoltório férreo foram postas de lado na primeira lavagem, por lhes faltar inteiramente o brilho.

O dono da lavra serve-se dos próprios escravos para explorá-la; muitas vezes, porém, aumenta o número de trabalhadores com outros escravos, alugados a seus senhores. Conquanto a lavagem de

diamantes seja trabalho insalubre, os negros o fazem com prazer, na esperança de que num instante de descuido da vigilância possam esconder uma pedra de maior ou menor valor, e por gozarem, ao mesmo tempo, de permissão para nos domingos e dias santificados catarem por sua conta, nos lugares já abandonados.

A despeito de todas as medidas de precaução os negros roubam espantosa quantidade de diamantes, tendo extraordinária habilidade e destreza para fazer desaparecer as pedras, sem serem notados, seja no próprio corpo, seja em outra qualquer parte. Têm prática bastante para calcularem o valor das pedras, e raramente se deixam convencer pelos compradores largando um diamante por menos do real valor. Mas, por muito grande que seja o preço pago, em vez de comprarem com ele a liberdade, gastam-no todo em aguardente.

Em geral as lavras diamantíferas dão pequeno lucro, porque as despesas de exploração montam a grandes somas. Os grandes proventos são para os compradores que muitas vezes se retiram ricos desse negócio. O valor da produção de diamantes, no Brasil, segundo von Tschudi, viajante merecedor de todo crédito, de 1730 a 1822, quase há 100 anos portanto, foi calculado em 53 1/2 milhões de táleres. O peso de todos os diamantes encontrados até 1850 está, por outro lado, calculado em 44 quintais, no valor aproximado de 450 milhões de francos, ou 360 milhões de marcos. Da contínua diminuição da produção de diamantes, em virtude do esgotamento das lavras, não se pode duvidar, embora se diga que desde alguns anos seu rendimento vem aumentando.

Enquanto o quinto da produção devia ser entregue ao governo, era praticado o contrabando em tão vasta escala que só medidas drásticas o conseguiam restringir. Outras nações, que depois da trasladação da corte portuguesa para o Rio de Janeiro tinham franqueados os portos do país, participavam ativamente desse rendoso comércio de contrabando. Não se tem dados sobre a quanto atingiu a exportação de diamantes do Brasil para outros países, nos últimos tempos. O valor, porém, segundo o documento oficial que temos à vista, de produtos da mineração, inclusive o ouro, foi o seguinte:

No ano financeiro de 1860-1861, 12.152.250 marcos; 1865-1866, 7½ milhões de marcos; 1871-1872, 6.772.500 marcos; e de 1869 a 1874, 15.667 gramas no valor de 4.147.651 marcos. A produção

por certo se elevaria se se cuidasse seriamente da exploração das jazidas de diamantes. Parece, porém, que ainda não se pensou nisso.

O maior diamante encontrado no Brasil foi o célebre Diamante da Coroa de Portugal, cuja descoberta foi tida, no seu tempo, como acontecimento muito importante. Encontrado no rio Abaeté por três criminosos condenados a degredo, foi levado por um padre ao governador das Minas e seu tamanho pareceu tão extraordinário, que se duvidou de sua autenticidade, até que depois de repetidos testes todo o Conselho se convenceu. Foi mandado para Lisboa onde despertou a mais viva admiração (1772). Os criminosos que o acharam, e entregaram o precioso achado ao governo, foram perdoados e tiveram permissão para voltar, livres, para sua terra. Nas margens do Abaeté outros procuraram, por diversas vezes, tesouros semelhantes, mas desde então não foi mais encontrado um segundo Diamante da Coroa. A propósito, deve-se consignar aqui que além do Diamante da Coroa outros de tamanho extraordinário granjearam certa celebridade no mundo, dos quais nenhum, ao que se saiba, procedeu do Brasil. O maior diamante até hoje conhecido é o chamado Orlov, com 194  $\frac{3}{4}$  quilates; segue-se-lhe o Regent, ou Pitt, com 136  $\frac{7}{8}$  quilates, e por fim o Kohinoor, que pesa 106  $\frac{1}{16}$  quilates.

Além dos diamantes são encontradas no Brasil outras pedras preciosas de grande beleza, sobretudo ametistas, topázios, esmeraldas euclássas, safiras, turmalinas pretas, azuis e verdes, estas também chamadas esmeraldas brasileiras, rubis e crisoberilos, cujos pequenos exemplares são muito procurados na Europa pelos fabricantes de relógios. Granadas aparecem em abundância por toda parte, embora raramente de primeira qualidade. Em muitos lugares encontram-se minas de cristal, entre elas as da Província de Goiás, que pertencem ao número das mais ricas do mundo. Muitas vezes se encontra o cristal livre, na superfície da terra, e a 15 pés de profundidade já foram encontrados exemplares pesando 64 libras. Aparecem em cores muito variadas; branco, purpúreo, amarelo, leitoso, cor-de-ouro, esverdeado e algumas vezes preto. Cerca de 30 anos atrás trabalhavam 200 homens nas minas de cristal de Goiás, que em dois anos produziram 7.000 toneladas; como, porém, no Rio a procura diminuísse, suspenderam os trabalhos, até que há alguns anos o reiniciaram, em alta escala. Os compradores ingleses

têm pago até agora seis a oito táleres por um terço de quintal, e este baixo preço proporciona na revenda na Europa negócios lucrativos.

Tinha-se verificado outrora, como ficou dito no primeiro capítulo, que as ágatas brasileiras obtinham às vezes, no mercado de Oberstein, preços mais altos que as da Índia. Grande número de habitantes dessa cidade e de localidades vizinhas, que trabalham na indústria de lapidação de ágatas, está em estreitas relações com parentes emigrados para o Rio Grande do Sul. Por isso, nas províncias brasileiras do Sul, através dessas relações e a conselho de parentes alemães residindo lá, procurar ágatas em grande escala se tornou uma ocupação lucrativa.

Desde então os caçadores de pedras preciosas, familiarizados com o aspecto exterior às vezes inteiramente apagado das ágatas em forma de bolas, erram por todos lados até encherem os cestos que levam no dorso de muares. Só então tangem a tropa, freqüentemente composta de dúzias de muares, que precisa muitas semanas para alcançar o porto mais próximo. Lá, as pedras ficam armazenadas até ser integrado o carregamento dum navio, para tomarem, então, o caminho da Europa. Nas oficinas de polidores, em Oberstein, são elas transformadas em jóias ou pequenos objetos de adorno como os que são apreciados e conhecidos na Alemanha. Às vezes um único carregamento, se entre as pedras transportadas se encontram algumas mais raras e valiosas, basta para fazer do felizardo que as encontrou um homem abastado. São particularmente apreciadas as semelhantes ao ônix, as belas calcedônias, os jaspes lindamente coloridos, o quartzo róseo e outras espécies de pedras semi-preciosas.

Dos metais mais comuns no Brasil, e que lá mesmo são trabalhados, só o ferro merece menção especial. Já no princípio deste século os brasileiros se tinham convencido da importância da exploração da enorme massa de minério de ferro existente no país, e o governo empenhou-se em iniciá-la mandando vir mineiros e fundidores estrangeiros. A falta de boas estradas, porém, impediu e prejudicou em alto grau o desenvolvimento e a valorização das instalações, de maneira que a indústria do ferro ainda não alcançou grau muito elevado. Principalmente onde o estado tomou a si a produção do ferro, muito pouco se conseguiu. Pequenas fundições, na Província de Minas Gerais, suprem parte dos artigos de ferro que aparecem no comércio. As empresas congêneres

do governo fracassaram, em grande parte devido aos cavalheiros de indústria a quem o governo brasileiro dispensara uma confiança precipitada. A principal fundição de ferro fica em São Paulo, na margem esquerda do Ipanema. Além do mais, o minério está por toda parte misturado com considerável quantidade de ferro magnético.

Existem certamente outros metais, como cobre, chumbo, zinco, mas ninguém se lembra de se dar ao trabalho e incômodo de arrancá-los da terra. A única exceção é o cobre que no município de Caçapava tem o mais rico filão escolhido para a exploração no Brasil e que contém 60% do metal puro. Quanto à prata, as crônicas falam em minas muito ricas nas Províncias da Bahia e de Mato Grosso, mas sua situação até hoje não foi novamente descoberta. Dos outros metais existentes no país, manganês, estanho, zinco, bismuto, antimônio, arsênico e chumbo, só este último mereceu alguma atenção. De todas as jazidas a mais importante é a do rio Abaeté, onde antes, quando foi explorada por ordem do governo, também se encontrou prata. Dá-se mais valor à extração do carvão de pedra e lignito. Destes foram encontradas diversas jazidas nas Províncias de Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul. São, porém, tão pouco exploradas quanto as demais. Preferem importar da Inglaterra e da América do Norte o carvão de que precisam para suas máquinas. A presença de xistos betuminosos, turfa, grafite, como também de enxofre, já foi constatada, mas até agora não foram larga nem regularmente explorados. São dignas de menção as vastas marmoreiras, das quais se tira mármore verde excessivamente duro, de veios variegados, assim como preto, com lindo brilho.

Sal quase não existe para as necessidades do Brasil, e é em geral tão ruim, que quase não serve para o preparo dos alimentos. É obtido de duas fontes: as camadas salgadas da terra e a água do mar. Alguns rios das províncias do Nordeste têm uma parte de água salgada e constituem as salinas das populações ribeirinhas. Raramente é encontrado em minas ou jazidas. Pretende-se, na verdade, que ocorrem em mais abundância em Mato Grosso, Goiás, nas margens do rio Icaí no Paraná, no interior da Bahia, no Piauí e particularmente em Minas Gerais. Não podemos porém garantir a veracidade dessas informações. O sal trazido pelos rios forma na orla das margens uma crosta branca que a população raspa até a uma polegada de profundidade. Para limpá-lo da parte terrosa,

lavam-no com água da chuva ou do rio e estendem a salsugem sobre um couro de boi esticado por cima de quatro estacas para cristalizar-se sob a ação do sol. Pelo menos na Província da Bahia é assim que se obtém sal. Nas províncias do Nordeste empregam o fogo para obterem-no, cobrindo a terra salgada com folhas secas de palmeira e ateando-lhes fogo, para depois apanharem a crosta de sal que fica. Em muitas partes falta em absoluto o sal, e os índios, que o apreciam muito na comida, trocam-no com os brancos por outros artigos. Se lhes é inteiramente impossível obterem, mesmo por esta forma, o sal, que se tornou para eles necessidade premente, preparam com as cinzas da madeira de diversas árvores um pó, que, devido a suas partes salgadas, toma o lugar do sal. Nem mesmo o sal do mar, que produzem na costa, supre a falta de verdadeiras minas de sal. O produto mais raro, que mais se lhe assemelha, é, sem dúvida, o cloreto de sódio das gnaisses que se estendem da serra Uruburetama até a Meruoca. A mesma coisa ocorre na Província do Piauí e nas altas cadeias de colinas em Minas Gerais e Goiás.

Não se deve deixar passar em silêncio que há já muitos anos foram descobertas no Brasil, ao lado das outras riquezas, grande quantidade de fontes de águas minerais. No Rio de Janeiro mesmo existem nove dessas fontes minerais, que se distinguem pelo seu teor em ferro, e que dizem ser excelentes para a saúde. O ferro que contêm é sob a forma de carbonato, numa grande quantidade de ácido carbônico.

Perto das cidades de Campanha e Baependi há ainda ricas fontes de águas minerais gasosas, que são conhecidas pelo nome de Águas Virtuosas e Águas Santas. Contêm principalmente grande quantidade de ácido carbônico, potássio, bicarbonato de sódio, magnésio, ácido salicílico e esquióxido de ferro. Essas águas são às vezes enviadas para fora e dizem que têm provado ser muito eficazes.

A Província de Pernambuco tem também suas fontes minerais, e médicos empreendedores, juntamente com os habitantes das localidades onde se encontram, já instalaram em alguns pontos verdadeiras termas com todos os acessórios, cuja originalidade, em mais de um sentido, lembra o primitivo desenvolvimento do Brasil. As fontes da Paróquia de Lambari gozam de fama especial, como as de Caxambu, na Província de Minas Gerais, cujas águas os médicos brasileiros comparam às de Baden, Spa, Plombières, Contrexville e outras afamadas.

Existem também fontes salinas na Província da Bahia, cujas análises se supõe terem também apresentado os mais brilhantes resultados.

O naturalista A. de Saint-Hilaire já mencionou nas suas obras as fontes sulfurosas do Brasil. Ficam na fronteira entre Minas Gerais e Goiás, como também perto de Boavista, em São Paulo, e em Guarapuava, na Província do Paraná.

Diversas águas minerais termais em Santa Catarina, Rio Grande do Norte e Mato Grosso vêm sendo há muito utilizadas, e suas propriedades curativas já deram até lugar à fundação de um edifício perto de São José, na Província de Santa Catarina, que, sob o nome de “Hospital da Fonte da Saúde da Imperatriz”, serve de asilo a muitos doentes e ajuda sua cura. Particularmente interessantes são as fontes termais da Lagoa Santa, na Província de Minas Gerais, que numa extensão de quase dois quilômetros e numa largura de três quilômetros conserva a água morna, e a que se atribuem qualidades curativas. A última descoberta são as fontes termais na Província do Paraná.

Da serra de Caldas, na Província de Goiás, brotam fontes termais contendo álcalis. Conhecem-se 13 que são usadas para banhos. Algumas formam um pequeno lago de 33 metros de comprimento por três a quatro de largura. A temperatura desses lagos é em muitos lugares muito elevada, quase 48° R. No ano de 1839 o número de banhistas já se elevava a 110 num mês.

O Brasil tem também fontes termais sulfurosas. As mais notáveis ficam na Província de Minas Gerais, e graças às suas qualidades curativas têm tão grande freqüência, que a lista dos banhistas de Caldas, por exemplo, para só mencionar uma, é quase todos os anos de 2.000 a 3.000. Segundo a opinião de muitos médicos, nativos e estrangeiros, as fontes de Caldas são as mais eficazes do mundo.

As Províncias do Ceará e Rio Grande do Norte gabam-se também de possuir algumas fontes termais sulfurosas.

Quanto à indústria, o Brasil está ainda num grau muito baixo na escala do desenvolvimento, e só alguns ramos gozam de maior atenção e cuidados. Não só a indolência da população impede maior surto industrial do país, como também a circunstância dos progressos na atividade industrial não se enfileirarem naturalmente uns após outros; por exemplo,



os inventos mais recentes são empregados antes de se ter aprendido a fabricar toda a ferramenta e máquinas de toda espécie no próprio local. A consequência natural disso é uma dependência do estrangeiro e não raro a cessação da atividade. Não sabem nem mesmo manufaturar as matérias-primas de modo aceitável, de maneira que os produtos nacionais, não obstante os direitos alfandegários e despesas de transporte a que estão sujeitos os estrangeiros, não competem com estes, nem em preço nem em qualidade. Embora nos últimos anos tenha havido quatro exposições industriais no Rio de Janeiro, e de lá saíssem os melhores produtos para as Exposições Universais de Londres, Paris, Viena e Filadélfia, não tinham eles a significação que se lhes atribuiu, da parte dos brasileiros. Só se lhes deve um certo incitamento dos círculos industriais.

As fábricas de açúcar, para falar destas em primeiro lugar, estão longe de estar tão bem aparelhadas quanto as das Antilhas, ou da ilha de Bourbon, como já foi dito antes, e limitam-se a apresentar o açúcar em forma de farinha, ou pó. O total da produção, segundo dados oficiais, montou, de 1860 a 1861, a 65.387.951 kg no valor de 21 milhões de marcos; de 1871 a 1872, a 141.994.693 kg no valor de 51 milhões de marcos. Além do açúcar foram produzidos mais cerca de 293.800.000 kg de melação. No Brasil a destilação de aguardente acompanha sempre a fabricação do açúcar, porque da cana-de-açúcar se tira a cachaça, consumida em larga escala pelas classes baixas.

Quando a cachaça, como acontece muitas vezes, não é feita unicamente dos resíduos da fabricação do açúcar, e todo o caldo da cana é aplicado na sua produção, tem o nome de aguardente. A exportação da aguardente de cana, de 1860 a 1861, montou a 3.599.636 litros, no valor de 12 milhões de marcos; de 1871 a 1872, porém, a 5.652.908 litros, no valor de 24 milhões de marcos. A aguardente de cana tem gosto desagradável, contudo os negros bebem-na com delícia e os alemães residentes no Brasil acham-na, infelizmente, muito ao seu gosto.

Muitas outras frutas no Brasil servem também para o fabrico de licores. Nos últimos tempos tomou alguma importância o fabrico de cerveja que foi introduzido pelos alemães no Brasil. De começo limitaram-se a servir numas duas cervejarias nas grandes cidades, para experimentar, a cerveja nacional ao lado da cerveja inglesa importada. Por

muito tempo o preço duma garrafa dessa cerveja não foi inferior ao duma garrafa de vinho Moselle, até que ultimamente, devido ao aumento das fábricas de cerveja nas cidades onde vive maior número de alemães, os preços baixaram, e hoje por 75 *pfennigs* já se pode tomar uma garrafa de cerveja nacional. Cevada, lúpulo e outros produtos indispensáveis ao fabrico da cerveja são na quase totalidade importados da Europa e só em muito pequenas quantidades supridos pelos poucos colonos que se dedicam à cultura de cereais.

Ramo industrial importante é a manipulação do tabaco. Esse produto é transformado em tabaco para fumar, charutos, cigarros, fumo para mascar e rapé; deste último há algumas variedades que alcançaram certa celebridade, como, por exemplo, o rapé areia-preta, que foi primeiro fabricado por um suíço chamado Meuron, que fez com isso enorme fortuna, tendo-a empregado em instituições de caridade na Suíça. Os charutos são fabricados sobretudo na Província da Bahia, onde seu comércio é tão grande, que as serrarias de lá fabricam 8.000 caixas diárias para seu acondicionamento. A exportação de tabaco montou, de 1860 a 1861, a 4.608.987 kg, no valor de 4 1/2 milhões de marcos; de 1871 a 1872, a 12.835.126 kg, no valor de 12.900.000 marcos.

Não são de excelente qualidade os charutos que o Brasil fabrica, mas a gente se acostuma aos poucos a eles, embora se sinta prazer maior quando se fuma um dos muitos importados da Europa. Mais do que os charutos, como são chamados no Brasil, consome-se lá uma certa espécie de cigarros. São feitos com um tabaco preto (fumo) muito forte, que é vendido em rolos, ou varas, e enrolados em pedaços finos da casca das espigas de milho, que chamam “palha”. As varas de fumo são enroladas em espiral, para protegê-lo ou evitar a ação do tempo, com uma espécie de líber; têm um comprimento de 10 a 12 pés, e uma grossura de duas a duas e meia polegadas, terminando em ponta. O brasileiro traz sempre no bolso um pedaço pequeno dessa vara, como também alguns pedaços de palha de milho no fundo dos chapéus, e, se lhe apetece fumar um cigarro, tira da bainha a faca, do feitio dum punhal, que serve para tudo, pica um pouco do rolo negro na palma da mão, prende depois a faca nos dentes, enquanto esfrega o tabaco entre as mãos, esmagalhando-o completamente, e enrola-o finalmente num

pedaço da palha, já pronta, fazendo um delicado cigarro. Os colonos alemães são também expeditos na fabricação de cigarros, mas agrada-lhes mais a forma pátria do charuto do que os cigarros, preferidos pelos brasileiros. A agilidade, porém, que adquiriram em enrolá-los é às vezes prodigiosa.

Uma vez fui recomendado a um engenheiro alemão, morador em longínquo lugar do interior, que com a mulher, vienense nata, sonhava obter, com seu saber e habilidade, riqueza, só Deus sabe por que forma. Cheguei à noite, cheio de fome e sede, à casa do casal, atirado àquelas longínquas paragens, e fui acolhido com toda afabilidade. Quando terminamos a ceia frugal, tirei, como de costume, minha carteira de charutos, pedindo à dona da casa permissão para fumar.

– Por certo, não se deve privar do seu charuto depois da refeição – respondeu-me –, mas não pode fumar dos seus, isso seria ofender-nos; permita que lhe ofereça alguns do nosso fabrico.

Com estas palavras a atenciosa dona da casa meteu a mão debaixo duns cavaletes que sustentavam uma espécie de tarimba e tirou uma caixa com grande quantidade de folhas de tabaco misturadas. Num instante tirou e cortou com uma faca de mesa algumas das maiores e mais bonitas e em poucos minutos enrolou meia dúzia do charutos, com a rapidez de um prestigitador, que me ofereceu amavelmente para fumar. Eram, como lhe observei sinceramente, melhores do que os que se encontram em muitas das principais tabacarias das cidades brasileiras. Tentei muitas vezes enrolar alguns charutos com as folhas pardas do tabaco, por ocasião da colheita, mas nunca consegui obter o que desejava.

A indústria do algodão está tão pouco desenvolvida que só cobre pequena parte das necessidades do país. Na fabricação de tecidos de algodão e semelhantes se faz particularmente sentir a falta da mão-de-obra, que quase nenhuma das leis promulgadas pelo governo atenua. Assim é que, por exemplo, os trabalhadores empregados nas fábricas de tecidos de algodão, até certo ponto, foram isentos do serviço militar. Isso, porém, teve pouca influência no incremento dessa indústria. Beneficiá-la-ia muito mais aliviá-la de muitos direitos alfandegários. Foram exportados, de 1860 a 1861, 9.854.933 kg no valor de 9.600.000

marcos; de 1871 a 1872, 53.589.983 kg, no valor de 69 milhões de marcos.

Quando dissemos, mais atrás, que no Brasil todas as máquinas eram importadas da Europa, referíamos-nos só a máquinas complexas e a novos inventos. No Rio de Janeiro há algumas grandes instalações para fabricação de máquinas, mas que atendem em primeiro lugar às necessidades do governo, de preferência às do grande público, e tudo o que delas sai é tão grosseiro e malfeito, que nunca poderiam satisfazer às exigências européias. Nas instalações industriais, em que são empregadas máquinas maiores, importadas da Europa, estas vêm acompanhadas dum mecânico, para sua montagem e conservação.

São de alguma importância as numerosas serrarias, em diversas províncias, os estaleiros, tendo o país excelentes madeiras para construções navais e o mais que é necessário, e os curtumes. Estes são tanto mais necessários, por ser fabricada no país uma quantidade extraordinária de arreios para cavalos, selas, estas artisticamente estampadas, e demais pertences. Os incontáveis rebanhos fornecem o couro necessário, como também fornecem peles a caça grossa, e até as enormes serpentes.

As artes mecânicas estão geralmente nas mãos de mulatos e negros libertos; nas grandes cidades, porém, encontram-se entre os artífices muitos europeus, cujo trabalho é muito procurado. O artífice só raramente tem educação artística, e o que produz nem sempre satisfaz ao bom gosto, mas é sempre excessivamente caro, de maneira que precisa haver um entendimento prévio.

O povo revela grande habilidade, principalmente no fabrico de enfeites e objetos de adorno; sobretudo na confecção de flores artificiais com penas dos pássaros das mais belas plumagens, como os colibris, com escamas de peixe, besouros e outros materiais. A beleza das flores de penas é tão grande que desperta a admiração dos estrangeiros, que raramente deixam o país sem levarem algumas dessas encantadoras produções, como lembrança ou presente, adquiridas nas lojas da Rua do Ouvidor, centro desse comércio. Ultimamente essa indústria tomou novo incremento por ter sua liderança passado às mãos de floristas franceses, que recebem por todos os vapores os últimos modelos de Paris, e as confeccionam de acordo com eles.



*Carre ga do res de café. Cada qual de les põe um saco na ca be ça e sai cor ren do num  
tro te compassado*

É interessante ver as floristas trabalhando no ateliê, sentadas em volta de comprida mesa sobre a qual estão verdadeiros tesouros de penas maravilhosamente coloridas, do variegado mundo alado brasileiro, amontoadas sob redomas de vidro, enquanto pássaros raros, de cintilantes plumagens de cores metálicas, são conservados vivos em gaiolas e bem tratados, até ser necessário despojá-los de suas jóias.

Dos relatórios oficiais do governo ressalta que a criação do bicho-da-seda, no Brasil, pode estar reservando brilhante futuro. Pelo menos os resultados obtidos até aqui, por medíocres que pareçam, foram alvo das mais honrosas referências em Montpellier e Roveredo, como em Filadélfia, animando o prosseguimento de mais vastas experiências.

À indústria indígena já nos referimos em parte, ao tratar das diversas tribos. Deve-se, porém, acrescentar que muitos índios, além do preparo do guaraná, do caucho, do peixe seco e da colheita de produtos úteis da floresta, entendem também de fiar, tecer e de olaria. São também muito artísticas as redes por eles fabricadas com a fibra duma certa planta, e que chegam ao comércio aos milhares e são exportadas por preços elevados para as Índias Ocidentais. Além de trabalho artístico, essas redes (quiçabas, redes, maqueiras) são muito fortes e duráveis, conservando-se por muito tempo em uso, e muito convenientes por ocuparem pequenos espaços em viagem. Eu próprio não possuí por muito tempo outra cama, sendo essa muito agradável por me poder enrolar nela e me sentir seguro contra toda sorte de bichos rastejantes e mosquitos. Mas parece que na Europa também o gosto pelas redes dos índios não é pequeno, porquanto, mal chegara eu de volta à Alemanha, minha rede, que eu levava desembrulhada, desapareceu inexplicavelmente de minha bagagem. No local de origem, o preço de cada uma é de cerca de 15 marcos.

Outros índios se ocupam na fabricação de vasos de barro, e escudelas, lindamente trabalhadas, da casca lenhosa dos frutos de algumas plantas.

Vê-se, por tudo isso, que os silvícolas não são inábeis, e desperta justa admiração nos viajantes o alto grau de aptidão que revelam para os trabalhos manuais, no estado de profundo atraso em que se

acham em tudo mais. É claro que não posso tratar aqui, de maneira exaustiva, de muitos outros objetos que os índios e suas mulheres fabricam, para seu uso.



.....

## *Capítulo VII*

### COMÉRCIO E VIAS DE COMUNICAÇÃO

O

comércio, no Brasil, é a alma da vida pública. Merece, por isso, depois do que fica dito, mais que tudo, ser aqui mais detalhadamente tratado. O comércio externo, sobretudo, cresce de ano para ano no país e deixa prever um aumento progressivo certo da riqueza nacional, que, contudo, poderia ser muito maior, se o governo se resolvesse a fazer pela sua prosperidade o que fazem os de outros grandes estados. O Império Britânico é, desde o começo, o que tem um maior quinhão, no comércio brasileiro; está interessado quase que na metade da importação e exportação do Brasil. Logo a seguir à Inglaterra vem, nas relações comerciais com o país, a França, os Estados Unidos da América do Norte, os estados do Prata, Portugal, as Cidades Hanseáticas e a Espanha. A Alemanha teria talvez lugar destacado nessa lista, se a maior parte dos seus artigos, em lugar de saírem pelas Cidades Hanseáticas, não o fizessem pela França, Bélgica e Inglaterra. O número atual de casas comerciais no Brasil eleva-se a 53.000, das quais 29.000 estão nas mãos de brasileiros e 24.000 nas de estrangeiros. A média é mais ou menos de uma casa comercial para cada 190 habitantes.



Embora a Alemanha possa fornecer muitos dos artigos importados pelo Brasil, tão bons, ou talvez melhores, e mais baratos que os da Grã-Bretanha, França, e demais estados, criou-se desde há muito no país acentuada preferência pelos artigos ingleses e franceses, que mesmo grandes casas alemãs levam sempre em conta. A Inglaterra fornece os tecidos de algodão, que são também às vezes importados da França e dos Estados Unidos. Os artigos de lã vêm da Inglaterra e da França, sedas vêm principalmente da França, Itália e Suíça. Artigos de linho provêm em grande parte da Grã-Bretanha e da Bélgica, enquanto a Alemanha está quase só nos artigos de malha. Roupas feitas e chapéus vêm da França; ferragens e máquinas da Inglaterra e dos Estados Unidos; o carvão de pedra vem também da Grã-Bretanha; o sal, da Espanha, Portugal e ilhas de Cabo Verde. Do comércio de vinhos partilham Portugal, Espanha e França. Os diversos gêneros alimentícios que não podem ser produzidos no país, como carne-seca, farinha de trigo e semelhantes, são importados principalmente dos estados do Prata, Chile e América do Norte. A Alemanha fornece os comestíveis mais finos. É bastante importante também a exportação, pelas Cidades Hanseáticas, de tabaco e charutos para o Brasil, que não recomenda muito o produto nativo.

Ao contrário do que se dá com a importação, quase todos os povos do mundo partilham das exportações do Brasil. O café tem seus melhores apreciadores na Inglaterra, França e Estados Unidos. O algodão brasileiro é quase exclusivamente consumido pela Inglaterra. Da exportação de açúcar partilham quase todos os estados do Norte. O menor consumidor é a Alemanha, que prefere o açúcar nacional, de beterraba, ao de cana. O principal mercado para o tabaco são as Cidades Hanseáticas, onde se vendem também os couros brasileiros.

Os portos mais importantes, por onde se faz a importação e a exportação do Brasil, são o do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Pará, Maranhão e Rio Grande do Sul. O mais importante de todos é o do Rio de Janeiro. Em parte nenhuma do mundo se podem ver, entra ano e sai ano, tantos navios de tantas nações surtos no porto, e tão constante movimento de carga e descarga de toda espécie de mercadorias. Ao todo o Brasil possui 21 portos comerciais, dos quais alguns só participam em muito pequena escala do tráfico internacional. Sob o ponto de vista

de comércio, as províncias do Norte são, certamente, mais importantes que as do Sul. Pequena parte da culpa cabe às más condições dos portos sulinos. Para dar uma idéia do desenvolvimento do comércio no Brasil, cabe aqui a seguinte pequena resenha da importação e exportação dos últimos anos. Montaram a:

No período de	Importação	Exportação
1864 a 1869 .....	723.978:000\$000	847.408:000\$000
1869 a 1874 .....	775.630:000\$000	960.767:000\$000

A navegação ultramarina e costeira do Brasil pode ser julgada pela seguinte pequena tabela:

#### NAVEGAÇÃO COSTEIRA

	Navios	Tons. métricas	Trip
De 1869 a 1874 .....	10.990	2.668.217	162.906

#### NAVEGAÇÃO ULTRAMARINA

	Navios	Tons. métricas	Trip
De 1869 a 1874 .....	5.951	3.357.269	119.015

Cada trecho da costa oferece, como é próprio da natureza das coisas, certos artigos de comércio, que têm de ser considerados de primeira ordem na exportação. Nas províncias do centro é o café; nas do norte, o algodão e o açúcar; nas do sul, couros e carne-seca. Artigos de exportação de segunda ordem são caucho, tabaco, mate, cacau e outros produtos naturais.

No comércio, de que participam vapores e navios de vela, tomam parte as mais várias nações. A navegação tomou grande impulso sobretudo depois que se tornou livre a navegação na costa e nos rios, que antes só era permitida aos navios brasileiros. A navegação a vapor tem-se desenvolvido muito nos últimos tempos, mantendo diversas linhas entre o Brasil e os portos europeus. Tanto mercadorias como passageiros são hoje transportados com extraordinária rapidez de uma parte do mundo para outra. Dantes, viajantes de Bordéus para o Rio de Janeiro

levavam mais de dois meses, às vezes quase um trimestre no mar; hoje, os paquetes franceses não raro fazem essas 5.014 milhas marítimas em 21 dias.

As principais linhas de vapor entre a Europa e o Brasil são uma inglesa, a Royal Mail Line, e uma francesa, de paquetes. Além destas há muitas outras comunicações por vapores, que nem sempre oferecem muita comodidade aos passageiros.

Quando fui para o Brasil, em 1868, embarquei num vapor da Messageries Imperiales, em Bordéus, e posso dizer que encontrei nesse palácio flutuante tratamento melhor do que em muitos dos primeiros hotéis da Alemanha. A viagem no *Extremadure* foi, em todos os sentidos, tão agradável, principalmente devido às magníficas instalações do grande e elegante vapor, que fiquei com pena quando entramos no porto do Rio de Janeiro, onde devia dizer-lhe adeus. Menos favoravelmente se falava nos círculos dos meus amigos, no Brasil, sobre uma linha de vapores fundada em 1870, que mantinha ligação direta entre o Rio de Janeiro e Hamburgo. Talvez não desagrade ao leitor que eu, para descrever as tristezas e as alegrias de uma viagem por mar, transcreva aqui as reminiscências de uma senhora que se deixou persuadir a escolher um dos vapores hamburgueses para a travessia. Tem-se, nelas, o reverso do quadro de uma tão longa viagem por mar. Transcrevo suas próprias palavras:

“Eu chegara a Hamburgo alguns dias antes da data marcada para a partida e tinha aproveitado meu vagar para fazer algumas pequenas compras, e também para possivelmente assegurar-me um bom lugar. Como, porém, o *Criterion* – assim se chamava o vapor – tinha primeiro vindo da Inglaterra com um carregamento de carvão, cuja descarga envolvia o navio numa nuvem de pó e sujeira, foi-me impossível, a despeito de ter ido até ao ancoradouro externo para esse fim, ver de perto minhas futuras acomodações a bordo. Só no dia da partida, quando já começara a anoitecer, foi que subi a bordo do vapor alemão. Vi a sala comum, a sala de jantar, pequena sala mesquinha na qual, na mesa no centro, uma luz ruim tentava em vão atenuar a escuridão. Não me assustei menos quando, respondendo à minha pergunta, me disseram que a bordo não havia nenhuma camareira. E não fiquei menos surpresa quando ouvi que, apesar do meu pedido feito com grande antecedência, não me tinha

sido reservado um camarote. Não havia, porém, ninguém presente que prestasse atenção às minhas reclamações, a não ser um camareiro de cara bexigosa, que mostrou-me os diversos camarotes para eu escolher. Não havia ali ninguém com quem pudesse entender-me.

“Pouco a pouco foram chegando os poucos passageiros que o destino me reservara para companheiros de viagem. Apareceram duas criadas que tinham sido contratadas para uma família alemã do Rio de Janeiro; foram acompanhadas pelo pai comovido de uma delas, honesto operário, até a bordo, onde se despediram vertendo abundantes lágrimas. Ambas tomaram conta do camarote defronte do meu que, como todos os outros, dava para a sala de jantar, e era tão pequeno aliás como os demais, que uma delas tinha de ficar na cama enquanto a companheira se vestia e saía. Às duas se seguiu um terceiro passageiro, de aparência muito rude, que imediatamente, com ou sem autoridade, começou a vociferar numa linguagem desabrida, contra o navio, o camarote e tudo mais. Por fim desceu uma linda rapariga, gentil e atraente, depois de se ter despedido amistosamente do companheiro.

“Esta era a singular companhia que o cego destino me reservara para quanto durasse a viagem. O *steward* (criado de bordo) andava de um lado para outro; além dele não vimos mais ninguém nas câmaras embaixo. Em cima, na coberta, o serviço de carga ainda não terminado e as máquinas nele empregadas faziam tão infernal barulho que se podia prever, com quase certeza, uma noite em claro. Contudo, não tínhamos outra coisa a fazer senão ir para a cama, se é que aquilo – um catre com um colchão de uma polegada de grossura – merecia esse nome.

“Depois de um sono inquieto, interrompido cem vezes, acordei na manhã seguinte como moída, no momento em que a partida, marcada para a noite anterior e até então retardada, ia enfim ter lugar. Subi para a coberta, onde pela primeira vez encontrei o capitão, um inglês, que, muito contente por me ter dirigido a ele no seu idioma, deu-me amavelmente as boas-vindas.

“Logo depois de deixarmos o porto o tempo ficou ruim, esfriou, e mais tarde começou também a chover. Todavia, mantive-me tanto tempo quanto me foi possível passeando na coberta, não obstante o mau tempo e o vento. Mas isso não podia durar muito tempo; e à tarde, depois do almoço, tive de deitar-me por ter sido presa do aborrecido enjôo, que

me predeu por três ou quatro dias na cama. Acordei na manhã seguinte completamente desamparada, porque o primeiro camareiro também estava enjoado, não aparecendo durante três dias; e o segundo tinha-se embriagado na noite anterior e estava curtindo a bebedeira. Um pouco de mingau de aveia foi o meu único alimento durante o enjôo, que só me deixou quando chegamos ao Havre, onde ficamos ancorados por alguns dias. Só a 11 de maio continuamos a viagem. Eu ficava na coberta, recostada na minha cadeira americana, por tanto tempo quanto me era possível, deixando meus olhos se estenderem por sobre o temido mar de Biscaia, pelo qual íamos passando, infelizmente muito devagar. Por graçejo eu apelidara o nosso navio de “Lesma dançante”, nome a que tinha todo o direito, embora a lentidão de cágado de suas péssimas máquinas em parte o justificasse. Depois de uma viagem muito agradável ao longo das costas da Espanha, paramos ainda uma vez na costa européia, em Lisboa, para então iniciarmos a travessia para o continente sul-americano.

“Além da carga que recebeu em Lisboa, nosso vapor recebeu ainda o acréscimo de alguns portugueses, passageiros de terceira classe, que a princípio pouco apareciam. Com a continuação da viagem, porém, e dada a exigüidade de espaço na coberta, não era possível evitar que se fizesse o conhecimento dos companheiros de viagem de segunda e terceira classes, embora a alguma distância. A maioria era de alemães que iam procurar colocação no Brasil ou que iam assumir alguma para a qual já se tinham comprometido. Duas famílias de marceneiros, que eram esperadas em Santos; um jardineiro com um filho e uma filha, das viziñanças de Cassel, cujo destino era Petrópolis; uma criada que ia para a Bahia; 13 músicos que queriam tentar a sorte no Brasil e se destinavam em primeiro lugar à Bahia; e outros mais.

“O tempo estava bom, o mar bastante calmo, só a lentidão com que nos movíamos era tediosa e irritante. A mesquinhez do nosso navio acentuava-se cada vez mais. A única dúvida que subsistia era o que seria pior, se as máquinas, se o navio mesmo. Foi, assim, nossa viagem uma verdadeira prova de paciência; não saíamos do mesmo lugar e ao mesmo tempo o navio com o seu incessante e violento jogar parecia querer compensar-nos da lentidão de sua marcha. Depois de nós, as senhoras, termos caído muitas vezes, com nossas cadeiras de lona, não ouσαμε mais sentarmo-nos na coberta sem amarrá-las primeiro.



*Uma tropa em marcha*

“Causou-me estranheza saber que o navio não tinha sido originalmente construído para passageiros e havia sido fretado pela companhia, que queria anunciar pomposamente ao mundo a organização de uma nova linha, sem possuir um único navio. E como se aproximasse a data da inauguração e tivessem aparecido alguns infelizes passageiros, foram adaptados apressada e incompletamente alguns camarotes da tripulação do *Criterion*, velho e pequeno cargueiro, até onde foi possível, para dar aos cubículos estreitos, com vigias de palmo e meio, ar e conforto. O pior foi a estrutura do navio, impossível de melhorar, e o modo inábil como as correntes, que iam do leme às máquinas, exatamente por cima de nossas cabeças, corriam descobertas no convés, em constante movimento, disposição que se fazia sentir particularmente quando estávamos na cama. O incessante arrastar dessas correntes, junto ao ruidoso arfar das máquinas, não deixava pensar-se em dormir, até que a grande extenuação determinava uma espécie de sonolência, de que se despertava inúmeras vezes. Levantava-me regularmente, mal despontava a aurora, do meu inquieto leito, e subia para a coberta, onde o ar fresco era meu único refrigerio.

“A comida e a bebida a bordo eram tão ruins, que parecia quase impossível tomar-se o café e o chá. A provisão de ovos não tardou a se estragar; a carne era preparada com muita gordura e sem sabor, a sopa, por demais apimentada, as galinhas não tinham mais idade. Teria dado tudo para poder passar sem comer, porque muitas vezes o próprio mingau de aveia, que era servido como sopa, era intragável. Às vezes minha única refeição consistia em algumas amêndoas.

“Olhava ansiosa para o vento e a fumaça da nossa chaminé, as forças impulsoras que deviam levar-me ao fim dos meus tormentos, mas passavam-se horas e dias sem que uma nuvenzinha de fumo coroasse a chaminé, e à pergunta que isso me levou a fazer ao capitão, ele respondeu que o carvão tomado em Lisboa era tão ruim, que não se podia pensar em andar mais depressa, enquanto não fosse todo consumido, para o que seriam precisos mais uns cinco ou seis dias. Vapor e fogo ficaram por fim tão fracos, que a comida não mais ficava bem cozida e os pobres passageiros de proa, que deviam passar ainda pior do que nós, reclamavam em altas vozes. Essa pobre gente despertava-me compaixão, quando à noite recebiam o chá, onde não raro nadavam restos de legumes.

“O capitão compreendia que além do ruim carvão a alimentação descuidada das fornalhas concorria para a lentidão do navio, mas não ousava dizer qualquer coisa ao maquinista, porque constava que voltara, havia pouco, meio doido, da Índia, e era preciso mantê-lo de bom humor, pois de outro modo nada se poderia fazer com ele, porque não permitia que lhe fizessem qualquer observação ou o contradissem. Para meu consolo, o capitão disse que as máquinas estavam em tal estado, que já na última viagem rezeira não alcançar o destino. Se isso não acontecera tinha sido graças à habilidade dos maquinistas de então. Desta vez tinham reparado as máquinas, em Londres, mas tinham-lhe dado um doido para maquinista, tendo os armadores despedido o outro por ter dito a verdade sobre o estado delas. Isso tudo foi, naturalmente, muito agradável para mim. Nosso navio ficava de fato freqüentemente parado por muito tempo, enquanto se reparavam as máquinas. Como era vagarosa nossa marcha, atesta-o o fato de termos passado muito perto da ilha Palma, que avistáramos pela manhã muito cedo, e ao cair da noite ainda não tínhamos perdido de vista.

“A única distração a bordo proporcionavam-nos os músicos, que de vez em quando se preparavam para suas futuras exibições artísticas, e ofereciam-nos, quando a noite estava calma, um concerto a que os súbitos aguaceiros, próprios desta latitude, muitas vezes punham termo.

“Em muitas ocasiões procurava distrair-me jogando xadrez com o capitão ou com a jovem que, como eu, viajava para o Brasil. Como, porém, de dia para dia eu perdia mais forças, ficava mais nervosa e a conversa maçante do capitão se tornava insuportável, preferi passar o tempo sonhando, meio dormitando meio acordada, indiferente e quieta, na minha cadeira. O calor aumentava todos os dias, mas a permanência na coberta, não obstante ser ele ali às vezes sufocante, era sempre o melhor. Passava minhas horas incapaz de me ocupar com alguma coisa, sem vontade de ler ou mesmo de falar e escutar. Se às vezes resolvia descer para o camarote, o que evitava o mais possível, o calor abafado em baixo me fazia enjoar imediatamente; tinha também de passar pela chamada *pantry* (despensa), da qual emanava um cheiro tão desagradável, de mistura de comidas de toda sorte, que só o pensar nele me nauseava.



“A essa situação torturante faltava qualquer remédio, por meio de qualquer excitação mental vinda de fora. Um dia seguia-se ao outro numa monotonia desoladora. Quando muito um navio passando muito longe proporcionava uma distração, mas isso acontecia raramente, um cardume de grandes peixes, uma tartaruga do mar ou os pequenos peixes-voadores planando por cima da superfície da água. Só o pôr-do-sol ou o céu estrelado despertavam-me ainda algum interesse.

“Como o ar viciado extremamente quente e as correntes, em cima, não me deixavam dormir no camarote, quis ficar às noites na coberta, mas o capitão não consentiu, porque isso, nessas latitudes, é altamente prejudicial à saúde. Só tentei uma vez, ludibriando o capitão, mas caiu durante a noite tão terrível aguaceiro que não ousei experimentar outra vez. Não obstante eu procurar, por causa do calor que aumentava com a continuação da viagem, refrescar a cabeça, envolvendo-a em compressas frias, minhas dores de cabeça aumentaram de modo assustador, e as noites terríveis sem sono e sem ar, numa cama dura como pedra, a falta de alimentação suficiente, reduzida a algumas gotas de vinho com água, uma côdea de pão ou algumas amêndoas, trouxeram consigo outras perturbações, de maneira que vi a impossibilidade de terminar a viagem naquele péssimo navio. O próprio capitão achava que eu estava pondo em jogo a vida e a saúde. Mas era só o péssimo navio que me estava pondo doente. Tomei por isso a resolução de desembarcar na Bahia, o primeiro porto, e esperar lá a passagem do vapor francês no qual terminaria viagem. Minha primeira intenção, de publicar um aviso para poupar a outros tormentos idênticos aos que me trouxera a escolha do *Criterion*, passou, diante da abundância de impressões e experiências, no Brasil, pouco a pouco, para segundo plano, até que a abandonei.”

Até aqui a história dessa senhora. Recentemente foi fundada uma nova linha pelo Norddeutschen Lloyd, de Bremen, que tem sido muito elogiada.

Não há também muito que dizer de elogioso sobre as linhas inglesas de vapores, porquanto suas instalações estão longe de ser tão agradáveis e confortáveis para os passageiros, como os antigos chamados paquetes franceses. Para os ingleses a carga é mais importante que o transporte de passageiros, mas por muito importante que seja o transporte de mercadorias pelos vapores ingleses para o Brasil e para o co-

mércio em geral, a maioria dos viajantes não gosta deles. Eu mesmo posso atestar, por experiência própria, seu desconforto.

Quando, em 1871, queria viajar do Brasil para a Europa e, apesar de não ser o momento favorável, a viagem não podia ser adiada, não me pareceu aconselhável servir-me de um vapor francês para a travessia por não ter ainda terminado a guerra com a França. Tinha, portanto, de alcançar um vapor inglês, fosse como fosse, o que consegui, embora tendo que fazer grande rodeio pelo Uruguai, no porto de Montevideú. O vapor inglês, que devia partir dali para a Europa, pertencia à linha belga e tinha o nome sedutor de *Bonita*. Como na maioria dos vapores ingleses, a sala de jantar ficava sob a cobertura e todos os camarotes davam para ela. O que tem isso de desagradável é não se poder sair do camarote sem se estar imediatamente no meio da sociedade de bordo, reunida nessa sala, e de não se poder no camarote fazer qualquer ruído sem ser ouvido de fora. A sala de jantar recebia, pelas vigias que davam para a cobertura, quantidade insuficiente de ar e luz. Incomparavelmente melhor era, no seu tempo, a disposição nos vapores franceses, em que a sala de jantar ficava inteiramente livre, como um andar separado, instalada com todo o luxo imaginável, clara e arejada, na cobertura. Mas isto são questões de gosto, e se algum dos leitores tiver de viajar para o Brasil, poderia inteirar-se mais exatamente das vantagens de um e de outro vapor. O que me impressionou mais desagradavelmente no navio inglês foi a dieta, insuportável para um estômago alemão, que vigorou durante a longa viagem de 42 dias, quase que exclusivamente de carne de carneiro. Para que nos intervalos das refeições não ficasse esquecida a aborrecida dieta de carneiro, um rebanho deles, que viajava conosco, saturava diariamente os órgãos do olfato dos passageiros. Quase um ano depois de minha viagem no *Bonita* era-me ainda impossível provar carne de carneiro.

A maior falta de conforto é a dos diversos vapores que se dedicam à navegação costeira e fluvial. Muitas vezes são navios julgados ruins demais para seu próprio serviço por outras nações, comprados pelo governo, ou por uma empresa, para transporte de pessoas ou de mercadorias em águas brasileiras. Navios defeituosos, sujos, carentes de instalações de toda espécie, faltos de pontualidade e de consideração para com os passageiros – tudo isso são peculiaridades dos vapores brasileiros. Que se partilhe o passeio na cobertura com os porcos destinados à cozinha, que os

criados depois das refeições apanhem os palitos de dentes jogados fora pelos passageiros para pô-los na mesa uma segunda vez; que usem em noites frias as toalhas da mesa para se cobrirem e no dia seguinte voltem elas ao seu destino original, ou que diante dos olhos dos passageiros se entregue ao cozinheiro uma galinha encontrada morta, para ser aproveitada, são coisas que sucedem diariamente, e com as quais ninguém se deve chocar a bordo de um navio brasileiro.

Os vapores empregados na navegação para a Europa, na costeira e na fluvial, não seriam, aliás, tão numerosos, se a maioria das companhias de navegação não fosse subvencionada pelo estado, visando este fomentar o comércio. Há quatro anos as subvenções do estado às linhas de navegação a vapor montavam a 5 1/2 milhões de marcos. Existem hoje 18 linhas marítimas e fluviais, subvencionadas pelo governo, subvenções estas que se elevam a 7.731.000 marcos, não contando 450.000 marcos anuais à companhia Brasileira-Norte-Americana, que faz o serviço postal entre Nova Iorque e o Rio de Janeiro. Muitas outras linhas são subvencionadas pelos cofres provinciais. A intitulada Linha Transatlântica de Vapores não recebe nenhuma subvenção do estado, e é mantida por uma sociedade composta de seis ingleses, quatro franceses, um alemão e um italiano, e faz o serviço postal entre o Rio de Janeiro, Southampton, Londres, Liverpool, Falmouth, Bordéus, Havre, Marselha, Antuérpia, Hamburgo, Gênova, Nápoles, como entre Barcelona, Lisboa, São Vicente, Recife, Bahia, Santos, Montevideu, Buenos Aires, Valparaíso, Arica, Islay e Callao, no Peru.

As linhas de navegação subvencionadas pelo estado e pelas províncias, a que acima nos referimos, têm uma extensão de 36.300 quilômetros, dos quais 17.160 de navegação costeira e 19.140 de navegação fluvial.

É também considerável o número de embarcações a vela em atividade ao lado dos vapores e para cuja segurança e proteção o governo despense somas importantes na ereção e conservação de bons faróis e outros sinais nas costas. Em 1872 tomaram parte no comércio de além-mar 6.324 navios a vela, e no costeiro, 94.893.

A marinha de guerra brasileira não é, naturalmente, ainda muito importante, tendo decorrido apenas pouco mais de 50 anos desde que o país se tornou independente. Como, porém, devido à grande exten-

são da costa brasileira, lhe cabe importante papel na defesa do país, são destinadas anualmente grandes somas para seu desenvolvimento. Fundamentalmente, tudo o que lhe diz respeito é regulado pelo modelo francês. As guarnições dos navios são tiradas exclusivamente de um corpo de 3.000 marinheiros organizado especialmente para esse fim. Os eventuais reforços são fornecidos por companhias de aprendizes de marinheiros, num total de 3.400 menores, e para o serviço de desembarque há ainda um batalhão naval contando 1.000 homens. A marinha de guerra, à qual estas pequenas tropas servem, e que percorre os mares e os grandes rios do Brasil, conta atualmente com 70 unidades, inclusive nove vapores para o serviço dos portos, além de uma fragata couraçada e um cruzador. Entre as mencionadas 70 unidades, 15 são blindadas e 55 são de madeira, com 65 canhões de alma lisa e 72 raiadas; têm em conjunto 11.188 cavalos-força. A oficialidade compõe-se de 388 pessoas.

A construção dos navios e da maior parte do material bélico é, recentemente, tanto quanto possível, executada no país, e as docas e arsenal de que a Marinha dispõe são de fato importantes. Procuram também prover-se de aparelhamento mais moderno para atender às exigências de uma grande armada, como instalações de laboratórios, fundições, oficinas de torpedos e semelhantes em número suficiente, de maneira que provavelmente o Brasil no futuro virá a ser uma potência naval que não será para desprezar.

Contra que obstáculos a navegação fluvial, devido às numerosas cachoeiras e rápidos, tem que lutar, já foi dito antes. Aqui também o governo se tem esforçado constantemente, por meio de diversas obras, algumas muito dispendiosas, como por exemplo a construção de estradas marginais, para tornar possível a utilização, para um maior tráfego, de vias fluviais até agora inacessíveis, concorrendo para o incremento do comércio.

Os barcos usados, de preferência, na navegação fluvial são de espécies muito diferentes. Há os barcos de negócio, com um carregamento de cerca de 400 quintais e uma tripulação de 10 a 18 homens que o impelem parte do tempo a vara e parte a remos, enquanto uma parte da tripulação fica de sentinela para enfrentar possíveis ataques dos silvícolas. Muito pitorescos são os grandes barcos indígenas que se encontram no rio Amazonas. Dão menos na vista pela sua construção que pela sua

tripulação escura. Escassamente vestidos, só com uma tanga, sentados em fila um atrás do outro, os remadores pretos manejam os pequenos remos com os mesmos movimentos rítmicos das pás de um vapor, deixando para trás as ligeiramente encrespadas ondas do majestoso rio. Atrás, na popa do barco, guia-o um timoneiro de cor escura com mão segura, enquanto em cima da esteira que cobre o carregamento de caucho ou do que quer que possa estar lá escondido, dois outros homens de aspecto mais civilizado os vigiam, como capatazes, e papagaios e macacos em cima da câmara dão expansão à sua natureza alegre e ruidosa. Enumerar pelos nomes todos os barcos que estão em uso excederia a capacidade destas páginas.

As estradas e as vias férreas, que ainda hoje não alcançaram grande ramificação, são no Brasil, depois da navegação fluvial, da maior importância para seu comércio interno. Estradas, conforme a concepção européia, niveladas e cuidadosamente conservadas, existem poucas. Eu mesmo só conheço uma boa estrada real, que é a que vai da Raiz da Serra, perto do Rio de Janeiro, ao palácio de verão do Imperador, na colônia alemã de Petrópolis, seguindo daí para Juiz de Fora. É também a primeira estrada real que existiu na América do Sul. Embora na sua construção tivessem que ser superados obstáculos formidáveis, conseguiram, conquanto não podendo evitar todos os defeitos do traçado, principalmente graças ao valente esforço de trabalhadores alemães, abrir larga estrada por cima da maravilhosa e elevada serra da Estrela. Esse curto lance engoliu, aliás, somas consideráveis. Fora dessa ligação da capital com o palácio imperial de verão, o número de estradas vicinais e reais não é muito grande, e, depois que se empreenderam estradas de ferro para alguns lugares, negligenciou-se mais ainda a construção de estradas, sem se lembrarem de que só estas é que constituem a verdadeira alavanca do desenvolvimento do país. É por isso, em grande parte, que o comércio do interior e os viajantes têm de contentar-se com estradas que quase não bastam aos passos cautelosos dos cavalos e animais de carga. As mercadorias têm de ser transportadas de modo sumamente trabalhoso, como já foi dito em capítulos anteriores. Até pianos são levados para o interior no dorso de animais.

Como outrora entre nós, antes do transporte por via férrea, os carreiros desempenhavam papel importante no tráfego, assim também



*A mazepa, uma das diligências que trafegavam na estrada da União e Indústria*

lá, nas veredas apenas visíveis dos campos e nos ínvios caminhos nas florestas virgens, são os tropeiros que possibilitam o comércio com as longínquas regiões do país. Possuem eles em regra uma dúzia ou mais de animais, com os quais ano após ano levam de uma praia comercial para outra, os tesouros do interior para as cidades, os artigos europeus para as colônias isoladas e povoações do interior. Em regra vai um guia montado à frente da tropa (assim se chama o comboio de burros) e os animais, pesadamente carregados, seguem-no, um atrás do outro; e para perfeita ordem da fila vão presos por uma corda da qual uma ponta é amarrada no cabresto de um e a outra, no arreio do que lhe vai na frente. O tropeiro fecha a marcha da caravana, que lhe pertence toda. Raramente é homem rico e ganha a vida com grande trabalho e perigo, com sacrifício da própria saúde e arriscando tudo o que possui. Entrega-se, porém, de corpo e alma à sua profissão, à qual se dedicou desde os primeiros anos, e cuja prática trabalhosa exige coragem, determinação, agilidade, presença de espírito, grande resistência e sobriedade. Preocupa-se menos com seu bem-estar que com o dos seus animais, que devido às inúmeras vicissitudes dessas viagens requerem a maior atenção, para proteger-lhes a vida ou preservar de dano a carga, às vezes ainda mais valiosa, que lhes foi confiada. Não obstante, acontece que o passo em falso de um muar nas estradas cheias do profundos buracos, ou a perfidia de um rio sem ponte que se tem de atravessar a vau, inflinge ao pobre tropeiro a mais sensível das perdas. Por indispensável que seja o negócio dos tropeiros ao comércio interno do Brasil, o transporte no dorso de muares não é menos prejudicial à conservação dos caminhos, porque é hábito desses animais pisarem exatamente no mesmo lugar onde pisou o que ia na sua frente, dando assim causa a um permanente mau estado das estradas.

Nas províncias do Norte as tropas são mais bem organizadas que nas do Sul. Minas Gerais, por exemplo, é a pátria do tropeiro nato, enquanto em outras partes do Sul, como na vizinhança das colônias alemãs, muitos teuto-brasileiros entregam-se a essa profissão, não tendo porém a mesma habilidade e queda para ela. Não temos nenhuma estatística à mão que nos mostre qual o número de tropeiros existentes no país; deve, em todo caso, ser muito grande, visto serem encontrados freqüentemente, em toda parte por onde se viaja.

Um dos principais obstáculos ao tráfego pelas estradas é a escassez de pontes e balsas de passagens; na maioria das províncias, não existem nem mesmo nos rios menores, onde sua construção seria fácil. Todos os rios têm que ser atravessados a vau, a cavalo ou nadando. Eu próprio tive de atravessar a cavalo e nadando rios tão largos, que era preciso um quarto de hora ou meia hora para realizar a travessia, forçosamente lenta. A travessia de rios pareceu-me sempre, nas minhas viagens, um complemento muito desagradável. Abstraindo o fato de nunca se chegar enxuto à outra margem, e o perigo de se ser arrastado, em torrentes mais caudalosas, muitos animais têm tão grande aversão a esse elemento, que lhes é estranho, que nem as mais impacientes ameaças ou as mais blandiosas palavras conseguem vencer sua resistência a entrar na água.

O uso de carros é muito restrito, limitando-se unicamente ao transporte de gêneros e mercadorias por via férrea para as localidades servidas por elas. Nas grandes cidades é onde se vêem mais amiúde veículos tirados por animais, muares ou cavalos. Aí se vêem carros desde o mais elegante cabriolé de Paris, do mais arcaico coche de construção antediluviana, até ao mais carnavalescamente ornamentado carro fúnebre e aos carros de boi, típicos do país, que fariam lembrar os carros dos triunfadores romanos, se não fossem tão toscamente construídos. Estes últimos são quase que os únicos veículos que trafegam nas planícies ao lado das tropas, nos miseráveis caminhos. Anunciam-se horas antes pelo detestável chiar das rodas, causado pela supressão proposital da graxa nos eixos. Essa insuportável chiadeira não é sem propósito, é antes considerada pelos carreiros como meio de manter as juntas de bois numa andadura regular. Quando é preciso andar mais depressa, o carreiro, que trota a cavalo ao lado dos quatro ou três bois, incita-os com o ferrão. A construção e o modo de atrelar desses carros são de uma simplicidade extraordinária. Não se usa nem arreios nem rédeas; os bois são jungidos pelos chifres, de dois em dois, a um jugo maciço de madeira, e as duas rodas do carro são discos de madeira ligados um ao outro por um eixo. O carro mesmo consiste em pranchas em bruto e altos arcos de bambu cobertos com uma esteira. No interior do país esses veículos assim simples, com os quais não se pode andar depressa, não servem só para transporte de mercadorias; as brasileiras também não desdenham fazer



neles suas visitas pelas vizinhanças ou realizar uma viagem, de maneira tão primitiva, à cidade. Que deixem, ao fim da viagem, moidas e meio surdas, a arca escura em cujo tampo tinham vindo sentadas à moda turca, isso não importa absolutamente às belezas nativas.

Nas províncias do Sul já foram introduzidos carros dos tipos europeus, principalmente pelos colonos alemães, onde os caminhos permitem. A locomoção ou o transporte em carros nas estradas brasileiras é cometimento tão arriscado, que não é aconselhável para mercadorias que requerem cuidado, nem para pessoas. Aos demais carros em uso teremos ocasião de nos referir no decorrer destas descrições da vida e atividade brasileira.

A construção de estradas de ferro, a que se dedicou o maior afã, de que resultou, desde uma década, a inauguração de algumas linhas, encontra seu maior obstáculo na falta de capital e de mão-de-obra. Todas as vias férreas já existentes foram construídas por sociedades anônimas e com o auxílio de capitais estrangeiros, tendo o estado garantido os juros.

As estradas de ferro brasileiras foram, na sua maioria, construídas por engenheiros ingleses, e não obstante as grandes dificuldades que aqueles tiveram de enfrentar, como pontes, viadutos, túneis, foram bem construídas, satisfazendo aos seus fins; mas as obras-de-arte correspondentes e demais anexos foram em muitos lugares negligenciados. A segurança, nessas estradas, será por isso muito prejudicada quando o tráfego de mercadorias e passageiros aumentar. A de maior movimento é a Estrada de Ferro Mauá, que vai da baía do Rio de Janeiro à estrada real, já mencionada, para Petrópolis. A mais nova é a que foi construída na Província do Rio Grande do Sul com capitais ingleses e que vai da capital, Porto Alegre, à principal praça da vizinha colônia alemã de São Leopoldo e Hamburger Berg.\* A disposição dos vagões nas estradas de ferro brasileiras é inteiramente européia; o que é estranho é a louca velocidade dos trens, servidos quase exclusivamente por negros e mulatos, de maneira que o comboio, correndo com aquela guarnição negra, torna-se ainda mais assustador.

\* A última notícia telegráfica publicadanosjornais sobre a Fala da Coroa da Princesa-Regente, por ocasião da abertura das Câmaras, refere-se, como última conquista, à conclusão de uma estrada de ferro da Bahia a Pernambuco.

De um rápido apanhado sobre o progressivo desenvolvimento do Brasil, impresso no Rio, no ano de 1874, e do resumo dos relatórios oficiais, tirei os dados que se seguem sobre a situação das vias férreas:

Abertas ao tráfego existem já 15 estradas de ferro com uma extensão total de 5.026 quilômetros; em construção, 17, com 1.525 quilômetros; iniciadas, 12, cujas extensão é de 2.421 quilômetros, e já autorizadas por lei ainda 26, com 5.505 quilômetros. Das três grandes linhas projetadas, a já construída Estrada de Ferro Pedro II será o ponto de partida e deverá ir até ao rio São Francisco, através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, e daí seguir, através do vale do Tocantins, para o Pará. A segunda atravessará o centro do Brasil desde a embocadura do Amazonas até a do Prata e se estenderá ainda mais longe através dos vales dos rios Tocantins, Araguaia e Paraguai, numa extensão de 6.798 quilômetros. A terceira deverá partir do Rio de Janeiro, ir até a fronteira ao Sul, tocando nas capitais das Províncias de São Paulo e Paraná, interior de Santa Catarina e na cidade de Porto Alegre, na Província do Rio Grande do Sul.

O aumento dos impostos será provavelmente por meio duma sobrecarga de direitos de exportação. Em parte os direitos alfandegários são tão elevados que excedem os preços originais dos artigos e prejudicam dum modo incrível o comércio com o exterior. Em geral os direitos regulam de 30 a 80 por cento do valor do artigo só certos artigos que o país produz em excesso e estão sujeitos a taxas de exportação, e os que não se podem absolutamente obter no Brasil a taxas de importação mais baixas. O calçado de qualquer espécie, as roupas feitas e os móveis estão sujeitos entre outros artigos aos mais altos direitos aduaneiros. Não são menos elevadas as taxas para a importação de tules, sedas e artigos semelhantes, que pagam de 40 a 50 por cento do seu valor. Esse sistema de taxação é naturalmente uma tentação para o suborno e prevaricação dos funcionários e induz ao contrabando em larga escala por parte dos comerciantes e capitães de navios. As fraudes em que as mais consideradas firmas comerciais ocasionalmente incorrem são muitas vezes postas em prática com tão admirável astúcia que a vigilância dos numerosos funcionários aduaneiros brasileiros não basta para descobrir todos os embustes e logros empregados contra as autoridades fiscalizadoras. Basta, para dar uma idéia dos ardis e em-

bustes provocados pelos elevados direitos aduaneiros, contar algumas pequenas histórias que se passaram durante minha permanência no Rio de Janeiro.

Uma casa comercial fez acondicionar todos os artigos que encomendara na Europa, de maneira que cada dois volumes ficassem reunidos num só invólucro. Depois que, dada a entrada do navio no porto, os funcionários relacionaram os volumes de mercadorias a bordo e se afastaram, tiraram o invólucro exterior, tendo assim um número duplo de volumes, dos quais a metade foi contrabandeada à noite em botes para terra, ficando a outra para dar entrada na alfândega e pagar os respectivos direitos.

O cônsul francês num porto de não pequena importância mandava vir, entrava ano e saía ano, uma grande quantidade de fósforos suecos que, devido à embalagem original de fábrica, eram imediata e facilmente reconhecíveis. Confiando na pessoa e posição do recebedor, a alfândega deixava sempre as caixas com fósforos suecos para o cônsul francês seguirem sem ser abertas para sua casa, em lugar de passarem primeiro pelos armazéns da alfândega. Um dia, porém, um funcionário lembrou-se de examinar uma dessas caixas e verificou-se que o miolo da mesma era de sedas de alto preço, os fósforos nos pacotinhos verdes formando delgadas camadas em volta.

Um outro logrou o pessoal da alfândega encomendendo uma certa quantidade de luvas e mandando embalar em caixas separadas as destinadas a cada mão, despachando-as para portos diferentes. Chegada a mercadoria recusou recebê-la, abandonando-a na alfândega, por ser aparentemente imprestável para ser vendida em leilão, como de lei nesses casos. Em ambos os portos de destino o astucioso arrematou-as por preço muito inferior aos direitos que teria de pagar, restando-lhes só o trabalho de emparelhar as luvas novamente.

Um artifício semelhante foi o dum negociante de relógios, que recebeu uma grande partida de Genebra, todos só com a metade da máquina, enquanto recebia mais tarde as rodas que faltavam. Este também acabou recebendo sua mercadoria sem ter de pagar por ela os direitos exagerados e, depois de ter completado as respectivas máquinas, vendeu-as com lucro dobrado.

Apesar das formalidades para o embarque de mercadorias por mar e da retenção dos navios relacionada com o pagamento dos direitos já serem por demais rigorosas e inconvenientes para o tráfego, prejudicam os brasileiros ainda mais o seu comércio por ser determinado por lei a importação de certas mercadorias em cada porto em toda sua costa ao comércio exterior.

Os viajantes também se ressentem muito dos incômodos causados pelos funcionários das alfândegas. Fica-se ao chegar ao Brasil por toda a metade dum dia sendo atormentado pelas cavilações aduaneiras antes que se possa ver livre das garras dos respectivos exatores. Os comerciantes que importam mercadorias européias em grande escala passam em geral a maior parte do seu tempo na alfândega. Passeiam por entre as pilhas de barricas de bacalhau, sacos de farinha de trigo, fardos de tecidos, caixas de livros, ferragens, mós de moinhos, couros e peles, mobílias, barris e semelhantes, geralmente em amigável colóquio com o muito competente funcionário, ora tentando com a sua eloquência obter uma atenuação da taxa, ora procurando por meio duma sedutora generosidade ao abrir uma caixa de licor ou vinho comprar a boa vontade do zelador da lei. Muitas vezes, porém, o negociante atormentado perde a compostura e a paciência e ouve-se praguejar em todas as línguas contra o sistema aduaneiro brasileiro que zomba de todo o bom senso. Enérgicas pragas alemãs não são das mais raras, porquanto o grosso do comércio nos portos mais importantes acha-se nas mãos de alemães. Além deles vêm em maior número os comerciantes portugueses, franceses, ingleses e norte-americanos. Os mais numerosos entre os estrangeiros são os portugueses, dos quais existem quase 10.000, perto dum quinto do número de comerciantes do Brasil, segundo as estatísticas até agora.

Grandes instituições bancárias, que facilitem a circulação do dinheiro, só ultimamente ressurgiram no Brasil, depois que um instituto anterior dessa espécie teve de cessar suas operações, já em 1829, devido à má direção. Mas entre os existentes há os que passam por não serem muito seguros, e o comércio em geral procura tanto quanto possível evitar a intervenção dos bancos nos seus negócios. Acontece vezes demais que um funcionário de categoria dum banco desaparece com grandes somas e as economias de muitas pessoas acumuladas à custa de muito trabalho e privações ficam inteiramente perdidas. Vem

a propósito mencionar aqui que, além dos vinte e nove bancos, há cerca de 30 sociedades para fins industriais e comerciais no Brasil, cuja existência atesta o esforço progressista dos brasileiros. São elas companhias de estradas de ferro, seguros, navegação, iluminação a gás, minas, abastecimento de água e construções, a maior parte fundadas por estrangeiros, contudo não teriam subsistido sem a viva cooperação da população.

O correio, que desde algumas décadas tomou, na Alemanha, um tão grande impulso arrastando consigo outros países, tem hoje um papel importante nas relações comerciais. O Brasil tem também se esforçado desde muitos anos para que o seu serviço de correios corresponda do melhor modo possível às exigências dos tempos modernos; seria porém muito errado querer considerar a organização postal brasileira sequer mesmo como aproximando-se da alemã, ou ter qualquer pretensão à ordem e pontualidade iguais. Existem muitos contratos com estados de além-mar, as malas postais são certamente entregues pelos paquetes encarregados em perfeitas condições no Rio de Janeiro, mas assim que chegam a mãos brasileiras a expedição do conteúdo passa a ser feita com a habitual negligência. É, por isso, de admirar que, tendo em vista o modo como é feito o serviço, seja relativamente muito raro perder-se uma carta. O maior inconveniente no serviço postal é que só um pequeno número de cartas é entregue por carteiros aos seus destinatários. A grande maioria delas fica na repartição, para serem procuradas pelos destinatários, isto é, os comerciantes que, como na Alemanha, deixam a correspondência que lhes é destinada em escaninhos, pelo uso dos quais pagam pequena quantia ao correio, até mandarem-na buscar.

Os endereços das cartas que não são destinadas a esses escaninhos são, cada vez que chega um vapor e depois da separação, lidos em voz alta por um funcionário, enquanto uma grande multidão de gente de todas as classes se comprime, escutando tensa e profundamente atenta os nomes. Não tarda muito e ecoa aqui e ali um forte "Pronto!", e a quem o gritou, contra o pagamento do eventual excesso de porte, segue-se sem mais nada a entrega da carta. A identificação do recebedor só é exigida em raríssimos casos. Naturalmente, desse sistema decorrem grandes inconvenientes. Na separação das cartas os funcionários não procedem

também com muito escrúpulo, e é sabidamente característico da administração que os empregados, não raro, depois de abertas as malas, admitem nos invioláveis compartimentos interiores do correio amigos do peito existentes entre a multidão que se comprime do lado de fora, para que possam resolver mais depressa seus negócios. Nas pequenas cidades há ainda menos ordem, no que concerne aos correios, e no campo, onde um vendeiro ou um qualquer figura como agente do correio, qualquer pretensão à confiança nessa instituição deve ficar muito abalada.

Só as maiores povoações têm serviço postal diário com a cidade mais próxima; a maioria das do interior tem que se contentar com um serviço semanal; este é feito, em regra, por um mulato, ou negro, a cavalo, que, conforme o estado dos caminhos, entrega com maior ou menos rapidez a correspondência que leva numa caixa de lata. A deficiência das comunicações postais no interior é tamanha, em algumas localidades, que num grande círculo de colônias alemãs na Província do Rio Grande do Sul, por exemplo, onde não se acredita facilmente nos melhoramentos prometidos pelo governo, uma sociedade de cervejeiros resolveu fundar por conta própria uma espécie de serviço postal.

Aliás, as infundas distâncias, as grandes dificuldades a vencer e as privações que o incumbido do serviço postal nas grandes extensões desabitadas no interior do Brasil tem que enfrentar constituem sérios obstáculos. Pode-se ter uma idéia deles, dos sacrifícios precisos para manter a ligação entre províncias tão distantes uma das outras, sabendo-se que o governo paga anualmente a um empreiteiro 72.000 marcos para fazer o serviço postal, três vezes por mês, entre Jundiá e a cidade de Cuiabá, para o qual se estipula um prazo de três dias, que no auge da estação chuvosa poderá ser aumentado de seis dias.

Os funcionários do correio usam uma espécie de uniforme, que, porém, tem um aspecto muito reles. O governo não é muito exigente no que concerne à sua instrução, e o correio no Brasil é por isso fértil em anedotas divertidas. No que se refere a conhecimentos de geografia da Europa os funcionários estão muito escassamente informados. Induzido pela circunstância da maioria dos alemães residentes falarem sempre em Hamburgo, um funcionário do correio no Rio de Janeiro

perguntou no guichê a um senhor que entregava uma carta “se a Alemanha ficava em Hamburgo”.\*

O porte de cartas é ainda muito elevado no Brasil. Quanto aos serviços, fora neles induzidas, sobretudo recentemente, muitas alterações, ao modo europeu. O emprego de selos com a efígie do Imperador é comum; o correio se incumbem também de remessas de dinheiro, até cem mil-réis, contudo este serviço ainda está restrito a certas zonas. O correio não transporta passageiros nem mercadorias.

No Brasil a instalação de linhas telegráficas está sendo atacada com o mesmo afã que as estradas de ferro. Já foram instaladas linhas telegráficas para enormes distâncias através de regiões inóspitas, antes de se pensar mesmo de longe num caminho transitável, para não falar numa estrada entre as duas estações. A consequência natural disso são os constantes danos nas linhas e interrupções decorrentes. Já em 1853 se começou a cuidar do telégrafo no Brasil; mas só durante a guerra entre o Brasil e o Paraguai foi que teve maior desenvolvimento. O custo da linha estendida então entre o Rio de Janeiro e Porto Alegre, a capital provincial, foi tão extraordinariamente elevado, que se hesitou por muito tempo em fazê-la estender a outras localidades. Recentemente, por fim, foi reiniciada a instalação de novas linhas, e entre outras uma ligando o império brasileiro à Europa, por meio dum cabo submarino.

Em princípio o uso das linhas telegráficas foi muito prejudicado, porque os funcionários nelas empregados, tirados de todas as profissões, pouco ou nada entendiam dos aparelhos que de repente puseram diante deles. Começou-se também, visando economia, a prender os fios nos troncos e galhos das árvores em lugar de em postes apropriados. Com o rápido e exuberante crescimento das árvores e o livre desenvolvimento dessa função natural, as interrupções das linhas, devidas a queda de árvores e outros acidentes, eram incessantes. Os encarregados de percorrê-las, procurarem a causa da interrupção e sobre ela providenciarem nunca terminavam sua tarefa.

\* O autor peca pela parcialidade e tem o vezo de desfazer, exagerando, tudo o que é do Brasil. Essa observação sobre os fracos conhecimentos geográficos dos brasileiros de então, de há mais de setenta anos, pode muito bem aplicar-se ainda hoje aos europeus, pois que é da Europa que nos vêm as cartas endereçadas para Rio de Janeiro – Buenos Aires. (N. do T.)

A mim acontecia, sempre que queria telegrafar, encontrar a linha interrompida e, como me queixasse disso a um conhecido, recebi a lastimável resposta de que o funcionamento regular das comunicações telegráficas era uma exceção, que durava às vezes, no máximo, algumas horas, todos os meses. O modesto começo das linhas instaladas, para um Império tão imenso, limita-se até agora a uma extensão de 3.469 quilômetros, com 64 estações. As linhas telegráficas ao longo das estradas de ferro não estão computadas neste cálculo e têm uma extensão de 1.113 quilômetros. A extensão do cabo submarinho existente é de 26.743 metros. Por meio dele ficam sobretudo asseguradas as comunicações entre o extremo norte e o extremo sul do Brasil; e por meio dele o Império está também em contato imediato com a Europa.

Nem todas as linhas telegráficas são propriedades do governo; muitas pertencem a sociedades particulares.

O sistema monetário brasileiro é muito simples e só um pouco difícil de compreender para os estrangeiros devido aos numerosos nomes divisionários originários da antiga metrópole, Portugal, que foram mantidos. A unidade monetária é o real, no plural réis, uma moeda que em virtude do seu ínfimo valor nunca é cunhada. A moeda menor em uso é de 10 réis. Depois desta vem a de 20 réis, 100 réis, 200 réis, 500 réis, 1.000 ou moedas de mil-réis e de 2.000 réis. Estas moedas têm ainda nomes especiais: as de 20 réis chama-se um vintém; 100 réis, um tostão; 1.000 réis, um mil-réis; e a um milhão de mil-réis, um conto. O valor real dum mil-réis é dois marcos e 25 *pfennigs*; sofre porém como o papel-moeda grandes oscilações. São cunhadas em ouro moedas de 5, 10 e 20 mil-réis. A falta de moeda divisionária é grande, e procuram remediá-la utilizando-se no Rio de Janeiro de passagens de ônibus e das barcas como meio circulante de pagamento. Noutras cidades os comerciantes resolveram sua situação emitindo vales, que eram aceitos pelo povo até onde chegava seu crédito. Um verdadeiro pavor para todos os viajantes eram as antigas moedas de cobre em circulação. Essas tinham o tamanho e a grossura dum táler e o valor dum vintém; para portanto carregar 50 dessas moedas desproporcionadas, que representavam o valor ínfimo de 2,25 marcos, quase que era preciso a ajuda dum negro.



As moedas de prata e de cobre, como também as de ouro, têm a efígie do Imperador com a inscrição Petrus II. D. G. C. Impet Perp. Bras. Def., e no verso, as armas do Brasil com o valor da moeda.

Durante muito tempo, parte das moedas como também o papel-moeda não eram feitos no Rio de Janeiro e sim na América no Norte. Hoje, ao contrário, cunham bonitas moedas no Rio de Janeiro mesmo, de modo que não tardarão a fazer saírem de circulação as antigas e feias. A Casa da Moeda estava na Bahia no começo do ano de 1694; em 1699 foi transferida para o Rio de Janeiro, em 1702, para Pernambuco e no ano seguinte voltou definitivamente para o Rio de Janeiro. Suas máquinas e oficinas instaladas num belo edifício próprio são conformes com os modelos mais modernos; parece, porém, que não satisfazem só por si às necessidades brasileiras de moedas. Foram cunhadas nos anos de 1850 a 1870 conforme o atual padrão monetário em ouro, 34.195.250 mil-réis, em prata, porém, só 16.812.613 mil-réis.

A base de todo o sistema monetário é a oitava (1/8 de onça) de ouro no valor de quatro mil-réis ou nove marcos. A relação entre o valor da moeda de ouro e de prata é sem liga 15 5/8: 1. No Brasil encontram-se também moedas estrangeiras de todos os países, como é natural num país tão importante para o comércio e para onde por isso afluem tantos países. Os ianques pagam suas compras com águias norte-americanas, os ingleses chegam com bolsas cheias de soberanos, os franceses pagam suas contas com napoleões e os altivos espanhóis trocam suas pesadas onças por mercadorias brasileiras; só nos últimos tempos porém têm os brasileiros tido oportunidade de conhecer também moedas de cunho alemão.

A situação das finanças brasileiras não obstante as muitas más operações do último ministro da Fazenda não é muito desfavorável. Sua dívida monta a 1.484.000.113 marcos, inclusive os depósitos e letras do Tesouro. A receita para 1876 foi calculada em 291.489.324 marcos, e a despesa em 272.525.213 marcos.

No que concerne a pesos e medidas desde 1872 foi adotado o sistema métrico como na França. Esta inovação, porém, ainda não conseguiu abolir os antigos pesos e medidas; de fato, no interior, o antigo sistema ainda persistirá por muito tempo. A mais usada é a velha légua como medida de distância, única que foi tomada em consideração nestas

descrições do país. Tem 6.172,84 metros. Os demais antigos pesos e medidas eram de natureza muito complexa e dificultavam imensamente a redução para sistemas estrangeiros. No entanto retardou-se a introdução planejada do sistema métrico no Brasil por mais de uma década, tendo o governo recebido os padrões enviados da França e conservado-os por muito tempo dentro das caixas por falta de espaço para expô-los. Característico das coisas no Brasil e divertido foi que quando se abriram as caixas e se desencaixotou o conteúdo, como não tivessem vindo as balanças também, os funcionários acharam que não podiam ainda pôr em prática o novo sistema de pesos. Passaram-se muitos meses ainda antes que elas, que foram consideradas indispensáveis, chegassem da França.

Para as ações e processos judiciais concernentes ao comércio, existem no Brasil desde 1836, ao lado das outras instituições forenses, tribunais especiais de comércio que, baseados num código comercial próprio – tendo como base os códigos comerciais francês, espanhol e português –, distribuem justiça nas cidades maiores como o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão.

.....

## *Capítulo VIII*

### COLONIZAÇÃO E CULTURA ESPIRITUAL

**D**esde a descoberta do Brasil, pelos portugueses, se fazia sentir no mais alto grau a falta de braços nessa imensa extensão de terra e não se podia pensar em nenhuma vasta exploração de todos os tesouros da natureza nem em maior desenvolvimento do país, enquanto esse obstáculo não fosse superado. A primeira idéia dos descobridores foi, naturalmente, encaminhar para lá os braços necessários. Como a população de Portugal era relativamente pequena e não podia fornecê-los, procuraram povoar o novo território por meio da introdução extensa de escravos, como já tinham feito em outras colônias mais antigas. Pareceu ser este o processo mais conveniente e ao mesmo tempo o mais conforme com o clima do Brasil. Resultou disso o comércio regular de escravos entre o Brasil e a África, que continuou por muito tempo, mesmo depois do Brasil se ter separado da metrópole e ter-se tornado Império independente. A importação de escravos atingiu depressa tão grande extensão, que se tornou necessário grande desprendimento dos próprios interesses, por parte do governo como da população, para desistir voluntariamente dessa fácil introdução de braços, mais tarde, quando se reco-

nheceu o que esse comércio tinha de reprovável. Não se chegou, sem dúvida, voluntariamente à decisão de abandonar o tráfico de escravos, porquanto a Inglaterra, que havia já muito tempo assumira o domínio dos mares, já no ano de 1845 se pusera em campo contra ele, e seus navios de guerra apresaram navios negreiros não só em alto-mar, como também em águas brasileiras. O governo brasileiro tinha, sem dúvida, em 1826, acordado com os britânicos não permitir mais o comércio de escravos nas suas costas, mas a despeito disso a introdução continuou por muito tempo, segundo uns na razão de 27.000 a 28.000, segundo outros, na de 50.000 a 80.000 anualmente. A intervenção filantrópica da Inglaterra no assunto não deve, aliás, fazer esquecer que foi a Grã-Bretanha que em 1715, por ocasião da conclusão da paz de Utrecht com a Espanha, o chamado *Asiento*, assinou um tratado pelo qual se reservava o direito exclusivo do comércio humano no Prata. Por força desse tratado foi permitida à Inglaterra a fundação de feitorias em diversos pontos, especialmente em Buenos Aires, e desembarcar nelas anualmente quatro navios com 1.200 negros, cujo valor recebia em produtos do país. O comércio de escravos só foi fortemente perseguido depois que o atual Imperador assumiu o governo, em 1851, e em 1855 cessou inteiramente a introdução de novos escravos no Brasil. A escravatura, porém, continuava, até 1871, isto é, os escravos ainda existentes se iam extinguindo gradualmente pela morte, os filhos porém nascidos desses escravos seriam livres e a nenhum escravo é proibido comprar sua liberdade com o produto do seu trabalho extra, uma permissão que o dono não poderia negar-lhe. Existem também por toda a parte no Brasil associações que se obrigam a comprar e dar anualmente a liberdade a um certo número de escravos.

A supressão da introdução de escravos e a conseqüente cessação do crescimento da população levou naturalmente o governo a cogitar doutros meios de dar ao país os braços necessários. Isto tornava-se tanto mais urgente, por saber-se que a população escrava existente depressa se reduziria porque as importações no seu tempo tinham sido sobretudo de homens.

As vistas voltaram-se por isso para a superpovoada Europa e ali procurou-se aliciar emigrantes para o Brasil. Já de 1819 a 1825 se ti-

nham introduzido alguns emigrantes da Alemanha e da Suíça, mas a emigração para o Brasil só tomou maior vulto em 1849, até que nos últimos tempos cessou novamente, por terem-lhe quase todos os governos europeus criado obstáculo. A razão para isto foram as queixas, justas ou injustas, de muitos colonos no Brasil que, tendo emigrado recentemente, não tinham visto de pronto realizadas suas esperanças.

Pertencem ao número das principais colônias, sobretudo as povoadas por alemães e suíços, que já existiam em 1850, Nova Friburgo, Petrópolis e Valão dos Veados, na Província do Rio de Janeiro; São Leopoldo, Torres e Três Forquilhas, no Rio Grande do Sul; São Pedro de Alcântara e Santa Isabel, em Santa Catarina; Rio Grande, no Paraná; Santa Isabel, no Espírito Santo; e por fim as Colônias de Parceria, do Senador Vergueiro, na sua propriedade de Ibicaba, na Província de São Paulo. Estas últimas nasceram do chamado sistema de parceria, uma idéia original de Vergueiro, que por muito grande que tenha sido seu êxito nos latifúndios dos ricos proprietários concorreu, sobretudo, para desacreditar a emigração para o Brasil como sendo uma espécie de escravidão ou servidão.

O Senador Vergueiro e os que imitaram seu sistema firmavam contratos por escrito com os imigrantes mediante os quais se obrigavam a pagar as despesas de transporte, enquanto o colono contratado dava o seu trabalho durante uma sucessão de anos mediante a metade do que suas plantações produzissem. Constantes dissensões de toda a espécie lançaram profundas sombras nesse sistema, que mais tarde foi inteiramente abandonado.

Cometeu-se um grande erro na fundação de colônias em meio da enorme confusão das condições da propriedade das terras, porquanto no princípio foram distribuídas grandes extensões de terras sem o menor plano, aos primeiros conquistadores. As condições de posse deviam ser primeiro reguladas antes de se pensar em partilhá-las em massa entre os imigrantes europeus. Os legisladores vinham-se por isso ocupando desde 1850 incessantemente em pôr em ordem tudo o que concernia às terras do estado de que dependia o seu futuro. Quem não pudesse provar o direito a uma extensão de terra vê-la-ia declarada perdida, e os demais proprietários de terras seriam obrigados com o possível rigor à constatação de seus limites.

Só então se puderam oferecer aos emigrantes melhores condições para uma eventual emigração para o Brasil e promulgar leis que os protegesse contra vexames.

Como se tenha reconhecido que dentre todas as nações a alemã é a que pode fornecer bons colonos, contou-se em primeiro lugar com a emigração alemã, que de fato correspondeu com um número relativamente grande a essa expectativa. Concorreram para isso agentes e empresários, que eram pagos pelo governo brasileiro de conformidade com os resultados de seus esforços, e que percorreram diversas regiões da Alemanha procurando aliciar camponeses, artifices, trabalhadores, enfim, de toda a espécie. Muitos desses colonos atraíram depois com as informações sobre sua situação no Novo Mundo parentes e amigos patrícios. Por isso dentro da última década instalaram-se, além das já enumeradas, numerosas outras colônias em quase todas as províncias do Império. Não cabe aqui nomeá-las todas, ou demorar-me sobre seu desenvolvimento. Basta consignar que de todas as colônias européias, sobretudo as de alemães, só as das Províncias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul têm um verdadeiro futuro, porquanto a parte norte do Império, devido ao seu clima, não convém muito à emigração européia.

O número de imigrantes alemães no Brasil monta, segundo dados oficiais, a cerca de 130.000. O governo já despendeu com emigração 35.000.000 de táleres, incluindo nesta soma naturalmente a despendida com imigrantes não alemães. Os resultados da imigração não-alemã são lamentáveis. Italianos, franceses, ingleses, norte-americanos, aliciados para emigração ao Brasil, abandonaram as colônias, foram para as cidades onde vagavam provocando até tumultos, de maneira que o governo ficou contente, quando, pagando-lhes as despesas de volta, se viu livre desses maus elementos.

Os portugueses, que como os alemães são os imigrantes mais numerosos, mantêm-se de preferência nas cidades, onde, como os italianos nos estados do La Plata, dedicam-se ao pequeno comércio, e depressa, juntando uma pequena fortuna com a sua economia, voltam para a pátria. Embora o comércio e a vida em geral lucrem com isso, não traz nenhuma vantagem para o país e sua cultura, e só faz realçar o elemento alemão mostrando-o sob uma luz mais brilhante.

Não quero com isto de forma alguma dizer que a emigração alemã sem exceção só leva ao Brasil elementos de trabalho e dignos, e muito menos afirmar que todo o alemão encontrará sua felicidade no Brasil.

Muitos filhos perdidos, que dantes mandavam para a América do Norte, para fazerem lá a dura escola da vida, são atualmente enviados para a América do Sul para expiarem suas loucuras, na esperança de que pelo esforço e trabalho a que são obrigados voltem ao bom caminho. Em muitos rapazes o remédio dá resultado; muitos porém continuam a levar a mesma vida, não se pejando em explorarem quanto podem a grande hospitalidade comum do povo; e outros que já se afundaram demais caem tão facilmente como cairiam em qualquer outra parte onde estivessem.

Há também casos extraordinários dos quais conheci muitos durante minha permanência no Brasil, dos quais citarei alguns ao acaso, como exemplo para preguiçosos e valdevinos fartos da Europa.

Uma carreira extraordinária foi entre outras a do Tenente von D. G., que ao tempo da guerra entre o Brasil e o Paraguai, por causa de dívidas, teve de deixar sua carreira na Alemanha e chegou ao Rio de Janeiro sem nenhum recurso. Em atenção à sua família e depois de muitos pedidos e insistência, empregou-se como escriturário na Embaixada da Prússia de então. Se o emprego não lhe agradou, ou se os seus superiores não ficaram satisfeitos com os seus serviços, não se sabe. Para encurtar, trocou o emprego pelo de professor num instituto brasileiro para meninas. Mas as suas atenções por demais carinhosas para com as jovens, depressa o desacreditaram, e depois de poucas semanas o infeliz defensor da pátria, escriturário de embaixada e professor de meninas, deixou sua residência tropical, para tentar a sorte mais ao sul.

Os grandes comerciantes alemães na América do Sul, que passam décadas fora da Europa entre gente espiritualmente atrasada, com escassas ligações com o mundo culto, muitas vezes se entediam horripelantemente, e alegram-se sempre que encontram, entre os recém-chegados da Europa ou das províncias, um conversador interessante, e acumulam-no, embora não seja portador de boas cartas de apresentação, de toda espécie de atenções.

Ao número desses felizardos pertenceu também *Herr von D. G.* O chefe duma casa comercial na cidade de X., alegre solteirão, recebeu-o em casa, divertiu-se com as anedotas que o ex-tenente sabia contar e considerou o jovem um complemento bem-vindo de sua pequena corte.

Como, porém, com o tempo, von D. G. começasse a abusar da liberdade do honrado comerciante e este notasse também sensível baixa na sua provisão de champanha, achou conveniente arranjar uma colocação no exército brasileiro para seu protegido. O General Osório, comandante das tropas brasileiras em campo contra o ditador López, recebeu com prazer o tenente prussiano no seu corpo de oficiais e levou mais longe o favor, nomeando-o seu ajudante-de-ordens.

Em casa do comerciante julgava-se ter colocado muito bem *Herr von D. G.* e procuravam todas as semanas as notícias do teatro da guerra na esperança de ler a notícia de algum feito notável do novo ajudante-de-ordens. As batalhas sucediam-se, porém, sem que o nome do jovem alemão aparecesse nos jornais, que eram minuciosos nas suas notícias. Mas, uma bela noite, estando o comerciante em casa ceando com os seus amigos, eis que a porta se abre inesperadamente e surge von D. G. em pessoa, fresco e são, de botas e esporas, apresentando-se novamente ao seu protetor com a declaração de que aquela não era uma posição para ele, sua honra proibia-o de ocupar por mais tempo o posto de capitão do exército brasileiro. Grandemente surpresos perguntaram-lhe o que, afinal, o ofendera tanto. O aventureiro melindrado contou então que “uma sentinela brasileira atirara-se uma noite às rédeas do seu cavalo e exigira-lhe a senha. Como ele se tivesse esquecido da palavra portuguesa, não a podendo repetir, mandara-o voltar acompanhando a ordem com terríveis desaforos, sem tomar o menor conhecimento de sua declaração de que era oficial e ajudante. Quando se queixara da grosseria da sentinela preta, ainda riram dele”.

O suscetível e vibrátil tenente sentia-se ainda mais ofendido com um incidente com seu superior, o General Osório. Embora o general, por delicadeza, falasse sempre em francês com ele, lembrou-se um dia de falar-lhe em português. *Herr von D. G.*, porém, entendia tanto português como um esquimó o sânscrito. Ficou, por isso, mudo, sem responder à pergunta que lhe tinha sido feita.



O general esperou um momento, perguntou outra vez, e como continuasse sem resposta, disse, irritado, em francês: “O senhor quer ganhar dinheiro brasileiro, mas parece não ter nenhuma vontade de aprender a língua brasileira!”

Este incidente ultrapassou os limites. O ajudante, melindrado, pediu uma licença, selou o cavalo e correu tão depressa quanto o animal o podia levar para o hospitaleiro lar alemão e sua excelente adegã.

Passados os primeiros momentos de perturbação causados pela súbita aparição de *Herr von D. G.*, que já se refestelara comodamente numa cadeira de balanço, o comerciante pôs-se a excogitar um novo meio de encurtar a involuntária hospitalidade e de se ver livre do herói, de cujo espírito estava farto, e cujas anedotas já sabia de cor.

Mandou o rapaz para as colônias, onde talvez se encontrasse um lugarzinho para ele, e repetiu a tentativa em diversos outros lugares, onde a permanência do industrioso cavalheiro não durava muito, reaparecendo sempre inesperadamente no umbral hospitaleiro.

O comerciante tomou nova resolução. Mergulhou mais uma vez a mão na bolsa e colocou o tenente, que, entretanto, já se despedira do exército brasileiro, com um fotógrafo, para aprender a arte. E, vejam só, essa ocupação pareceu ser mais do seu gosto que a guerra do Paraguai. Como a principal freguesia era de negros e negras não fazia grande diferença se a nova arte de von D. G. fizesse as caras, já de si pretas, ainda mais pretas do que as fizera a natureza. Numa palavra, o ex-guerreiro tornou-se tolerável fotógrafo, não demorou em conquistar a confiança do professor, e não tardou que este, como raposa fina que era, na esperança de obter outros adiantamentos de dinheiro, lhe desse sociedade.

A orgulhosa firma C. R. & L. von D. G. abrilhantou a fachada da modesta loja, a que faltava uma vitrina para completar sua metamorfose; falta esta que o nosso G., tendo bastante experiência e sabendo quão grande é a influência do aspecto exterior, tomou a peito corrigir. Fez para isso instalar, a crédito, conforme antigo hábito, uma bonita vitrina, encomendou a casas de objetos de arte europeus artigos no valor de mais de mil táleres e sonhava já com os imensos lucros do seu novo negócio.

A encomenda veio e a loja tomou belíssimo aspecto, enfeitada com todos aqueles objetos de arte, mas infelizmente os compradores não apareciam. A seu tempo os credores começaram a exigir o pagamento e os sócios da firma tiveram que se resolver a apresentar, pelo menos uma vez, um cômputo do seu Deve e Haver. Descobriu-se então que havia muito que estavam insolváveis. Mas, aí, se confirmou o consolador ditado de que “O Céu nunca abandona um alemão”. A pena ainda não tinha secado depois da exposição da situação crítica do negócio, e von D. G. estava encostado à porta da loja, pensativo, matutando sobre suas dívidas daquém e dalém mar, quando se aproximou dele um alemão descuidado a quem o Céu aquinhoara melhor em sorte e proventos do que em senso. A vitrina tão sedutoramente arranjada atraía sua atenção, e depois de algumas perguntas inquiriu de von D. G. se não seria possível admiti-lo como sócio no seu negócio.

Von D. G. mirou o homem de alto a baixo e pensou primeiro que ele queria trocar, mas assim que percebeu a sinceridade do simplório, respondeu, depois de alguma hesitação: “Como sócio será um pouco difícil, porque já somos dois, e embora os lucros sejam muito bons, não são assim tão grandes que dêem para três famílias viverem e guardarem alguma coisa. Mas se quiser comprar a minha parte, como estou farto da vida aqui, estou pronto a ceder-lhe por um par de milhares de táleres.”

– “Topo” – respondeu o outro. – Está feito”!

Quem pensa num negócio assim, sobretudo não sendo negociante, em Deve e Haver?

À noite von D. V. estava de posse do dinheiro e no dia seguinte já a caminho da Europa, onde, como filho pródigo, apresentou-se ao seu pai que lhe pagou as dívidas e possibilitou-lhe a entrada no exército da Romênia ou noutro qualquer.

O Brasil nada perdeu com este cidadão.

Encontrei outro aventureiro na pessoa do Conde W. a quem a fortuna até então não sorrira assim, de maneira que pudesse ou ousasse voltar também à Europa com alguns proventos em dinheiro e experiência adquiridos por ele.

O Conde W. tinha sido expulso duma escola de cadetes por ser incorrigível, e formalmente banido da Europa para todo o sempre por seus pais que não tinham esperança de que se regenerasse. Os pais tinham remetido uma soma de dinheiro não muito grande a uma personalidade deles conhecida no Brasil, com a recomendação de socorrer com esse dinheiro o jovem, que seguiria num navio comum de emigrantes, mas só no caso de extrema necessidade ou apresto para algo viável. No mais tinha que contar com a sua atividade exclusivamente. Ao mesmo tempo preveniram-no de que se se lembrasse de aparecer novamente na Europa seria deserdado e renegado; por outro lado se se conduzisse bem lhe seria assegurada uma pensão pelos seus.

Como von D. G. também W. encontrou bons amigos que se interessaram pela sua sorte. Ao menos ele sabia pintar no estilo romanesco o mais favorável possível. Com o tempo, contudo, o interesse pelo conde esfriou e não lhe restou nenhuma outra alternativa, senão procurar uma ocupação que lhe garantisse o pão. Ficou por muito tempo indeciso até que resolveu, por fim, ser vendedor ambulante. Por felicidade não lhe faltaram os meios para isso depois de ter declarado sua intenção de ocupar-se seriamente nalguma coisa. E partiu com uma mula bem carregada, como vendedor ambulante indo de povoação em povoação.

Quando, porém, numa pequena cidade uma graciosa brasileira lhe prendeu o coração, desfez-se de seus aprestos de vendedor ambulante, casou com a sua bela e fez-se professor. Hoje deve ainda exercer a nobre profissão de mestre-escola, embora o tesouro de saber que ele franqueia os seus discípulos não seja muito vasto.

Mais rica em vicissitudes é a história de dois alemães de família considerada, que dificilmente teriam antes sonhado com as suas aventuras no Brasil. Os dois irmãos von R. tinham gasto com os seus estudos na Alemanha, um para arquiteto e o outro para agricultor, mais do que permitiam seus recursos. Prevendo que com suas profissões não poderiam fazer muita coisa, decidiram, com o que lhes restava dos seus haveres, emigrar para a América do Sul, e, como fazendeiros ricos ou o que mais tivessem sonhado, preparar uma existência confortável e só voltar milionários. Chegaram ao Brasil muito bem postos e, tendo sido bem acolhidos, descansavam muito confortavelmente na casa dum comerciante alemão da longa viagem por mar. Mas pouco a pouco chegou para eles

o tempo em que tiveram de trocar o descanso pelo trabalho. Os dois moços tentaram primeiro com uma fazendola do seu amigo comerciante, que arrendaram barato e cujos produtos contavam vender caro no mercado da cidade mais perto.

É sabido que os legumes e outras plantas semelhantes não nascem e crescem no abençoado Brasil sem os afanosos cuidados dum hortelheiro. Como o trabalho dos dois irmãos não fosse o suficiente, depressa verificaram que daquela maneira a fazenda não poderia sustentá-los. Decidiram-se por isso pela fabricação de tijolos e telhas. No entanto, isso também foi de pouca duração, por ter-lhes o trabalho parecido por demais exaustivo e o negócio não combinar com as suas inclinações pessoais.

Experimentaram então um restaurante ao ar livre. Enquanto houve garrafas cheias na adega, tudo correu muito bem, porquanto os dois irmãos eram fregueses assíduos de si próprios. De súbito, porém, o negócio parou, o crédito tornou-se difícil e só obtível com a garantia de roupas e móveis que foram aos poucos passando para as mãos dos credores, e os narizes vermelhos levantados dos dois irmãos amigos do copo foram aos poucos empalidecendo até que um dia os dois desapareceram da zona. Um surgiu meses depois, muito longe, no interior do país, como fotógrafo ambulante, o outro está em Nova Iorque para onde com trabalho conseguiu transportar-se como marinheiro e onde fez-se garçom numa casa de diversões.

Uma vida extraordinariamente aventureira foi também a do capitão M. a quem conheci no sul do Brasil.

Um engenheiro alemão meu amigo, que voltara duma viagem de negócio à capital da província para sua bastante isolada morada, levou consigo para a floresta o ex-capitão, que vagava por ali sem um teto, na esperança de fazer dele um auxiliar útil. O capitão tinha porém duas fraquezas, que em todos os cantos da Terra o estorvavam e que ao mesmo tempo impressionavam muito desagradavelmente os que o cercavam. Primeiro não podia esquecer que já tinha sido capitão, e segundo gostava demais duma companhia espirituosa, isto é, de bebidas fortes. Assim foi que, numa ocasião em que lhe faltava dinheiro para matar a sede com outra coisa que não fosse água, fez esta declaração humorística: “É para lamentar a bela sede que nesta terra morre assim sem ser aproveitada.”

Conquanto outro qualquer no seu lugar já teria havia muito desesperado, esperava sempre ser ainda chamado para alguma coisa, e como não era nada bronco, parecia-me que o meu amigo fizera nele uma boa aquisição. Empreendi no entretanto uma viagem e já havia desde meses banido o capitão M. da mente, quando aconteceu perder-me numa campina. Mal humorado cavaleguei à-toa por horas seguidas por uma planície sem caminhos. Para cúmulo o céu abriu as comportas e encharcou-me e ao meu cavalo, não nos restando nem um pontinho enxuto. Exausto, molhado e transido de frio, alcancei, por fim, já tarde, graças à minha bússola e ao instinto do meu cavalo, uma nova estrada que certamente devia levar à capital do município. Minha alegria cresceu ainda mais quando avistei as bandeirinhas coloridas e os postes de sinais indicativos de trabalhos de engenharia em andamento e por fim uma espécie de barraca de vigia feita de bambus e folhas de palmeiras na qual uma voz forte de homem entoava a canção que ecoava talvez pela primeira vez ali. “Eu era muito jovem, ainda, contando apenas quatorze.” Dirigi-me diretamente para lá e gritei, “Boa tarde!” para dentro, quando para minha imensa alegria e surpresa surgiu diante de mim a cara vermelha, redonda por barbear do capitão M. “Que diabo faz você aqui?” Gritamos os dois quase ao mesmo tempo.

“Estou aqui há três semanas como vigia da estrada” – e acrescentou baixando a voz: “Não traz nada que se beba?”

Mais tarde o capitão voltou a trabalhar como auxiliar dum agrimensor, depois foi condutor numa estrada de ferro, e depois de ter atravessado anos trabalhosos deixou finalmente de beber. Desde então a vida decorreu mais tolerável para ele, e hoje ocupa um bom emprego numa das muitas colônias alemãs.

Estas não são, porém, as vidas mais extraordinárias de compatriotas que eu conheci nas minhas viagens pela América do Sul. Inúmeros são os casos em que elementos das melhores classes da Europa caem de degrau em degrau, e por fim morrem e desaparecem, sem que alguém, ainda que fosse por compaixão, reparasse neles.

Um vem para a América para, apesar de sua descendência da velha nobreza, acabar feito almocreve; outro, que tinha sido homem rico na Europa, para tornar-se negociante de gado nas Cordilheiras.

Um cavalheiro da Silésia, que lá possuía um solar, teve de ganhar a vida como coveiro, no Brasil, enquanto sua mulher, outrora o centro de brilhante sociedade, lavava roupa para fora.

A maioria desses imigrantes chega a esse estado devido à bebida ou invencível aversão ao trabalho.

Podíamos continuar a enumerar infinitamente os destinos desses imigrantes alemães, intrusos para o Brasil, mas os poucos exemplos mencionados devem ser bastantes para justificar a observação feita linhas atrás. Do que fica dito chega-se à conclusão de que só certas classes de imigrantes, isto é, os saídos das classes laboriosas e os camponeses, podem ter asseguradas suas esperanças de futuro propício no Brasil. Não é menos prometedora a perspectiva para comerciantes, quando têm alguns recursos e se habitua à idéia de que durante anos, para assegurarem o lucro pecuniário, terão que se privar das coisas agradáveis da vida européia.

Quanto à situação especial dos colonos alemães que, em algumas províncias do Império, já constituem grandes comunidades, chegará ocasião de nos referirmos a ela, mais detalhadamente, em outro capítulo, quando tratarmos das viagens pelo país.

O Brasil é um país inteiramente católico, no qual os demais credos são apenas tolerados, sem que tenham qualquer direito perante a lei, ao lado do catolicismo. À frente do clero católico estão um arcebispo e onze bispos. O arcebispado e as dioceses dividem-se em 19 vicariatos com 236 distritos eclesiásticos, 1.553 paróquias e 19 curatos. Ao arcebispado está anexado um Tribunal Espiritual de Apelação, que julga em última instância as questões da Igreja. As sedes dos bispados são no Rio, Fortaleza, São Luís do Maranhão, Belém do Pará, São Sebastião, Mariana, Diamantina, São Paulo, Rio Grande, Porto Alegre, Goiás, Cuiabá. \*

De modo geral, os cuidados espirituais, no Brasil, são muito falhos, e não obstante o ininterrupto aliciamento de sacerdotes europeus, a população, sobretudo nas zonas escassamente povoadas do interior, se ressentida da falta de padres. Uma das principais causas da classe clerical ser tão pouco representada, em comparação com a da Europa, é sem

\* O autor, que se trata tão bem informado, omitiu a diocese de Olinda, uma das mais antigas do Brasil. (N. do T.)

dúvida a insuficiência da remuneração dos sacerdotes. São pagos pelo Tesouro do Estado; a Igreja no Brasil não tem patrimônio. Como, porém, a remuneração é mesquinha demais, para poderem viver dela, os párocos são obrigados, como em alguns lugares no Tirol, onde os presbitérios albergam forasteiros, a albergarem estranhos mediante remuneração ou recorrem a outro qualquer meio semelhante para aumentarem sua renda.

A formação de padre deixa, aliás, muito a desejar, e, embora existam até alguns seminários e cadeiras especiais para o ensino da teologia católica nos institutos de instrução superior, não se pode dizer que deles saiam clérigos particularmente ilustrados.

A pobreza da Igreja brasileira não se revela só na falta de sacerdotes, revela-se também na aparência externa dos templos, sem adornos e negligenciados ao mais alto grau. Mesmo nas grandes cidades não servem de embelezamento; dão, ao contrário, ao visitante uma impressão de pouco caso. A pouca piedade, que comumente se nota no Brasil, pode ter concorrido para isso, mas o governo também pouco se esforça para estimular o sentimento já de si em nível tão baixo, no geral da população. Assim é, por exemplo, que se servem das igrejas como lugares de reunião por ocasião das eleições, às quais nunca faltam incidentes tumultuosos e indignos.

Conventos, de que outrora havia grande número, só existem poucos hoje, e estes são ocupados por membros de ordens que não são particularmente respeitáveis. Em 1860 havia 97 conventos no Brasil, dos quais 29 de freiras. Em 1876 existiam ainda, conforme documentos oficiais, 53, dos quais seis eram de freiras, além de uns nove hospitais. O noviciado nas ordens monásticas está proibido desde 1855.

Todas as ordens possíveis estão representadas entre os habitantes dos conventos, e além deles entram ainda anualmente, vindos da Europa, em número sofrível, clérigos de outras ordens, como jesuítas, capuchinhos, lazaristas, etc. Aos jesuítas foi por muito tempo, desde a expulsão dessa ordem em 1759, vedada a permanência no Brasil; ultimamente, porém, estão sendo novamente admitidos e tolerados em silêncio pelo Estado. Por quase todos os vapores chegam alguns da Europa. Por muito justificada que seja a aversão a esta ordem, na Europa, o Brasil deve aos jesuítas, que desde a descoberta prestaram grandes serviços na catequese e domesticação dos índios, grande parte de sua cultura.

Essa tarefa, que as ordens religiosas desde o começo tomaram para si, visava particularmente a catequese das tribos de índios que habitavam o mais longínquo interior. As missões entre os índios agiam até ultimamente de acordo com o Papa e fortemente apoiadas pelo governo. Segundo dados oficiais, o governo despende anualmente 180.000 marcos com elas. Todavia, não se pode dizer que a catequese dos silvícolas tenha feito progressos notórios. Os melhores resultados são obtidos pelas missões dos capuchinhos italianos. Clérigos católicos nacionais raramente se ocupam desse serviço.

No clero católico brasileiro, convém mencionar aqui, estão representadas as mais diversas raças. Não só homens de cor se dedicam de boa vontade à profissão clerical, como se encontram negros retintos com hábitos talarés, o que nunca deixa de causar surpresa aos recém-chegados.

Dissemos que além da religião católica nenhuma outra é reconhecida no Estado com iguais direitos; isso, porém, de modo algum altera a tolerância para com os protestantes, por exemplo. Não lhes é, sem dúvida, permitido construir suas igrejas ou templos com símbolos exteriores, como torres e cruces, todavia, nos últimos tempos, tem-se insistido menos nisso e é digno de nota que em muitas colônias alemãs o próprio governo se tem incumbido da construção de igrejas protestantes. Não obstante, o culto protestante estaria mal se os protestantes alemães não tivessem há já muitos anos solicitado os esforços da suprema autoridade eclesiástica em Berlim, que desde então, e até há uns dois anos, se interessou pelo bem-estar e se ocupou com os agravos das comunidades protestantes longínquas, providenciando para a satisfação de suas necessidades religiosas. Entretanto o interesse de Berlim começou a arrefecer novamente, e como os colonos alemães protestantes, nestes tempos de indiferença religiosa, cada vez se sintam menos atraídos para a Igreja ou dispostos a fazer algum sacrifício por ela, a situação, no que concerne ao zelo pela religião, é desoladora. E é ainda pior no que concerne às escolas.

O povo brasileiro é, em geral, pouco inclinado à verdadeira piedade, todavia há entre as suas qualidades muitas virtudes que têm raízes num verdadeiro fundo cristão, mais do que é freqüente em nações mais adiantadas. Merece especial menção a caridade, que se con-



cretiza na fundação de instituições de beneficência de todas as espécies. Não há cidade um pouco desenvolvida onde não haja um ou muitos hospitais e asilos de órfãos e expostos. Instituição dessa natureza, da maior importância, entre outras, é o Hospital Geral do Rio de Janeiro, que existe desde 1545 e rivaliza com os hospitais da Europa. São tratados nele anualmente 10.000 a 14.000 doentes, por cerca de 50 médicos. De 1872 a 1873 foram tratados 14.539 doentes, dos quais 10.526 saíram curados e 2.946 faleceram. Foram causa de grande mortalidade duas epidemias que assolaram o Rio de Janeiro nesses anos, com grande violência. No Asilo de Loucos Pedro II, dependente da Casa de Misericórdia, encontravam-se recolhidos nesses anos 393 doentes mentais, de todas as províncias. A maior porcentagem fornecem os estrangeiros que adoecem no porto do Rio de Janeiro e são mandados para o hospício. O tratamento, neste como nos demais hospitais, está confiado a irmãs de ordens religiosas que, em grande número, entre elas francesas, austríacas e italianas, vivem no Brasil.

Muito interessantes são as casas brasileiras de expostos, chamadas rodas. Do lado de fora da casa, não longe das portas, numa janela aberta, há um disco, ou plataforma giratória, metade cercada por uma grade, sobre a qual são colocadas as crianças rejeitadas. Uma sineta, ao lado, serve para dar aviso da chegada do novo pequeno pretendente à admissão. Em regra são negrinhos que, como Moisés outrora, são abandonados lá por suas mães.

Mais benfazejos ainda que estas últimas instituições e instalações, conhecidas também nos países europeus, são os asilos para órfãos, que sem muitas exigências acolhem crianças abandonadas de todas as classes e se esforçam o quanto podem para encaminhá-las na vida. Mais tarde encaminham-nas para o trabalho, como é também costume na Europa, empregando-as para serviços domésticos.

Existem também no país numerosos institutos para cegos, surdos-mudos, asilos para loucos e hospitais para moléstias incuráveis, ou contagiosas. São, em parte, fundadas pelo governo, e em parte devem sua existência a associações religiosas e outras. O Rio de Janeiro é particularmente rico em hospitais de origem religiosa.

A instrução no Brasil está longe ainda de se ter desenvolvido, nas massas, como na Europa. A diferença ressalta da comparação entre

as crianças que freqüentam as escolas e as que crescem sem freqüentá-las. As precárias condições da instrução pública tornam-se mais aparentes através das notícias sobre a freqüência das chamadas escolas primárias. Além da instrução primária há uma secundária e uma superior. Em 1871, de cada 13 crianças que atingiram a idade escolar de seis a 14 anos, apenas uma recebeu realmente instrução elementar. Segundo dados oficiais essa situação melhorou em 1874, pois, de acordo com eles, de cada seis crianças em idade escolar, houve uma que recebeu, na realidade, instrução. Quanto à sua eficiência, as escolas primárias estão quase no mesmo nível das nossas melhores escolas elementares. As escolas secundárias, ao contrário, estão mais ou menos na classe dos nossos melhores grupos escolares. Só o Colégio Imperial do Rio de Janeiro é que se afirma ter uma situação excepcional, tendo sido organizado inteiramente de conformidade com os liceus franceses. As cadeiras nas escolas primárias e secundárias são preenchidas mediante concurso; em caso de necessidade os professores são auxiliados por professores assistentes. Os requisitos necessários para exercer o magistério são a maioria legal de 21 anos, atestado de boa moral e cultura científica. Para a direção de um instituto é exigida a idade mínima de 25 anos. São dispensados de prova especial os candidatos que foram professores assistentes, ou tenham sido professores públicos, os que tenham obtido o bacharelato em letras no Liceu Imperial, os que tenham sido diplomados por uma das escolas superiores, ou que tenham legalizado devidamente diplomas obtidos em universidades estrangeiras; em suma: todos os nacionais ou estrangeiros de cultura notória.

Em todo o Império existem sete institutos de ensino iguais ao Liceu do Rio de Janeiro.

Ao lado das escolas do Estado há ainda toda uma série de institutos particulares de ensino, nos quais se ministra igualmente instrução primária e secundária. Seu número total está calculado em 4.653.

A eficiência dessas escolas não é muito grande, e famílias alemãs, como muitas brasileiras, quando desejam que seus filhos adquiram uma instrução sólida, mandam-nos para a Europa. Os programas das escolas secundárias estão, sem dúvida, cheios de coisas bonitas, como latim, francês, matemática, história, música, retórica, etc., mas não se liga muita importância a que o estudante assimile de fato tudo isso. Procura-se

ainda incentivar a cultura popular por meio de cursos noturnos para adultos. Em 1873 o Estado despendeu 1.480.000 marcos com a instrução pública, e as províncias, por seu lado, mais 9.450.000 marcos.

A situação do terceiro ramo da instrução pública, isto é, das universidades brasileiras, é idêntica. Estas são divididas em faculdades, e formam assim uma espécie de escolas profissionais superiores nas diversas cidades. Há quatro dessas escolas superiores no país; duas de Direito, em São Paulo e no Recife, e duas de Medicina, no Rio de Janeiro e na Bahia. Nas de Medicina se exige, para a obtenção do grau de doutor, seis anos de estudos; para o grau de bacharel nas faculdades de Direito basta um curso de cinco anos. A escola de Medicina do Rio de Janeiro foi freqüentada, em 1872, por 586 estudantes; a da Bahia, por 262. Na escola de Direito de São Paulo existiam no mesmo ano 174 estudantes, e na do Recife, 300. Essas escolas brasileiras apresentam alguma semelhança com as congêneres alemãs; pendem, porém, nos pontos principais, para as escolas profissionais francesas, e fazem lembrar muito, nas suas disposições disciplinares, as escolas normais alemãs. O fato de ser, por lei, muito difícil a admissão de professores estrangeiros nos respectivos corpos docentes e os professores brasileiros estarem muito pouco (ou nada até quatro anos atrás) familiarizados com a literatura especializada alemã explica por que a ciência nessas escolas superiores não se encontra ainda no seu auge. Em geral se nota nos institutos culturais brasileiros a falta do verdadeiro espírito científico, embora de maneira alguma faltem aos brasileiros as qualidades necessárias para se elevarem, no terreno da ciência, a um grau de cultura digno da importância do país.

Ao lado das faculdades mencionadas existem também escolas de comércio, uma espécie de Academia Militar, uma Escola Naval, um Liceu de Artes e Ofícios, um Conservatório de Música, para o que os brasileiros têm muita vocação, e uma Academia de Belas-Artes. Se isto faz parecer que a arte no Brasil recebe grande atenção, conclui-se, dos esforços dos artistas na vida pública, que essa aparência tem muito pouco de real. O sentido de quase toda a população dirigindo-se quase que exclusivamente para o trabalho, visando o ganho, parece ter suplantado qualquer interesse mais elevado na vida. Têm certamente o desejo de rivalizar com outras nações nas suas nobres aspirações, mas faltam-lhes para isso os meios de condições primordiais, e por outro lado não está

no caráter e no natural dos brasileiros a persistência no esforço mental para provar com fatos, como a arte e a ciência exigem, quando se quer produzir algo notável.

Dentre as coleções que se têm formado à custa do Estado desde que se criou o Império, para uso do público culto, figura em primeiro lugar a Biblioteca Nacional, que é, aliás, a única biblioteca existente no Brasil. Entre os 120.000 volumes distribuídos pelas 12 salas, as obras sobre teologia são as que estão representadas em maior número, o que se explica por terem sido os primeiros elementos dessa coleção de livros as bibliotecas de alguns mosteiros extintos, e sua direção ter sido quase sempre confiada a mãos clericais. Todavia, com a transferência da Corte portuguesa de Lisboa para o Rio foram-lhe incorporadas valiosas coleções de manuscritos e esboços originais, alguns de pintores famosos. Novas aquisições têm sido muito poucas, por ser muito exígua a soma anual que o governo destina para esse fim.

Uma das melhores instituições científicas é o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, a que o Imperador dedica grande interesse, e cujas exemplares comunicações constituem a fonte mais importante para o estudo de Geografia e História do Brasil. As reuniões dessa sociedade, realizadas de 14 em 14 dias no Palácio Imperial, são presididas pelo próprio Imperador.

O Jardim Botânico da capital granjeou certa celebridade, e mais adiante falarei de sua avenida de palmeiras.

As diversas associações, como a Sociedade de Medicina, a dos Advogados, dos Médicos e Farmacêuticos, a Sociedade para o Incremento das Belas-Artes, a Sociedade de Estatística, a de Amparo às Indústrias Nacionais, e outras mais, são os melhores atestados de que os brasileiros não fecham a porta ao progresso no terreno intelectual. Todavia, tem-se infelizmente que dizer que na maioria dessas associações em regra o afã esfria em pouco tempo, e quando não se encontram fortes elementos à mão para ampará-las, desaparecem tão rapidamente como surgiram. Quanto à Academia de Belas-Artes, deve-se notar que a mesma criou um liceu com 15 classes bem frequentadas. O Conservatório de Música constitui uma seção especial desse instituto. Os estudantes que mais se distinguem nos exames recebem estipêndios para se aperfeiçoarem na Europa. Pintores de as-

suntos históricos, escultores e arquitetos recebem-nos durante seis anos, paisagistas e gravadores, durante quatro anos.

Nos últimos tempos começaram a constituir também associações para o fomento da agricultura e da indústria nacionais, que sem dúvida muito concorrerão para o progresso do país. Têm sido incansáveis nos seus esforços para melhorar em todas as latitudes a agricultura, que pouco progrediu, e ajudar a indústria com atos e conselhos. Essas sociedades são também auxiliadas pelo governo com liberalidade digna de louvor. Não pode também passar em silêncio o Museu Nacional, dedicado àquelas ciências que estão ligadas às ciências naturais. Está dividido nas seguintes seções: 1) Zoologia, Fisiologia e Anatomia Comparada; 2) Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas; 3) Geologia, Mineralogia e Física; 4) Numismática, Antiguidades e Etnologia. Mantêm-se, pela troca de duplicatas em constante ligação com instituições congêneres de outras partes do mundo. As províncias do Pará, Ceará, e Minas Gerais têm também os seus museus especiais.

De maior destaque entre os pendores intelectuais brasileiros é sua paixão pelas belas-letas e literatura moderna. O jornalismo não está menos desenvolvido que na Europa, e muitos diários publicados no Rio de Janeiro são apenas menores que os grandes da Inglaterra e dos Estados Unidos. Na sua maioria são jornais políticos que, no seu gênero, contêm muito bons artigos. Esses jornais, que mesmo nas pequenas localidades têm seu razoável círculo de leitores, constituem a principal leitura dos brasileiros; fora deles só há os romances franceses, que satisfazem seu gosto de ler. De modo geral, os livros são artigos raros no uso particular. Entre os numerosos jornais publicados no país há muitos escritos exclusivamente em alemão, francês e inglês. Em todo o Império publicam-se mais de 297 jornais e revistas, dos quais cinco em língua alemã.

Nas belas-letas brasileiras há obras notáveis, das quais ressalta que o brasileiro tem muito talento para a poesia, que se faria sentir muito mais se os interesses materiais se harmonizassem mais com ele. Não existe uma censura, mas certos abusos previstos por lei são legalmente punidos.

Quanto ao caráter dos brasileiros, a preguiça é um dos seus característicos, que originalmente talvez não tenha existido na massa da população, antes da introdução dos escravos. Dessa preguiça se originou, com o tempo, uma série de atributos de que espanhóis, fixados em

condições idênticas nas repúblicas limítrofes, ficaram isentos. E por isto é costume destes últimos dizerem aos estrangeiros que os brasileiros os herdaram dos portugueses, de quem descendem. Dos defeitos nacionais, além da preguiça já mencionada, fazem parte a falta de asseio, presunção, superficialidade, desrespeito às leis, e um natural sensualismo que favorece um modo de vida dissoluto; em compensação o brasileiro se mostra superior ao português, seu ascendente, por ser um pouco menos inclinado à economia mesquinha, por sua grande hospitalidade, frugalidade, gratidão e, na vida da família, louvável veneração pelos pais. É-se facilmente inclinado, depois de um ligeiro contato com o povo brasileiro, a julgá-lo frio e intratável, e contudo é exatamente a sua boa índole que depois de melhor conhecimento da terra e do povo atrai para ele, particularmente os alemães. Os brasileiros são descritos de modos muito diversos pelos diferentes viajantes que visitaram o país; nas suas diferentes versões parecem contradizer-se, conforme lhes foi possível penetrar mais ou menos profundamente na vida do povo. Numa coisa, porém, estão todos de acordo, e é que a escravidão exerceu influência grandemente perniciosa na evolução do caráter do povo. É, sobretudo, no desdém com que é olhado o trabalho e por meio do qual a preguiça parece justificada, que se mostra, por toda parte, retardado o progresso no Brasil. É característico nesse sentido que os donos de escravos deixem só aos seus negros o trabalho de ganhar o necessário à vida. Para isto os detêm nas cidades, aprendendo um ofício, para trabalharem, e com o produto do seu trabalho sustentarem seu senhor. Só uma pequena parte do seu ganho fica para eles. Até mesmo os escravos velhos, doentes ou aleijados sabem eles como aproveitar, deixando-os ir mendigar, tirando uma porcentagem de sua colheita, como direito senhoril, que cobram todas as noites. Recentemente a Câmara Municipal do Rio de Janeiro adotou a original deliberação de fornecer licenças para mendigar mediante um imposto.

Prefere-se a uma ocupação séria o risco de um lucro incerto e em parte alguma do mundo a ânsia de ficar rico depressa e facilmente é mais comum que no Brasil. Os brasileiros, apesar disso, como se costuma dizer por troça, são “milionários de tempo”.

A todos os momentos e em todas as ocasiões o estrangeiro ouve a contra-senha “Paciência!” repetida pelo homem livre como pelo escravo quando é solicitado para se apressar. O Brasil parece ser nisso

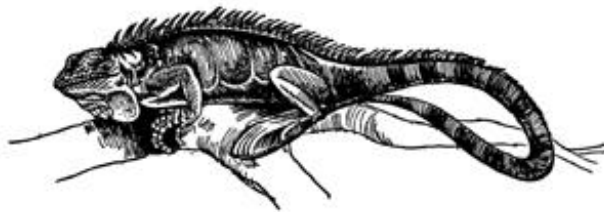
exatamente o contrário da América do Norte, que nunca pára na sua excitante atividade, e cujo lema “time is money” seria recebido no Brasil com um risinho de escárnio. O estrangeiro, mesmo depois de permanecer por algum tempo no país, é obrigado a domar pouco a pouco sua impaciência e adapta-se, calmamente, à apática concepção, predominante, da vida.

Alguns usos e costumes do país que se fazem notar na vida pública são peculiares. Entre eles está a educação das crianças e a situação das senhoras. As primeiras crescem sem nenhuma separação dos filhos das escravas nascidas na casa, e adquirem amiúde os maus costumes dos negrinhos. As senhoras vivem tanto dentro de casa, onde conforme o costume da terra se entregam à completa ociosidade, que seus atributos de caráter são mui pouco influenciados pelo mundo exterior. Um certo cavalheirismo dos homens, como o serviço escravo sempre pronto, favorece o costume das mulheres só se ocuparem com o seu adorno. A brasileira não reclama nenhuma função na economia doméstica, e até mesmo as compras, de toda espécie, são feitas pelo marido, ou a senhora manda buscar pelo escravo as coisas de que precisa para escolher em casa. São eles, por isto, vistos constantemente nas ruas, com amostras e objetos, entre as casas de seus senhores e as lojas. Os gastos do belo sexo brasileiro em jóias, vestidos e demais artigos de luxo excedem o cálculo mais razoável, de maneira que isso, junto à carestia geral, torna extraordinariamente cara a manutenção de um lar no Brasil. Contrastando com essa extravagância, os comerciantes queixam-se muito da parcimônia dos homens, que quase nada despendem com as suas próprias necessidades pessoais. Que as senhoras das melhores classes sejam tão pouco vistas nas ruas é devido ao costume da terra vedar-lhes mostrarem-se em público sem estar acompanhadas por um cavalheiro. Aos homens, por sua vez, o costume da terra não permite que levem nas mãos o mais pequeno objeto, nem mesmo um livro. Isso é considerado trabalho exclusivo de escravos.

Os brasileiros são muito condescendentes com a gente livre de cor, o que pode ser devido ao fato de só poucas famílias brasileiras se poderem gabar de sangue sem mistura. Quão grande é a mistura de brancos com negros, acarretando a degenerescência da originalmente superior raça caucasiana, é notório; muito menos desmoralizadora, embora também não sem inconvenientes, é a mistura de índios para a essência da população vinda da Europa.



*A velha igreja de Olinda*



*Camaleão*



Os brasileiros são de uma delicadeza extrema e muito inclinados a atribuírem quaisquer modos menos delicados do que os seus, nos estrangeiros, à falta de educação. Se se elogia qualquer objeto da pessoa que nos recebe, a resposta de praxe é “está às ordens”! Isto, na maioria dos casos, não é um modo vão de falar, e sim um oferecimento sério. Como visita se é sempre bem recebido a qualquer hora, sem parecer importuno; se o estrangeiro é convidado para hospedar-se na casa e se aceita essa hospitalidade, oferecida de bom grado, pode prolongá-la à vontade. Em todo caso, não se deve ter pretensões a uma cozinha e outras atenções requintadas. Em compensação pode-se estar perfeitamente à vontade, podendo mesmo, sem parecer indelicado, deixar a hospitaleira morada sem agradecer. As menores como as maiores exigências serão satisfeitas pelos brasileiros com a melhor boa vontade.

É impossível tratar, em poucas palavras, de todos os atributos do caráter brasileiro, e ao muito que nesse sentido fica por dizer me referirei mais adiante, no capítulo sobre viagens no Brasil.

Tendo falado até aqui dos brasileiros, devo agora referir-me às diversas nacionalidades que constituem uma parte importante da população. Aos índios já me referi, penso eu que com abundância de detalhes, quando tratei da população nativa. Tratarei, principalmente, agora, dos portugueses domiciliados no Brasil. Estes apresentam apenas alguma semelhança de caráter com os seus descendentes, e possuem poucas virtudes que possam compensar as muitas que faltam nestes. Não gozam, por isso, de grande simpatia no país. Os brasileiros, prevenidos contra eles, como, aliás, contra todos os estrangeiros, votam-lhes positivamente ódio. Essa inimizade vem ainda dos tempos coloniais, quando os brasileiros natos eram freqüentemente preteridos pelos portugueses recém-imigrados. Comparados com eles, os portugueses desenvolviam uma atividade e uma habilidade incontestavelmente maiores no comércio, diante das quais o comerciante brasileiro não tinha a menor vantagem. Datam desse tempo muitas alcunhas pejorativas que os brasileiros aplicam aos seus ascendentes.

Esse ódio aos estrangeiros por parte dos filhos do país afetou também, por muito tempo, os imigrantes alemães. “Alemão” valia, em geral, por uma palavra injuriosa. Grande culpa do desprezo pelos alemães cabe à circunstância de não ter sido a imigração alemã de então escolhida

entre os melhores elementos. Hoje isso mudou inteiramente, e sobretudo a guerra de 1870-1871 lhes granjeou em alto grau, no Brasil, uma situação de respeito e consideração de que não gozavam antes.

O número de outros estrangeiros, como os chineses, por exemplo, é muito pequeno para ser considerado aqui. Quanto aos negros, teremos ainda muitas oportunidades de falar deles e sobre suas peculiaridades.

.....

## *Capítulo IX*

### DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO BRASIL ATÉ A QUEDA DO MINISTÉRIO POMBAL EM 1750

**N**o começo deste livro já se tratou resumidamente do Brasil e dos primórdios de sua história, mas não do seu desenvolvimento histórico, cujo conhecimento é necessário para bem julgar sua situação de hoje.

Depois do Brasil ter sido descoberto pelo português Cabral (desembarcou primeiro na atual Província do Espírito Santo), não se deu ao país, na primeira década, como já foi dito, a importância que era dada naquele tempo às possessões da Índia, consideradas de inestimável valor.

Os nativos ficaram grandemente surpreendidos com a chegada dos brancos, mas não se portaram, de forma alguma, hostilmente, porque estes foram hábeis bastante para tratá-los amistosamente. Como todos os selvagens, queriam com impaciência ficar com os objetos insignificantes que despertavam sua cobiça, e que os portugueses lhes punham propositalmente diante dos olhos. De modo singular, porém, não se sentiam inclinados, quando os presenteavam com algum, a se mostrar

agradecidos. Pouco durava também a alegria da posse do pequeno objeto que lhes davam. O que lhes causou maior admiração foi o emprego do machado e outros instrumentos cortantes de que os europeus se serviram para a ereção de uma cruz na praia da nova parte do mundo que acabava de ser descoberta.

Infelizmente só se podiam entender por mímica, e incompletamente, com os aborígenes, e para prevenir esses inconvenientes em dias futuros, deixou Cabral na costa do Brasil, quando regressou à pátria, dois moços que, por terem praticado diversos crimes, tinham sido condenados a degredo, para que aprendessem a língua dos nativos e pudessem servir de intérpretes a outros viajantes. A marinagem se teria de bom grado apoderado de alguns selvagens, para levá-los à pátria, mas Cabral não permitiu, achando não ser direito trair sua confiança com esse ato de violência. Não obstante, o capitão de um navio da frota, que devia levar a Portugal a notícia da descoberta, apoderou-se de dois aborígenes, em outro ponto da costa, e levou-os para Lisboa.

O interesse que em Portugal se tomou pela nova descoberta foi grande, e animou muitos navegadores, no ano seguinte, a rumarem às costas sul-americanas. Foram fundadas diversas feitorias e não tardou a iniciar-se em larga escala a exploração do litoral. Granjeou merecida fama o navegador Cristóvão Jacques a quem se atribui a descoberta da Bahia, e que percorreu toda a costa até ao Estreito da Magalhães, e em todos os portos em que tomou posse da terra em nome do seu soberano. A destruição dos seus navios durante violenta tempestade obrigou, finalmente, o descobridor a fundar em terra uma colônia, sob o nome de Porto Seguro, que por muitos anos teve existência miserável.

A viagem de um navegador castelhano, de nome Solís, também concorreu muito para a exploração da terra. Este percorreu toda a costa e chegou à baía do Rio de Janeiro, cuja grandiosidade o encheu de justa admiração. Dentre o grande número de navegadores que percorreram as costas do Brasil na primeira década, os de maior importância, além dos já citados, foram Magalhães em 1525, e Diego García, que um ano depois desembarcou lá.

No reinado de D. João III, que logo depois subiu ao trono, pensou-se primeiro numa divisão política da nova colônia, criando-se

nove capitânias. Por esse tempo o desatinado malbarato das maiores extensões dessa imensa região fê-las cair nas mãos de aventureiros, que dilataram seus domínios à vontade e por isso foram chamados conquistadores. Com igual liberalidade presenteou o governo português os grandes do reino com enormes extensões de terras no Brasil, os quais, por isso, foram chamados donatários.

Dois irmãos, de nome Martim Afonso e Pero Lopes de Sousa, foram os principais fundadores das primeiras colônias, em 1531, e facilitaram com o seu prestígio a ida de muitos europeus para lá. Martim Afonso adquiriu merecida fama na terra recém-descoberta, com a introdução de animais domésticos, que se aclimataram com extraordinária rapidez, e da cultura da cana-de-açúcar. Essa cultura foi imitada em outras partes, como por exemplo o Espírito Santo, onde um certo Coutinho se apoderou das terras. Quando ali chegou, encontrou ainda um dos degredados deixados por Cabral.

A baía de São Salvador (Bahia) escapou por algum tempo à atenção dos europeus, mas aos poucos a colonização se foi estendendo também àquele setor. O país recebeu grande reforço de imigrantes e colonos com a vinda dos infelizes perseguidos por suas opiniões religiosas, que procuravam refúgio no Novo Mundo, ou dos condenados, pela justiça, ao degredo. A Inquisição, instalada em Portugal, fez fugirem famílias inteiras para as solidões do Novo Mundo e grande foi o número de judeus que pelo mesmo motivo tiveram de fugir para o Brasil.

Com o tempo, os silvícolas viram que o número sempre crescente de colonos europeus os perturbava na posse até então incontestada da terra, e acontecia que as primitivas relações amistosas até então existente se tornavam freqüentemente atitudes hostis. Muitas faltas de tato dos brancos foram o motivo de que as guerras entre eles e os silvícolas, daí por diante, continuassem em algumas partes do país, com grande encarniçamento, e nunca mais cessassem completamente. Acontecimento desse tempo, historicamente documentado, cujo teatro foram os arredores da Bahia, merece ser mencionado aqui, porque mostra como teria sido fácil, por meio de hábil entendimento amistoso, os europeus exercerem influência sobre os aborígenes e ao mesmo tempo conduzirem aquela gente simples, por caminhos pacíficos, para uma cultura mais elevada. Com a tribo dos tupinambás vivia um português,



*Osnativos ficaram grandemente surpreendi dos com a chegada dos brancos*

chamado Álvares Correia, que um naufrágio atirara às costas do Brasil; escapara ao ódio que de começo os índios lhe votaram, e tinha depois conquistado em tão alto grau sua amizade, que casara com a filha de um chefe. Devido aos seus conhecimentos e sua natural afabilidade não tardou a exercer uma espécie de domínio espiritual sobre toda a tribo, a que nenhum índio se podia furtar, de maneira que o elegeram unanimemente seu chefe. O rei de Portugal tinha por esse tempo entregue a um governador o território onde Álvares mandava. O governador marchou imediatamente com suas tropas contra os tupinambás e aprisionou Álvares Correia. Depressa conseguiu também que este, em quem a convivência com a sua gente despertava vivas recordações da pátria, desprezasse inteiramente sua nova família. Quando sua esposa índia soube disso, enfureceu-se clamando vingança e, reunindo os homens da tribo, pediu-lhes para vingarem, no infiel, o ultraje que sofrera. Os índios reuniram-se formando formidável massa e ameaçaram a colônia dos brancos. Álvares, que mais do que todos devia temer a cólera dos selvagens, fugiu diante dos inimigos aulados por sua esposa e procurou, longe, proteção contra eles.

Depois de algum tempo uma parte dos tupinambás se arrependeu do ataque a Álvares, a que tinham sido induzidos; lembravam-se ainda de sua bondade e dos muitos benefícios que tinham recebido por seu intermédio e resolveram fazê-lo voltar. Álvares aceitou confiante, com outros compatriotas, esse convite. Perto da Bahia, porém, uma tempestade fez seu navio naufragar, na ilha de Itaparica, e todos os seus patrícios que puderam alcançar a terra foram mortos e comidos pelos selvagens. Só ele escapou à crueldade dos índios e se reconciliou com os que tinham sido causa de sua fuga. Depois de ter voltado para a companhia da esposa, continuou a ser para eles como um pai e benfeitor, sobretudo para aqueles que lamentaram sua ausência, e que depois choraram por muito tempo sua morte.

No ano de 1549 foi fundada, por ordem do Rei D. João III, de Portugal, no mesmo lugar onde vivia Álvares, a capital da Bahia, por Tomé de Sousa, o futuro governador-geral. Os primeiros habitantes foram 600 voluntários, 1.500 sentenciados e algumas famílias de imigrantes, que voltaram voluntariamente as costas à pátria, para sempre. Graças à influência de Álvares Correia os colonos tiveram a mais eficiente

ajuda por parte dos índios na construção da cidade. A inimizade entre os europeus e os aborígenes, que mais tarde degenerou em verdadeira guerra de extermínio, foi reacesa por terem os jesuítas, que, nesse ínterim, haviam chegado, tentado imprudentemente impedir as bárbaras festas canibalescas. Só o medo das armas de fogo européias evitou que os índios levassem a efeito sério ataque contra a cidade e fez com que se retirassem novamente para as florestas.

Por esse tempo ocorreu uma mudança no governo, pela qual Duarte da Costa passou a administrar o Império colonial, na América do Sul, em lugar do governador-geral. Em sua companhia vieram muitos jesuítas, que, para fugirem à vigilância do governador, que não tolerava nenhuma outra autoridade, retiraram-se para as longíquas paragens do rio Paraguai, onde em 1552 fundaram as missões que mais tarde adquiriram tão grande influência, sob a direção do Padre Anchieta.

Nesse entretempo foi despertada em outros países a atenção para a região recém-descoberta, e a perseguição contra os protestantes na França, no reinado de Henrique II, levou grande número de franceses, sob a liderança de um certo Villegagnon, a fugir para o Brasil e lá fundar uma nova pátria. Ele e seus companheiros aportaram proposital ou acidentalmente na baía do Rio de Janeiro, cuja situação vantajosa os novos imigrantes acharam excelente para nela se estabelecerem. Com o favor do Almirante Coligny aumentou o número de protestantes fugitivos da França no novo asilo, sob a proteção de Villegagnon. A pretexto de promover mais rápido florescimento da colônia francesa, por intermédio de suas ligações na França, Villegagnon fez-se de vela, no ano de 1557, de volta à pátria, enquanto sua gente, sofrendo grandes privações, aguardava seu regresso. Villegagnon, porém, desleal, traiu a expectativa dos seus protegidos, porque, ao chegar à França, não só deixou seus correligionários abandonados longe da pátria, como também abjurou o protestantismo. Os protestantes ferretaram por isso seu nome, cognominando-o “Caim da América”.

Não tardou muito e a colônia francesa teve de sustentar rudes combates, porque, embora os portugueses em princípio pouco se incomodassem com o estabelecimento dos franceses e não lhes tivessem oposto nenhum obstáculo, não era indiferente aos jesuítas, estabelecidos mais ao sul, ver seu domínio limitado pela imigração de protestantes



franceses. E souberam despertar o interesse do governo português e incitá-lo a promover sua expulsão. Os intrusos perderam, na luta com os portugueses, suas conquistas de até então, mas encontraram refúgio no continente entre a tribo sua aliada, a dos tupinambás.

Todas as outras pequenas lutas, ao longo da costa, tiveram súbito fim quando os aimorés, descendo das distantes e ignotas regiões do vasto interior, atacaram as colônias dos europeus, desde a Bahia até ao Rio de Janeiro, destruindo-as quase que inteiramente, de maneira que só escassas minas deram testemunho, nos séculos que se seguiram, de sua existência.

Mais para o sul se tinham ao mesmo tempo estabelecido muitos portugueses, que, aos poucos porém, se asselvajaram, em alto grau, pela mestiçagem com os índios. Contudo, o extraordinário espírito empreendedor dessa gente, que recebeu depois o nome de paulistas, da colônia de São Paulo, onde habitavam, era tão grande, que eles, mais do que todos os outros colonos, exerceram grande influência sobre o desenvolvimento histórico do país. O Brasil deve quase todas as descobertas no interior à sua apaixonada avidez de riquezas e de aventuras. Seu senso ilimitado de liberdade, que não queria reconhecer nem as barreiras das leis pátrias nem a autoridade espiritual dos jesuítas, fazia deles amigos pouco seguros, e muitas vezes inimigos declarados, destes últimos.

Os esforços dos jesuítas, para gradualmente tornarem os índios cristãos e amigos dos brancos, revelaram-se os mais benéficos e eficientes, e não faltam exemplos de seus sacrifícios e sua coragem, por meio dos quais souberam assegurar a paz às colônias dos europeus ameaçadas.

Os benefícios que os índios da América do Sul receberam dos imigrantes europeus foram, em geral, muito poucos; parecia, até, que tudo se conjurava para sua destruição. Se a fortuna favoreceu em princípio suas armas, com o decorrer do tempo se tornara cada vez mais fraca sua resistência aos seus inimigos brancos. Mais tarde lhes surgiu, na várzea, trazida pelos europeus para o Brasil, um inimigo ainda mais terrível, e como aliado dela um período de grande fome desbastara suas fileiras.

Muito cedo se apresentou aos lusos a necessidade de aumentar os braços para o trabalho, e julgou-se não ser possível encontrar melhor destino, para os prisioneiros de guerra, que fazer deles escravos dos colonos. Isto os levou às caçadas de escravos, que foram primeiro reali-

zadas pelos paulistas, com o assentimento das autoridades da Inquisição, nos meados do século dezesseis, e foram o germe do intenso tráfico de escravos com a África.

Os colonos franceses refugiados sob a proteção dos tupinambás, na baía do Rio de Janeiro, tinham, depois de 10 anos de sossego, dilatado seu domínio por tal forma, que os portugueses receberam por sua até então indiscutível posse, e decidiram reiniciar, com o auxílio dos jesuítas, sua expulsão. Durante todo um ano resistiram aos ataques dos portugueses, comandados por Estácio de Sá; finalmente, porém, foram forçados a fugir e embarcar para Pernambuco. Mas sua tentativa de desembarque, ali, falhou, diante da energia do governador local, só lhes restando a volta para a França.

Os portugueses apressaram-se em aproveitar a vitória e fundaram a cidade do Rio de Janeiro, na baía do mesmo nome mundialmente famosa. O primeiro governador do Rio de Janeiro, um primo de Sá, tratou cruelmente alguns hereges franceses que ficaram em terra. Entre eles se encontrava um calvinista notável pelo seu saber e predicados, de nome Jean Bolés, que, confiando na cultura européia dos vencedores, se refugiou entre eles. Mas, tendo sido acusado de heresia pelo jesuíta Louis de Grans, deixaram-no definhando num cárcere durante oito anos, para depois executá-lo como herege no Rio de Janeiro, que tinha então o nome de São Sebastião.

Os franceses reapareceram na baía do Rio de Janeiro cerca do ano de 1570, com quatro navios, para se estabelecerem novamente no Brasil. Mas encontraram sua ruína, porque o governador os atacou de surpresa, venceu sua obstinada resistência e aniquilou-os.

Os jesuítas, entretanto, tinham com muita felicidade dilatado sem cessar seus domínios e poderio no sul do Brasil, e para poderem continuar com mais energia a execução de seus vastos planos nesse sentido, requisitaram novos reforços da pátria, Portugal. Foi aprestada em Lisboa uma frota que excedeu em força todas as outras anteriormente destinadas ao Brasil, e 69 padres da Companhia de Jesus embarcaram nela com destino às possessões da América do Sul. Mas Jacques Sore, célebre corsário protestante normando, tinha jurado que, para vingar seus correligionários franceses, mataria todos os católicos que lhe caís-

sem nas mãos. Esse ousado pirata conseguiu derrotar todos os navios portugueses, sacrificando à sua vingança até o último dos jesuítas.

Golpe igualmente duro, para as missões, foi a morte, em 1571, do jesuíta Nóbrega, a quem tanto deve a colonização do Brasil e a do tão propício à ordem e não menos famoso primeiro governador português no Brasil, Mem de Sá, que durante 14 anos teve nas mãos as rédeas do governo. Para seu lugar foram mandados de Lisboa dois capitães-generais, em nome do Rei D. Sebastião, que nesse ínterim subira ao trono de Portugal, os quais muito se esforçaram pelo extermínio dos índios, sobretudo na zona da baía do Rio de Janeiro. Entre 8.000 a 10.000 índios foram mortos e feitos prisioneiros nessa guerra de perseguição, e a fúria dos perseguidores não se acalmou senão depois que os infelizes tupinambás se retiraram para longínquo interior, no norte.

Assim que o sossego ficou relativamente restabelecido, voltaram-se os portugueses novamente, com afã, para a agricultura. Aventuroiros empreendedores, porém, animados pelo exemplo dos espanhóis nas regiões vizinhas, entregaram-se à procura de minas de ouro e de prata, o que levou mais tarde à descoberta da riquíssima região metalífera de Minas Gerais.

Não deixou de exercer influência sobre o Brasil a morte, a 4 de agosto de 1578, do Rei D. Sebastião, na sangrenta batalha de Alcácer-Kibir, e a ascensão ao trono de seu tio-avô, o Cardeal D. Henrique.

Seja porque os franceses julgaram azado o momento para realizarem com êxito sua velha aspiração de domínio, seja por terem os seus aliados os induzido a isso, o certo é que reiniciaram as hostilidades contra seus rivais, mas foram logo novamente batidos e expulsos.

Com a morte do cardeal-rei, a Espanha se tinha, nesse interregno, em consequência da guerra de sucessão resultante, apoderado da coroa de Portugal, e a política do Rei Filipe II fez com que o Brasil ficasse numa posição de inimigo em relação à Inglaterra, com quem até então mantinha relações amistosas. Na esperança de fazer mais ricas presas na, dali por diante, possessão espanhola, apresentaram-se diversas expedições inglesas contra o Brasil. Quase todas as colônias dos portugueses sofreram ataques dos ingleses, que em muitas oportunidades regressaram do Brasil carregados de inestimáveis presas.

Repetidas descobertas de ricas minas de ouro e de prata acirram por esse tempo, ao mais alto grau, a cobiça da corte espanhola, e quando um descendente do famoso Álvares Correia prometeu ao Rei Filipe revelar onde se achava a mais rica mina de prata, contra a outorga de foros de nobreza, muitos espanhóis se prepararam para procurar, por conta própria, as minas de Correia, cuja pretensão tinha sido indeferida, e que por isso guardava seu segredo.

No interior do país os espanhóis, em busca de tesouros, encontraram seus verdadeiros donos, os índios, com os quais tiveram de travar combates sangrentos. Como vencedores nesses combates seguiam o exemplo antes dado pelos portugueses, e arrastavam os prisioneiros de guerra à escravidão. Isso irritou por tal forma os silvícolas, que estes se voltaram até mesmo contra seus pacíficos catequisadores jesuítas. Só em 1603 uma índia, que tinham aprisionado e cuja amizade tinham conquistado pelo bom tratamento, tornou possível tratados de paz entre os colonos e os índios. Um jesuíta, de nome Domingos Rodriguez, concluiu o trabalho de paz e por muito tempo as tribos selvagens se fixaram perto dos colonos, até que as moléstias que se propagaram entre eles os levaram a procurar novamente a solidão das florestas.

Pouco antes da Guerra dos Trinta Anos, na Alemanha, os franceses tentaram novamente apoderar-se de uma parte do continente sul-americano; contudo, essa tentativa foi mais um empreendimento particular, sob a proteção do governo, do que inspirado por este. O plano era estabelecer relações comerciais vantajosas. Os expedicionários franceses desembarcaram na ilha do Maranhão e foram, certamente, os primeiros que exploraram mais de perto a região do Amazonas. Por um par de anos o governo ignorou a presença dos franceses no Norte do país; quando, porém, teve dela conhecimento, resolveu imediatamente expulsá-los. Resultou porfiado cerco ao forte construído pelos intrusos e combates extremamente sangrentos, mas, não obstante o heroísmo da resistência, e a fome que se manifestou no acampamento dos brasileiros, a luta terminou com a expulsão dos franceses.

Entretanto, a Holanda, cujo poderio estava no auge, tinha voltado sua atenção para o Brasil, tanto por interesse pelo comércio como por inimizade à odiada Espanha, e pensou na conquista das Américas portuguesa e espanhola. Para este fim foi fundada uma empresa,

que se chamou Companhia das Índias Ocidentais, e que se incumbiu da execução dos ambiciosos planos do governo holandês. A Companhia das Índias Ocidentais aprestou para esse fim uma frota de cerca de 16 velas, que sob o comando de três homens hábeis, entre eles o Almirante Pater, rumou para o Ocidente.

Embora sabedora do perigo que corria a colônia do Brasil, a Espanha nada fez para enfrentar o ataque que a ameaçava. Os holandeses tiveram assim um trabalho fácil e tomaram posse duma colônia após outra na costa do Brasil. Por fim foram enfrentados pelos próprios brasileiros chefiados pelo bispo da Bahia, Marcos Teixeira. Eleito comandante-em-chefe, o prelado inflamou suas poucas tropas com palavras incandescentes para a luta e levou-as à vitória. Um dos generais inimigos, Vaudort, perdeu a vida nesse combate e os holandeses estiveram a ponto de perder o fruto de todas as vitórias de até então. Pouco depois, porém, Teixeira morreu e o comando em chefe dos brasileiros passou a outras mãos.

A Espanha começou aos poucos a ver que tudo estava em jogo se as colônias não fossem acudidas a tempo. Aprestou para isso uma força poderosa, sob o comando de D. Fradique de Toledo, para socorrer o Brasil. A mesma atitude por parte dos holandeses fez com que a guerra se tornasse muito violenta. A campanha, conduzida em princípio com tanta sorte para os holandeses, tomou aspecto desfavorável para estes, até que no ano de 1626 o Almirante Pater pôde infligir sensível derrota aos espanhóis, apoderando-se, em alto-mar, dos navios que iam anualmente do México para a Espanha carregados com os mais ricos tesouros em ouro, prata e pedras preciosas.

Quase com o mesmo encarniçamento com que, por esse tempo, nações e sectários de diversos credos se empenhavam em lutas sangrentas, assim também holandeses, espanhóis e portugueses lutavam, no solo brasileiro, pela supremacia. A sorte da guerra era ora a favor de uns, ora de outros, e por muito tempo ficou duvidoso sobre a quem caberia a vitória final. A maior perseverança e resistência foi revelada pelos brasileiros. São inúmeros os exemplos de feitos gloriosos dos colonos desse tempo, atestando seu heroísmo. Assim é que a história relata o feito de um jovem destemido, que durante o cerco do Recife pelos holandeses soube animar por tal forma seus 37 companheiros de armas,

que resistiram durante seis dias aos esforçados ataques de 4.000 homens providos de poderosa artilharia, quando do assalto ao Forte de São Jorge. O jovem herói chamava-se Vieira. Contudo a situação dos portugueses era pior do que a dos holandeses. Faltavam-lhes munição, víveres e roupas, e a Espanha era muito morosa na remessa de auxílios, devido ao muito que a guerra com a Alemanha exigia dela.

Talvez a Espanha tivesse desistido então inteiramente da posse do Brasil, se nova circunstância não tivesse novamente despertado o interesse espanhol pela América. Chegara ao conhecimento deles que seria enviada uma frota holandesa sob o comando do Almirante Adrian Pater para, pela segunda vez, apresiar os galeões do México. O ministro espanhol, que receava nova perda de tão grande riqueza, enviou importantes reforços ao encontro dos navios esperados, sob o comando de D. Oquendo. Este se encontrou com o Almirante Pater diante de Recife e feriu-se entre as duas esquadras a mais tremenda batalha que jamais se vira nessas águas. Ambos os lados se bateram com igual coragem, mas, por fim, a vitória pendeu para os espanhóis. Quando o bravo Almirante holandês viu que corria o risco de cair nas mãos do inimigo, atirou-se ao mar, pronunciando a memorável frase: “O Oceano é a única sepultura digna de um almirante batavo!”

No primeiro momento de medo, dos espanhóis e portugueses que desembarcavam, a guarnição holandesa incendiou a ameaçada cidade de Olinda.

A vitória espanhola no mar não produziu grandes frutos, porque, entre as tropas recrutadas em todas as nações e sob o comando do Conde Bagnuolo, rebentou uma revolta. No começo, os holandeses pouco aproveitaram essa circunstância, que lhes era tão favorável, até que um mulato de nome Calabar, que por motivo de uma rixa qualquer se queria vingar de seus patrícios,<sup>\*</sup> se passou para o inimigo. Guiados por este tráfuga os holandeses obtiveram muitas vantagens, de maneira que julgaram poder firmar nova e duradouramente seu domínio. Mas, já no ano de 1633, sofreram novamente uma derrota, que teria sido de graves conseqüências se o capitão-mor espanhol Matias de Albuquerque<sup>\*\*</sup>

\* Calabar não era português, mas brasileiro. (N. da Editora.)

\*\* Matias de Albuquerque não era espanhol; era pernambucano, nascido em Olinda. (N. do T.)

dispusesse de cavalaria para perseguir o inimigo. Não demorou muito, e os holandeses se refizeram das perdas sofridas, levando novamente vantagem sobre o inimigo escassamente auxiliado pelos espanhóis, além de que com eles estavam também hordas índias, que tiveram então oportunidade de ver sua própria crueldade excedida pelos europeus.

Foi por esse tempo que os holandeses, com o auxílio do traidor Calabar, se tinham apossado de grande parte do norte do Brasil. O único baluarte que constituía obstáculo à sua marcha vitoriosa era Pernambuco, defendido pelo bravo Albuquerque. Um general holandês, Artisiosky, polonês de nascimento, sitiou a cidade e forçou, pela sua obstinação, a guarnição, depois de ter passado pelos horrores da fome, a capitular. A maior parte da população deixou, com mulheres e filhos, Pernambuco, e se entregou confiante à direção do comandante Albuquerque. Valendo-se da traição dum português que até então vivera entre os holandeses, conseguiram os brasileiros ocupar Porto Calvo e também exigir a entrega de Calabar que, em consequência de sua traição contra os próprios patrícios, teria de ser executado.

No ano de 1635, pela terceira vez, o medo da perda dos navios mexicanos carregados de tesouros levou os espanhóis a mandarem tropas auxiliares para as águas e costas brasileiras. Vendo isso, os holandeses resolveram pedir também reforços à pátria, e Maurício de Nassau, um primo do conhecido Stadhouder, apareceu, para com forças mais consideráveis retomarem aos espanhóis suas eventuais presas. Os brasileiros puseram-se em guarda com a coragem do desespero, mas o astucioso líder alcançava vitória após vitória e entre outras a reconquista de Porto Calvo.

Como, em consequência desses acontecimentos, os habitantes de Pernambuco se viram forçados a fugir, procuraram refúgio na Província de São Salvador (Bahia). Os detalhes dessa emigração em massa são pintados pelos historiadores com as cores mais negras. Perseguidos pelo inimigo cruel, pelo calor e pela fome, atravessando ínvias regiões, muitos dos brasileiros fugitivos perderam a vida, e os restantes só depois de terem sofrido as mais duras provações alcançaram o longínquo fim da viagem. Maurício de Nassau distinguiu-se, mesmo como vencedor, por uma sábia moderação, e esforçou-se o quanto pôde para conter a indisciplina de suas tropas. Contudo, cometeu muitas arbitrariedades para

enriquecer o tesouro da Holanda, o que deu motivo a acusarem-no de cobiça. Os holandeses, como vencedores, também não foram muito tolerantes com os católicos.

O passo seguinte que Maurício empreendeu foi o ataque a São Salvador, que era defendida pelo Conde de Bagnuolo. Apesar dos holandeses terem surgido diante da cidade com 40 navios e 7.800 homens de tropas de desembarque, não foram bem-sucedidos nessa empresa. O Príncipe Maurício foi derrotado e teve de retirar-se.

Devido à extensão do Brasil a influência dos acontecimentos belicosos em Pernambuco e na Bahia não se fez sentir muito nas demais províncias. Sem se incomodarem com a guerra dos holandeses contra os seus compatriotas, os colonos brasileiros continuaram, mesmo nas províncias do Norte, a tomar, praticando para isso as maiores crueldades e deslealdades, novos tratos de terra aos aborígenes. Por esse tempo teve também lugar o reconhecimento do rio Amazonas em toda sua extensão, por Teixeira, que depois de superar os maiores obstáculos chegou ao Peru. Se lhe quisermos dar crédito, as margens do Amazonas deviam por esse tempo ser muito mais populosas que hoje. Fala ele aos seus compatriotas numa povoação, jurimanas, que visitou, cujo circuito tinha mais duma légua.

Os espanhóis faziam novos esforços para expulsar Maurício de Nassau, que dilatava cada vez mais seu poderio. De Lisboa mandaram uma frota considerável e tropas de desembarque sob o comando de Francisco de Mascarenhas, Conde da Torre, que, porém, depois da longa e fastidiosa viagem e indizíveis sofrimentos, foi quase inteiramente destruída, em 1640, diante do Recife.

A 1<sup>ª</sup> de dezembro de 1640, Portugal se libertou do jugo da Espanha, acontecimento de grande importância para o Brasil, tendo sido o Duque de Bragança, sob o nome de D. João IV, aclamado seu rei. A notícia da mudança do governo ecoou de modos diversos no Brasil; a quem menos agradou a reviravolta foi aos holandeses. D. João IV, porém, estava inclinado a manter relações amistosas com os batavos e firmou uma trégua de dez anos com eles.

O crescente prestígio de Maurício de Nassau, porém, enchia o governo holandês de receios, por desconfiarem de que o Príncipe aspirava à independência do território conquistado, e assim foi chamado ele



inesperadamente à Holanda, apesar de pouco tempo antes, sob sua administração (embora violando vergonhosamente a trégua), ter sido conquistado o Maranhão, e de entrarem anualmente, devido aos seus esforços, somas enormes para o tesouro da Companhia das Índias Ocidentais.

O já citado jovem herói Vieira, que aninhava no coração o desejo de libertar seu país do jugo estrangeiro protestante, soube despertar o mesmo anelo nos compatriotas e fomentar uma conspiração nesse sentido. Quando os holandeses tiveram conhecimento disso puseram sua cabeça a prêmio, mas sem nenhum resultado. As tropas que também foram mandadas pelo vice-rei do Brasil contra Vieira, para abafar a rebelião, que já se manifestava, nada adiantaram porque logo se passaram para os revoltosos. Dentro em pouco a luta tomou um caráter muito sério, e todas as circunstâncias se uniam concorrendo para o êxito dos brasileiros; o comandante Hoogstraate, que comandava o Forte Nazaré, entregou aos brasileiros esse posto importante mediante 18.000 táleres. Porto Calvo não pôde resistir aos impetuosos ataques de Cristóvão Cavalcanti, e Valentim Roccia apoderou-se da cidade edificada na embocadura do São Francisco. Vieira triunfava em toda parte, tomando desinteressadamente sobre seus ombros a maior parte do sacrifício da guerra. Pagava aos guerreiros o soldo devido e incendiava suas propriedades para impedir o avanço do inimigo.

Assustados com os sucessos de Vieira e as derrotas dos seus próprios generais, aprestaram-se os holandeses reunindo todas as forças para defender suas possessões no Brasil. Isso levou o rei de Portugal a mandar numerosas forças sob o comando de Francisco Barreto de Meneses para o Brasil, onde Vieira, com nobre desprendimento, passou voluntariamente o comando em chefe dos brasileiros sob seu comando ao chefe enviado pelo Rei. A célebre batalha que se feriu em 1648, nos montes Guararapes, a poucas horas do Recife,\* na qual os portugueses e brasileiros obtiveram brilhante vitória sobre os holandeses, foi o primeiro feito de armas de suas forças reunidas. Por muito tempo pôde, porém, o general Sigismundo resistir aos ataques inimigos, e havia já sete anos que durava a luta, na qual ambos os partidos

\* No original está Pernambuco. O autor confunde repetidamente o nome da província com o da cidade do Recife. (N. do T.)

eram cada vez menos auxiliados pelas respectivas metrópoles, de maneira a ficarem finalmente quase reduzidos aos seus próprios recursos. O desfecho da guerra se protelaria por mais tempo ainda, por serem os holandeses, não obstante suas perdas noutros setores, senhores do mar, enquanto aos portugueses faltavam navios para disputá-lo, se não surgisse de repente uma esquadra portuguesa mandada para proteger o comércio marítimo. Os insistentes pedidos dos brasileiros decidiram seu comandante a auxiliá-los atacando o Recife, que os holandeses tão obstinadamente defendiam.

O comandante Barreto, como justo preito ao mérito de Vieira, passou-lhe, para esse provável último ato da campanha, o comando em chefe. Vieira justificou inteiramente a confiança depositada nele e tomou de assalto, uma após outra, as posições fortificadas dos holandeses. Os muros da cidade foram derribados por meio de minas. Os índios, até então aliados dos holandeses, fugiram apavorados e não tardou que o bravo e perseverante General Sigismundo não pudesse mais resistir aos insistentes pedidos do Conselho e da burguesia para a rendição da cidade. Os vencedores, depois da rendição, permitiram à guarnição retirar-se com armas e bagagens, impondo porém ao mesmo tempo a evacuação de todas as outras províncias, e assim ficou o Brasil para sempre livre dos holandeses (27 de janeiro de 1654). Vieira, a quem D. João IV devia a reconquista das províncias brasileiras, foi recompensado com altas honras; mas a todas elas preferiu o nome de que seus compatriotas o julgaram merecedor, o de “Libertador do Brasil”.

Constitui episódio interessante da história do Brasil, dos séculos 16 e 17, a formação da povoação dos Palmares nas proximidades do Recife. Essa colônia devia sua formação a alguns escravos fugidos, que conseguiram apoderar-se de algumas armas de fogo para, com a coragem do desespero, lutarem pela independência. Quando o seu pequeno estado lhes pareceu consolidado, procuraram, como os fundadores de Roma, arranjar mulheres pelo rapto de todas as negras das povoações em redor. Procuraram também prover suas outras necessidades pela extorsão e roubo nas vizinhanças.

Depressa alcançaram uma situação de se poderem impor, que, devido à constante adição de novos elementos, encheu uma parte dos plantadores europeus de medo, levando outra parte a opinar que

se comprasse a boa vontade dos palmaresenses, como se intitulavam os republicanos pretos, pagando com armas e outros objetos. Originalmente a população da república dividia-se em duas colônias; uma, perto de Porto Calvo, foi destruída em 1644 pelos holandeses, tendo porém durado tempo bastante para ter direito a ser recordada na História.

Os palmaresenses foram aos poucos formando uma organização social, que, caso o novo estado se tivesse de desenvolver, tornaria necessária uma Constituição. Resolveram por isso em Palmares a fundação de uma monarquia eletiva, cujo primeiro rei seria até o fim da vida o negro Zumbi. Seus sucessores deviam ser eleitos dentre os mais valentes e mais inteligentes. Seriam também eleitos magistrados, e promulgadas leis, que assegurassem a ordem no reino. A religião era um misto de superstições e cristianismo, mas a história não nos deixou nada exato sobre sua natureza. A diligência com que os cidadãos de Palmares se entregavam não só à instituição de um estado, como a que dedicavam à agricultura, comércio e indústria, teve como consequência a colônia, dentro de pouco tempo, correr parelha em bem-estar com as mais prósperas colônias vizinhas, de holandeses. Cinquenta anos depois da construção das primeiras cabanas já se viam bonitas moradas entre as casas esparsas no meio de jardins e campos, em Palmares, e sua população, que no princípio era de 40 almas, cresceu até nada menos de 20.000.

A prosperidade da república dos negros preocupou no mais alto grau o governo. Os portugueses resolveram por isso pôr-lhe um fim, e não tardaram a enviar tropas, num total de 7.000 homens, contra os temíveis palmaresenses. Como se tinha o inimigo em muito pouca conta, não foi julgado necessário armar a força com canhões, e a completa derrota desta depressa mostrou aos portugueses que não lhes seria fácil alcançar o desígnio visado. Só depois que levaram canhões e abriram brechas nos muros de Palmares, formados de grossos troncos sobrepostos, foi que a resistência desesperada, que os palmaresenses tinham oferecido até então, cedeu um pouco, e permitiu que por fim os portugueses se assenhoreassem da cidadela. Zumbi soube evitar com a morte o destino que o esperava se caísse nas mãos do inimigo; seus companheiros não morreram menos heroicamente e acabaram precipitando-se

do alto de um penhasco no meio da cidade. Só mulheres, velhos, crianças e feridos caíram em poder do inimigo e foram vendidos como escravos. A cidade foi completamente arrasada (1696), e nada restou da florescente povoação senão famosa recordação.

Recentemente foi noticiada a existência de uma república de negros semelhante, no Brasil. Um alemão, de nome Schlossbach, escreve o seguinte no *Jornal Alemão*, de Porto Alegre.

“Qualquer um que, como quem escreve estas linhas, tenha passado a cavalo à noite pelas ruas da cidade brasileira de Diamantina, terá notado algumas lojas cujas portas não estão trancadas, somente encostadas, parecendo fracamente iluminadas. Muitas vezes um negro se esgueira furtivamente para dentro; trancam, então, a porta e começa um estranho diálogo entre o dono da loja e o filho da África. Este tira do bolso um pequeno papel dobrado, abre-o, e à luz baça de candeeiro cintilam diante dos olhos do negociante os mais belos diamantes. Os dois não tardam a chegar a um acordo sobre o preço, e em troca de dinheiro, roupa e gêneros, os diamantes passam para as mãos do negociante.

“Como adquiriu aquele negro as custosas pedras? Por que entrou furtivamente naquela loja, quando, mediante pequena contribuição, todos podem lavrar livremente diamantes naquela redondeza? É um proscrito, banido pelo estado, um membro da temerosa república de negros nas ínvias serras das regiões riquíssimas em diamantes das cabeceiras do Jequitinhonha. Lá vivem juntos, no meio de íngremes e quase inacessíveis penhascos, dois a três mil escravos fugidos, que fundaram no coração do Império brasileiro um verdadeiro estado independente.

“Em volta dos seus penhascos já de si inexpugnáveis abriram profundos fossos e dentro deles estão cuidadosamente escondidos afiadíssimos zagunchos. Ai do imprudente que puser o pé em cima da folhagem seca ou da relva que escondem as pontas de ferro! Um ferimento horrível é a consequência inevitável.

“As lavras de diamantes nos rios próximos são as fontes de onde os negros tiram facilmente os meios de vida, e os negociantes de diamantes estão sempre prontos a trocar o produto do seu trabalho por dinheiro ou gêneros. O governo brasileiro tem nos últimos tempos

mandado repetidas expedições armadas para capturá-los, porém os negros são sempre prevenidos pelos seus amigos; atentos ao perigo que os ameaça, rechaçam com êxito, de armas nas mãos, os ataques, e mantêm até hoje sua independência. A senda que leva à sua vasta fortaleza de penhasco quase não tem dois pés de largura, e rolam por elas pedras enormes contra os atacantes ou mandam-lhes balas certeiras. Assim é que, a despeito de todos os esforços dos seus oponentes, o estado livre dos negros continua a existir.

“As necessidades de gêneros alimentícios e gado de corte, os negros suprem-nas comprando-os escondido, dos fazendeiros da vizinhança, pagando-lhes generosamente, ou assaltam também tropas de muares nas estradas obrigando os tropeiros a vender-lhes a carga. Estes, atemorizados, já preferem levar os gêneros a lugares mais distantes, onde lhes é pago conscienciosamente o preço pedido, podendo depois seguirem tranqüilamente seu caminho. Nunca se soube que esses republicanos pretos tenham cometido um roubo ou um assassinato para roubar. Já tem mesmo acontecido tirarem durante a noite 50 e mais reses de corte, e pela manhã o fazendeiro, espantado, encontrar no umbral da casa a importância correspondente ao valor do gado desviado.”

Quando deixei, depois de uma permanência de dezoito anos, o belo e abençoado Brasil, ainda não se tinha tido nenhuma notícia, no Rio de Janeiro, dessa estranha república, e esta é a primeira conhecida sobre ela, na Europa.

Enquanto se arruinava tão vasta e próspera colonização na região litorânea do Brasil, surgiam em Goiás e Minas Gerais novas povoações cuja fundação se deve exclusivamente aos faiscadores. Entre outras, fundou-se a ainda hoje existente Vila Rica.

Naquele tempo o governo português julgou ser de mais vantagem uma aliança com a Inglaterra do que a já existente amizade com a França. Por isso, empenhando-se abertamente por meio de um tratado com a Grã-Bretanha, para garantir a proteção desta, desprezou o Império francês e incitou a ambição ofendida deste. A consequência disso foi um ataque do capitão francês Duclerc contra o Rio de Janeiro. Esse ataque foi vitoriosamente rechaçado, sendo de lamentar que, contra todas as regras de direito internacional, Duclerc, depois de se entregar

com os seus aos portugueses, tivesse sido assassinado por estes, tendo parte dos seus subordinados a mesma sorte.

Esse tratamento bárbaro aplicado aos franceses por parte do governador português Francisco de Castro despertou na França a mais viva reação e insistentes pedidos de vingança. O célebre oficial da marinha francesa Duguay-Trouin pôs-se voluntariamente à frente de uma expedição de 15 navios, para cuja guarnição Luís XVI cedeu alguma tropa real. Os ousados aventureiros franceses fizeram-se de vela para a baía do Rio de Janeiro, onde, depois de feliz viagem, desembarcaram, na hoje chamada ilha das Cobras.

Não obstante os habitantes do Rio de Janeiro terem feito tudo para repelir o ataque e terem posto um colono, natural da França, como espião, para sondar seus compatriotas em favor dos brasileiros, viram-se estes cada vez mais acoçados pelas tropas inimigas. Duguay Trouin obteve vitória completa quando, depois dos brasileiros repelirem uma proposta para capitular, bombardeou violentamente a cidade, durante uma tremenda trovoadá. O súbito troar dos canhões, escreve um pesquisador francês de História, o ribombar dos trovões repercutidos pelas penhas e montes que cercam a baía, o ofuscante relampejar do céu, e os jatos destruidores das bocas de fogo encheram de pavor os habitantes da cidade, que julgaram ver desencadeadas contra eles as fúrias do Céu e do Inferno. Começaram a fugir em desordem para o interior, só pensando em levar consigo os mais valiosos dos seus haveres. Todos os combatentes, mesmo os oficiais, perderam o ânimo e abandonaram as trincheiras; as ruas da cidade, sempre tão movimentadas, ficaram desertas. Em princípio os franceses não repararam, em meio do estrondar dos elementos e dos canhões, que os habitantes do Rio fugiam. Depois de Duguay Trouin ter tomado posse da cidade, os brasileiros, tendo-se refeito do primeiro susto, procuraram entrar em entendimento com o vencedor. Trouin declarou-se pronto a deixar o Rio de Janeiro mediante o pagamento de 1.525.000 francos, além de 100 caixas de açúcar e outros gêneros, pagamento e entrega que deviam ser realizados dentro de 15 dias. A paz foi assinada na base dessas duras condições, a 4 de outubro de 1771, e Duguay Trouin deixou a costa brasileira. O total dos prejuízos que a colônia portuguesa sofreu foi calculado em 27.000.000 de francos. Os corsários retiraram-se levando uma rica presa. Foram, porém, assal-

tados por terrível tempestade no mar largo, que levou um dos seus melhores navios, com o que o proveito da expedição ficou grandemente diminuído.

Pôs termo à inimizade entre a França e o Brasil o tratado de Utrecht, de 11 de abril de 1713, pelo qual foram também estabelecidos os limites do Brasil e foi proibido aos colonos franceses qualquer incursão no território brasileiro.

A paz nas colônias da costa estava agora assegurada, só no interior é que os paulistas, já citados, continuavam com as suas correrias, para o que se pensou ser o melhor remédio dar-lhes uma espécie de governo autônomo, por intermédio de um chefe eleito dentre eles. Dessa época em diante os irrequietos aventureiros voltaram-se para a fundação de povoações, e até cidades, que hoje mostrariam melhor o brilho daquela época, se não tivessem tanto descurado de estimular mais, nos súditos ultramarinos, tão úteis à coroa portuguesa, o interesse pelas artes e indústrias. O único interesse que conheciam era a avidez de ouro. É verdade que surgiram com isso cidades como Mariana, Cuiabá e outras; mas monumentos arquitetônicos desse tempo não se encontram em parte alguma.

No ano de 1750, o Marquês de Pombal foi feito ministro português e, tendo assumido o governo, iniciou-se novo e altamente importante período para as colônias portuguesas. Entre os acontecimentos mais importantes desse tempo está a mudança da sede do governo, até então na Bahia, para o Rio de Janeiro; a seguir a perseguição aos jesuítas, a que ele e seu irmão, a quem foram confiados os negócios do governo e a administração do Brasil, se entregaram com afã. Pombal foi também o autor de uma lei que condenava a caça de escravos entre os aborígenes, e declarava-os livres.

Os anos que se seguiram foram assinalados por lutas, que se renovavam sempre, contra as aguerridas hordas de índios do interior, e em pendências com os colonos espanhóis vizinhos, até que, em 1778, um tratado entre a Espanha e Portugal regularizou definitivamente a situação das possessões sul-americanas.





.....

## *Capítulo X*

### PROSSEGUE A HISTÓRIA DO PAÍS ATÉ AOS TEMPOS MODERNOS

*D*

Depois da queda de Pombal, em Portugal, e da ascensão, ao trono, da Rainha D. Maria, que depois enlouqueceu, muitas das salutares inovações do grande português caíram por terra e a lamentável decadência de Portugal estendeu sua lóbrega sombra sobre o jovem e florescente Brasil. Uma mudança, para melhor, no destino político da vasta colônia, pareceu aproximar-se no começo do 900 ano do século passado, quando D. João VI assumiu a regência (1792) em lugar de sua infeliz mãe. Por fim a política interesseira e intimativa da Inglaterra fez com que o próprio Príncipe Regente se resolvesse a pensar numa mudança para o Brasil, que já tinha outrora figurado em planos da coroa portuguesa. Esse foi o primeiro passo para a constituição do Império brasileiro. O movimento revolucionário francês tinha-se nessa época comunicado às colônias sul-americanas e, receosa do alcance dessa influência, a Corte portuguesa resolvera apertar mais os laços que uniam a colônia do Brasil à Metrópole, mandando para lá, como penhor de confiança recíproca, o Príncipe Real D. Pedro, então com nove anos de idade. Mas, antes que se reali-

zasse a viagem do jovem Príncipe, tinha a França resolvido em segredo o estilhaçamento de Portugal, deixando a Espanha partilhar desse roubo.

Para evitar o apresamento, no mar, das forças navais portuguesas pelos franceses, a Inglaterra, única aliada de Portugal, propusera ao Rei pôr a esquadra sob o comando inglês ou embarcar imediatamente para o Brasil. D. João VI escolheu este último caminho. Mandou para bordo os arquivos, o tesouro do Estado e as valiosas jóias da coroa e partiu, a 29 de novembro de 1807, de Lisboa, com a família real e numeroso séquito, no meio de poderosa esquadra, à qual se juntaram numerosos navios mercantes, sob o troar dos canhões portugueses e ingleses. Violenta tempestade que assaltou a frota logo no começo da viagem dispersou parte dos navios; contudo, a 7 de maio de 1808, entrou, depois de uma permanência de quatro semanas na Bahia, a salvo, na maravilhosa baía do Rio de Janeiro. Por entre manifestações de regozijo da população fizeram os soberanos sua solene entrada na então modesta capital, depois de terem, a 23 de janeiro, pisado pela primeira vez o solo sul-americano, na Bahia.

A mudança, ligada a todos estes acontecimentos históricos, foi tanto maior por ter o Brasil, até então rigorosamente sob a tutela de Portugal, entrado repentinamente, como membro importante, para o número dos estados. Entre as leis de maior influência que o novo governo promulgou estava a de liberdade de comércio, ligada à abertura de todos os portos ao comércio de todas as nações estrangeiras. Menos feliz foi a organização administrativa do país, que o então Ministro Fernando José de Portugal Castro transportou simplesmente de Lisboa para o Rio de Janeiro, mas que provou ser por demais complexa, circunstanciosa e dispendiosa. A distribuição de muitos empregos entre pessoas do séquito, que tinham perdido suas rendas em Portugal, deu lugar a inúmeras queixas por parte dos brasileiros natos a quem isso descontentava.

A 15 de dezembro de 1815, foi o Brasil elevado, por decreto especial, à categoria de reino. Não obstante o Regente e seus ministros estarem empenhados em promulgar leis promovendo o bem-estar do país e favoráveis ao seu anseio de desenvolvimento, os elementos revolucionários conseguiram, depois de passada a excitação dos primeiros momentos de júbilo pela conquista da independência da colônia, fazer

numerosos adeptos entre uma parte da população. Depois que Portugal como a vizinha América espanhola lhe deram um certo impulso, rebentou, em 1817, uma revolução em Pernambuco com as mesmas idéias de outra conspiração política anterior, no ano de 1783, em Minas Gerais, que aspirava à independência da província. A existência da República de Pernambuco foi curta. O fracasso das conspirações por toda parte sustentava o governo de D. João VI, e os ingleses, a quem o combate aos esforços revolucionários interessava comercialmente, prestaram ao governo reais auxílios, com a proibição de exportação e interdição da navegação na América espanhola, dependentes deles.

Pela segunda vez foi desfraldada a bandeira da rebelião, e desta vez no Pará e na Bahia. Os rebeldes exigiam uma Constituição para o Brasil, igual à que por esse mesmo tempo estava tumultuosamente sendo exigida pela população da metrópole. O Rei resolveu mandar o Príncipe Real, como pacificador, para Portugal; aos brasileiros, porém, consolou com a convocação de uma Assembléia, que deliberaria sobre as reformas da Constituição necessárias ao bem-estar do Brasil.

Nenhuma promessa do Rei poderia, porém, deter o curso dos acontecimentos, tanto mais por existir um plano firme de proclamar a Constituição com o auxílio de um levante das tropas, de cuja participação podiam estar seguros. Dizem os historiadores que o próprio Príncipe Real tomara parte na conspiração, querendo assim obrigar o Rei a aceitar a Constituição portuguesa, sem que ele próprio tivesse de desembainhar a espada. Os fatos justificaram inteiramente essa opinião. Quando o Rei D. João VI estava no seu palácio de São Cristóvão conferenciando com seus ministros sobre as medidas a serem tomadas, todas as tropas que estavam na vizinhança se reuniram, como se estivessem combinadas, a 26 de fevereiro de 1821, na maior praia do Rio de Janeiro, e exigiram, por intermédio de seu líder Carretti, do Príncipe Real, que se transportara para lá a toda pressa, a adoção da Constituição portuguesa no Brasil. D. Pedro voltou imediatamente a São Cristóvão e arrancou, de fato, de seu pai, um decreto que em poucas palavras declarava estar pronto a dar ao Brasil uma Constituição igual à de Portugal. Depois do povo ter conseguido essa aquiescência, apresentou ainda outras exigências ao Príncipe Real, a que este atendeu também com a maior boa vontade.

O Ministério de até então foi demitido, e D. Pedro teve em tão pouca consideração os direitos de seu real pai, que leu da varanda de um teatro, em voz alta, a lista dos nomes dos novos ministros, organizada por ele, para a sanção do povo reunido, comprometendo-se que seria confirmada pelo Rei. Apenas o povo se declarou de acordo com os nomes dos novos ministros, D. Pedro galopou para São Cristóvão, voltando meia hora depois, com a assinatura do Rei, para a multidão que o esperava. Justificando-se, disse para as pessoas que o cercavam: “É preciso às vezes curvarmo-nos diante das falsas idéias do povo, quando resultam de um bom princípio e sobretudo quando são inspiradas pelo medo de perderem um bem tão precioso quanto a liberdade.” A confirmação do novo Ministério foi acolhida com ruidosos aplausos do povo reunido, aos quais se juntaram os repiques dos sinos e o troar dos canhões das fortalezas da baía.

Algumas horas depois, D. Pedro tornou a aparecer diante do povo, acompanhado do novo Ministério, para reforçar a Constituição, jurando-a em seu nome e no de seu pai. O mesmo fizeram os ministros. Quando os gritos pedindo a presença do Rei se tornaram mais fortes, o Príncipe Real correu mais uma vez para o palácio de verão e empregou toda sua eloquência para persuadir o Rei, que via nisso um rebaixamento de sua dignidade, a comparecer diante do povo. Por fim D. João VI cedeu às instâncias do filho e se resolveu a fazer o penoso trajeto que o obrigava a atravessar toda a cidade. O Rei, tão cheio de medo que dizem ter desmaiado quando a massa quis desatrelar os cavalos do carro, foi recebido com ruidosas aclamações pela compacta multidão, de gente de todas as cores, que o cercou e acompanhou até ao palácio real. O efeito deprimente de todas estas cenas seria melhor compreendido recordando-se a circunstância de que D. João VI, conforme a tradição de sua Corte, observava a mais rígida etiqueta e era além disso de caráter pouco enérgico. Apareceu na varanda com seu filho e confirmou o juramento já prestado pelo Príncipe Real. O mais cômico, em tudo isso, era a circunstância de que a Constituição tantas vezes jurada, da qual o Brasil tinha a esperar tantos benefícios, na verdade não existia no país, nem dela se tinha escrito mesmo sequer uma linha. Todo o Brasil se rejubilou com os resultados da revolta militar do Rio de Janeiro e partilhou do entusiasmo pela compreensiva deliberação das Cortes portuguesas. Todavia o entusiasmo não

tardou a arrefecer, porque a nação portuguesa, de quem partira a exigência de uma Constituição, tinha propósitos muito diferentes do que se pressupunha no Brasil. Disso os brasileiros só tiveram conhecimento pelo manifesto revolucionário de 26 de janeiro de 1821, da Junta do Porto, que já estava a caminho do Rio de Janeiro, quando ainda se fazia uma idéia muito diferente da situação em Portugal. Os deputados portugueses censuravam em primeiro lugar a continuada ausência do Rei e sua Corte, a situação de independência do Brasil em relação à Metrópole e, particularmente, a decadência do comércio e indústria resultante das vantagens que dessa situação resultavam para a Inglaterra. Essas queixas eram certamente justas, porquanto Portugal tinha ainda uma posição inferior no comércio, ao lado do Brasil, e era além disso grandemente prejudicado pela desmedida preferência oferecida ao comércio com a Inglaterra. Enquanto os artigos ingleses só pagavam 10% de direito de entrada, os artigos portugueses, que já pagavam 16% de imposto de exportação no seu país, pagavam 24% de direitos, como os das demais nações. Muitas casas comerciais portuguesas faliram por causa disso. A média de navios portugueses que nos anos de 1805 a 1808 entraram no porto do Rio de Janeiro foi de 777, tendo baixado, no ano de 1820, para 212.

O pedido de Portugal para que a Corte regressasse era muito premente, procurando dar-lhe ainda mais força a ameaça da Metrópole declarar-se separada da dinastia, de maneira que o Rei, de boa ou má vontade, tinha de tomar uma decisão.

A verdade era que já se tinha antes pensado na ida do Príncipe Real para Lisboa, mas os pontos de vista dos conselheiros reais divergiram, de maneira que a solução ficou indecisa até que o influente ministro inglês Thorton se manifestou pela permanência do Príncipe e regresso do Rei a Portugal. Depois que este se resolveu, embora com muita dificuldade, a voltar para a Europa, tornou pública sua resolução, nomeou o filho regente do reino do Brasil e ordenou a eleição de deputados para as Cortes de Lisboa. O único dos nove ministros, Silvestre Pinheiro, que era decididamente pelo regresso do Príncipe Real e permanência do Rei, consta ter ouvido dele esta frase:

*“Que podíamos fazer, Silvestre Pinheiro? Estávamos vencidos...”*

Com a convocação da Assembléia, esperava o Rei ver aprovadas suas resoluções e obter a confirmação da Regência. No íntimo

esperava também, certamente, dos representantes do Brasil, um convite para ficar, o que lhe ofereceria um bem-vindo pretexto para anular a resolução de regressar, que lhe fora imposta.

As eleições, como também a notícia divulgada dos preparativos da viagem da Corte, a que grande número das melhores famílias, capitalistas e comerciantes aderira também, tinham, no entretanto, criado grande alvoroço no país. A retirada, por esse motivo, de grandes somas da circulação, e a resultante escassez de dinheiro, que tão pouca consideração merecia por parte da Corte, de vez que ela própria ordenara a arrecadação, para levar todo o dinheiro existente nas caixas públicas, despertou a irritação geral, que atingiu o auge numa reunião de eleitores na noite de 21 de abril de 1821, na qual a situação foi discutida com a maior veemência, e a que por fim se atribuiu o caráter de convênio nacional. O filho de um francês, de nome Duprat, jovem de 20 anos apenas, soube, com sua fogosa eloquência, dominar a assembléia, que, influenciada por ele, exigiu a presença do comandante do porto, intimou-o a impedir a viagem do Rei e exigiu deste que reconhecesse a Constituição espanhola de 1812 para o Brasil, porquanto das decisões das Cortes de Lisboa só se podia esperar a salvaguarda unilateral dos interesses portugueses. Não obstante a hora adiantada da noite, foram ainda à meia-noite enviados alguns representantes do povo ao Rei, para transmitir-lhe os desejos da assembléia.

D. João VI ficou tão surpreso e perturbado, que no primeiro momento aquiesceu a tudo.

Quando os delegados, depois de voltar, deliberavam ainda sobre outras medidas a serem tomadas, o edifício da Bolsa, onde se achava reunida a assembléia, foi, por suposta ordem régia, subitamente cercado por tropas duma companhia de caçadores portugueses que, dando uma descarga de mosquetes pelas janelas, se precipitou, de baionetas caladas, na sala, e esvaziou-a, do que resultaram três mortos e mais de 20 feridos. Desse ataque, às 3 horas da madrugada conforme a opinião pública se manifestou, o Rei não teve absolutamente culpa, embora no dia seguinte tivesse retirado o assentimento que lhe fora arrancado. Foi, por isto, geralmente indicado como instigador dessa violência o Príncipe Real, que havia muito vivia inimizado com a família por causa

da situação de subordinação em que o mantinha, e que por isso desejava ardentemente a partida da Corte.

O sangrento incidente chocou por tal forma o Rio de Janeiro, que ninguém mais se opôs à partida do Rei, que devia ter lugar dentro de poucos dias. D. Pedro foi solenemente investido, pelo Rei D. João VI, no cargo de Regente, com poderes quase de soberano, enquanto o conselheiro de confiança do Príncipe, o Conde dos Arcos, assumia a chefia de um Ministério inteiramente escolhido por ele.

A 26 de abril de 1821 deixou o Rei D. João VI, muito pesaroso, o Brasil, que se lhe tinha tornado tão querido, acompanhado das bênçãos dos brasileiros que no fundo do coração lhe eram afeiçoados, para quem tinha sido sempre um príncipe benevolente, embora fraco. As últimas palavras de despedida que teve para o filho, dali por diante soberano no Brasil, foram:

“Pedro, se jamais o Brasil tiver de separar-se de Portugal, que não seja para algum aventureiro, e sim para ti, que me honrarás.”

Depois deste acontecimento cada vez se acentuaram mais os esforços das Cortes de Lisboa para reduzir novamente o Brasil à condição de colônia. A falta de consideração com que esses planos eram discutidos e os eventuais protestos brasileiros contra o desatendido projeto de Constituição aconselhado determinaram desinteligências de que não tardou resultarem desentendimentos insanáveis. Já antes se tinham elevado no país vozes favoráveis aos movimentos republicanos vitoriosos na vizinha América espanhola, e o Príncipe Regente tinha de recorrer a toda sua energia para defender com êxito a causa do reino; as inauditas pretensões das Cortes portuguesas, devido às quais o poder real em Portugal também estava completamente tolhido, levaram o Príncipe a se pôr, ele próprio, no Brasil, à testa da oposição e da luta pela sua independência política. Um decreto das Cortes portuguesas, em particular, determinando que as autoridades nas províncias deviam entender-se diretamente com as autoridades em Lisboa, sem a intervenção do Príncipe Regente, provocou imediatamente grande alvoroço, por acirrar os interesses dirigentes entre os partidos, apressou os esforços para a independência e levou mesmo a uma adesão mais firme, da parte da população realmente possuída do sentimento nacional, ao Príncipe Regente.

D. Pedro, aliás, tentou ainda conciliar os interesses do Brasil com os de Portugal, até quando a petulância das Cortes de Lisboa as levou a tomar a deliberação impolítica de cassar a divisão do Brasil, existente até então, e substituí-la por 14 distritos (capitanias), tendo cada um um governador mandado de Lisboa, que só seria responsável perante o governo português. Ao mesmo tempo exoneraram sumariamente o Príncipe Regente e ordenaram-lhe que regressasse a Portugal.

D. Pedro, havia muito, previa que o Brasil entregue a si próprio depressa estaria perdido para a coroa portuguesa, principalmente porque as províncias já divergiam fortemente entre si nas suas posições político-partidárias, e não estava longe o perigo de que, como nos estados vizinhos, o país se dividisse em pequenas repúblicas, e com isso, como acontecia com estas, nunca mais tivesse paz, e por isso estava decidido a desobedecer às Cortes.

Para não arriscar, porém, seu direito à sucessão, entrando em luta aberta com as todo-poderosas Cortes, julgou melhor, antes de dar novos passos, aguardar a manifestação do país. Não se passou muito tempo, e o Príncipe Regente se viu assaltado por petições para que ficasse no Brasil e se opusesse à afrontosa ordem de regresso. Toda a imprensa do Rio lhe pedia também para ficar, acusando as decisões das Cortes de ilegais, ofensivas e impolíticas. A mesma linguagem era usada pelas deputações e nas petições de todo o país.

A determinação, manifestada pelo Príncipe Regente, de ficar no país teve os aplausos de todos os partidos, com exceção dos poucos apaixonados partidários das Cortes e uma divisão de tropas portuguesas. Entre estas e os batalhões brasileiros, ao lado da milícia nacional, teria havido, a 11 de janeiro de 1822, um choque sangrento nas ruas do Rio de Janeiro, onde as tropas portuguesas já tinham tomado posição estratégica, se o Príncipe Regente, com a sua presença, não tivesse evitado a luta. Sua energia e prudência evitaram outras hostilidades, retirando a divisão portuguesa da cidade para a outra margem da baía, onde deveria aguardar o embarque de regresso a Portugal.

Depois das tropas terem sido afastadas, D. Pedro tinha naturalmente de se apoiar no poder militar nacional, do que resultou novamente maior ligação com o chamado Partido Nacional, o que o levou à nomeação de um novo Ministério, para cuja presidência foi convidado o



célebre estadista José Bonifácio de Andrada e Silva. Iniciou-se então uma nova ordem de coisas e foi convocada uma assembléia, no Rio, que, sob o nome de Conselho de Estado, deveria deliberar sobre o futuro do Brasil.

Por esse tempo o Príncipe Regente – de volta de uma viagem ao interior de Minas Gerais, onde, pela sua firmeza e imponente personalidade, enfrentara com êxito um movimento de caráter revolucionário, depois de verdadeira jornada triunfal através da província, no seu regresso ao Rio de Janeiro, onde foi igualmente recebido com as maiores homenagens – foi surpreendido com a notícia de que os consulados portugueses, nos portos estrangeiros, tinham recebido ordens de impedir a exportação de armas e munições para o Brasil. Esse ato foi interpretado no Rio como uma declaração formal de guerra, e uma petição dos habitantes da cidade pedia ao Príncipe Regente que se declarasse protetor e defensor do Brasil. D. Pedro aceitou o título de Defensor Perpétuo do Brasil a 13 de maio de 1822. No fim de maio lhe foi feito o pedido formal de desligar-se de Portugal, em que foram enumeradas todas as justas queixas contra o governo de Lisboa justificativas dessa resolução. No Rio já se tinham de fato, com isso, separado de Portugal, e as províncias do Sul estavam de acordo com o que estava acontecendo, mas era ainda grande e não para desprezar o número de aderentes com que o partido português contava na Bahia e em Pernambuco, onde, sobretudo, não estavam inclinados a reconhecer a autoridade do Príncipe Regente. D. Pedro se empenhava, por isso, em obter aos poucos o favor dos partidos de lá também. O partido brasileiro que surgiu dessa atitude pediu auxílio contra os portugueses. Mas só o que o Príncipe Regente pôde fazer foi ordenar por escrito, ao comandante da bem numerosa guarnição portuguesa e ao comandante da esquadra, Madeira, no porto da Bahia, que fizesse regressar a Portugal todas as forças reais. A respeitosa recusa de Madeira e a notícia chegada nesse entretempo, de nova remessa de tropas feita pelas Cortes, foram a verdadeira causa da declaração de independência do Príncipe Regente, quando ele certamente ainda nutria o desejo e a esperança de manter a ligação política dos dois países, por meio de uma união pessoal. Ao mesmo tempo D. Pedro declarava estar preparado para a defesa e decidido a não tolerar mais sol-

dados portugueses no solo brasileiro. Isso se deu a 1<sup>a</sup> de agosto de 1822.

O Príncipe Regente deu a conhecer suas resoluções por uma proclamação, dirigida a todas as províncias, instruindo todas as autoridades civis e militares sobre medidas de defesa que deviam ser tomadas, e por um documento justificando os acontecimentos, do qual seriam enviadas cópias a todos os governos amigos.

É digno de nota que o Príncipe Regente, não obstante essa aparente determinação de resistência, esperava poder levar a termo seu plano de uma união pessoal entre o Brasil e Portugal, sobretudo porque distinguia o modo de agir das Cortes da atitude de seu pai, que nesse sentido não era livre. Este ponto de vista, no entanto, não podia ser mantido por muito tempo perante o povo, que não sabia compreender a diferença, e certos partidos insistiam cada vez mais perante o Regente para que se declarasse, e ao país, inteiramente independentes da monarquia lusitana.

Por esse tempo, um movimento de revolta chamou D. Pedro à Província de São Paulo. Lá, quando se deteve na pequena povoação de Ipiranga, na estrada para Santos, recebeu o Príncipe novos despachos ameaçadores de Lisboa, que lhe arrancaram, estando ele rodeado de uma multidão conscientemente entusiasmada, a 7 de setembro de 1822, o grito de “Independência ou Morte!”. Ao mesmo tempo arrancou do chapéu a roseta portuguesa e atou no braço uma fita verde, na qual se liam as mesmas palavras em volta dum triângulo de ouro. A nova organização das coisas no Brasil datariam de então, tendo o verde e o amarelo sido eleitos cores nacionais.

Depois deste acontecimento o Príncipe Regente se dirigiu para a cidade do Rio de Janeiro, onde chegou a 13 de setembro, tendo comparecido, ostentando as cores nacionais, perante o povo reunido diante do Teatro Lírico. Tinha feito 100 léguas de São Paulo ao Rio, a cavalo, em cinco dias. Foi saudado pela multidão entusiasmada com estrondosas aclamações e gritos de “Independência ou Morte!”. O Senado declarou, no dia seguinte, ser a vontade do povo aclamar D. Pedro Imperador do Brasil, e que seriam dados os passos precisos para, depois de recolher a aquiescência necessária de todas as províncias, a 12 de outubro, aniversário natalício do Príncipe, se poder realizar a proclamação

do Imperador. O Ministro Andrada, porém, baixou uma ordem, pela qual os partidários da causa nacional deviam prover-se dum distintivo que seria uma divisa verde e amarela; os outros teriam de deixar o país, para o que lhes seria concedido um prazo, e todo aquele que ousasse atacar, por palavras ou por escrito, a independência do Brasil, seria considerado réu de alta traição.

Depois de recebido o consenso das províncias, uma deputação do Senado levou mais uma vez solenemente ao Príncipe Regente a coroa imperial e o título, que foram por ele aceitos. Seguiu-se depois, no Campo de Santana perante as autoridades, as tropas e imensa multidão, o discurso do agora Imperador, no qual este se declarava pronto a aceitar a futura Constituição, e depois de um *Te Deum* na capela imperial, retirou-se para o palácio, como Imperador do Brasil. A coroação teve lugar no dia 1<sup>o</sup> de dezembro 1822, aniversário da ascensão da Casa de Bragança ao trono, com grande pompa.

A primeira e mais necessária tarefa do jovem Imperador foi o afastamento das guarnições e navios portugueses que ainda se mantinham no Norte do Brasil. Essa tarefa não teria sido muito fácil se o comandante inglês, Lorde Cochrane, não tivesse oferecido seu valioso auxílio. Dentro de um ano se conseguiu, sem grande derramamento de sangue, não só afastar as tropas estrangeiras, como também consolidar em todos os sentidos a independência do Império. Um entendimento definitivo e a paz com Portugal só foi possível, depois da queda das Cortes, e pela mediação da Inglaterra, a 29 de agosto de 1825.

No que concerne à organização interna do novo Império, D. Pedro foi menos feliz, porquanto não tardou a entrar em luta com os inúmeros partidos políticos, as opiniões e condições em geral estando ainda muito confusas, e porque, apesar de sua energia, não tinha sempre a necessária autoridade perante o povo, e finalmente por lhe faltar o apoio duma força militar que merecesse inteira confiança.

Quando o já citado Ministro Andrada e seus dois irmãos, por ambição de poder, na primeira reunião do Legislativo, em maio de 1823, tomaram partido contra o Imperador, a situação para D. Pedro se tornou tão ameaçadora que só a sua extrema prudência evitou uma sangrenta revolução contra ele. Sua posição era tanto mais difícil por não dispor dum exército bem disciplinado, e mesmo as tentativas posteriores para a

formação de uma força militar tiveram de recorrer, uma vez que não se encontrava entre a população o material necessário, a elementos tirados do estrangeiro. Disso se originaram muitos desacertos e, sem dúvida, o principal motivo para a constante oposição às autoridades e para a vitória final da revolução. Teria sido sem dúvida muito melhor para D. Pedro, se tivesse conquistado, numa luta renhida pela independência do Brasil, sua coroa imperial juntamente com os louros de general vencedor. À frente das poucas tropas à sua disposição avançou até ao edifício onde estavam reunidos os deputados, fez prender os irmãos Andrada, para mais tarde bani-los do Brasil, e dissolveu, a 12 de novembro de 1823, a assembléa, que não conseguiu projetar uma Constituição que todos os partidos aceitassem. Com isso ficou restabelecida a ordem; a Constituição, porém, foi projetada em dezembro por uma nova assembléa, submetida imediatamente ao povo para aprovação, e depois de aprovada, a 25 de março de 1824, foi solenemente jurada em meio de jubilosas manifestações populares, pelo Imperador, sua esposa, o Bispo e o Senado da cidade.

Com a conclusão dos trabalhos da Constituição, não terminaram absolutamente as lutas políticas internas. Em muitos lugares surgiram objeções a diversos artigos, do que resultaram, em primeiro lugar nas províncias do norte, movimentos abertamente revolucionários, só abafados pela rápida intervenção armada de Lorde Cochrane, a quem os rebeldes procuraram em vão subornar. Com menos felicidade correram as coisas no Sul, onde por esse tempo rebentou longa guerra com a República Argentina, de que resultou a separação da Banda Oriental e um tremendo abalo para as finanças brasileiras. Consumiu ainda outras somas a luta desencadeada nesse ínterim, em Portugal, pela sucessão, entre o irmão do Imperador, D. Miguel, e D. Maria da Glória, a favor de quem D. Pedro abdicara de seus direitos, desde 10 de março de 1826, depois da morte de D. João VI. Um partido contrário apaixonado atacava, violenta e repetidamente, na Câmara, esse sacrificio de dinheiro no que só concernia aos interesses portugueses, e não poupava censuras ao Imperador por ter introduzido no país batalhões estrangeiros, de alemães, para a campanha na Banda Oriental. Acusavam-no de ser no íntimo mais português que brasileiro e procuravam cada vez mais acaloradamente utilizar-se da excessiva dívida do Brasil como alavanca para obri-

garem-no a uma mudança de sua política. Não queriam, de forma alguma, entrar em entendimento para uma elevação de impostos e direitos aduaneiros, e aumento das tropas.

As sessões do Legislativo tornavam-se cada vez mais tumultuosas, e o Imperador, cada vez mais irritado com as recusas de todas as suas justas solicitações, manifestou, por ocasião do encerramento do primeiro período legislativo de quatro anos, em 1829, seu mau humor, de modo muito desabrido. O principal pomo de discórdia tinha sido a proposta do ministro das Finanças, para a cobertura do déficit, calculado em 5.000 a 6.000 contos, do aumento dos impostos e direitos alfandegários, acrescido dum empréstimo, o que os deputados não aprovaram, votando, em seu lugar, uma redução de 10.000 contos na despesa. Não achando ainda o ânimo do povo bastante excitado, a imprensa entrou também com o seu contingente para alargar o abismo entre ele e o Príncipe. Com a reabertura das Câmaras, em 1830, um certo Diogo Antônio Feijó assumiu a chefia da oposição ao Imperador e não hesitou em despedir contra ele os mais acrimoniosos ataques pessoais. No que concernia ao procedimento do embaixador brasileiro em Londres, que acolhera os partidários, fugidos, de D. Maria da Glória, e os mandara para o Brasil, exigia-se a abertura dum inquérito. As propostas mais importantes do governo imperial eram tratadas com o maior descaso e as discussões de questões orçamentárias presidida um espírito de hostilidade. O Imperador, hesitante, devido à agitação apaixonada do povo, que as notícias da revolução de julho na França excitara em alto grau, a ponto de em muitas localidades terem festejado esses sucessos com luminárias, não ousava opor-se, e até encerrava seus trabalhos com palavras de agradecimento pelos serviços prestados. Em lugar, porém, da má vontade do povo se abrandar, com essa atitude condescendente, parece, ao contrário, que isso apressou a queda de D. Pedro. Concorreram também para aumentar a exaltação as vergonhosas aleivosias filhas dum espírito de vingança, atiradas contra o Imperador, na imprensa, por um favorito de nome Brant Pontes, caído em desgraça, que, antes, nomeado ministro e Marquês de Barbacena, pelo Imperador, fora muitas vezes encarregado de missões de confiança, sobre as quais agora publicava as mais ignominiosas revelações.

O Imperador, que perdera em grande parte o prestígio, fez uma fraca tentativa para reconquistá-lo junto ao povo, e dando como pretexto alguns tumultos sem importância, resolveu empreender, em companhia de sua amável segunda consorte, nascida Princesa Amélia de Leuchtenberg, uma viagem à província de Minas Gerais. A esperança de encontrar ali uma recepção entusiástica, como tivera antes, provou ser enganadora. Apressou-se por isso a regressar ao Rio. Uma parte da população se esforçou por lhe dar cordiais boas-vindas, do que resultaram entre 11 e 13 de março de 1831, devido à atitude do partido da oposição, tumultos e conflitos nas ruas, o que deu lugar a alguns deputados dirigirem uma petição ao Imperador, pedindo, em termos verdadeiramente descomedidos, a punição dos culpados. Isso levou D. Pedro a fazer uma modificação no Ministério, cujos novos membros foram escolhidos principalmente entre brasileiros natos. A duração do novo Ministério, porém, não devia ser longa. Já a 6 de abril, depois de terem rebentado novas revoltas em diversas províncias, das tropas estarem imbuídas do espírito de rebelião, a imprensa se ter desenfreado, D. Pedro, tendo reconhecido ser sua posição desesperada, dissolveu novamente o Ministério e procurou cercar-se de homens fiéis a sua causa. Tudo, porém, preparava irresistivelmente sua queda. A mudança de Ministério excitou altamente o desagrado do povo, que pediu tumultuosamente, sob a liderança de agitadores audazes, a demissão do novo e a volta do antigo. Ao Imperador impotente faltavam todos os meios para abafar o movimento. Os batalhões estrangeiros tinham sido licenciados, o comando de grande parte das tropas brasileiras estava nas mãos de conhecido adversário político. A brandura e condescendência com que o Imperador tentou abafar o movimento não deu resultado, e quando mandou tornar público uma proclamação benevolente, foi arrancada das mãos do mensageiro da paz, que a lia, e pisoteada.

Na noite de 6 de abril apareceu, por fim, no palácio de São Cristóvão uma delegação do povo reunido, exigindo a reintegração do antigo Ministério. D. Pedro recusou, e diz-se ter dito nessa ocasião: “Quero fazer tudo para o povo, mas nada por exigência do povo.” Isso foi a senha para a revolta aberta. Incitada pelos três irmãos Lima, que tinham antes organizado verdadeira conspiração contra D. Pedro, as tropas fizeram causa comum com o povo e até mesmo o batalhão do

Imperador, como a guarda do palácio, abandonaram-no. Só três soldados e um oficial, de nome Bastos, lhe ficaram fiéis.

Premido por delegados do povo, para decidir-se definitivamente, D. Pedro recusou firmemente ceder e preferiu, em lugar de novas declarações verbais, entregar ao ajudante sua decisão, às duas horas da manhã do dia 7 de abril, a abdicação escrita com mãos firmes e em poucas palavras, a favor de seu filho D. Pedro. Tinha tomado essa resolução sem pedir conselho a ninguém, e sem dar mesmo conhecimento ao Ministério. Com lágrimas nos olhos entregou o documento ao ajudante dizendo: “Esta é a única resposta digna de mim. Renuncio à coroa e deixo o Império; que sejam felizes na sua pátria.” Voltou rapidamente, quando um sentimento íntimo lhe tolheu a voz, para a sala ao lado, onde estava a Imperatriz com os embaixadores da Inglaterra e da França. Aí exonerou o Ministério, nomeou tutor para seus filhos, que deixava no Brasil em situação equivalente à de órfãos, seu amigo José Bonifácio de Andrada e Silva, e foi com a Imperatriz e sua filha, a Rainha de Portugal, ainda pela madrugada, para bordo de um navio de guerra inglês, no qual deixaram para sempre o Brasil. D. Pedro não sobreviveu muito tempo a sua queda, pois a 24 de setembro de 1834 teve morte prematura, em Lisboa.

A notícia da abdicação de D. Pedro foi recebida pelas tropas e pela multidão aglomeradas numa das maiores praças do Rio de Janeiro com indescritível júbilo, e com a entusiástica aceitação de D. Pedro II para seu sucessor no trono, a revolta terminou imediatamente. A seguir foi organizada uma regência provisória, tendo à frente o Senador Vergueiro, o General Francisco Lima e o Marquês de Caravelas. Depois de organizada essa regência o Príncipe, de seis anos (nascera a 2 de dezembro de 1825) foi trazido em triunfo para a cidade e aclamado Imperador. Um *Te Deum*, paradas e solene homenagem do povo diante do imperial infante de pé numa janela do Paço celebraram na capital a mudança de governo. Em muitas localidades, porém, houve excessos lamentáveis contra estrangeiros, particularmente contra portugueses. Ocorreram assassinatos e roubos em tão grande número, que os navios de guerra estrangeiros tiveram de tomar sérias providências para a proteção dos seus nacionais.

Os diplomatas só renderam homenagem ao jovem Imperador depois do próprio D. Pedro ter confirmado verbalmente sua abdicação.

Nos dias que se seguiram as Câmaras reunidas elegeram outra regência, que se compunha do General Lima, José de Costa Carvalho e João Bráulio Muniz. O tutor nomeado pelo Imperador para seus filhos foi mantido no exercício dessa função.

A paz, porém, não ficou absolutamente assegurada com isso. Dentro dos partidos surgiram, com a continuação, lutas violentas, até mesmo tumultos e revoltas. Dentre todos defrontaram-se com maior violência os partidários da monarquia e aqueles que viam na reforma da Constituição, conforme o modelo da dos Estados Unidos da América do Norte, o remédio para um proveitoso desenvolvimento do país. Nos círculos governamentais, mesmo, não havia unidade de vistas, e a inimizade entre as famílias Andrada e Lima alimentava a discórdia geral, que foi por fim causa da destituição do tutor nomeado pelo Imperador.

Digno de nota entre os acontecimentos históricos que se seguiram é o fato de, em lugar do triunvirato, seguir-se em 1834 a instituição de um só Regente, cargo que foi primeiro exercido pelo padre Diogo Antônio Feijó já mencionado antes, e que mais tarde quando ele perdeu o favor do povo, depois de sua renúncia a 17 de setembro de 1837, passou para as mãos de um homem não menos hábil, Pedro de Araújo Lima, depois Marquês de Olinda.

Só a 2 de dezembro de 1834 é que deveria terminar a regência, com o término da minoridade de D. Pedro. O descontentamento dos partidos em luta e acontecimentos imprevistos arrebataram ao Regente Lima antecipadamente as rédeas do governo, por ter sido o Príncipe, devido a grande insistência, desde logo declarado maior. Uma revolução sangrenta na Bahia, uma verdadeira guerra racial no Pará e Maranhão, sobretudo uma revolução da Província do Rio Grande do Sul, no ano de 1835, levantes esses que Lima só em parte pôde dominar, determinaram sua queda, acusado de ter entrado em entendimento com os revoltosos. Em julho de 1840 foi pela primeira vez seriamente considerada pelas Câmaras a abreviação da regência e a declaração de maioridade do jovem Imperador. Disso resultaram discussões tumultuosas, porque Lima ainda tinha por si um partido forte. Ele próprio fizera, por meio de decretos que davam a entender, em parte, uma mudança de Ministério,



e em parte uma prorrogação das Câmaras, vãs tentativas para conjurar a tempestade que se desencadeava contra si. Tinha-se constituído sob a direção dum dos irmãos Andrada uma espécie de Assembléia Nacional, que resolveu enviar ao jovem Imperador uma delegação com a incumbência de obter seu assentimento à proclamação de sua maioridade. D. Pedro aquiescera e a notícia fora recebida com verdadeira tempestade de aplausos pela multidão expectante. A declaração solene da maioridade teve lugar no dia 23 de julho de 1840, depois do Regente ter resignado às suas funções e ter ficado firmemente comprovado o número legal de senadores e deputados exigido para a votação da Câmara e do Senado reunidos, em sessão que durou quase toda a noite. Depois o Imperador foi convidado por uma delegação a comparecer, e à tarde compareceu, com pomposo séquito, acompanhado de suas imperiais irmãs, seu tutor, e todos os dignitários da coroa, entre ruidoso júbilo do povo, à Assembléia. D. Pedro foi conduzido para o trono, em cujos degraus já estavam os representantes das nações estrangeiras com seus trajes de gala, e prestou o juramento prescrito pela Constituição. Ao mesmo tempo foi lida uma proclamação dirigida ao povo brasileiro, e com ela transmitida a todo o Império a notícia da ascensão de D. Pedro II ao trono.

Graças ao feliz desenvolvimento e dotes de D. Pedro II, ele pôde, muito embora sua juventude, durante o tempo que se seguiu, inda não completamente livre de tempestades, guiar com prudência, habilidade e firmeza a nau do estado. Entretanto o seu reinado não ficou isento de violentas lutas partidárias. As eleições, sobretudo para as assembléias legislativas, davam lugar a agitações revolucionárias e dos atritos entre conservadores e liberais resultavam muitas vezes lutas abertas num e noutro lugar. Mas, entre todas as agitações, no primeiro período do reinado de D. Pedro II, a mais importante foi a guerra civil na Província do Rio Grande do Sul, 1843/1844, a que o Regente Lima deve sua queda. Reinou mais tranqüilidade depois de 1844, porque as lutas partidárias se limitavam a duelos de palavras nas Assembléias Legislativas.

Um dos acontecimentos mais importantes da história mais recente do Brasil foi a guerra entre o Império e a vizinha República do Paraguai, no ano de 1865. Teve por causa, em parte, dissensões sobre limites e em parte o intuito de pôr fim ao regime pessoal e absoluto do Presidente López. Poder-se-ia talvez encontrar também um motivo para

essa guerra no fato de uma parte da raça índia se ter constituído, no Paraguai, um corpo nacional de estado, enquanto essa raça vagava selvagem e sem pátria no resto da América. A guerra, em consequência da distância, da extensão do seu teatro, da falta de meios de comunicação e estradas, e sobretudo da obstinação e tenaz defesa, devida à inexorável tirania do ditador López, durou até a primavera de 1870.

Da tirania de Francisco Solano López citam-se inúmeros exemplos, que só por si explicam por que o ditador pôde por tanto tempo manter-se como senhor temido e fazer o povo temeroso obedecer-lhe cegamente. Aliado a uma norte-americana de má reputação, Elisa Lynch, López procurava sugar o país o mais possível em benefício de sua caixa particular. Por sua ordem insinuou-se ser dever de todos oferecer o máximo possível do nobre metal, para que a guerra contra os aliados pudesse ser levada a bom termo. Para que ninguém ousasse esquivar-se a essa contribuição, foi lavrado um documento pelo qual os signatários cediam todos os seus haveres ao ditador. López mandou calcular pelos seus funcionários o valor dos bens oferecidos e declarou magnanimemente contentar-se com a décima parte.

H. Mangels conta na *Revista de Todas as Partes do Mundo*, a propósito deste caso, mais o seguinte: “Um ourives alemão, que teve de reduzir os diversos vasos de prata a barras, foi pouco depois fuzilado como réu de alta traição, para que nada pudesse contar sobre o caso. López tinha agora uma relação da riqueza do país e não poupava meios, durante a guerra, para chamá-la a si. Enterrava em diversos lugares caradas inteiras de prata, quando uma retirada apressada não lhe permitia o transporte. Os soldados encarregados desse serviço eram, para maior garantia do segredo, fuzilados depois de prestá-lo. Ainda hoje são achados aqui e ali esses tesouros enterrados. O ouro desapareceu inteiramente. Navios de guerra europeus, que de tempos em tempos apareciam no Paraguai, encarregaram-se do transporte desse dinheiro ensangüentado. Mas não foi só na parte material que López levou o país à ruína; seu despotismo fez-se também sentir de modo fatal em outros sentidos. Para prova disso basta dizer-se que o Paraguai tinha antes da guerra talvez mais de um milhão de habitantes, que devido a ela ficaram reduzidos a 200.000, dos quais a maioria era de mulheres e crianças.

Pode-se fazer uma idéia da natureza cruel do tirano López, quando se sabe que durante a guerra mandava matar friamente os doentes e feridos, para não deixá-los cair nas mãos dos brasileiros. Os homens ainda existentes no Paraguai agradecem quase todos a vida a terem sido feitos prisioneiros durante a guerra. Muitos outros se teriam salvo do mesmo modo se não estivessem fanatizados por López, a Lynch e os padres, a ponto de desdenharem o perdão e responderem, quando intimados a render-se: “Não temos ordem para isso.” Muitos criam mesmo que ressuscitariam na capital, se caíssem no campo de batalha, crença que lhes tinha sido inculcada pelo próprio bispo de Assunção.

A guerra existia de fato desde 1864, depois que o ditador negara ao Brasil a livre navegação no rio Paraguai. Mas só em maio de 1865 foi que o Brasil, Uruguai e Argentina se aliaram.

O exército de López, que havia muito se preparava e ansiava por cobrir-se de glória, avançou rapidamente, ganhou muitas batalhas, mas foi depois rechaçado e o inimigo, tomando um baluarte após outro, penetrou profundamente no seu território. Por fim, a praça mais forte do Paraguai, Humaitá, e a própria capital, Assunção, foram ocupadas, depois de árduos combates; a resistência, porém, só cessou inteiramente depois da morte do ditador. Rodeado de cerca de 1.000 homens, tudo o que restava do que fora um respeitável exército, López, que tinha sido forçado a recuar em louca fuga até ao sopé da montanha, foi atacado num pequeno bosque pelo general brasileiro Câmara. De ambos os lados bateram-se com encarniçado furor, mas a superioridade brasileira de forças era grande demais para que se lhe pudesse resistir por muito tempo. Os paraguaios que restavam desistiram da luta tentando a fuga. O próprio López tentou também escapar, com o auxílio de seu bom cavalo; ficou, porém, segundo dizem, atolado num lamaçal, onde, não querendo atender à intimação para render-se, um cavalariano brasileiro matou-o com uma lança.

Com a morte do tirano López, que, diga-se de passagem, só contava 43 anos de idade, voltaram finalmente os dias de paz para o Brasil. Por grandes que fossem as vantagens resultantes dessa guerra para o Império, entre as quais basta mencionar a abertura do rio da Prata ao comércio mundial, grandes foram também os estorvos que a campanha opusera ao desenvolvimento industrial e material do país, por tanto

tempo. Era a primeira vez que o Brasil, como estado independente, tinha voz na política externa; não é improvável que a este primeiro passo se sigam necessariamente outras provas de sua influência nos estados vizinhos. Ainda hoje as questões entre os aliados de 1865 a 1870 não estão suficientemente elucidadas para que se julguem definitivamente regularizadas as relações entre o Brasil e seus vizinhos do Sul. As últimas tropas brasileiras que ocuparam o território paraguaio só o evacuaram no verão de 1876.

Não cabe aqui penetrar mais profundamente na História do Brasil, depois de se ter tratado acima, em largos traços, dos acontecimentos mais importantes no desenvolvimento histórico do país.

Só por amor à exatidão, direi ainda algumas palavras sobre a dinastia, limitando-me porém à repetição das datas de nascimento e morte de cada um dos seus membros e dos demais acontecimentos importantes de suas vidas.

O tronco da família, no que concerne ao Brasil, é D. Pedro I. Seu filho, D. Pedro II, o atual Imperador, nasceu a 2 de dezembro de 1825, e sucedeu a seu pai no trono a 7 de abril de 1831. Sua maioridade foi, como já se sabe, declarada no dia 23 de julho de 1840, e a 18 de julho de 1841 foi coroado Imperador. Casou-se por procuração, a 30 de maio de 1843, com a filha do Rei Francisco I, da Sicília, D. Teresa Cristina Maria, nascida a 14 de março de 1822.

Os filhos havidos dessa união foram o príncipe D. Afonso, a 23 de fevereiro de 1845, e falecido a 11 de julho de 1847; o Príncipe D. Pedro, nascido a 19 de julho de 1846, e falecido a 10 de janeiro de 1850; a Princesa D. Leopoldina, nascida a 13 de julho de 1847, e falecida a 7 de fevereiro de 1871, em Viena.

A sucessora ao trono é, portanto, até agora, a Princesa D. Isabel, que casou a 15 de outubro de 1864 com Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orleans, Conde d'Eu. Como esposo da Princesa Isabel, recebeu o título de Marechal do Exército brasileiro e Conselheiro de Estado. Deste consórcio, nasceu, a 15 de outubro de 1875, o Príncipe D. Pedro do Grão-Pará. Como com esse nascimento parecia ficar assegurada a sucessão direta da Casa de Bragança ao trono, a notícia do feliz acontecimento foi acolhida pelo povo com grande manifestações de júbilo.

Mas D. Pedro foi também presenteado com outros netos, rebentos mais novos da casa reinante, nascidos do consórcio realizado a 15 de dezembro de 1864 da Princesa D. Leopoldina com o Duque Lud. Aug. Maria Eudes de Coburgo e Saxe, atualmente Almirante da Armada brasileira. Foram eles: os príncipes D. Pedro, a 19 de março de 1866; D. Augusto, a 6 de dezembro de 1867; e D. Luís, a 15 de setembro de 1870.

A monarquia constitucional hereditária conquistada à custa de tão longas e acaloradas lutas é hoje a forma de governo do Império, cuja Constituição data de 22 de março de 1824, e é a terceira da sua espécie em idade entre as de todos os estados do mundo. Seu liberalismo, em todos os sentidos, pode servir de modelo; só se poderia censurar-lhe, nesse sentido, ter de algum modo precedido o desenvolvimento progressista da população, a quem os benefícios de sua instituição em muitos casos parecem ilusórios, e mais vezes ainda duvidosos. Serviu-lhe de modelo a constituição dos Estados Livres da América do Norte, de mistura com princípios das francesas e portuguesas dos anos de 1791 e 1822. A liberdade do cidadão é salvaguardada na maior e mais irrestrita escala. Estende-se não só ao pensamento e consciência como também à atividade profissional, liberdade de domicílio e outras mais. Os brasileiros gozam igualmente, mesmo os criminosos, de extensiva proteção quanto aos seus bens, e uma fiança, determinada por lei, isenta-os de detenção durante os processos por crimes leves. A pena de morte existe para o assassinato em circunstâncias agravantes e para os revolucionários, mas é raramente aplicada. A vontade do povo é soberana, e os quatro Poderes do Estado, isto é, o Legislativo, o Moderador, o Executivo e o Judiciário, são por ele livremente transmitidos a pessoas ou corporações para serem exercidos; o Imperador e as Câmaras são os representantes da nação. É digno de nota que a Constituição, com todo o seu liberalismo, não permite uma participação geral na vida do estado; o direito político do eleitor é exercido indiretamente. Os eleitores primários elegem, nas diversas paróquias, os eleitores secundários, e estes elegem então, como na Alemanha, os deputados e os senadores para o Parlamento, ou para as assembléias provinciais. O direito de voto é restrito, sendo excluídos os escravos, os menores e outras categorias de pessoas, conforme a profissão, renda e crença. A estas pertencem entre outras, pela nova lei eleitoral, os bispos e outros altos dignitários eclesiásticos, comandantes militares,

diversas classes de funcionários da Justiça e dos demais ramos da administração.

Segundo as estatísticas oficiais de 1872, das reuniões paroquiais resultam 432 colégios eleitorais; o número de cidadãos com direito ao voto primário eleva-se a 1.093.054, que elegem 20.016 eleitores secundários.

Para todas as eleições políticas são prescritas certas solenidades, que constam, em primeiro lugar, de cerimônias religiosas. As próprias eleições se realizam nas igrejas, como já foi dito. Isso não impede que nesses atos solenes, apesar da santidade do lugar, haja mais irreverência do que numa das festas de igreja das aldeias da Alta-Baviera. Os partidos políticos hostilizam-se abertamente diante de todo mundo com insídias, palavras e punhos. Como se isso não bastasse, não é raro a batalha eleitoral terminar sangrenta, com tiros e facadas. Acontece também frequentemente que um ou outro eleitor venda seu voto, e, se outro comprador oferece mais do que o primeiro, esta espécie de *lansquenet* político está pronto a passar-se, no último momento, para o adversário, e esta é certamente a causa mais comum dessas cenas de sangue. Não se pode fazer uma idéia das fraudes praticadas com os votos nas igrejas; é preciso ver para crer. Sequazes astuciosos e audazes, sem sentimento de honra nem consciência, como conheci durante minha permanência no Brasil, tendo infelizmente encontrado alguns entre compatriotas alemães, sabem tirar vantagens disso. Os brasileiros mesmo não ignoram essas fraudes e as impediriam de boa vontade se estivessem melhor esclarecidos sobre as reformas contra elas.

Mais de uma vez comediógrafos fustigaram no palco essas manobras e lembro-me de uma comédia que foi encenada num teatro de província, reproduzindo de modo altamente cômico e divertido a realização de eleições.

O Parlamento, ou Poder Legislativo, cujas resoluções, como na Alemanha, são submetidas à sanção do Imperador, consta de duas Câmaras, a dos deputados e a dos senadores. O número dos primeiros é atualmente de 122 e está dividido entre as províncias na proporção do número de habitantes de cada uma. Quanto ao dos senadores, cada província manda para o Rio a metade do número de deputados que elege.

Compete ao Parlamento legislar, votar o orçamento, regular a sucessão ao trono em todos os casos duvidosos, criticar a administração, concluir empréstimos e assuntos semelhantes. Quanto à sucessão ao trono, deve-se observar que até à maioridade do Imperador, que a atinge aos 18 anos, a regência compete ao seu parente mais próximo com mais de 25 anos de idade. Na falta de um parente nessas condições, será eleito de quatro em quatro anos pelo corpo eleitoral um regente interino, o ministro da Justiça assumindo no entretanto as rédeas do Governo. Esse regente não é responsável e o limite de sua autoridade será traçado pelo Parlamento. Defeitos físicos ou doença mental do sucessor ao trono podem determinar a indicação de um regente. Os membros de ambas as Câmaras podem apresentar projetos de lei, como o pode também o Poder Executivo, sendo neste caso apresentado à Câmara dos Deputados por intermédio de um dos ministros de Estado. Antes, porém, de serem discutidos, são submetidos à apreciação de uma comissão. As sessões das Câmaras são públicas, e acompanhadas com grande interesse pela população durante os quatro meses em que funcionam.

A aprovação de um projeto depende da maioria absoluta dos votos dos membros presentes.

Tanto os deputados como os senadores gozam de imunidades especiais, como já é lei ou tendência na maioria dos estados constitucionais. Entre elas, figuram, por exemplo, a inviolabilidade do representante do povo durante o período legislativo, e outras mais.

Havendo divergências de opinião entre as duas Câmaras, estas deliberam conjuntamente, numa ou noutra sede. Se o Imperador negar sanção a uma lei, ela terá que aguardar a decisão durante dois períodos legislativos. Se o projeto é aprovado sem alteração nos dois períodos, a lei é promulgada independente da sanção do Imperador, e, se este não sancionar nem vetar uma lei no prazo de um mês, é dada como vetada.

Os príncipes da casa imperial, ao completarem 25 anos de idade, são, de direito, senadores.

Ao Senado assiste entre outros o direito de julgar os delitos de membros da casa imperial, ministros de Estado, senadores e deputados, como também julgar da responsabilidade dos ministros e conselheiros de Estado, para o que se erige em tribunal, a Câmara dos Deputados representando, neste caso, o Ministério Público.

O Poder Moderador é uma prerrogativa exclusiva do Imperador, a quem compete a nomeação de todos os altos funcionários do Estado, a convocação e dissolução das Câmaras e a prática dos atos de mercê.

O Poder Executivo é exercido por intermédio de um Ministério de Estado, com sete departamentos diferentes, nomeado pelo Imperador, que é seu chefe. É dividido em Ministério do Interior, ou do Império, a cujo cargo está tudo o que concerne ao culto e à instrução superior, e Ministérios da Justiça, dos Negócios Estrangeiros, das Finanças, da Marinha, da Guerra, do Comércio, da Agricultura e das Obras Públicas. Um dos ministros preside o Conselho de Ministros. As funções desses ministros separadamente se deduzem de suas designações especiais e pode-se por isso deixar de demorar nelas. Os ministros são, por lei, responsáveis pela sua administração. Nenhuma ordem do Imperador, oral ou escrita, pode isentá-los dessa responsabilidade.

Além disso há um Conselho de Estado, que se compõe de 12 membros regulares e muitos extraordinários, não excedendo de 12 o número dos de nomeação vitalícia. Sua função é só aconselhar, mas constitui valioso auxiliar da alta administração do Estado. Tanto o Príncipe Imperial como eventualmente a Princesa Imperial têm nele assento e voto, depois de completarem 18 anos de idade. Os ministros têm também direito a participar de suas sessões, salvo quando se trata de dissolução das Câmaras ou alteração do Ministério.

O Poder Judiciário é muito independente no Brasil, onde é exercido em parte por juizes inamovíveis (juizes de direito e desembargadores) e em parte por jurados. Um juiz só pode ser exonerado do cargo por sentença condenatória. Aliás, é rigorosamente responsável pelo mau uso da autoridade inerente ao seu cargo ou por outra qualquer falta de cumprimento do dever. Todo cidadão tem mesmo o direito de acusá-lo, perante o tribunal competente, de corrupção, prevaricação ou extorsão por antecipação de sentença. A administração da justiça penal é, em regra, pública. O Ministério Público, porém, ainda não está convenientemente organizado em todas as instâncias e suas atribuições são ainda exercidas por outros funcionários mais altos. Grande tarefa cabe, na administração da justiça, aos juizes de paz, de que cada paróquia tem um, porque em todos os casos, antes de ser iniciado o processo, compete-lhe promover



uma solução amistosa entre as partes. O número de juizes de paz em função no Brasil monta a 6.288. São eleitos de quatro em quatro anos pelos eleitores secundários e quatro de cada vez, que se sucedem anualmente no exercício do cargo. Compete-lhes também a direção da junta eleitoral.

Como na Alemanha, os Tribunais de Apelação, de que há onze no Império, constituem a segunda instância. Contra as suas decisões só há recurso, para a Corte Imperial de Cassação, que em certos casos pode anulá-las e ordenar novo julgamento por outro Tribunal de Apelação. Este Supremo Tribunal está acima de todos os tribunais brasileiros e tem 17 membros, cujo presidente é nomeado de três em três anos pelo governo. Os membros dos Tribunais de Apelação oscilam entre 5 e 17; o número dos tribunais de primeira instância monta a 243 e a 452 o dos tribunais ordinários.

Devido à enorme extensão do Império cuidou-se de uma administração provincial detalhada e parece por isso consentâneo tratar também aqui do assunto.

À frente de cada província está um presidente nomeado pelo Imperador e pelo Ministério que, em virtude da parte do Poder Executivo que lhe é confiada, administra essa parte do Estado. A ele compete a sanção das leis votadas pela Assembléa provincial e sua execução, a nomeação e demissão de funcionários provinciais e finalmente encarregar-se de tudo o que concerne ao governo da província. Ao seu lado está a Assembléa Provincial Legislativa, eleita de dois em dois anos, cujos membros são eleitos pelos mesmos eleitores que mandam os deputados para a Câmara, na Capital. A estas assembléas provinciais compete projetar, discutir e aprovar tudo o que for do interesse da província, e que o presidente terá de sancionar.

Temos de considerar ainda como membros da administração do país os conselhos municipais, que são formados por eleição direta, todos os quatro anos, em cada cidade e vila do país, e cuidam da administração econômica e policiamento dos respectivos municípios.

Nas cidades o conselho municipal compõe-se de nove membros e nas vilas, de sete conselheiros, dentre os quais é eleito o presidente, por maioria de votos. As municipalidades estão subordinadas às Assembléas provinciais e aos presidentes das províncias.

.....

## *Capítulo XI*

### VIAGEM NO BRASIL, DE PERNAMBUCO À BAHIA

**P**ode parecer que nos capítulos anteriores tenha sido esgotado tudo sobre o Brasil e que não reste mais algo de interesse, para o que não se tenha chamado a atenção do leitor com algumas palavras. Contudo, a verdade é que o quadro ficaria muito incompleto, se se interrompessem aqui os esboços. O conhecimento do país com todas as suas luzes e sombras, suas amenidades e o que tem de ruim, só pode ser adquirido depois que se percorrem diversas partes do imensurável Brasil. Poucos viajantes puderam até hoje estender suas viagens a todas as províncias do Império; eu mesmo vi apenas a terça parte do país, embora tenha nele permanecido muitos anos. Se, apesar disso, convido o leitor a acompanhar-me numa viagem ao interior, preciso observar que, sobre aqueles lugares que não me foi possível visitar, passarei a palavra a conhecidos e famosos exploradores como von Tschudi, Martius, o grão-duque Maximiliano e outros. Possivelmente estas viagens poderão dar ainda lugar a curtas referências a instituições do país, e a outras coisas de que talvez um ou outro leitor tenha sentido a falta, e lhe desperte o interesse.

Foi numa manhã de junho, com um tempo magnífico, que avistei pela primeira vez a costa brasileira, na altura de Pernambuco. Embora o mar estivesse tranqüilo, nosso navio jogava muito quando nos aproximamos de terra e ancoramos ao largo, a uma distância relativamente grande. A impetuosa ressaca levantava o grande vapor onde me achava, a tão grandes alturas, que tornava difícil aos muito pequenos barcos, que nos rodearam assim que chegamos, atracarem ao seu costado. Era preciso muita destreza para saltar de bordo para as pequenas embarcações a remo, e vice-versa. Para meu especial consolo um dos oficiais do nosso vapor me disse que o desembarque em Pernambuco, perigoso com qualquer tempo, raramente terminava sem um braço ou uma perna fraturados. Tinha-se procurado explicar, de diversas formas, o caráter tempestuoso daquele ancoradouro, sem que nenhuma das explicações satisfizesse inteiramente. O certo é que muitos milhares de pessoas deixam por isso de ir a terra, por existir até o perigo de tornar-se às vezes impossível voltar para bordo e o risco de não poder continuar a viagem. Não obstante muitos considerarem esse reverso compensado pela situação geográfica muito favorável do povo de Recife, não poucos navios deixam de tocar nessa praça, de grande importância comercial. O porto é formado por um arrecife que se estende como estreito dique de pedras, em uma extensa linha reta, como um quebra-mar natural, ao longo da costa, separando a laguna de Recife do mar. Só duas passagens permitem a entrada nas águas tranqüilas da laguna. Os navios de grande calado têm sempre que ficar no ancoradouro externo. Era o que nos sucedia. Embora tivéssemos quantidade considerável de mercadorias para descarregar e para carregar, como também muitos passageiros vindos da Europa com esse destino, tivemos que nos contentar, no momento, com saudar a terra da promessa a algumas milhas inglesas de distância. Dadas as circunstâncias que acabo de descrever, eu teria provavelmente desistido, ao contrário do meu costume de ir a terra em todos os ancoradouros, de saltar naquele porto, se as referências de alguns franceses não tivessem chamado minha atenção para os magníficos ananases, mangas e outras frutas, que os negros trouxeram para vender a bordo, despertando em mim o desejo de visitar os pomares de Pernambuco. Procurei, entre as peculiares jangadas que enxameavam em volta do vapor, um barco que apresentasse mais segurança e saltei da cobertura

para dentro da pequena embarcação oscilante. O preço que os negros remadores pediram pela travessia nada tinha de modesto, e teria sido o bastante, na Alemanha, para pagar uma viagem de Frankfurt a Cassel, mas a concorrência entre eles não era grande e o embarque tinha-se efetuado sem acidente.

O verdadeiro nome de Pernambuco é Recife, isto é, cidade dos recifes, e sua fundação se deve, como o leitor deve estar lembrado, pelos dados históricos, aos holandeses. Ainda hoje muitas coisas no Recife lembram o domínio holandês. Deve também a esta circunstância o pertencer, desde então, ao número das cidades mais bem construídas do Brasil. A construção de suas casas se destaca particularmente da regra, quase geral no Brasil, das habitações de um só piso. Até onde permitiu o curto tempo de que dispunha – pois tinha de voltar para bordo no mesmo dia –, percorri as ruas estreitas e tortuosas do Recife, observando os edifícios interessantes de todos os lados. A situação da cidade é peculiar, estando dividida em três partes ligadas entre si por pontes. A mais importante das três partes fica na ilha de Santo Antônio, cuja rua principal, a bela Rua Imperial, com a extensão de uma milha inglesa, é ladeada por muitas das mais bonitas casas. O tráfego nas ruas é muito grande e dá imediatamente a perceber ao estrangeiro encontrar-se num centro comercial importante. De fato, o Recife é a terceira cidade do Império cujo número de habitantes deve exceder de 100.000. É lá que se encontra o verdadeiro mercado de açúcar e algodão, de cujos respectivos serviços se ocupam diariamente milhares de negros.

A intensidade das novas impressões que me assaltaram nesse primeiro passeio por uma cidade brasileira foi tão grande, que me seria difícil reproduzi-las aqui. Raros eram os brancos que se viam nas ruas. A maioria era de negros e mulatos carregando volumes pesados, escassamente vestidos, que transitavam apressados pelas ruas sujas e mal pavimentadas. Algumas dessas figuras exóticas impressionavam a mim e aos meus companheiros tão comicamente, que não podíamos conter o riso; e um deles, que era um bom desenhista, nunca acabava de fixar com alguns traços do seu lápis aquelas figuras extravagantes das ruas. Tínhamos andado cerca de hora e meia sem reparar na verdadeira temperatura de estufa, quando começamos a sentir vivo desejo de um fresco. Veio-nos então à mente a lembrança dos famosos ananases, e

com o auxílio de todo o português que tínhamos até então aprendido, perguntamos a um negro que passava onde poderíamos satisfazer nosso desejo. A princípio foi difícil fazermos-nos compreender pelo nosso semelhante preto, mas quando resolvemos suprir as lacunas na nossa reserva de português por mímica inconfundível, o negro sorriu mostrando os dentes e mostrou-nos um hotel que ficava perto. A espelunca onde entramos não poderia absolutamente satisfazer os requisitos de um hotel europeu, e vieram-me pela primeira vez à mente algumas considerações sobre o estágio de desenvolvimento em que o Império realmente se achava, quando percorri com a vista o recinto do hotel. Nuvens de moscas levantaram-se na sala imunda quando um mulato de chinelos e em mangas de camisa nos perguntou sonolento o que queríamos. A vontade de comer passou, quando, penetrando no interior do chamado hotel, divisamos a cozinheira preta barafustando no santuário da cozinha. Pensamos por isso em satisfazer nosso apetite com frutas, e por felicidade foi possível satisfazer esse desejo. Alguns ananases com um aroma maravilhoso, como são os cultivados particularmente em Pernambuco, com o nome de abacaxis, e um pouco de vinho do Porto fizeram-nos esquecer que tínhamos apetecido, ao chegar, um almoço mais substancial. Mas não tivemos muito sossego depois da refeição; tínhamo-nos dito tantas coisas sobre as dificuldades da volta para bordo, que por muito que desejassemos ver a vizinha cidade de Olinda, num dia em Pernambuco apenas tivemos tempo para ver Recife e seus monumentos. Pareceu-nos digno de ver-se, dentre os edifícios, o palácio do governo, construído pelo governador holandês Príncipe Maurício de Nassau, na ilha de Santo Antônio, também chamado palácio de Vriiborg. Entre os demais edifícios públicos vimos algumas igrejas, o Arsenal de Marinha, o Observatório, a Alfândega e alguns mais. Entre as igrejas, a Matriz do Santíssimo Sacramento é bastante grande. A cidade tem ao todo 37 igrejas católicas e capelas, dois conventos e uma igreja anglicana. Não deixam também de ser interessantes as muitas fontes públicas, que são alimentadas com excelente água por um aqueduto, construído por uma companhia particular, e a estrada de ferro, não havia muito inaugurada. Esta eu não vi com os próprios olhos, mas colhi informações sobre ela e seu prolongamento, nos relatórios oficiais. A seção aberta ao tráfego começa no subúrbio de Cinco Pontas e termina na vila de Palmares, cor-

tando a zona mais rica de açúcar da província. Seu prolongamento para o rio São Francisco vai favorecer a fértil zona de algodão. A estrada está sendo construída por uma companhia inglesa e está provando ser muito rendosa.

Pernambuco oferece em certo sentido o maior interesse histórico, porquanto muita coisa lá ainda relembra os séculos passados. Sob as pontes, que ligam as partes insulares da cidade ao continente, das quais, diga-se de passagem, duas têm de 500 a 600 pés de comprimento, foram encontrá-los ainda restos duma ponte de pedra do tempo dos holandeses.

Como em todas as praças comerciais da América do Sul, o elemento alemão entre os comerciantes é representado em número relativamente grande. O tempo foi, porém, muito curto para fazer o conhecimento de algum compatriota, e um tiro de canhão no porto preveniu-nos cedo demais que devíamos voltar para bordo. O barco contratado felizmente já nos esperava quando chegamos ao cais e o trajeto correu melhor do que esperávamos. O mar, mesmo no ancoradouro externo, estava tão calmo e pacífico que as ondas mal se encrespavam, e galgamos a escada do navio com menor risco do que muitas vezes em outros portos.

Tínhamos, em todo caso, visto Pernambuco só muito de relance para podermos observar, com um pouco mais de atenção, as peculiaridades da terra e de seus habitantes. Não foi mais que uma visita de cerimônia, a que na Bahia deveria seguir-se uma observação mais demorada dessa região tão diferente da Europa, da vida e modo de ser dos seus habitantes.

Antes do sol dourar com seus últimos raios a praia que fugia, nosso navio navegava rápido para o sul, onde me aguardava uma permanência mais longa na Bahia.

Da viagem por mar, de Pernambuco até a Bahia, não tenho muito que contar. Alguns dias depois de deixar aquele porto o navio entrava na magnífica baía de Todos os Santos, onde está a antiga capital do Brasil, e um esplendoroso mundo novo se desenrolava à passagem ao longo das margens que embelezavam a vegetação tropical de mistura com as casas de campo, que me faziam desejar poder decuplicar meu poder visual. Já tinha certamente visto palmeiras antes, nunca porém julgara poder ver se destacarem, tão graciosamente, aquelas mais elegantes de todas as

plantas tropicais, do verde brilhante de tão exuberante vegetação, como ali. A cada volta do vapor desenrolava-se novo e magnífico panorama diante dos olhos, até que, por fim, surgiu altiva diante de nós, subindo pela encosta alcantilada, a importante cidade comercial com seus ofuscantes edifícios brancos. A Bahia está pitorescamente situada na costa escarpada e as cores vivas e brilhantes da massa de seu casario, o viçoso verde do arvoredado que sai dentre ela e o esplendor do céu luminoso dão ao quadro um aspecto risonho e encantador.

O desembarque podia efetuar-se ali sem nenhum perigo e, assim que o navio ancorou, fiz-me transportar por um dos muitos barqueiros que se ofereciam, para terra, a poucas centenas de passos de distância. O cais estava mais animado do que o de Pernambuco, e tendo a certeza de poder ver a terra e o povo com todo o vagar, relanceei admirado a vista pela multidão variegada. Europeus que, com passo firme, e apesar do calor asfixiante, envergando roupas mais ou menos na moda, iam para seus negócios, carregadores negros escassamente vestidos abrindo caminho através da multidão; marinheiros estrangeiros, que depois de longa viagem se refaziam flanando em terra, e negras vendedoras animavam, por toda parte, as ruas. Procurei depois orientar-me na cidade. Está dividida em parte alta e parte baixa; a parte baixa fica ao longo da praia, a alta coroa a cadeia de colinas paralelas ao mar. Na cidade baixa chama logo a atenção o edifício do Arsenal de Marinha e uma velha igreja de arquitetura muito enfeitada; na cidade alta prende a atenção a praça do Teatro. No todo, a cidade por dentro não corresponde à sua bela aparência exterior, e as ruas ladeirentas, tortuosas e mal calçadas, os muitos edifícios desleixados, causam desagradável impressão. A cidade baixa é o verdadeiro bairro comercial; ali pulsam o comércio e a indústria. Os comerciantes têm lá seus escritórios e seus armazéns; a Capitania do Porto, a Alfândega, os molhes, a Bolsa, e a maioria das lojas encontram-se todos reunidos ali, onde, em conseqüência, desde pela manhã muito cedo até ao anoitecer, com exceção das horas mais quentes do meio-dia, não cessa o bulício. A cidade alta, para onde se sobe por ladeiras muito íngremes, não é tão ruidosa; quanto mais se sobe mais solitária se torna a rua, e o trânsito é tão pequeno que em alguns lugares a grama cresce exuberante dum lado ao outro da rua. Se, em geral, no Brasil, sente-se uma facilmente explicável aversão pelo andar, isso acon-

tece com dupla intensidade na Bahia. Quem não pode andar de carro ou a cavalo, utiliza-se da cadeirinha, muito em uso lá, na qual se é carregado pelas ruas com um movimento rítmico de balanço, por dois negros. Essas cadeirinhas assemelham-se às antigas liteiras alemãs, com a diferença de que o ocupante senta-se de lado, e em lugar de serem fechadas, têm uma cortina de cores vivas em volta. Têm também só um varal, do qual pende a cadeira. Antigamente essas cadeirinhas, como são chamadas, eram ornadas com muito luxo. Hoje estão caindo de moda, contudo constituem ainda com seu dossel com enfeites coloridos e dourados, carregadas por dois negros estranhamente vestidos, uma originalidade típica da Bahia.

Os carros, que também são empregados para transporte de pessoas, são, na maioria, tirados por quatro cavalos, ou muares. Sobem as íngremes ladeiras em grande velocidade guiados por habilíssimos cocheiros.

Menos por preguiça que pelo desejo de conhecer aquele meio de transporte mais de perto, fiz-me transportar numa das variegadas cadeirinhas para a cidade alta. Não tardou, porém, que o balanço se tornasse incômodo e mandei os carregadores parar no meio do caminho, prosseguindo a pé até meu destino, que era o Passeio Público. Esse Passeio Público tinha sido construído em 1814 e oferece maravilhoso panorama da baía de Todos os Santos com o verde exuberante de suas margens, a risonha ilha de Itaparica e os navios empavesados de tantas nações, desde a mais pequena barca até a imponente fragata. Além desse extasiante panorama, da bela vista da cidade, do porto e do mar infinito, que em conjunto merece o qualificativo de grandioso, o jardim oferece rica exibição do esplendor da flora do sul. Logo ao entrar recebeu-me a sombra das jaqueiras, que formam um bosque frondoso, defendendo benfazeja os olhos dos ardentes raios do sol. Bancos convidando ao descanso como que acenavam-me também ali e seu convite não foi feito em vão. Sentei-me perto duma fontezinha e espraiei o olhar por aquele cenário tão atraente e novo para mim. Perto daquele retiro, viam-se na orla do jardim, descendo por uma ravina e contrastando com a ordem nele predominante, milhares de plantas, arbustos e árvores que se misturavam na mais variada confusão. Meus olhos não se cansavam de mergulhar no mar verde florido. Só uma coisa perturbava o puro e sereno



gozo de toda aquela magnificência, era o ar opressivo, abafado, que pairava sobre aquele éden, o calor asfixiante que limitava a própria capacidade de gozar. Fiquei por muito tempo no belo porém solitário jardim. Depois tomei lentamente o caminho de volta, descendo por trechos cobertos de grama e passando por igrejas e lojas. Vi muitas casas das mais elegantes, cobertas de azulejos de cores vivas, conforme o gosto por cores berrantes que predomina em todo o Brasil. Reparei num estranho veículo diante duma casa, um carro fantásticamente pintado e dourado, enfeitado de penachos nos quatro cantos, ao qual estavam atrelados quatro cavalos enfeitados também com penachos e longas e vistosas gualdrapas. Na boléia ia um negro com um tricórnio lhe cobrindo a carapinha, gravata branca, e envergando uma libré fantástica. Ainda não me passara o espanto causado por essa estranha aparição, quando o extraordinário veículo partiu a galope rua abaixo, e com renovado espanto ouvi, em resposta à minha pergunta, que era assim que se enterravam os mortos, porque dentro daquele carro ia um cadáver para sua última morada.

No meu caminho, que atravessava quase toda a cidade, notei que, além de alguns senhores vestidos decentemente, que iam de cadeirinha, não vi nenhum membro das classes mais elevadas, e muito menos uma senhora que se pudesse supor tivesse alguma pretensão a posição mais elevada. Só negros e negras, com ou sem crianças, se cruzavam ruidosos, tagarelando com prodigiosa loquacidade, ambulantes e também algum desocupado entregue a um *dolce far niente*, flanando nas praças e ruas. Um cheiro nada agradável ao olfato, ao qual os estrangeiros, na sua permanência no Brasil, têm que se habituar, por onde quer que andem, senti-o pela primeira vez nas minhas peregrinações pelas ruas da Bahia. Das portas abertas das casas emanava uma espécie de bafio que, como tive ocasião de observar, se faz sentir em móveis abandonados, e que se origina da estagnação do ar muito carregado de umidade. As roupas e objetos de toda sorte adquirem aos poucos esse cheiro peculiar, que a repetida exposição ao ar apenas modifica. Esse inconveniente é ainda ajudado pela falta de asseio que infelizmente se nota por toda parte, no Brasil. A limpeza, por si, já não sendo uma virtude do tronco português, a população negra concorre ainda mais para aumentar a indiferença pela imundície e sordidez. É preciso permanecer por muito tempo no Brasil

para perder-se um pouco da repugnância e nojo por essa raça humana de aparência suja, mesmo exteriormente. As administrações, por seu lado, nada fazem para manter a limpeza nas ruas. Em todo o Brasil deixam só aos elementos o cuidado de remover os corpos em decomposição, com exceção dos humanos. Cachorros, gatos, às vezes até cavalos mortos podem ser vistos nas ruas em todos os estágios de decomposição, sem que a ninguém ocorra a remoção desses restos repugnantes. Logo da primeira vez que saí, chamou-me a atenção, numa das ruas mais movimentadas, qualquer coisa que, observando mais de perto, vi ser um jumento morto. Quando estaquei admirado e olhei em volta, como inquirindo se não havia alguém que deduzisse do meu olhar dever-me uma resposta, reparei que, apenas a uma distância de cem passos de onde estava, estava sentada e encostada no muro dum jardim toda uma fila de negras vendendo frutas. Minha atenção desviou-se então do animal morto e voltei a vista interessado para o grupo de negras repulsivamente horrendas. A maioria era de negras muito velhas cuja pele preta coriácea parecia caída frouxamente sobre um esqueleto humano. Os dentes alvos brilhando, o olhar desagradavelmente penetrante e os gestos bestiais daquelas mulheres em animada conversa davam ao grupo algo de incômodamente repulsivo.

No máximo o traje, que não deixava de ser pitoresco, poderia emprestar-lhes algo mais atraente sob o ponto de vista artístico. Uma saia de chita amarela com ramos de flores de cores vivas caía sobre os quadris das belezas; uma camisa branca sem mangas cobria-lhes negligentemente o busto; tinham por cima dos ombros um xale colorido; e um enorme turbante, também de cores variegadas, protegia-lhes a cabeça dos ardores do sol. Cada negra tinha diante de si uma canastra na qual expunha à venda muitas das famosas frutas da Bahia. As vendedoras eram porém tão pouco atraentes, que não me pude decidir a aceitar bananas e laranjas de suas mãos, como me habituei mais tarde a fazer sem o menor escrúpulo. Chamou minha atenção a pequena diferença do feitio do rosto dos negros e das negras, que tive ocasião de observar tantas vezes na Bahia. Tamanho e idade parece serem as únicas diferenças entre eles. O corpo na raça negra é muito bem desenvolvido; na maioria são fortes e bem feitos. Quanto aos característicos de inferioridade que os negros apresentam, em contraste com os brancos, são só a parte inferior



*Nem sempre negro aceita va passiva mente o açoite*

do rosto mais saliente, os braços e pernas compridos e a falta de barriga das pernas. Os homens que vi nos meus longos passeios vestiam-se com mais simplicidade e menos cores que as mulheres. Usam em geral calças brancas largas, camisa branca aberta e na cabeça um chapéu de palha, roto, em forma de balde. Alguns negros vestiam peças da indumentária européia, com o que, pelo modo e combinação, se tornavam infinitamente cômicos. Uma das coisas no vestuário europeu que os negros mais apreciam é o chapéu alto. De posse dum destes o negro trata logo de pô-lo na cabeça, sem se preocupar com o restante do traje, de maneira que, diante do contraste entre o chapéu alto e os pés descalços, o estrangeiro não pode conter o riso.

O passeio de muitas horas pelas ruas da cidade despertara o desejo de refrescar-me um pouco, e por isso apressei-me a procurar um hotel. Não foi preciso procurar muito, porquanto poucos passos depois notei diversas pessoas que me pareceram compatriotas, e que, armados de chapéus de sol para se protegerem dos ardores do sol, tinham, aparentemente com o mesmo propósito, parado diante duma porta, que eu, por informações anteriores, reconheci ser o hotel de *Herr* Mühling, de Aachen, que já me tinha sido recomendado. No primeiro andar da casa encontrei um restaurante que, instalado ao modo europeu, pouco deixava a desejar, e que além do mais me proporcionou a companhia de diversos compatriotas. A abundante e boa refeição decorreu em meio de conversa muito animada, que me ofereceu oportunidade de aprender muita coisa que valia a pena, com os negociantes presentes há muito residentes na Bahia. O número de estrangeiros que residiam lá devia montar a alguns milhares, a gente de cor é em muito maior número do que os brancos. Mais de dois terços da população, que conta cerca de 150.000 almas, é de negros e mulatos, superioridade numérica que parece ainda maior quando se calcula pela gente que se encontra nas ruas. Muito se tem dito sobre o clima insalubre da Bahia, onde até mesmo mais freqüentemente do que em outras partes do Brasil reina a temida febre amarela. Se o clima da Bahia é pouco salubre para os naturais, menos resistência ainda lhe podem oferecer os estrangeiros, e todos calculam, naturalmente, só demorar pouco tempo lá. Disseram-me que, o mais tardar depois de seis anos, os sócios das casas comerciais que lá se estabelecem regressam à Europa, para dirigirem os negócios de longe por intermédio de novos

associados. O médico alemão residente tinha mandado, quando lá estive, a família à Europa, a fim de uma mudança de ares. A febre amarela pareceu ter desaparecido por muito tempo, completamente, até que em 1849 reapareceu, com renovada violência.

Quando terminamos nossa refeição, olhei para fora, pela janela da espaçosa sala de jantar, e alegrou-me a vista que se tem dali. Estando perto da Alfândega, podia-se apreciar o intenso movimento melhor que de qualquer outra parte, e particularmente os negros carregadores ninguém se cansa de ver. Esses atletas africanos devem descender de uma raça extraordinária; são conhecidos pelo nome de negros mina e foram aprisionados no tempo do tráfico de escravos na costa de Benim, na Alta-Guiné. A eles o clima convém mais do que aos outros, por assemelhar-se muito ao de sua pátria nas margens do Níger. É admirável a facilidade com que carregam volumes pesando muitos quintais. Fardos, pipas e caixas pendentes de grosso caibro, cujas extremidades quatro e até oito negros, conforme o peso, põem aos ombros, muitas vezes mesmo de dois caibros, são levados pelas ruas em passo relativamente acelerado, ao ritmo duma cantilena peculiar. Não são pequenos os volumes assim carregados; vi caixas, com as quais na Alemanha quatro carregadores se arrastariam, serem carregadas por um desses negros hercúleos, e um piano ser transportado com facilidade por dois negros do modo acima indicado. Em geral todos reconhecem a força e destreza dos negros mina, mas empregam-nos de preferência em trabalhos externos porque sua força e sua natureza selvagem são com razão temidas. Outrora ocorreram sérias rixas entre a população negra e a branca, na Bahia, que só foram reprimidas com o emprego de todas as forças pelos brancos.

Como eu calculasse que o calor à tarde abrandaria, saí novamente sem destino certo, encontrando-me com um comerciante alemão, que me acompanhou.

A construção das casas não oferece nenhuma variedade notável, são todas simples e feias, raramente uma casa particular se distingue no estilo da vizinha e a uniformidade das ruas só é atenuada pela interrupção das filas de casas por alguma igreja ou convento. Entre as igrejas atraiu particularmente minha atenção, pela sua vastidão, o convento dos franciscanos, que, como uma fortaleza, com suas torres e muros vetustos, domina inteiramente a parte da cidade onde se ergue. A maior parte dos

conventos, de que há muitos na Bahia, data dos mais antigos tempos coloniais. As diversas ordens foram, então, com a dupla finalidade de concorrerem para o progresso da cultura tanto espiritual como material, aquinhoadas com grandes doações, de maneira que ainda hoje figuram no número dos maiores proprietários de terras do Brasil.

Deixei a visita a uma das muitas igrejas para outra ocasião, por estar ansioso por ver algo dos arredores da cidade. Um dos lugares mais famosos nos subúrbios mais próximos, onde se oferecem todas as ocasiões de admirar as maravilhas da natureza, é o chamado Tanque. Este é o mesmo pequeno lago que despertou no Grão-Duque Maximiliano (depois Imperador do México), durante sua estada no Brasil, tanto entusiasmo, e penso que servirei melhor ao leitor dando-lhe a palavra, porque quase nada poderia acrescentar à sua descrição: “À primeira visita a parte mais avançada do lago era o que se poderia chamar uma lagoa européia comum. Mas formava, como tive ocasião de ver depois, numerosas sinuosidades, e por isso pareceu-nos no primeiro momento só um pequeno trecho de charco rodeado de terrenos pantanosos, no qual negros lavavam cavalos, enquanto o sexo frágil de sua raça, parte dentro e parte à beira da água, lavava roupa em meio de um vozerio e algazarra terríveis... Quanto mais avançávamos por uma vereda orlada de um verde novo, tanto mais se ia desvanecendo a cena humana das negras banhando-se e lavando roupa, com a sua caterva de soldados e moleques vadios. Avançávamos como em êxtase, penetrando na plenitude da natureza tropical. À nossa direita tínhamos o verde úmido azulado das misteriosas plantas aquáticas orlando a margem, inúmeras aráceas e canáceas, entre elas o arunco gigante, as raras aningas, que o nosso botânico\* saudava com comovente alegria, como se representassem o auge de sua felicidade, flores maravilhosas dum conto de fadas. À nossa esquerda tínhamos na vertente da montanha árvores gigantescas e mato espesso de todas as espécies. Diante de nós desenrolavam-se de um modo surpreendente, como decorações, as enseadas do lago que se estendia além e as colinas que o cercavam. A impressão total era a do grande lago de um parque, transportado por um pintor de um modo ideal, guardando

\* O Grão-Duque levava em sua companhia sábios, artistas, jardineiros e muitas outras pessoas cuja função era desenhar e descrever para o Príncipe as maravilhas daquelas regiões e preparar coleções para o Império Austríaco.

contudo a forma original conhecida, para um mundo novo; como todos os ideais, as principais linhas aqui parecem tiradas do natural; só o perfume feérico, o esmalte exótico, nos lembram o esmero poético do artista. As colinas, em forma de caldeirão, os principais acidentes do terreno, as cores fundamentais podiam ter sido copiadas dum desses parques ingleses, onde a arte auxilia, tão abundantemente, a natureza; o ideal é, para olhos estrangeiros, o brilho das cores, o colossal das formas, os tons profundos das sombras, a impenetrabilidade da exuberância das plantas. Destacadamente, porém, tudo é novo, pertence a um outro mundo. As árvores, na floresta, empurram-se como enormes ondas pela encosta abaixo até dentro do lago; grupos isolados de árvores gigantescas, mangueiras e jaqueiras figuram as grandes vagas de que as cristas no mar verde são as palmeiras que se destacam aqui e ali; a espuma brilhante que borbulha e se derrama são as inúmeras trepadeiras, que, ora subindo ora pendentes, vestem o mundo das árvores. Nesses maciços de verdura perdiam-se as colheitas do lago tranqüilo; aqui e ali surgia, entre os grupos de mangueiras ou de viçosas bananeiras, o telhado de folhas de palmeira de uma cabana de negro; no alto da cadeia de colinas ao sul destacavam-se, por trás da espessa cortina de verdura da floresta, algumas torres e grupos de casas contra o anil profundo do céu, deixando entrever, sem prejudicar o quadro da natureza, a proximidade da grande cidade. Na encosta vêem-se algumas poucas habitações esparsas ao redor das quais a floresta se rarefaz para o início da cultura.

“Se não fossem esses sinais de vida o visitante poderia imaginar-se transportado a uma ilha encantada longe do bulício do mundo. A única coisa que não corresponde à poesia paradisíaca do restante é a água suja, barrenta, terrosa que se encontra por toda parte nos tópicos e que se atribui ao excesso de matéria vegetal. Pode-se compreender que nessas águas turvas os jacarés se sintam muito à vontade e revelem sua presença pelo desaparecimento de um negrinho tomando banho ou pela dentada, no pé de uma lavadeira mais ousada. Contudo, esses casos não são freqüentes, e só assim se explica por que a população, apesar deles, persiste em freqüentar o Tanque. No nosso botânico o amor à ciência era também mais forte do que o medo dos jacarés, porque queria a todo momento entrar na água para apanhar uma planta. Prosseguimos por muito tempo deslumbrados ao longo da vereda à margem; ora era uma

lantana florida de cores brilhantes, ora a forma pitoresca de uma árvore de cujos galhos pendiam festões de lianas inclinadas sobre a água; ora víamos lindos passarinhos pretos com cabeças de um branco ofuscante, que baixavam sobre as plantas aquáticas para apanhar insetos. Numa das calhetas por trás de verdadeira mata de plantas raras, encontramos, à margem de um regato, que corria mansamente, sob gigantesca mangueira, para o lago, um grupo de negras lavadeiras em traje não muito descritível, ou antes, com uma ausência de roupa que só deixara, como vestígio, um tênue pedacinho de pano flutuando abaixo do ventre. Estavam ocupadas, por entre chocarrices e risadas, a maltratar vigorosamente a roupa, com a mão direita, em cima duma grande tábuca. Eram verdadeiras gigantes do seu sexo, que se teria tomado antes por gênios infernais que por pacíficas lavadeiras. Sua atitude impudica, sem o menor acanhamento, tinha algo repelente e ao mesmo tempo cômico, na sua originalidade. Tinham com elas dois bonitos moleques de apenas dois anos, pretos como besouros, com grandes olhos brilhantes. Um deles se aproximou de nós rindo, contente, enquanto o outro correu, gritando e chorando, para junto da mãe atleta.”

A magnificência da flora e de tudo o que cerca o Tanque, que certamente se presta, como nenhum outro local dos arredores da cidade, para iniciar o europeu nas maravilhas do mundo tropical, impressionou o Grão-Duque por tal forma, que ele não se cansava de falar sobre ela nas descrições de suas viagens. Também eu trouxe de lá magnífica impressão, e teria visitado esse local repetidas vezes se muitas coisas novas não me esperassem em outras partes.

A hora adiantada fez com que eu tomasse o caminho de volta para a cidade, para cuidar da dormida. Voltei, naturalmente, para a casa do meu compatriota, na esperança de sentir menos os inconvenientes de uma hospedaria brasileira. O hotel alemão deixava muito a desejar e deu-me um pequeno antegosto do que me esperava depois. O arranjo do quarto que me foi destinado era na verdade tolerável e não causava má impressão, no primeiro momento. Só o que despertou minha atenção foi a ausência de móveis estofados, de que muito amiúde havia de sentir falta durante minha permanência no Brasil. Quando, antes de deitar-me, quis trancar a porta, fiz a desagradável descoberta de que tinha de fato uma fechadura mas não um ferrolho e a chave não podia ser introduzida



pelo lado de dentro; o quarto só podia, por isso, ser trancado pelo lado de fora. A porta, aliás, era única na sua espécie, se fosse para trancar um cárcere não poderia ter sido construída mais macia. Nessas condições não me restava outro meio de fechar o quarto para a noite, senão pregar a porta ou barricá-la com as mesas e cadeiras. Escolhi este último, e comecei, com o suor correndo pelo rosto, a empilhar mesas, cadeiras e tudo o que tinha ao alcance da mão, levantando um baluarte. Quando estava no melhor do trabalho, gritaram do quarto ao lado, em alemão: – “Que diabo é isso aí, o senhor pensa que é o único hóspede aqui”? – “Desculpe”, – respondi, ouvindo surpreso a língua materna – “mas não posso passar a noite com a porta do quarto aberta”. – “Não, por certo” – foi a resposta do vizinho – “mas podia arranjar-se doutro modo e fazer como eu faço, porque isso lhe vai acontecer muitas vezes aqui. Trago sempre comigo uma boa verruma, por meio da qual parafuso todas as noites, muito simplesmente, a porta do meu quarto, para o mundo.” Aceitei de bom grado o conselho do meu desconhecido vizinho de quarto e segui-o depois, mas, nessa noite tive de dormir protegido pela minha barricada. A cama não era macia e a esteira, que de comum substitui o colchão, no país, era muito fresca, sem dúvida, mas não me deu boa idéia do luxo brasileiro. O travesseiro era um rolo tão duro, que a cama de Jacó, na qual tivera o conhecido sonho da escada para o Céu, dificilmente poderia ser mais incômoda do que a minha. Além disso, o calor do dia não queria ceder e em vão tentei dormir. Apenas começara a dormir, meia-noite, quando fui despertado por um ruído. Escutei atentamente e não tardei a descobrir que partilhava o quarto com inúmeros camundongos, que, sem a menor cerimônia, não se incomodavam com a minha tosse e pigarrear, não procurando esconder-se nos cantos mais escuros do quarto e antes com raro atrevimento passeavam pela minha cama, pouco se incomodando, no seu divertimento noturno, com os meus movimentos enxotando-os. Por fim, passei por cima de tudo e adormeci, só despertando tarde no dia seguinte. A dona da casa riu quando me queixei dos meus perturbadores noturnos, levando-me ao seu quarto, onde vi os camundongos correndo, dum lado para outro e passeando, à luz do dia, acima e abaixo. “A gente se acostuma a isso no Brasil” – disse-me ela – “porque não há outro remédio.” Observação cuja verdade não tardei a constatar.

Durante minha permanência no Brasil não tive oportunidade de conhecer senhoras e famílias brasileiras. As senhoras são vistas raramente, em rápidas visitas, porque nunca se mostram nas ruas como na Alemanha e só excepcionalmente nas varandas ou janelas. Ademais eu não sentia ainda a necessidade de entrar em contato mais íntimo e mais freqüente com a população nativa além do que era necessário. A natureza e seus produtos, para mim tão estranhos, eram bastante interessantes para, absorto na sua observação, me parecer indispensável as relações com os homens. Ficava muitas vezes diante dos negros que vendiam frutas, e comprava uma ou outra, para provar.

O caju pertence ao número dos produtos mais curiosos da natureza, dessa espécie; é um fruto mole, em forma de pera, dum amarelo ou encarnado vivo, com uma excrescência pardo-esverdeada, em forma de feijão, que chamam castanha. O fruto tem sabor agridoce e é bom para matar a sede. Uma bebida preparada com o seu suco, que, aliás, não é muito saborosa, é muito apreciada no Brasil. Da castanha se extrai um óleo.

As indústrias na Bahia, sobre as quais me informei, estão ligadas à produção de açúcar, algodão, café e tabaco. Vastas plantações nas imediações produzem imensas quantidades desses valiosíssimos produtos comerciais, e particularmente o café e o tabaco são exportados em grande escala em navios estrangeiros, que saem da baía de Todos os Santos. Na produção de tabaco a baía só encontra alguma concorrência na Província do Rio Grande do Sul. Contudo, os charutos, de que fabrica anualmente cerca de 50.000.000, são medíocres, e os bons fumadores desdenham o uso exclusivo do tabaco baiano.

O comércio da Bahia aumentou consideravelmente com a construção da estrada de ferro para o rio São Francisco. Essa via férrea, que não tem ainda, aliás, uma extensão considerável, pelo padrão europeu, já atravessa, porém, uma parte importante da província. Fui nela até Santo Antônio de Alagoinhas. O funcionamento da estrada de ferro não se afasta essencialmente muito do das estradas de ferro européias, mas sente-se a falta da rigorosa observância dos horários de partida e de chegada. A construção da linha foi empreendida por uma sociedade anônima inglesa, que se propôs ligar o alto São Francisco ao porto da Bahia. Como tudo no Brasil se começa com entusiasmo para logo ar-

refecer, assim também a estrada de ferro, começada com grande açodamento, embora só com um quinto da extensão projetada construído, estacionou aí. Muito deve ter concorrido para isso o seu pequeno rendimento no primeiro ano, porque nada poderia animar menos o prosseguimento da construção.

O trecho que percorri era aparentemente um dos menos populosos e não muito produtivo. Todavia não lhe faltavam elementos, porque as terras no interior oferecem naturalmente muitos atrativos aos novatos. Tivemos também que passar diversos pequenos túneis e viadutos cuja construção não deixava nada a desejar comparada com idênticas construções européias. Um dos túneis, revestido de tijolos, e um grande viaduto de ferro são as obras-de-arte mais notáveis. Apesar de ser tão curto o trecho construído, contei mais de meia dúzia de estações, nas quais paramos para tomar pequena quantidade de carga e alguns passageiros mal encarados, e quase pretos. O trem, tanto na ida como na volta, esteve tão vazio, que não me admirei quando um companheiro de viagem me disse que a renda da estrada decrescia de ano para ano. No ano de 1875 a renda do trecho inaugurado foi de 366 contos, 247 mil e 450 réis, tendo transportado 65.661 passageiros, 84.251kg de bagagem e 15.173.264 de carga. Seu custeio foi de 410 contos, 722 mil e 965 réis.

Santo Antônio de Alagoinhas é um lugar miserável que nada tem de convidativo e a que voltei as costas o mais depressa que me foi possível. As estações intermediárias não me parece serem muito melhores, e nem Vila Santa Ana do Catu, Pojuca, Pitanga, Feira Velha, Bandeira, Muritiba, como se chamam todas as outras, me tentaram a demorar pelo caminho. Impelia-me, ao contrário, um certo desejo de voltar para a Bahia, onde afinal algumas coisas me fazem lembrar a cultura européia, porque os segredos do interior do Brasil eu os tinha em vista para mais tarde.

Quando se vem de fora para a cidade, o quadro, com seu exotismo, tem ainda maior encanto. Eu já me tinha certamente encontrado antes com diferentes espécies de vendedoras negras, entre elas algumas que em vez de cesto ou canastra trazem à cabeça uma caixa envidraçada, dentro da qual resguardam do pó e das moscas seus artigos, na maioria doces e ninharias semelhantes, mas nunca tinha tido oca-

sião de examinar de perto essas caixas originais. Por acaso, quando eu passava, uma das vendeiras (quitandeiras) abriu uma das bem protegidas caixas, mas seu conteúdo pareceu-me tão pouco tentador que, apesar dos insistentes elogios da excelência das guloseimas oferecidas, não as quis provar. Notei, então, que no Brasil todos os volumes que não excedem um certo tamanho são carregados na cabeça, e é admirável a destreza com que os negros nela equilibram qualquer volume, grande ou pequeno, andando pelas ruas em animada conversa em voz alta. Nas conversas entre si não se servem sempre da língua do país, preferindo seus idiomas africanos nativos. Isto se dá sobretudo com os negros mina, que não nasceram no Brasil. São estranhos sons guturais que chegam aos ouvidos estrangeiros.

O acaso quis que, quando voltava para o hotel, alguns viajantes chegados no momento estivessem planejando uma visita à convidativa ilha de Itaparica, do outro lado da baía de Todos os Santos. Decidi-me imediatamente a solicitar o favor de participar dessa excursão, de que todos tanto esperavam, solicitação que foi atendida com a melhor boa-vontade. Itaparica é, de certo modo, famosa, não só devido à sua situação e uberdade, como a certos acontecimentos históricos. O tráfico clandestino de escravos foi por muito tempo feito nas suas praias, quando já havia muito se trabalhava para a extinção desse nefando comércio. Até pelos anos 60 eram introduzidos negros de contrabando nessa ilha, para serem vendidos, embora na margem oposta da baía um navio a vigiasse noite e dia. Contaram-me como, não havia ainda muito tempo, bordejava em torno de Itaparica um navio misterioso, em que não tardaram a reconhecer um negreiro. O navio de sentinela no porto se pôs em movimento, para examiná-lo mais de perto. Viu-se, então, de terra, com espanto, um estranho espetáculo. O navio ameaçado, bom conhecedor daquelas águas, não hesitou, e atirando ao mar 300 dos negros que trazia a bordo, escapuliu como um muçu para o oceano. Os pobres escravos, por felicidade bons nadadores, alcançaram a costa perto. Pelas leis brasileiras tornavam-se propriedade do Governo, que, com secreta alegria dos ricos proprietários da Bahia, os encaminhou para a construção da estrada de ferro que acabava de ser iniciada. Os brasileiros souberam ainda tirar partido da escravatura, então não tão largamente ferreteada, aproveitando-se, por outra forma, do acidente. Os proprietários de

plantações trocavam secretamente seus velhos escravos imprestáveis pelos recém-chegados trabalhadores da estrada de ferro, sem que o Ministério tivesse notícia da barganha, porquanto o número dos negros salvos continuava a ser o mesmo, nas listas do governo.

Itaparica tem uma pequena colônia, a que dão enfaticamente o nome de cidade, mas que apenas parece uma aldeia regular da Europa. A intitlada cidade causa impressão desagradável em todos os sentidos. O mais interessante são suas cercanias, um caótico emaranhado de plantas que me agradou mais do que os escassos vestígios de uma cultura anterior. A cada passo via tanta coisa nova e peculiar entre as plantas, que lamentei não estar aparelhado com todo o saber de um botânico e não ter ido ali unicamente para estudar a flora. Bandos de periquitos cor de esmeralda, luzindo ao sol, atravessavam o espaço para procurar abrigo contra os invasores nas copadas, frondes de árvores gigantesas. A gritaria desses periquitos, que eu nunca vira em tão grande número, era insuportável.

Dirigimo-nos depois para uma pequena elevação que se avis-tava de longe, erguendo-se na planície e coroada por pequeno bosque de árvores gigantesas. Eram alguns esplêndidos exemplares de mangueira, de altura e grossura extraordinárias, e deixaram em todos nós uma impressão esmagadora.

Mais para o interior da ilha chegamos a uma surpreendente e maravilhosa parte como eu quase não encontrara ainda semelhante no Brasil, e que antes arrancara exclamações de admiração e espanto do muito viajado Grão-Duque Maximiliano, que descreve essa maravilha da natureza nestes termos:

“A vegetação comum fizera alto e estendera-se num vasto círculo para a esquerda no interior da ilha, reinando uma nova espécie. Espessa, meio dançando meio flutuando, meio como uma cegonha, ou garça, descansando quieta sobre pernas fusiformes, meio como a fada Morgana, suspensa por encantamento no ar, assim era a nova vegetação. Estendia-se sobre uma vasta planície de areia firme, de alvura brilhante como neve, que o mar inundava de espuma quando a maré subia muito, nivelava e alisava. Estávamos diante dum trecho de mangue, um desses pedaços de terra banhados por água salobra, onde a água doce correndo de terra se junta à linha avançada da preamar onde muitas vezes todo o pântano está inundado; onde também muitas vezes a

areia fica exposta ao ar e a água na sua retirada fica só em alguns charcos. Nessas orlas, entre a fresca vegetação da floresta banhada pela água doce e o reino salgado invasor do mar, reina exclusivamente o mangue, essa quase impenetrável floresta das praias. O mangue que aí revestia a vasta bacia de água salobra era ainda muito novo e compunha-se, em sua maioria, mais de arbustos que de árvores. Semelhante estendal de mangue é um deleite para os olhos que o contemplam. Esse emaranhado de galhos e raízes, esse medo de troncos suspensos no ar, de se sujarem na lama aquosa, esse baralhado feérico, esse quadro úmido do interior da floresta com seus misteriosos recantos sossegados, essa vida em diferentes andares, desde adegas habitadas por caranguejos dos pântanos, do rés-do-chão, como se estivessem sobre estacas venezianas, até o esplendor verde dos andares superiores, onde alegres passarinhos e o sabido pica-peixe passam a livre existência iluminada pelo sol: como poderei tornar tudo isto claro ao europeu? Imagine-se um bosque de amieiros,\* numa de nossas veigas alemães, que se enraizassem discretamente no saibro sob a água, num alagado: imagine-se agora esse modesto maciço embriagado, embalado e transportado para os trópicos por demônios orgulhosos. Invadiria nossos bons amieiros o medo de que seus corpos tocassem na lama, aprenderiam com as aves aquáticas a andar de andas, ergueriam os troncos e só tocariam a terra molhada com as pontas das raízes; para, todavia, não perderem o equilíbrio, sabendo bem que o orgulho cai facilmente, estenderiam ansiosos as hastes, encostar-se-iam uns nos outros e lançariam novas raízes das hastes para a terra úmida. Veríamos então um amieiral que por encanto se elevava alguns pés e oscilava no ar.

“O mangue (*Rhizophora mangle*) está espalhado por todo o mundo tropical. Por toda parte onde o mar beija a terra, na América e na Índia, em milhares de ilhas essa vegetação anfíbia cresce e geralmente a febre lhe faz companhia com o seu veneno. Atravessar uma floresta de mangue está no número das maiores dificuldades que o viajante tem de vencer, porque já no meio da maré, sem uma base firme, tem de valer-se de sua destreza; a essa faixa verde que se estende ao longo de tantas costas deve-se não ter ainda a ciência podido explorar muitas regiões.

\* Amieiro, gênero de betuláceas que geralmente crescem nos lugares muito úmidos ou mesmo dentro d'água. (N. do T.)

Essa floresta oscilante tem sua própria fauna, que logo aos primeiros passos se encontra aqui representada; são caranguejos de três espécies, de diferentes tamanhos conforme a idade, desde uma polegada até meio pé de diâmetro. As três espécies que encontramos lá, e depois, no decorrer da viagem, diferenciam-se claramente pela cor. Uma tem uma cor brilhante de coral, viva como o mais belo lacre, outra é amarelo cor de canário, e a terceira, de que encontramos os maiores exemplares, é azul-celeste, passando gradualmente a lilás nas extremidades. Esses animais são os verdadeiros donos dos mangues e levam neles a mais agradável existência; bem abrigados em profundos buracos por baixo das raízes, aí estabelecem sua vasta e fresca habitação; sobem pelas raízes como por cômodas escadas, e procuram entre as hastes e troncos agradáveis balcões e terraços, de onde, no sossego da tarde, mergulhados em sonhos, apreciam o cenário, gozando o sol, a luz e a vida.

“Se se aproxima algo incomum, novo, para o círculo de suas idéias, logo se manifesta grande agitação no bosque, e num rápido galope de banda os atilados animais correm para as entradas de suas seguras habitações, pelo tempo que dura o perigo; ali sentam-se, quase que queria dizer no banco da porta, levantando-se um pouco às vezes e esperando com intensa curiosidade o suposto perigo. Se este se aproxima, os bons pais de família desaparecem num relampejar pelas suas portas pondo a família em segurança. Acontece, porém, às vezes, que um senhor idoso em conseqüência duma refeição mais abundante adormece honradamente num balcão elevado do mangue e que o filho não teve tempo de avisá-lo, antes do ruído do perigo que se aproxima o ter despertado.

“Que o céu o ajude! Que pode fazer? O velho não vê nenhuma saída, o galope de banda não é mais possível, o caminho está cortado, toda sua companhia já deixara o parque para se recolher aos inacessíveis aposentos interiores. Suspira de maneira que seu suspiro dolente soa longe, recua os membros gordos, toma uma decisão desesperada e atira-se no vácuo. Ouve-se longe o baque quando o ventre gordo bate na água, mas a fortuna favorece os audazes; o patriarca desapareceu e surge, num relampejar, banhado de suor porém salvo, no seio da família. Sem dúvida a velha que não tem mais força para subir nas belas tardes para o alto belvedere resmunga com justo ciúme sobre

as travessuras do jovem avô, mas o vovô está salvo, está a salvo e o bando juvenil rejubila.

“O perigo não tarda a desaparecer e os senhores põem prudentemente a cabeça de fora dos buracos, olham por muito tempo para um lado e para o outro, chamam então as damas e as crianças e a alegria volta a reinar no parque. E já tarde na noite, quando o disco da lua se erguia, contaram uns aos outros quão grande tinha sido o perigo, como mal houvera tempo para levar as crianças, como a câibra duma das damas tinha-lhe tolhido terrivelmente o galope e como o avô, para pavor de todos, tinha sido obrigado a salvar-se por meio duma cambalhota, o que lhe prejudicara a digestão, e como a vovó estava ainda com cuidado.

“Não é isso uma doce existência? Aquele povinho vive livre e independente, como numa república arcadiana, tem raízes cobertas de ostras para comerem, e são tão destros, tão ligeiros em desaparecerem com a rapidez do relâmpago nos buracos, que tivemos de esperar muito tempo, em vão, no calor, para podermos apanhar alguns exemplares; conseguimos na verdade, mais tarde e com grande trabalho, mas não como queríamos, porque só apanhamos exemplares novos, pequenos e não de todas as cores; um vovô grande e gordo não nos foi possível apanhar, a despeito de grandes esforços. Só depois soube que matam esses animais a tiro de chumbo. São também encontrados freqüentemente no interior, longe dos pântanos. Sua cor é, em toda parte, reluzente, e brilha de longe com tons gritantes no verde do mangue, onde pululam. A rapidez dos seus movimentos ao pressentirem o perigo é tanto mais notável por se conservarem normalmente imóveis. Seu sabor é excelente e os habitantes dessas zonas comem-nos com prazer. Posso afirmar, por experiência própria, que poucos pratos superam os caranguejos em sabor. Nos mangues, que crescem nos terrenos banhados por água salgada e água doce, descem com as águas dos rios inúmeros pequenos moluscos que lhes servem de alimento e que são também muito apreciados pelos homens.”

De fato, esta floresta sobre andas, com sua população de caranguejos gnomos, pertence ao número das coisas mais extraordinárias da Bahia.

Itaparica em parte está certamente cultivada, mas as terras arroteadas são diminutas em comparação com as matas virgens que cobrem a ilha.





*Negra quitandeira, vendo-se ao fundo a casa senhorial*

Além de Itaparica, há na baía de Todos os Santos diversas outras ilhas, entre elas as encantadoras praias de Santa Bárbara e São Roque, por onde passei, como num sonho, na volta para a Bahia. Infelizmente tive de desistir de um passeio pelo rio Paraguaçu, que deságua muito perto de Itaparica, na baía de Todos os Santos, e com grande pesar, dada a descrição que outros viajantes fazem de um passeio por esse rio, que corre por meio da floresta.

Dentre tudo o que vi durante o tempo em que estive na Bahia, e nas excursões que fiz pelos seus arredores, o que mais fortemente se fixou na minha memória foi um engenho de açúcar. O processo de fabricação do açúcar é interessante. A cana, em feixes, é esmagada pela moenda, o bagaço destinado à alimentação dos porcos caindo por um lado, e o caldo grosso cinzento escorrendo por outro, para os tachos. Depois a massa escura é cuidadosamente depurada, levada por diversas calhas para diversos pontos no edifício, aquecida e fervida para que a água se evapore, e dela tirado por fim o melaço, uma espécie de açúcar refinado, que, porém, em beleza fica muito aquém do preparado na Europa. O trabalho manual é feito por negros de todas as idades, sob a superintendência de alguns, de confiança, mais velhos.

Entre as coisas interessantes da Bahia figuram também algumas lojas, nas quais são expostos à venda, de preferência, produtos naturais dos reinos animal e vegetal, que parecem destinados especialmente aos viajantes estrangeiros. Tudo o que se possa imaginar está exposto aí, para seleção conforme sua natureza e aparência. Pássaros com as mais vistosas plumagens, couraças dos esquisitos tatus, insetos, borboletas, e besouros maravilhosos despertaram minha atenção. Uma coleção de conchas e outros produtos do mar completavam a exposição desse bazar, a cuja entrada graciosos macaquinhos, presos por finas cadeias, pulavam alegremente de um lado para outro, e papagaios, de uma extraordinária variedade de coloridos, pareciam querer tentar os compradores com sua atordoante gritaria. Tive, sem dúvida, vontade de comprar muita coisa ali, mas deixei de fazê-lo ao me lembrar de que ainda estava no começo de uma longa viagem. Contentei-me em ver todas aquelas coisas estranhas e deleitar-me na contemplação das maravilhas da natureza que, reunidas naquele pequeno

espaço, enchiam mais a vista do que lá fora, em plena e ilimitada liberdade. O vendedor, um francês, esforçou-se em vão para resolver-me a fazer-me uma encomenda, oferecendo-se para arranjar-me exemplares vivos de quaisquer espécies de animais, dentro de curto prazo.



.....

## *Capítulo XII*

### RIO DE JANEIRO

*D*

Depois de uma permanência de muitos dias na Bahia e seus arredores, resolvi aproveitar a passagem do primeiro vapor, e apressar minha viagem para a Capital do Império, Rio de Janeiro. Depois de me despedir dos amáveis hospedeiros, não sem um secreto desejo de encontrar melhor pousada na capital, tomei, em companhia de um gigante negro, que levava minha bagagem, que não era pequena, na cabeça, como se fosse um brinquedo de menino, o caminho do cais, muito movimentado, de onde um bote me levou para o vapor, ancorado a boa distância.

Chegando a bordo, voltei ainda a vista para a cidade diante de mim, agora iluminada pelos fulgurantes raios de um sol poente, até que o navio voltou a cortar as ondas do oceano, à luz do luar. A não ser a ilha dos Abrolhos, não se avistou mais terra senão quando já se estava relativamente perto da baía do Rio de Janeiro. Cerca de cinco dias depois de minha partida da Bahia avistei o cabo Frio, de onde em regra se telegrafia avisando a chegada dos navios ao Rio de Janeiro. O cabo Frio surge diante do navegante como uma rocha visando as alturas, sobre a qual se

ergue um belo farol, datando de 1861, e que se compõe de uma torre de ferro de 15 metros de altura, cuja luz catóptrica (refletida por espelhos) pode ser vista a cerca de 16 milhas marítimas (37,1 quilômetros) de distância.

Os navios que se destinam ao Rio de Janeiro mudam aqui do ramo sul, aproando diretamente a oeste. Em outra parte deste livro já me referi ao exército de formações rochosas, que logo prende a atenção do viajante ao entrar na baía do Rio de Janeiro. É indiscutível que essa baía pertence ao número dos mais grandiosos cenários que se possam imaginar. Portentosas rochas graníticas, de formas estranhas, erguem-se algumas perpendicularmente ao mar, formando de ambos os lados da entrada do porto muralhas naturais, que, ora cinzentas como sólido blocos de rocha sem vida, ora cobertas de verde e viçosa vegetação tropical, parecem ter acabado de sair das águas cor de esmeralda do mar. A baía mesmo, que é uma bacia oval de mar medindo cerca de seis milhas geográficas de comprimento e quatro de largura, estende-se quase até ao sopé das altas montanhas que limitam o horizonte. Grande número de ilhas e ilhotas pontilham o maravilhoso lençol de água, e eu não sabia para onde voltar os olhos, tão variada e única era a paisagem que me circundava. A rocha que mais se destaca é certamente o Pão de Açúcar, que mostra sua forma grotesca logo à entrada da barra. No seu sopé as baterias de um pequeno forte ameaçam o inimigo que tente penetrar na calma baía do Rio. Defronte dele uma segunda bateria, a da Fortaleza de Santa Cruz, monta guarda. Entre ambas fica a pequena ilha da Laje, que serve como terceiro elemento de defesa. Seria por demais longo mencionar pelos nomes todas as ilhas e penínsulas, que ficam longe e perto da baía; pouco adiantaria também ao leitor tentar traçar um quadro mais vivo das famosas praias do Rio de Janeiro.

A parte principal da cidade do Rio de Janeiro está situada no lado oeste da baía, sobre uma planície de forma irregular, imprensada entre duas filas de colinas rochosas sem ligação entre si. Como o Rio de Janeiro não é, como tantas outras cidades marítimas, construído numa encosta, e as aglomerações de casas ficam em grande parte escondidas pelas projeções do terreno, não apresenta, como cidade, apesar dos seus 420.000 habitantes, segundo Hübner, o panorama grandioso de outras de igual extensão. Quanto à sua importância, testemunha-a o movimento

do porto, e os navios de todas as nações que parece se encontrarem nessas águas.

Decorreu muito tempo antes que os senhores da Polícia Sanitária e da Alfândega, como exigem os regulamentos, efetuassem sua visita a bordo e dessem permissão para o desembarque. As impertinentes formalidades a que tive de me submeter no dia seguinte, para a retirada de minha bagagem da Alfândega, puseram minha paciência a dura prova, mas foram ainda assim menores, comparadas aos passos e maçadas que tive de enfrentar para obter o visto do meu passaporte. Na Alfândega, por felicidade, interessou-se por mim um jovem brasileiro, a quem conhecera na viagem, circunstância que me permitiu prestar algum auxílio aos meus companheiros de vexames, no mesmo lugar. Entre eles se encontrava um jardineiro alemão, que vinha destinado a Petrópolis, possuidor de um canário e um cachorrinho, que fizeram com ele a longa viagem, desde a pátria até ao Brasil, e pode-se citar como característico dos vexames nas alfândegas brasileiras que ambos os animaizinhos, para grande indignação do meu honrado compatriota, tiveram de pagar muitos mil-réis, de direitos de entrada.

A Alfândega é um enorme edifício, com armazéns enormes e terríveis correntes de ar, onde, para se ter certeza de trazer de lá dor de dente, reumatismo e achaques semelhantes, só se pode entrar sem chapéu, por assim exigir o retrato do Imperador pendente de uma das paredes, e ao que me parece muito impropriamente, por ter assim de presenciar todas as cenas vexatórias que ali se passam.

Escolhi para hospedar-me durante minha estada no Rio de Janeiro o Exchange Hotel, que meu companheiro, o cônsul M., de Buenos Aires, me recomendou como sendo muito bom. Ficava na principal rua da cidade, a Rua Direita. Nela estão também as casas comerciais das firmas mais importantes, os grandes armazéns atacadistas, cafés elegantes, a muito movimentada Bolsa, o Correio, a igreja da Santa Cruz, e muitas outras mais; é também onde desembocam muitas ruas transversais, entre elas a Rua do Ouvidor, onde ficam todas as lojas de luxo, sendo por isso a mais notável. Aquele hotel oferecia pelo menos uma grande vantagem sobre as demais hospedarias do Rio, por parecer ser nele pequena a quantidade dos tão temidos percevejos e baratas, e proporcionar fácil acesso a tudo o que o Rio de Janeiro tem digno de se ver.

Surpreende logo os recém-chegados a essa cidade o traçado de suas ruas, das quais as mais importantes são tão estreitas que, se duas carruagens se encontram, indo em direções opostas, uma tem que subir na calçada. Ademais, o calçamento é inclinado, de ambos os lados, para o centro, de maneira que em lugar de terem duas sarjetas para o escoamento das águas, como na Europa, este se faz por uma só, no centro. Essa disposição, que na época das chuvas transforma as ruas em riachos caudalosos, é tão defeituosa quanto o calçamento, e a consequência natural disso é a acumulação de toda espécie de detritos, a que se deve, em primeira linha, o mau cheiro das ruas do Rio. A cidade em geral não causa boa impressão aos que a percorrem.

Depois de ter mudado de roupa e feito um pequeno plano para a divisão do tempo, encaminhei primeiro os passos, como fiz na Bahia, para o Passeio Público, um logradouro público, no arrabalde da Glória, onde à noite se fazia ouvir uma orquestra alemã. Até 1860 só existia ali um pequeno parque, um pouco silvestre, que nada tinha a apresentar além da grandiosa vista sobre a baía e alguns bonitos, mas pouco numerosos, maciços de plantas. Hoje ornaram esse jardim as mais belas plantas do Sul, que são convenientemente cuidadas. Causou-me impressão muito agradável que ainda mais realçava o majestoso bramir da rebentação das ondas no fim do jardim. Enquanto me refrescava sob as palmeiras e araucárias, com bebidas refrigerantes no restaurante ali existente, o bramir do mar misturava-se aos harmoniosos acordes de algumas peças de música, bem executadas, e de boa vontade teria escutado por mais tempo essa música rara, se a noite, que já ia adiantada, não me lembrasse que já era tempo de voltar.

Embora estivéssemos em pleno inverno brasileiro, apesar do adiantado da hora estava tão abafado que fiquei ainda por muito tempo na sala do hotel, na cadeira de balanço, que, diga-se de passagem, nunca falta numa casa brasileira, balançando-me e conversando, antes de procurar a dura cama.

Nos dias que se seguiram tive ocasião de conhecer mais de perto ruas e praias da cidade. Em vão se procuram edifícios que se destaquem por sua beleza, e dentre as praças públicas, de que existem muitas, só uma se destaca pela beleza e tamanho. É, ao mesmo tempo, palco histórico do primeiro movimento revolucionário no Rio, a praça

da Constituição. Essa praça é ajardinada e tem no centro a artisticamente executada estátua de D. Pedro I. Está este representado no momento em que, de cima do seu cavalo, entrega a Constituição ao povo, que a espera; o pedestal do monumento está ornado de figuras alegóricas simbolizando os principais rios e povos do Império brasileiro no oeste, leste, norte e sul. É, ao contrário, lastimável o aspecto que apresentam outras praças como o Campo de Santana e a Praça do Palácio. Quase não pude crer nos meus olhos quando me mostraram, nesta última, o palácio do Imperador, tão pouco correspondia o edifício ao seu destino. Não menos mesquinhos me pareceram, em outros setores da cidade, o Palácio do Senado, o Museu Nacional, a Municipalidade, o Ministério do Comércio e das Obras Públicas. As igrejas, que são numerosas, também não podem ser olhadas como trabalhos de arte arquitetônica; obedecem quase todas mais ou menos ao mesmo plano, sendo construídas no chamado estilo jesuíta. A maioria consta de uma nave central, às vezes com duas naves laterais, duas pequenas torres quadradas com coruchéus em forma de zimbórios, erguendo-se dos lados da porta de entrada. Em muitas igrejas o teto das naves não é forrado, de maneira que os caibros e enripamento cobertos com telhas de barro vermelho ficam à vista. Raras têm o teto pintado, ou com figuras mal pintadas. Os ornamentos de prata e ouro são mais ricos, mas tão faltos de gosto que dão a impressão de que crianças se tenham divertido enfeitando-as com eles. A igreja propriamente alemã, construída em 1845 pelos já então numerosos alemães vivendo no Rio de Janeiro, teve existência muito curta.

Minha permanência no Rio de Janeiro não foi muito fértil em acontecimentos interessantes, contudo alguns houve dignos de menção. A estes pertence a procissão de Corpo de Deus, que presenciei comodamente da janela do meu hotel. As belezas negras, brancas e amarelas, que nesta ocasião aparecem em número considerável, ostentam, como espectadoras, o maior luxo em toaletes, destacando-se na sua maioria pela extrema falta de gosto da combinação de cores gritantes. Entre elas estavam mais fartamente representadas as cores nacionais brasileiras: verde e amarelo. A multidão variegada enchia as ruas gesticulando e tagarelado animadamente, antes mesmo da procissão sair à rua. Sua aparição finalmente, que a multidão compacta com admirável abnegação esperara por muitas horas sob um sol abrasador, foi anunciada pelo



crepitar de girândolas que, naturalmente, à luz viva do sol, não tinham outro efeito senão fracas detonações. Já na Bahia eu tinha reparado na paixão dos brasileiros pelos fogos de artifício. A todas as horas do dia pode-se observar nas cidades do Brasil esse divertimento, sem que se tenha na menor consideração o perigo para os transeuntes. Por ocasião das festas de igreja, quando o abuso ainda é favorecido pelas autoridades, torna-se muito perigoso o trânsito em algumas ruas. Negros empregados da igreja conduzem nessas ocasiões, debaixo do braço, feixes dos indispensáveis foguetes, dos quais sem cessar e sem motivo vão fazendo subir alguns aos ares, a despeito da luz do sol. Depois de uma guarda avançada de soldados, na maior parte negros, de cabeça descoberta, surgiu uma infinidade de irmandades e ordens monásticas, com caras de todos os tons e hábitos de todas as cores imagináveis carregando à sua frente cruces, estandartes e imagens dos respectivos patronos. Muitas das colossais horríveis figuras de madeira iam escarranchadas em cavalos ricamente ajazeados. O mais ridículo era o espetáculo de cerca de vinte cavalos, cobertos com imensas gualdrapas matizadas que chegavam quase até ao chão, enfeitadas com grandes escudos de latão e flandres, levados pelas rédeas por homens fantásticamente vestidos, em solene cortejo. Esse espetáculo completou a impressão que a procissão, aliás, já me tinha causado. Sentia-me como se estivesse assistindo ao desfilar duma companhia de artistas de circo com todos os ouropéis e falsa pompa, como se vê nas feiras na Alemanha. Não faltavam também grupos numerosos de padres, entre eles muitos negros, e bandas de música intercaladas, que meninas de três e quatro anos fantasiadas de anjos com asas douradas nas costas acompanhavam num ritmo estudado. A principal sensação da procissão era o pálio, sob o qual o bispo levava a custódia. O Imperador D. Pedro II, seu genro, o Conde d'Eu, e dois ministros seguravam as quatro varas que o suportavam. Todos quatro vestiam uniformes ricamente bordados a ouro à moda européia, com calças de casimira branca; o Imperador e seu genro traziam ainda sobre o uniforme uma espécie de mantelete de tule branca com ornatos de baeta fina, de efeito engraçado. A despeito do calor abrasador esses altos personagens do cortejo tinham a cabeça descoberta, e o Imperador, que sem cessar voltava os olhos para a esquerda, para a direita, e para cima para todas as janelas, enxugava constantemente o suor que lhe perolava

a testa. D. Pedro II é uma figura imponente, de feições agradáveis, e devido à sua bondade e simplicidade é venerado e estimado por seus súditos. Todos aqueles que tiveram oportunidade de contato com ele são-lhe especialmente afeiçoados e não podem exaltar bastante seu extraordinário interesse científico, em todas as esferas, e quão vários são os dons espirituais com que a natureza o dotou. A Imperatriz esperava, com as princesas, o cortejo, na igreja; desisti, porém, de acompanhá-lo até lá, contentando-me com ter visto desfilar toda a procissão.

Aproveitei um dos dias que se seguiram para visitar o Jardim Botânico. Fica a três quartos de hora da cidade, na extremidade do subúrbio de Botafogo. Cheguei, num carro aberto, tirado pelo rápido trote duma parelha de muares, diante do muito afamado jardim, mais ou menos mencionado por quase todos os viajantes como uma das coisas dignas de se ver no Rio de Janeiro. Realmente, a exuberância da natureza ali é maravilhosa, conquanto seu traçado, como jardim botânico, mal baste às mais mezinhas exigências da ciência. O que há ali de mais belo é a chamada Alameda das Palmeiras (*Oreodoxa regia*), que conta 135 palmeiras duma altura de 60 a 70 pés em média, e com 40 a 50 anos de idade. As grossuras e alturas são muito diferentes. A espécie de palmeiras a que pertencem não é nativa do Brasil, e sim originária da Índia, onde se vêem freqüentemente, nos templos brâmanes, alamedas semelhantes, embora não tão viçosas. Disseram-me que essas palmeiras são de desenvolvimento muito rápido, e muitas vezes, com 10 a 15 anos, o diâmetro na base do seu tronco mede de três a quatro pés. De quando data exatamente a Alameda das Palmeiras do Jardim Botânico não me foi possível saber. Provavelmente de 1810, quando o jardim foi fundado como estação experimental para a cultura do chá. Em outras seções do jardim crescem cafeeiros, casuarinas, fruta-pão, touceiras de bambus e especiarias de todas as partes do mundo. De modo geral está bem tratado, contudo, tendo em vista os ricos meios que a natureza ali oferece, pode-se classificar no máximo como medíocre, e se não fosse a Alameda das Palmeiras e a inesquecível impressão que causa sobre todos os estrangeiros e os faz recomendá-lo, estaria deserto pela maior parte do ano. Atualmente serve principalmente para estação experimental e para ensino de agricultura. Fornece também o material para o fabrico de chapéus-do-chile, muito usados no país.

O reino animal não está menos representado lá que o vegetal. Borboletas maravilhosas, de cores as mais brilhantes, adejavam no jardim, dum lado para outro, quando eu andava pelos caminhos, e lindos e graciosos colibris, que não me canso de admirar, ruflavam ágeis as asas, como que parados no ar. As outras seções do jardim como que acenavam-me tentadoramente para visitá-las; desisti, porém, de fazê-lo desta vez, de entrar na mata escura e nas ravinas rochosas vislumbradas, porque o carro me esperava para voltar e não havia sobra de tempo. Para um mineralogista, a região por trás de Botafogo, como também alhures nas proximidades da baía, tem uma atração especial. Encontram-se lá, entre as rochas, granadas escuras semelhantes a pórfiros, e os pedregulhos grotescamente amontoados são de granito amarelo ou rosa.

Voltei pelo mesmo caminho, atravessando o alegre Botafogo, apreciando a mudança contínua do maravilhoso cenário, que infelizmente a poeira insuportável parecia querer ocultar. O cocheiro era, por acaso, um alemão, que nessa ocasião, com uma boa vontade digna dos meus sinceros agradecimentos, foi-me dando notícia de tudo o que pode interessar a um estrangeiro. Como me falasse muito do célebre aqueduto do Rio, que, com uma extensão de cerca de 3.000 braças, fornece à Capital a água necessária, vinda do distante Corcovado por um canal de cantaria de granito, coberto, dirigi meus passos na direção indicada para vê-lo. Foi construído nos meados do século passado e compõe-se de uma linha de dois arcos sobrepostos. A água que leva para a cidade cai de meia altura do Corcovado mais ou menos a uma meia hora da mesma, saindo de numerosas fontes que, reunidas natural ou artificialmente num rico jorro, precipitam-se em belas cascatas por sobre as rochas de granito, formando lindo arroio orlado de viçosa vegetação tropical. Pelo caminho correm ainda para ele diversas fontes que, quando preciso, são encaminhadas para pequenos canais. No sopé da montanha o arroio, até aí descoberto, entra num canal coberto, que protege a água, ao sair das sombras da floresta, do calor dos raios solares. O consumo de água no Rio de Janeiro deve ser maior de que em outras grandes cidades, e por isso sucedeu que o primeiro abastecimento, pelo chamado Aqueduto Carioca, com o aumento progressivo da população, não tardou a se tornar insuficiente. Já se projetou por isso uma segunda, e até uma terceira canalização, semelhantes, na parte ocidental da cidade, que será

abastecida com água das montanhas da Tijuca. Quase todas as casas do Rio são assim abastecidas de água, pela qual pagam uma taxa módica. Dizem que são canalizados diariamente mais de 7.000.000 de litros de água para as casas particulares e edifícios públicos do Rio. Não sendo, porém, isso bastante, há na cidade inúmeros chafarizes e fontes, como também 861 pilares com torneira, que são utilizados o dia todo pela população. Muitos viajantes afirmam que em parte alguma se bebe tanta água como no Rio de Janeiro, e um deles calcula que o consumo, nas 24 horas, monta a 30.000.000 de litros. O governo, ao contrário, calculou que a canalização pública fornece diariamente 80, ou 3,33 litros de água, por hora, para cada habitante. As grandes fontes, os chafarizes, cuja instalação a cidade deve a uma sociedade anônima inglesa, são quase todos construídos artisticamente e constituem um ornamento para o Rio de Janeiro, tão pobre de monumentos.

Além do magnífico serviço de abastecimento de água, já se fez também muito no Rio de Janeiro para atender às demais necessidades duma grande cidade, embora com o auxílio de companhias estrangeiras. A iluminação a gás, por exemplo, está muito desenvolvida. O número de bicos de gás destinados à iluminação pública já se eleva a 5.352. A propósito, a iluminação a gás já foi também introduzida nas capitais do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul, como também nas cidades de Olinda, Campos, na Província do Rio de Janeiro, Campinas, na Província de São Paulo, Santos e Pelotas.

A gente que se vê nas ruas é quase igual à que vi na Bahia. Quando muito se encontra aqui mais estrangeiros, que observam admirados o ambiente exótico, ou que, comerciantes domiciliados, passam apressados. Como consequência natural do clima as ruas até ao cair da tarde não estão muito movimentadas; só então é que se ousa sair de casa. As ruas perto do porto e do grande Mercado na Praça do Palácio são exceções a essa regra. Ao movimento aí já me referi antes, não quero, porém deixar passar esta oportunidade, sem transcrever a perfeita descrição que Tschudi dele faz. Assinala o mercado como uma mina inesgotável para os mais variados estudos e um cartão vivo de amostras das cenas e grupos mais originais:

“Na variegada confusão o observador atento distingue a branca dona de casa, asseada e decentemente vestida; carrega ela mesma

sua cesta, porque não vive com largueza e não pode ter uma escrava que a acompanhe ao mercado; é uma estrangeira. Uma brasileira julgaria abaixo de sua dignidade carregar ela própria a cesta com as compras. Um pouco além está um chefe de cozinha francês, de um dos grandes hotéis, acompanhado de muitos negros portadores de cestas. A expressão do seu todo é de desdenhosa presunção, *la cuisine c'est moi*, é o que se lê em suas feições, e com uma cara de protetor imperial examina os gêneros empilhados, dos pressurosos vendedores. Ora aqui, ora ali, surgem os uniformes dos despenseiros dos navios de guerra. Guapos marinheiros, com seus trajes pitorescos, recebem os víveres comprados. Cozinheiros de navios de todas as nações, acompanhados ora de velhos lobos do mar, ora de grumetes, espremem-se por entre a multidão e ajustam, por meio de uma pantomina quase cômica e animada gesticulação, as compras do dia. Compradores e vendedores não se entendem, estes só falam português, aqueles russo, sueco, dinamarquês, alemão, inglês, francês; mas a significação de vintém, pataca, tostão, cruzado, mil-réis\* todos sabem qual é, e alguns dedos levantados completam o que falta. Centenas de cozinheiras de todas as cores e tons, da negra de azeviche do Congo à européia loura, regateiam, conversam, discutem, palestram e não têm pressa de voltar para o fogão. Mais adiante estão sentados escravos de aluguel, entre eles tipos acentuadamente pronunciados, esperando em calma atitude de descanso que os chamem para levar uma cesta cheia de víveres, e uma velha escrava alforriada, maltrapilha, estende na mão magra o último vintém para receber em troca o mesquinho jantar, uma talhada de abóbora.”

A variedade de mercadorias que ali vendem é ainda maior que a da gente, e por mais que se visite o mercado, para ver o que lá está exposto, em cada vez se encontra algo novo, seja um peixe raro e esquisito, uma peça de caça ainda não vista, ou uma fruta bonita que ainda não se conhece.

A vida nas ruas no Rio deve ter mudado muito ultimamente. Sobretudo porque os negros carregadores estão sendo substituídos por carroças puxadas por muars. Dantes o transporte do principal produto do comércio do Rio de Janeiro, o café, era quase exclusivamente feito na

\* Um vintém é igual a vinte réis, uma pataca a 320 réis, um cruzado a 400 réis, e um mil-réis a mil-réis, ou seja 2 marcos e 25 pfenings.

cabeça dos famosos carregadores. Em grupos de 10 a 20, essas figuras de atletas, tendo à frente o mais forte deles, transportavam os sacos de café dos armazéns para a Alfândega com uma regularidade de formigas. Cada gigante negro punha um saco, pesando de 1 a 1 ½ quintais, na cabeça, e quando todos estavam carregados marchavam num trote curto regular. O chefe, ou capitão, levava na mão uma pequena caixa de lata cheia de pedrinhas e agitava-a acompanhando uma cantilena monótona, sem melodia, guiando a fila trotadora e avisando com esse ruído, como fazem as campainhas das carruagens, os transeuntes, para se afastarem do caminho. Como exemplo da força desses carregadores de café, diz Fletscher que um deles carregou por 2 ½ milhas, na cabeça, a mala de um americano, com a qual não pôde, em Filadélfia, a força reunida de quatro negros, tendo sido preciso esvaziá-la pela metade para poderem subir a escada com ela. Observou-se, porém, que a força dos negros mina, que é aproveitada principalmente para este trabalho, diminui com rapidez incrível devido a carregarem constantemente grandes pesos. Estava portanto no interesse dos comerciantes donos de negros introduzir outros meios de transporte. Os negros mais robustos, entre os quais se escolhiam os carregadores de café, procuram agora fazer valer sua força no porto. Não se pode fazer uma idéia do que um desses negros pode carregar, mesmo se tratando de volumes difíceis de manejar.

Os comerciantes do Rio de Janeiro procuram, quando sua situação financeira permite, gozar ao lado do conforto de sua residência na cidade as amenidades do campo. Gostam, pelo menos, de morar nos arredores mais amplos da cidade, só se transportando para o centro, onde ficam seus escritórios e armazéns, nas horas de trabalho. Depois das horas de expediente numerosos ônibus, carros, barcos a vapor, etc. levam novamente os membros do mundo comercial para o seio de suas famílias. Nos últimos anos, sobretudo, evita-se mais do que antes a moradia na cidade, cujo clima não é muito melhor que o da Bahia. Já a pequena distância do mar, em casas do Rio de Janeiro, pode-se respirar livremente, ao contrário do que se dá no ar abafado asfíxiante que enche as ruas estreitas da parte comercial. Se acontece, por um acaso infeliz, ter alguém de ficar no Rio durante uma epidemia de febre amarela, sente-se como que impellido por uma força invisível a deixar a atmosfera doentia. Compatriotas que conheci durante minha permanência na ci-

dade, e a quem as circunstâncias não permitiam escolher à vontade seus domicílios, asseguraram-me que com uma longa permanência no Rio arrisca-se dez anos de vida.

O estilo das casas particulares é muito simples, em muitos sentidos muito pouco de acordo com o clima. Em regra são muito estreitas, mas extraordinariamente fundas, raramente tendo mais de dois andares. Quanto à ornamentação externa não têm muito o que se ver; como já ficou dito antes, quase não se distinguem umas das outras. O andar térreo, sobretudo quando a casa fica no bairro comercial, nas proximidades da Rua Direita, é sempre ocupado por uma loja. Quase nenhuma casa no Rio tem porão; a entrada fica quase no nível da rua e o vestibulo se estende a perder de vista para os compartimentos no fundo. Raramente têm mais de duas ou três janelas de frente. Com frente para a rua, no primeiro andar só têm dois compartimentos, dos quais um é a sala, infalível em todas as casas, que serve para receber as visitas e para as ocasiões solenes. Não me lembro de ter visto, mesmo nas habitações mais humildes, uma casa sem sala.

Os demais cômodos estendem-se, como num saco, por trás dos da frente, e ao contrário do que dá na América espanhola, não dão para pátios ladrilhados de mármore e enfeitados de flores e plantas ornamentais, e sim para quintais entulhados de lixo. Nas casas situadas longe do quarteirão comercial os aposentos destinados a moradia ficam no andar térreo; devia-se por isso esperar que neste caso a necessidade de mais asseio seria levada em conta, mas como se sentem enganados os europeus que pisam pela primeira vez a cidade, cuja beleza contemplaram de bordo! Surpreende-os, de modo desagradável, o interior das casas brasileiras. Quando muito os habitantes de maior distinção da cidade, que talvez conheçam *de visu* a vida européia, procuram mobiliar seus aposentos mais confortavelmente.

O corredor estreito, onde primeiro se entra vindo da rua, leva em geral diretamente à cozinha, isolada no quintal estreito. Essa separação da cozinha do corpo da casa tem a grande vantagem de se sentir menos o cheiro da comida, e o perigo de incêndio, ao contrário do que se dá nas construções na Europa, fica muito reduzido. No corredor abrem-se as portas para a sala que dá para a rua, contígua, a qual fica um quarto escuro, de dormir; este está separado por uma parede muito fina

do seguinte, que serve para quarto de criança ou outro qualquer fim que se torne necessário. Em regra a casa é habitada por uma só família.

Não só aí como em toda a casa nota-se a pouca espessura das paredes e por isto se disse no começo desta descrição que as construções não estão de acordo com o clima. Na Itália, pelo menos, consideram-se as paredes espessas como a melhor proteção contra os raios abrasadores do sol do Sul. Lá usam também os pisos de pedra enquanto aqui usam os soalhos, cujas frestas são campos férteis para a cultura das pragas e parasitas.

O mobiliário dos aposentos de estar é extremamente simples e consta, na sala, de um sofá de palhinha, uma mesa e um piano, vertical ou de cauda, quando a família é musical. Cômodas e armários são rigorosamente banidos dos quartos de dormir, onde os leitos colossais tomam seu lugar. As cadeiras, na sala de visitas, são sempre arrumadas em fila, em ângulo reto com o sofá, ficando a mesa redonda no centro. Móveis estofados são uma raridade e mesmo as casas mais aristocráticas prescindem desse luxo, com receio de ver aumentado com eles o número de insetos nocivos, e provavelmente certos, antecipadamente, do pouco cuidado com que os criados os bateriam e escovariam. Gostam muito de toda sorte de bugigangas, vidros, porcelanas, vasos e outros reservatórios de pó, enquanto objetos de valor artístico, quadros a óleo, por exemplo, só excepcionalmente se vêem no Brasil. Estes são tão pouco apreciados, que eu próprio ouvi de circunspecto dignitário do estado a ingênua pergunta se esses quadros eram pagos na Europa, conforme suas dimensões.

O quarto de dormir, que só recebe luz e ar pela porta que fica defronte da janela da sala ao lado, tem alguma semelhança com o que na Alemanha chamam alcova.

As janelas são, como na Inglaterra, de levantar, conhecidas também pelo nome de janelas de guilhotina. As vidraças são pequenas e presas a molduras muito malfeitas, de madeira. As janelas com grandes vidros são usadas apenas nas casas e lojas mais elegantes da cidade. Disseram-me que esse sistema de janela foi preferido a outros devido às súbitas ventanias, o que tem sua razão de ser. As janelas do primeiro andar abrem-se em geral sobre uma sacada com grandes grades de ferro.



No fundo da estreita construção fica o quintal, ou jardim, e dando para este a chamada varanda, uma sala sem adornos, que serve de sala de jantar e sala de estar. Aí só têm entrada os íntimos. O luxo parece ter sido rigorosamente banido deste cômodo. A grande simplicidade dos móveis e demais arranjos desta sala surpreende o visitante. Uma grande mesa de jantar, um bufete pesado, algumas cadeiras comuns, talvez também um sofá de vime e a infalível cadeira de balanço constituem todo o mobiliário da varanda.

Ao andar de cima (sobrado) dá acesso uma escada de madeira, as mais das vezes com muito desperdício de espaço, onde os cômodos estão mobiliados com a mesma simplicidade e falta de gosto dos de baixo.

Nos últimos tempos tem-se começado a abandonar o velho estilo rotineiro de construção e a deixar-se influenciar por um melhor gosto nas construções particulares e públicas. Assim é que o Barão de Nova Friburgo fez construir, por um engenheiro alemão, um palácio no caminho de Botafogo, e a Sociedade de Beneficência Portuguesa, um hospital no subúrbio do Catete, que em grandeza de gosto não ficam atrás de construções européias deste gênero.

Da mesma forma como no Rio, e aliás em todo o Brasil, se exige tanto do olfato, também não são poupados aos ouvidos os maiores tormentos. O incessante badalar dos sinos, os gritos dos negros e o eterno estrugir de foguetes e estourar de fogos de artifício trazem o infeliz viajante num estado perpétuo de excitação nervosa. O monótono bimbalar dos sinos é, além disso, inarmônico em alto grau. Os sinos no Rio não são afinados, não os deixam também cessar de ressoar, badalando-os, ao contrário, rapidamente e sem interrupção. Muitas vezes, devido a esse maltrato, o sino racha e não produz então som melhor do que produziria uma velha panela de ferro. Nisso, porém, parece que ninguém repara, com a condição de que faça barulho. Entre os sinos que dantes tocavam assim todas as tardes, estavam os chamados Sinos dos Negros, a cujo toque todo escravo que não tivesse uma licença especial do dono tinha que correr ligeiro para casa. Se isso ainda está hoje em uso, não sei dizer. As horas em que todos os sinos se calam são muito poucas, e uma pessoa acaba por fim se acostumando ao constante badalar, de maneira a acontecer-lhe o mesmo que ao moleiro, que acordava quando a mó do moinho silenciava. Para a grande bulha não concorre

menos o batucar nas casas, quase todas tendo um piano que é maltratado pelas mãos de beldades brancas e de cor. Melodias das óperas de Meyerbeer e Verdi perseguem até ao desespero o europeu por toda a cidade. Desenvolveu-se uma preferência toda especial por Offenbach. Para avaliar da cultura musical da sua gente, basta dizer que quando numa casa falei a uma dama, que passava por musical, em Beethoven, ela assegurou-me com ingênua admiração que nunca ouvira esse nome. No Alcazar, pequeno teatro francês de *vaudeville* que visitei uma noite, não davam então senão Offenbach, e a *troupe* de artistas ganhou muito dinheiro tirando partido da entusiástica predileção da platéia pelo compositor da Grã-Duquesa de Gerolstein. O Rio conta ao todo dez teatros, dois maiores na Rua da Guarda Velha e na Praça da Constituição, onde também se realizam esplêndidos bailes a fantasia, introduzidos desde 1845, dois menores, o Ginásio e o São Luís, e três teatros populares. Os três restantes têm mais o caráter de cafés-cantantes, onde às vezes se representa também em alemão.

Nas ruas do Rio encontrei mais militares brasileiros do que em Pernambuco e na Bahia. Já na Bahia chamara minha atenção a aparência suja e desmazelada dessa soldadesca sul-americana, e imaginara encontrar na Capital esses defensores da pátria mais alinhados. Mas lá também davam mais a impressão de desordeiros que de garantidores da segurança pública.

As tropas regulares compõem-se, em grande parte, de engajados, embora o serviço militar e a organização das forças armadas no Brasil seja semelhante às dos grandes estados europeus. Ao recrutamento só se recorre quando o número de praças engajadas não corresponde às necessidades. As leis permitem a apresentação de um substituto, mas não permitem a compra do resgate do serviço militar. As muitas isenções, porém, tornam-no quase ilusório. Os arrimos de família, por exemplo, estudantes, administradores de grandes plantações, empregados de grandes casas comerciais, tropeiros e vaqueiros, marinheiros e pescadores, diversos artífices e operários de fábricas quando podem provar sua eficiência, funcionários públicos e padres, estão isentos do serviço militar, por lei. É natural que dadas estas circunstâncias e não sendo o Brasil uma nação muito belicosa, o número de voluntários no exército não seja grande, e as respectivas comissões têm grande dificuldade para

reunir os conscritos necessários aos diversos corpos. No interior do país, por ocasião de recrutamento, há verdadeiras caçadas humanas. O número de desertores é tão grande que há patrulhas pelos caminhos para prender os fugitivos. A deserção, porém, é tratada com muito mais brandura do que nos estados europeus, e patrões, como pais, recorrem nas épocas de recrutamento a todos os meios possíveis para livrarem os conscritos. Um engenheiro meu amigo tinha, por exemplo, um capataz muito hábil, que a despeito de sua coragem pessoal foi acometido de medo incontrolável durante a guerra do Paraguai. Sempre que a comissão de recrutamento, que o tinha havia muitos anos na lista dos seus convocados, aparecia, o jovem infenso às armas pedia uma licença aos patrões e corria para o fundo da floresta, onde ficava até desaparecer a ameaça. Meu amigo não podia levar muito a mal essa infração da lei, porquanto a honra de vestir uma farda brasileira não é grande. O costume é recorrer ao recrutado a força, sobretudo de gente de má reputação. Com isso, porém, não se importam muito os militares representados nas comissões, antes aproveitam a ocasião para exercer vinganças ou satisfazer sua ganância. Não hesitam nem mesmo em violar a mais santa das leis brasileiras, a que proíbe claramente a qualquer autoridade penetrar na casa do cidadão antes do nascer e depois do pôr-do-sol, sob pena de rigorosa punição. Quando não conseguem prender sua vítima na rua, entram na casa à noite, surpreendendo-a durante o sono e levando-a agrilhoadada para o depósito militar mais próximo. Esses processos não podem concorrer para enaltecer a militância brasileira.

O fardamento e armamento do soldado brasileiro são também muito defeituosos. Em todas as armas é usado um casaco de pano de lã azul-marinho, pesado e grosseiro, que até mesmo no corte parece o mais impróprio possível para o clima. As calças são, em regra, de tecido leve, de linho ou de lã; o mais incongruente é o calçado, cuja escolha parece ficar *ad libitum* do soldado. Vi no Rio soldados usando botas, outros, sapatos, e vi também alguns calçando chinelos velhos, estando de serviço. Para olhos acostumados aos militares alemães, essas figuras, aberrando comicamente de toda noção de disciplina e ordem militares, constituem um espetáculo lamentável. O armamento para os fuzileiros consta de fuzis raiados com baioneta; para os caçadores, de carabina e sabre; para sapadores e artilheiros, de mosquetes com iatagãs, e para a cavalaria, de

carabina, pistola, espada e lança. Todo esse material para o exército, inclusive os canhões para a artilharia e munições, é importado da América do Norte ou da Europa. Só depois da guerra do Paraguai foi que se cuidou mais em fabricar nos arsenais do país armas e munições em quantidade suficiente. Recentemente se introduziu o fuzil Comblain, aperfeiçoado, para a infantaria e a cavalaria, além das armas brancas, a carabina Winchester e o revólver Lefauchaux. A artilharia recebeu até canhões Krupp e Whitworth.

Ao lado do exército efetivo, que entre tropas arregimentadas e de guarnição conta com 16.055 homens, inclusive oficiais, existe ainda no Brasil a instituição da Guarda Nacional, na qual estão incluídos todos os cidadãos entre 18 e 60 anos, válidos para a defesa da pátria, e que têm também de auxiliar o serviço de polícia. Em caso de guerra o montante das tropas de linha eleva-se a 32.000 homens. É típico das condições no Brasil o fato de à Guarda Nacional faltarem quase inteiramente armas, e de nem mesmo os cidadãos convocados anualmente para o serviço ativo poderem ser totalmente armados e fardados. O número de soldados da Guarda Nacional, obrigados a apresentar-se, sobe a 741.782, dos quais, em 1873, 125.186 se achavam na reserva.

A maioria do exército brasileiro se compõe de negros, mulatos e homens de cor de diversas origens. Não se pode negar brio e bravura a esses soldados em campanha, e dificilmente tropas melhor disciplinadas do que as brasileiras levariam a termo com êxito a guerra com os aguerridos paraguaios, pois além do mais têm a vantagem de uma grande sobriedade, perseverança e resistência.

Em tempo de paz os soldados brasileiros servem nos postos avançados contra os índios, sempre inclinados a uma atitude hostil. Quanto ao policiamento, é feito na Capital, por um corpo de guardas civis de 570 homens, auxiliado, porém, por um corpo de polícia militarmente organizado, contando 560 homens. A força de polícia nas províncias é determinada anualmente pela Assembléia provincial. Há também no Rio um Corpo de Bombeiros, que, sendo necessário, pode ser incluído nas forças armadas.

O tempo se conservou mais ou menos uniforme durante minha permanência no Rio; não posso por isso dizer que achei a temperatura muito mais desagradável do que em outras cidades brasileiras.

Pelo menos nessa minha primeira visita o calor não atingiu grau muito elevado. Só no centro da cidade, onde a cadeia das colinas impede o acesso do ar fresco do mar, é que a atmosfera é asfixiante, abafadiça e insuportável. À situação confinada da cidade atribui-se o fato dos surtos de moléstias epidêmicas serem mais freqüentes lá do que em outras partes. Por isso empresários ingleses já propuseram, há anos, demolir os morros que impedem a circulação do ar, mas até hoje nada se resolveu sobre a execução desse grandioso projeto.

Ouvi, de comerciantes alemães residentes no Rio, o que minha própria experiência confirmou, que muitos nórdicos suportam melhor os primeiros anos no clima tropical a que não estão habituados, do que depois de longa permanência. O clima languescente parece que pouco a pouco diminui a capacidade de resistência do corpo.

Uma tarde resolvi procurar alguns alemães, cujos endereços descobri depois de muito trabalho e com o auxílio do meu hospedeiro, na “Cidade de Koburg”, muito procurada pelos alemães. Já devia ter feito isso nos primeiros dois dias, mas tinha sabido por meus companheiros de viagem e por outras pessoas que nos portos ultramarinos não se é tão bem recebido, nas casas dos comerciantes, enquanto o navio está no porto, como depois dele partir. Nesses momentos o comerciante alemão está tão ocupado com a sua correspondência para o ultramar, que não lhe sobra tempo para dedicar a um estranho.

A família a que fiz minha primeira visita morava, como tantas outras, na encantadora ilha de São Domingos, e o dono da casa só vinha à cidade por algumas horas diariamente, para despachar seus negócios. São Domingos, esse eldorado situado do outro lado da baía, defronte do Rio, está coberto de alegres vilas, sem por isso perder o caráter campestre. O melhor ponto, no vale, é a Praia Fresca, que os nossos compatriotas escolheram fiéis ao seu gosto por paisagens encantadoras. Como na cidade, aqui também, em regra, mora uma só família em cada casa, tendo porém sempre diversos quartos de hóspedes preparados, para que as visitas que moram longe não percam as horas mais agradáveis da noite, pois nenhum povo aprecia mais que o alemão a conversa entre amigos. Às cinco horas da manhã soa no geral o despertador, e toda a família, pequenos e grandes, corre para o mar, para pelo menos se desferrar um pouco, com um banho, do calor depauperante da estação quente do ano.

Um negro ou uma negra leva para a praia uma tenda de lona, dentro da qual as damas se despem e de onde saem com seus pitorescos trajés de banho. Aos que habitam longe do mar, principalmente, parece muito original ver toda a família numa fila variegada, com o pai no meio, se aprestar para a luta com as ondas, na praia. É admirável a coragem do sexo frágil, que se mostra indiferente quando uma onda da altura da casa atira as banhistas três ou quatro vezes na praia, e voltam novamente à luta com o salso elemento. A ligação entre o Rio e São Domingos é feita, como, aliás, com todos os outros arrabaldes nas praias da baía, por meio de vaporzinhos, que partem todas as meias-horas de diversos pontos da cidade, em diferentes direções. No trajeto entre o Rio e São Domingos goza-se um dos mais belos panoramas da cidade e do porto. Vê-se de um lado a entrada da barra, com a fortaleza de Santa Cruz, a ilha de Villegagnon e o Pão de Açúcar; no outro, limitado pela majestosa serra dos Órgãos com os seus estranhos píncaros, tem-se diante dos olhos o Rio em toda sua extensão, com o morro do Castelo e o subúrbio de Botafogo; dominando tudo, porém, ergue-se no primeiro plano do quadro o portentoso Corcovado e a Tijuca beijada pelas nuvens. Atrás fica a pitoresca Praia Grande, com a sua igreja branca, e São Domingos, emoldurada pelas colinas verdejantes.

Foi em São Domingos que renovei o conhecimento com uma família que conhecera outrora em Dresden. Seu chefe tinha sido originalmente oficial a serviço de Saxe e tinha, como tal, casado com a filha de um brasileiro que se demorara naquela cidade, e que por morte do sogro, a pedido da esposa, deixara o serviço militar, mudando-se para o Brasil. Lá, como não tivesse fortuna, procurou ganhar a vida lecionando. Seu lar estava organizado mais ao modo brasileiro do que alemão, e consumia por isso grandes somas. Seu maior desejo, ganhar bastante dinheiro para voltar para a Europa, não se tinha realizado até então, e o homem, antes tão alegre, encarava desanimado o futuro. As brilhantes descrições, que Herrn X ouvira em outros tempos dos parentes da mulher, em particular sobre a facilidade de se fazer fortuna no Brasil, tinham-se revelado, quando não mentirosas, pelo menos muito exageradas. É verdade que as lições de música e de língua eram bem pagas, mas em relação às despesas a renda assim obtida era insignificante. A conversa, pouco alegre, levou-me a deixar a casa do meu compatriota mais cedo do que pretendia.

Tive ocasião, com a continuação, de ter outras decepções semelhantes. Os que se sentiam mais descontentes pareceu-me serem, particularmente no Rio de Janeiro, aqueles dos meus compatriotas possuidores de um grau de cultura mais elevado.

Já era noite quando regressei, com o vapor, à cidade, e admirei o brilho que os inúmeros bicos de gás espalhavam sobre o mar de casas do Rio de Janeiro. Mas não me estava reservado, como na Alemanha, o prazer de percorrer as ruas por causa das lojas iluminadas, porque o número de vitrinas é muito limitado. Contudo, em nenhuma hora do dia se pode estudar a vida nas ruas como ao anoitecer, quando o calor e a poeira diminuem um pouco. Não menos movimentada que as calçadas de ambos os lados da rua é o leito desta onde se cruzam carros particulares, ônibus e bondes. A introdução destes é recente, dantes havia só carros dum tipo antiquado tirados por quatro muares, que faziam o serviço de ônibus. Os carros de aluguel, que estão à disposição dos forasteiros no Rio, são ou os tîlburis de duas rodas, tirados por um cavalo ou muar, ou o fiacre, tirado por uma parelha. A corrida em qualquer deles é muito cara. Segundo von Tschudi, o Rio deve a introdução dos carros de aluguel a um alemão, de nome von Suckow, que, depois de ter sido demitido de oficial a serviço do exército brasileiro, conseguiu, pela sua admirável força de vontade, libertar-se da imerecida penúria levando a bom termo, com grande felicidade e brilhante sucesso, sua idéia de organizar um serviço de carros de aluguel. Hoje 2.500 carros de aluguel, além de grande número de ônibus, servem do tráfego da cidade e subúrbios. O número de carros particulares, porém, sobe a mais de 400, e o total de veículos para transporte de carga é de 2.000. O muito intenso serviço de bondes está nas mãos de seis companhias diferentes e calcula-se que transportam anualmente mais de 20 milhões de pessoas.

O Rio, como, aliás, todo o Império, deve muito aos alemães, e contudo, entre todas as nacionalidades, não são os que estão mais numerosamente representados na Capital. Muito mais numerosos são os portugueses e os franceses; estes últimos são encontrados quase a cada passo. São mais freqüentemente hoteleiros, cozinheiros, cabeleireiros, alfaiates, joalheiros e ourives, mas seja qual for sua situação, consideram-se sempre membros da grande nação que perdeu certamente um pouco do seu prestígio depois de 1870, mas está ainda longe de ter

perdido todo o seu nimbo. Os alemães no Rio raramente têm outra profissão que não a de comerciantes, como também os ingleses, ao passo que os norte-americanos e os de outras nacionalidades exercem as mais variadas profissões.

É interessante o que von Tschudi, que, tratando da população do Rio do Janeiro lhe dedicou todo um capítulo, assás circunstanciado, diz sobre os antigos donos da terra, que lá residem agora como estrangeiros. Os 60.000 a 80.000 portugueses do Rio encontram-se, segundo ele, em todas as posições sociais possíveis, desde o mendigo esfarrapado até ao milionário, como jornaleiros, artífices, moços de recados, merceiros, comerciantes, fazendeiros, banqueiros, etc. Grande parte deles é originária das ilhas dos Açores ou da Madeira, talvez tantos quantos os do continente. Quase todos os que vieram depois da colônia se ter separado da metrópole tinham só um fito, fazer fortuna, o que muitos milhares conseguiram. A grande maioria chega apenas com a roupa do corpo, nos sujos navios de sua própria pátria. O maior número é de jovens apenas entrados na adolescência, que não estavam em condições de pagar a passagem, mas vêm cheios de coragem e espírito de iniciativa. Assim que entra no porto um desses navios portugueses de imigrantes, seus patrícios vão a bordo, escolhem os que servem para seus fins, pagam a passagem ao capitão e levam o imigrante, assim libertado, para seu novo destino, ora para trabalhar numa fazenda, ora para empregos na cidade. Muito freqüentemente é para caixeiros, que é também a colocação mais desejada pela maioria dos recém-chegados. Se na pátria viviam como porcos, começam a nova vida não muito melhor que cachorros. Quartos úmidos, sujos, mal cheirosos para habitarem, comida pior e tratamento rude e brutal é o seu quinhão. Mas isso não desanima o jovem lusitano. Passados os primeiros anos, tendo pago a passagem e as despesas com as suas primeiras necessidades, sua situação melhora cada vez mais, especialmente se é fiel e hábil. É em regra econômico, muitas vezes avaro, sabe colocar suas economias de um modo rendoso, e começa, logo que lhe é possível, um pequeno negócio próprio. Muitos deles aproveitam as horas vagas, que lhe deixa o emprego de modo útil, aprendendo a ler, escrever e contar. Com diligência e sobriedade depressa alcançam uma situação livre de cuidados e, com sorte, muitas vezes, riqueza, depois. Conheço alguns portugueses que começaram como



pobres caixeiros e são hoje portadores de títulos de nobreza, proprietários de grandes extensões de terras e seus escravos se contam por centenas. É verdade que não adquiriram ao mesmo tempo, pelo contato com as classes cultas de brasileiros, os modos destas, e continuam sendo sempre *parvenus*.

Uma vez de posse do dinheiro, toda a aspiração dessa gente se volta para a obtenção de uma comenda ou título, podendo obter ambos em Portugal, contra moeda sonante. Em troca de dinheiro o merceeiro se transforma em barão ou visconde. A seguinte anedota, verídica, é característica. Um desses merceeiros subiu, mediante certa quantia, de barão para visconde. Alguns dias depois um seu empregado deu-lhe um documento qualquer para assinar, e o novo visconde assinou: “Bisconde de E”. O empregado passou a vista pela assinatura e observou: “Com licença de V. Ex<sup>a</sup>, visconde escreve-se com V e não com B.” E o fidalgo respondeu, aborrecido: “Sempre escrevi barão com B e escreverei visconde com B também.” O hábil empregado, para não se indispor com o chefe, respondeu humildemente: “Atualmente é moda escrever-se visconde com V.” Isso deu resultado. Conheço o visconde pessoalmente e posso dizer que sua ortografia corresponde perfeitamente à sua educação.

Se o português ganha bastante no Brasil, regressa em regra à pátria. Esse momento preciso eles alcançam mais depressa que qualquer outro estrangeiro, graças à sua sagacidade e diligência.

Os brasileiros guardam aos portugueses profunda aversão, que já tem dado lugar a graves conflitos. Os brasileiros nutrem esse rancor, particularmente, por enxergarem na sua descendência dos portugueses o travão ao seu completo desenvolvimento como estado e ao mesmo tempo reconhecerem, com justiça, nos portugueses agora residentes no Brasil verdadeiros sugadores da riqueza nacional.

Naturalmente entra em tudo isso em jogo uma boa dose de presunção dos brasileiros.

O brasileiro tem, como já se disse antes, muito boas qualidades, porém também muitos defeitos, dos quais muitos são originados e favorecidos pela sua educação. As crianças crescem quase que exclusivamente sob a guarda de amas negras, e os companheiros de brinquedos de sua infância são os filhos dos escravos. Em companhia desses negrinhos os

jovens brasileiros aprendem tudo o que a raça negra tem de mau e os seus vícios. O moleque de casa, a cuja educação não se presta a menor atenção e cuja inclinação para o roubo e a mentira mesmo os mais rudes castigos mal conseguem moderar, torna-se praticamente o gênio mal dos jovens membros da família. Em nenhum outro sentido ressalta mais vivamente o lado sombrio da escravidão, cujos restos ainda não desapareceram inteiramente no país, que na influência da educação das crianças em comum com os negros. Pode-se ouvir dizer amiúde que a nação brasileira foi educada por negros, o que tem certamente muito de verdade. Famílias que vêem mais longe, e a quem não faltam os meios necessários, mandam por isso educar seus filhos em instituições de ensino no estrangeiro.

Talvez mais adiante volte a tratar de outros detalhes da vida brasileira em família.

Vida extraordinariamente ativa é a reinante, no Rio de Janeiro, no terreno do jornalismo, cujos numerosos órgãos, em diversos idiomas, embora não tendo atingido o auge do desenvolvimento, como na Alemanha, dão em todo caso testemunho do esforço dos eruditos para levantar o nível da vida intelectual do povo. Em todos os hotéis e restaurantes me caíam nas mãos grandes e pequenos órgãos da imprensa, cuja forma exterior assemelha-se à das folhas de Paris, mas é digno de nota que nenhum dos jornais, particularmente no que se refere à política externa, mantém uma opinião firme. Sua opinião sobre os acontecimentos na Europa é tão vacilante que da leitura de um desses jornais não resulta uma grande consideração pelo jornalismo brasileiro.\*

Uma característica da vida intelectual do Brasil são as associações culturais. Existem associações sob os mais variados nomes, que têm por fim, em parte, o fomento das artes e das ciências, e, em parte, proteção e auxílio aos necessitados, e diversos outros.

O público erudito do Brasil, na sua maioria domiciliado no Rio de Janeiro, não é extraordinariamente grande, e poucos são os que se têm distinguido de modo a ultrapassar as fronteiras do país, conquistando prestígio e fama no mundo das ciências. Isso é devido ao fato da

\* Os dois jornais mais antigos e importantes do Rio de Janeiro são o *Jornal do Comércio*, com uma tiragem de 15.000 exemplares, fundado em 1821, e o *Diário do Rio de Janeiro* que apareceu pela primeira vez em 1817.

co bi ça no Bra sil li mi tar-se qua se que ao ter re no da po lí ti ca, e as ciên ci as exa tas serem culti va das mais como ganha-pão. Falta também ainda aos eruditos no Brasil muitos dos acessórios necessários aos seus estudos; as coleções e bibliotecas, de que existem diversas no Rio, são, no que se re fe re à se le ção de li vros, muito modestas.

O que está mais desenvolvido é a literatura, que conta muitos poetas e escritores de nomeada.



.....

## *Capítulo XIII*

### PARTIDA PARA PETRÓPOLIS

O

Rio de Janeiro presta-se mais do que qualquer outro lugar do Brasil para se fazerem observações mais exatas sobre a terra e o povo, mas seria enfadonho para o leitor demorar mais lá, depois de já me ter demorado tanto.

Por diversos motivos tinha resolvido dirigir-me em primeiro lugar para Petrópolis, a colônia alemã perto do Rio, e ao mesmo tempo residência de verão do Imperador.

Às 2 horas da tarde dirigi-me para a ronqueira barca que faz a travessia da baía do Rio de Janeiro para a margem oposta. O pequeno vapor estava muito cheio, de maneira que tive alguma dificuldade em abrir caminho por entre os numerosos passageiros e arranjar um lugar para sentar-me, de onde pudesse gozar a vista da baía com suas ilhas e margens cobertas de opulenta vegetação. A maioria dos passageiros compunha-se de negros, espalhados pitorescamente por entre os sacos e caixões, e também alguns passageiros de quatro pés, muares e cavalos.

Sendo amante de moluscos, despertou minha atenção entre a carga um cesto com muitos pés de altura cheio de ostras, e senti um grande prazer quando um dos tripulantes propôs, mediante pequena

gorjeta, servir-me delas e satisfazer meu apetite à vontade. As ostras, de que comi um par de dúzias sem a menor cerimônia, eram da baía mesmo, cujo seio aninha enorme quantidade desse molusco. Não sabem mal, mas seu sabor não se compara com o das ostras do norte europeu. As diversas ilhas da baía produzem grandes quantidades de ostras que são exportadas para os estados do Prata. Dentre essas ilhas é particularmente digna de menção a das Flores, por haver nela um viveiro para criação de peixes com 1.980 metros de circunferência, no qual o proprietário, o Senador Silveira da Mota, gastou mais de 300 contos.

O pequeno vapor seguia, nesse interregno, lentamente seu caminho, pelo meio da baía, rumando ao norte. Passamos por numerosas ilhas e ilhotas, nas quais aqui e ali uma cabana idilicamente rodeada de laranjeiras e bananeiras convidava a ficar, o que me fez lamentar ter tão depressa de dizer adeus, por esta vez, à linda baía do Rio de Janeiro. Uma ilha um tanto vasta é a do Governador, na qual há importante colônia de laboriosos lavradores e industriais.

O sol dardejou durante toda a viagem seus raios abrasadores sobre nossas cabeças e o teto de madeira no meio do vaporzinho nem sempre proporcionava abrigo suficiente. Não obstante a distância até Porto Mauá ser só de onze milhas marítimas, gastamos uma hora e 3/4 no percurso. Em Mauá já esperava o trem que devia conduzir-me até ao sopé da serra da Estrela, de onde quatro ou cinco diligências, tiradas por duas parelhas, proporcionariam condução até Petrópolis. Esse trem da margem da baía até à Raiz da Serra é a oitava via férrea\* que o Império do Brasil possui, e pertence ao número das mais antigas e melhores empresas deste gênero. A construção foi realizada no ano de 1854 por uma sociedade anônima, a intitulada Companhia Mauá. Não é bem construída, nem seu material rodante corresponde às exigências dos campos modernos. Contudo, dizem que a empresa rende. Como na Bahia, o trem corre aqui em grande velocidade, e em alguns trechos, onde os trilhos assentam em terreno pantanoso, não pude deixar de sentir medo. Por felicidade, uma meia hora depois o trem parou numa pequena colônia, em Inhomirim, de maneira que pude criar ânimo para o resto da viagem. A última estação chama-se Raiz da Serra; aí tomei uma diligência. Esta é

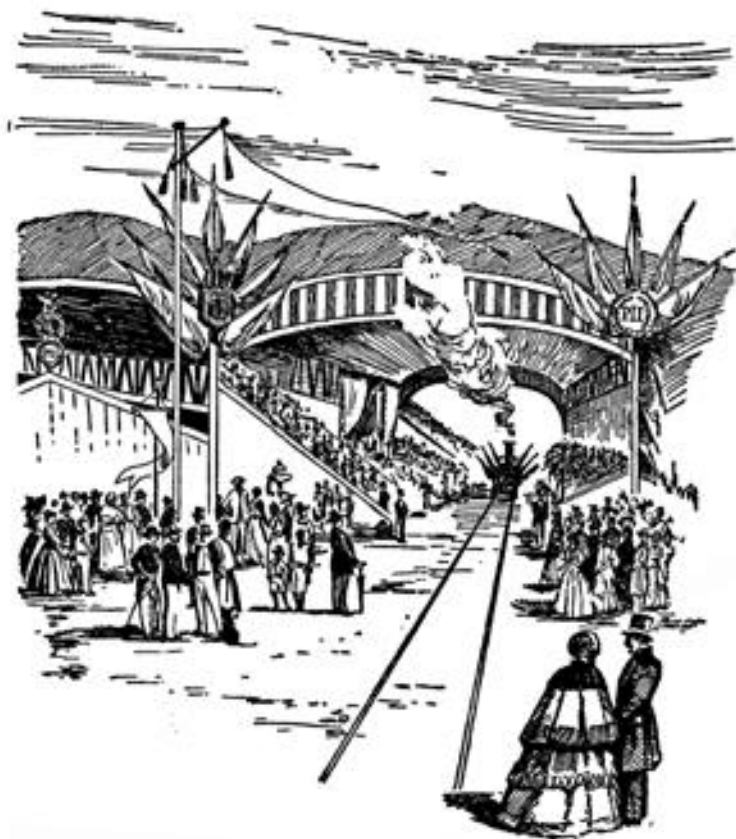
\* Desde aquele tempo, 1869, o número de estradas de ferro no Brasil entregues ao tráfego aumentou de 22, que, porém, só têm terminados os primeiros trechos.

uma espécie de mala-posta explorada por uma companhia, a União e Indústria, a quem se deve também a construção da primeira grande estrada com obras-de-arte na América do Sul, da Raiz da Serra a Petrópolis.

Vai-se relativamente depressa, nas diligências, porque os quatro muares, apesar das grandes subidas, estimulados pelas chicotadas e pelos gritos do cocheiro, trotam todo o tempo. As diligências são construídas pelo sistema americano, mas devido ao excesso de peso, e apesar da excelência da estrada, não estão isentas de virar, o que me disseram já ter acontecido. A estrada sobe em ziguezague em meio de uma paisagem esplêndida e grandiosa, na qual penhascos, ravinas, florestas, quedas-d'água, e uma agreste confusão de flores, plantas, árvores nunca antes vistas em ininterrupta sucessão de cores encantam os olhos. O panorama que se contempla ao chegar ao alto é incomparável; a vista se estende sobre o mar, o Rio de Janeiro, o Corcovado, a Tijuca, as outras partes da serra dos Órgãos, a estrada percorrida e a variedade de perspectivas que o pôr-do-sol oferecia. Da Raiz da Serra até ao alto leva-se cerca de duas horas, inclusive a demora para a mudança dos muares a meio caminho.

Era noite fechada quando, tendo rodado pelas ruas mal iluminadas de Petrópolis, parei diante do Hotel de France. Tinha escolhido este hotel por sabê-lo nas mãos de um alemão e por depositar mais confiança no elemento alemão que no brasileiro, como hospedeiro. Sobretudo por não me terem falado bem dos outros hotéis lá existentes. Pior do que no Hotel de France, porém, não me poderia ter hospedado em parte alguma, e depois de uma noite em que toda a sorte de parasitas tornaram impossível conciliar o sono, tive de fazer as mais amargas censuras ao paciente companheiro de viagem que se juntara a mim até ali, e que as aceitou sem nenhuma objeção. As experiências anteriores, em hotéis na Bahia e no Rio de Janeiro, nada foram, diante dos horrores daquela pousada.

Petrópolis tem de 3.000 a 4.000 habitantes, em grande parte alemães, dos quais muitos já nascidos e criados no país. Entre as colônias alemãs do Brasil, esta pertence ao número das mais antigas, devendo sua existência ao fato de ter a firma dunquerqueuse, encarregada pela companhia construtora da estrada de aliciar trabalhadores, achado vantagem em aliciar, em lugar de 300, 2.300 alemães, para trabalharem no Brasil. Para amparar tanta gente desembarcada inesperadamente sem nenhum recurso, o Imperador mandou-a para o Córrego Seco onde possuía algumas terras



*Inauguração da Estrada de Ferro Mauá, ligando Petrópolis ao Rio de Janeiro, em 1858*

como propriedade particular, e lançou, dando-lhas para cultivar, as bases da colônia, que floresceu tão rapidamente. O clima, a situação propícia das terras, como a fertilidade do solo, muito concorreram para a prosperidade da colônia alemã. E para dar a essa gente trabalho e meios de subsistência nos primeiros tempos, até à colheita das primícias, o Imperador fez construir, nesse mesmo local, conforme plano já anteriormente concebido, um Palácio de Verão. Vem a propósito observar que o Palácio Imperial então construído é de muito gosto, embora simples e sem ostentação. A direção da colônia foi confiada a um certo Major Köhler. Os colonos sofreram necessidades e privações, como acontece sempre em todas as colônias novas, mas não faltou aos que quisessem trabalhar, quase que em momento algum, trabalho e remuneração.

A vila dá a impressão duma grande estação de cura alemã, e como estação de cura e de veraneio é muito procurada pelos habitantes da Capital.

Elogia-se muito o clima fresco de Petrópolis, que depois dos dias abafados do Rio de Janeiro também me surpreendeu muito agradavelmente.

A colonização de Petrópolis é uma das que devem ser assinaladas pelo seu completo êxito e que por isso causa a melhor das impressões. Os nomes das ruas e bairros soam agradavelmente familiares aos ouvidos do viajante alemão. Encontrei lá um Unterrheinthal e um Mittel-und Oberheinthal, um Mosel-und Massauerthal, e outros mais. As condições das ruas laterais, infelizmente, deixam muito a desejar, e nenhuma delas teve algo tão sedutor que me animasse a deixar a principal. A vila, devido à transferência periódica da corte e da aristocracia para lá, já quase perdeu o primitivo caráter de colônia, e se enganaria muito quem quisesse deduzir do seu aspecto o das outras colônias do Brasil. Hotéis, vilas, estabelecimentos comerciais e semelhantes aglomeram-se sempre nesses casos no primeiro plano e nas mais belas situações. A rua principal de Petrópolis é a Rua do Imperador, onde ficava o meu hotel. Além do Palácio Imperial não chamou minha atenção nenhum grande edifício, sendo que o que me pareceu mais interessante foi uma cruz branca que se erguia numa das praças, no local onde foi celebrado ao ar livre, pelos imigrantes, o primeiro serviço divino e o primeiro casamento.



Petrópolis tem cerca de 3.000 habitantes, na sua maioria alemães. Infelizmente, como me asseguraram, não reina grande união entre essa população alemã e particularmente as escolas e a igreja dão motivo a atritos de toda a espécie. A população de Petrópolis, que em grande parte se compõe de artifices, não goza também de boa reputação no que se refere à perfeição do seu trabalho. Recebem-se lá, a maior parte das vezes, trabalhos caros e malfeitos. A agricultura limita-se a poucos produtos alimentícios, porque a lavoura já não merece a mesma atenção que no princípio.

Como no Rio, há aqui também associações e espírito sociável, que visam principalmente a recreação. A pureza do caráter alemão não é tida na devida conta por parte dos nossos compatriotas, em Petrópolis. Censura-se particularmente à jovem geração, e com razão, preferir os costumes e a língua brasileira à alemã e ter idéias mais livres sobre moral. Se essa censura é justificada ou não, não posso decidir.

O Imperador, que passa muito tempo em Petrópolis, não estava lá por ocasião de minha visita, no entanto ouvi falar mais nele lá que no Rio, e pude certificar-me de que os alemães lhe têm uma veneração quase maior que seus próprios súditos brasileiros. Além da vez que o vi na procissão, a que já me referi, tornei a vê-lo mais algumas vezes e em todas elas sua personalidade me impressionou agradavelmente. Von Tschudi, que, como embaixador da Suíça, teve certamente bastante oportunidade de tratar pessoalmente com ele, assim se expressa:

“D. Pedro é alto e forte, louro e usa barba toda, tem a testa alta e um olhar claro e franco. O feitio do rosto e especialmente da boca denunciam incontestavelmente seu parentesco com a família Habsburg-Lothring, de soberanos. Um oficial de marinha, que há alguns anos esteve a bordo do navio de guerra brasileiro *Bahia* em Cherburgo, contou-me que a corveta era freqüentemente visitada aos domingos por parisienses curiosos. Um grande busto do Imperador, no salão, causava sempre surpresa aos visitantes, e muitos davam ingenuamente a conhecer ao oficial a razão de seu espanto: “Mas, meu Deus, nós pensávamos que seu imperador era preto!” A tripulação, de homens de cor, pode muito bem ter levado os parisienses a essa singular crença.

“O Imperador é um homem de incansável atividade e de vida muito metódica. Gosta de exercícios físicos, é bom e ousado cavaleiro, bom esgrimista e bom jogador de bilhar. Seus lazeres da administração do estado, dedica-os principalmente ao estudo das ciências, História, Arqueologia, Matemática e Astronomia, e se ocupa com prazer com o estudo das línguas modernas, das quais fala diversas fluentemente. Afirma-se que D. Pedro, em variedade de conhecimentos científicos e profundo saber, não pode ser comparado com nenhum brasileiro. Como justo preito à alta influência que as instituições científicas de ensino exercem sobre a vida do estado, o monarca lhes dedica atenção toda especial, visita-as amiúde, assiste aos exames dos estudantes com grande interesse e muitas vezes toma o lugar do examinador. Todos os seus atos se caracterizam por serem maduramente refletidos e habilmente executados. Gosta de rigorosa ordem e pontualidade e por isso, nas suas inesperadas visitas a instituições públicas, entra nos mínimos detalhes da administração, e muito funcionário sem consciência já tem tido que arrepender-se de sua negligência, descoberta pelo próprio Imperador.

“D. Pedro II preside com a maior regularidade as reuniões do Ministério, que costumam começar às 7 horas da noite, e muitas vezes o monarca deixa seus conselheiros às primeiras horas da madrugada. Trata detalhadamente com eles de todos os casos, examinando-os por todos os lados; os mais importantes guarda em seu poder para sobre eles refletir maduramente, até à próxima reunião, e então manifestar sua opinião.

“Há um partido no Brasil que censura o Imperador por se ocupar muito pouco com os negócios do estado, enquanto outro, ao contrário, manifesta abertamente o receio de que se ocupe demais, acusando-o de tendências absolutistas. O juízo de ambos é certamente errôneo, porque se há um monarca consciente da importância de sua alta posição, é D. Pedro II. É o mais fiel e consciencioso guarda da Constituição e se os que o rodeiam já tiveram muitas vezes idéias anti-constitucionais e mais duma vez deram lugar a críticas ao Imperador, têm elas encontrado nele o mais decidido e honrado oponente.

“D. Pedro II não é monarca fardado, não tem nenhum gosto pela exibição da gala militar, paradas, custosas alterações de uniformes.

Não tinha ainda tido oportunidade de dar provas de seu talento como general, mas no ano de 1863, por ocasião do conflito anglo-brasileiro\*, e em 1865, por ocasião da guerra com o Paraguai, deu provas de que no momento em que se tornava necessário defender o direito do seu povo contra o inimigo externo, voltava toda sua energia para as forças de mar e terra do país, e com incansável constância se ocupava pessoalmente dos menores detalhes militares. Na hora do perigo o Imperador saberá dar, com sua coragem pessoal, brilhante exemplo ao seu povo.

“A lista civil do Imperador está fixada em 800.000 mil-réis (pouco acima de um milhão de marcos) e é certamente uma das mais baixas de qualquer monarca. D. Pedro II se negou sempre a pedir às Câmaras um aumento, que certamente lhe teria sido concedido, só para não sobrecarregar o orçamento com a sua pessoa.

“Com seu natural caritativo, e os infundos apelos à sua bolsa particular, é fácil ver que a Corte não se pode manter com pompa e é por isso mantida com muita modéstia. Ouvem-se de certos lados observações zombeteiras sobre a falta de festas, jantares de gala e bailes na Corte brasileira, bem como sobre se mostrar o Imperador muito retraído noutros sentidos. D. Pedro II parece entretanto trilhar assim o bom caminho, não querendo cercar-se de ostentação à custa da nação, nem gastar em festas dispendiosas e banquetes suas rendas, que sabe empregar de maneira muito mais proveitosa.”

Assim retrata von Tschudi D. Pedro II.

Baseado nas minhas próprias observações só posso confirmar essa opinião, e particularmente o que o embaixador suíço diz sobre o espírito econômico do monarca não é absolutamente exagerado. D. Pedro II tem dado provas irrefutáveis de que tem em muito maior conta o bem da nação que o luxo de que se poderia cercar à custa de seus súditos. Assim é que, durante a guerra do Paraguai, quando os recursos financeiros do Brasil pareciam se esgotar, desistiu voluntariamente de um quinto de sua lista civil em favor do Tesouro do Estado, como de soma

\* A prisão de três oficiais ingleses deu lugar a um conflito com a Inglaterra. O apresamento de cinco navios mercantes brasileiros pelo Almirante Warren determinou o rompimento das relações entre as potências. O conflito foi resolvido por via diplomática, sem que o Brasil tivesse cedido diante da arrogância da Inglaterra.

igual da lista civil de sua consorte. É preciso observar que o Imperador quase não tem fortuna particular. Recusou também sempre a ajuda de custo dada pelo estado para suas viagens dentro e fora do país. Naturalmente nessas ocasiões viaja com a máxima economia e não é, por isso, de admirar que na sua viagem pela Alemanha evitasse o quanto possível toda despesa desnecessária. A simplicidade do Imperador corre parilha com a sua economia. Na sua visita a Munique, há alguns anos, é sabido que preferiu ser acompanhado na capital bávara por um simples empregado, a pé, e levando a maleta na mão, e procurar um hotel, a seguir para o palácio na carruagem da corte, que o esperava na estação.

A última viagem do Imperador à Europa, tornando conhecidos muitos pequenos fatos, concorreu para divulgar ainda mais sua simplicidade, seu temperamento infenso a exterioridades, e o piedoso respeito pelos costumes estrangeiros. Assim foi que assistiu, durante sua permanência em Heidelberg, às preleções dos mais célebres professores, sem que os estudantes tivessem tido antecipadamente conhecimento de sua presença no auditório. Era costume a entrada dos professores mais acatados ser recebida com o bater geral de pés, como uma espécie de homenagem. Os professores que sabiam desse costume dos seus ouvintes conferenciaram sobre o que se devia fazer para evitar essa manifestação e acabaram resolvendo deixar as coisas correr como de costume. D. Pedro, porém, quando se ergueu a singular tempestade de aplausos, não se incomodou em absoluto, antes bateu com os pés com o mesmo entusiasmo dos demais ouvintes.

O timbre extraordinariamente alto de sua voz parece estranho, quase se podendo qualificar de desnatural. O Imperador está ainda no vigor da idade e é de esperar que fique ainda por décadas à testa da nação. Para o Brasil isso deve ser considerado uma felicidade, porque D. Pedro sabe como nenhum outro príncipe harmonizar até certo ponto os partidos que se hostilizam reciprocamente.

Por muito pouco formalista que pareça e por mais simples que se mostre nas suas visitas às províncias, tem-se mantido de modo notável o rigoroso cerimonial na corte brasileira desde o reinado de D. João VI. Os convidados que aparecem na Corte têm sempre que beijar a mão da família imperial e esse beija-mão representa grande papel nas recepções oficiais.

Da Imperatriz D. Teresa Cristina Maria, filha do falecido rei Francisco I, das Duas Sicílias, pouco se ouve falar, e muito raramente se tem oportunidade de vê-la nas solenidades públicas, porquanto passa a maior parte do tempo no Palácio de São Cristóvão, de construção muito simples e um pouco afastado. Como seu esposo, vive também com muita simplicidade e, mesmo na mesa imperial, raramente figura uma ou outra iguaria mais fina. Vinhos finos não figuram no comum das suas refeições e D. Pedro só bebe água.

O genro do Imperador, D. Luís, Conde d'Eu, esposo da Princesa Imperial D. Isabel, que tem ao mesmo tempo o título de marechal brasileiro, é mais gozador.

Sobre o Palácio Imperial flutuava num mastro enorme, embora o Imperador não estivesse em Petrópolis e sim sua família, a bandeira brasileira. Eu só a tinha podido ver até então em exemplares muito desbotados nos navios ancorados no Rio e uma vez de relance numa festa de igreja. Ali, porém, tive oportunidade de examinar com vagar o original símbolo do estado, e meu amável hospedeiro, que encontrei por acaso no caminho, explicou-me e de boa vontade a um tanto mística combinação do escudo de armas brasileiro. Este se compõe de uma esfera de ouro em campo verde, partida em quatro partes iguais pela cruz da Ordem de Cristo, cercada por uma cinta azul com dezenove estrelas de prata simbolizando as províncias existentes ao tempo (1822) da declaração de independência (destas a estrela da Cisplatina, a atual República do Uruguai se apagou em 1828, entrando em seu lugar, no começo do ano de 1850, duas novas províncias, as do Amazonas e Paraná, mantendo-se porém o mesmo número de estrelas no escudo). Este é encimado por uma coroa e em lugar de suporte tem rodeando-o, ligados embaixo por um laço, um ramo de cafeeiro e outro de tabaco, simbolizando a riqueza nacional. Todo o brasão dá a impressão de algo extremamente incomum a extra-europeu, mas que dificilmente pode ter pretensões a um conjunto artístico. As cores da bandeira também foram escolhidas com tanta infelicidade, que mesmo num clima menos quente não tardariam a perder o brilho.

A Ordem de Cristo, a que acima me referi, é a mais alta das seis existentes no Brasil, a Ordem de São Bento de Avis, a Ordem de São Jacó da Espada, a Ordem do Cruzeiro do Sul, a Ordem de D. Pedro I

e a da Rosa. Todas essas distinções são liberalmente distribuídas e a Ordem da Rosa é conferida quase com tanta liberalidade quanto a roseta da Legião de Honra, na França. Mas é preciso observar que a atribuição da Ordem limita-se ao diploma; o feliz agraciado deve adquirir a insígnia à sua custa, cabendo-lhe a escolha do metal, tão parco se é no Brasil com os títulos de nobreza. Estes são considerados como uma distinção extraordinária e têm tanto mais valor por não serem hereditários, como entre nós. Por isso, quando chegam ao Brasil estrangeiros nobres cuja juventude faz os brasileiros duvidarem de que tenham feito jus a essa distinção, são recebidos com reserva, têm que se conformar com serem tidos pelos brasileiros como embusteiros.

Por muito incômoda que me dissessem ser a viagem mais para o interior, uma vez em Petrópolis eu não queria perder a oportunidade de prolongá-la pelo menos até Ouro Preto, capital da Província de Minas Gerais, que, de conformidade com a noção brasileira de distância, não ficava muito longe, devendo distar apenas trinta milhas alemãs. O que mais lamentava era ter de ficar dali por diante privado da companhia do meu amável companheiro de viagem, que preferiu voltar para o Rio de Janeiro, para de lá seguir no primeiro vapor para os estados do Prata. Os recursos de que eu dispunha eram infelizmente modestos, de maneira que não podia comprar, como, aliás, é costume para essas viagens, muitos animais de carga e de sela, e tive de me contentar com um só animal de sela para mim. Tive, porém, a sorte de encontrar um mascate alsaciano que seguia o mesmo caminho que eu, a quem me juntei. Minha bagagem principal ficara no Rio, de onde devia ser remetida diretamente para uma casa comercial alemã em Santos, término de minha viagem. O pouco que levava comigo era alguma roupa de baixo, um costume leve de verão, um par de chinelos e um revólver com a respectiva munição. Para complemento do necessário comprei mais, em Petrópolis, um poncho escuro de lã, um par de botas enormes e duas bolsas para afivelar na sela. Esporas chilenas, rebenque e demais coisas miúdas já tinha comprado no Rio, de maneira que podia agora montar meu corcel como um perfeito brasileiro. Do arreio do meu cavalo, que obtive dum alemão por preço relativamente baixo, encarregou-se o alsaciano, que tomou a si, desde o começo, com amistosa solicitude, prover-me do de que eu precisasse. *Herr Maier*, assim se chamava meu novo compa-

nheiro de viagem, era da alegre cidadezinha de Schletastadt, na Alta Alsácia, e viera cedo para o Brasil, por ter certa aversão, que não podia dominar, ao serviço militar francês e ter sido sorteado, por capricho do destino. Os poucos francos que lhe sobraram da passagem empregara com espírito especulativo em diversos artigos; tinha sido feliz no seu pequeno negócio, e, já tendo acumulado um pequeno capital, estava em condições de fazer negócios mais lucrativos na província. Um feliz acaso tinha-o também encaminhado para a casa de compatriotas abastados, que auxiliaram o mais possível o correligionário israelita. *Herr Maier* vendia para eles jóias francesas, falsas e verdadeiras, que levava em duas grandes bolsas no lombo de mueres de carga que o acompanhavam. O ativo negociante havia um par de décadas que percorria assim as províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo, tendo adquirido bom conhecimento, para mim invejável, da terra e do povo.

Maier estava também equipado como eu, e apresentou-me na manhã fixada para a partida o chamado peão (criado), que, melhor conhecedor dos caminhos do que o meu companheiro, e senhor de tudo o que esses homens tão úteis nas viagens pelo Brasil precisam saber, devia tomar a direção de nossa pequena caravana. Era moço, sua aparência não inspirava muita confiança e sua fisionomia de galgo a princípio preocupou-me um pouco. No decorrer da viagem, porém, fiquei tendo João – este era o seu nome – na conta de verdadeira jóia, como criado, e estimando-o como tal. João tinha mais sangue negro, nas veias, do que branco; teria, porém, ficado altamente indignado se alguém dissesse isso diante dele, e não se orgulhava menos de ser afilhado dum respeitável tenente-coronel.

Antes do sol ter derramado seus raios abrasadores por cima da montanha e pelas campinhas já nós trotávamos pela chamada estrada de Minas, para o interior. Nas primeiras duas horas não senti nenhum tédio, porque Maier não se cansava de contar suas inúmeras aventuras, que se fossem todas verdadeiras dariam material a um *Garstärker* ou Cooper, de romances e aventuras de viagem, para dez anos. De todas as patranhas que Maier contou para me entreter, houve uma, especialmente, que conservei de memória, que não me posso furtar a reproduzir aqui, e que serve de prova da riqueza de imaginação do meu honrado compatriota. “Uma vez”, assim começava sua história, “cheguei numa de mi-

nhas viagens à casa dum rico fazendeiro, perto de Santana, muito para trás da serra da Canastra, e depois de ter desarreado minhas mulas e resolvido aceitar o convite do brasileiro para pernoitar em sua casa, deu-me vontade, antes de deitar-me, de passar uma vista pela propriedade. Estava mesmo atrás da casa, entre as numerosas laranjeiras e prestes a levar à boca uma laranja de umbigo (espécie particularmente saborosa), quando de repente caí num poço fundo, cavado de novo, que não vira por ter entrementes anoitecido, e por estar coberto de ramos. O susto foi muito grande no primeiro momento, mas não perdi a presença de espírito e, enquanto procurava em vão tomar pé, gritei o mais alto que podia, pedindo socorro. Devia ter-se passado um quarto de hora quando, por fim, ouvindo vozes por cima de minha cabeça, me certifiquei de que o socorro estava perto. Os negros, porém, patifes e ladrões, que me falavam, não tinham a menor intenção de me socorrer. Queriam primeiro saber quanto eu lhes daria para me salvarem. Discutimos e regateamos por cinco minutos, até que os tratantes se contentaram com 20 mil-réis e me içaram para fora do buraco por meio duma corda.” João sabia também histórias como essa, que, embora não me servissem para outra coisa, serviram para aperfeiçoar meus conhecimentos de português.

Nosso caminho era pantanoso e o pior possível, contudo eu deixava passar tudo isso de boa vontade diante da magnífica paisagem que nos rodeava. A princípio a estrada ainda era tolerável, mas quanto mais nos distanciávamos de Petrópolis tanto pior ficava. Só muito penosamente era que os animais conseguiam avançar, e quando já era quase meio-dia ainda estávamos longe do destino que tínhamos projetado para o primeiro dia. Passamos a pequena aldeia de São José do Sumidouro; outra povoação, Olaria, também tinha ficado, algumas horas antes, para um lado, e foi aí que fizemos alto pela primeira vez depois de muitas horas a cavalo. Lembrei-me de que von Tschudi, que tinha, como eu, feito uma viagem de Petrópolis para Ouro Preto pelo interior de Minas Gerais, quis também pernoitar nesse lugar, mas fora inospitaleiramente despachado pelo francês que ali dava pousada aos viajantes. Fomos mais felizes em São José do Sumidouro, situado numa zona coberta de matas, o que devemos ao conhecimento de Maier com a metade da população. Fomos recebidos com a melhor boa vontade numa venda, onde pedimos agasalho, tendo-nos sido oferecida a casa por todo o tempo que quisés-



semos. Resolvemos descansar algumas horas aí, até que o grande calor do meio-dia abrandasse um pouco. Na continuação da viagem procurei manter essa tão conveniente interrupção, ao meio-dia, da etapa diária, sempre que era possível, aproveitando em regra esse intervalo para descansar e dormir. Mas aproveitei, dessa vez, a oportunidade, para examinar com vagar uma mercearia brasileira. As vendas são uma peculiaridade do Brasil e apresentam em seu interior tão grande variedade de coisas, que daria menos trabalho enumerar os artigos que por acaso nelas faltam, do que tudo o que se acha exposto, à venda, na mais variada confusão. O acaso reuniu ali os artigos de primeira necessidade, como os de luxo de toda espécie, no mesmo lugar. Essa singular mistura de artigos à venda pode originar-se do fato de ser hábito do brasileiro fazer de preferência todas as suas compras a um só vendedor. Assim é que, se um comprador entra numa loja para comprar um par de esporas de prata, e não encontra o que procura, embora podendo fazer no local todas as outras compras de que precisa, deixa-o, para procurar outra loja onde possa fazer todas as compras sem exceção. Nessas condições, não resta ao negociante outro caminho senão negociar com tudo o que possa ser procurado. Só nas localidades mais longínquas é que o sortimento das vendas se limita aos produtos da terra, materiais para seleiros, feragens, sapatos e tamancos, aguardente, cerveja inglesa, e as raramente em falta sardinhas em lata. A venda de Sumidouro pertencia ao número das de pequeno sortimento, de maneira que terminei rapidamente minha inspeção.

Conquanto levássemos alguns mantimentos nos alforjes das mulas do mascate, para o caso de sermos obrigados a acampar ao ar livre, achei conveniente satisfazermos o nosso desejo de refrescarmo-nos um pouco, pedindo algumas latas de sardinha e uma garrafa de cerveja, cujo conteúdo, com pouco consolo para mim, tinha pelo menos 15 graus de calor. As sardinhas, também, como se verificou depois de abertas as latas, não estavam muito apetitosas, porque o azeite havia já muitos meses ficara rançoso. Pela primeira vez senti amargamente a falta de pão, que nem mesmo nas maiores cidades do Brasil se pode obter sempre, e que na melhor das hipóteses é substituído pela farinha, que desde o princípio ao fim de minha permanência nesse país sempre detestei. A alegria da refeição não foi muita, por isso, para mim. Nós mesmo levávamos

como mantimentos um pouco de tocinho, feijão-preto, farinha, sal e pimenta. Um *menu* com que os nossos estômagos tinham que se contentar nas três refeições.

São José do Sumidouro fica à margem do rio Piabanha, que aí cavou, perto da povoação, um caminho sobre as rochas, enchendo de vez em quando grandes buracos, como caldeirões, e correndo caudaloso entre as margens escarpadas cobertas de matas. As espécies de pedras que se encontram aí são gnaisses, granito, quartzo e feldspato. É uma povoação sem importância, que só tem poucas casas, pelo aspecto exterior, mediocrementemente confortáveis, e cuja população cifra-se a um algarismo que quase não vale a pena mencionar. Não obstante, o chefe da nossa caravana fez negócios bem razoáveis e mostrava-se muito contente, quando prosseguimos a viagem, com a parada na venda.

A região, por onde passávamos então, abundava em plantações de café, milho e mandioca, e a intervalos dava a impressão de serem suas terras abençoadas. Seguiam-se porém, logo por muitas horas, grandes extensões áridas, nas quais só cresciam pequenas capoeiras enfezadas por entre troncos cortados e meio carbonizados, indicando que a mão do homem por ali passara. Depois do São José do Sumidouro passamos por Boavista da Pampulha, que pareceu-nos um oásis no deserto, mas que deixamos para trás, sem parar.

A estrada nas proximidades dum espinhaço de montanha, Alto do Pegato, onde tínhamos novamente deixado a margem do Piabanha, tornou-se muito pedregosa e difícil. Por diversas vezes devi à cautela de meu companheiro de viagem (meu forte e ligeiro cavalo) não ter tropeçado num ou noutro obstáculo, caindo comigo.

Não éramos, aliás, os únicos viajantes na estrada, por onde íamos; encontramos pelo menos duas ou três vezes algumas das já descritas tropas, com cujos guias nosso João entrava sempre em acalorada troca de palavras, exigindo dos tropeiros que nos cedessem a passagem nos piores lugares. Os guias faziam sempre a justa objeção de que, sendo nós os menos numerosos, éramos os que devíamos ceder a passagem, nos lugares mais difíceis. Geralmente a discussão não terminava sem alguns empurrões e encontrões propositais, dos muares carregados de sacas de algodão, nos nossos animais. A conseqüência disso era uma

torrente de pragas e desaforos portugueses saindo da boca de João, tão grande como nunca mais ouvi depois.

A maior parte do tempo nosso caminho seguia por planícies sem sombra alguma, e quando o sol ficava mais quente a conversa cessava e um seguia o outro, apático, com os olhos fitos no caminho. Considerava-se pronunciar uma palavra ou uma frase um esforço incômodo e inútil.

Novidade interessante para mim foram os grandes cafezais da Fazenda Almeida, engenho do secretário Fagundes Pampulha,\* que em alguns lugares cobrem as colinas em volta e cujo verde escuro se destaca vivamente dos milharais, ao lado, ou dos campos, de permeio. Fora os seres humanos com seus animais de carga a que acima nos referimos, foi, nos primeiros dias, muito escassa a vida que observamos na natureza, e sem os inúmeros e minúsculos insetos que enxameavam sem descanso em volta de nós e dos nossos animais, atormentando-nos com as suas ferroadas, e os uivos dos macacos uivadores, ter-se-ia crido a natureza, ali, deserta e morta. Só quando a estrada atravessava alguma capoeira é que voavam alguns pássaros das moitas, ou uma lagartixa atravessava veloz o caminho, assustada pelo tropel dos cavalos que se aproximavam.

Mais do que por meio das narrativas escritas sobre a terra e o povo, pode-se formar, com estas viagens, uma idéia da escassa população do Brasil e do mesquinho início de sua cultura. Muitas vezes tínhamos de cavalgar por muitas milhas antes de encontrar uma pequena casa, as mais das vezes uma venda isolada, ou uma povoação de mestiços de ínfima classe, dando impressão de decadência e cujo meio de vida e ocupação me parecia um enigma. É digno de nota que a falta de segurança nas estradas, não obstante as condições primitivas reinantes, é em geral diminuta, e os viajantes no Brasil correm menos perigo, mesmo nas regiões mais desertas, de ser atacados por ladrões, do que em muitos dos nossos estados europeus protegidos por leis e guardas de segurança. Eu podia muito bem dispensar qualquer arma, se meu revólver não servisse também para defender-me do ataque de algum animal. E assim foi que, no dia seguinte, nas proximidades do rio Paraibuna, correu para

\* No original, à página 329, está: “segretario fegundespampulha” com minúsculas, o que suponho ter sido lapso, devendo tratar-se de nome próprio ou apelido. (N. do T.)

nós, de longe, um animal que, pelo aspecto sinistro, despertou nossas suspeitas. Era um cachorro aparentemente hidrófobo, de dentes arreganhados, olhos torvos e cauda entre as pernas, que nos tomava o caminho. Pedi aos companheiros de viagem para se afastarem para a margem da estrada e fazerem alto, enquanto eu saltava do cavalo atirava as rédeas ao peão, preparava-me para atirar, avançava para o cachorro e procurava com pontaria certa tirar a vida do perigoso animal. Embora estivesse treinado no tiro de revólver, não acertei no lugar exato, a bala desviou-se para um lado penetrando nos quartos do animal, que ficou sentado com a parte traseira paralisada, triste quadro de importância diante de mim. Só depois do segundo tiro foi que morreu, e prosseguimos nosso caminho. Cachorros hidrófobos não pertencem, naturalmente, ao rol das coisas raras, e por isso a polícia nas cidades persegue rigorosamente os cães sem dono. Não se dá, porém, ao trabalho de apanhá-los e matá-los; as pessoas incumbidas desse serviço atiram aos pobres quadrúpedes bolas de comida envenenada, que mais tarde ou mais cedo lhes tira a vida.

Fizemos curta parada em Ribeirão da Laje, onde fomos novamente recebidos numa venda. Pernoitamos numa hospedaria onde ficamos muito bem acomodados. Quando digo bem acomodados deve-se entender que o número de parasitas, que nunca faltam numa casa no Brasil, era relativamente pequeno. Mas o repouso noturno nunca deixa de ser perturbado pelos ratos, baratas, mosquitos e bichos semelhantes. Aos quartos cheios de correntes de ar, mal caiados, desleixados, destinados à pousada, falta toda comodidade. As más pousadas são, aliás, motivo de queixa geral de todos os viajantes, no Brasil. Um deles assim divide as hospedarias do país: as em que se come e se bebe, em que se encontram camas e um quarto fechado, a que chama boas, ou muito boas, conforme o grau de asseio; as em que se encontra o que comer mas não camas ou quartos; outras em que não se encontra nem quarto nem cama, nem comida e só o que beber, e a estas chama suportáveis, ou também ruins; há ainda uma espécie onde não se encontra nada disso e tem-se que se contentar só com um telhado, de lados abertos, que chama muito ruins. As contas com que se é surpreendido por ocasião da partida são, em regra, calculadas sumariamente por uma diária, e tão elevadas que pelo mesmo dinheiro se poderia demorar e

viver confortavelmente cinco vezes mais dias num dos primeiros hotéis da Europa. Isso me faz lembrar a história interessante que me foi contada a bordo, por um comerciante que viajara muito pelo Brasil. Quando, depois de uma noite em claro causada por legiões de percevejos, lhe apresentaram na manhã seguinte uma conta exageradamente elevada, não pôde deixar de queixar-se, irritado, dos perturbadores do sossego noturno, à hospedeira, que lhe respondeu lamentando-se de já ter empregado todos os meios para se ver livre dessa praga, que voltava sempre. “Vou ensinar-lhe um meio seguro”, disse-lhe o hóspede explorado, “apresente aos percevejos uma conta igual à que me apresentou, e nunca mais voltarão.”

Ribeirão fica no fim dum vale rodeado de montanhas altas e maciças, através do qual serpeia um riozinho, que tivemos de atravessar várias vezes antes de chegar à localidade, o que me fez estranhar a falta de pontes. Tanto mais surpreendido fiquei, por isso, vendo depois a bela ponte, nova, sobre as águas claras do largo Paraíba, que pouco antes recebia as águas do já mencionado Paraibuna. Esse rio tem uma extensão extraordinária (130 a 140 léguas), não tendo, porém, grande importância como via fluvial, porque seu curso superior, até São Fidélis, que fica a 15 léguas da embocadura, é interrompido por muitos rápidos e rochas.

Na margem do Paraíba, que alcançamos depois de um par de dias de terríveis rodeios pelas fazendas de Manuel José e de Lucas, as matas tomaram aspecto mais viçoso e o reino vegetal pareceu-me ser mais rico. As florestas nas encostas das montanhas mostravam folhagem mais variada e os soberbos tons do sumarento verde das palmeiras davam ao quadro, que se desenrolava diante de meus olhos, um aspecto mais tropical. A exuberância e a fertilidade da província do Rio de Janeiro, onde ainda nos achávamos, é geralmente conhecida, e é dificilmente superada por outras províncias do Império. Muito especialmente na zona que acabamos de descrever, e da mesma forma como nas províncias do sul o milho, o feijão-preto e a mandioca, e nas do norte, Bahia e Pernambuco, o tabaco, constituem os principais produtos; a riqueza da Província do Rio de Janeiro é constituída quase que pelas extensas plantações de café. A maior parte de todo o café que o Brasil produz é da Província do Rio de Janeiro.

Na vila de Paraíba não nos demoramos muito, mas tivemos tempo bastante para examinar de perto a ponte, cuja construção dizem ter engolido grandes somas. Se tivessem empregado metade da soma empregada em sua construção na de uma boa estrada de Petrópolis a Paraíba, ou pelo menos em melhorar a existente, na minha opinião ter-se-ia lucrado muito mais que com o excesso de luxo na construção dessa soberba ponte, que descansa sobre seis pilares de pedra, belos blocos de granito lavrado, ligados uns aos outros por um lastro de ferro. A construção deste, cujos intervalos são cheios de pedras miúdas, foi executada por um sistema americano e contratada por um dos maiores financeiros do Brasil, o Barão de Mauá. Mais de 6.000 quintais de ferro importado da Inglaterra foram aplicados nela, que devido à falta de dinheiro e de operários levou mais de 20 anos para ficar inteiramente pronta e ser entregue ao tráfego. O custo total da construção deve ter excedido 1.200.000 marcos. As grades de ferro fundido que a guarnecem são particularmente delicadas e bonitas.

Ao tempo em que a travessia do rio era feita em barcos, a casa situada na margem servia de abrigo à guarda incumbida de controlar a passagem e evitar o tráfego de contrabandistas. De vez em quando o pequeno destacamento militar empreendia também batidas nos arredores, e, a acreditar no que dizem, a revista dos viajantes para ver se traziam diamantes era feita com muito rigor. Pessoas suspeitas eram muitas vezes seguidas por muitos dias, caíam sobre elas no meio da estrada, faziam-nas descarregar tudo o que levavam, abriam todas as caixas, cortavam as selas e abriam até em duas as solas dos sapatos. Apesar disso passava-se muito contrabando. Um carreiro, entre outros, burlou o fiscal passando o ouro em pó em pequenos sacos escondidos nas pontas frocadas das caudas dos seus bois. A pena para os contrabandistas de ouro e diamante não era leve, o confisco de todos os bens e o degredo por dez anos para Angola, na África, era a mais suave.

Paraíba é uma povoação de apenas umas 30 casas, das quais a metade são vendas e os chamados hotéis, cujos exteriores, mais do que suspeitos, não convidam a entrar. Não obstante o movimento na ponte parecer particularmente grande, a população, composta na sua maior parte de negros, olhava-nos com tanta curiosidade como se há muitos anos não tivesse visto uma cara de estrangeiro. A princípio julguei ter

qualquer coisa de esquisito em mim, que despertava em tão alto grau a curiosidade daquela gente, mas depois descobri que a curiosidade, e um espanto infantil diante do mais comezinho espetáculo na rua, é uma das peculiaridades do brasileiro. Olhar pelas janelas, nas cidades, faz, por isso, parte essencial dos costumes. Acontece mesmo, depois de longa permanência no Brasil, adquirir-se esse mau hábito, e ficar-se horas sem fim imitando essa espécie de distração.

A travessia pela ponte foi-nos permitida mediante a pequena quantia de 500 réis (cerca de um marco) e eu abençoei em silêncio o construtor que nos poupou pelo menos a trabalhosa travessia daquele rio caudaloso.

Uma nuvenzinha no horizonte tinha-se, nesse ínterim, transformado em nuvem tempestuosa, ameaçadora, sobre nossas cabeças, e de repente se desencadeou um temporal como eu nunca tinha visto durante minha permanência no solo sul-americano. A chuva caía torrencialmente sobre nós, que em vão olhávamos para todos os lados procurando um abrigo contra aquele batismo forjado. Os ponchos que tínhamos posto sobre os ombros aos primeiros sinais do aguaceiro ficaram logo tão encharcados que pesavam tanto quanto um quintal e a sensação de mal-estar aumentou consideravelmente. Não se avistava um teto em parte alguma e mal ou bem tínhamos de prosseguir em nosso caminho a despeito de toda a violência do temporal. O nosso João não se alterava, e com um ar de inteira satisfação fumava um cigarro de palha após outro, sorrindo maliciosamente quando eu dava expansão ao meu mau-humor.

No pequeno rio Paraibuna, a cujas margens rochosas chegamos por um caminho horrível e pouco interessante, alcançamos a fronteira da Província do Rio de Janeiro com a de Minas Gerais. Farinha e Paiol foram as únicas fazendas que encontramos desde que saíramos de Paraíba. Farinha fica no meio da mata espessa, num vale úmido, que em Paiol se aprofunda sinistramente. Uma Alfândega de fronteira na margem do lado de cá, onde dantes se cobrava peagem para a passagem de uma ponte de madeira, induziu-nos a fazer uma pequena parada. A travessia do rio não oferecia nada de extraordinário. Nas proximidades do Paraibuna, porém, havia dois edifícios em ruínas, como na margem do Paraíba, restos de outros tempos quando o ouro e os diamantes eram

tudo o que levava os europeus a viajarem pelo interior do Brasil; Minas Gerais, particularmente, pertencia às regiões que encerravam no seu seio as maiores riquezas em pedras e metais preciosos. E por isso nas fronteiras dessa província se erigiram diversos postos alfandegários para rigorosa fiscalização das estradas por parte do estado, para que não escapassem os tributos que pesavam sobre o ouro e diamantes.

Nossos animais estando muito cansados, devido à marcha fatigante por caminhos encharcados, resolvemos solicitar, mais adiante, a hospitalidade do proprietário da fazenda Cafezal. Por ordem de Maier, nosso peão avançou assim que chegou a uns cem passos de distância da cerca, parou o cavalo e bateu palmas. Por muito tempo não apareceu ninguém diante da casa da fazenda, que parecia deserta. Duas grandes palmeiras esguias, que por trás de uma cerca de pranchas toscas excediam a altura da casa térrea, estendiam as grandes e longas folhas, pendentes devido à muita chuva, por cima do telhado, completando assim melancolicamente o quadro de completa solidão. Nem sequer se ouvia o latir de um cachorro e pareceu-nos duvidoso que pudéssemos obter ali agasalho para a noite. Avistamos ao longe alguns animais pastando e essa era a única demonstração de vida. Como eu perguntasse por que João não se aproximava mais, Maier explicou-me que isso era contrário aos usos brasileiros. Nenhum estranho ousava penetrar na propriedade de um brasileiro sem a licença deste, e se o fizesse o proprietário tinha o direito de atirar e matar o intruso. Ao bater de palmas devia seguir-se a solicitação e esperar a licença para entrar. Isso era um costume sagrado, tanto nas cidades como no campo. João gritou todo o tempo, batendo palmas com as mãos escuras: “Licença!” Isso durou quase um quarto de hora, até que apareceu no umbral da entrada um homem que, dizendo “Chega!” nos fez sinal para nos aproximarmos. Maier, como o seu criado, formularam o pedido para pernoitarmos sob o teto agasalhador da fazenda, o que nos foi logo permitido. O dono da casa não estava presente, tendo ido a negócio à vizinha povoação de Paraibuna. Isso me foi agradável, por me ver, assim, livre da conversa em português, e ter tempo para descansar. A longa viagem a cavalo na sela brasileira, a que não estava habituado, me tinha fatigado muito e no momento teria dado tudo para poder continuar a viagem numa sela inglesa. Mais tarde acostumei-me mais com a sela usada no país (lombilho), mas não podia li-



vrar-me da idéia de que com ela o cavalo era sobremodo sobrecarregado, porquanto seu uso implica primeiro num cobertor de lã sobre o lombo do cavalo, seguido de uma capa de couro e depois de um teliz fino de algodão com bonitos desenhos, dobrado oito vezes. Uma manta de couro delicadamente estampada completa esse revestimento sobre o qual se aperta finalmente a sela, semelhante à sela húngara. O todo mantém-se firme por meio de uma larga cinta de couro, cuja parte de baixo é de tiras finas de couro cru, tendo na extremidade mais grossa uma forte argola de ferro, e na outra, uma menor, a que é presa uma forte tira de couro cru, para cingir a sela. O laço tem também seu lugar na argola grande. Com tudo isso, porém, o cavalo ainda não está selado. Por cima da sela põe-se ainda uma pequena manta de couro e por cima desta, para comodidade do cavaleiro, vai ainda uma pele de carneiro, que por sua vez é fixada por meio de um cinto de couro finamente estampado. Os estribos são muito pequenos, a cabeçada compõe-se das correias que sustentam a serrilha e as rédeas da cabeçada, a brida de uma argola de ferro que substitui a barbeia e na qual está presa uma peça móvel de ferro a que estão seguras as cambas do freio, em que se afivelam as rédeas da brida. Devido a esse enorme excesso de peso é que eu notava diariamente o alívio que os animais pareciam sentir no pouco tempo em que se viam livres da pesada sobrecarga.

O homem que nos admitira era o capataz, uma espécie de administrador, de cor escura. Estava quase só em casa, porque os numerosos trabalhadores ainda não tinham voltado das plantações. O interior da sala era de extraordinária simplicidade e despido de qualquer ornamento; tinha apenas os móveis necessários para satisfação das mais modestas exigências, mas o capataz apregoava a riqueza do amo, que era também portador de diversos títulos honoríficos.

No dia seguinte prosseguimos viagem para Paraibuna, sem que durante nossa permanência na Cafezal tivéssemos visto qualquer outra pessoa além do escuro capataz. Este, a propósito, tinha o pomposo nome de Leonardo Inácio Azevedo da Mota e Silva. Na Alemanha com essa lista de nomes poderia facilmente inculcar-se como um Grande de Espanha, sem despertar suspeitas das autoridades incumbidas do exame do passaporte. A mim já há muito impressionava a predileção dos brasi-

leiros pelos nomes compridos. Parece que procuram assim aproximar-se da casa imperial, cujos membros geralmente têm oito ou mais nomes.

O dia tinha apenas amanhecido e já nos achávamos novamente a caminho. E não tínhamos ainda percorrido uma distância muito grande, quando alcançamos Paraibuna, com Juiz de Fora à vista, na margem fronteira do rio. A cidade consta, afinal, só de uma rua, com exatamente o mesmo aspecto das ruas de outras pequenas cidades do interior do país. Poucos edifícios, entre eles uns dois de propriedade da grande Companhia União e Indústria, e a pequena igreja situada num alto com as suas duas torrezinhas que pouco têm de bonitas divergem da edificação comum no local. Por sorte para nós a chuva cessara durante a noite, e o sol, que no começo da viagem tanto nos incomodara, ainda se conservava escondido por trás de um véu de nuvens cinzentas. Gostaria de obter do meu companheiro informações mais detalhadas sobre a fundação de Paraibuna e o que tem de notável, mas os conhecimentos de Maier sobre o país versavam sobre usos e costumes dos habitantes, condições de negócio e coisas semelhantes, mais do que sobre sua história e geografia.

Juiz de Fora, a 700 metros acima do nível do mar e a 144 quilômetros de Petrópolis, é um ponto importante na grande estrada que a Companhia citada construiu através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais e em cuja construção foram gastos cinquenta anos. Os edifícios pertencentes à Companhia destinam-se a moradia dos empregados na construção da estrada, neles estando também instaladas as cocheiras, serrarias, olarias, forja e fábricas de carroças. É digna de menção, em Juiz de Fora, a bela propriedade de um brasileiro rico que, como fundador de vizinha colônia alemã, merece ser registrado. Seu nome é Ferreira Laje. Em 1857 mandou aliciar na Alemanha certo número de artífices e jornaleiros, com a intenção de, além dos bons salários pagos pela construção da estrada, reservar-lhes um lote de terreno próprio na sua colônia Pedro II. Devido certamente à incompetência do diretor nomeado por Ferreira Laje, a colônia alemã, perto de Juiz de Fora, por muito tempo não prosperou, e só quatro anos depois da demissão do diretor incompetente foi que as condições dos colonos alemães melhoraram um pouco. Entre esses imigrantes encontram-se prussianos, holsteinenses, badenses, e sobretudo muitos tirolezes e hes-

sianos. As condições das escolas e da igreja da colônia são ainda muito más. Conforme os últimos dados oficiais, Juiz de Fora tem atualmente 1.296 habitantes, dos quais 1.170 são alemães e 126 brasileiros. A instrução primária é ministrada por duas escolas católicas e uma protestante, para meninos. Foram freqüentadas, em 1874, por 146 meninos. Os produtos da colônia são principalmente milho, arroz, legumes e frutas. Existem lá também muitos moinhos, serrarias e pequenos estabelecimentos industriais.

O chefe da nossa pequena caravana, meu compatriota Maier, não quis ouvir falar numa demora maior em Juiz de Fora, nem numa ida a Pedro II, explicando que os habitantes dessa colônia haviam certamente de querer comprar alguns de seus artigos, mas sofriam de falta de dinheiro crônica, e ele não estava disposto a trocar seus artigos por produtos naturais.

De Benfica em diante, onde existe uma ponte sobre o Parai-buna, continuamos viagem pela margem esquerda do rio, alcançando, perto do meio-dia, a fazenda Miranda. Perto dela gozamos um curto descanso à sombra de pequeno bosque, e aí presenciei o raro espetáculo de um grande bando de abutres. Um luar, que poucos dias antes, talvez por velhice ou por acidente, encontrara o fim da penosa existência ali perto, estava caído entre dois enormes pés de cacto e servia de apetitoso repasto ao bando esfomeado. Eram os chamados urubus, que na aparência têm alguma semelhança com o nosso peru. Como tive ocasião de observar depois, essas aves de rapina estão espalhadas por todo o Brasil e têm tão pouco medo do homem que são encontradas em bandos mesmo nas ruas das cidades, atraídas por algum animal morto. São, por assim dizer, criadas pela natureza para procederem à limpeza das cidades, negligenciada pelos homens. Menos com o propósito de matar que de examinar mais de perto uma dessas aves de rapina, atirei nelas, mas a sorte de caçador não me favoreceu e não consegui mais do que espantar o bando, que levantou vôo e foi pousar longe.

A região que percorremos em seguida não tinha muitas povoações nem muito tráfego. Contudo avistava-se, pelo menos ao longe, uma ou outra fazenda isolada. A impressão que nos causou Chapéu de Uvas, onde chegamos mais tarde, foi verdadeiramente deplorável. O caminho para lá passava por cima de muitas montanhas, das quais tivemos

de subir sete ou oito, e cujas alturas tornavam a viagem muito penosa. Entre elas, à margem da estrada, ficam as fazendas Alcaide-Mor e Entre-Morros que são regados por diversos riachos. O solo arenoso em muitos trechos e sua poeira fina são também muito incômodos para o viajante. Reparei no caminho, perto da fazenda Antônio Moreira, numa magnífica queda-d'água, que, escondida na mata, murmurando e espumando, precipita-se no vale de uma altura considerável por cima de rochas de sienito. Ter-me-ia sido muito agradável ficar por mais algum tempo no frescor de sua vizinhança se pudesse, por mim só, determinar a viagem. Se em alguns lugares tínhamos que nos queixar de areia demais, noutros era o terreno pantanoso que nos dificultava a marcha. Perto de Rocinha da Queirós\* a passagem teria sido impossível se não tivéssemos encontrado o pântano transitável por meio de uma espécie de esteira de troncos.

Juiz de Fora era uma cidade magnífica comparada com Chapéu de Uvas, com suas 320 casas e pouco mais de 3.000 habitantes. Nesta, tudo tinha aspecto desleixado e nada convidava a uma permanência mais longa. A despeito do evidente estado de pobreza da maioria dos habitantes de Chapéu de Uvas, reparei que, como aliás durante toda a viagem, nas planícies nunca me pediram uma esmola. Exigiam às vezes uma gorjeta exagerada, ou importunavam-me quando pagava as contas, mas nenhum mendigo maltrapilho me estendia a mão no caminho. Na Bahia, Rio de Janeiro e outras grandes cidades da América do Sul era, ao contrário, muitas vezes importunado por mendigos.

A natureza do caminho mudava, à medida que avançávamos para o interior, menos do que eu esperava. É verdade que aparecia uma ou outra árvore nova, uma espécie de palmeira que até ali não conhecera, e coisas assim, mas não havia nenhuma mudança considerável na paisagem. Só os cafezais iam desaparecendo aos poucos do âmbito da nossa visão e em seu lugar vinham exclusivamente plantações de mandioca, milho, arroz e feijão preto. O que chamava mais a atenção era a grande quantidade de casas de formigas, que os brasileiros chamam cupim, e que já foram descritas no começo deste livro.

\* Da Queirós é palavra ou expressão portuguesa que o autor não soube reproduzir, por isso transcrevi exatamente como no original. (N. do T.)

À tarde atravessamos outra povoação tão sem encantos como Chapéu de Uvas. Chama-se João Gomes e está situada muito pitorescamente no sopé da serra da Mantiqueira. As fazendas que encontramos pelo caminho, Cavões, Luís Ferreira, Bom Retiro, Tejuco, Pedro Alves, deixamos para trás sem fazer reparo. Encontramos aqui, como na Itália, o campanário separado da igreja, mas é preciso observar que essas torres não fazem lembrar o estilo artístico dos campanários de Pisa, Florença, etc. O campanário de João Gomes é simplesmente uma torre tosca de madeira.

Sobre o rio que tínhamos de atravessar perto da aldeia, havia, para minha alegria, uma verdadeira ponte de pedra. Isso me foi tanto mais agradável por me terem entretido, durante minha última meia hora em João Gomes, com histórias de ataques de piranhas, crocodilos e outras feras aquáticas.

Nesse dia, como no anterior, pernoitamos numa fazenda que alcançamos, em bom tempo graças à resistência dos nossos animais e aos caminhos razoavelmente bons, para o Brasil. Embora nos tivesse sido possível avançar ainda uma boa distância, desistimos de continuar a viagem nesse dia, por diversos motivos. Devíamos ter sobretudo em mente o cuidado de que nossos animais encontrassem sempre boa forragem nos lugares de descanso. Raramente resolvíamos fazer mais de 12 léguas por dia, nas montanhas, até mesmo menos. Só galgamos o alto da serra depois de ter descansado à noite em casa de um amável fazendeiro, além de João Gomes. No sopé da montanha a região está bastante cultivada. Córrego, Cabeça Branca, Pinho Velho, Pinho Novo e Mantiqueira são inícios modestos de cultura. Sobretudo as belas plantações de laranjas e de bananas, em Pedro Alves, despertaram em mim o desejo de regalar-me com esses deliciosos frutos.

A travessia da montanha gozava antigamente a fama de ser muito insegura. Escravos fugidos, a escória de gente de cor, bandos de desertores e criminosos, tinham organizado ali verdadeiras quadrilhas. A selvageria da região e a circunstância de passar por lá o caminho para as zonas auríferas e de diamantes parecia favorecer, em todos os sentidos, a malandragem. Atualmente os assaltantes na Mantiqueira são raros, mas crânios, ossos carcomidos, e restos apodrecidos de selas e outros objetos atestam que foram cometidos mais de um assassinato nessa es-

trada. A época em que floresceu esse banditismo foi nos fins do século passado. A estrada seguia então, como diz Eschwege, da Mantiqueira, por cima da alta montanha, através de estreita garganta de onde ninguém podia fugir. Este lugar tinha sido escolhido por um bando de ladrões para a prática de suas crueldades. Os bandidos eram malandros e bargantes, homens moços, em grande parte de Barbacena, Vila Rica, Sabará, e outros lugares. Por intermédio de seus comparsas nas cidades, tinham notícia de algum viajante que devia passar levando ouro, tocaiam-no na mata espessa e solitária, arrastavam-no do caminho para o matagal, matavam-no e aos seus companheiros e animais de carga e enterravam os cadáveres. A única mercê que faziam era deixarem à vítima a escolha da morte que preferia. Deixavam-lhe a escolha entre o abrir de uma artéria ou uma punhalada, e permitiam-lhe rezar, preparando-se para a morte. Por muito tempo a sinistra companhia operou ali. Muitas pessoas, até mesmo altas personagens, desapareceram sem que se soubesse que fim tinham levado, até que por fim um membro da quadrilha adoeceu mortalmente e pediu para se confessar. Na angústia da consciência descobriu a prática criminosa por tanto tempo escondida. Fez espontaneamente a promessa de indicar o lugar onde eram cometidos os assassinatos, e fez-se transportar para lá numa padiola. Assim, não se tardou a descobrir as sepulturas dos assassinados, e grande parte dos bandidos foi presa. A maior parte deles foi logo condenada à morte e enforcada e só poucos escaparam ao braço vingador da lei. Em memória das infelizes vítimas erigiram, entre o caos de blocos de rocha, uma grande cruz de madeira, cujos restos dizem que ainda se podem ver, mas que não vi quando passei por lá. Essas impressões não são agradáveis, mas por isso mesmo o viajante aprecia mais a vista dos soberbos pinheiros brasileiros de mistura com as palmeiras e todas as demais belas árvores da floresta virgem que crescem nas encostas da montanha. No pico mais alto da serrilha goza-se um panorama incomparável, que não é menos belo e grandioso que o que se tem do alto de Petrópolis. A descida da serra do lado oposto é muito difícil, e me teria precipitado, com o meu cavalo, se não tivesse puxado a tempo as rédeas, fazendo-o erguer-se. Com Maier se passou algo altamente cômico. Com a descida, sua sela foi pouco a pouco escorregando para o pescoço do cavalo, e como essa parte do corpo do animal é mais estreita do que a em que es-

tava a sela primitivamente, ele oscilou, por momentos, de um lado para outro e escorregou de repente, caindo de leve no chão. O cavalo era tão manso que parou e esperou pacientemente até que o cavaleiro tornasse a montá-lo. Os cavalos brasileiros têm, como observei muitas vezes, boa índole e estão longe de necessitar das mesmas cautelas que seus parentes europeus. Nas cidades, como também no campo, em viagens de negócio, o cavaleiro raramente tem necessidade de chamar alguém para segurar seu animal; enquanto está numa casa ou numa loja fazendo compras, basta atirar-lhe as rédeas por cima da cabeça para encontrá-lo, à saída, esperando-o diante da porta. Se, porém, pretende prosseguir seu caminho a pé, basta dar um nó na rédea e significar ao cavalo, com uma pancadinha do rebenque, que não precisa mais dele. O animal, inteligente, compreende e trota sem mais para seu abrigo do costume, onde o dono pode estar certo de encontrá-lo ao voltar para casa. Do modo de tratar os cavalos no Brasil resultaram grandes inconvenientes, tratando-se de outras raças. Em regra não se preocupam com o cavalo, que corre livremente, sem conhecer freio, dia e noite, nas imensas campinas, até ao momento em que se torna preciso. Alguém dentre os serviçais tenta então fazer, em parte com palavras de agrado, em parte mostrando-lhe e balançando um vaso de madeira com grãos de milho, com que o cavalo o siga a um lugar apertado (potreiro) onde o pode facilmente prender depois de fechada a porta. A falta absoluta de cuidados de estabulagem, que só prestam a poucos cavalos, nas cidades, e mesmo aí de modo deficiente, é o motivo de serem os cavalos brasileiros, em geral, tão feios.

Na vertente oposta da montanha a região tem aspecto inteiramente diferente. A floresta, que até então só poucas grandes clareiras interrompiam, vai-se pouco a pouco fracionando, e picos escalvados, como vastas campinas, estendem-se até onde a vista alcança. Por trás das colônias Batalha, Confisco, Borda do Campo e Rancho Novo vimos culturas de cereais, e numerosos rebanhos de gado davam vida à paisagem.

Só no dia seguinte alcançamos Barbacena, uma das cidades mais importantes da Província de Minas Gerais, embora na tarde anterior, depois de termos percorrido um belo vale entre Borda do Campo e Rancho Novo, tivéssemos julgado avistar suas casas no horizonte. Barbacena, afinal, não merece o nome de cidade, porquanto desde sua fun-

dação, pelos jesuítas, o número de suas casas não vai além de 250, e o de seus habitantes é apenas de 4.000. Segundo dados de Eschwege, naturalista alemão que viajou por muitos anos pelo Brasil, explorando-o minuciosamente, a cidade fica a 3.530 pés parisienses acima do nível do mar, uma altura considerável, circunstância a que deve seu clima, muito agradável. Comercialmente Barbacena é uma estação principal entre Ouro Preto e Rio de Janeiro. A população de Barbacena compõe-se, por isso, quase que só de comerciantes, e mais do que em outra qualquer parte se observa ali que os brasileiros têm pronunciada preferência pela profissão de comerciante. Esta é uma peculiaridade que parece inata, devido a sua descendência de portugueses, que por sua vez revelam, neste sentido, um certo parentesco com a raça israelita. Como comerciante o brasileiro só merece louvores, pela sua atividade e tino; em outras profissões, porém, como funcionário, cientista, artífice ou agricultor, não se pode, em geral, dizer que é eficiente.

Os comerciantes de Barbacena dedicam-se particularmente ao comércio de sal, que recebem em grande quantidade do Rio de Janeiro em sacos de duas arrobas, até 60.000 sacos anualmente, e vendem para o interior. A lavoura nas imediações da cidade não é muito importante; no máximo, pelo menos até onde pude observar, algumas plantações de algodão, e lavouras de cereais, especialmente milho, linho, mandioca e batatas. Como produto natural, que é especialidade da região, uma espécie de talco, silico-aluminato de magnésia (pedra-sabão), de que fazem painéis e que também se emprega em ornatos arquitetônicos. A pouca distância de Barbacena fica a fundição de Montlevat, fundada por um francês, na margem esquerda do Piracicaba, uma das mais importantes existentes no Brasil.

A cidade fica num terreno muito acidentado; é, porém, construída com muita simetria e tem entre os edifícios, em duas ruas que se cruzam em ângulo reto, algumas bonitas igrejas e um hospital bem aparelhado.

As igrejas são do estilo comumente usado no Brasil. Contei quatro, que, como os demais edifícios públicos, me pareceram muito negligenciadas. As ruas eram ainda menos movimentadas do que as de Paraiibuna e eu teria atribuído isso ao grande calor reinante quando chegamos, se outros viajantes não se tivessem também referido a essa falta



de movimento. Vi apenas uma dúzia de pessoas durante minha permanência, e na estalagem onde nos demoramos por algumas horas fiquei tão sonolento que o nome Barbacena na minha memória ficou para sempre ligado à palavra tédio. A pouca amabilidade do hoteleiro eu levei a conta do meu modesto companheiro de viagem, o mascate. Esses pequenos negociantes não merecem muita consideração no país, e, se eu não tivesse já entregue inteiramente a Maier a direção da viagem, teria de boa vontade, assim que fui reparando nisso aos poucos, seguido só o meu caminho. No entanto o honrado alsaciano não pertencia àquela espécie de ambulantes trapaceiros, a que von Tschudi se refere nas narrativas de suas viagens. Maier era de natural por demais íntegro, para lograr seus fregueses.

A ligeira refeição que fizemos em Barbacena não pertence ao rol das melhores, e constou só de um pouco de queijo da serra e um vinho da terra, incrivelmente ruim. O queijo, o único, aliás, que os brasileiros sabem fabricar\*, assemelha-se ao nosso queijo de cabra e é preferido pelos brasileiros, juntamente com outros produtos europeus congêneres. É muito original o costume de comer queijo com compotas de frutas, combinação a que nunca me pude habituar. Outro gosto estragado semelhante é comerem talhadas de laranja com farinha de mandioca. O vinho, com exceção do da terra, geralmente preferido pelos brasileiros, que se encontra em qualquer venda, é o vinho tinto (vinho tinto de Lisboa), bebida que, como todos os vinhos portugueses, é muito pesada e fortemente alcoolizada.

Dos pontos mais elevados da cidade descortina-se a muitas milhas de distância, em todas as direções, a serra cortada de ravinas e gargantas. Depois de Barbacena atravessamos imensas campinas onde raramente se via alguma mata. Passamos por diversos ranchos e fazendas, ora à esquerda, ora à direita do nosso caminho, que se tornou péssimo e que uma chuva incessante durante os dias que se seguiram encharcou inteiramente. Foi-me por isso muito agradável a notícia, que João me deu, de que já tínhamos ultrapassado de muito a metade da distância entre Petrópolis e Ouro Preto, e que na zona montanhosa, perto de Queluz, íamos encontrar melhores estradas.

\* Esse queijo, que suponho ser o de Minas, não era o único que os brasileiros sabiam fabricar, pois o excelente queijo de manteiga, ou do sertão, sempre se fabricou, pelo menos no Nordeste. (N. do T.)

As outras estações desses dias de viagem, Gama, Carandaí, Fazenda das Pedras e outras mais, não despertaram nenhum interesse especial; diante de Taipas tivemos que atravessar, com perigo de vida para nós e nossos animais, um rio, num ponto onde outrora havia uma ponte, de que quase não restam mais vestígios. Muito provavelmente este é o local de que von Tschudi deu a seguinte descrição:

“A uma meia légua depois de Resaquenho ou Ressaquinha o caminho atravessava uma ponte que dava bem idéia da maneira irresponsável, como, até mesmo as estradas mais importantes, são elas descuidadas. Essa ponte estava num estado tal, que, numa largura de oito pés, em muitos lugares quase não havia cinco polegadas de madeira em bom estado, em que as mulas pudessem pisar sem enterrar as patas. Nas passagens de rios observa-se no Brasil um sistema muito singular. Constroem pontes de madeira, e servem-se delas, sem proceder a quaisquer reparos, enquanto um muar, embora com grande perigo, possa atravessá-las. Se apodrece inteiramente, e se torna intransitável, o tropeiro procura um vau e leva seus animais por ele; outros seguem seu exemplo. Com essas constantes travessias o vau se transforma, devido ao constante amassar do fundo pelas patas dos muares, num atoleiro, ou lodaçal, e com o tempo se torna tão profundo que os animais não o podem mais atravessar sem grande risco. Se não se encontra outro vau nas proximidades, então se constrói outra ponte e tudo recomeça. Quando, porém, o rio é por demais profundo, ou tão caudaloso que não é possível passá-lo a vau, então o tropeiro faz, com sua gente, os consertos estritamente necessários na ponte, naturalmente só o quanto baste para dar passagem aos seus animais; outro se deverá ocupar, da mesma forma, dos seus. Triste, porém, do viajante solitário que tenha de empreender sozinho esse reparo; vê-se na mais penosa situação e purga muitas vezes inutilmente seus pecados por muitos dias. Esse estado provisório dura freqüentemente anos, até que um deputado, seja por interesse próprio seja altruisticamente no interesse do seu distrito, eleva a voz na Assembléia provincial para que seja votada verba para a construção de nova ponte.”

A não ser pelos diversos pássaros, lagartixas e animais semelhantes, a nova estrada era deserta. Desde pela manhã apenas tínhamos encontrado quatro pessoas e pareceu-me ver ao longe, quando passamos defronte de ranchos, alguns meninos mulatos e negros brincando diante

deles. Foi para mim uma mudança muito agradável quando, depois de longas subidas e descidas de serras, prosseguindo por largos vales sombreados e por colinas desertas escassamente cobertas de capim, ouvimos ao longe, na fazenda do Engenho, o chiar de um carro de bois que se aproximava. À minha pergunta de onde vinha o veículo, pois nada se avistava no horizonte, João me explicou que o iríamos encontrar no caminho, devendo estar pelo menos a uma pequena meia hora de distância de nós. O chiado produzido pelas rodas do carro puxado por duas juntas de bois, peculiar ao país, era tão estridente, que era quase impossível pensar que não surgisse imediatamente diante de nós. Mas só o encontramos muito perto de Queluz; os carreiros tinham feito alto e estavam pitorescamente agrupados em volta do carro, enquanto seus animais pastavam por perto. Deduzi, dos preparativos que faziam, que pretendiam, com o auxílio de uma pequena panela, preparar ali um jantar; mas tinham todos um ar tão sombrio, que não ousamos fazer-nos convidar, preferindo prosseguir nosso caminho para a bela Queluz, que nos acenava de longe, e onde chegamos sãos e salvos algumas horas depois. Uma chuva torrencial que caiu subitamente fez com que decidíssemos deixar para o dia seguinte as oito léguas que nos faltavam para alcançar Ouro Preto; achei também que devia dar algum descanso ao meu cavalo, se não queria arriscar-me a ficar, inesperadamente, em algum lugar inóspito. Maier concordou em fazermos alto em Queluz. Procuramos abrigo, com os animais, numa espécie de hotel que ficava na entrada da comprida rua principal, que a chuva torrencial transformara num canal. O hoteleiro, que nos recebeu com muito agrado, era português.

Quando a chuva abrandou um pouco aproveitei a oportunidade para ver a localidade. Queluz foi fundada na época da lavra do ouro, e sua laboriosa população, que pode orçar por 1.500 almas, ocupa-se hoje menos com a lavra de ouro do que com a agricultura, criação de gado, fabrico de tecidos de algodão, particularmente colchas. Sua fundação pode ter tido lugar no começo do século passado, e muito provavelmente seus primeiros habitantes eram, em parte, índios. Em relação ao seu tamanho, possui muitas igrejas; contei quatro. E como não havia mais nada digno de ver-se, tinha eu bastante tempo à disposição e não faltava nada para a continuação da viagem no dia seguinte, fui ver a

mais importante das igrejas, a de Nossa Senhora da Conceição. Foi num recinto despido de toda ornamentação que penetrei, no qual não se via o mais modesto adorno. Como estivesse cansado, lembrei-me da ausência, muito comum, de bancos, nas igrejas brasileiras, o que me fez voltar logo para a hospedaria. Além disso sentia também vontade de embrulhar-me no meu poncho, porque a temperatura baixara e o vento que soprava naquela altura (3.180 pés acima do mar) gelava-me, estando eu tanto mais sensível por ter tido que suportar, nos dias anteriores, uma temperatura excessivamente elevada.

A não ser pela grande imundície que reinava na casa do português, a dormida que lá encontramos não era má, para uma hospedaria brasileira. Além de nós o hotel hospedava uma personalidade extraordinária, cuja presença no lugar provocara algum alvoroço. Havia dois dias que estava lá um certo Dr. Jefferson, o perfeito cavalheiro-de-indústria norte-americano, como não se encontraria mais completo em Chatam Street, em Nova Iorque. O bom homem inculcava-se como sendo o primeiro dentista do mundo e sabia elogiar sua arte e habilidade com tão fabulosa eloquência, que ninguém, que jamais tivesse tido uma dor de dente em Queluz e arredores, podia resistir à sua competência. Para maior realce de sua pessoa, um feio mulato imberbe, que com sua libré de alamares de ouro, com as letras “Dr. J.” gravadas nos botões dourados, reunia as atribuições de criado e ajudante, era uma tabuleta viva. O melhor de tudo era que o especulador americano realizava, como um saltimbanco, a maior parte de suas curas montado na sua mula. Seus principais clientes pertenciam à população negra, que acompanhava curiosa os movimentos do charlatão e não desconfiava nada do seu diploma, que ele exibia de vez em quando, para aumentar a confiança. A maior parte de suas curas cifrava-se na extração rápida, embora não sem dor, do dente doente, ou na administração dum remédio desconhecido. Por isso fazia-se pagar logo em seguida o pequeno honorário de 10 mil-réis (cerca de 23 marcos). À ceia, quis o acaso que eu ficasse sentado ao lado desse astucioso dentista, e, na conversa entabulada entre nós, o americano explicou-me muito ingenuamente que pelo modo como praticava seu negócio podia-se em pouco tempo acumular um lucro considerável, no Brasil. O povo brasileiro era muito inexperiente e muito ignorante no que concernia à escolha de remédios para as moléstias, de maneira que

não era preciso muita habilidade para lográ-lo. Contou-me que um seu compatriota viajara pelo Brasil em condições idênticas às dele, e levava de volta para a pátria uma fortuna de cerca de 15.000 dólares. A criatura, pela sua apenas disfarçada curiosidade acerca da minha situação, e pela sua parolice, não tardou a tornar-se sumamente aborrecida. Deixei-o, por isso, com os meus companheiros de viagem, e fui para a cama. Por muito dura que esta fosse, não tardei a mergulhar num profundo sono, que nem mesmo as hostes de parasitas, de que Maier me falou na manhã seguinte, conseguiram perturbar muito.

Por felicidade a chuva cessara inteiramente, e apressamo-nos em aproveitar o mais possível a frescura da manhã. Nosso caminho nos levou primeiro através das povoações de Redondo e Congonhas. A primeira é um lugar de certa importância, mas causa impressão muito desagradável, porque as casas rebocadas com barro dão-lhe um aspecto sombrio. Só as inúmeras e viçosas touceiras de bananeiras alegam um pouco o quadro tristonho. De Congonhas não guardei nada na memória, senão a Igreja de Nossa Senhora de Matozinhos, com a sua imagem milagrosa. Numerosas imagens esculpidas numa pedra mole (silicato de magnésia) encontrada na vizinhança, ornaram o interior e o exterior do templo.

Alcançamos Vargem, mais adiante, sem nenhum incidente digno de menção, depois a povoação de Carreiras de Ouro Branco, situada num monte íngreme, e as antigas lavras de ouro do Arraial de Ouro Branco, com a vila de Itatiaia. Tschudi diz que o povo daí é muito sujeito à inflamação das parótidas (caxumba), mas não me pude certificar disso. Encontrávamo-nos então no sopé da serra do Sapateiro, onde a estrada sobe em ladeira bastante íngreme. A chuva tornara o caminho ainda pior do que certamente era antes, e nossos animais tinham dificuldade em se firmar no terreno escorregadio. No mais, a região era selvaticamente romântica, e, se a flora não fosse tão inteiramente diferente, ter-se-ia a impressão de estar num pedacinho da Suíça. A estrada segue tão erradamente quanto possível, ora por cima dos cumes mais escarpados, ora subindo e descendo as encostas mais alcantiladas, e raramente mostrando o auxílio da mão do homem. No sopé oposto da serra, depois de transposta esta, é que se encontra novamente um caminho melhor. Do alto da serra do Itacolomi avistamos pela primeira vez as casas e igrejas de Ouro Preto, capital da Província de Minas Gerais, que era

outrora conhecida pelo nome de Vila Rica. A cidade, com as suas muitas igrejas, não causa impressão muito agradável e tem mesmo, por isso, algo de tristonho. Conforme me disseram, a maior parte dessas igrejas tem sua origem em capelas votivas, que faiscautores felizes, que primeiro se fixaram na terra, no ano de 1699 e no começo do século dezoito, erigiram em ação de graças. Quando nos íamos aproximando reparei, pelo caminho, nos muitos vestígios da tão animada lavra de ouro. As ruas da cidade, todas em ladeira, são muito íngremes. A cidade fica também numa altura consideravelmente maior do que Queluz. Segundo Eschwege, a Praça do Palácio fica 3.760 pés ingleses acima do nível do mar. Entre os edifícios, que em geral não se diferenciam das edificações de outras cidades do Brasil, vi muitas construções antigas. Todas, entretanto, quer velhas quer novas, apresentam o selo da decadência, e os terrenos, conforme me disseram, têm muito pequeno valor. O ponto de maior realce é a Praça do Palácio, em volta da qual ficam os principais edifícios públicos. Entre estes atraiu minha atenção o Palácio do Governo, construção acastelada, com todos os requisitos de defesa. A Câmara Municipal é de grande beleza arquitetônica, e dizem ser o mais belo edifício da Província de Minas Gerais. A Câmara dos Deputados, antiga fundição real, a tesouraria, o liceu, o teatro, quartéis e inúmeras igrejas lembram os viajantes que estão numa cidade da maior importância. Um adorno que Ouro Preto tem, em comum com muitas cidades brasileiras, são as numerosas fontes públicas, com suas artísticas ornamentações. Uma delas está no lugar do pelourinho, que só foi retirado em 1857, junto ao qual eram antigamente executadas as sentenças de açoites em público.

O número de habitantes de Ouro Preto tem sofrido grandes alternativas. Outrora a cidade foi muito populosa e a população devia montar a 20.000 almas. Desde, porém, que a produção de ouro quase se esgotou, a população desceu até 6.000 almas; em todo caso, hoje não passa de 8.000. Ter-se-ia despovoado ainda mais se um tráfego comercial bastante ativo entre o Rio de Janeiro e as províncias não mantivesse ali uma espécie de entreposto, e não fosse ao mesmo tempo sede do governo e de muitas autoridades dependentes. Não tem indústria própria. As instituições públicas para instrução, fomento das indústrias e bem-estar do povo são em geral muito modestas. E, por mais a peito

que diversos presidentes da província tenham tomado os interesses de Ouro Preto, seus esforços têm sido vão.

O que Ouro Preto tem de mais interessante é sua situação, no que concerne a clima e paisagem. O clima é relativamente muito áspero e as frutas e arbustos peculiares ao Brasil, como laranjas, limões, ananases, cafeeiros só medram em lugares muito abrigados. Um alemão que conheci lá assegurou-me diversas vezes que o clima é muito semelhante ao europeu. Até os picos esquisitos da serra de Itacolomi, que lhe fica perto, região na qual as palmeiras não estão particularmente representadas, não dão absolutamente a impressão de uma paisagem tropical. A Itacolomi, que acabo de mencionar, é uma montanha altamente característica, com uma altura de 5.720 pés ingleses (segundo Eschwege) e uma verdadeira mina para os mineralogistas. Além do mais, é aí que se encontra o quartzo de Itacolomi e o quartzo flexível, de Eschwege, uma pedra que tem a peculiaridade de se poder envergá-la facilmente. Viajantes posteriores deram essa descoberta de Eschwege como fabulosa, e o pedaço de quartzo que está no museu, com o nome de “Quartzo Flexível”, é considerado como tendo sido preparado artificialmente.

Ouro Preto, também chamada Vila Rica, tem, além do mais, lugar destacado na história do Brasil, por ter sido lá que, no ano de 1789, foi descoberta uma vasta conspiração contra o governo, em que tomaram parte diversos jovens de grande talento, entre eles o poeta Gonzaga. As idéias dos enciclopedistas tinham chegado até eles, não obstante o rigoroso sistema de interdição, e a conspiração que disso resultou visava a independência da Capitania Geral. Denunciados por traição, os conspiradores foram punidos com extremo rigor. Gonzaga, o mais popular dos poetas brasileiros, o cantor de Marília, foi condenado a dez anos de degredo em Moçambique.

Em Ouro Preto hospedamo-nos em casa de um comerciante, onde Maier já se hospedara muitas vezes, e com quem há muitos anos mantinha relações comerciais. Para mim a chegada à capital da província significava o momento da separação do meu até então companheiro de viagem, em cuja companhia, muito embora todos os preconceitos contra o mascate, me dera muito bem, pois ele não se deixou absolutamente persuadir a acompanhar-me ao rio Pará e de lá até São Paulo, em vez de regressar ao Rio, como costumava fazer.



*Tomás Antônio Gonzaga*



.....

## *Capítulo XIV*

### VIAJANDO DE OURO PRETO PARA SANTOS

**E**

u sabia que, entregue inteiramente a mim próprio, tinha de enfrentar maiores dificuldades e perigos, do que até então, quando só acidentalmente me tinha que preocupar com o caminho e a manutenção. O desejo, porém, de conhecer melhor o interior, era tão forte, que quase não receava as maiores fadigas e perigos contra os quais me preveniam.

O itinerário de minha viagem, dali por diante, devia afastar-se essencialmente do que, anos antes, tinham escolhido von Martius, von Tschudi e outros viajantes. Levou-me a isso o desejo de em breve me dirigir para as províncias do Sul, onde contava demorar mais tempo. Levei dois dias procurando na cidade um homem a quem pudesse confiar a direção da viagem, pelo menos até ao rio Pará, sem receio, e cujas pretensões, quanto ao pagamento dos seus serviços, estivesse dentro das possibilidades da verba prevista para despesas, no meu orçamento. Fiquei satisfeito quando deixei Ouro Preto para trás, pois já estava receoso de ser forçado, pelas circunstâncias, a um descanso involuntário mais demorado. A despedida dos meus hospedeiros tornou-se mais fácil devido à conta nada modesta que me apresentaram. Depois de ter feito diversas pequenas compras para completar meu equipamento, trotei com José –

este o nome do meu novo peão –, numa manhã de sol, na direção de Itabira. José me informara de que essa era uma das regiões mais ricas em ouro, mas, por serem tão fabulosas as histórias sobre essa sua riqueza, os viajantes raramente se referem a ela por experiência própria. A princípio avançamos por campos escaldados, meio desolados, a cuja vegetação os raios ardentes do sol tinham dado um tom amarelo-acastanhado. Não se podia distinguir um caminho nesses campos, ou pelo menos José o tinha abandonado inteiramente, seguindo por meio deles ao acaso. Vimo-nos rodeados por inúmeros quero-queros com o seu importuno galhar, que pareciam querer provocar-nos voando baixo e quase roçando por nós, com o que, além dos seus altos gritos, muitas vezes espantavam os cavalos.

Itabira, que alcançamos algumas horas depois, é um lugar miserável, que me desagradou a ponto de eu insistir, contra a vontade de José, para continuarmos a viagem até encontrarmos uma fazenda.

Numa pequena mata que pouco depois nos abrigou com a sua sombra, meu cavalo recuou de repente, assustado, e vi enroscada no chão uma dessas bonitas, mas perigosas, cobras-coral; com cintas rubras cinabras e preto azeitonado em volta do corpo esguio. Chamei depressa José, que tinha ficado para trás, e ele tomou calmamente do relho, uma espécie de chicote de couro, e com golpe certo atingiu o animal aparentemente adormecido, que estremeceu e ficou imóvel no mesmo lugar. Contentei-me com apelar-me para examiná-la mais de perto e tive vontade de levá-la comigo para conservá-la, pela sua beleza; mas José dissuadiu-me dizendo que teria oportunidade de encontrar muitas iguais na viagem e que essa cobra-coral pouco depois de morta perde a beleza das cores. Mais tarde tive, por experiência própria, a prova disso.

O sol já dourava com os seus últimos raios a fronde escura dum grupo de magníficas lauríneas, que na saída da mata ficava à margem do caminho, quando avistamos ao longe a fazenda onde esperávamos encontrar pousada para aquela noite. Quando conversávamos sobre quanto tempo precisaríamos para chegar à meta que tínhamos diante de nós, ouvimos o tropel de um cavalo e, com um poncho de cor clara fluando em volta, surgiu por trás de nós, montado num árdego cavalo cor de camurça, que chamam lobuno, um cavaleiro que, ao aproximar-se, conteve o animal e entabulou conversa primeiro com José e depois

comigo. Não tive nenhum motivo para me aborrecer com sua desculpável curiosidade sobre o meu “Donde e para onde?”, tendo sabido logo que o acaso nos pusera em presença do dono da fazenda que avisávamos ao longe. Quando D. Manuel Guimarães da Costa, no decorrer da conversa sobre colonização, soube que eu era alemão, entrou logo a conversar sobre colonização alemã, mostrando-se homem instruído e clarividente. Com a costumada hospitalidade brasileira pôs à minha disposição a casa e a fazenda, mesmo antes de lhe termos falado nisso.

D. Manuel era um homem dos seus 50 anos, de bela aparência e simpático. Seus olhos inteligentes e penetrantes e a bonita barba preta que lhe emoldurava o rosto um tanto amarelado faziam realçar o tipo do Sul e condiziam bem com o todo do homem. Pareceu-me ter gostado de minha conversa, e depois de termos cavalgado por uma meia-hora conversando, tive de prometer-lhe que ficaria pelo menos um dia na sua casa. Aceitei o convite com prazer, tanto mais que meu cavalo parecia muito cansado. Além disso D. Manuel ofereceu-me, para o caso de demorar-me mais na sua fazenda, a companhia de seu filho até ao alto da serra à vista.

– Vê aquela pequena coxilha além? Assim que chegarmos perto dela virá com certeza alguém de casa ao nosso encontro. Alexandre e Isabel, meus dois filhos, com certeza estão à espreita há um par de horas porque me esperam de Ouro Preto a estas horas. Tive de prometer trazer-lhes alguma coisa de lá, e olhe como cumpri a promessa.

Assim dizendo meteu a mão no cano da enorme bota e tirou dois bonitos pequenos embrulhos. Um parecia conter muitos livros, o outro um pequeno objeto qualquer, uma jóia ou objeto de *toilette*.

– Adivinhe o que contém – disse o brasileiro, voltando-se para mim e mostrando-me o maior dos dos embrulhos.

Encolhi os ombros e murmurei o costumeado:

– Quem sabe?

– Este contém livros – disse –, e até a tradução portuguesa dos poemas de Schiler e Uhland, e aqui – acrescentou indicando o segundo embrulho – um relógio com música, cujas melodias não lhe devem ser estranhas.

Tirou-o para fora do envoltório; calcou numa mola e mostrou-me. Ouvi, num compasso vivo, a minha muito conhecida valsa do Danúbio, depois seguiu-se a música duma canção alemã também muito conhecida. A impressão que me causou ouvir a música pátria tão longe e num ambiente tão estranho foi indizível, e a simpatia demonstrada pelo brasileiro pela poesia e pela música alemãs comoveram-me tão profundamente, que eu, singularmente abalado, dei graças ao acaso por me ter feito encontrar D. Manuel.

Nesse ínterim chegamos à coxilha antes mencionada e vimos, de fato, duas pessoas a cavalo correrem para nós. Os ricos adornos de prata das selas e demais arreios luziam e cintilavam ao sol, quando voavam para nós. D. Manuel esporeou o cavalo e galopou ao encontro dos filhos, enquanto eu e José avançávamos mais devagar. Logo em seguida os brasileiros se voltaram para nós e D. Manuel apresentou-me formalmente o filho e a filha. Alexandre parecia-se imenso como o pai e aparentava ter cerca de 20 anos; D. Isabel, ao contrário, não dava tanto a impressão de ser brasileira. Tinha na verdade a mesma cor descorada do rosto, a despeito de sua juventude. Podia ter mais ou menos 16 anos, mas os olhos azuis e os cabelos claros deixavam ver que sua ascendência brasileira não era pura. No decorrer da conversa soube que a falecida esposa de D. Manuel era inglesa. Cinco anos antes uma epidemia de varíola tinha-a ceifado.

Depois de algumas palavras de boas-vindas, entre mim e os jovens, dirigimos os cavalos para o potreiro da propriedade, do qual acabara de sair todo um bando de cavalos, éguas e poldros que, saltando e relinchando, espalharam-se pela campina, formando maravilhoso quadro em plena liberdade. Havia ali cavalos de todas as pelagens, com longas crinas e formas elegantes. Os brasileiros ficaram muito lisonjeados ouvindo as expressões de admiração que aquela valiosa riqueza me inspirava. Deduzi da nossa conversa que o principal objeto dos fazendeiros era a criação de cavalos de boas raças, especialmente de Alexandre, que se impusera melhorar o plantel pela aquisição de novos animais da serra, particularmente belos. Nenhuma corda, nenhum cabresto apertava as cabeças ou os pescoços da fogosa manada, e só a marca do ferro do dono, que a maior parte mostrava no lugar do costume, indicava que só gozavam daquela liberdade condicionalmente. Eu não podia despregar

os olhos do fascinante espetáculo que era para mim a contemplação da cena pitoresca de toda aquela expansão de vida e liberdade.

Diante da casa da fazenda, onde nos achávamos então, veio ao nosso encontro um negro de cabeça branca, que, com um ar humilde, tirou o grande chapéu desabado diante de nós e, a uma ordem do seu senhor, chamou outros dois negros que, depois de nos apearmos, tomaram conta dos cavalos. O velho de cabeça branca, que só agora nos vira, era uma herança, uma peça do inventário da família, que no dizer de Alexandre devia ter já 90 anos nas costas, idade que ninguém, dado o seu vigor, lhe atribuiria. Ouvi, entretanto, dizer que os negros frequentemente atingem idades ainda mais avançadas e, tendo bom tratamento, vão muitas vezes além dos cem anos. Nas províncias do Sul encontrei negros assim, dos quais um com a respeitável idade de 110 anos, e outro até com 113. Casos semelhantes são muitas vezes noticiados pelos jornais nas províncias. Contudo, devo observar que os negros nunca sabem exatamente a data do seu nascimento, daí não merecerem essas informações muita fé, dada a falta de provas.

Depois de entrarmos na casa, térrea, muito simples, situada no meio de laranjais, levaram-me para uma espécie de quarto de hóspedes, cujo mobiliário se compunha unicamente de uma cama, mesa e duas cadeiras. Vieram-me à mente os costumes orientais quando, logo depois de me ter livrado do grosso da poeira, uma negra me trouxe um banho para os pés, prestando-me ao mesmo tempo, ao modo do país, seus serviços.

Este ato faz parte da hospitalidade na maioria das casas brasileiras, no campo, e que refrigério representa para o espírito e para o corpo, só pode dizer quem por dias e semanas viajou no calor e no pó. Se no pé do viajante encontra aninhado um desses com razão temidos bichos-de-pé (pulga da areia), a mão hábil da negra sabe sanar esse mal, pela sua extração com perfeito êxito.

No entretanto, o dono da casa esperava-nos na varanda com os seus, e uma profusão de iguarias cobrindo uma mesa. Tudo o que a arte culinária podia apresentar além do abundante trivial estava, como é costume nas fazendas, na mesa, e podia-se ficar seriamente embaraçado na escolha do prato de que se deva servir primeiro e como evitar que qualquer iguaria, antes de chegar sua vez, esfriasse e ficasse intragável.

Sentia-se o aroma da inevitável feijoada com xarque, galinha com arroz e guisado, tudo ao mesmo tempo. Na previsão de que durante a viagem ia ficar farto de feijão, estendi a mão para a grande terrina de galinha com arroz. A D. Isabel, cuja educação, depois da morte da mãe, terminara num pensionato no Rio de Janeiro, e que revelava conhecimentos pouco comuns, tive que falar muito da Alemanha, o que me teria sido difícil fazer correntemente se não me pudesse servir do francês e do alemão. D. Manuel, por seu lado, deu-me valiosos esclarecimentos sobre a situação do Brasil, acerca da qual estava tanto melhor orientado por tomar parte ativa na política do país, e por ocasião das eleições, ou para conferenciar com seus correligionários, não raro empreendia as mais longas viagens às províncias vizinhas de Goiás, São Paulo, e até mesmo Mato Grosso. Fazia isso havia já vinte anos, e continuava a fazê-lo. Compreende-se que com toda essa atividade tivesse muita coisa interessante para contar, coisas que só podem acontecer num país tão pouco desbravado. A minha repetida pergunta sobre se nunca tinha tido um encontro com alguma das temidas tribos de índios afastou o cabelo um pouco para um lado e mostrou-me profunda cicatriz perto da fonte esquerda, dizendo: “Trago aqui uma pequena lembrança duma dessas aventuras, que quase me custou a vida.” E, atendendo ao meu pedido para contar, continuou: “Esta fazenda pertencia ainda, então, a meu pai, há muito falecido e eu empreendi uma viagem até perto do rio Tocantins, na Província de Goiás, para visitar uns parentes. Isso foi em agosto de 1837; meu tio, irmão de meu pai, possuía lá, entre Pilar e Água Quente, uma grande propriedade, onde criava gado e cavalos em grande escala. Não sei mais de quantos cavalos se compunha sua manada, mas em todo caso nenhuma fazenda em todo o redor podia mostrar tão grande rebanho. Estava eu lá havia já meses e passava o tempo da melhor forma que podia, lendo ou passeando nos arredores nos cavalos que acabavam de amansar, sem que qualquer acontecimento extraordinário tivesse interrompido a monotonia da vida diária. Um dia, porém, quando voltava para casa, já no fim da tarde, encontrei os moradores da fazenda em grande alvoroço. Havia também muitos indícios de que devia ter acontecido algo muito extraordinário. Apeei-me num pulo e corri para casa, onde me contaram que cerca de duas horas antes surgira subitamente uma horda de índios, que saqueara a casa e a fazenda. Só estavam pre-

sentes quatro ou cinco serviçais e os filhos de meu tio, que não ousaram, porém, oferecer qualquer resistência aos atacantes. Os serviçais presentes tinham-se mesmo escondido, deixando as crianças entregues à sua sorte. Quando, porém, nesse momento, meu tio por acaso voltava de fora com a família, os índios cessaram o ataque e fugiram; mas, para o desespero de todos da casa, levaram com eles minha pequena prima Ortiz, então com dez anos de idade. Mal acabava de ouvir essa terrível história me dispus, enraivecido, a persegui-los e arrancar-lhes a presa. Foi então organizada verdadeira expedição de guerra. Íamos todos montados e armados até os dentes, decididos a não voltar senão depois de nossa expedição ter sido coroada de êxito. Um cafuzo muito esperto, que anos antes fugira e passara muitos meses nas montanhas, levando vida semelhante à dos índios, servia-nos de guia. Procuramos a pista do inimigo através de profundos desfiladeiros, por encostas alcantiladas, estirões cobertos de matas ou escalvados, ora a todo o galope, ora devagar e a pé, levando os cavalos pela rédea. Aqui e ali encontrávamos alguns vestígios da passagem dos selvagens, mas não os vimos em parte alguma e já começava a apoderar-se de nós certo desânimo. Como a noite se aproximasse, resolvemos acampar no meio da selva, e eu estava ocupado, a algumas centenas de passos, cortando as folhas de uma palmeira, a que subira, em parte para cobrirmos um rancho e em parte darmos de comer aos cavalos, quando vi, por entre as árvores e o mato, erguer-se ao longe uma coluna de fumo. Escorreguei o mais silenciosamente possível pelo tronco da palmeira e esgueirei-me para perto do lugar onde vira o fumo. Meu espanto e minha alegria foram grandes diante do que vi. Dois índios nus, de aspecto tenebroso, cabelos estirados cor de azeviche, que evidentemente eram sentinelas, estavam sentados sobre um montão de folhas de palmeira e entre eles, ainda chorando, estarecida, estava minha priminha. Vi imediatamente que nada podia fazer só. Voltei ligeiro, tão silenciosamente como fora, para junto dos companheiros e formulei com eles um bem estudado plano de batalha. Como a nossa pequena força de seis homens estivesse bem armada, havia todas as probabilidades de sairmos vitoriosos da luta, enquanto os selvagens estivessem espalhados pela mata. Não devíamos, naturalmente, disparar as espingardas, se não queríamos dar-lhes o sinal para reunir-se. Decidimo-nos então pela astúcia. Geraldo, o cafuzo já mencionado, que conhecia também um pouco o diale-

to daquela região, desfez-se de toda a roupa supérflua e das armas e dirigiu-se para o lugar onde estavam os selvagens, dando-se ares de ter fugido do seu senhor. Por felicidade, Ortiz, cujo movimento ao vê-lo poderia denunciá-lo, devido à fadiga tinha adormecido profundamente. Enquanto Geraldo parlamentava, excitado, com os dois índios, aparentemente desinteressado da criança adormecida, saltamo-lhes subitamente em cima pela retaguarda. Um dos nossos pôs a criança assustada às costas e correu para o nosso rancho, que tínhamos marcado como ponto de reunião, enquanto nós procurávamos tornar inofensivos os índios que nos atacavam. Terrível cutilada com um sabre curto e largo, desferida por meu tio, tornou inofensivo, depois de poucos minutos, um dos inimigos, que caiu por terra sem sentidos; no mesmo instante recebi uma violenta mocada na cabeça e por minha vez perdi também os sentidos. Como e de que modo terminou finalmente a luta e como fui libertado das mãos do inimigo enfurecido não sei dizer, porque quando voltei a mim, encontrei-me novamente na fazenda de meu tio, sob os carinhosos cuidados das senhoras da casa. Contaram-me que o golpe que eu recebera partira dos parceiros dos bugres que acorreram em seu socorro, com os quais se tinham empenhado numa luta de vida e morte. Embora a vantagem estivesse no primeiro momento do lado dos selvagens, conseguiram dominá-los com o auxílio, por eles inesperado, dos revólveres. Dois pagaram ali mesmo com a vida, os demais, mais ou menos gravemente feridos, desapareceram nas profundezas da floresta. Esta cicatriz que lhe mostrei”, acrescentou meu amável anfitrião, “foi consequência daquele golpe, e passaram-se semanas antes que me sentisse novamente o mesmo. Mas não há mal algum, por pior que seja, que não traga algum bem consigo. Quando eu estava acamado, toda a redondeza sentiu o que me acontecera e interessou-se pelo meu restabelecimento. Estava, nessa ocasião, em Água Quente, uma família inglesa, que tencionava demorar algum tempo nesta região, na qual Mr. Lead se ocupava como engenheiro, em grandes trabalhos de agrimensura. Um dia Mr. Lead apareceu pessoalmente na fazenda de meu tio, para saber como eu ia, e essa visita, que depois do meu restabelecimento tive de retribuir, foi o primeiro passo para as relações amistosas com essa família, que depois se estreitaram mais ainda, pela união entre mim e Miss Lead.”



Já era tarde quando acabou de contar e D. Manuel viu no meu semblante que eu precisava de repouso; desejou-me por isso boa noite e fez-me acompanhar por um pequeno mulato, que esperava à porta da varanda o sinal do seu senhor, até meu quarto, enquanto Alexandre e Isabel, como o pai, se despediam de mim até ao dia seguinte.

Custei muito a dormir, porque minha mente continuou por muito tempo a ocupar-se com a narrativa do dono da casa, e ademais estava quente e abafado no quarto. Visando respirar ainda um pouco de ar fresco, saltei da cama e abri a janela, que dava para um dos laranjais em volta da casa. Mas tive de arrepender-me amargamente; um enxame de mosquitos invadiu o quarto e me ferrou por tal forma durante a noite, que me levantei pela manhã como se estivesse meio tatuado.

O dia que, de acordo com a minha promessa, passei na fazenda de D. Manuel, aproveitamos para corrê-la a cavalo em todas as direções, e quanto mais tempo ficava com a família tanto mais sentia ter de deixá-la tão depressa. A despedida na manhã seguinte teria sido ainda mais difícil se Alexandre, conforme promessa, não me proporcionasse sua agradável companhia até Tamanduá, todo um dia de viagem.

A viagem até lá, no que concerne à região, foi muito interessante. O terreno tornava-se cada vez mais acidentado e o caminho nos levou por muitas horas por um desfiladeiro ensombrado da montanha, coberto de fetos e arbustos. Tivemos de atravessar vales solitários, nos quais arroios e riachos nos detiveram dúzias de vezes, mas que eram também bem-vindos, para nossos animais se desalterarem. Só então reparei que José tinha feito uma troca com um negro na fazenda Guimarães, e em vez do seu antigo cavalo, montava agora outro muito melhor.

Alexandre chamou diversas vezes minha atenção para os vestígios que davam testemunho da atividade dos faiscadores de outros tempos. Escavações nas encostas e montes de detritos, canais e riachos desviados dos seus primitivos leitos evidenciavam que aqueles vales tinham sido campo fértil para a cobiça dos primeiros aventureiros. Ainda hoje a água arrasta pepitas de ouro, e a terra contém partículas desse precioso metal. O esforço, porém, e trabalho empregado para encontrá-las e separá-las do resto da terra, e particularmente a muito pequena quantidade encontrada, faz com que todos desistam dessa exploração, na região de Tamanduá.

Quanto a trânsito, essa região era mais despovoada e solitária que a que atravessáramos nos dias anteriores.

Tamanduá, mesmo, não é nenhum lugar muito movimentado. A vila tem mais de 2.000 habitantes e data de meado do século dezoito, quando foi fundada pelos caçadores de ouro. A principal riqueza da região, hoje, são os grandes rebanhos e a criação de gado, única ocupação dos seus habitantes. Desde 1773 a povoação se orgulha da categoria de vila; isso é, porém, só um título, que dá diversas prerrogativas mas de que nem sempre se pode deduzir com segurança a importância correspondente. A agricultura, a mineração e a lavra do ouro, até onde pude observar, têm papel muito inferior.

Graças à recomendação do jovem companheiro brasileiro, de quem nessa mesma noite me despedi muito cordialmente, fiquei muito bem alojado, e à apresentação do amável Alexandre devo também não me ter sido apresentada na manhã seguinte uma conta fora de propósito.

Até ali eu tinha sido relativamente favorecido pelo tempo, que, salvo alguns pequenos aguaceiros, tinha sido mais quente e seco do que ingrato. Na continuação da viagem, depois de Tamanduá, tive mais que sofrer com os caprichos atmosféricos. Uma chuva fina ensopava-nos sem cessar. A mim isso deixava mais ou menos indiferente, mas receava que meu peão José, irritado com ela, pudesse deixar-me, no primeiro apuro. Toda a grandiosidade da natureza e maravilhas da região só me causavam, por isso, fraca impressão, todo o meu interesse estando quase exclusivamente voltado para a observação do céu e das nuvens, que não deixavam divisar a mais pequena mancha azul. Uma tarde, mesmo, quando já tínhamos percorrido resignados boa parte de nossa jornada na chuva e na lama, pareceu-me até que a água caía do céu com mais abundância. Só com dificuldade consegui manter aceso o charuto que acendera; José, por sua vez, esforçava-se por enrolar um cigarro de fumo brasileiro em mortalha de palha de milho, das que trazia no fundo do chapéu. A água cascadeava das largas abas do meu chapéu, e o poncho de pano de lã que tinha posto em cima dos ombros devia estar pesando talvez um quintal, devido à quantidade de água que o embebera. De hora em hora a situação mais se agravava, e no meu íntimo acusava-me de, ao passarmos por diversos ranchos, não ter tomado o conselho do peão, de encurtarmos a viagem por aquele dia e ficarmos num ou noutro

desses lugares, tendo-o desprezado tão inconsideradamente. Além da chuva e da lama, o nosso progresso era estorvado ainda pelo terreno extraordinariamente íngreme, que tínhamos de atravessar nesses dias. Era pelas encostas alcantiladas dos contrafortes da serra da Canastra que nosso caminho, uma extremamente primitiva vereda de montanha, passava.

Tive uma espécie de alívio quando encontramos um tropeiro que, sob a chuva torrencial, tangia suas mulas escoteiras, e que, à pergunta de José, respondeu que o caminho mais para diante estava muito melhor.

José não era de natureza muito comunicativa e eu mesmo estava pouco inclinado a conversar, pelo que poucas palavras trocávamos pelo caminho. De repente, porém, parou o cavalo e declarou-me duvidar que pudéssemos, nas condições reinantes, alcançar o rio Pará, onde esperávamos chegar no fim da tarde, ainda com dia, e propôs que improvisássemos um rancho no melhor lugar que encontrássemos, para esperar que a chuva amainasse. Embora eu não esperasse muito conforto nessa pousada ao ar livre, não me restava outra alternativa senão concordar. Lá onde a mata clareava um pouco, na margem de um riacho e sob os ramos protetores de uma sapucaia gigantesca (*Lecythis ollaria*), escolhemos o lugar mais enxuto e dispusemos nossos preparativos para improvisar a pousada. Tiramos os arreios dos cavalos, peamo-lhes as patas dianteiras para que não se pudessem afastar e pudessem pastar. Com os nossos facões procuramos limpar o lugar de toda vegetação supérflua. Depois José cortou alguns pedaços de cipó, que habilmente entrelaçados uns nos outros deviam servir de apoio seguro ao teto do rancho. O principal material para sua construção foram duas belas palmeiras que derribamos com as nossas forças reunidas, para aproveitar ainda os troncos e fazer com os compridos leques de sua rica copa um teto protetor. Debaixo deste pusemos as selas, suas muitas mantas e demais pertences, que iam servir de camas. Quando tudo ficou pronto, graças à habilidade, digna de admiração, e à experiência do meu guia, nessas coisas, fomos procurar nos troncos das árvores e entre as pedras, onde a chuva pouco ou nada penetrara, musgo seco e lenha miúda, que juntamos para fazer uma fogueira que nos confortasse e aquecesse. Por muito seco, porém, que estivesse o material, tivemos muito trabalho para conseguir o que

queríamos, porque a madeira das florestas virgens, por extraordinariamente rija, é muito difícil de pegar fogo. Contemplei com verdadeira satisfação o nosso trabalho depois de tudo terminado, e as instruções de José para a construção de ranchos foram tão proveitosas, que mais tarde muitas vezes me utilizei delas. Meu amável hospedeiro D. Manuel tinha também pensado nas necessidades do corpo, enriquecendo minhas provisões de boca com farinha, feijão-preto, xarque, cachaça, algumas latas de sardinhas, biscoitos ingleses e uma garrafa de excelente Bordéus. Não tínhamos, pois, que temer a fome. Acampado no enxuto, saciado, refeito, edifiquei-me olhando da entrada da cabana para o sublime quadro da floresta virgem, que meus olhos percorriam, e ao qual a chuva por certo poderia tirar algum encanto, mas nada do seu interesse. Em alguns lugares o riacho murmurante brilhava por entre os arbustos, noutros ficava completamente escondido por grupos de árvores opulentas, e mais adiante o tronco morto de uma árvore gigantesca, coberto de um exército de parasitas, caíra formando, num arco ousado, uma ponte sobre ele. Uma florescência de cores maravilhosas brilhava por toda parte entre o verde, folhas delicadas e festões entrelaçando-se graciosamente de permeio. Mais adiante, do outro lado do riacho, havia espessa parede impenetrável de todas as espécies de coníferas, palmeiras flexíveis curvando-se por cima delas e baixando melancolicamente suas folhas, carregadas de água, para a terra. Tínhamos no nosso trabalho arrancado inadvertidamente da haste um ramo de flores escarlates, que agora se fanejavam rapidamente com o calor da fogueira que ardia perto. Parecia que nenhum ser vivo além de nós e dos nossos animais partilhava a solidão da floresta; só um melro e uma espécie de pica-pau procuravam tirar seu alimento da casca de um cedro gigantesco.

Quando nossa fogueira começou a arder bem, José se deu ao trabalho de tentar secar um pouco sua roupa. Não pensou, porém, ao fazê-lo, que esse trabalho era inútil enquanto a chuva fina continuasse a cair do céu. Deve ter visto isso também, porque se retirou para o fundo do rancho, onde não tardou muito a adormecer profundamente.

Enquanto houve claridade, aproveitei-a, como fazia todas as tardes, para tomar minhas notas; depois fui mais uma vez ver os cavalos, atirei alguma lenha na fogueira e fui dormir também.

Horrível bramido despertou-me na manhã seguinte, depois da noite se ter passado sem nenhuma perturbação. Esfreguei os olhos assustado, apanhei o revólver e chamei a atenção de José para os estranhos gritos. José, porém, dormia tão profundamente que foram precisos cinco minutos para despertá-lo um pouco. O bramido, que continuava, não lhe causou medo nem admiração. Conforme me explicou, era produzido por um bando de macacos uivadores, que devia encontrar-se por perto. Aliás, já havia muito que era dia, e achei que era tempo de apressarmos a partida. Saindo do rancho, vi a uns cinqüenta passos de distância, nas árvores, uma verdadeira assembléia de macacos uivadores (*Myctitis fuscus*), que ainda não nos tinham visto e pareciam estar praticando uma devoção matinal. O que mais gritava, um barbado velho, como José se expressou, era um exemplar feio, com dois ou três pés de altura, corpo delgado; sua pele tinha uma cor fulva avermelhada um pouco ruça, e só a barba, que lhe enfeitava a cara, era de cor mais escura. Com o auxílio dos braços desmesuradamente compridos e da grande cauda preênsil, passava lentamente de um galho para outro, sentando-se de vez em quando e, voltando-se para o bando, colocado, por trás dele, dava a nota para o uivo irritante. A ocasião era por demais tentadora para não disparar um tiro, com a intenção de gozar a surpresa e o susto daqueles habitantes da floresta, e, antes de José ter saído do abrigo, ressoou a detonação. Não é possível imaginar-se nada mais cômico do que o pânico que se apoderou dos macacos. Fugiram para todos os lados, balançando-se e atirando-se com incrível agilidade de um ramo para o galho mais próximo da árvore vizinha. Isso era feito com segurança e rapidez que fariam inveja a muitos acrobatas e equilibristas. Alguns ficavam às vezes pendurados pela cauda, balançando-se, como se estivessem prestes a precipitar-se no chão, mas era só para continuarem a fugir para o topo das árvores. O velho uivador que regia o coro foi o último a deixar a posição que ocupara até então, não sem primeiro se voltar arreganhando os dentes para mim, que fora o desmancha-prazeres. Tinha, fazendo esse gesto, a expressão de uma pessoa desconfiada e ofendida, e veio-me à mente a semelhança das feições desse macaco com as do negro e outras raças humanas do Brasil. A semelhança pareceu-me tão notável e fez-me lembrar tanto a teoria de Darwin, da descendência do homem do macaco, que não me pude decidir a ameaçar-lhes a vida com um segundo tiro.

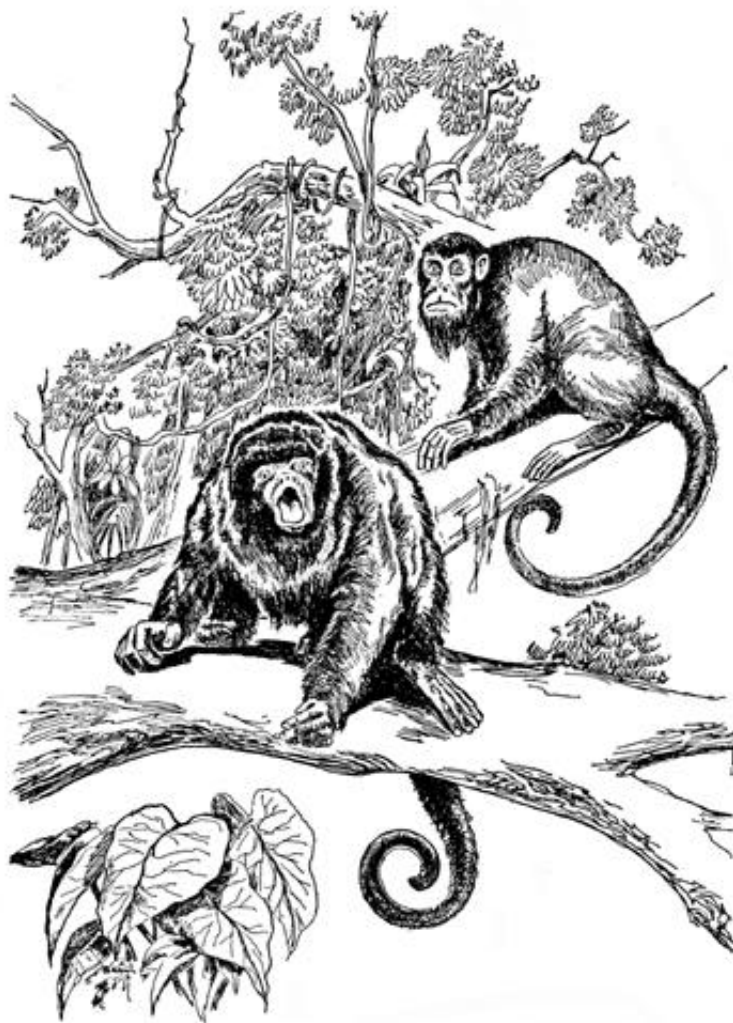
Estava ainda absorto na contemplação dessa amostra da vida na floresta, quando José se mostrou aborrecido com o meu tiro, por achar que podia ter assustado nossos cavalos, os quais, de fato, não víamos em todo o redor. Eu não tinha pensado nisso. A despeito da chuva que não cessara de cair, saímos à procura dos animais. Vagamos por entre um emaranhado de cipós e lianas, indiferentes aos espinhos de mimosas e outras plantas que a cada passo nos arranhavam o rosto e as mãos, enquanto procurávamos, com os mais insinuantes apelos que nos vinham à mente, engodar os infiéis fugitivos. Tudo em vão. É verdade que víamos a relva pisada pelas suas patas, os vestígios de sua passagem nas pontas dos ramos, quebrados e mordidos, mas nem o “querido Malacara” nem o “caro Bruno” apareceram. José vibrava, furioso, o facão contra todos os obstáculos que encontrava, eu seguia resignado atrás dele, arrependendo-me, em silêncio, do maldito tiro, a que José atribuía a causa da nossa desdita. O que eu admirara em plantas e belezas da floresta quando descansávamos no rancho era-me agora inteiramente indiferente. Muito embora fosse impossível que os cavalos se tivessem afastado muito de nós, naquelas brenhas e caos de plantas, pareciam-me no momento tão vão os nossos esforços, quanto o seriam procurando qualquer objeto naquele emaranhado da floresta virgem. Súbito me veio à mente o receio de que, quando nos afastamos do rancho, o acaso tivesse levado por ali alguém que não respeitasse nossa propriedade. Julguei por isso, mais acertado, voltarmos o mais depressa possível.

Quando, no rancho, ponderava acerca de que maneira poderíamos continuar a viagem, sem cavalo e sem abandonar a bagagem, e como teria sido fácil apoderarem-se dos animais peados, ouvi distintamente, com indescritível alegria, o relinchar do meu castanho. Agora, que sabíamos em que direção devíamos procurar os desertores, não seria difícil encontrá-los. De fato, antes que eu, alegremente excitado, tivesse aberto caminho para o lugar onde ouvira o relinchar, José veio ao meu encontro com os dois cavalos, que trazia presos a uma corda que levava. Ambos tinham perdido – como ficou sendo para sempre um enigma para nós – as peias.

Desejei, mais do que antes, apressar a viagem, e a despeito do tempo desfavorável, alcançar nosso destino o mais depressa possível.

Aprestamo-nos, por isso, rapidamente, depois desta pequena aventura, para continuar a jornada.

Uma hora depois a floresta foi clareando e entramos na região do rio Pará. Foi bastante difícil a travessia dos diversos afluentes do grande rio, que devido à persistência da chuva tinham tomado muita água. Ao cair da tarde alcançamos o rio Pará. É um rio muito bonito, cujas margens estão cobertas, até onde a vista alcança, por larga faixa de floresta, que por muito tempo o tinha ocultado aos nossos olhos. Em Passagem, um lugar miserável, fizemo-nos transportar numa balsa muito fraca, remada por dois mulatos, para a outra margem. A balsa, na qual, homens e cavalos, tomamos lugar ao mesmo tempo, foi fortemente arrastada pela correnteza, mas levada a salvo até à margem oposta pelos dois hercúleos tripulantes, e senti-me como se me tivessem tirado uma pedra de cima do coração, quando pus novamente pés em terra firme. Embora eu tivesse achado exagerado, em relação ao serviço, o preço de três mil-réis, paguei-o com prazer, cômico do perigo a que tínhamos escapado. Muito perto de Passagem, onde nos apeamos defronte de uma venda, fica a famosa queda-d'água do rio Pará, também chamado rio Grande. O rio corre aí entre rochas, que se apertam subitamente, até uma largura de 12 metros, e precipita-se desapoderadamente de uma altura considerável com um ribombar de trovão. Um negrinho serviu-me de guia, e dentro em pouco ouvi o estrondear da queda. O panorama, do alto, que foi difícil de alcançar, não é muito compensador; o quadro, porém, visto do fundo, que alcancei com felicidade, depois de muita ginástica e não sem muitos escorregos e tropeções, é maravilhoso. A umas duas centenas de pés de profundidade turbilhona imensa massa branca de espuma, bramindo e sibilando por entre penedos de formas gigantescas. Uma vegetação peculiar cobre a penedia úmida. O espesso matagal de ambos os lados da queda, e mesmo mais abaixo do ponto onde estávamos, mostrava que muito raramente pés humanos erravam por ali. O estrondo, o bramido da água e a solidão causavam uma impressão sinistra, e depois de gravar bem na mente o quadro que me rodeava, apressei-me em deixar aquelas paragens inóspitas onde, além do grandioso espetáculo das águas, oferecido pela natureza, nada mais prendia o espectador senão o frescor dos milhões de átomos que se evolvem das águas revoltas. Se a descida até ao fundo foi difícil, a subida



*O ve lho ui va dor que re gía o coro dos sí mi os foi o úl ti mo a de i xar a posição*



pelas encostas alcantiladas dos penhascos, por entre lianas e espinheiros, não foi mais fácil. Enquanto meu companheiro, muito moço, se esgueirava por entre os penedos com a ligeireza de um macaco, muito adiante de mim, eu corri muitas vezes o risco de escorregar e machucar-me seriamente. Gritei mesmo muitas vezes ao negrinho para que ficasse junto de mim; o terrível estrondo das águas abafava meus gritos.

A noite caíra, nesse entretempo, e quando regressamos à povoação não me restava mais nada a fazer senão ir dormir, para no dia seguinte procurar um guia para São Mateus e Mogi, excursão que muito raramente, segundo me disseram, os viajantes faziam, mas que eu resolvi fazer por me levar mais depressa à estrada para São Paulo. Pernoitei, em Passagem, numa pequena cabana meio arruinada, que, como dependência de uma vendola, era, em comum, habitada por um negro velho da casa. A cama que encontrei lá não pertencia ao número das mais asseadas e uma inspeção de mais perto me teria em circunstâncias ordinárias tirado o sono, mas devido ao excessivo cansaço, que eu sentia quase todas as noites, nas minhas viagens, esqueci os escrúpulos e depressa mergulhei num sono profundo.

Ao despertar fui surpreendido, da forma mais agradável possível, por palavras alemãs que me chegaram aos ouvidos. Por alguns minutos julguei estar sonhando, porque o encontro de um compatriota em paragens tão distantes era certamente estranhável. O caso, porém, se explicou do seguinte modo: eu tinha dito na véspera ao vendeiro que tinha de arranjar, de qualquer maneira, outro peão, em Passagem, para prosseguir viagem para São Mateus, pedindo-lhe para me arranjar um, competente. Quis o acaso que chegasse a Passagem, ao mesmo tempo que eu, um missionário alemão que estivera missionando na Província de Goiás e ia para São Paulo. Assim que soube, pelo vendeiro, de minha presença e de meus planos de viagem, resolveu viajar comigo. Mas, como eu já estava no mundo dos sonhos, o bom homem resolvera esperar pela manhã seguinte, para nos entendermos pessoalmente. Eu não sabia o que poderia ter sido melhor para mim que o encontro com esse ungido do Senhor, no qual, aliás, no primeiro momento, estando enrolado num vasto poncho, com um chapéu de abas largas e um facão à cinta, nunca se poderia supor um pacífico propagandista do Evangelho. Só quando descobria a cabeça é que se via o sinal de sua sagração sa-

cerdotal. Padre Jerônimo era o seu nome, mostrou satisfação igual à minha por poder continuar a viagem em companhia de um compatriota na significação literal da palavra, por ser como eu natural da Baviera, de onde, havia dois anos, tinham-no mandado missionar no Brasil.

Despachei logo José, que esperava sua soldada, e passei para o meu cavalo a pequena bagagem que até então ele transportara no seu.

O caminho de Passagem para a fronteira da Província de São Paulo segue na direção sudoeste, por terreno acidentado, só em parte cultivado, sem nenhum característico interessante. Grupos graciosos de colinas alternam-se com vastos vales e grotões, cuja vegetação consiste ora em capim alto, de um verde pardacento, ora em pequenos grupos de arbustos mirtáceos e árvores. Davam vida à paisagem numerosos rebanhos de gado que não raro ficava preguiçosamente deitado no meio do nosso caminho, não dando o menor sinal de interromper a sesta por nossa causa.

A monotonia da redondeza era mais freqüentemente interrompida por uma fazenda isolada, um rancho ou uma venda; vinha-me então à mente como achava belo, nos dias anteriores, a solidão e o ermo que são peculiares às paisagens brasileiras. Era-me grato ter o tempo mudado, sendo-me propício desde que deixáramos Passagem, e pela conversa com o Padre Jerônimo, que antes, com os companheiros brasileiros de vez em quando cessava, podia agora afastar o tédio. O Padre Jerônimo era, não obstante sua rigorosa educação jesuítica, grande conversador, erudito e amável. Não só sabia falar, com conhecimento, sobre os diversos ramos das ciências, como tinha vasto repertório de casos e experiências próprias, cujos detalhes contava com especial prazer. Desde muito moço tinha ardente desejo de conhecer de perto terras e povos estrangeiros, e atendeu com verdadeiro entusiasmo ao apelo de sua Ordem para servir e propagar as doutrinas da Igreja Católica entre os negros e índios do Império. Desde que pisara o solo sul-americano atendeu a esse apelo nas Províncias de Goiás e São Paulo, e queria agora, conforme instruções da Ordem, depois de ter sido substituído por um irmão mais moço da mesma, ir para as províncias do Sul. Em muitos sentidos sua opinião sobre o Brasil combinava inteiramente com a minha. O país, sua situação, causava nele a mesma impressão de estar um par de séculos atrasado em relação à Europa, contudo não deixava de

reconhecer que tinha um brilhante futuro diante de si. Servia-nos de guia um jovem paulista de 20 anos, que já fizera essa viagem, dizia ele, quatro vezes.

Depois de um dia muito quente chegamos a uma pequena povoação cujo nome não recordo. Perto daí apreciamos, depois de ter anoitecido, belo espetáculo de inúmeros pirilampos voando de um lado para outro. Estes pirilampos, de que apanhamos diversos para observá-los com mais vagar, pertencem todos à família dos elatros (escaravelhos); a luz esverdeada, viva, ininterrupta, que irradiam, emana de dois pontos amarelados no ventre. Possuem também rara elasticidade nas pernas, por meio da qual podem elevar-se, pulando, a alguns pés de altura. Quando voam na floresta parecem meteoros, cortando o espigão. Entre as muitas espécies de pirilampos que se encontram no Brasil, a que mais brilha é certamente a *Elater noctilocus*. A luz dos numerosos vagalumes, que aparecem juntamente com os elatros, parece baça e fraca, comparada com a destes.

Devido à sua beleza e ao brilho de sua luz, os elatros são usados pelas damas como jóias em algumas partes da América do Sul. Disseram-me que nas Antilhas as damas não só usam esses coleópteros na cabeça como jóias, em lugar de pedras preciosas, como também para enfeitar os vestidos. Eu mesmo muitas vezes me dei ao prazer de prender um desses animaizinhos sob um copo e procurar a cama à claridade de sua luz.

Encontramos um grande obstáculo no caminho do rio Grande até a fronteira da Província de São Paulo, na travessia do rio Sapucaí, mormente por não se avistar uma balsa em parte alguma. Felizmente, porém, conseguimos efetuar-la sem acidente, e depois de algumas horas de viagem surgiram no horizonte longínquo, cada vez mais nítidos, os contornos dos cimos da serra do Lobo, entre os quais devia estar escondida a pequena cidade de Caldas. Assim como tínhamos, na região relativamente plana entre os rios Grande e Sapucaí, podido apressar em alguns trechos a marcha dos animais, também tivemos de ir mais devagar mais vezes, agora devido ao terreno ladeirento. Chegamos a Caldas bastante cansados, sem, porém, qualquer incidente digno de menção. É uma cidadezinha alegre, com cerca de 8.000 habitantes, que deve sua origem ao posto militar de Ouro Fino, que fica perto de onde outrora

existia uma mina de ouro muito produtiva, e seu nome às fontes sulfurosas muito quentes, na sua vizinhança. Passamos a noite bem acomodados, numa hospedaria muito concorrida.

No dia seguinte viajamos por um caminho muito difícil, através da alcantilada montanha, até São João da Boavista; só fizemos alto na Penha, depois de termos atravessado, serpeando, uma verdadeira muralha de penedos.

Na Província de São Paulo, onde nos encontrávamos agora, pareceu-me que a agricultura estava muito mais adiantada que na vizinha, e o Padre Jerônimo, a essa observação, falou-me do bem-estar reinante nas numerosas colônias alemãs existentes nessa parte do Brasil.

Nosso peão, que já acompanhara o Padre Jerônimo de Goiás até ali, era paulista nato. Antes já me referi ao caráter dessa gente, de maneira que posso prescindir de voltar largamente ao assunto. No paulista que nos acompanhava notei ainda, sobretudo, como o cavalo e o cavaleiro se entendiam bem, e a originalidade dos arreios do baio-escuro também era digna de atenção. Tinha, ao contrário das selas comumente usadas (lombilhos), uma pequena sela chata de madeira, que nem sequer era revestida de couro. Os estribos eram tão pequenos que neles só cabiam as pontas dos pés, e, o que era mais original ainda, as esporas eram presas por correias nos calcanhares nus. Vestia o nosso peão uma jaqueta curta (gibão), calças estreitas (perneiras) e um chapéu em forma de prato, preso no pescoço por uma correia, tudo de couro macio de capivara. O cavalo que montava era sem dúvida o melhor da nossa pequena caravana, e embora de tamanho médio e de uma cor feia, era bem proporcionado, garboso e de uma resistência rara. A despeito da longa viagem que já tinha feito, não necessitava nenhum tratamento especial do dono para induzi-lo a novo esforço.

Na fisionomia do peão estava estampado alto grau de inteligência, e seu todo alegre lhe granjeava a simpatia de todos. Na Penha, onde chegamos à noite, quase não encontrávamos uma pousada conveniente, se o nosso peão não tivesse realizado a conquista de um mulato que se declarou pronto a nos dar pousada por aquela noite. Essa pousada foi um exemplo de imundície. Porcos e galinhas partilharam conosco o mesmo quarto, e em parte alguma me senti tão mal acomodado como na casa do senhor Ferreira, na Penha. O Padre Jerônimo pareceu-me tão

descontente com a pousada quanto eu, embora o senhor Ferreira não nos deixasse faltar nada. Em honra à nossa presença os filhos do mulato tinham trazido um tatu, da mata próxima, que, como um assado cheiroso foi iguaria apreciável. Como sobremesa tivemos uma porção de frutas, cozidas numa excessiva quantidade de açúcar que na Europa seria alto luxo. Infelizmente, devido ao excesso de açúcar, não pudemos comer muito. A mulher do mulato era uma figura repelente, que, com o seu costume de verão limitado ao mínimo necessário, não se deu ao incômodo de melhorar a toalete. Pelas aparências era uma boa dona de casa e parecia até ajudar nas horas vagas no armarinho do marido.

Tínhamos tido repetidamente, nos dias anteriores, que atravessar rios e riachos, e ao deixar Penha recomeçamos com a travessia do rio Mogi-Açu, que é afluente do rio Grande, ou Pará.

A beleza das florestas virgens que encontramos na Província de São Paulo não era, principalmente mais para o interior, menos grandiosa que a da Província de Minas Gerais. Era característica a ocorrência em grande número de pinheiros (*Araucária brasiliensis*), cujos frutos, aliás, ligeiramente torrados, os habitantes dessa região comem, como acontece com as castanhas, com as quais têm alguma semelhança. De longe as matas de araucárias fazem lembrar nossos pinheirais do norte. Todavia quis parecer-me que as florestas virgens em São Paulo não são tão ricas em variedades como as de outras partes.

Desde que entráramos na Província de São Paulo viajávamos mais amiúde por verdadeiras estradas; mas não se deve fazer uma idéia muito lisonjeira delas, porque, como todos os caminhos no Brasil, se encontram em estado deplorável, a despeito de ser São Paulo a província que se pode chamar, com razão, a filha querida do governo brasileiro. Foi principalmente de lá que irradiou, nos primeiros decênios da invasão européia, todo o começo de civilização, e nenhuma outra província tem por isso um passado histórico tão rico, para mostrar, quanto essa. Mesmo na história mais moderna São Paulo e os seus habitantes têm todo papel de não pequena importância. Os ramos mais importantes da atividade paulista são a agricultura e a pecuária, ramos da economia rural em que, quando muito, os habitantes da Província do Rio Grande do Sul rivalizam, em atividade e êxito. Mas sua produção de café e algodão é que tem a mais alta importância na economia nacional; a seguir vêm as cul-

turas da cana-de-açúcar, chá, tabaco e milho. Segundo dados fornecidos pelo Dr. Kupfer, que viveu muitos anos nessa província e conhecia muito bem as condições lá, reinantes só a exportação de café, em 1869, montou a 488.000 sacos; em 1870, a 400.000, e em 1871, a 460.000. Em 1871 foram exportadas pelo porto de Santos 150.000 sacas de algodão em rama.

As plantações de café e algodão, a cuja cultura não pequena parte dos colonos alemães se entrega de preferência, ocupam as terras mais próximas da costa. No interior são as grandes fazendas de criação que interessam aos brasileiros ricos. O custo elevado do transporte para os portos marítimos tornaria a cultura do café e do algodão, lá, negócio pouco remunerador.

Pelos cálculos do Dr. Kupfer, o número de alemães na Província de São Paulo deve ser de cerca de 4.500, parte dos quais são colonos e parte vive na cidade como comerciantes, artífices ou proprietários de pequenas granjas, a maior parte destes tendo imigrado como colonos de parceria. O sistema de parceria, ou colônias a meias, consiste no proprietário reservar nas suas terras um pequeno lote e moradia ao trabalhador contratado e dar-lhe uma certa parte do lucro nas plantações que fizer. O sistema em si, e por si, não é mau, contudo não aprovou porque em nenhum outro sistema se torna tão essencial a perfeita harmonia entre empregado e empregador. Exige também a maior diligência e economia por parte do colono, para garantir um futuro seguro e independente. As parcerias e os colonos são particularmente prejudicados por só lhes poderem ser destinadas terras ruins, ou muito distantes, porque as terras boas, em quase todas as províncias, já estão ocupadas. Só algumas zonas nas províncias do Sul fazem exceção a esta regra.

O sistema das colônias de parceria foi primeiro empregado pelo Senador Vergueiro. Enquanto ele se interessou pessoalmente pelo bem-estar dos colonos seus protegidos, as colônias prosperaram e a maioria dos colonos alemães sentia-se feliz e satisfeita. Sob a administração, porém, de seu filho, surgiram divergências de toda espécie de que finalmente resultaram justas e clamorosas queixas contra a escravatura branca nessas colônias.

Infelizmente não visitei nenhuma colônia de parceria em São Paulo; não posso, por isso, tratar do assunto baseado em experiência

própria e abordo o tema por informações de outros. O Dr. Kupfer fala da de Ibicaba, onde estivera como médico, e onde viviam, em 1856, 1.000 alemães, 800 suíços e cerca de 200 portugueses, todos se sentindo bastante satisfeitos. Os alemães, na sua maior parte, tinham casa de residência, cuja construção e arranjo eram, sem dúvida, muito simples, mas que ofereciam o conforto que um modesto camponês pode desejar. O aluguel era de cerca de nove táleres anuais.

Retardava o progresso dos colonos certas cláusulas do contrato que davam aos proprietários das terras direitos exorbitantes. O dono da propriedade podia, por exemplo, ceder o colono a outro proprietário, se este lhe pagava os adiantamentos e as despesas já feitas; a família de um colono, pelo contrato, ficava responsável, dada a morte de um dos seus membros, pela dívida do morto.

Só o custo da passagem, que o proprietário da terra adiantava, já endividava consideravelmente a família do colono. A isto se juntava ainda o fato de decorrerem pelo menos nove meses antes que pudessem colher os primeiros frutos de suas plantações. Até aí viviam dos adiantamentos que lhes faziam os proprietários, e sua dívida aumentava tanto – no fim do primeiro ano às vezes até 1.200 táleres, que seriam ainda acrescidos de juros anuais à razão de 6% – que seria necessário uma energia excepcional para libertar-se dela. E isso dependia sobretudo da safra de café, que nem sempre era boa. Uma parte de 750.000 mil-réis (cerca de 1.687,5 marcos) no resultado do trabalho duma família de cinco pessoas em idade de poderem trabalhar já é um resultado considerado extraordinário. São precisos, assim, quatro a cinco anos para uma família de colonos se libertar das dívidas contraídas no princípio.

Não era raro serem também a nostalgia, o desânimo, a doença e certamente a preguiça obstáculos insuperáveis a uma melhoria de sorte dos mais infelizes. Só uma minoria podia habituar-se aos costumes da terra, às comidas e bebidas, e sobretudo os colonos trabalhavam muito pouco. As cizânias aumentavam devido à agressividade dos feitores e dos diretores das colônias, que aos poucos fazia com que, no exercício de sua autoridade, cometessem muitas vezes arbitrariedades e injustiças. De tudo isso, junto, resultou finalmente uma revolta dos colonos, demissão dos feitores e diretor, e a ruína da colônia de Ibicaba. Os principais instigadores foram os colonos suíços.

Fim semelhante ao desta foi o das colônias de parceria de Ubatuba, Elias Velho e outras mais. Poucas foram as que prosperaram até à atualidade. Ao número destas pertencem São Lourenço, Paraíso e Sete Quedas, perto de Campinas.\*

Os colonos de parceria, que pelo trabalho assíduo conseguem uma certa independência, mudam-se em geral para as cidades vizinhas, onde gozam uma existência feliz trabalhando como artífices, negociantes e industriais.

O extraordinário aumento que teve a produção de café em São Paulo, nos últimos anos, atribui-se principalmente aos imigrantes europeus e aos colonos de parceria. O mesmo vale para a melhoria da cultura do algodão. Os colonos alemães obtiveram lucros especiais dedicando-se à cultura de legumes e laticínios.

Quanto mais nos aproximávamos da costa e avançávamos na região dessas colônias, tanto maior era o número de viajantes, tropeiros, carros de bois, etc., que encontrávamos, parecendo-nos amiúde distinguir nesse meio um compatriota ou pelo menos um europeu.

Depois de Penha, nosso peão, para levar-nos, por Bragança, para Jundiá, enveredou por um caminho verdadeiramente intransitável por cima da serra Negra. Um lugarejo chamado Serra Negra foi a primeira povoação que alcançamos, depois de árduo trabalho. Não foi menos trabalhosa a marcha desde aí, através de um vasto vale onde

\* Segundo dados oficiais, existem na Província de São Paulo agora, além dessas, as seguintes colônias particulares e de parceria:

	Colonos
São Jerônimo .....	643
Pau d'Alho .....	71
Cresciumal .....	240
Cafeeiral .....	120
Boavista.....	143
Cascalho .....	44
Morro Azul.....	104
Nova Lousa .....	100
Nova Colômbia.....	82
Saltinho .....	72
Salto Grande .....	<u>64</u>
Total.....	1.683



corria um grande rio, por cima das faldas pedregosas da serra da Mantiqueira, para a cidadezinha de Bragança, situada como que em um caldeirão. Fundada em 1797, é sede da municipalidade, nada tendo mais de importante, além disso.

Embora estivéssemos a quatro léguas de distância do caminho de ferro de Jundiá, adiamos a continuação da viagem para o dia seguinte. A vila de Jundiá, fundada em 1656, foi sempre uma estação principal para os viajantes demandando Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e outros destinos. A população parecia compor-se unicamente de vendeiros e tropeiros, que entrava ano e saía ano se ocupavam com o apresto e aproveitamento de pequenas caravanas para as províncias. Como término da linha férrea de São Paulo, a importância do lugar aumentou muito nos últimos anos, e por todos os lados se erguem bonitos edifícios, testemunho de que o aguarda um brilhante futuro. Nas lojas o sortimento de artigos expostos atesta também o bem-estar da população que, como intermediária no comércio de produtos coloniais, acumula consideráveis capitais. Alguns edifícios públicos atraem a atenção do viajante, entre eles o mosteiro dos beneditinos, aliás, em parte caindo em ruínas. Ainda antes de 1867, essa vila estava em plena decadência e apresentava um quadro bem triste das condições do Brasil. Hoje isso mudou da maneira a mais favorável.

A estrada de ferro que ligou Jundiá ao porto de Santos tem 139 quilômetros e é uma das mais interessantes do Império. Sua construção teve de enfrentar condições topográficas difíceis, que tiveram de ser contornadas, com grande dispêndio, por meio de muitas pontes, viadutos e túneis. Um dos túneis tem o respeitável comprimento de 591,3 metros. O tráfego se faz, numa parte da estrada, em plano inclinado, por meio de locomotivas apropriadas. Num trecho onde se galga a serra do Cubatão, a linha sobe nada menos de 800 metros numa distância horizontal de aproximadamente 8.000 metros.\* A situação financeira desta empresa, que está nas mãos duma companhia inglesa, é muito sólida. Espera-se, com razão, um aumento dos lucros, com o prolongamento

\* Segundo os últimos dados oficiais a estrada já vai até Limeira, trecho que já foi aberto ao tráfego. Avançou, assim, mais 99km. Pode-se esperar com segurança que os 35km que ainda faltam até à cidade de São João do Rio Claro, cuja construção já está muito adiantada, não tardarão a ficar concluídos.

da estrada até a florescente cidade de Campinas, centro de cerca de 200 plantações de café e cana-de-açúcar, no platô ondulado na região do rio Tietê. No ano de 1874 a renda da estrada de ferro atingiu 3.475:374\$270 réis, com um acréscimo, em comparação com o ano de 1872, de 1.462:754\$925 réis. A renda líquida de 1875 foi de 2.476:731\$500 réis, o que corresponde a um juro de 10,042% sobre o capital empregado. Já estão sendo construídos diversos novos ramais da estrada.

Meu primeiro cuidado, quando cheguei a Jundiá, foi, depois de encontrarmos uma hospedaria, vender meu cavalo e petrechos inúteis, para tomar o trem mais desembaraçado de bagagem. Consegui isso no mesmo dia da nossa chegada. Não foi sem pesar que me separei do meu cavalo, que com rara resistência e docilidade me levou por regiões inóspitas e não pouco perigosas, arriscando corajosamente a própria vida. Foi mais difícil para o Padre Jerônimo desfazer-se do seu rocinante, que nos últimos dias começara a mancar, além de os cavalos em Jundiá terem menos valor do que os bonitos e fortes muares, em geral preferidos. Como o Padre Jerônimo tinha outros negócios a tratar na vila, não se podia desembaraçar tão depressa e tencionava demorar-se em São Paulo, resolvi prosseguir sozinho a viagem, mesmo porque sendo a partida do vapor, como soube, esperada para qualquer dia, em Santos, poderia perdê-lo.

O Padre Jerônimo e eu tínhamo-nos dado tão bem na viagem, que foi com pesar que tivemos de nos separar, e um forte aperto de mão de despedida deu expressão a esse sentimento. A despeito das repetidas indagações, depois, nunca mais tive notícias do meu companheiro de viagem.

A afeição do peão por nós era menor, pois assim que recebeu a soldada que lhe era devida, e minha generosa gratificação, afastou-se, sem se importar muito conosco.

Percorri, quase voando, no dia seguinte a maravilhosa região entre Jundiá e Santos. Só me permiti uma pequena demora na capital da Província de São Paulo, que se estende pitorescamente pelo planalto de Piratininga. A cidade interessou-me tanto mais por me ter sido descrita como um das mais belas cidades provincianas do Brasil e datar da época da mais antiga colonização dos jesuítas. No ano de 1554 já devia ter sido

rezada missa ali, em louvor do apóstolo São Paulo; em 1746 foi elevada à sede de bispado.

No seu aspecto, até onde pude observar, a cidade não se diferencia em nada das outras cidades brasileiras, encontram-se, porém, entre as casas, muitas de belo gosto arquitetônico e de mais de um andar, mas a maioria é de taipa. Dentre as muitas igrejas e conventos não há um, com exceção dos conventos dos franciscanos e dos carmelitas, cujas torres têm uma cúpula peculiar, que se diferencie do comum das igrejas brasileiras. Os conventos mais antigos, aproveitados aqui e ali para repartições públicas, são espaçosos, mas, exteriormente, lamentavelmente descuidados, e a geração de hoje permite de modo espantoso, por falta de senso artístico e de bom gosto, que não se preserve o pouco que ainda existe. Como exemplo cito só o arco do portal de uma igreja, trabalhado em belo mármore italiano, que foi pintado a óleo, de uma cor amarela suja.

A universidade que São Paulo possui está instalada num antigo convento franciscano. Faltou-me tempo para vê-la por dentro.

São Paulo tem cerca de 20.000 habitantes, entre os quais se contam bastante alemães. Modo de vida alemão e influência alemã fazem-se também sentir de diversos modos, e ganham diariamente mais terreno.

Os paulistas se orgulham muito dos seus institutos científicos e demais instituições públicas e crêem que nisso não ficam atrás, mesmo, de cidades européias. Até que ponto tem isso fundamento, não tive tempo de averiguar, no pouco que me demorei lá. Os arredores da cidade são maravilhosos; situados numa região acidentada, pertencem ao número dos pontos mais encantadores dessa província. Os habitantes, porém, não se interessam muito por fazer realçar essas belezas naturais por meio de jardins e outros melhoramentos.

O trajeto de trem entre São Paulo e Santos é curto e constitui o trecho mais interessante de toda essa via férrea, por ser o terreno aí mais impérvio e pitoresco. Como a Estrada de Ferro Mauá, no Rio de Janeiro, segue em direção às alcantiladas montanhas da costa, que galga pela forma que já ficou dito, até encontrar seu término na encantadora enseada de Santos.

Já era tarde quando cheguei, mas sobrou-me ainda algum tempo, nesse dia, para apreciar, à luz do crepúsculo, subindo por uma

colina que ficava perto, encimada por uma capela, o panorama da cidade e do porto. Santos foi uma das mais antigas colônias do Brasil, datando do ano de 1546; não alcançou, porém, apesar de toda essa idade, grande extensão. Até pouco tempo contava só 10.000 habitantes; desde a inauguração da Estrada de Ferro de São Paulo observou-se um aumento de tráfego e um acréscimo de população. Ainda restam alguns belos edifícios dos tempos antigos na cidade, que é também sede de alguns departamentos do governo. Do lado do porto a cidade parece importante; do ponto, porém, onde eu estava, sobre a citada colina, via-se que de fato se estendia muito, mas que tinha pouca largura.

A capela de que falei acima estava aberta e entrei para ver também seu interior. Quase todas as paredes estavam cobertas de *ex-votos* em forma de membros moldados em cera, muletas, corações, e coisas semelhantes, o que deixava perceber que se atribuía grande poder milagroso à imagem da Virgem existente no altar. Mas em parte alguma se mostrou lá em cima um ser humano, e só duas cabras saltavam diante da igreja, procurando o pasto entre a relva, sem se incomodarem com a minha presença.

O panorama diante de mim pareceu nesse momento inundado de ouro; seus tons maravilhosos, suas linhas pitorescas não se podem descrever com palavras. No primeiro plano, as casas, de uma alvura deslumbrante, espalhadas por grande extensão, a floresta de mastros no porto, a superfície espelhante do canal que conduz ao mar largo com a sua faixa de verde escuro de mangue nas margens, mais adiante, para a esquerda, a ilha Enguaguaçu, e ao sul, na encosta dum penhasco, na ilha de Santo Amaro, o contorno do forte da barra, do mesmo nome, fundem-se num quadro tão grandioso quanto encantador. Se quando subi tinha voltado minha atenção para a vegetação através da qual se abria a vereda serpeante, prendia-a, agora ao descer, a variedade de vistas da cidade e do campo que se apresentava a cada volta da senda, por entre o mato. No sopé da colina passei por um convento que, num isolamento bucólico, convidava à meditação. Encontrei junto a uma fonte que, a pequena distância, só com o seu murmúrio já sacia a sede do viajante, um menino de olhos escuros e cabelos pretos, por quem soube que a colina a que subira era o Monteserrate, com a igreja de Nossa Senhora do

Monteserrate, cujo grandioso panorama é gabado por todos os estrangeiros.

Tinha-me hospedado numa casa em uma rua do cais, aparentemente a rua principal, que tinha o pomposo nome de hotel. Se já me tinha antes horrorizado, no meu íntimo, com a imundície nas ruas, parecia-me agora insignificante e quase não valendo a pena mencionar o que vira antes, comparado com a fabulosa sujeira que encontrara ali. Tudo era sórdido, e os hoteleiros, franceses natos, excediam, na sua indiferença diante daquela imundície, ao mais negligente dos brasileiros. A hospedeira era certamente tão volumosa, que lhe seria penoso, com o calor abrasador, que dizem reinar sempre em Santos, andar pelos quartos do hotel incitando os criados. Passava a maior parte do tempo na janela voltada para o porto, deixando escapar num tom dilacerante o suspiro: “Mon Dieu, quelle chaleur!” e enxugando com o lenço o suor lhe pelejando no rosto, que não devia ter sido feio. Comigo, no hotel, alojava-se toda uma companhia de ratos, que ao anoitecer se divertiam na praia, perto, e, sem respeito pela ordem que devia reinar na casa, só tarde da noite voltavam para seus esconderijos no hotel. O melhor da casa era a excelente comida, que eu saboreava com tanto mais prazer por já estar farto da sensaboria da comida brasileira durante a viagem de muitas semanas pelo interior.

Encontrei no dia seguinte, na agência do vapor, as minhas malas maiores, que despachara do Rio, de maneira que a continuação da viagem dependia unicamente da chegada e partida do primeiro vapor.

Proporcionou-me alegre diversão o conhecimento que fiz, em Santos, de um patrício que fez questão de me apresentar no Clube Alemão. Não sei a quanto monta o número de alemães residentes em Santos e não pude obter dados exatos do meu cicerone; contudo, seu número deve ser de algumas centenas. Em todo caso, são bem unidos, e tornaram assim possível uma vida social agradável, que depois das lides do dia, pelo menos em parte, amenizava a saudade da pátria longínqua.

Nesse entretanto, o tiro de canhão anunciava a chegada do vapor ansiosamente esperado, e corri para providenciar sobre o necessário à continuação da viagem. À noite já eu estava a bordo e deixava, com o vapor brasileiro *Gerente*, a bela enseada de Santos, cujas belezas naturais ficavam gravadas na minha mente tão inesquecivelmente quanto as da baía do Rio de Janeiro.

.....

## *Capítulo XV*

### VIAGEM, VIA RIO GRANDE, PARA PORTO ALEGRE

**N**ão há dúvida de que as viagens costeiras em vapores brasileiros não pertencem ao rol das coisas agradáveis, naquelas terras; e o navio que o acaso me destinou não era de molde a modificar minha opinião já uma vez firmada contra os citados vapores. Para cúmulo, o navio era mal construído e jogava terrivelmente, mesmo no mais calmo dos mares. Não admirava, pois, que eu, depois de ter estado tanto tempo em terra, tivesse novamente alguns ligeiros acessos de enjôo, que juntamente com os infalíveis parasitas de bordo me fizeram ficar muito mal disposto. A beleza da costa, ao longo da qual navegávamos, não conseguiu, por isso, prender minha atenção, ao princípio, e só quando nos aproximávamos do porto de Desterro foi que me reanimei e alegrei-me com o novo panorama que se apresentava aos meus olhos. A cidade oferece uma bela vista, mas não corresponde, assim que se pisa nela, à expectativa que se antecipa. Praças e ruas irregulares e casas de aspecto muito mesquinho, calçamento coberto de capim ou caminhos sem nenhum calçamento e com profundos sulcos dão à cidade um aspecto de decadente. Só os arredores e a situação do porto emprestam a Desterro

maior encanto. Os edifícios públicos, no que concerne à beleza arquitetônica, quase que não vale a pena mencionar, e mesmo o palácio do presidente da Província de Santa Catarina, de que a cidade é a capital, é só uma casa particular comum. Desterro pode ter de 10.000 a 12.000 habitantes, na maior parte comerciantes, industriais, etc., que empregam sua atividade muito proveitosamente devido às numerosas colônias existentes nesta província. Uma indústria especial do lugar, que chamou minha atenção assim que desembarquei e à qual se dedica grande parte da população, é a de flores artificiais e objetos de adorno feitos de penas, escamas de peixe ou os chamados palmitos e outras matérias-primas naturais, como conchas, etc. Desterro e Rio de Janeiro são as cidades onde se fabricam especialmente esses artigos, alguns dos quais custam mais caro que genuínas jóias de ouro; às floristas (na sua maior parte jovens negras e mulatas) de Desterro falta, porém, bom gosto. Von Tschudi é da mesma opinião, achando que merecem mais louvores sua paciência e aplicação do que a beleza dos objetos que confeccionam.

Em geral há muita vida nas ruas, e só nas horas do meio-dia, quando o sol dardeja inexorável sobre a cidade, privada de viração pelas montanhas que a cercam, é que ruas e praças ficam desertas, e, quando muito, cavalos e muares pastam, saciando-se na grama que cresce viçosa entre as pedras do calçamento. Acontece também que, sem levar em conta a hora abrasadora do meio-dia, passam sentenciados carregados de ferros e escoltados, porque Desterro serve também ao governo como lugar de degredo para crimes mais graves.\* São figuras de aspecto tenebroso, cujos uniformes azuis, com guarnições encarnadas, se reconhecem de longe. Conquanto esses homens estejam, quase como os galés franceses, presos dois a dois, por pesadas argolas de ferro, seria errôneo julgá-los todos criminosos merecedores de pena capital. A escolha dos sentenciados acorrentados não é sempre feita com o necessário cuidado,

\* Além de Desterro há ainda os seguintes lugares de degredo, inclusive os chamados presídios militares: Santa Bárbara, na margem do rio Macaco, a colônia fundada por Jurupensen no rio Vermelho, Santa Cruz, no rio Cana-Brava, Santa Leopoldina, no rio Araguaia, Santa Maria, no do mesmo rio, São José dos Martírios e São José de Sinimbu. Essas colônias, muito longínquas, servem não só para colonizar o país como também para catequese e domesticação dos índios. As colônias penitenciárias não devem ser confundidas com as também numerosas colônias militares.

parecendo só se ter em vista a duração da sentença. Acontece, por isso, que ficam cada vez mais calejados moralmente. Em geral as prisões são, antes de tudo, um lado fraco da administração no Brasil. Faltam-lhes não só edifícios adequados aos seus fins, como a atenção e direção necessárias à regeneração moral dos delinqüentes. Neste sentido é ainda a capital, Rio de Janeiro, que está melhor aparelhada. Nas províncias contentam-se com edifícios destinados a outros fins ou com a detenção dos condenados em ilhas e fortalezas na costa. Os sentenciados não têm que se queixar duma vigilância por demais rigorosa, circunstância de que frequentemente se aproveitam, fugindo e desaparecendo para nunca mais serem vistos. Mas, se se submetem razoavelmente às ordens das autoridades da prisão, é-lhes permitido, sob a vigilância dum soldado, irem de dois em dois procurar, na cidade ou povoação onde estão, qualquer serviço, seja como artífice, como carregador ou qualquer outro trabalho, de cuja remuneração terão uma parte. Legalmente se distinguem Casas de Detenção, Casas de Correção e Degredos, em todos os quais o número de condenados por atentados contra pessoas constitui a maioria.

No caminho para o telégrafo, não pude conter meu espanto diante da estreiteza das ruas. Tencionava telegrafar para o Sul, onde era esperado, mas não pude fazê-lo porque o telégrafo havia já muitos dias não funcionava, por um motivo qualquer, e tive de voltar para o porto sem ter podido fazer o que pretendia.

Desterro é o ponto de onde as colônias alemãs de Santa Catarina irradiam. Entre elas mencionarei apenas a de Blumenau, fundada em 1852 por um particular, que em 1860 caiu nas mãos do governo, e que em 1876 contava 7.621 habitantes. Essas colônias ficam a poucos dias da capital, onde a influência do elemento alemão na vida pública é evidente. No Hotel Brasil, na Praça do Palácio, aonde o acaso me levou, visando refrescar-me um pouco, encontrei muitos alemães reunidos e entre eles o hoteleiro, um compatriota diligente, que juntava à qualidade de hoteleiro a de dentista, com grande clientela na cidade e nos subúrbios. Conquanto não me tivesse no momento aproveitado desta sua última arte, senti-me seu devedor pela outra, a arte culinária de sua casa.

Ao anoitecer preparamo-nos para continuar a viagem, e deixei a encantadora baía. Um característico do porto é sua pouca profundidade, que não permite a todos os navios fundearem lá; é também bastante



difícil entrar nele sem correr risco na passagem pelo canal de acesso, bastante estreito. Em diversos lugares restam ainda as minas de antigos fortes do tempo dos portugueses, que, metidas entre as palmeiras e demais plantas exóticas, muito concorreram para realçar o pitoresco do conjunto do quadro. Entre eles o mais importante é o ainda relativamente bem conservado forte da ilha de Anhatomirim, que ainda se distingue por um portal perfeito em estilo gótico. Ao longe, até ao extremo mais distante do porto, estendem-se os sítios e chácaras, de que a cidade está rodeada, e que acenam sedutoramente dentre o verde, à nossa passagem. Tudo aparece nessa terra, que só vi à claridade ofuscante do sol, sob uma luz tão amiga, que tive pena de dar adeus ao porto de Santa Catarina, e rumar para o sul, sobre as ondas inquietas, para o termo já não muito longínquo de minha viagem.

Por muito tediosa que pareça a muitos uma viagem em pleno mar, e por muito pouco que se possa escrever sobre a eterna monotonia do céu e mar, quando não se quer tomar em consideração as maravilhas do mar e a beleza intraduzível dum céu estrelado, como que pontilhado de ouro cintilante, tanto mais deleitosos são os vários quadros dum país novo que, numa viagem ao longo da costa, se vão desenrolando diante dos nossos olhos. Sabe-se, ademais, que a paciência não será mais posta a prova pela demasia da duração da viagem, invade-nos uma disposição alegre e mesmo os que são concentrados e taciturnos por natureza tornam-se mais comunicativos do que talvez jamais tenham sido. Foi o que aconteceu comigo. Nunca, durante toda a minha viagem, travei mais relações do que nessa relativamente curta distância entre Desterro e o Rio Grande do Sul.

Ao número das pessoas mais originais que encontrei enquanto estive no convés pertencia um jovem alemão, que vinha do Rio de Janeiro e ia para São Leopoldo. Seus pais tinham-lhe dado dinheiro bastante para a viagem, mas em vez de comprar um bilhete de primeira ou segunda classe, pagara diversas pequenas dívidas no Rio e ficara só com o bastante para pagar uma viagem na última classe. Nessa classe não se fornecia comida aos passageiros, que tinham de comer à própria custa; e para não passar fome durante os sete dias de viagem, munira-se do alimento mais barato quase que exclusivamente. Ficou-me por isso muito grato, quando, depois de ter dito qual era sua dieta de viagem, eu lhe

mandava pão, bolachas de munição e carne assada fria, da abundante mesa da primeira classe. Eu sentia arrepios ao pensar nessas refeições exclusivas de laranjas, por ser julgado perigoso o abuso das frutas do Sul pelos europeus recém-chegados. Através de conversas com esse jovem, fiquei sabendo que a instrução dada aos alemães criados no Brasil era, em parte, muito deficiente, e que sua esfera era muito circunscrita; pelo menos pouco pude obter desse representante da nacionalidade alemã no Brasil sobre as condições das colônias no sul do país, que era o que mais me interessava. Obtive mais informações de um senhor de idade, que por muitos anos tinha sido comerciante no Rio Grande, retirara-se depois para Dresden e vinha agora da Europa fazer uma visita. A princípio sentia grande inclinação, como sói acontecer em países estrangeiros e de parte de muitas pessoas, para ligar toda sorte de suposições às minhas perguntas de novato curioso. Só depois que se convenceu de que eu não era assim tão “negro novo”, como em geral chamam os recém-chegados ao país, abriu-se e contou-me muitas coisas, interessantes para mim, que mais tarde me certifiquei serem verdadeiras.

A presença de um grupo de italianos, com realejos e macacos amestrados, tornou-se incômoda devido ao espaço muito apertado para seus espetáculos. Meses depois encontrei-os de novo numa venda nas colônias alemãs, onde naturalmente não podiam estar muito contentes com o seu negócio, porquanto os parentes de seus pupilos amestrados se mostravam diariamente aos olhares dos habitantes, alegres e em plena liberdade.

A sociedade a bordo era, como se pode deduzir do que fica acima, variada e muito própria para se fazer por ela um estudo de povos e nacionalidades. Senti-me assaz estranho no meio daquele cartão de amostra de gentes. A proa, sobretudo, exhibia grande coleção de tipos exóticos. Negros que pertenciam à tripulação, gente de diversas cores que acompanhava como criados seus amos na viagem, algumas famílias de imigrantes de origem alemã, toda uma tropa de soldados desleixados, que com certeza iam reunir-se ao exército que estava no Paraguai, ao lado dos italianos, a que acima me referi, acotovelavam-se indistintamente.

No segundo dia depois da partida de Desterro aproximamo-nos da temida barra do Rio Grande, de cujo perigo todo viajante

tem bastante que contar. Toda a costa plana entra tão gradualmente no mar que só em poucos lugares é que os navios podem aproximar-se dela. Além disso, aparecem em diversos pontos grandes e pequenos bancos de areia, longe da costa, que devido às correntes marítimas mudam de lugar de tempos em tempos. O perigo de encalhe torna-se maior quando o mar recua consideravelmente, e a maré que sobrevém forma novos bancos de areia.

O porto do Rio Grande, que fica no extremo do lago de água salobra, lagoa dos Patos, e que se comunica com o oceano Atlântico através de um canal curto e largo, mas também raso, é tido pelos marinheiros como um dos mais temidos ancoradouros em toda a costa oriental da América do Sul. Têm-se empregado todos os meios para evitar o encalhe dos navios que se aproximam; um navio de guarda, que lhes manda também o piloto, perto da cidade, dá-lhes ao mesmo tempo por meio do telégrafo semafórico a profundidade da água na entrada do canal. A despeito disso o número de naufrágios por ano na barra do Rio Grande é bastante grande. A arrebentação das vagas naquela pequena profundidade, sobretudo com o mar grosso, causa violenta ressaca, que com a espuma e o borrifo elevando-se a grande altura é avistada de longe, como uma muralha branca no horizonte. A profundidade da água varia muito depressa, conserva-se porém muitas vezes tão extraordinariamente baixa por tanto tempo, que navios muito carregados ou de grande calado têm de ficar dias e semanas diante da barra. Cada tempestade joga na costa novas massas de areia, que pouco a pouco modificam inteiramente o fundo do mar. Em parte alguma são precisos pilotos mais hábeis do que os desse porto. Tivemos muita sorte na nossa chegada, porque pudemos entrar imediatamente no porto. De ambos os lados do navio, que entrava por um canal assaz estreito, seguiram-nos por muito tempo bandos dos chamados botos, que apostavam carreira com o nosso vapor e com saltos loucos pareciam dar cambalhotas. As margens mostravam-se despidas de vegetação, parecendo inóspitas e desertas com sua areia amarela. As únicas coisas que se podiam ver em terra eram a mesquinha barraca dum pescador, cujas redes secavam diante dela, e os inúmeros despojos de uma embarcação que outrora dera à costa. A própria água tomara uma cor amarelada, e deixava ver uma correnteza bastante forte.

Da cidade do Rio Grande, de que se estava perto, não se viam senão as pontas de alguns mastros. Depois de curto avanço surgiram também muitas casas e pouco a pouco a cidade, em toda sua extensão. Defronte, na margem oposta, avistou-se também, quando se aproximou mais, uma povoação, São José do Norte, defronte da qual os navios de maior calado costumavam ancorar, enquanto no porto do Rio Grande só navios até nove *faden* podem fundear.\* A floresta de mastros com flâmulas e bandeiras de todas as nações que cruzam os mares constituiu, ao dar a volta para entrar no porto, um espetáculo surpreendente. A vida variegada que se agita em terra faz esquecer por algumas horas a desolação da planície saárica onde se ergue a cidade.

Era exatamente meio-dia quando o *Gerente* largou ferro, e começou a cena, já muito minha conhecida, do desembarque. Todos se apressavam, se empurravam e eram empurrados, gritavam e eram gritados, de maneira que um bulício ensurdecido substituiu o costumado zunzum no vapor. O bulício não era menor no cais, do qual se estava afastado apenas alguns 15 passos e de onde todos queriam chegar primeiro a bordo por uma estreita prancha, parte para receber amigos esperados, parte para receber objetos, cartas e novidades da Europa. Numa confusão babélica, chegavam-me aos ouvidos palavras em inglês, francês, alemão e português, e tive trabalho para, com o auxílio de três negros, safar-me, com a minha bagagem, daquele caos.

Procurei um comerciante alemão, para quem trazia uma carta de recomendação, que me hospedou em sua casa com a cativante hospitalidade que se encontra freqüentemente em países estrangeiros, e o bem-estar que ela proporciona é uma compensação das muitas privações sofridas nas viagens por longínquas regiões.

Rio Grande é uma cidade inteiramente comercial, onde quase não se conhecem outros interesses senão os do comércio. Acha-se este na sua maior parte nas mãos de estrangeiros, entre os quais os alemães têm lugar saliente. As maiores casas importadoras pertencem a firmas alemãs, ou pelo menos de origem alemã. A consequência natural é que, entre os navios ancorados no porto, grande número arvora a bandeira alemã. Ao longo do cais o movimento é grande. Aí os armazéns das

\* *Faden* – medida alemã de profundidade equivalente a 1,83 m. (N. do T.)

grandes casas comerciais alternam-se com as lojas mais pequenas de maçame e toda espécie de petrechos para navios, tavernas de marinheiros, hospedarias, lojas de todas as espécies de artigos e agências de tudo o que se relaciona com o mar. Montes de couros empilhados e as mantas de carne desenroladas ao sol para secar mostram logo quais são os principais artigos de comércio da província; submetem, porém, com seu cheiro repugnante, o nervo olfativo dos recém-chegados a uma dura prova. O pezo, o sebo e o alcatrão amontoados também concorrem para impregnar a atmosfera, na redondeza de um aroma nada agradável. Louros filhos de Albion e negros de carapinha movimentam-se entre esses tesouros, procurando, cada um ao seu modo, ganhar o metal so-nante.

A cidade é em geral melhor construída e mais bonita do que o que se está acostumado a ver no Brasil, e muitas construções, lojas e instalações denotam certo luxo e abundância. Surpreendeu-me, por exemplo, o elegante salão de um cabeleireiro, que teria tão bem correspondido às exigências de Paris e Viena, como estava correspondendo às de Rio Grande. Os edificios públicos, ao contrário, eram excessivamente despreziosos; entre eles só um bonito hospital chamou minha atenção. A extremidade sul da cidade está cercada de alguns fortes, que se destinam à sua proteção contra um ataque pelo lado de terra. Prestam, porém, mais serviços contra o avanço das massas de areia, fora da cidade, que contra inimigos humanos.

A convivência, entre si, dos muitos alemães em Rio Grande, como de outros estrangeiros, deu origem, além de aos clubes das respectivas nacionalidades, a uma outra sociedade que se destina ao entretenimento depois da faina e do afã do dia, dos europeus banidos nessa costa arenosa. À noite encontrei lá muitos compatriotas, que com suas histórias me puseram a par de suas vidas no Rio Grande, ora alegres, ora tristes. A despeito de seus vivos protestos, não pude deixar de visitar também o pequeno teatro brasileiro no qual estavam levando *Hebraica Actrícia* e *Mascate italiano*, duas peças, nenhuma das quais me compenso do horrível calor que fazia naquele templo da arte. O desempenho, para condições sul-americanas, não foi de todo mau. Nos entreatos distraí-me com o pano de boca ornado com uma reprodução de um quadro da galeria de Versailles: “O sonho da felicidade”, com alguns camun-

dongos que se perseguiram com uma tranqüilidade admirável na cimalha da cornija do teto, e com as *toilettes* mais variegadas possível do elemento de cor que ocupava diversos camarotes. O recinto do teatro pode ser mais ou menos comparável ao do Wallner-Teater, de Berlim, ou ao de um pequeno teatro alemão de verão. Impressionou-me desagradavelmente o fumar e cuspir, diante dos camarotes e nos corredores, por um público nada seletivo, sem a menor cerimônia. Devia ser meia-noite quando, depois dessa duvidosa diversão artística, pude procurar a cama.

Empreguei o dia seguinte em diversas excursões de reconhecimento dentro e em volta de Rio Grande, a pé e a cavalo, que me parece supérfluo descrever detalhadamente, porque o leitor já deve ter formado um excelente quadro do Rio Grande por meio das diversas descrições conhecidas.

À tarde tomei novamente um pequeno vapor brasileiro que devia levar-me, pela lagoa dos Patos e pelo Guaíba, até Porto Alegre. Só mediante a garantia de que voltaria dentro em pouco a Rio Grande, para demorar mais tempo, foi que meu obsequioso anfitrião e o amável círculo de novos amigos me deixaram partir. A chaminé do costeiro já projetava no ar espessos rolos de fumo e a equipagem escura já se preparava, por entre gritos e ordens, para içar a âncora e largar as correntes que o prendiam à margem, quando entrei a bordo com a minha bagagem. O piloto tomou seu lugar na ponte de comando, entre as duas caixas das rodas, e, depois do sino do navio ter dado sinal três vezes aos retardatários, o navio, bastante carregado de passageiros e mercadorias de toda sorte, pôs-se em movimento. Descreveu um grande arco em volta da cidade que, devido à extraordinária estreiteza do canal, dependia do grande lago, e, deixando a ilha dos Marinheiros à esquerda a princípio pareceu-me tomar diretamente o rumo de São José do Norte. O mais perigoso, devido aos extensos bancos de areia, é, segundo me asseguraram brasileiros a bordo, a passagem na altura de Pelotas, e a embocadura do rio São Gonçalo. Mais adiante o vapor, que até aí avançara serpenteando, seguiu rumo mais ou menos reto, no qual repetidamente se perdia a costa de vista. Esta era, onde se avistava, quase tão mesquinha e desolada como a das proximidades de Rio Grande, e a única variante que se via em terra eram os faróis erigidos para segurança da navegação. Aproximamo-nos depois tanto de alguns deles, que se podiam ver até

detalhes da construção. Isso se deu, entre outros, com os da Ponta de Bujura e da Ponta de Cristóvão Pereira. O nome de lagoa dos Patos pode ter-lhe sido dado devido a antigamente, e ainda hoje, grandes bandos de patos darem vida às suas águas, principalmente nos pontos onde desembocam rios e as margens arenosas da lagoa se transformam em terrenos pantanosos. Esses tributários se encontram em grande número na margem ocidental. Perto do rio São Gonçalo fica o mais importante, o rio Camaquã. Quando se desencadeiam as tempestades do sudoeste nessa latitude, a lagoa dos Patos se transforma em mar tempestuoso e temido, que já sepultou muitos navios sob suas ondas. Quando se alcança o extremo norte do lago a costa vai ficando mais acidentada e estreita-se finalmente na passagem de Itaopã, formando uma garganta, cuja entrada está assinalada por um farol. Aí desembocam os rios Jacuí, Caí, dos Sinos e Gravataí, já reunidos perto de Porto Alegre, formando um só grande rio e tomando o nome de Guaíba. À semelhança da entrada da baía do Rio de Janeiro, a paisagem se torna mais e mais atraente de minuto em minuto; a areia desapareceu e em seu lugar uma vegetação opulenta cobre as margens risonhas, as pontas de terra e as ilhotas.

Muito embora, antes de ter alcançado esta parte, eu tivesse passado uma noite bastante agitada, sem nenhum conforto, a bordo do vapor, e estivesse ainda com sono, prendeu-me mais do que dantes a contemplação da paisagem. Depois de algumas horas surgiu diante de nós Porto Alegre, a capital da província, que fica sobre uma língua de terra, estendendo-se longe dentro de um lago (Lagoa do Viamão), formado pela dilatação da bacia de um rio. De bordo, a cidade não causa impressão de grandiosidade e sim de graciosidade. Longe da cidade já se começam a ver casas de campo e colônias, que se estendem ao longo da margem direita que chega até a um edifício solitário, com aspecto de mosteiro, o Colégio de Santa Teresa. De repente, o navio mudou de rumo e, dando volta à língua de terra, entrou no porto. A cidade parece situada ainda mais pitorescamente desse lado, e os edifícios subindo em forma de terraços, da muito alegre Praça do Porto, harmonizam-se com tanta felicidade com o quadro geral, que a gente se sente infalivelmente surpreso. Essa agradável impressão de conjunto não fica diminuída, como em outras cidades brasileiras, quando se entra nela.

A chegada do vapor foi recebida com o mesmo alvoroço que em Rio Grande; somente o desembarque foi mais complicado, porquanto o vapor costuma ficar longe da margem e inúmeros barcos porfiam em oferecer, cada um primeiro, seus serviços aos recém-chegados. Uma multidão de habitantes da cidade enxameia, aproximando-se em escaleres, a toda a força de remos do navio, procurando ainda de longe descobrir na azáfama de bordo o amigo esperado ou o conhecido. A mim mesmo não foi difícil descobrir, entre tantas caras estranhas, a de um parente próximo a quem, primeiro que tudo, devia minha visita a Porto Alegre. Estávamos separados havia muitos anos e foi grande a alegria de nos tornarmos a ver. Com esse encontro livre-me do trabalho com a bagagem e sua condução, e de me ocupar de minha pessoa, nos dias imediatos. Pude, desde o começo, entregar-me à contemplação do meu novo meio.

Porto Alegre, que, como Rio Grande, foi fundada no século passado, cerca do ano 1742, por colonos das ilhas dos Açores, é uma das cidades brasileiras mais regularmente construídas e mais agradáveis. Devido ao terreno acidentado da península a monotonia das ruas retilíneas é agradavelmente interrompida e os esplêndidos panoramas que se gozam do alto de muitas ruas e partes mais altas da cidade regalam os olhos assim que se os alcançam. No sul, a vista espraia-se por sobre a lagoa do Viamão, no norte e nordeste, sobre a extensa rede de rios a que dão vida vapores e veleiros, e sobre o horizonte distante, para além das montanhas que se perdem na névoa azulada, em cujos vales estão situadas as colônias alemãs de São Leopoldo, Santa Cruz e outras mais. Parte considerável da vida alemã veio, contra toda expectativa, de lá, para a capital da província. Dos 26.000 habitantes de Porto Alegre, quase a oitava parte é de origem alemã, e por isso é natural que a cada passo se encontrem compatriotas, que em parte são residentes de pouco tempo, outros tendo-se fixado lá há já muitos anos, e outros, ainda, já nascidos e criados no país e considerando o Brasil sua pátria. Em comparação com as cidades brasileiras do Norte, a população negra é menor. No mais, a vida na rua não difere das outras.

As construções na parte sul da cidade são feias; nas imediações do porto, onde, entra ano e sai ano, entram numerosos navios, as ruas têm o aspecto das de grandes cidades, e o governo faz mais para



embelezamento da praça do que para outro qualquer logradouro. O mercado, edifício de verdadeira beleza arquitetônica, o teatro, o arsenal de guerra, o seminário, as fontes artísticas, alguns hospitais e muitas outras construções ficariam bem em qualquer cidade européia. Entre as residências particulares notam-se muitas com dois e até três andares, e a elegância de algumas partes da cidade, como, por exemplo, a Rua 7 de Setembro, deixa entrever a considerável abastança da população. Porto Alegre é a sede do governo provincial, residência de um bispo e o ponto central de toda a atividade intelectual da Província do Rio Grande do Sul, mas, no entanto, o comércio ocupa lá o primeiro lugar. As maiores firmas são alemãs, o que dá a esta praça certa importância para a Alemanha. O pequeno comércio é feito exclusivamente por brasileiros, portugueses e elementos de outras nacionalidades.

O ponto principal da cidade é a Praça D. Pedro II, onde ficam o Palácio do Governo, edifício modesto de um só andar, a Catedral (Sé), a Municipalidade, o Salão de Baile (que não se deve confundir com outros fins, só servindo lá para bailes)\* e o Teatro, não sem importância dadas as condições do Brasil. É também digna de menção a Cadeia, situada na extremidade mais avançada da península, e, pelo seu lamentável estado, a Casa dos Imigrantes, na extremidade noroeste, que não recomenda muito o desvelo do governo pelos europeus que lá aportam em grande parte aliciados. O espaço onde ali são alojados é aproveitado ao modo dos grandes navios de emigrantes, dividido em compartimentos quadrados de madeira onde colocam um número maior ou menor de pessoas, para a temporária permanência. Durante minha permanência em Porto Alegre tive, muitas vezes, ocasião de visitar a Casa dos Imigrantes, pouco depois da chegada dos navios que os transportam, e observar o que ia lá dentro. Reinava então grande movimento nos compartimentos e no pátio na frente do edifício, antes silencioso. Em lugar das roupas usadas a bordo tiravam das caixas e malas as domingueiras, e enquanto um membro da família ficava de guarda aos objetos espalhados, os restantes iniciavam seu passeio através da cidade, para se familiarizar com a nova pátria. Mulheres e raparigas iam e vinham, preparando afanos nos fogões, instalados provisoriamente nos vastos pátios, uma re-

\* Esta observação cabe bem no idioma alemão, no qual a palavra "balhaus", como está no original, significa salão de baile como também jogo de bola. (N. do T.)

feição simples com os víveres que o governo fornecia, enquanto outras lavavam, na margem da lagoa, bem perto da casa, grande quantidade de roupa de que tinham urgente necessidade, por não terem podido fazê-lo até ali, não dispondo senão de água do mar. Para corá-la e secá-la serviam-se de um cantinho da Praça da Harmonia, onde está situada a Casa dos Imigrantes. A impressão geral que se traz dessa hospedaria é como se se entrasse no quarteirão pobre de qualquer cidade, e de que cada habitante sente um anseio natural pelo prometido eldorado, entre a opulenta vegetação das colônias alemãs, e não raro também uma suave saudade da pátria. Ninguém parece incomodar-se muito com quem entra, só de vez em quando se encontra um funcionário que ocupa o lugar de intérprete, nomeado pelo governo provincial, a quem está especialmente confiado o cuidado e proteção dos novos colonos. Pedidos, queixas e reclamações que eles façam em alemão ou qualquer outra língua européia, ele encaminha para as autoridades competentes, sem que, porém, seus esforços sejam sempre bem-sucedidos. Melhor sucedida, na Casa dos Imigrantes, do que sua atividade, é a da Sociedade Alemã de Beneficência, que dispõe de consideráveis recursos e se interessa sempre pelo bem-estar e sorte dos colonos alemães. Essa associação foi fundada em 1859 e tem, nos seus quase vinte anos de existência, sempre sustentada pela velha e nova pátrias, e com a renda do seu capital, que monta a 20.000 táleres, salvo muitos compatriotas da miséria. De modo não menos proveitoso se interessa o Consulado alemão pelos que chegam, em todas as suas dificuldades, e é para desejar que seus representantes se mostrem sempre tão enérgicos e interessados quanto o atual cônsul, *Herr Ter-Brüggen*.

A cidade é rica de consulados e nos dias de festa pode-se fazer um estudo completo das cores nacionais dos diversos países. Argentina, Dinamarca, Inglaterra, França, Itália, Países-Baixos, Áustria, Portugal, Espanha, Uruguai, todos estão diplomaticamente representados. A rua principal da cidade é a Rua da Praia, que se estende de um extremo quase até ao outro em linha reta, desembocando na Praia do Paraíso. Nela ficam, entre outros edifícios, a Alfândega, feia espécie de palheiro, a Tesouraria Provincial e os Arsenais. À saída da cidade dá logo na vista o grande Hospital da Misericórdia; muito simples, ao contrário, numa rua

lateral, a pequena igreja protestante, em cujo frontão só a cruz indica sua finalidade.

Porto Alegre é ricamente dotada de praças públicas, e ao lado das já mencionadas existe ainda, muito perto da cidade, um grande campo, a Várzea, que serve de picadeiro e pastagem para cavalos e bovinos. Larga escadaria, fechando uma estrada, leva a um prado, um pouco mais baixo, donde se goza um dos belos panoramas de que Porto Alegre é tão rico. Verdade é que faltam às montanhas, no horizonte, o adorno das florestas, contudo os tons peculiares do fundo e os topos das palmeiras aparecendo aqui e ali entre as casas dão ao quadro um caráter decididamente meridional. Quase todos os dias a Várzea oferece um espetáculo diferente. Um dia são as grandes manadas de cavalos meio selvagens, e gado bravio, que vieram do alto da serra para serem vendidos, guardados por tropeiros saltando de um lado para outro nos seus feios cavalos, e no outro dia carreiros acampados debaixo dos seus carros tomam seu lugar. Uma grande fogueira, por cima da qual ferve o caldeirão para a indefectível feijoada, de feijão com xarque, e em círculo ao redor dela as caras escuras de alguns homens indolentes, porém fortes, condizem perfeitamente com o cenário exótico que o espectador encontra aí. Cavaleiros de carreira utilizam também muitas vezes a ampla arena para suas corridas. Chegada a noite a campina fica deserta e uma espécie de hálito se espalha melancolicamente sobre ela como uma névoa, até perder-se no infinito. Volta-se então, de bom grado, ao convívio dos compatriotas, para esquecer que um mar imenso separa aquelas terras da pátria. A sociedade alemã divide-se em muitas agremiações, entre as quais, durante minha permanência em Porto Alegre, o Clube e a Alemanha eram as principais. Nem num nem noutra se interessavam por assuntos intelectuais de maior relevo, e as distrações limitavam-se principalmente ao jogo de cartas, bilhar e dança a uma temperatura de 20 a 30 graus Réaumur. As conversas, diante da cerveja, a que uma parte dos comerciantes amantes do jogo de cartas e da dança se entregava, careciam de substância. Só quando rebentou a grande guerra franco-alemã, em 1870, foi que a apatia comum cedeu lugar a uma maior animação, e depois de percorridos com avidez os jornais alemães chegados por todos os vapores, discutiam-se calorosamente as notícias da pátria. Eram então expostas as mais espantosas hipóteses e teorias, e o exército dos

cônsules não se sentia pouco exaltado com a importância da situação que se refletia sobre eles. O boato de Napoleão se ter suicidado foi recebido com excepcional interesse, e deu lugar a grandes apostas entre os alemães exultantes e os não poucos amigos dos franceses, da cidade. Como acontecia então na Alemanha, os jornais locais ao chegarem novos telegramas publicavam edições extras, que eram anunciadas ao público expectante à clara luz do dia por meio de foguetes; e quando chegaram as notícias das vitórias de Weissenburg, Wörth, Metz e Sedan, o júbilo dos nossos compatriotas não conheceu limites.

A propósito de jornais devo observar que a opinião pública em Porto Alegre é também representada por um órgão alemão de imprensa, *Die Deutsche Zeitung*, que foi fundado por uma sociedade anônima e que uma série já longa de anos (foi fundado em 1861) tem provado ser capaz de subsistir. Seu programa era, em primeira linha, o combate aos jesuítas e a representação dos interesse alemães contra as exigências brasileiras. Na seção livre, porém, reflete as dissensões partidárias que infelizmente nunca cessaram entre os alemães, e em quase todos os números da folha, que aparece duas vezes por semana, podem-se ver impressas as provas dessas dissensões. Na cidade esse periódico não tem, até agora, competidor; em compensação são publicados na província, e por sinal em São Leopoldo, mais dois outros periódicos alemães, dos quais um, que é também órgão dos jesuítas, foi fundado, o que é muito significativo, com tipos desviados da tipografia do jornal alemão. O principal alimento intelectual da população alemã, que em geral não tem ainda grande necessidade de muita leitura, é tirado das folhas ilustradas e revistas procedentes da Alemanha.

O hospital geral, a que já me referi, está instalado numa escala extraordinariamente alta e nele são tratados para mais de mil doentes anualmente. Poder-se-ia deduzir disso que o clima da cidade não é bom, mas isso seria uma dedução errônea porque a maioria dos doentes, na “Charitas”, procede das cercanias da cidade. O edifício é quadrangular, e corredores cobertos, semelhantes aos de claustros, rodeiam um grande pátio plantado de laranjeiras. As enfermarias são grandes, arejadas e instaladas inteiramente ao modo europeu. À direita da entrada do imponente edifício fica a farmácia e à esquerda os consultórios para os médicos. Todos os anos, no dia de Ano Bom, o hospital é franqueado para

visita do público, o que para muitos doentes é desagradável e perturbador. Parece mais inconveniente ainda terem colocado próximo a esse nosocômio o Quartel-Geral da Guarda Nacional, que sem a menor consideração perturba sem necessidade, muitas vezes, durante o dia, com o rufar de tambores, o sossego necessário aos doentes. O manicômio, também instalado nesse hospital, é muito imperfeito, obedecendo, até nos menores detalhes, a princípios antiquados. Ao lado da igreja pertencente ao hospital existe uma espécie de jardim, cercado por um muro, para cujo cultivo e tratamento nada se faz, pelo que esse terreno inulto tem um aspecto desolador. O número de médicos é considerável; trabalhavam lá 30 a 40, entre os quais quatro alemães. Anexo ao hospital há também um asilo de expostos.

Porto Alegre, como as outras cidades brasileiras, não se distingue pela limpeza, e a negligência que reina por toda parte, neste sentido, é infelizmente muito amiúde partilhada pelos alemães das classes mais baixas, já algo entibiados pelo clima. Isso acontece mais ou menos conforme as suas origens, porque os há de todas as procedências da velha pátria, lá radicados. Assim é que os elementos pomeranianos e do Hosltein são, de natureza, mais meticolosos que os habitantes do vale do Nahe, e em geral os alemães do norte apegar-se com mais afincos aos costumes pátrios, que os alemães do sul.

A cidade tem muitas escolas e instituições de instrução secundária, nas quais não se provê muito especialmente para os numerosos alemães. A educação dos filhos é, por isso, em regra, motivo para os nossos compatriotas voltarem para a Europa. Tudo o que se aprende nas escolas brasileiras é incompleto. O ensino de trabalhos manuais às meninas é ainda o mais tolerável. Vem a propósito observar aqui que é muito comum as brasileiras trabalharem sentadas no chão, com as pernas cruzadas à moda oriental. Em muitas escolas de meninas adotam mesmo este costume. Serve de mesa uma pequena almofada dura, que a pessoa, trabalhando, descansa no colo e onde, quando é preciso, prende o trabalho.

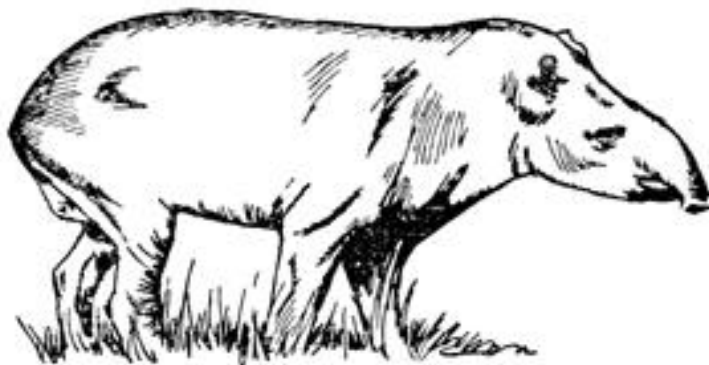
As instituições de instrução secundária mais dignas de menção em Porto Alegre são o Seminário Episcopal e o Liceu. Ultimamente têm sido fundadas algumas escolas secundárias particulares, por alemães, das quais se fala muito bem.

Num passeio pela cidade, são as muitas fontes públicas, bem trabalhadas, que enfeitam as ruas e praças, que causam mais impressão ao visitante. Uma das mais bonitas é a do Largo do Portão. Num tanque de mármore de tamanho considerável ergue-se um pedestal de bronze, sobre o qual, e acima de quatro grandes conchas, há uma estatueta. Essa estatueta de bronze representa uma mulher meio flutuando, tendo na mão esquerda flores e uma espiga de trigo e na direita um caduceu, devendo representar uma deusa ou ninfa qualquer. Em redor da fonte corre delicada grade de ferro, interrompida por postes em forma de hastes de lanças. Infelizmente o tanque de mármore está quase sempre vazio, e as figuras, que deviam jorrar água em cada bica, estão secas; em lugar de se aparar nelas, obtém-se a água para beber com o encarregado, que mora perto, a troco de bom dinheiro. Toda a canalização da água é trabalho duma companhia inglesa, que obteve, contra a arrecadação duma taxa considerável, o privilégio de fornecer água à cidade durante 30 anos.

A principal fonte de lucros dos habitantes de Porto Alegre é, sem dúvida, o comércio; à cidade não faltam, porém, indústrias próprias, entre as quais a fabricação de charutos, alguns estaleiros, grandes serralharias, fábricas de vinagre, cervejarias, tinturarias, fábricas de flores e semelhantes merecem ser mencionadas. Especialmente depois do aumento da população alemã as indústrias se desenvolveram numa proporção importante. Onde o movimento é mais intenso é no porto, para onde os inúmeros produtos agrícolas, feijão, milho, farinha, legumes de toda espécie, batatas, cereais, tabaco e outros mais como couros, xarques, toicinho, sebo, chifres, etc., são transportados, em massa, em lanchões, e levados para o mercado, ou transbordados para navios e exportados. Trabalhos de selaria e pedras semipreciosas, como ágatas e jaspes, são exportadas por aí.

A estrada de ferro que hoje, ao lado da navegação, serve ao comércio e ao intercâmbio com Porto Alegre ainda não tinha sido inaugurada ao tempo de minha estada lá. Só uma linha de bondes de tração animal tinha anos antes mantido a ligação entre a cidade e uma pequena igreja da vizinhança (Menino Deus), onde se realizava anualmente uma romaria e grande festa. Fazia também alguns anos que o tráfego desses bondes tinha sido suspenso. Qualquer excursão ou viagem ao interior da

provincia tinha de ser feita ou pelos rios ou a cavalo.\* Desejoso de conhecer *de visu* as colônias alemãs, resolvi viajar logo para São Leopoldo, o distrito mais próximo delas.



*Anta*

---

\* A estrada de ferro entre que ao tráfico a 14 de abril de 1874, entre Porto Alegre e São Leopoldo, construída com capitais ingleses, e que de via primeira ir até Hamburger Berg e de pois ser prolongada para o interior da provincia, tinha então uma extensão de 33 quilômetros.

.....

## *Capítulo XVI*

### SÃO LEOPOLDO E AS COLÔNIAS ALEMÃS

**T**ive muito tempo, durante a permanência na cidade, para cuidar com vagar do meu apresto, e meu equipamento se tornou tanto mais fácil por ter podido contar com a experiência de pessoas de minha intimidade. Dos dois caminhos que se tinha então para escolher, um por vapor fluvial, pelo rio dos Sinos, e outro a cavalo, pelos campos, escolhi este, por ter comprado um cavalo, em Porto Alegre.

O caminho, da capital, por meio do terreno baixo, descampado na margem esquerda do rio dos Sinos, até aos contrafortes da serra, nas proximidades do monte Sapucaia, pouco tem de interessante; de vez em quando é tão monótono, que me parece desculpável quando, como me aconteceu, se cochila sob o calor tropical, em cima do cavalo que avança num trote macio. Torna-se particularmente tediosa depois de atravessar o rio Gravataí, e as montanhas, que se deseja alcançar, não querem aproximar-se. Esse rio nasce na coxilha das Lombas e é um dos afluentes do Guaíba. Proporcionou-me diversão o encontro com um bando de aves-truzes, que se assustaram quando me aproximei e correram campo afora.

Eu ia acompanhado por um alemão de Porto Alegre, que conversava amavelmente sobre a terra e o povo, e de sua conversa já



podia deduzir que a vida alemã na província, especialmente nas colônias, já estava muito mais desenvolvida do que em outra qualquer parte do Brasil.

Já no fim da tarde entramos na vila de São Leopoldo onde descansamos até a manhã seguinte, num hotel que, dadas as condições no Brasil, era muito tolerável.

São Leopoldo está situada na margem esquerda do rio dos Sinos e constitui o ponto central do vasto círculo de colônias. Só uma pequena parte da vila fica na margem direita, e um barco faz o serviço de comunicação.\* Sua população é de cerca de 2.000 almas e no todo assemelha-se a uma aldeia alemã. Está traçada com muita regularidade, mas só numa rua é que a sucessão de casas não tem interrupção. Ao lado de casas térreas vêem-se outras com muitos andares; a edificação nas ruas transversais é muito falhada e a falta de calçamento em todas elas dão ao todo um aspecto rural. Edifício importante a localidade só possui um: a igreja, em estilo gótico.

O local para a fundação da povoação foi mal escolhido, por ficar num terreno baixo, à margem do rio, e como nada se fez no sentido de construção de diques para sua proteção, acontece que anualmente, quando o rio transborda, é ela afligida por grandes inundações.

Cabe bem dizer aqui algo sobre a fundação e origem da nova pequena Alemanha no sul do Brasil.

Foi no ano de 1824 que D. Pedro I, convencido de que só o trabalho livre, feito por trabalhadores livres, em lugar da escravatura, que com o tempo haveria de desaparecer, satisfaria os anseios de colonização do Brasil – depois de alguns resultados felizes de experiências no norte do Império –, mandou aliciar um número maior de alemães para a colonização do Rio Grande do Sul. Soldados alemães que também tinham sido aliciados em cidades marítimas alemãs para servir no Brasil deviam estabelecer-se no sul como agricultores, depois de darem baixa. Por muito que a opinião de então se manifestasse contra a migração dos compatriotas, conseguiram se reunir na Alemanha mais de 100 almas, a que foram destinadas casas e lotes de terra para cultivo, na propriedade

\* O tráfego da estrada de ferro tornou ultimamente necessária a construção de uma ponte.

imperial Feitoria Velha, à margem esquerda do rio dos Sinos, onde hoje está situada São Leopoldo. Espessa floresta virgem cobria ainda o solo, e foi preciso toda persistência e diligência dos colonos para tornar essas terras acessíveis à cultura. Desde então as jovens colônias passaram a receber regularmente novos reforços da Alemanha, de maneira que já em 1830 o número de almas se elevava a 4.856. Não tardou que as terras originalmente doadas para a colônia fossem insuficientes e foi necessário fazer novas e repetidas adições, de que nasceram as chamadas picadas que hoje se estendem até perto do sopé da serra. A maioria era constituída por alemães do Meklemburg, Pomerânia, Westfália, Prússia-Renana, Principado de Hesse, Palatino bávaro do Reno e principalmente do Principado de Birkenfeld, que fundaram ali uma nova pátria.

Circunstâncias políticas determinaram uma pausa no desenvolvimento da colônia de São Leopoldo por quarenta anos, durante os quais o primitivo tronco alemão de colonos se firmou ainda mais. Os ataques freqüentes de índios mais selvagens impediram os colonos de se expandir e determinaram uma união mais firme e a formação de uma comunidade própria, por terem tido até então um diretor e terem depois ficado quase inteiramente entregues a si próprios.

Grande obstáculo à continuação do desenvolvimento de São Leopoldo estava no fato do governo, em parte por falta de dinheiro, em parte por falta de pessoal, deixar de dividir e delimitar devidamente as terras de cada colono. Os inúmeros vexames, rixas e processos resultantes dessa negligência não concorreram para atrair novos imigrantes da Alemanha nem para atenuar a opinião preconcebida, lá, sobre o Brasil. Só depois de muitos anos foi que o governo enxergou essa situação e procurou, com grandes sacrifícios de dinheiro, corrigi-la.

Na vida política da nova pátria os alemães só tiveram a princípio intervenção muito pequena, até que, influenciados aos poucos pelas idéias republicanas prevaletentes nos estados vizinhos, tomaram parte demasiado ativa na revolução de 1834. A rebelião tomou um desenvolvimento muito perigoso e com a sua duração, de nove anos, ameaçou anular todas as conquistas das décadas anteriores. Uma vez arrastados pela voragem política, recusaram aceitar as propostas de neutralidade, tendo uma parte tomado o partido do governo legal, e a outra, o dos rebeldes. A rebelião, cognominada Guerra dos Farrapos, representou

papel de não pequena importância na história do Brasil, e habitantes mais antigos de São Leopoldo lembram-se ainda bastante dela, para contar com que inaudita tenacidade e mesmo cruel coragem os alemães lutaram, em ambos os lados. Para maior exasperação deve ter também concorrido a situação religiosa dos partidos, porque colocou de um lado os católicos e do outro os protestantes, ao lado dos seus respectivos párocos.

Desde essa época o governo nunca mais pôde banir inteiramente a preocupação com a aglomeração de tantos estrangeiros num só lugar, e como com o tempo o número dos colonos subira a 12.000, procurou colocar os recém-chegados em outros lugares, mais distantes. Entre outras, foram então criadas as colônias de Novo Mundo, Santa Cruz, etc., e teriam preferido colonos de outras nacionalidades, se os alemães não tivessem provado em tão alta escala serem os únicos à altura da tarefa da colonização.

Pouco a pouco a imigração de alemães foi tomando maior vulto, e se antes só com grande esforço se podia persuadir um agricultor alemão a vir situar-se no sul do Brasil, as maiores facilidades de viagem e os brilhantes êxitos dos compatriotas, confirmados pelas cartas a parentes e amigos, fizeram com que a Província do Rio Grande do Sul se povoasse cada vez mais de alemães. Por toda parte surgiam novas colônias, e a província atualmente conta com cerca de 40. Não só o governo resolveu pôr à disposição dos imigrantes, mediante pagamento de pequena quantia, as terras de que o estado ainda dispunha, como particulares e sociedades de capitalistas lhe seguiram o exemplo, facilitando aos colonos alemães terras para colonizarem.

Em geral quase todas as colônias se situavam nas encostas e entre os contrafortes da serra, em terrenos cobertos de espessas florestas virgens, sendo escolhido um rio navegável para ponto de partida das picadas. Para a fundação de uma nova colônia observava-se em geral o mesmo processo. Uma picada de largura conveniente, aberta em linha reta através da floresta virgem, servia de base à estrada principal para a zona a ser cultivada, e só quando rochas escarpadas ou um barranco profundo surgiam no caminho é que se mudava de direção. Em ambos os lados dessa picada fincavam-se os marcos de cada lote da série, com a largura de 100 braças, em média (uma braça tem 20 decímetros), en-

quanto a profundidade da área adjudicada, que legalmente devia ser de 1.500 a 1.600 braças, não era logo medida. A superfície de cada lote devia ter 302 jeiras de Magdeburg. Dessa medição incompleta, como já ficou dito, resultaram quase em todas as colônias muitas desavenças, acontecendo sempre que um vizinho se desavinha com outro por causa das divisas. As quantidades das terras também eram naturalmente diferentes e no entanto o governo cobrava o mesmo preço de todos os colonos. A confusão se tornou grande sobretudo na colônia de São Leopoldo, onde só se estabeleceu alguma ordem depois que o Embaixador da Prússia, von Eichmann, como o da Suíça, von Tschudi, mediante queixa dos colonos, constituíram-se advogados dos seus compatriotas, expuseram a situação penosa ao governo e este ordenou que todo o território da colônia fosse novamente medido.

São Leopoldo é o empório de todos os produtos cultivados nas diversas picadas. Com o tempo, muitos pequenos industriais e artífices fixaram-se na pequena povoação, que além do ambiente alemão e dos bandos de crianças alemãs quase nada tinha de interessante que mostrar, se não se quiser qualificar de interessante o fato de muitos negros, pequenos e grandes, falarem a nossa língua tão fluentemente quanto nós. O mais engraçado é que aprendiam os diversos dialetos conforme a região de onde procediam seus amos, e em consequência encontravam-se pomeranianos, suábios, como bávaros e saxões, pretos.

Tinha-me hospedado no Hotel Koch, no qual havia gozado algumas horas de sono. Não se sendo muito exigente, pode-se ficar perfeitamente satisfeito com a hospitalidade em São Leopoldo.

Moram lá também alguns brasileiros, mas que passam despercebidos perante os alemães, não podendo escapar à influência da maioria. Não se pode, por isso, deixar de observar que, em contrário à experiência em outros países e partes do mundo, os alemães conservaram aí mais obstinadamente seus usos, costumes e língua pátrios, embora por outro lado tenham adquirido muitos outros, pouco recomendáveis, do país. A língua alemã é cuidadosamente preservada, e, pelo menos ao tempo de minha estada lá, despendia-se mais dinheiro e trabalho com escolas alemãs do que em Porto Alegre. Dispunham de um instituto para meninas e outro para meninos, que contavam, juntos, 200 alunos.

A principal indústria, ao lado da mediação no comércio dos diversos produtos, é o preparo de couros de toda espécie e toda a sorte de trabalhos de selaria.

Por acaso, nos dias anteriores, chuvas demoradas tinham feito transbordar o rio dos Sinos para muito além de suas margens, e toda a várzea, por trás de São Leopoldo, até grande distância, estava debaixo de água. As ruas mais próximas do rio estavam também inundadas, o que dificultava muito as comunicações entre as margens. A chuva só não foi indesejável para a loura população juvenil que, por entre gritos de júbilo, vagava em barcos, verdadeiros e improvisados, pelo mar que tão subitamente se formara. Um bando de garotos entre nove e 12 anos, principalmente, divertiu-me muito com uma cena de batalha naval na qual pouco faltou para que a pequena marinha, sem exceção, submergisse. Durante quase uma meia hora apreciei com interesse o temerário brinquedo e não pude esconder meu espanto diante dos circunstantes deixarem as crianças tão à vontade. Faz, porém, parte das peculiaridades da vida entre os colonos alemães no Brasil não serem as crianças resguardadas com excessivos cuidados, como na Alemanha. Desde mui tenra idade deixam-nas entregues a si próprias, correm e brincam à vontade em terra e na água, exercitam-se muito cedo no uso das armas de fogo, correm pelas campinas, montando cavalos em pêlo, sem que por isso se dêem mais acidentes do que nas nossas condições de mais civilizados.

Contratei, por intermédio de um cidadão de São Leopoldo, um pequeno peão, para continuar minha excursão pelas colônias alemãs, sob cuja direção me pus a caminho, já tarde, nesse mesmo dia, a despeito das imediações estarem alagadas e apesar de me dizerem que dentro de alguns dias as águas baixariam e só em poucos lugares era que a passagem para o outro lado do rio poderia ser mais difícil.

Atravessamos o rio, com os nossos cavalos, numa balsa que um velho alemão rabugento alugava. Chegados à outra margem cavalgamos e seguimos cautelosamente quase por meia hora com os animais metidos na água até aos peitos. O peão mostrou-me um grupo de árvores ao longe, como sendo o ponto onde sairíamos da água; dirigi-me para lá em linha reta e, crendo não precisar da direção do guia no momento, deixei-o cavalgar atrás de mim. De repente, o chão desapareceu sob as patas do meu cavalo e mergulhei no rio de cabeça para baixo, não ati-

nando com o que me acontecera, a água tendo-se fechado sobre minha cabeça. As rédeas tinham-me escapulado da mão e tinha deixado também cair o rebenque preparando-me para nadar. Levou alguns segundos antes que pudesse pôr a cabeça fora da água e examinar a situação. O que vi, logo, foi meu cavalo, que se salvara, sobre uma pequena elevação, não longe de mim, esperando, manso como um cordeiro, pelo seu cavaleiro, que não tardou também a sair da água. Meu peão olhava não menos expectante para o lugar onde eu desaparecera um instante antes, mas tão assustado que não sabia como poderia ir em meu auxílio. Tive que nadar por uma distância de quase dez passos antes de poder tomar pé e montar novamente, o que foi tanto mais difícil por terem minhas botas de montar apanhado água que devia pesar um quintal. Esse incidente tornava necessário, quer eu quisesse quer não, voltar para São Leopoldo, ou, pelo menos, até às primeiras casas dessa margem do rio, porque não só minhas roupas estavam completamente molhadas, como de tudo o que continham minhas bolsas de sela nem um só objeto estar enxuto. O mais desagradável da aventura foi a descoberta de que na queda minha carteira, com 75 táleres, tinha caído do bolso. Por felicidade morava na entrada da colônia um alemão abastado, a quem eu tinha sido recomendado e a quem não tinha ainda procurado por me terem dito no hotel que estava viajando. Fui até lá. O dono da casa não estava, mas sua mulher atendeu com a melhor boa vontade à minha solicitação, pondo à minha disposição roupa, roupa de baixo e dinheiro, tudo o de que eu precisasse. E eu esperava poder continuar imediatamente a viagem, se o casaco e as calças do dono da casa ausente me servissem, mais ou menos, e eu não me perdesse inteiramente na sua vastidão. Resolvi, por isso, esperar, até o dia seguinte, que o meu próprio guarda-roupa secasse. Quanto à perda da carteira, a corpulenta senhora me consolou afirmando que depois das águas baixarem mandaria procurar por um dos seus serviçais no local do acidente, que eu indicara com precisão. Devo dizer que, embora tivesse pouca esperança nesse consolo, a carteira foi encontrada e, para minha maior alegria, todo o conteúdo, que se compunha de papel-moeda brasileiro, e que por estarem as notas ensopadas, encontrei-as penduradas numa corda, secando, uma semana depois, em casa do meu amável hospedeiro.

Ao meio-dia do dia seguinte tudo estava novamente em estado de eu poder continuar a viagem. Escaldado pelo banho involuntário

entreguei-me inteiramente à experiência do peão, que evitava cuidadosamente aproximar-se das grandes depressões, de que eu não tinha a menor idéia.

Nosso primeiro destino era Hamburger Berg, a duas léguas de São Leopoldo, onde, em grande número, colonos, artífices e industriais moram apertados na chamada Praia da Cidade. A povoação que resultou disso tem ainda maior semelhança com uma aldeia alemã que São Leopoldo, embora entre as casas apareçam muitas palmeiras que lhe dão uma aparência exótica. O terreno onde foi construída é muito acidentado, e devido à sua posição elevada é avistada de longe. Seus 600 habitantes, exclusivamente alemães, constituem uma população ativa, a que parece não faltar nada do que é necessário ao bem-estar humano. Os negociantes ocupam-se principalmente em comprar aos colonos, nas partes mais longínquas das florestas, os produtos do solo, transportá-los no dorso de muares para Hamburger Berg e daí por diante em carros, para o mercado de São Leopoldo, de onde são novamente transportados, em barcos, para Porto Alegre. Assim era, pelo menos, há alguns anos. Hoje há uma via férrea que liga Porto Alegre diretamente a Hamburger Berg, o que favorece substancialmente o comércio entre a capital e as colônias e muito concorrerá ainda para seu maior incremento.

De São Leopoldo até Hamburger Berg e um pouco mais para diante, a região é bastante pobre de árvores; os banhados alternam-se com trechos de campos secos e magros com escassos relvados, mas muito perto, diante do viajante, estendem-se as montanhas azuis, ricas em florestas, das verdadeiras picadas. As primeiras montanhas são os picos gêmeos de Dois Irmãos. Daí irradiam as mais antigas picadas das colônias, entre as quais a mais notável é a Baumschnaiz (Picada dos Dois Irmãos), cujo nome lhe vem de dois dos seus primeiros habitantes, chamados Baum. A estrada principal da Baumschnaiz tem quase cinco léguas, e 300 famílias partilham os diversos lotes da colônia.

Causa impressão peculiar ao recém-chegado que pela primeira vez viaja nessa região, com milhares de habitantes, viajar o dia inteiro sem ouvir falar, pelo caminho, outra língua senão a alemã.

Antes de chegar a Hamburger Berg, parei na casa de um colono para me informar mais exatamente sobre as condições e o que havia de mais interessante nas diversas picadas. Aí, como em outras partes, me

aconselharam que fosse ver a queda-d'água do rio Cadeia. Isso me levou através de grande parte da Picada Baum, acima citada. A estrada principal que serve ao tráfego ali é, a princípio, uma estrada vicinal, bem conservada, que pode até ser usada por veículos. Não se tem nenhuma estrada real diante de si, mas as primitivas subidas muito íngremes são evitadas sem que para isso sejam precisos grandes rodeios. As casas dos colonos aparecem, ora à direita, ora à esquerda, perto da estrada, a pequenas distâncias umas das outras, entre as plantações verdejantes, e estendem-se por muitas horas como numa aldeia alemã, ora mais juntas, ora mais separadas. Muitas dessas casas são de extrema simplicidade exteriormente, e pode-se ver que os cômodos no seu interior correspondem ao estritamente necessário; outras, ao contrário, devido à sólida aparência e à extensão do terreno que ocupam, revelam a abundância do proprietário. Por toda parte há, na frente ou atrás das casas, grandes laranjais, cujos frutos deliciosos servem menos para refrescar os homens que para alimentar os porcos que vagam sob eles. Onde feliz acaso fez com que o colono descobrisse uma pedreira no seu terreno, sua casa é de construção maciça; os demais contentam-se com taipa, madeira ou barro. Vêem-se ainda às vezes as cabanas que serviram de abrigo aos colonos logo que chegaram, e que foram construídas com o auxílio dos vizinhos, perto duma fonte ou em outro qualquer lugar julgado conveniente, depois de desbravado o terreno. Por muito tempo já, trechos arroteados da floresta servem de pastagem e são aproveitados em comum com os vizinhos. Para evitar que o gado invada as plantações, puseram-lhes cercas rústicas em volta. De modo semelhante ao que se encontra nas montanhas bávaras, fazem uma porteira tosca de troncos, arrançados de forma que é preciso abrir para entrar ou sair. As vendas, que são meio tavernas, meio lojas, constituem estações pelo caminho, nas quais com prazer se descansa um pouco nas horas de maior calor. Ao contrário do que sucede, em geral, no resto do Brasil, riachos e arroios são providos de pontes, e tudo convida a prosseguir no caminho.

Na parte mais habitada da picada as casas, muito juntas, e uma bonita igreja, numa vasta praia, constituem os sinais duma grande população. Esta parte da picada é, com espírito, chamada a “Judiação”, ou “Rua dos Judeus”

Dum monte alto, que é preciso galgar, chamado Rödgersberg, ou Monte do Cavaleiro, goza-se uma vista admirável, por trás da qual se



avista ao longe a parte especial da picada, que chamam Valáquia. Ao lado das culturas, no gordo e fértil solo da floresta, de que novos trechos são arroetados todos os anos e das subseqüentes e exuberantes plantações de milho, frutos oleaginosos, cana-de-açúcar ou cereais, os incansáveis e diligentes colonos já montaram também instalações industriais, como fábricas de óleo, farinha e serrarias, nos vales profundos à margem dos riachos murmurantes da floresta. Ora é um plácido quadro idílico que repousa e encanta a vista do viajante, ora as cercanias se mostram selváticas e grandiosas na sua sublime beleza natural. Mais adiante se chega, através do Jammerthal (Vale das Lamentações), que tem este nome devido às palavras “O Jammerthal”, com que começava a canção muito em voga entre os primeiros colonos, a Windhof, termo da Picada Baum. Aí se entra pela primeira vez para o interior na zona das araucárias, e atinge-se considerável altura acima do nível do mar. Tudo isso, em conjunto, dá à paisagem um caráter especial.

Desde os primeiros dias de minha viagem pelas colônias alemãs tive oportunidade de conhecer grande número de compatriotas e conversar sobre suas próprias condições, e dos seus vizinhos. Interessava-me sobretudo saber se estavam satisfeitos com o destino que eles próprios tinham escolhido, ou se as saudades não lhes faziam desejar voltar. A maioria se manifestava muito satisfeita, e só os que eram tidos por preguiçosos tinham muito de que se queixar do país e do povo. Todos, porém, eram acordes em que as possibilidades de prepararem ali um futuro livre de cuidados eram certamente muito maiores do que na Europa, e que um mesmo capital de trabalho e esforço oferecia muito maior e mais seguro proveito do que na Alemanha, por exemplo. Naturalmente se pressupõe que todos os que se resolvem a emigrar para o sul do Brasil são pobres, como é a maioria deles, e possuem físico vigoroso, apto para qualquer trabalho. Muitos daqueles com quem falei não tinham certamente desejo de voltar para a Alemanha por não terem de lá saído em paz com a polícia e a ordem pública; todavia existia grande porcentagem de gente irrepreensível, cuja opinião, no que concerne às condições de proveito material de seus esforços, fala a favor do Brasil. Certifiquei-me de que para aqueles que podiam prescindir de todos os gozos espirituais, ou crescer numa situação em que não se conhece essa necessidade, a incontestável pobreza de aspirações mais elevadas não é,

lá, um estorvo, e sentem-se felizes com as ocupações materiais e os proventos compensadores que delas auferem. As muito imperfeitas condições das escolas, que só em raríssimos casos estão entregues a profissionais, e que mal se podem comparar a uma escola de aldeia na Alemanha, como também as muitas vezes más representações da igreja, tornam para essa gente menos penosa, como em qualquer parte das picadas, a falta de uma boa hospedaria.

Para o provimento do cargo de pastores protestantes já se tinha até, há tempo, pedido ao consistório de Berlim todo o cuidado na escolha dos teólogos que mandasse para as colônias alemãs, mas apesar disso só mandaram um pequeno número de curas de almas conscienciosos, para essa comunidade. Algumas partes das colônias já se tinha desabitado da igreja e os respectivos colonos contentavam-se em ler a Bíblia, para sua edificação. Essa situação era aproveitada, em parte, por aventureiros protestantes sem consciência, e em parte por membros da Companhia de Jesus, que há muito tinha tomado pé nas colônias alemãs. Visando a realização de seus propósitos, tomavam a peito o embrutecimento do povo e procuravam espalhar as superstições e o fanatismo em todas as direções. Os poucos teólogos, baldos de inteligência, das Casas de Missões de Barmen, Basel e outras localidades, não ficavam atrás nos esforços dos missionários jesuítas. A chamada “Guerra dos Muckers”\* lançou recentemente viva luz sobre a desmoralização religiosa nas colônias de São Leopoldo. Os tristes precedentes desse movimento, na região, coligem-se do seguinte relato:

Um colono da Picada Ferrabrás, de nome George Maurer, filho de alemão, porém já nascido na colônia, e quase não tendo instrução alguma, soube fazer-se passar como estando de posse de medicamentos importantes e remédios secretos. Era auxiliado nesse negócio fraudulento por sua mulher, Jacobina, descendente da família Herrnhuler\*\*, que, quando presa de exaltação religiosa, tinha uma espécie de ataque de sonambulismo a que se atribuía influência divina e que foi

\* Esta palavra alemã, Mucker, tem diversos significados, como taciturno, hipócrita, santarrão, falso beato, etc.; nenhum deles, porém, no vernáculo, interpreta o significado exato no caso, correspondentemais ou menos a fanatismo, pelo que conservei a designação no original. (N. do T.)

\*\* Seitarreligiosa na Alemanha. (N. do T.)

explorada em benefício do poder milagroso de cura do marido. A aparente piedade da família Maurer e a fama do doutor milagroso, para quem acorriam de todos os lados doentes em busca de cura, muito embora nenhum tivesse ficado verdadeiramente curado, fez da casa de Maurer o ponto de reunião de numerosos partidários daquelas duas criaturas, às quais atribuíam poderes divinos. Para melhor explorar a credulidade daquela multidão, os esposos Maurer não se contentaram só com cuidar da saúde do corpo, começaram também, a pretexto de iluminar com a luz divina os crentes reunidos, a explicar a Bíblia. Padres de ambos os credos ajudavam os embusteiros, e quanto mais o embuste se propagava nas picadas, tanto maior era a loucura do povo. Em São Leopoldo a iniciativa de expulsar o partido dos “muckers” (assim eram chamados os sectários) recebeu impulso suficiente; George Maurer e sua mulher, porém, não se assustaram com isso e ela ousou até mesmo afirmar que Cristo peregrinava outra vez pela Terra, encarnado nela. Um seminarista depravado, por nome Klein, que durante algum tempo ocupou o lugar dum pastor protestante, fez, por motivos egoístas, o quanto pôde para aumentar o número dos sectários e confirmou a declaração de Jacobina, de que ela era Cristo.

Daí por diante, foram espalhadas as mais loucas profecias da fanática, todas no sentido de que os muckers eram os eleitos de Deus, que todos os que não crescem neles seriam em pouco tempo aniquilados, e que todos deviam entregar seus haveres a Maurer e sua consorte. A requerimento de diversos habitantes da colônia essa loucura deu lugar a um inquérito policial, que, porém, não conseguiu pôr termo ao desatino. Ao contrário, os sectários ficaram mais ousados do que antes, construíram uma espécie de castelo, reduziram todos os seus bens a dinheiro e se proveram de armas, munições e víveres, para defender-se numa luta de morte. Não tardou muito e a mania religiosa degenerou em atentados contra a vida e os bens dos concidadãos, ocorreram assassinatos na montanha de Ferrabrás, sem que os assassinos, sem dúvida do bando de Maurer, sofressem qualquer castigo, o que tornou os muckers cada vez mais ousados e temerários. E Jacobina participava freqüentemente dos assassinatos, de que eram vítimas, em primeiro lugar, os que se desligavam daquela comunhão sangrenta e imoral. À luz clara do dia, nas ruas de São Leopoldo, um menino de dezesseis anos, que antes pertenc-

cera à seita e tinha falado demais, caiu vítima de sua vingança. A redobrada atividade policial que se seguiu não teve outro resultado senão levar ao auge a raiva e a fúria, no castelo dos mucos, contra o qual, de acordo com o direito e as leis brasileiras, não se podia fazer muita coisa. Numerosas famílias estavam destinadas, conforme sentença tirânica, a serem eliminadas pelo ferro e pelo fogo, e muitas dessas bárbaras sentenças foram executadas pelos fanáticos.



*Tinha uma espécie de ataques de sonambulismo*

Tudo isso aconteceu em junho de 1874.

Foi mobilizada uma força militar que devia se apoderar dos assassinos e incendiários, mas que encontrou uma resistência desesperada,

para a qual as tropas de linha não estavam preparadas. Foi preciso, por isso, mobilizar a Guarda Nacional do distrito e abrir uma campanha regular contra os muckers. Antes disso houve uma espécie de noite de São Bartolomeu, ordenada por Jacobina. Os muckers espalharam-se em bandos numerosos pelas diversas picadas, semeando o incêndio e a morte, de maneira verdadeiramente diabólica, entre seus compatriotas. Por fim chegaram reforços militares de Porto Alegre, e alguns canhões. O primeiro ataque ao castelo, a 28 de junho, falhou inteiramente e custou às tropas mais de 40 homens entre mortos e feridos, terminando pela retirada das mesmas. Como a pequena força, devido à derrota, tivesse ficado muito enfraquecida, foi preciso adiar novo ataque até que chegassem os reforços pedidos a Porto Alegre, Jaguarão e até mesmo Rio de Janeiro, o que só se deu a 18 de julho. A 19 desse mês, finalmente, 400 homens com quatro canhões atacaram novamente o reduto. Não obstante os canhões depois de poucos tiros terem ficado imprestáveis, conseguiram, ao fim de quatro horas de luta, tomar de assalto a casa já em chamas, onde estavam os rebeldes, e dominar os homens e mulheres que se defendiam desesperadamente. Julgava-se ter com isso restabelecido completamente a paz, mas durante a noite os muckers escondidos na floresta atacaram o acampamento dos soldados, atirando de abrigos seguros, e nessa ocasião mataram o bravo comandante, Coronel Genuíno.

A incapacidade do seu sucessor como militar e o desânimo dos soldados fizeram com que numerosos colonos resolutos entrassem na luta como voluntários para levá-la a termo, no que só no momento decisivo foram auxiliados por 100 soldados sob o comando do Capitão Dantas, da artilharia. Um ex-mucker, que se apresentara voluntariamente à polícia, guiou os soldados até ao esconderijo dos ex-correligionários, quase todos tendo perdido a vida nesse ataque, inclusive Jacobina.

Passou-se mais de um ano antes que os prisioneiros feitos durante a luta fossem processados pelo tribunal de Porto Alegre. Os principais culpados que ainda viviam foram condenados a pena até vinte e três anos de prisão. Muitos, porém, em consideração à sua menoridade, foram condenados a penas relativamente menores.

Na história das colônias alemãs esse triste episódio enche uma página de não pequena importância, e terá feito parecer justa a

muitos a prevenção de alguns partidos brasileiros contra o aumento da influência alemã no Brasil.

É, pois, de desejar que nossos compatriotas, no Brasil, tenham aproveitado a lição desses acontecimentos, e prestem mais atenção à educação do povo e à assistência religiosa, isto é, a não pouparem sacrifícios pecuniários para, em lugar de representantes incapazes de ambos os credos, e moralmente muito por baixo, darem à sua comunidade forças capazes tanto em inteligência como em caráter.

Depois desta digressão reatarei o fio da narração do ocorrido na minha viagem.

Enveredamos por um atalho, depois de já termos percorrido em sentido inverso uma parte da Picada de Baum, para tomar o caminho da Picada do Erval ou da Mata do Chá, que ficava para um lado. Este nome foi dado a essa parte da colônia devido ao chá do Paraguai ser muito comum na região. Chega-se à picada pelo chamado Caminho do Chá. Esta picada fica na parte mais pitoresca das colônias alemãs, cujo ponto principal é a queda-d'água do rio da Cadeia. Tendo chegado perto, eu e meu companheiro nos apeamos e, depois de ter deixado os animais entregues a um colono que morava perto, dirigimo-nos para a garganta, de onde já de longe nos chegava aos ouvidos o portentoso estrondo da impetuosa cachoeira. De todas as quedas-d'água conhecidas no Brasil é esta, a qual o presidente do Conselho, Sinimbu, deu, em 1855, o nome do seu descobridor, "Queda-d'água de Altenhofer", a mais grandiosa. Segundo dados uniformes a colossal massa de água cai dum altura de 480 pés renanos\* bramindo e turbilhonando embaixo. Por todos os lados emolduram ásperos e altos penhascos amontoados, e uma incomparavelmente bela vegetação tropical, o grandioso quadro, de que a mais viva imaginação não pode fazer idéia só por uma descrição. A fama dessa rara beleza natural já se propagou por toda a província e quase nenhum viajante deixa essa região sem ter ido gozar o inesquecível espetáculo da queda de água na Floresta do Chá.

Ao romântico do lugar já estão ligadas diversas histórias, entre as quais a que se passou durante minha estada no Rio Grande do Sul, que achei deliciosa. Algumas viajantes alemãs erravam encantadas com a

\* O pé renano tem 0,314 m. (N. do T.)

grandiosa natureza na vizinhança da cachoeira, quando de súbito ouviram, surpresas, cantados por voz sonora de homens, os primeiros versos duma canção muito conhecida: “Não sei o que isso quer dizer...” Como a voz emudecesse, uma das moças procurou, entoando o verso seguinte, animar o cantor invisível a continuar e, de fato, mal as palavras: “O cimo da montanha brilhava ao sol da tarde” acabavam de soar, a terceira conhecida estrofe da canção de Heine: “A linda donzela sentada lá em cima, maravilhosa com seus áureos adornos cintilando, penteava os cabelos de ouro...” e ao mesmo tempo surgiu diante dela, saindo da selva, um homem forte, que se apresentou como seu compatriota. Se a voz do cantor quando ainda invisível já tinha encontrado caminho para o coração de uma das moças, ainda solteira, a presença do trovador despertou interesse ainda maior. Resumindo, acrescentarei, tão-só, que a moça não voltou para a Alemanha, mas pouco depois desse primeiro encontro acompanhou o honrado compatriota, como esposa, para sua casa. Como se vê, o Brasil não é assim tão baldo de aventuras poéticas.

A famosa queda-d’água fica na parte mais montanhosa da Floresta do Chá, no lote nº 8 da colônia. Maciços colossais de rochas e floresta virgem impenetrável, de que só uma pequena parte está aproveitada para plantações, impediram-me de seguir por um caminho mais curto para o meu destino seguinte, o local da Praça de Nova Petrópolis; tive, depois de ver a cachoeira, que voltar até ao meio da Baumschnaiz, de onde um caminho calçado de pedras levava, atravessando a Linha de São Paulo, à Linha do Café, ou Picada do Café. Esta é uma das maiores, depois de Baumschnaiz, e, no que concerne à paisagem, uma das mais interessantes também. Cerca de cinco ou seis vales, todos paralelos com exceção de um, rodeados de altas encostas cobertas de espessas florestas, formam a região, que é mais característica que outras das colônias alemãs na floresta virgem. Os brasileiros nunca ou raramente se deram ao trabalho de dar nome aos montes gigantes e aos vales pitorescos, enquanto os alemães quase que batizaram até aos menores lugares ao seu modo, e se julgamos, nas relações com os colonos, dos quais não se ouve uma palavra senão em alemão, estar numa parte longínqua da pátria, mais ainda se acentua essa sensação ouvindo falar num “Bohmenthals”, num “Conzler” e “Holländerthals”, como são de comum chamados alguns do vales plantados de café.

Como o dia seguinte fosse domingo, fiz alto, por um dia, na venda de um certo Link. Deram-me um quarto não muito grande, mas, para as condições comuns no Brasil, bastante limpo, no qual havia dois ou três leitos de campanha, que lá chamam “burro”, onde fiquei, e o corpulento e bonachão dono da venda fez todo o possível para tornar minha estada agradável. Sua cozinha abrigava, como cozinheira, uma raridade que, com tão minguados recursos, preparou para o jantar e para a ceia as mais deliciosas iguarias.

Na manhã seguinte fui despertado, bem cedo, pelo tropel de muitos cavalos e muares. Montavam-nos, vindo de perto e de longe, os colonos que vinham ouvir a prédica do domingo na capela católica, que ficava perto, e quando olhei pela janela vi que chegavam mais e mais cavaleiros e Amazonas, embora estas, ao modo dos colonos no Brasil, montassem como homens e soubessem governar seus cavalos como se tivessem aprendido em algum circo. É verdade que os freios não são complicados como na Alemanha; nos cavalos, mulas e burros põem um freio só com câibas, bridas que reputam suficientes. Não usam bridão. Às vezes as selas dos camponeses são muito elegantes, com delicados desenhos impressos ou recortados. Os colonos em geral não imitam o excesso de ornatos de prata nos arreios, esporas, etc., que é comum entre os brasileiros.

Antes do sermão tanto os velhos como os moços fortaleceram-se com um bom trago. Alguns esqueceram com isso o fim de sua ida ali. À noite reuniram-se novamente na venda, para dançar, um velho tocador de realejo tocando para isso as mesmas valsas sem se cansar, ao som das quais os colonos, como as suas belas, com um belo desdém pela morte, desafiavam o calor, dando saltos incríveis. Foi-me naturalmente impossível conciliar o sono com aquele pandemônio, porque o baile durou até às 3 horas da manhã. Mas pus o coração ao largo, sentei-me no balcão e partilhei da alegria geral como espectador. Diverti-me vendo danças antigas que se conservaram entre os imigrados de duas décadas antes, e que transmitiram à nova geração. Naturalmente nos intervalos foram esgotados muitos copinhos, e vi velhos e moços beberem com verdadeira abnegação o detestável vinho da terra. Só alguns se permitiam, com os seus pares, uma garrafa de Pale Ale ou Porter. Quando as cabeças se esquentaram um pouco, os rapazes iniciaram um divertimento curioso. Quatro ou cinco deles saíram e voltaram logo depois a



cavalo, entrando no recinto da venda, que não era muito espaçoso, onde, sob a algazarra dos demais, andaram em volta e praticaram outros desatinos durante um quarto de hora. Pelo que me disseram, muitas vezes, depois, andar a cavalo dentro das vendas é uma brincadeira muito do gosto dos colonos.

Na minha pousada temporária representou destacado papel o professor do pequeno distrito, cuja vida de sofrimento era de fazer dó. Tinha sido outrora empregado numa estrada de ferro, na Alemanha, e a mesquinha soldada e conseqüente penúria e desespero tinham-no levado a emigrar. Sua mulher fora também professora no mesmo lugar, falava francês fluentemente, era educada, instruída, e na colônia dava de comer ao gado e aos porcos, e tinha adquirido destreza admirável como ceifeira de aveia, porque sem a agricultura os esposos teriam também passado fome na Picada do Café. O ordenado de um mestre-escola rivalizava ainda com a muito falada estreiteza do de um pedagogo alemão de aldeia. Em regra de 50 a 60 crianças freqüentam uma escola assim, na picada. O horário escolar vai das 8 da manhã à 1 da tarde; as férias são duas vezes por ano; pelo Natal, quando coincide com a colheita do feijão, e em agosto, quando é plantado. Durante esses dois períodos de grande atividade agrícola as crianças têm que ajudar aos pais. A ciência tem, assim, o seu destino ligado ao do feijão. Pelo ensino, que se restringe ao estritamente elementar, cada criança paga anualmente seis mil-réis (12 1/2 marcos) e meio saco de milho, cujo valor é igual a 800 réis (um marco e 80 *pfennigs*). Percebe, assim, o professor, um ordenado de 400 mil-réis (900 marcos). O mestre-escola na Picada do Café, de quem acima falo, foi então se convencendo aos poucos de que é mais vantajoso lavar a terra que semear frutos do espírito em terreno ingrato. Tencionava, por isso, conforme disse, entregar o lugar no fim do ano e, como Cincinato, outrora, procurar, lavrando o campo atrás de uma charrua, a paz e o contentamento.

Desejando certificar-me sobre diversas condições nas colônias, fiquei ainda muitos dias na Picada do Café e pude, assim, penetrar bem fundo na vida dos compatriotas no sul do Brasil.

Tive ocasião de apreciar belo espetáculo, numa das noites seguintes, quando, exatamente defronte de minha janela, puseram fogo a um roçado na encosta, isto é, a um trecho de floresta destinado à plantação, que tinha sido derribado e havia semanas vinha secando e esta-

vam queimando para ser lavrado e semeado. O valor da custosa madeira não tinha importância no caso, porque não havia caminho, nem meios, para tirá-la da floresta. Nas grandes estiagens acontece, muitas vezes, que desse sistema de tornar cultiváveis grandes extensões de terra resulta os incêndios se propagarem e tornarem-se perigosos para as habitações mais próximas. Geralmente o colono assiste tranquilamente à queima do roçado, porque o fogo não se comunica facilmente à madeira dura e aos maciços de plantas próximas, muito ricas de seiva. Também costumam, anualmente, na época de maior estiagem, pôr fogo aos poteiros ou cercados para gado, para fazer, por esse modo, crescer o pasto. As casas dos colonos, embora pareçam de construção muito ligeira, estão bastante garantidas contra o fogo, porque, conforme o costume brasileiro, as cozinhas ficam separadas da casa. Se assim o problema de todos os construtores, de afastar o cheiro desagradável de cozinha dos demais compartimentos da casa, fica resolvido, os colonos resolveram de modo não menos simples como evitar as emanções ainda mais incômodas das latrinas, eliminando-as de dentro e de fora das casas e deixando a cada um a escolha do lugar conveniente ao ar livre. Os numerosos porcos espalhados pelos quintais cuidam, por seu lado, da pronta remoção dos inevitáveis detritos, e mostram-se tão zelosos nisso que se torna difícil fugir à precipitação desses zelosos animais, sendo por isso necessário recorrer a pedradas ou pauladas, quando não se pode, nesses casos, evitar o encontro. Os porcos, por sua vez, são campos de pastagem para diversas espécies de pequenos pássaros, que passeiam indiferentes sobre os dorsos hirsutos desses animais domésticos.

Os tão incômodos parasitas do Brasil, que tanto já me tinham atormentado, incomodaram-me muito menos na Picada do Café, mas em troca entrei em desagradável contato, diante de casa, com uma maritafede ou caritacaca, e fiquei conhecendo, por experiência própria, o abominável mau cheiro que desprende. Tive de sacrificar a parte de minha roupa que ficou impregnada do fedor.

Em parte alguma o cientista encontra campo mais fértil para estudos zoológicos que nas colônias, onde é raro o dia em que não ocorre algo interessante no reino animal. Assim foi que, durante minha permanência em casa dos Links, apanharam um tamanduá que seria valiosa aquisição para qualquer jardim zoológico; e tive ocasião de

apreciar, no teto de meu quarto, a arte com que certa espécie de vespa constrói seu ninho com torrões de terra.

Depois de muitos dias fui forçado a deixar a casa do meu honrado hospedeiro, para continuar viagem pelas colônias. Reuni-me desta vez a alguns colonos que, como eu, viajavam para Nova Petrópolis. Para chegarmos lá, tínhamos que percorrer a Picada do Café em toda a sua extensão, porque a estrada serpeava pelas diversas propriedades, ora seguindo o curso de um riacho, ora a encosta de um monte. Alguns trechos dos estreitos vales eram de rara beleza, campos cultivados e encostas incultas. A beleza das cercanias acentuava-se particularmente onde o rio da Cadeia, que tivemos de transpor a cavalo, atravessa a Picada do Café. Quanto mais nos aproximávamos das colônias de Nova Petrópolis, ao norte, tanto mais tínhamos que subir, seguindo o caminho, por fim, pela cumiada das abas da serra mais próxima.

As colônias de Nova Petrópolis, onde então me encontrava, que foram há apenas 20 anos, em 1858, abertas à colonização alemã, estão situadas na margem esquerda do rio Caí, como posto mais avançado, facilitando as comunicações entre Porto Alegre e a ínvia região da serra.

Como em todas as colônias, logo se pensou, ao ser fundada, na localização de um núcleo, ou Praça da Cidade. Esta fica onde começa a zona das araucárias, sobre um grande platô maciço. É quase toda cercada por magníficas florestas de pioneiros que, embora escuras, formam bonito fundo para as poucas casas de colonos e para a igreja protestante existente. À fundação de Nova Petrópolis se ligaram, a princípio, grandes esperanças e expectativas, que no entanto só se têm realizado em parte. Os meios de comunicação eram por demais deficientes para que pudesse, não obstante os grandes esforços dos colonos, competir no comércio com as outras picadas; ademais o tipo de colono que primeiro se domiciliou lá não era de molde a lhe dar maior desenvolvimento. Por acaso existem entre eles muitos operários saxônios, de fábricas, entre os quais poucos podiam arcar com os pesados trabalhos do colono nas florestas virgens. A colônia devia ter já consumido somas enormes, no entanto, exigia anualmente novos adiantamentos. É notável a indulgência com que o governo, aí como em outras partes, procede com os colonos, prorrogando, sem juros, suas dívidas pela cessão das terras.

Plano, divisão, sistema de construções nas colônias de Nova Petrópolis são os mesmos que em todas as outras picadas, e eu não sabia o que devia enaltecer mais especialmente ali, a não ser, num ou outro ponto, a magnificência da natureza. Tomei pousada, tendo recebido anteriormente um convite, na casa do diretor da colônia, na Praça da Cidade, para todavia prosseguir viagem no dia seguinte. No decurso e minhas progressões, nos dias seguintes, cheguei, entre outras, à Picada Nova, justamente por ocasião da romaria que era festejada por compatriotas alemães, na sua maioria da Prússia Renana e da Baviera, tão ruidosa e alegremente como se faz na Alemanha. Passaram por mim a cavalo, em direção à igreja, 50 a 60 homens e mulheres enfeitados de fitas e flores. À frente ia a música, atrás da qual três bandeiras flutuavam alegremente ao vento; uma preta, encarnada e amarela, uma azul e branca e a verde, com as armas brasileiras. Da igreja perto, chegavam até mim as notas sonoras dos cânticos da piedosa comunidade e louca alegria, no pátio da festa. Tudo aquilo trazia um legítimo cunho alemão que, mais do que a população e os nomes alemães de família, despertavam em mim a lembrança das festas campestres pátrias.

O espetáculo repetia-se diante de cada venda, onde tocaram, dançaram e beberam por duas noites inteiras. No terceiro dia, finalmente, conforme o costume na pátria, a romaria teve de ser encerrada. Os rapazes e raparigas foram para a frente da casa armados de enxadas e pás, precedidos pela música e aí, ao som do hino nacional, enterraram, por entre gracejos, duas garrafas vazias de vinho. Depois desse ato todos esfuizaram mais uma vez num delírio de alegria juvenil, separando-se em seguida para refazerem, pelo sono, os espíritos e os corpos esgotados. Entretive-me com aquelas festas do povo, ficando por isso mais tempo perto dele. Quando souberam que eu chegara havia pouco da Alemanha, e que conhecia as terras de alguns deles, fui assaltado por milhares de perguntas, e quase não sabia como me defender da ânsia de notícias dos meus novos conhecidos. Por muito agradável que fosse mover-me por dias inteiros entre alemães, respirei novamente, aliviado, quando pude considerar minhas peregrinações pelas colônias de São Leopoldo terminadas, podendo voltar a Porto Alegre.

Seria pouco interessante a descrição de meu regresso das montanhas pela Linha Nova, Linha Hortênsio, Quatorze, Quarenta e Oito,

Bom Jardim e Costa Serra, para o Campo de São Leopoldo. Atravessei por muitos dias, quase sempre por maus caminhos, regiões agradáveis, porém, também outras selváticas, que faziam lembrar em muitos sentidos as paisagens alemãs de altas montanhas, atravessando riachos caudalosos que muitas vezes, devido ao seu fundo traiçoeiro, faziam perigar a mim e a meu cavalo. Com a lembrança das impressões da natureza misturavam-se as que tive da vida dos colonos alemães, de que antes formava um quadro inteiramente diferente. Aqueles que lá encontrei vivem em geral tão confortavelmente como tinham sido acostumados a viver desde a infância; as exigências da vida mais elevada, própria de outras classes da sociedade, eram-lhes também desconhecidas na pátria. As normas de vida e trabalho dos colonos eram ali tão análogas às condições reinantes na Alemanha, que eu não podia separar, na imaginação, umas das outras. Os diversos viajantes, nas narrações de suas viagens, referindo-se às colônias no sul do Brasil, poderão ser às vezes exagerados, mas o que não se pode negar é que se formou no continente sul-americano uma notável Nova Alemanha, com língua alemã, usos e costumes alemães, impondo respeito, cuja prosperidade todos os que a conhecem devem desejar.

Além destas colônias, as mais antigas da província, existem ainda outras muitas empresas colonizadoras que, principalmente devido ao proveitoso desenvolvimento de São Leopoldo, mais tarde ou mais cedo aparecerão. Na escolha da região onde foram fundadas essas colônias, predominou em regra a idéia de que deviam ficar à margem de um rio navegável que corra nas suas terras. Assim é que as colônias existentes se repartem pelas diferentes bacias fluviais. Querendo formar-se um quadro compreensível da colonização alemã na Província do Rio Grande do Sul, e partindo-se, nesse quadro, do oeste, encontram-se, primeiro, as colônias no Jacuí, entre elas Santo Ângelo, mais adiante as picadas alemãs no rio Pardo e no rio Pardinho, sobre as quais ainda voltarei a falar, depois as do rio Taquari, do Caí, São Leopoldo, no rio dos Sinos, as dos rios Santa Maria, Três Forquilhas e Mampituba. Vendo-se uma dessas colônias, fica-se conhecendo todas. Quase não se poderia apresentar uma diferença substancial entre elas; a única poderia ser que muitas zonas coloniais são mais vastas, mais montanhosas ou mais planas, têm mais água e são mais férteis, mais ou menos favoravelmente situadas, do que outras. Pode também ser que um viajante menos profundo encontre diferença entre o

caráter e modo de ser dos habitantes de um lugar e de outro; em geral isso está condicionado à sua procedência, mas tudo, no seu desenvolvimento, na sua vida, nos seus esforços, está ligado distintamente.

Aprendi a conhecer a maior parte das colônias acima citadas durante minha permanência na província; minha situação perante o governo no me deu a direção de uma delas, pôs-me mesmo em contato muito íntimo com a colonização alemã e em posição de, por muitos anos, partilhar em muitos sentidos das tristezas e das alegrias dos nossos compatriotas nas florestas virgens. O que eu, durante esse tempo, colecionei de estatísticas, material geográfico e outros não cabe na moldura do quadro que dou ao leitor nas páginas antecedentes. Se alguém quiser informar-se mais detalhadamente sobre a extensão, população e comércio nas colônias alemãs, recomendo os *Relatórios* do R. Hensel, na *Revista de Geografia*, do ano de 1867 (Berlim); *Descrição do Brasil*, do Capitão Hörmejer, os escritos de Val de mar Schulze, Capitão Jahme e as muito citadas obras de Tschudi, Lallemand e outros.

Na volta para Porto Alegre escolhi, depois da excursão pela zona de São Leopoldo, em lugar de vigia por terra, a vigia num dos vapores fluviais do rio dos Sinos.



*Oscolonos se divertem*

.....

## *Capítulo XVII*

### SANTA CRUZ E MONTE ALVERNE

**P**ouco depois de minha chegada na capital fui recebido em audiência pelo presidente da Província. Nessa ocasião foi-me comunicada minha nomeação para o cargo de diretor de uma colônia, que já antes me declarara pronto a aceitar, e dois dias depois navegava de Porto Alegre, num dos pequenos rebocadores empregados na navegação fluvial na América do Sul, pelo Jacuí acima, rio este que, largo a princípio, vai-se estreitando aos poucos.

O sol brasileiro, que já me tinha feito sofrer bastante, também queimava nesta latitude as cabeças dos passageiros, e a bordo se desenvolveu, ao lado de outros desagradáveis, o cheiro penetrante do peixe, de que estava revestido o casco do rebocador, pelo sol aquecido.

A sociedade a bordo se compunha, como de costume, da mais variegada mistura de gente de toda espécie. Algumas famílias de imigrantes alemães, reconhecíveis pelos gorros e lenços de cabeça trazidos da pátria, e mais ainda pela ingênua admiração diante do meio inteiramente novo; alguns soldados brasileiros, com caras bexigasas e selvagens, barbas sujas, uniformes desmazelados; diversos brasileiros de

tez cor de couro – a encarnação do tédio –; altivas donas com a sua criada-dagem indolente e suja; e, por fim, espalhada por toda parte, a malta da tripulação – verdadeira coleção de fisionomias patibulares – rodeava-me em calma contemplação.

De uma conversa seleta durante o percurso nem se pode falar e eu me alegrei quando, depois de doze horas de viagem, chegamos a Rio Pardo. A viagem pelo rio não era também, no que concerne à beleza da paisagem, interessante bastante para compensar, pela contemplação das margens, o aborrecimento de bordo. A única interrupção agradável foi a curta parada diante das vilas de São Jerônimo e Triunfo, que ficavam defronte uma da outra. A primeira foi fundada em 1847, mas depressa se transformou em pequeno empório movimentado, por terem sido encontradas jazidas de carvão de pedra nas proximidades, o que lhe deu muita vida. Triunfo havia já anos que perdera o brilho de outrora, porque as muitas xarqueadas lá existentes se mudaram para outros lugares. A revolução de 1835 também lhe embaraçou o progresso. O bastante importante rio Taquari desemboca no Jacuí perto de Triunfo.

Rio Pardo, onde deixei o vaporzinho, só é visível depois de se subir um pouco, através de uma garganta, na margem esquerda do rio. A cidade parece ser uma das mais antigas povoações da província, mas perdeu muito do antigo brilho e importância. Foi fundada pelos jesuítas, e as ruas, regulares e em parte calçadas, com as suas bonitas casas, muitas igrejas, etc., diante das quais hoje o capim cresce viçoso, dão testemunho da sua prosperidade de outrora. Nas casas, que podem abrigar talvez 4.000 pessoas, moram hoje pouco mais de 1.000, e toda sua magnificência de séculos passados está hoje coberta por trepadeiras bravas, musgo e mato. As ruas desertas, as paredes pardacentas e as casas meio arruinadas, que tanto teriam que contar se pudessem falar, deixaram-me melancólico depois de ter visitado tão recentemente a alegre São Leopoldo. Apressei, por isso, o mais que pude, os preparativos para prosseguir viagem para meu destino, a colônia de Santa Cruz. Não levou muito tempo e estava novamente de posse de um cavalo, que me deveria levar através dos campos. E acompanhado de um negro moço e sujo, montando uma mula carregada com as minhas malas, não me parecendo merecer muita confiança, trotamos pela campina. Depois de uma meia hora alcançamos uma aldeia de índios, que àquela hora matinal parecia completamente



deserta. Depois prosseguimos por terreno bastante acidentado para, depois de outra meia hora, passarmos por uma fazenda, e em seguida, por uma longa estirada, alcançarmos o chamado Rincão d'el-Rei, antigo grande domínio do estado, no qual, havia anos, se estabelecera uma colônia particular.

Quando ainda em Rio Pardo, tinham-me recomendado que parasse na casa de um colono à beira da estrada, para tomar um refresco. Segui esse conselho, fui muito bem acolhido pela boa dona da casa, uma alemã, que me ofereceu ovos, cerveja e café.

O caminho daí para Santa Cruz seguia por campos desabitados, cuja indescritível melancolia nada interrompeu, a não ser o encontro com alguns cavalos sem dono pastando, um rebanho de gado e um bando de avestruzes que atravessou, fugindo, nosso caminho. Havia muito que o sol desaparecera no horizonte, e um frescor agradável substituíra o calor abrasador, quando, por fim, nos aproximamos das montanhas entre as quais ficava Santa Cruz, e cansados, e com bastante fome, chegamos à Praça da Cidade, ou Faxinal de Santa Cruz.

Incontestavelmente, as colônias que lá vi são as mais florescentes de toda a província, depois das de São Leopoldo. Incluindo a vizinha colônia do Monte Alverne, que me fora especialmente confiada, todo o território abrangia uma superfície de cerca de 24 léguas quadradas, estendia-se por toda a região acidentada nas faldas da serra do Mar, tem grande abundância de água, florestas, é sumamente fértil e tem um clima magnífico, particularmente conveniente aos alemães, no qual se destaca perfeitamente a mudança das estações. Desde sua fundação, em 1849, esta colônia vem progredindo como nenhuma outra e já conta, inclusive a população de Monte Alverne, com perto de 12.000 almas. Todas as indústrias possíveis estão representadas lá; moinhos, curtumes, selaria, ferraria, cordoaria e outras vêm sendo exploradas há anos, e em todo o vasto território da colônia reina atividade e constante afã industrial.

O acolhimento recebido numa casa hospitaleira de alemães, onde encontrei mais que em outra qualquer parte, preservados os usos e costumes pátrios, fez-me tanto bem, que não tive nenhum desejo de depressa alcançar meu destino, que ficava ainda dez léguas mais adiante, na direção da serra.

Passaram-se, assim, oito dias de descanso. Meus bons hospedeiros tinham-me cumulado de tantas amabilidades, que cada dia se me tornava mais difícil pôr-me novamente a caminho. Diversos mensageiros do meu distrito colonial chamavam-me com insistência; minha ausência não se podia prolongar por mais tempo. Num lugar tinha de harmonizar uma desavença sobre limites, em outros, empenhar-me junto ao governo para a construção de uma escola, alhures era uma ponte que precisava construir, sendo necessário organizar o orçamento; e muitas outras coisas mais esperavam minha presença, para serem resolvidas.

Selei, por isso, meu bucéfalo, excelente cavalo que, no entanto, tinha adquirido por preço ridículo, lancei ainda um olhar saudoso para Santa Cruz e parti, sem companhia; desta vez, só com os meus pertences em duas bolsas de sela, à minha frente.

O ponto terminal de minha viagem ficava bastante longe de toda cultura humana, no alto da serra do Mar. O sol havia muito que desaparecera por trás dos picos agudos da cadeia de montanhas. Desde a manhã, muito cedo, que não via viv'alma, e meu estômago, que eu consolava de vez em quando com um pedaço de carne e um gole de cachaça, começara, dando-me o que pensar, a roncar, quando de repente ouvi vozes humanas, à frente. Parei, escutando por um instante, antes de avançar mais pela vereda em ziguezague. "São alemães", disse comigo, depois de apurar o ouvido, e ia esporear novamente o cavalo, quando ouvi estas palavras: "Estás ouvindo? Vivo é que nenhum nos vai escapar!"

Recuei, freando meu animal, e fi-lo voltar o mais silenciosamente possível, levando ao mesmo tempo a mão ao revólver. Empenhar-me numa luta desigual, no escuro naquele sarçal, não me tentava; e, ademais, os habitantes daquela zona não gozavam de boa fama. Meia hora antes eu notara um atalho que me deveria levar mais depressa à Picada Brasil, para onde me destinava. Pensei nele imediatamente, como uma possibilidade de evitar o encontro, aparentemente perigoso. Alcancei sem incidentes, mas por caminhos impossíveis e na escuridão da noite, a cabana do colono avisado de minha vinda. Ele não estava em casa, mas sua cara-metade me recebeu muito amavelmente, e um rebanho de garotos roncava, em todos os tons, nos diversos cantos da cabana de madeira.

– Onde está seu marido? – perguntei, admirado.

– Meu marido? – respondeu a dona da casa, que parecia uma fada da floresta, com os cabelos flutuando diante de mim. – Meu Deus! O senhor não o encontrou? Foram, a cavalo, ao seu encontro, ele e o professor. E levou a espingarda, na esperança de matar um porco, lá embaixo.

Matar um porco do mato... lá embaixo na plantação... Compreendia, agora! A plantação eu vira de longe e a voz que pronunciara as palavras suspeitas, pensei que já ouvira também. Não havia dúvida, era meu inofensivo hospedeiro, que eu tomara por um salteador. Contei minha aventura à dona da casa que não pôde conter um frouxo de riso, com o *qüiproquó*. Depois de uma merenda reforçada, deitei-me, reconfortado, na larga cama, num compartimento estreito, de tabique, que abafava o concerto da garotada roncadora, e, sem esperar a volta do correto dono da casa, mergulhei no sono dos justos. Tive, nessa noite, um sonho terrível, de que jamais me esquecerei. Sonhei que caía em poder de ladrões e dois deles se incumbiram de matar-me. Não tardei a sentir um murro ora aqui ora ali, furadas nas costelas e alguém berrendo-me aos ouvidos. Acordei agoniado e quis voltar-me para o outro lado, mas alguém me segurou o braço. Insisti, quis gritar quando vi junto de mim, na penumbra, o vulto de minha boa hospedeira que me segredava:

– Meu Deus, que sono agitado o senhor tem! Chegue-se mais para cá para não acordar meu marido, que está dormindo junto do senhor.

Vi, então, tudo claro; aquela boa gente, na falta de uma cama para hóspedes, tinha-me preparado um lugar no leito do casal, e, depois de eu ter adormecido, ambos deitaram-se calmamente à minha esquerda e à minha direita. Aquietei-me e à pobre dona da casa, e dormimos depois os três, dessa maneira, aliás extraordinariamente incomum, até pela manhã.

Ao almoço, que constou de uma bebida quente, com o nome de café, e um bolo de farinha de milho, longe de se parecer com pão, reuniu-se na sala a prole dos meus hospedeiros, composta de sete rebentos masculinos. Era característico das condições no Brasil, como nas colônias, que o benjamim daquele bando de rebeldes, um garoto sujo de

sete anos, não tivesse sido ainda batizado, e o primogênito, um rapaz de 17 anos, não tivesse ainda freqüentado a escola. Aliás, toda a família tinha sua origem na floresta, origem sem a menor noção de cultura.

Como, pouco depois de minha admoestação, ficasse resolvido realizar-se o batizado do caçula, na igreja próxima, que ficava a dez léguas de distância, o colono não prescindiu de, como é costume no país, pedir ao Imperador para ser o padrinho do seu sétimo filho. Um pedido a que D. Pedro II atendeu da melhor boa vontade. O batizando, que chegou a cavalo, exultava com o padrinho, e o batizado decorreu mais alegre do que muitas bodas.

Os negócios na colônia exigiram muitas horas e eu lhes teria dedicado de boa vontade mais tempo se tivesse encontrado onde hospedar-me mais ou menos toleravelmente nessa região. As condições em Monte Alverne eram, porém, tão primitivas, que minha pousada na casa dos sete garotos pareceu-me digna de inveja, diante da pousada que poderia esperar dos outros colonos. Resolvi, por isso, voltar para Santa Cruz e de lá atender aos interesses das outras colônias confiadas à minha direção. Mas não devia deixar os inóspitos vales de Monte Alverne sem novas aventuras.

Um dos filhos do honrado colono acompanhou-me um dia, como guia, através das vastas extensões de florestas virgens. E convenci-me, à medida que mais penetrava no território daquelas colônias, fundadas em 1859 pelo governo provincial, de que Monte Alverne tinha todos os requisitos naturais para assegurar seu desenvolvimento, e espaço bastante para mil famílias de colonos, mas há muitos anos tem recebido tratamento de madrastra por parte do estado, e, principalmente no que concerne à abertura de meios de comunicação e de saída de produtos, o que se tem feito é o mesmo que nada. Nada se fez também sobre medição exata de terras, fundação de igrejas e escolas, e os colonos até agora enviados para lá têm estado entregues a si próprios. Muitos dos primeiros que lá se fixaram e cujas nacionalidades eram prussiana, da Prússia-Renana, suíça, francesa e belga tinham, em parte devido às condições desfavoráveis do solo e das comunicações, em parte por outros motivos, há muito tempo abandonado suas terras, e em lugar de se desenvolver, a população de Monte Alverne diminuía constantemente, até que ficou como uma dependência da população maior, de Santa Cruz. Os habi-

tantes de Monte Alverne que se ressentiam fortemente desse abandono, e de não poderem melhorar sua situação só contando com os simples elementos, guardavam por isso certo rancor no coração, que se sentiam inclinados a desafogar, de modo perigoso, contra os forasteiros. Nestas circunstâncias era justo que eu, antes de me transportar para o isolamento de uma verdadeira vida na floresta virgem, fizesse explodir todas as minhas minas de um ponto qualquer, provisório, para o que escolhi Santa Cruz, e empregasse todos os meios, perante o governo, para tornar possível a existência em Monte Alverne.

Quando, com o meu guia, chegava aos terrenos baixos ao longo do rio Taquari, de onde julgava não poder mais errar o caminho, despachei meu jovem compatriota, e continuei, num passo tão rápido quanto o permitia o péssimo caminho tipicamente brasileiro, a viagem, para meu próximo destino.

Ter-se-iam decorrido talvez três horas, quando reparei, assustado, que me enganara na direção, porque a floresta não tinha fim e não via nenhum dos sinais que me dera meu guia, quando nos separamos. Havia muito que o sol se escondera por trás das montanhas, de que a floresta me empatava a visão. Errar na floresta virgem, em regiões completamente desconhecidas, e sem provisões nas bolsas, é coisa perigosa. Fiquei, pois, um pouco excitado e acelerei o passo do cavalo. De repente me senti agarrado com força pela garganta e, antes que pudesse dar conta do ataque, estava estendido no chão, num lamaçal. Já estava imaginando que alguns meliantes tivessem querido apoderar-se do que levava comigo, mas, por mais que olhasse em volta, não via ninguém contra quem pudesse reagir. Só meu cavalo, que pastava, arrastando as rédeas, perto de mim e olhando-me compreensivo quando me ergui, com esforço. Pus-me a refletir no que ou em quem me poderia ter arrancado da sela, porque tinha sentido nitidamente um corpo estranho apertar-me o pescoço. Por fim descobri, alguns passos mais atrás, um cipó pendente, que se denunciou por estar ainda balançando. Tinha-se-me prendido ao pescoço na escuridão do crepúsculo, e me feito cair. Com exceção de alguns pequenos arranhões, tudo acabou bem, sem grandes danos.

– Vamos, meu velho, vamos! – chamei meu cavalo, estendendo-lhe a mão. Meu bom ginete não mostrou, porém, o menor desejo de seguir-me, antes se afastava cada vez mais, enquanto eu, com as grandes

botas de montar e enormes esporas chinelas, só podia coxear atrás dele. Os apelos mais carinhosos e as pragas em todos os tons foram igualmente inúteis, e tive de sofrer, com paciência, as conseqüências de minha falta de atenção. Entretanto, ficava cada vez mais escuro, e eu ora tropeçava numa raiz, ora numa pedra, que havia muitas. Tirei o relógio, mais por hábito que para consultá-lo, e vi, com o auxílio de alguns fósforos, dos quais já tinha gasto uma caixa inteira só para contornar os piores buracos e passagens mais perigosas do caminho, que já passava das 8 horas. Esse exame da hora valeu-me ficar sabendo que, se o bom tempo persistisse, dentro de duas horas podia contar com o luar.

Cansado, com fome e sede, arrastei-me ainda um pouco, mais para diante, quando a paciência do meu cavalo pareceu esgotar-se e ouvi-o – porque ver não era mais possível – começar a correr. De repente pareceu parar. Que seria? Por minha vez, reunindo todas as forças, apressei mais os passos. Lá estava ele, parado e, tanto quanto podia ver no escuro, com a cabeça voltada para mim; aproximei-me hesitante e vi com prazer que as rédeas se tinham prendido numa raiz saliente, e pelo menos em parte minha situação melhorou. Apanhei-o, depressa, e saltei para cima da sela.

Meia hora depois acabou-se também a floresta, e na cabana de um casal amistoso de mulatos pude, depois de uma boa refeição, repousar os membros fatigados.

Quando, na manhã seguinte, me levantei da cama que me tinha sido preparada, com palhas de milho, numa espécie de *block hauss*, fiquei desagradavelmente surpreendido vendo que estava caindo uma chuvinha impertinente, que possivelmente duraria algumas semanas. Eu podia, sem dúvida, esperar dois dias, a ver se o céu se apiedava de mim, ou que o sol, por mera compaixão, brilhasse por algumas horas, mas aí de mim se me enganasse, se os riachos comessem a transbordar e transformassem os caminhos em pantanais. Depois de refletir, deixei-me persuadir, pelo meu hospedeiro, a esperar pelo menos até o dia seguinte. A permanência na miserável barraca, que chamavam rancho, em companhia do mulato amigável, mas bronco, e sua mulher, que sorviam constantemente, de modo pouco apetitoso, mas com grande prazer, o chá do Paraguai numa cuia imunda, e nos intervalos fumavam dúzias de cigarros de palha de milho, aborrecia-me. Os assuntos de con-

versa depressa se esgotaram, e que poderia eu fazer para matar o tempo? Não tinha nada para ler e não se podia esperar que meu hospedeiro tivesse. Escrever também foi impossível, pela manhã, por terem esquecido à noite de trazer para a cabana as minhas bolsas de sela, numa das quais estava meu canhenho de notas, e agora estavam encharcadas, como todo seu conteúdo. Não me restava nada que fazer senão fumar e dormir; fiz ambas as coisas, e como tudo no mundo tem fim, esse dia de descanso forçado terminou também na noite que se seguiu.

No dia seguinte chovia, e com uma persistência de desesperar; mas não me deixei deter mais. Selei o cavalo, pedi ao meu hospedeiro para me indicar o caminho e trotei, depois de ter expressado, em metal sonante, meus agradecimentos pela hospedagem.

Depois de algum tempo meu cavalo parecia mais melado do que branco, tão coberto estava da lama que salpicava, todo o tempo, no péssimo caminho. Não ousava trotar nem galopar, porque a cada passo encontrava sulcos profundos, buracos e atoleiros, de que o caminho estava cheio, até que para a tarde cheguei, com muito custo, a um rio que tinha forçosamente de atravessar.

– Como vai ser? – perguntei a mim mesmo. Parecia ouvir o ruído de uma cachoeira, antes mesmo de se avistar as margens do rio, e de fato barrava-me o caminho, em vez do plácido riozinho, uma torrente caudalosa, bramidora.

Nem esporas nem palavras persuadiam meu cavalo, que empinava e saltava para o lado como se eu exigisse dele o suicídio. Um bom conselho seria então caro, mas eu me teria comprometido a tudo se alguém me indicasse um meio de me transportar, com meu cavalo, para a outra margem.

Enquanto eu deliberava, comigo mesmo, sobre o que deveria fazer, surgiu inesperadamente um tropeiro que, como eu, tinha que atravessar a torrente espumante. Quando viu a dificuldade em que eu me encontrava, segurou meu cavalo pelas rédeas, atou-as à cauda de um dos seus muares e foi assim que atravessei a torrente caudalosa para a outra margem, não sem forte resistência e sem correr o risco, durante o trajeto, de tomar um banho involuntário.

Considerando que os colonos de Monte Alverne tinham, para dar saída aos seus produtos, que atravessar esse mesmo riozinho,

e daquela mesma forma, sem ponte, tinha-se que concordar que havia toda a razão nas suas queixas contra a falta de comunicações com os mercados.

Depois de mais um trecho de viagem sem interrupção, cheguei, já tarde, a Santa Cruz, mas em que estado! Molhado até aos ossos, coberto de lama, faminto e tiritando de frio, penetrei, cambaleando, sob o teto protetor de minha hospedaria provisória. Muitas semanas de defluxo, um costume completamente inutilizado, uma espora de prata perdida, uma pasta desmanchada, feita em pedaços, um cavalo manco e a perda de muitas notas de interesse para os habitantes de Monte Alverne foi o resultado de minha estréia no exercício do cargo, e é natural que não tenha ficado muito edificado com o que vi e passei, nesta excursão.

As colônias de Santa Cruz e Monte Alverne compõem-se, como a de São Leopoldo, de muitas picadas, cujos produtos e condições das respectivas populações são muito diferentes. As picadas de Santa Cruz, perto do rio Pardinho, estão muito desenvolvidas. Sobretudo o tabaco é cultivado nelas em grande escala e é exportado, em grandes carregamentos, do rio Pardo para os estados do Prata e para a Europa.

A situação da igreja e a do ensino em Santa Cruz seria ainda talvez muito precária se os colonos não tivessem tomado a iniciativa de pô-las em ordem. Infelizmente não há nisso a necessária união, e tanto padres como professores não se pejaram de se hostilizarem reciprocamente. Os mais provocantes são os jesuítas, que se fixaram na Praia da Cidade há muitos anos. A igreja católica, como a protestante, são edifícios que agradam e atestam a abundância das respectivas comunidades. O número de habitantes da povoação, dada a curta existência das colônias, é ainda muito pequeno, apenas de 400 a 500 almas. Além do Faxinal há ainda, numa picada distante, uma segunda praça da cidade, chamada Santa Teresa.

Há dois anos, se não me engano, Santa Cruz foi, como se diz no Brasil, “emancipada”, isto é, em lugar de todos os casos da comunidade serem tratados por intermédio do diretor, passaram a ser tratados diretamente com as altas autoridades do governo na capital da província, e devido aos seus progressivos melhoramentos comunais a governar-se por si. Se isso redundará em benefício para os colonos, os resultados dirão. Semelhante à organização administrativa de outras localidades



brasileiras, o exercício da autoridade, depois da supressão da dos diretores, cabe aos juizes de paz, juizes municipais e outros funcionários residentes no lugar. No desenvolvimento de Santa Cruz distinguiram-se os diretores alemães Schwerin, Mabilde e Trein, que exerceram o cargo sucessivamente. A propósito devo observar aqui que a direção de todas as colônias da província esteve quase inteiramente a cargo de alemães, até aos últimos tempos, e que o departamento de imigração do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, tinha à sua frente um chefe de colonização e um agente-intérprete.

Minha permanência em Santa Cruz foi de muitos meses e empreguei, tanto quanto possível, meu tempo percorrendo a vasta circunscrição de Santa Cruz e Monte Alverne, abrangendo 24 léguas quadradas. Descrever cada uma dessas excursões detalhadamente não me parece oportuno. De maior interesse para mim foram as excursões a Butucaraí, à cadeia de montes de pedra-lioz que avistava ao longe, à pitoresca vila de Taquari, nas margens do rio do mesmo nome, e a viagem ao interior, até Passo Fundo, profundamente escondida nas montanhas. Onde quer que se chegue, nessa região, a natureza oferece cenários de grandiosa beleza. O panorama mais belo é o que se desfruta de Butucaraí, em cujo cimo se ergue uma capela para romeiros.

A vegetação tem, em geral, o mesmo caráter que a das colônias, 24 anos mais velhas, de São Leopoldo; somente os pinheiros são mais comuns do que lá. O estado dos caminhos é horrível a despeito dos colonos terem despendido não pequenas somas e mais tempo ainda para melhorá-los. As veredas de que eu tinha que utilizar-me nas viagens de inspeção a Monte Alverne eram particularmente perigosas; sobretudo depois da chuva, todo o terreno parecia ter-se dissolvido numa lama vermelha.

Entre as coisas dignas de serem vistas nas vizinhanças de Santa Cruz que, a propósito, tem o nome de São João, está uma grande gruta de pedra-lioz, até a qual, com a presença de forasteiros de Porto Alegre, foram empreendidas excursões de exploração. Essa gruta fica afastada do caminho para a chamada Picada Velha, numa encosta bastante alantilada, não sendo fácil chegar-se lá. Seu interior é espaçoso e estende-se por cem metros pela montanha dentro. Essa caverna é menos digna de ver-se pela sua estrutura geológica, que pelos seus habitantes. Milhares

de morcegos, alguns das maiores espécies, têm morada ali, desde tempos imemoriais. Voam aos bandos nas galerias escuras da gruta ou pendem, amontoados, de suas paredes. A todo momento o visitante tem que recuar para não entrar em conflito com essas criaturas lucífugas que, quando se acende uma luz, esvoaçam encandeadas e assustadas. Na vasta sala abobadada, no centro, os morcegos já acumularam enorme monte de excremento, cujo mau cheiro penetrante não faz parte dos atrativos da furna. Talvez daqui a algumas décadas o senso industrial dos habitantes de Santa Cruz se lembre de aproveitar esse guano de morcego para a adubação de suas plantações de tabaco.

A riqueza das florestas, em madeiras de lei, já tinha induzido, quando estive nessa colônia, muitos alemães empreendedores à montagem de serrarias regulares. Um desses estabelecimentos ficava perto da já mencionada cadeia de Butucarai, e quando eu, para meu conhecimento, quis um dia, não muito quente, organizar uma excursão até lá, minha idéia encontrou eco entre amigos e conhecidos que se reuniram a mim. Antes de tudo era a subida do monte, no cimo do qual ficava a antiga capela dos romeiros, que tinha uma certa atração para meus companheiros. Equipados como para uma expedição de muitas semanas, partimos ao romper do dia. Pelo caminho reinava humor alegre nas nossas fileiras, de maneira que na disposição em que nos achávamos nada nos incomodava.

A Butucarai fica um tanto ao norte de Vila Teresa, do outro lado, isto na margem direita do rio Pardino, que tínhamos de atravessar por um ruim vau. É, porém, facilmente acessível, daquela localidade, pela chamada estrada grande. A visita à serraria, na sua vizinhança, instalação muito simples, que a princípio fora o objetivo principal da excursão, levou pouco tempo, e, depois de termos entregue nossos cavalos a um colono, preparamo-nos para galgar o cabeço do monte por uma vereda impérvia. Serviam-nos de guias restos de cruces e de imagens, antigas estações para 30 romeiros, que ainda restavam de ambos os lados do caminho. Cascalho e mato agreste cobriam a senda em muitos lugares, e além de nós não se via nenhum ser vivo na redondeza. Só uma vez passou ligeira, ao nosso lado, enorme serpente, que nossa inesperada aproximação certamente assustara, e um dos nossos companheiros de Santa Cruz ligou a isso a lenda, lá espalhada, de que numa certa mata,

não longe da saída para o campo, há já muitos anos, vivia escondida uma serpente gigantesca. Essa pequena mata, embora esteja muito perto da povoação, é evitada, pelo medo de todos, velhos e moços. Histórias como esta correm por todas as colônias alemãs, a despeito do pouco tempo de sua existência, e quase se pode ver nelas um começo de desenvolvimento das sagas e lendas alemãs, na nova pátria.

A escalada do monte custou-nos muitas gotas de suor, e, contra todos os cálculos, só chegamos ao cimo quando já começava a anoitecer. Até ali o caminho tomara tanto da nossa atenção que não reparáramos no céu e no seu humor, mas agora víamos, com desagradável surpresa, que um aguaceiro, que começava a cair, nos impedia a descida. Pareceu-nos também imprudente tentar no escuro a descida, por tão perigoso caminho. Embora não estivéssemos preparados para um bivaque noturno, no que concernia a roupas, resolvemos pelo menos esperar que a chuva passasse. Não longe do ponto onde atingimos o cimo do cabeça, vimos a velha capela, que há muito já não servia ao culto divino e cuja ruína completa não tardaria. Oferecia-nos agora um abrigo oportuno, de que por certo já se teriam aproveitado centenas de outros, antes de nós – pelo menos se podia deduzir isso dos vestígios deixados –, e acendemos uma fogueira que flamejou alegre no recinto deserto e nu, e que nos aqueceu agradavelmente, tendo a chuva esfriado bastante o ar da noite. De todo o brilho e ornatos da casa de Deus quase não restavam sinais, só a toalha do altar estava esquecida a um canto, e por isso não pareceu a nenhum de nós um sacrilégio quando um dos presentes cobriu os ombros com ela, enquanto secava a roupa, ao fogo.

Quando estávamos pitorescamente acampados, num lugar tão pouco comum, sentados em redor das chamas aquecedoras da fogueira, um dos nossos, quando examinava a nave vazia, descobriu cotos de velas de cera, talvez restos de círios consagrados. Isso nos deu a idéia de alumiar, com eles, nossa descida. Tínhamo-nos, é verdade, prometido esperar o nascer do sol lá em cima, porque o panorama quando havíamos chegado, dos poucos pontos de onde se podia descortinar, devido à densa vegetação, estava velado por nuvens negras, tempestuosas; desistimos, porém, depois de algumas ponderações, de ficar ali por mais tempo, e assim que a chuva, felizmente, passou, começamos a descida, numa estranha procissão. Da mesma forma que na subida, envolvia-nos

agora, novamente, a impressionante solidão da floresta, só interrompida pelo nosso vozear, nossas conversas e risadas. De vez em quando nossos pés deslocavam uma pedra, que rolava aos saltos até as profundezas, ou nos chegava aos ouvidos algum vago ruído vindo de alguma granja, longe, nas montanhas; a não ser isso, reinava um silêncio de morte. Os pequenos cotos extinguiram-se antes de chegarmos à metade do caminho e era preciso a máxima atenção por parte de um dos nossos compatriotas, que já fizera essa excursão e servia-nos de guia, para evitar-nos algum passo em falso. Chegamos, por fim, já tarde, ao ponto de onde partíramos, e depois de algumas horas de repouso apanhamos nossos cavalos, selamo-los, montamos e, embora um pouco fatigados, tomamos novamente o caminho do Faxinal de Santa Cruz.

Era raro o dia em que eu não visitava, pela forma acima, uma nova parte da região, e perguntando, ou observando, me inteirava de muitas coisas de que não podia ter certeza pelas histórias de outros ou descrições de viagens.

O trato com os alemães, entre os quais muitos silesianos e pomeranianos, em Santa Cruz e nas cercanias, é despido de cerimônias. A hospitalidade é praticada em larga escala por todos; em troca, ninguém deve levar a mal alguma rudeza nas maneiras, que nem por isso deixam de ser sinceras, dessa gente. Nem mesmo os donos das vendas exigem qualquer retribuição pecuniária pela pousada oferecida, ou pelo que se come ou bebe.

Duas coisas deixam a desejar em Santa Cruz, como, aliás, em outras colônias alemãs: a igreja e o ensino. Isso e a grande distância de assistência médica, em casos de moléstias, e de auxílio policial, em casos de contravenções, ou crimes. É verdade que alguns médicos, que fixaram residência entre os colonos, desistiram, dentro de pouco tempo, porque a clientela local só, sem subsídio do governo, não compensava. Em consequência, charlatões e curandeiros tomaram seu lugar, explorando a credulidade do povo em proveito próprio. Muitos, além de suas ocupações habituais, curam pela homeopatia, ervas e outros meios universalmente adotados para todas as moléstias. Por felicidade os colonos, nas diversas picadas, gozam, em geral, boa saúde, são robustos, mas em casos de acidentes dependem da duvidosa assistência de ocasionais diletantes

da medicina. Nesses casos resolvem também, por fim, mandar vir um médico de longe, mas que em regra já chega tarde demais.

No que concerne à manutenção da ordem por meio da polícia, tive, no exercício do meu cargo, experiências bem desagradáveis. A autoridade policial morava, por exemplo, a muitas léguas de distância de Monte Alverne, e ocorriam rixas, roubos, e até assassinatos entre a população alvoroçada de uma picada sem que a autoridade tivesse disso o menor conhecimento, senão algumas semanas depois, por escrito. Quando se apresentava no local do acontecimento, já o culpado estava longe, nas montanhas.

Desses inconvenientes já, antes do meu tempo, se tinham queixado amargamente outros diretores, e é característico o que um me contou como se tendo passado com ele:

“Os habitantes de uma picada longínqua, os piores elementos de minha zona colonial, praticavam, o ano inteiro, tais desregramentos, que eu quase todas as semanas tinha de ir lá, apaziguar as brigas ou restabelecer a ordem, à força. Todos os meus esforços, porém, para normalizar essa situação, foram inúteis; riam das minhas advertências, e eu próprio, aliás, percebia bem minha impotência; até mesmo minha segurança estava ameaçada, se não me dessem uma força policial eficiente. Dirigi-me às altas autoridades da capital, dizendo até preferir não continuar no cargo sendo o escárnio dos meus subordinados. De fato, depois disso o presidente da província mandou-me cinco soldados, julgando-se com isso para sempre desobrigado. Apresentaram-se um dia em minha casa, e embora seu aspecto desde logo não me inspirasse confiança, porque, como todos os defensores brasileiros da pátria, os escuros marmanjos, como seu equipamento, não se recomendavam, não desconfiei a princípio do seu zelo pelo cumprimento do dever. Logo no dia seguinte iniciei com eles a campanha contra meus subordinados insubmissos. Para me pôr na pista dos ladrões aquartelei minha pequena tropa na picada em questão. O resultado, porém, de minhas operações foi tudo menos o que seria de esperar. Os cinco soldados revelaram-se maiores malandros que os meus colonos, roubando, às ocultas e abertamente, como verdadeiros bandidos. Fi-los comparecer à minha presença, exprobei-lhes os seus malfeitos e não tive outro recurso senão prender todos cinco. Serviu de prisão o galinheiro perto de minha casa, cuja se-

gurança era tão pouca que já no dia seguinte encontrei a gaiola vazia. Toda a força de polícia desaparecera. Mas não tive nenhum desejo de fazê-la voltar. Preferi deixar as coisas entregues a si próprias, e aos delegados, morando longe, o cuidado de fazer respeitar a lei, na zona de minhas colônias.”

Terminando a exposição de minhas experiências e impressões durante a permanência de muitos anos no Brasil, espero não só ter aproximado o mais possível os leitores de um conhecimento mais exato desse interessante país, como também ter fundamentado bastante minha opinião sobre a terra e o povo.

O que tenho particularmente a acrescentar sobre a colonização, por meus compatriotas alemães, aos quais não se pode recusar uma justa simpatia, é o desejo de que possam gozar mais do que até aqui a atenção e os favores de seus governos pátrios, nos quais um preconceito alimentado artificialmente se apresentou, prejudicando os interesses dos distantes filhos de minha pátria e entrvando as próprias vantagens, por meio de leis e advertências contra toda emigração para o Brasil. A crescente prosperidade das colônias do Rio Grande do Sul, como também da conhecida colônia Blumenau, na Província de Santa Catarina, destrói brilhantemente todas as afirmações hostis em contrário. À Alemanha superpovoada, este sangradouro de excesso de forças podia servir para seu próprio reforço, porque as simpatias dos seus súditos, do outro lado do oceano, poderiam com algum cuidado ser mantidas, abrindo um escoadouro para o comércio e indústrias pátrias.

Aliás, devo frisar que, quanto a condições climáticas, só as Províncias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina devem ser visadas para a colonização alemã, e podem ser recomendadas, em boa consciência, aos meus compatriotas.

Às classes cultas não se deve aconselhar a emigração e uma demorada permanência no Brasil, porque, por muito interessante que o país seja para o naturalista e o viajante, não lhe oferece vantagens, com exceção dos médicos e comerciantes a quem já esperam colocações certas; e mesmo estes voltam, em geral, à pátria, com os bens materiais que acumularam, porque, com a continuação, quase não lhes é possível uma compensação para os gozos ideais da vida, que faltam no Brasil.

.....

## Índice Onomástico

### A

Afonso (príncipe, filho de D. Pedro II) – 260  
Agassiz – 88  
Albuquerque, Matias de – 230, 231  
Alexandre (filho de Manuel Guimarães da Costa) – 357, 358, 359, 363, 364  
Althenhofer – 417  
Anchieta (padre) – 224  
Andradas (irmãos) – 252, 256, 257  
Arcos (conde dos) – 247  
Artisiosky (general) – 251  
Augusto (príncipe, neto de D. Pedro II) – 261  
Azara – 37  
Azevedo, Antônio de Sousa e – 37

### B

Bagnuolo (conde de) – 230, 232  
Barbacena (marquês de) – Ver Brant Pontes  
Bastos (oficial) – 255  
Baum (irmãos pioneiros no Sul) – 410  
Beethoven – 307  
Behaim, Martin – 27  
Bolés, Jean – 226  
Bonipland – 124  
Bourbons (os) – 32  
Bragança (duque de) – Ver D. João IV  
Brant Pontes – 253  
Buff, Henrique – 40

### C

Cabral, Pedro Álvares – 27, 219, 220, 221  
Calabar – 231

Câmara (general) – 259  
Caravelas (marquês de) – 255  
Carretti – 243  
Carvalho, José de Costa – 256  
Castelnau – 88  
Castro, Fernando José de Portugal – 242  
Castro, Francisco de – 238  
Cavalcanti, Cristóvão – 233  
Cincinnati – 420  
Cochrane (lorde) – 251, 252  
Coligny (almirante) – 224  
Cook – 120  
Correia, Diogo Álvares – 223, 228  
Correia, F. – 97  
Costa, Duarte da – 224  
Costa, Manuel Guimarães da – 357, 358, 360, 363, 366  
Cristóvão Jacques – 220  
Cunha, Tristão da – 30

### D

D. G., von (tenente) – 199, 200, 201, 202, 203  
d'Eu (conde) – Ver Orleans, Luís Filipe Maria Fernando Gastão de  
Dâmazo (padre) – 99  
Dantas (capitão) – 416  
Duclerc – 237  
Duguay – Trovin – 238  
Duprat – 246

### E

Eichmann, von (embaixador) – 407  
Eschneve, von – 151, 343, 345, 351, 352

**F**

Fagundes Pampulha – 332  
Feijó, Diogo Antônio – 253, 256  
Felipe II (rei) – 227, 228  
Fernando (rei) – 27  
Ferreira(hoteleiro) – 374, 375  
FerreiraLaje – 339  
Fletscher – 304  
Forster – 120  
Francisco I (rei) – 260, 326

**G**

García, Diego – 220  
Genuíno (coronel) – 416  
Geraldo(criado) – 361, 362  
Gerolstein (grã-duquesa de) – 307  
Gonzaga, Tomás Antônio – 352, 353  
Grans, Louis de – 226

**H**

Habsburg – Lothring (família) – 322  
Heine – 418  
Henrique II (rei) – 224  
Hensel, R. – 425  
Hoogstraate (comandante) – 233  
Hörmeyer (capitão) – 233  
Hübner (Dr.) – 28, 97, 294  
Humboldt, A. von – 28, 32, 92, 95, 119, 124

**I**

Isabel (filha de Manuel Guimarães da Costa) – 357, 358, 360, 363  
Isabel (princesa) – 260, 326

**J**

Jacó (criado do Autor) – 57  
Jacobina (mulher de George Maurer) – 412, 414  
Jahm (capitão) – 425

Jefferson (“Dr.”, dentista americano, charlatão) – 349  
Jerônimo (padre) – 372, 374, 380  
João (criado do Autor) – 64, 328, 329, 331, 332, 336, 337, 346, 348  
João III, D. – 28, 221, 223  
João IV, D. – 232, 234  
João VI, D. – 241, 242, 243, 244, 246, 247, 252, 325  
José (criado do Autor) – 355, 356, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 372

**K**

K. (*Herr*) – 139, 140, 141, 142  
Keller – 37  
Klein (seminarista) – 414  
Köeler (major) – 321  
Kupfer (Dr.) – 376, 377

**L**

Leallemand – 425  
Lead (Mr.) – 362  
Lead (Miss) – 362  
Leopoldina (princesa, filha de D.Pedro II) – 260, 261  
Leuchtenberg, Aurélia de (princesa) – 254  
Lima (irmãos) – 254, 256  
Lima, Francisco(general) – 255, 256  
Lima, Pedro de Araújo – 256, 257  
Linch, Elisa – 258, 259  
Link (vendeiro) – 419, 421  
López, Francisco Solano – 125, 200, 257, 258, 259  
Lucas (fazendeiro) – 334  
Luís (príncipe, neto de D.Pedro II) – 261  
Luís XVI – 238

**M**

M. (cônsul) – 295  
M. (capitão) – 204, 205  
Mabilde – 437



Madeira (comandante) – 249  
Magalhães, Fernão de – 220  
Maier (*Herr*) – 327, 328, 329, 337, 339,  
340, 343, 346, 348, 349, 350, 352  
Mangels, H. – 258  
Manuel, José (fazendeiro) – 334  
Marcoy, Paulo – 113, 114  
Maria I (rainha) – 241  
Maria da Glória – 252, 253  
Maria, Tereza Cristina – 260, 326  
Marília de Dirceu – 352  
Mar tins, von – 47, 92, 99, 267, 355  
Mascarenhas, Franciscode – 232  
Mauá (barão de) – 335  
Maurer (família) – 414  
Maurer, George – 413, 414  
Maximiliano (grão-duque) – 279  
Maximiliano (rei) – 47, 81, 96, 267  
Meneses, Francisco Barreto de – 234, 235  
Menz, Peter – 57  
Meuron – 161  
Meyber – 307  
Miguel – 307  
Muehling (*Herr*) – 277  
Muniz, João Bráulio – 256

## **N**

Nassau, Maurício de – 231, 232, 271  
Nóbrega (padre) – 227  
Nova Friburgo (barão de) – 306

## **O**

Offenbach – 307  
Olinda (marquês de) – ver Lima, Pedro  
de Araújo  
Oquendo, Fradique de Toledo – 229, 230  
Ovellana – 35, 54  
Orleans – Luís Filipe Maria Fernando  
Gastão de – 260, 326

Ortiz (prima de Manuel Guimarães da  
Costa) – 361, 362  
Osório (general) – 200

## **P**

Pedro (príncipe, filho de D. Pedro II) –  
260  
Pedro (príncipe, neto de D. Pedro II) –  
261  
Pedro I, D. – 241, 243, 244, 247, 248, 249,  
250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 260  
Pedro do Grão-Pará (príncipe, filho da  
princesa Isabel) – 260  
Pohl (Dr.) – 92, 141, 142  
Pombal (Marquês de) – 239, 241  
Porfírio – 140

## **R**

R., von (irmãos) – 203  
Roccia, Valentim – 233  
Rodriguez, Domingos – 228  
Rohan (major) – 112

## **S**

Sá, Mem de – 227  
Saint-Hilaire, A. de – 159  
Saxe, Lud. Aug. Maria Eudes de Coburgo  
e – 261  
Schiler – 357  
Schlossbach – 236  
Schulze, Valdemar – 425  
Schwerin – 437  
Sebastião, D. – 227  
Sigismundo (general) – 234  
Silva, José Bonifácio de Andrada e – 249,  
251, 255  
Silva, Leonardo Inácio Azevedo Mota e –  
338  
Silveira da Mota (senador) – 318  
Silvestre Pinheiro – 245

Solís – 220  
Sore, Jacques – 226  
Sousa, Martins Afonso de – 221  
Sousa, Pero Lopes de – 221  
Sousa, Tomé de – 223  
Spix – 81  
Standhouder – 231  
Suckon, von – 312

**T**

Teixeira, Marcos (bispo) – 229, 232  
Thorton (ministro) – 245  
Torre (conde da) – ver Mascarenhas,  
Francisco de  
Twein – 437  
Tschudi, von – 154, 267, 301, 312, 313,  
322, 324, 329, 346, 347, 350, 355, 386,  
407, 425

**V**

Vaudort (general) – 229  
Verdi – 307  
Vergueiro (senador) – 197, 376  
Vespúcio, Américo – 28  
Vieira, João Fernandes – 230, 233, 234  
Villegagnon – 224

**W**

W. (conde) – 202, 203  
Warren (almirante) – 324

**X**

X. (*Herr*) – 311

**Z**

Zumbi – 235

*Brasil: Terra e Gente (1871)*, de Oscar Canstatt, foi composto em garamond, corpo 12, e impresso em papel Vergê Areia 85g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em maio de 2002, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.